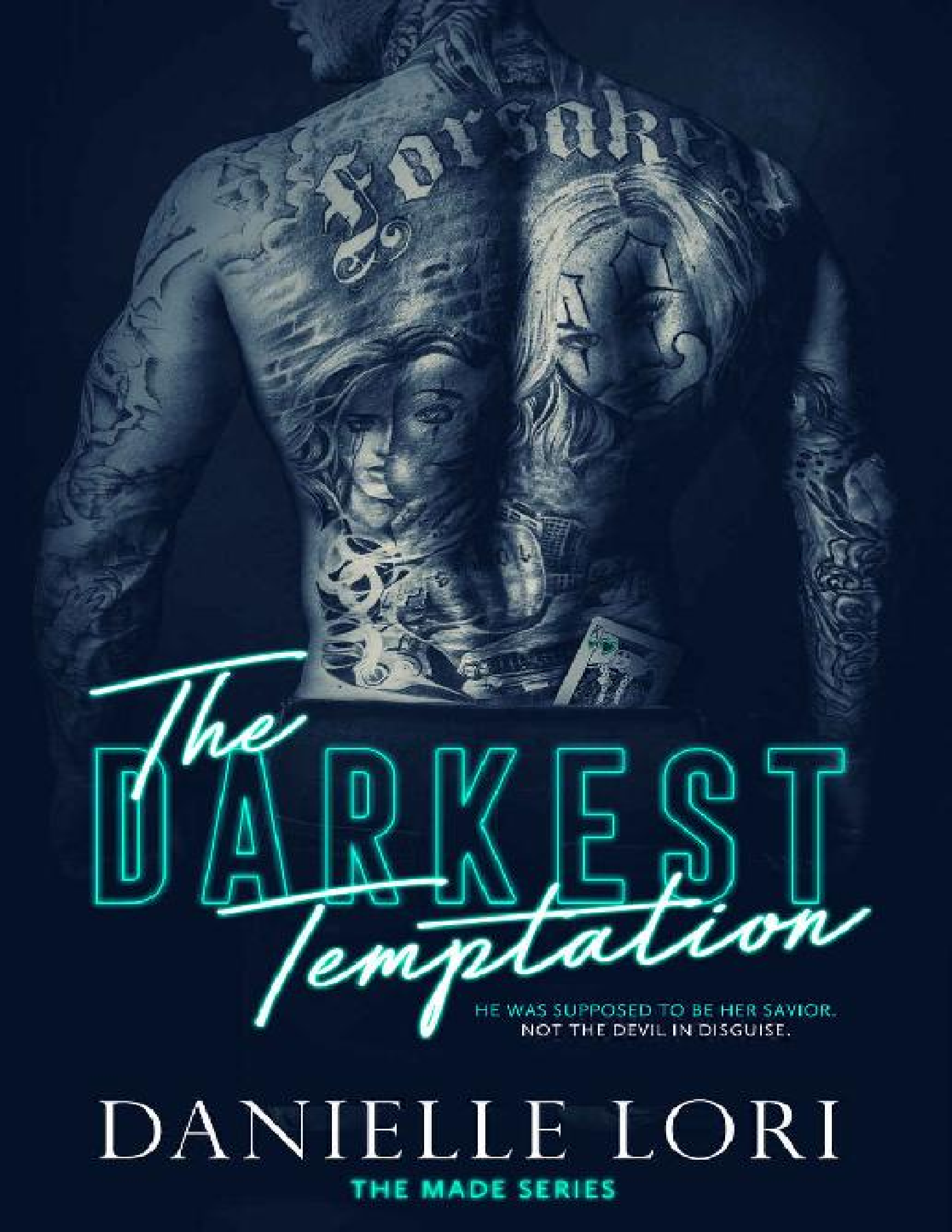


The DARKEST Temptation

HE WAS SUPPOSED TO BE HER SAVIOR.
NOT THE DEVIL IN DISGUISE.

DANIELLE LORI

THE MADE SERIES


WL

Série

THE MADE

Lançamento



LIVRO TRÊS


Série
THE MADE
Ordem De Leitura
LIVRO UM
LIVRO DOIS
LIVRO TRÊS
The SWEETEST Oblivion
DANIELLE LORI
THE MADE SERIES
The MADDEST Obsession
DANIELLE LORI
THE MADE SERIES
The DARKEST Temptation
DANIELLE LORI
THE MADE SERIES
danielle lori
AUTHOR

PLAYLIST

Cry Like Me - Frances

Creep - Radiohead

Slow Dance - AJ Mitchell

Trampoline - SHAED

Liar - Camila Cabello

Cold Little Heart - Michael Kiwanuka

I See Red - Everybody Loves an Outlaw

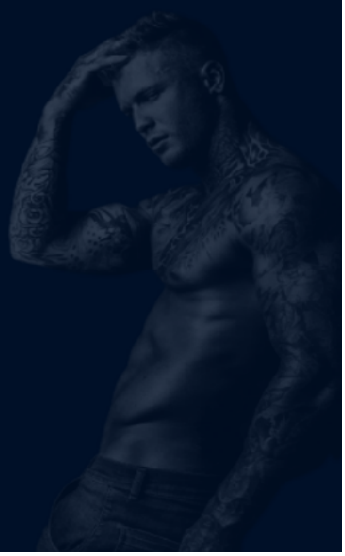
Señorita - Shawn Mendes and Camila Cabello

Girl - Maren Morris

Someone You Loved - Lewis Capaldi

La La Land - Bryce Vine

Dance Monkey - Tones and I



THE MADE #3

The DARKEST Temptation

DANIELLE LORI

SINOPSE

Uma cartomante disse certa vez à Mila que ela encontraria um homem que lhe tiraria o fôlego. Ela se absteve de dizer a ela que seria literalmente enquanto Mila lutava por sua vida.

Tendo sempre feito o que se espera dela, Mila veste o personagem, apenas namora universitários com formação exemplar, e não faz perguntas. Não sobre as ausências de seu pai ou sua recusa em deixá-la colocar os pés em sua terra natal, a Rússia.

Sufocada pelas regras e pelas perguntas não respondidas, Mila faz o que sempre desejou. Ela embarca em um avião para Moscou.

Jamais esperou apaixonar-se por um homem no percurso. Um com riqueza inexplicável, tatuagens nas mãos e segredos nos olhos. Mas não leva muito tempo para que sua carícia se torne um áspero engano para abafar seus gritos.

A vingança é um prato melhor servido frio. Infelizmente, o inverno russo é o mais frio de todos, e Mila logo aprende que a única maneira de escapar intacta é fazer o impossível e descongelar o coração de seu captor.

DEDICATÓRIA

Para minha mãe:

a mulher mais forte que eu conheço



PARTE I

“O DIABO É E SEMPRE FOI UM CAVALHEIRO”.

—Diane LaVey

CAPÍTULO UM

Mila

fernweh

(N.) uma dor para um lugar distante

RESPIRAÇÃO IRREGULAR DA CORRIDA, larguei meus saltos na grama e percorro descalça em todo o nosso gramado bem cuidado, não parando até que eu suba no barranco rochoso e sinta as ondas frias que lambem meus dedos dos pés e a barra do meu vestido de noite. Eu ofeguei enquanto o suor brilhava em minha pele sob a lua pesada. Uma brisa suave despenteava meu cabelo comprido, balançando as palmeiras e minhas mangas rendadas, mas o paraíso me prendia com tanta força quanto o cinto Dior em volta da minha cintura.

A corrida de oito quilômetros não foi suficiente para abalar a sensação de combustível que se expandiu por dentro – embora, como sempre, o mar me impedisse.

Eu coçava para arrancar as pérolas do meu pescoço, para rasgar meu vestido em pedaços como as meias-irmãs da Cinderela fizeram, mas fazer isso demoliria uma fachada que eu mantive por tanto tempo que não tinha certeza do que havia por baixo. Então, em vez disso, cravei minhas unhas francesinhas em minhas palmas.

Tinha que haver mais do que isso, mais do que um mundo atrás dos portões dos Moorings, mas o desejo por mais do que uma vida de opulência inflou um grão de culpa em meu estômago. Olhando para a baía de Biscayne, o caminho largo e brilhante que levava ao oceano sem fim, eu me senti tão à deriva e estagnada quanto a boia que balançava na água. A única diferença era que eu estava flutuando em um mar mundano de expectativas.

Fechei os olhos e recitei mentalmente, *Je vais bien. Tu vas bien. Nous allons bien. Eu estou bem. Você está bem. Estamos bem.*

Eu consegui apenas alguns segundos sozinha antes da presença familiar de Ivan acariciar minhas costas. Ele se moveu para ficar ao meu lado, seu paletó tocando meu braço nu.

— Você não pode fugir assim, Mila. — O sotaque russo e o esforço tornaram sua voz áspera.

A menor quantidade de humor surgiu com a visão de Ivan me perseguindo pelas ruas de Miami em um terno e uma disposição mal-humorada, mas a diversão esmaeceu com a próxima onda que caiu nas rochas.

— Se você continuar me seguindo como um perseguidor, vou acabar pegando sentimentos — eu disse secamente.

Ele me deu uma olhada. — Você sabe que é meu trabalho.

Ivan tinha voltado para casa com meu pai depois de uma de suas viagens de negócios à Moscou anos atrás. Tendo apenas treze anos na época, e ele oito anos mais velho, eu pensei que ele era o garoto mais bonito que eu já tinha visto. Eu me apaixonei por seu sotaque e conhecimento limitado de inglês, e não poderia ter me envergonhado mais em segui-lo em nossa espaçosa casa colonial espanhola.

Agora, ele me seguiu.

Uma das mãos estava no bolso da calça e a outra estendeu uma pequena caixa de veludo vermelho. — Do seu papa.[1]

Eu encarei a caixa por um longo segundo antes de pegá-la dele e abri-la. Brincos azuis em forma de coração. Papa sempre disse que eu tivesse o peito aberto. As pedras eram falsas. Ele sabia que eu nunca usava a roupa real, não depois de assistir a *Blood Diamond* quando era pré-adolescente.

Esta não foi a primeira vez que ele teve um presente entregue depois de perder algo importante para mim. A diferença era que, desta vez, eu não conseguia mais afastar esse sentimento, essa *suspeita* nascente.

— Espero que você não tenha torcido nada — falei.

Ivan me lançou um olhar questionador.

— É um trabalho árduo vasculhar a gaveta reserva de presentes do papa.

Com um suspiro, ele passou a mão pelo cabelo loiro. — Ele se preocupa, Mila.

— Ele, com certeza, teve uma maneira interessante de mostrar isso ultimamente.

— Ele está muito ocupado, — comentou Ivan. — Você sabe disso.

Eu fiz um ruído evasivo. Meu papa deve estar mais ocupado do que o presidente para explicar por que ele não mostrou a cara nos últimos três meses. Ele perdeu os últimos dois feriados e agora, meu vigésimo aniversário.

Comemoramos meu aniversário na mesma mesa, no mesmo restaurante cinco estrelas, todos os anos. Papa pedia um bife. Eu sorria para Enrique, o proprietário e chef que tomava nossos pedidos pessoalmente desde que eu era criança, e mudava para algo saudável para o coração. Papa deveria estar cuidando de seu colesterol. Eu me preocuparia, ele argumentaria. Mas ele acabaria cedendo.

Hoje à noite, fiquei sentada lá por duas horas com Ivan e meu reflexo imaculado no prato de porcelana. Isto é, até uma festa de aniversário na mesa ao lado explodir em toda parte, quebrando minha decisão em confetes de ouro. Ivan estava conversando com uma garçonete no bar quando escapei do restaurante e corri os oito quilômetros para casa.

— Ele nunca se foi por tanto tempo, Ivan... — Minha voz sumiu antes de eu dizer — Algo não está certo.

Como sempre, as mesmas palavras ambíguas começaram a sair de seus lábios – *muito ocupado*, *negócio importante*, *blá, blá, blá.* Eu me desliguei dele para assistir uma única gaivota voar acima da água. Eu invejei suas asas, sua coragem de pular de um ninho sem saber ainda que poderia voar. Aqui estava eu, aterrada atrás dos portões dourados de Dior e com o desejo da aprovação de papa.

Eu não percebi que tinha me virado para ir embora até que Ivan agarrou meu braço.

— Onde você vai?

— Casa — estava em meus lábios, mas algo totalmente diferente, algo que chocou até a mim, saiu. — Moscou.

Será que o frio e sereno Ivan Volkov realmente empalideceu com aquela única palavra, ou foi minha imaginação hiperativa? Ele soltou meu braço, sua intensidade silenciosa me congelando na pedra molhada.

— Moscou — ele repetiu lentamente, como se tivesse me ouvido errado.

Eu levantei uma sobrancelha. — A capital da Rússia? O lugar onde nasci? O...

— *Zamolchi*. — *Fique quieta*. — Por que você quer ir para Moscou?

— Papa praticamente mora lá hoje em dia. Você sabe que ele não está cuidando do colesterol. E se ele estiver doente e não quiser que eu saiba?

— Eu prometo a você, ele não está doente.

Com a sinceridade em seus olhos, eu acreditei nele. O conhecimento liberou um pequeno peso de meus ombros, mas também adicionou outro.

— E se ele estiver com algum tipo de problema? — Eu conheci vários parceiros de negócios do papa, e não havia nenhum com quem eu me sentisse confortável sozinha.

— E quando você estiver lá, o *que* será capaz de fazer se ele estiver?

— Contatar a polícia.

Ivan não parecia convencido. Na verdade, depois de alguns segundos olhando para mim, ele lançou um olhar desinteressado para a baía e soltou um suspiro. Tinha uma nota tensa, como se a ideia de eu ir à polícia russa o tivesse igualmente divertido e perturbado.

Seus olhos voltaram para os meus, aparentemente alheios à maré que encharcava seus mocassins italianos. — Você não sabe como as coisas funcionam lá.

Meus dedos se apertaram ao redor da caixa de joias. Isso só era verdade porque eu não tinha mais do que um centímetro de liberdade, mas mantive a réplica dentro de mim.

— Se você não tomar cuidado, Ivan, você certamente explodirá com toda a confiança que tem em mim.

Sua expressão seca mostrou que ele não estava perto de explodir de forma alguma. — É janeiro.

— Então?

— Quando estivemos em Aspen no ano passado, você reclamou do frio. Fazia quatro graus.

— Só um esquimó pensaria que quatro graus não é frio — retruquei com convicção. — Apesar de tudo, eu não sou tão delicada. Eu aguento um pouco de frio. — Foi a pior época do mundo para uma forte brisa aparecer e soprar uma frente fria do Atlântico. Lutei contra um arrepio – embora, é claro, Ivan tenha notado.

Ele tirou o paletó, colocou-o nos meus ombros e colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da minha orelha. — A partir de hoje, você tem vinte anos. Você não precisa mais do seu papa para segurar sua mão.

Seu comentário doeu, mas não acreditei que estava pedindo muito. Eu só não queria sentar na frente de uma árvore de Natal apenas com ele e nossa cozinheira Borya, que foram pagos para estar lá. Não queria me sentir a

bailarina da caixinha de música da minha cômoda, girando em uma pirueta exaustiva e eterna apenas para agradar a quem me abandonara.

Uma parte não era nem sobre tudo isso.

— E quanto ao seu encontro amanhã?

— Eu não quero ir — eu disse, puxando meus olhos dos dele para a baía.

— Por que não?

Procurei uma resposta razoável, mas permaneci em silêncio. Ivan pensaria que eu estava louca se contasse a verdade.

— Seu pai gosta de Carter.

— Talvez ele devesse sair com ele então.

— Mila — ele repreendeu.

Por anos, papa insinuou que eu seria feliz se Carter se tornasse seu genro. Eu tinha certeza de que era apenas porque seu pai era um amigo de negócios e um advogado famoso por sua fortuna. Como sempre, eu cedi à insistência de papa, e Carter e eu compartilhamos um namoro tradicional há seis meses.

— Ele vai fazer o pedido de casamento amanhã, não é? — Eu perguntei sem emoção.

Deveria ser ridículo perguntar, considerando que não éramos nem monogâmicos. Tudo o que alguém tinha que fazer era ligar o *TMZ* para descobrir com quem o playboy Carter Kingston de 25 anos estava dormindo. Mas ele estava me levando ao The Grande, um restaurante conhecido pelos

pedidos de casamento. Eu só podia imaginar que seu pai o havia empurrado para a ideia arcaica, assim como o meu.

Ivan não disse nada, mas seus olhos me disseram tudo que eu precisava saber.

Eu balancei a cabeça, embora por dentro, o pensamento de dizer sim, de saber que eu forçaria aquela palavra pelos meus lábios, prendeu-me em uma caixa de vidro que lentamente esgotava o oxigênio, e eu estava batendo nas paredes, engasgando, tossindo, *implorando* por ar.

Eu forcei o sentimento para baixo. — Carter ainda estará aqui quando eu voltar.

Ivan ficou quieto por um momento antes de jogar sua melhor carta. — Você sabe que seu pai não aprovaria isso.

Eu mordi meu lábio. No passado, sempre que eu pedia para acompanhá-lo em uma das viagens de negócios de papa, ele recusava. Mas, mesmo quando criança, percebia algo em seus olhos, uma faísca que não poderia dizer não com mais volume do que se ele tivesse gritado a palavra. Eu nunca, jamais tive permissão de colocar os pés na Rússia, isso estava claro.

— Eu sei, mas ele não está aqui agora, está?

— Você não vai.

Eu o encarei.

Ivan pode reclamar às vezes, mas ele nunca me disse o que eu poderia ou não fazer. Era sempre “Sim, Mila”. “Claro, Mila”. “Como quiser, Mila”. Brincadeira. Aquele era um Westley apaixonado, empunhando uma espada em meus sonhos. Meu ponto é que ele nunca disse “Não, Mila”. Aposto que

se eu quisesse roubar um banco, ele seria o meu segundo cara, sem perguntas. Naturalmente, ele tagarelaria sobre mim com meu papa depois, mas ele ainda usaria uma máscara de esqui comigo.

A suspeita que eu trabalhei tanto para manter estourou como um balão, agarrou meu coração e se retorceu. O que meu pai estava escondendo na Rússia?

Outra *família?*

A única razão concebível para ele esconder algo assim de mim era que ele não me queria em suas vidas. E, eventualmente, na *dele* também.

Je ne pleurerai pas. Tu ne pleureras pas. Nous ne pleurerons pas. Eu não vou chorar. Você não vai chorar. Não vamos chorar.

As conjugações me falharam, e uma única lágrima irritante correu pela minha bochecha. Ivan inclinou meu queixo para cima e a enxugou, o toque suave de seu polegar envolvendo-me em calor e contentamento. Outra coisa preencheu o espaço entre nós. Um puxão. Uma atração. Um pouco de eletricidade. Alguns dias, quando me sentia particularmente sufocada, faiscava mais do que outros.

Nenhum de nós jamais agiu sobre isso.

Minha desculpa foi a cartomante que procurei quando tinha quatorze anos. Naquela época muito gótica, eu perguntei a ela qual era o meu propósito na vida. Ela franziu a testa, sentando atrás de sua bola de cristal, e então disse que eu encontraria o homem destinado a mim e que ele me tiraria o fôlego. Foi uma resposta genérica que ela provavelmente disse a todos, mas grudou em mim como cola.

Eu respirei bem perto de Ivan.

E Carter, apesar de experimentar com ele por puro tédio. Sem mencionar que ele era incrivelmente persuasivo.

Meu tempo estava se esgotando como os últimos grãos de areia transbordando de uma ampulheta. Ainda assim, esperei. Por *mais*. Por alguma ideia boba que Madame Richie colocou na minha cabeça.

Essa foi minha desculpa.

Agora, eu estava curiosa para conhecer o Ivan.

Inclinei-me para o polegar correndo pela minha bochecha e pisquei os olhos suaves para ele. — Como é que você nunca me beijou?

— Porque eu quero viver mais — ele brincou.

Um canto dos meus lábios se ergueu. Eu nunca tinha ouvido meu pai levantar a voz antes, e certamente não para Ivan, que era praticamente um filho para ele.

— Mas realmente?

Ele me lançou um olhar pesado e baixou a mão. — Chega de falar sobre Moscou, certo?

Soltando um suspiro, eu balancei a cabeça.

Observei-o subir o gramado até a casa, o balanço e a extensão do Atlântico se acomodando em meus ossos com uma sensação de saudade e isolamento do resto do mundo.

Meu telefone vibrou dentro do bolso do vestido e fiquei tentada a ignorá-lo, mas acabei pegando-o de qualquer maneira.

Papa: *Feliz aniversário, anjo. Desculpe, eu perdi. Negócios, como sempre. Vamos comemorar quando eu chegar em casa.*

Outra mensagem chegou.

Papa: *Divirta-se amanhã. Carter é bom para você.*

Coloquei meu telefone de volta no bolso e substituí meus brincos por diamantes azuis sintéticos. Eu os imaginei brilhando como o Coração do Oceano enquanto o mar me arrastava para baixo, para sempre me suspendendo em respirações ofegantes, colares de pérolas e os sons solitários do oceano.

Foi isso que me convenceu.

Amanhã, eu estaria na *Rússia*.

CAPÍTULO DOIS

Mila

resfeber

(N.) a corrida inquieta do coração de um

viajante antes que uma jornada comece

Entrei EM UMA PILHA de roupas, meio boêmia, meio sofisticada, socialite. A primeira, eu me senti obrigada a comprar, mas nunca usei. Papa parecia desaprovando discretamente qualquer coisa amarela e inconformista, e eu levava os sinais de paz a sério.

Até agora, aparentemente, enquanto colocava cores mais brilhantes do que o sol em uma velha mochila de líder de torcida.

Eu ainda não estava em casa livre de The Moorings, então vesti uma blusa larga, calça cigarrete xadrez e botas brancas. Eu peguei meu reflexo no espelho: uma versão mais alta e menos rosa de Elle Woods em *Legalmente Loira* olhando de volta.

No caminho para a porta, parei para abrir meu colar de pérolas e coloquei-o na caixa de joias. Então, eu acabei com a bailarina, colocando-a em uma pirueta solitária, antes de descer as escadas na ponta dos pés às três da manhã.

Passando pela porta do quarto de Ivan, eu parei quando um gemido muito feminino soou do outro lado. Ivan não era um Don Juan, mas também não era

celibatário. Às vezes, durante as ausências do meu papa, eu descia para tomar café e encontrava uma mulher seminua em nossa cozinha. Isso nunca realmente me incomodou – minha paixão de infância havia desaparecido há muito tempo – mas agora, uma onda de rejeição começou em meu peito.

Ele nem me beijou antes porque a *morte estava em jogo,* e agora ele estava falando russo sujo para alguém aleatório? Embora eu achasse mais irritante do que qualquer coisa. Ele estava tão convencido de que eu era um capacho que nem se preocupou em levantar a guarda depois de nossa conversa.

Meus nervos devastaram quando desativei o alarme doméstico, esperando que Borya ouvisse o *bipe* silencioso e saísse armada com uma espátula. Eu inalei um suspiro de alívio quando ninguém apareceu, mas este foi apenas o primeiro passo para sair daqui sozinha.

Fechei a porta da frente silenciosamente, pressionei minhas costas contra ela e encarei o sensor de movimento no teto da varanda. Se ativado, luzes ofuscantes acenderiam como um coro de anjos, e um alarme estridente soaria. O homem da UPS[2] nos odiava.

Prendendo a respiração e minha mochila contra o peito, pisei diretamente abaixo do sensor, na esperança de pousar em seu ponto cego. Comecei a suar frio quando o quintal permaneceu escuro e silencioso.

Abaixando meu estômago, eu desajeitadamente rastejei como soldado até os arbustos com minha bolsa, lembrando o caminho que eu aprendi a tomar quando era uma criança rebelde interpretando James Bond. Embora, naquela época, o sensor fosse um laser que cortaria meu braço se ativado. Agora, era a desaprovação do meu papa olhando um buraco nas minhas costas, o que parecia ainda pior.

Quando saí do outro lado dos arbustos, levantei-me, limpei minhas calças e corri pela rua sinuosa. Eu duvidava que minhas artimanhas femininas me fizessem passar pelo portão do nosso bairro privado sem Carl, o desprezível guarda noturno de sexta-feira, alertando meu pai ou Ivan, então dei uma volta pelo quintal, joguei minha bolsa por cima da cerca de ferro e a escalei.

Puxando meu telefone da minha bolsa, eu pedi uma carona Lyft. Foi a espera de três minutos mais longa da minha vida. Meus batimentos cardíacos colidiram em antecipação a Ivan correndo atrás de mim com as calças abertas ou a um telefonema muito desaprovador do meu papa. Mas nenhuma dessas coisas aconteceu. Não antes de minha carona me buscar, e não depois que ele me deixou no aeroporto.

A incerteza torceu meus nervos em nós enquanto eu observava a agitação das pessoas e a animação no ar. Todos pareciam saber para onde estavam indo, os olhos brilhantes de sonhos de férias e independência. Eu estava fora do meu elemento. Eu nunca tive que carregar minha própria mala antes, muito menos viajar sozinha, mas a determinação me empurrou para o balcão de passagens.

Felizmente, devido a um cancelamento de última hora e minha conta bancária recheada – contribuída por uma mesada substancial a cada mês porque meu papa *confiava em* mim – consegui o último assento no avião, esmagada entre dois meninos jogando insultos russos e amendoins um no outro. Eu não sabia onde sua mãe estava, mas tive a sensação de que ela era a mulher do outro lado do corredor fingindo que eles não existiam.

As luzes noturnas de Miami desapareceram de vista, o brilho laranja desbotando na água escura e turbulenta. Assisti inconscientemente a alguns

filmes recomendados considerando meu público, embora as coisas explodissem como se explosivos estivessem saindo de moda em suas telas.

Doze horas depois, pousamos em Moscou.

Saindo do avião e caindo na ponte do jato gelada, estremeci. Inalando. Exalando. Eu podia ver minha respiração. Eu nunca tinha sentido tanto frio na minha vida. Ele agarrou meus pulmões, roubando o calor do meu corpo com dedos gelados. Eu queria conhecer meu local de nascimento, mas deveria ter entrado em nosso freezer.

Quando parei para vestir o casaco, alguém bateu nas minhas costas. Virei-me com um pedido de desculpas na língua, mas a velhinha que segurava um chihuahua em uma bolsa de mão chegou antes de mim.

— Desculpe, querida — disse ela com sotaque britânico. — Eu não vi você aí.

— Não me desculpe. Foi minha culpa.

Ela fechou o casaco de pele de zibelina e inclinou a cabeça. — Você parece muito familiar. Já nos encontramos antes?

— Hum, acho que não.

— Não... tenho certeza de que já te vi antes. — Ela tocou seu colar de ouro vistoso em pensamento. Então algo ocorreu a ela. Algo que a fez colocar a mão no peito e me olhar de cima a baixo como se eu fosse uma prostituta.

Isso estava ficando mais estranho a cada segundo, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, alguém rolou em uma cadeira de rodas e o cachorrinho em sua bolsa começou a latir. Enquanto ela tentava acalmar o pequeno Rupert, eu ofereci outra desculpa esquisita e saí rapidamente.

No meio-fio do aeroporto, desdobrei um pedaço de papel de caderno que encontrei escondido em uma das gavetas da mesa do meu pai. Sentindo-me como Nancy Drew, com a ajuda do Google Translate, descobri que o rabisco em russo era o endereço de uma casa, completo com um registro de contas que ele pagava lá havia anos. Eu esperava que isso não fosse um beco sem saída, porque eu não tinha para onde ir a partir daqui, e eu não estava pronta para rastejar de volta para Ivan tão cedo.

Entreguei o papel ao taxista, sem ter a menor ideia de como ler o alfabeto estrangeiro. O olhar escuro do taxista encontrou o meu no espelho retrovisor, mantendo contato visual apenas o tempo suficiente para enviar um sussurro de desconforto pelas minhas costas.

Ele me levou por uma movimentada área industrial até um bairro mais tranquilo com ruas de paralelepípedos e casas antigas e exclusivas, onde estacionou na frente de uma casa verde-limão com venezianas brancas.

— *Pyat'sot rubley.* — *Quinhentos rublos.*

Paguei ao homem com o dinheiro que troquei no aeroporto.

Saindo do carro, peguei minha mochila e apertei o cinto da minha jaqueta. Foi perfeito para uma viagem de despedida das líderes de torcida a Aspen no ano passado, mas não tão bom em bloquear o ar amargo da Rússia na minha pele.

O portão de ferro congelado rangeu quando o empurrei. Subi a calçada rachada, esquivando-me de pedaços de gelo e neve, e bati na porta.

Uma mulher mais velha com cabelos loiros grisalhos puxados em um coque de bailarina respondeu um momento depois. Ela estava enxugando as mãos no avental quando seus olhos encontraram os meus, e enquanto ela olhava, a

cor sumiu de suas bochechas rosadas. Abri minha boca para dizer algo, mas não consegui dizer uma única palavra antes que ela batesse a porta na minha cara.

Fechei minha boca e senti que ela estava parada do outro lado da porta com a orelha encostada na madeira, esperando que eu fosse embora.

Quando bati de novo, um baque soou, seguido por ela gritando em russo, as palavras abafadas demais para eu decifrar.

A porta se abriu mais uma vez, e desta vez, um cavalheiro magro em um casaco preto apareceu. Ele estava balançando a cabeça e resmungando para sua esposa, claramente acreditando que ela não estava boa da cabeça. Ela se escondeu atrás dele, o avental agarrado nas mãos.

Quando seu olhar me encontrou, ele congelou como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Eu forcei um sorriso. — *Zdravstvuyte* — *Olá.*

A mulher correu.

— Sou filha de Alexei Mikhailov... Mila — eu disse hesitante, esperando que ele falasse um pouco de inglês, porque eu era um fracasso total para minha herança.

Eu tinha desistido do desejo de estudar russo anos atrás, já que papa sempre dizia que era uma perda de tempo, então eu só aprendi o que sabia com Ivan e Borya. Isso incluía o básico, vegetais e palavrões.

Uma ponta de alívio cruzou a expressão do homem mais velho, e então ele soltou uma risada estranha. — É claro, é claro. Você nos deu um grande susto. — Ele recuou e gesticulou para que eu entrasse. — Entre.

Com minhas mãos congeladas nos bolsos, entrei na casa e me virei para observar o saguão. Eu acalmei quando o peguei enfiando a cabeça para fora da porta da frente e olhando para os dois lados antes de fechá-la. Eu estava prestes a ser a próxima estrela na versão russa de *Arquivos Forenses?*

— Isso não pode ser bom — ele murmurou, balançando a cabeça e mancando passando por mim. — Vera, *kofe*! Bebemos instantâneos nesta casa. Espero que você não se importe.

— Claro que não.

Eu odiava café, mas beberia cinco xícaras se isso me desse algumas respostas.

— Venha sentar-se, garota.

Eu coloquei minha bolsa no chão e me sentei em um sofá com estampa floral desbotada, enquanto ele se sentou na poltrona na minha frente. Uma chama crepitante na lareira enchia a sala com o calor muito necessário, e livros e bugigangas preenchiam todas as prateleiras disponíveis. O espaço estava desordenado, mas confortável de uma forma habitável.

Vera colocou duas xícaras de café na mesa de madeira entre nós, olhando-me com olhos grandes, antes de desaparecer da sala como se fossem cães do inferno em seus calcanhares.

Eu encarei seu retiro. — Existe uma razão para ela ter medo de mim?

Ele acenou com a mão. — Ela é supersticiosa.

— Eu não entendo.

— Você é a imagem cuspida de Tatianna. Não sabíamos que ela teve uma filha. Bem, nós sabíamos, mas pensamos que você faleceu logo após o nascimento. Problema com os pulmões, seu papa nos contou.

Sempre soube que minha mãe morrera jovem, mas só sabia o nome dela porque, na única vez em que papa ficou bêbado, ele me disse que eu parecia demais com sua Tatianna. Muitas vezes me perguntei se era por isso que, à medida que crescia, ele passava cada vez menos tempo comigo.

— Meus pulmões estão bem.

— Eu posso ver isso — disse o homem com uma risada e tomou um gole de café. — O que a traz à nossa região?

— Estou em uma missão... mais ou menos.

Ele cantarolou em desaprovação. — Você não ouviu a frase 'A curiosidade matou o gato?' Você é igual à sua mãe. É melhor deixar algumas coisas no escuro.

Nunca tinha ouvido falar tanto sobre minha mãe em toda a minha vida do que nos últimos minutos. Finalmente, estava obtendo algumas respostas. E, aparentemente, mais perguntas.

— Por que meu papa diria que eu morri?

Ele franziu a testa. — Não é óbvio?

Não, não era óbvio. Nada sobre isso era.

Eu abri minha boca para perguntar mais...

— Agora, chega sobre isso. Achei que seu papa pudesse ter enviado você, mas posso ver agora, ele não o fez. — Ele pousou a xícara de café. — Você deve ir. Não poderia ser pior momento para você vir aqui sozinha.

Por que todo mundo acha que eu preciso de uma babá? — Eu vou ficar bem. Eu sei como cuidar de mim.

— Ninguém sabe como se cuidar contra *D'yavol*.

O diabo?

— Melhor você ir, agora. — Ele estremeceu e esfregou o joelho. — Eu gosto muito de viver para abrigar você.

— Eu não posso ir ainda — eu insisti, ficando de pé. — Não sei por que você acha que estou aqui ilegalmente, mas prometo, tenho meus papéis. — Eu sabia que a Rússia era um pouco medieval. Mas, meu Deus, será que eles realmente executavam pessoas por uma ofensa tão pequena como abrigar uma garota inofensiva?

— Pah. Não estou falando sobre o governo, garota, mas sobre *D'yavol*.

Eu o encarei, percebendo que poderia estar falando com uma pessoa maluca.

— Eu sou agnóstica — eu disse estupidamente.

Ele balançou a cabeça e murmurou algo ininteligível.

Meu olhar encontrou Vera na porta me encarando como se eu fosse uma peça de mobília que acabou de se mover.

Ambos estavam loucos.

Ela largou o avental que estava torcendo nas mãos e desapareceu novamente. Para encontrar seu cutelo de carne mais afiado, provavelmente.

— Por que sua esposa está com medo de mim só porque eu me pareço com minha mãe?

Ele me olhou como se eu fosse a estranha. — Você não se parece apenas com sua mãe. — Movendo-se para a lareira, ele puxou um lençol branco que cobria um retrato acima dele. — Garota, você poderia *ser* ela.

A mulher da foto estava congelada no tempo, encostada em um piano de cauda. Ela deve ter sido pintada décadas atrás, mas ela poderia ser eu aqui hoje. O longo cabelo loiro, a forma amendoada de seus olhos, a forma alta e elegante e a pele de alabastro que nunca ficava bronzeada.

A semelhança era tão estranha que arrepios subiram em meus braços. Ela se parecia comigo, mas eu não sabia as coisas mais simples sobre ela. Fiquei olhando para o retrato até que a queimação em meu coração e o fundo dos meus olhos desapareceram.

— Ela era uma visão, vou te dizer isso. — Ele coçou o queixo. — Mas uma beleza assim é uma bênção e uma maldição... — Seus olhos pousaram nos meus, algo pesado e resignado os enchendo. — Sempre acaba nas mãos erradas.

Uma sensação de mau presságio percorreu minha espinha. Minha imaginação hiperativa lançou uma cena em minha cabeça: eu, chutando e gritando, enquanto o diabo me carregava para o inferno.

Eu engoli o nó na minha garganta.

Achei estranho que eles mantivessem o quadro de minha mãe na parede, mas o cobrissem com um lençol como o início de muitos filmes de casas mal-assombradas. Porém, talvez Vera simplesmente não gostasse de espanar.

— Quando ela morreu? — Eu perguntei.

— Não muito depois de você nascer, se bem me lembro. Ela adoeceu e não conseguiu melhorar. Esta era sua casa. Seu papa não pôde se separar, então Vera e eu cuidamos bem do lugar para ele.

— Meu pai não morava com ela?

Ele franziu os lábios, contrito. — Não, menina, seu papa era casado.

E aí estava. A família secreta.

Ou talvez *eu* fosse o segredo.

Foi por isso que ele disse às pessoas que eu morri? Para que ele pudesse viver sua vida confortável aqui, sem eu atrapalhar?

No final, eu sabia que não era verdade. Papa estava por aqui há mais feriados do que fora – pelo menos até o ano passado.

Mas saber que ele escondeu algo assim de mim, que eu poderia ter irmãos e outra família que nunca tive a chance de conhecer... A dor me atingiu no peito com tanta força que tive que me concentrar em outra coisa, ou não seria capaz de respirar. Forcei meu olhar de volta para o retrato, notando o vestido que devia ser do século XVIII.

— Por que ela está vestida assim?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você não sabe? Sua mãe era cantora de ópera. Muito... amada nisso. As pessoas vão se lembrar dela, e é por isso que você precisa ir para casa. — Ele agarrou minha bolsa e me conduziu até a porta.

— Eu nem bebi meu café — eu protestei.

— Você não quer o café, você quer segredos que eu não posso te contar. Vá para casa, onde quer que seja, e não volte mais.

— Você sabe onde posso encontrar meu papa?

— Provavelmente Sibéria — ele murmurou, abrindo a porta e deixando o ar frio entrar.

Sibéria?

— Por que ele estaria...?

— Não sei de seu paradeiro ou de seu número atualmente, ou já o teria alertado de sua presença. — Ele jogou minha bolsa na varanda.

— Tem certeza que não posso ficar aqui?

— Gosto da minha cabeça onde está agora, presa ao meu pescoço.

Eu pisquei. — Isso é um não?

Ele me empurrou para o frio.

— Espere — eu respirei, girando. — Você pode, pelo menos, me chamar um táxi?

Ele fez uma careta. — Eu poderia muito bem ligar para *D'yavol* para buscá-la.

Eu o encarei, pensando que provavelmente deveria me abster de beber a água aqui.

Ele balançou sua cabeça. — Vá para casa, Mila.

Mais uma vez, a porta se fechou na minha cara.

CAPÍTULO TRÊS

Mila

schlimazel

(N.) uma pessoa que sofre de azar

COM A FECHADURA TRAVADA NO lugar, eu me perguntei o que aconteceu com a boa e velha hospitalidade russa. Eles nem mesmo me ofereceram nada para comer. Praticamente uma *blasfêmia*, eu aprendi crescendo em uma família russa, especialmente com um casal que parecia muito em contato com seu lado religioso.

Com o peso do segredo do meu papa pesando no meu coração e o fato óbvio de que eu não era bem-vinda aqui, uma parte patética de mim queria ouvir e simplesmente ir para casa. Mas se eu voltasse agora...

Eu sonharia.

Eu imaginaria.

Eu continuaria existindo.

E eu queria *viver* para uma mudança. Só por alguns dias. Antes que The Moorings me sugasse de volta para seu buraco sem paixão. Antes de me casar com Carter Kingston, ter dois ou três filhos e me afogar em almoços sociais, cardigãs em tons pastéis e colares de pérolas.

O portão de ferro balançava para frente e para trás com a brisa gelada.

Squeeaak.

Clank.

Squeeaak.

Clank.

Coloquei minha mochila no ombro, coloquei minhas mãos dormentes nos bolsos e comecei a andar na esperança de encontrar algum meio de transporte. Estava tão frio que eu entraria em um táxi mesmo que o próprio diabo o estivesse dirigindo.

O jet lag e a falta de sono puxaram meus músculos. Eu não tinha dormido mais do que um minuto no avião, principalmente porque os dois terrores sentados ao meu lado eram versões infantis do Coelhinho Energizer.

Pegando meu celular do bolso, eu o liguei pela primeira vez desde que desembarquei em Moscou e encontrei treze chamadas perdidas e cinco mensagens de voz de Ivan.

Alguém estava sendo um pouco dramático.

Eu li as mensagens que recebi de alguns amigos e algumas de Carter confirmando nosso encontro às oito, reconfirmando e, depois que perdi completamente, esperando que tudo estivesse bem.

Eu o levantei.

Eu deveria me sentir culpada, mas meu peito estava leve, respirando com mais facilidade pela primeira vez em anos.

Não havia nada de particularmente errado com Carter. Nosso relacionamento era amigável, talvez, se chegasse um pouco, até mesmo *agradável*. Mas no final das contas, a última vez que seus lábios estiveram nos meus, passei o beijo inteiro conjugando mentalmente verbos em francês para o meu próximo exame.

Papa não sabia sobre os poucos cursos online que fiz. Ele explodiu em meu pedido para cursar a faculdade, o que significava que ele silenciosamente olhou para mim como se eu tivesse pedido para visitar a Coreia do Norte antes de dizer "*Nyet*". Então eu pensei que era melhor manter minhas aulas em segredo.

As primeiras quatro mensagens de voz de Ivan soaram muito parecidas com Ivan e diretas, informando-me excessivamente que ele pousaria em Moscou às três da manhã e exigindo que eu ficasse no meu quarto de hotel até ele chegar. A quinta, porém, arrepiou os cabelos da minha nuca.

Ele soltou um suspiro áspero, em seguida, uma maldição e um baque soou através da linha, como se ele realmente tivesse *acertado* algo. — *Eu não posso acreditar que você fez isso. Eu confiei em você para não ir a Moscou.*

— Eu não prometi nada a você — murmurei para mim mesma.

Ficou em silêncio por um momento, e então seu tom suplicante tornou-se um fato frio e duro.

— *Você quer a verdade de uma vez? Bem. Se você quer brincar e não me dizer onde está, Mila... eu sou um homem morto...*

Ele parecia tão sério que eu realmente acreditei nele. Por um momento, pelo menos. Certamente, ele não achou que meu papa o *mataria*. Provavelmente

era apenas uma tentativa desesperada de me impedir de descobrir que ele tinha uma família secreta.

Tarde demais, pensei amargamente.

Mas eu era uma tarefa simples, então liguei para ele para deixar uma mensagem e colocá-lo fora de seu sofrimento, apenas para perceber que não tinha sinal. Eu levantei meu telefone no ar, virei-o de cabeça para baixo – todos os truques – e nada. Meu celular deveria funcionar em Moscou, mas eu não sabia que o serviço não seria tão confiável.

Com um suspiro, coloquei meu telefone no bolso do casaco. Então, olhando para cima, parei. Meus sapatos rangeram no cascalho quando me virei em um círculo lento. O sol havia se posto, mais da metade dele se escondendo atrás do horizonte. Apenas um complexo de apartamentos em ruínas e alguns prédios de concreto me cercavam.

Eu estava completamente perdida.

Lutando contra o arrepio que me percorreu, comecei a andar.

O vento assobiou.

As sombras ficaram mais escuras.

E de repente senti muita falta de Ivan.

Uma sensação de formigamento acariciou minha nuca e desceu pela minha espinha. Foi a sensação de estar sendo observada. Segurei minha bolsa com mais força, lutando contra a vontade de olhar para trás, mas o suspense se transformou em uma ansiedade que apertou meus pulmões, e eu não pude resistir mais ao puxão.

Um homem – sem dúvida, pelo tamanho e arrogância – me seguiu. Ele usava jeans e um casaco escuro, e seus olhos se fixaram nas luvas pretas de direção que ele estava usando, embora eu, de alguma forma, soubesse que tinha toda a sua atenção.

Virei minha cabeça para frente, meu peito frio.

Uma rajada de vento chicoteou meu rabo de cavalo e, com ela, uma palavra passou pela minha mente em um sussurro que parecia um quarto escuro como breu e pele arrepiada.

D'yavol.

Eu olhei para trás. Ele se aproximou a cada passo, seus passos muito mais longos que os meus. Apenas a alguns metros de distância agora, eu podia ver uma cicatriz irregular cortada em seu rosto, da orelha ao queixo. O último raio de sol brilhou em uma faca de prata em sua mão.

Olhando para frente novamente, minha respiração escapou ofegante, embaçando na frente do meu rosto, enquanto meu sangue congelou em gelo sólido. Quando os carros estacionados e a luz das janelas de um prédio apareceram, deixei cair minha bolsa e corri.

Minhas pernas longas sempre me colocaram na frente do pelotão durante o treino de torcida no colégio, mas os passos batendo no concreto atrás de mim agora estavam perto dos meus calcanhares. Eu não conseguiria chegar à porta da frente, então mudei o curso para a parte de trás e rezei para que não estivesse trancada.

Por favor, não esteja bloqueada.

Eu parei na frente da porta e, em um instante, uma daquelas luvas pretas de montaria enrola em meu rabo de cavalo e puxa. Eu gritei de dor enquanto voava para trás. Minha cabeça bateu no pavimento e um caleidoscópio de luzes piscou atrás dos meus olhos.

Mãos ásperas rasgaram minhas roupas.

— *Não* — eu gemi, mas minha consciência estava presa em uma lama preta pegajosa e eu não conseguia sair. Dor e ar gelado envolveram meu corpo, despertando-me da escuridão. Eu abri meus olhos.

Rosto com cicatrizes.

Casaco escuro.

Pernas vestidas com jeans em meus quadris.

— Não!

Eu lutei com suas mãos, mas meu corpo não funcionava direito. Minha cabeça – parecia que estava aberta.

O homem rasgou minha blusa ao meio.

— *Pare* — eu solucei.

Ele fez.

Demorou um pouco para perceber o que havia chamado sua atenção. Ele ergueu o colar de estrela náutica de entre meus seios e parecia quase confuso... ou com *medo*. Fosse o que fosse, usei sua distração para passar minhas unhas pela cicatriz em seu rosto.

Ele recuou para cobrir o ferimento com a mão, sibilando: — *Ty malen'kaya suka.* — *Sua pequena vadia.*

Eu saí de baixo dele. Ele agarrou meu tornozelo, mas eu chutei para trás com o outro pé, fazendo contato com algo que o fez grunhir de dor.

Tropeçando em meus pés, eu lutei contra a tontura que me agarrou, mas não consegui segurar. Meu aperto suado se atrapalhou com a maçaneta da porta. Ela se abriu e eu deslizei para dentro, colidindo de cara com algo sólido. Eu bati *nele – ele* – tão forte que o ar restante em meus pulmões escapou de mim com o impacto. Eu caí para trás, mas com uma maldição russa suave, o homem envolveu um braço em volta da minha cintura para me firmar.

A porta acabara de fechar com um baque quando uma rajada de ar frio anunciou que estava aberta novamente. Eu girei para fora do aperto do homem e me movi atrás dele, esperando ver um rosto cheio de cicatrizes, mas era apenas um menino usando um avental branco e carregando uma caixa de bebida.

— *Vésego tri minuty de Potrebovalos, kak ya skazal*, — ele riu. — *Andrei, ty dolzhen mne* — Seu olhar me encontrou, e ele me encarou, murmurando em russo: — Puta merda.

Sugando o ar em meus pulmões, dei um passo para trás para observar o que estava ao redor.

Eu tinha perdido meu casaco em algum lugar no beco lá fora, e minha camisa estava rasgada, revelando o sutiã branco rendado por baixo. Meus pensamentos estavam presos debaixo d'água e eu não conseguia encontrar energia para me importar com a minha aparência, mesmo com uma audiência.

A fumaça pairava na sala iluminada por uma lâmpada fraca. Caixas cheias de prateleiras, caixotes de madeira espalhados pelo chão, e três homens sentados em uma mesa dobrável e cadeiras, todos em silêncio olhando para mim. Um deles mastigava um palito, enquanto outro se recostou na cadeira e levou um cigarro aos lábios. Seu paletó estava descuidadamente aberto, botão branco por baixo, sem gravata.

Tossi com a fumaça que girava no ar.

— *Potushi sigaretu.* — *Apague o cigarro.*

A demanda veio de trás de mim, do homem que eu encontrei, suas palavras em russo acariciando minhas costas com algo igualmente quente e frio. Era o tipo de voz que poderia puxar os pés de uma garota no escuro.

Inclinando-se para a frente, o fumante esmagou o cigarro no cinzeiro. Ainda tentando recuperar o fôlego, eu me virei.

Eu tinha um metro e setenta de altura e estava descalça, mas só fiquei ao nível dos olhos com o botão de cima de uma camisa preta que se estendia por ombros largos e braços definidos.

Eu olhei para cima.

E pouco antes de a tontura me pegar em suas garras e me arrastar para baixo, achei que ele era bonito.

Bonito na maneira como as palmas ásperas abafam os gritos, na maneira como as pessoas se curvam aos reis e, acima de tudo... a maneira como um anjo cai em *desgraça*.

CAPÍTULO QUATRO

Mila

viridez

(N.) inocência ingênua

VOZES RUSSAS, UMA PREOCUPADA, UMA áspera e baixa, penetrou em meu subconsciente. Papa só falava russo fluentemente quando recebia convidados russos, mas por que eles estavam no meu quarto?

Foi estranho.

E rude.

Suspirei, estendendo a mão para puxar os lençóis sobre minha cabeça para bloquear o barulho. Em vez disso, minha mão deslizou sobre a sensação familiar de um dos paletós de meu papa, lã e cashmere. Mas algo estava diferente. Este cheirava a pinho e canela com um toque de fumaça de charuto. Havia algo muito desagradável no cheiro, e foi o que me convenceu a abrir os olhos.

Eu gemi quando uma dor aguda atravessou meu crânio.

— *Khorosho, ty vstala*[3] — disse um homem de cabelos prateados, puxando uma cadeira de couro de encosto alto de uma grande mesa de mogno para mim. Óculos de armação quadrada. Camisa social branca. Calça preta. Um

suor frio se espalhou por mim enquanto eu olhava para o estetoscópio em seu pescoço.

Algumas pessoas tiveram pesadelos com quedas, nudez pública ou fantasmas. O meu foi acordar com um médico pairando sobre mim. Eles eram tão frios e profissionais, com um estalo de luvas de látex e o reflexo de sangue e agulhas em seus olhos.

A dor na minha cabeça batia em sintonia com o meu coração quando me sentei no sofá. Um arrepio acariciou minha barriga nua e percebi que minha camisa rasgada estava parcialmente escondida pelo paletó. Eu o coloquei e fechei.

A confusão nublou meus pensamentos quando entrei no escritório masculino e desgastado. Minha respiração parou quando encontrei os olhos de um homem encostado na frente da mesa. O homem que encontrei. O homem que eu vi antes de cair a seus pés, inconsciente.

Tudo voltou para mim.

O homem com cicatrizes.

O quase *estupro*.

Tudo o que eu conseguia pensar naquele momento era, até agora, Moscou realmente era uma merda.

O russo de cabelos escuros sustentou meu olhar com um olhar distante de interesse. Eu engoli e afastei meu olhar quando o médico colocou sua cadeira ao meu lado e se sentou. Eu olhei para a pasta ao lado dele com cautela, sabendo que se ele puxasse uma agulha, eu arriscaria na rua.

Olhando mais de perto, o médico fez uma pausa e inclinou a cabeça. — *Ty vyglyadish' znakomo. My ran'she ne vstrechalis*'?[4]

A lama grudou em meus pensamentos como chiclete. Ele falou rápido demais para eu entender qualquer coisa.

O médico ajustou seus óculos, examinando-me. — *Mozhesh' skazat' svoye imya, dorogoya?*[5]

Achei ter ouvido "*imya*". Ele estava perguntando meu nome? Eu não tinha certeza, então só pisquei.

Ele franziu a testa em preocupação. — *Ty dolzhen byl otvezti yeye v bol'nitsu.*[6]

Eu apenas reconheci "*bol'nitsu*". *O hospital*. No entanto, percebi que suas palavras não eram para mim, mas para o único outro homem na sala. Aquele construído como uma parede de tijolos, por mais desconfortável que tivesse sido correr para ele.

À primeira vista, ele parecia um cavalheiro, como se pertencesse à sala de uma diretoria de um CEO, olhando para o mundo através de um vidro do chão ao teto. Porém, se alguém olhasse por mais tempo do que deveria, tudo sobre ele – o jeito que ele se encostou na mesa, os braços cruzados, a forma como as sombras lutaram em seus olhos, como a tinta preta decorava seus dedos – em oposição a isso. Uma borda poderosa, talvez até perigosa, estava em seus ombros relaxados.

Ele tinha a personificação da guerra, usando um terno preto caro, sem gravata e paletó. Eu sabia que ele era o que eu usava agora.

Como se ele pudesse me sentir olhando, o homem pegou meu olhar. A vontade de desviar o olhar era tão forte que coçou sob a minha pele. Ele esperava que eu fizesse. Embora algo estranho e astuto me fizesse perseverar. Manter contato visual com ele parecia um jogo mortal. Como roleta russa. Um revólver e uma bala. Um único piscar errado e eu estaria morta. Mas também evocou um sussurro de adrenalina, tão quente quanto meia garrafa de UV Blue[7] e o sol de Miami.

— *Poprobuy po-angliyski*, — ele disse, seus olhos nos meus. *Experimente o inglês.*

A sobrancelha do médico baixou. — Meu inglês não é bom.

O outro homem se afastou da mesa e se aproximou, ficando de cócoras na minha frente. Sua calça social beijou minhas calças xadrez mauricinho. Suas botas de boné preto contrastavam com as minhas Rothy brancas.

Ele era frio e calculado, desde como ele se moveu até como seu olhar pousou no meu, embora algo tão vivo brincasse em seus olhos. Os olhos que eu podia ver agora não eram pretos, como presumi originalmente, mas de um azul muito, *muito* escuro. Mais escuro do que as pedras em forma de coração em meus ouvidos.

Eu não sabia se era o aumento repentino dos nervos, sua proximidade ou o resultado de bater minha cabeça, mas as palavras escaparam de meus lábios sem pensar. — Você é realmente desconfortável para topar. — Eu disse muito a sério, como se fosse algo com que ele deveria se preocupar.

— Me desculpe. — Um sotaque russo e diversão tocaram sua voz.

Olhei para seus lábios, para a cicatriz fina na parte inferior e as duas palavras ásperas saindo deles como vodca com gelo. Eu me perguntei como ele conseguiu a cicatriz. Eu me perguntei se sua voz tinha gosto de vodca também, se isso queimaria minha garganta e aqueceria meu estômago. Eu senti... esquisito. Meus pensamentos pareciam não ter filtro, pingue-pongue contra meu crânio como um jogo de fliperama.

Abri a boca para me explicar, mas tudo o que saiu foi: — Você é muito russo.

Ele passou o polegar pela cicatriz em seu lábio inferior. — Você é muito americana.

O médico mudou de posição na cadeira e falou, mas eu mal ouvi isso com a presença desse homem *tão* alto. Ele era um eclipse, bloqueando a dor da minha cabeça e, provavelmente, o sol. Embora opressor, não era desagradável. Era morno. Persuasivo. Mundano. Um royal flush em um covil de iniquidade.

— Você sabe o seu nome? — Ele traduziu.

Lentamente, eu balancei a cabeça. — Mila... Mila Mikhailova.

O médico lançou um olhar de censura para o homem na minha frente, mas ele não percebeu ou não se importou porque seu olhar permaneceu no meu, puxando a curiosidade para a superfície.

— Qual é o seu? — Eu perguntei em uma respiração superficial.

Ele sorriu. — Ronan.

Seu nome ficou pesado no ar até que o médico pigarreou e disse algo que não pude traduzir.

— Que dia da semana é hoje, Mila? — Ronan perguntou.

— Eu, uh... Sex...? — Eu me cortei quando ele balançou a cabeça com uma sugestão de sorriso. Tentei novamente. — Sábado?

O médico fez um barulho *hmm,* aparentemente não impressionado com este homem me ajudando. Sem surpresa. Os médicos não eram divertidos.

— Quantos dedos estou mostrando? — Ronan traduziu.

Fiquei olhando para a outra mão apoiada no joelho, para as tatuagens em seus dedos entre a primeira e a segunda juntas. Um era uma cruz, outro um corvo. O terceiro, um rei de copas.

Tinta e déjà-vu.

Eu não sabia o que havia de errado comigo, mas não pude evitar de tocá-lo, de passar o dedo indicador pelo corvo tatuado. As palavras sussurradas foram empurradas de minhas profundezas por uma força irresistível.

— *Escuridão lá, e nada mais...*

A citação condensou o espaço entre nós, mergulhado em algo tão espesso e escuro como alcatrão.

Fui sugada de volta para um túnel, lendo Edgar Allan Poe sob a mesa do meu papa, com sujeira no rosto e franjas irregulares que eu mesma cortei. Papa estava falando com a Sra. Marta, minha tutora de infância, sem saber que eu estava por perto. Ele estava preocupado com meus amigos imaginários e a falta de amigos reais, minha introversão e meu desinteresse pelos trabalhos escolares.

Ele pensou que algo estava errado comigo.

Também achei.

Essas palavras sussurradas no corredor enrolaram dentro de mim como uma cobra afundando suas presas e espalhando veneno lentamente com o passar dos anos. Veneno que me enviou em um caminho de guerra para a aceitação.

Às vezes, eram as pequenas coisas que nos tornavam quem éramos.

O olhar pesado e empático nos olhos de Ronan apertou meu estômago como o *clique* de um gatilho. Eu não esperava que ele entendesse o que eu disse, mas ele entendeu. Eu sabia que sim.

— *Sleduyushchiy vopros,* — disse Ronan. *Próxima pergunta.*

O médico franziu a testa. — *U tebya yest 'sem'ya, s kotoroy ya mogu svyazat'sya?*

— Quantos anos você tem, *moy kotyonok*[8]*?*

Pela maneira como os olhos do médico brilharam em desaprovação, percebi que ele entendeu aquela frase em inglês, e não era o que ele disse.

Eu respondi: — Dezenove — antes de lembrar que fiz vinte ontem.

O médico soltou um suspiro tenso. — *Devyatnadtsat'. Yey devyatnadtsat'.* — *Dezenove. Ela tem dezenove anos.*

Ronan não desviou o olhar de mim. — *Ya slyshal.* — *Eu ouvi.*

Quase não ouvi a conversa porque estava tentando me lembrar o que – *moy kotyonok* – significava. Meu o quê?

— Você foi... violada, Mila? — Eu vi o azul escuro de seus olhos ficarem pretos.

Por um momento, sua pergunta me confundiu. Uma nuvem obscureceu toda a cena no beco como se tivesse acontecido com outra pessoa e eu apenas tivesse assistido ao desenrolar. Não parecia real e, quando pensei nisso, não senti nada além de um leve aborrecimento, o que provavelmente me colocava na mesma categoria maluca que os inquilinos do meu papa.

Eu balancei minha cabeça.

— *Bom.*

Apenas uma única palavra de três letras, mas ela inchou no ar como a coisa mais importante na sala. Sua voz era tão áspera e suave. Tão composto e acentuado. Tão tolerante em sua entrega que escorregou sob minha pele, derretendo a tensão em meu corpo como manteiga. Aposto que as pessoas se esforçaram para ouvir esse homem falar.

— Você tem alguma dor além da cabeça?

Eu balancei a cabeça, olhando para ele.

Um sorriso tocou seus lábios. — Onde?

— Meu lado.

Ronan se ergueu em toda sua estatura. Enquanto ele e o médico falavam, um garoto – aquele que vi carregando uma caixa de bebidas – entrou na sala com minha mochila nas mãos. Ele a deixou cair ao lado do sofá e lançou um olhar de desgosto na minha direção.

Ronan olhou para ele em um aviso silencioso. O menino engoliu em seco e se virou para sair da sala.

— Kirill gostaria de dar uma olhada em você, se você permitir.

Eu concordei.

Quando Ronan se dirigiu para a porta, eu me levantei, lutando contra uma crise de tontura com o movimento repentino.

— Espere — eu soltei. — Onde você vai?

Ele virou a cabeça para me estudar com olhos cautelosos. — Dar a você um pouco de privacidade, *kotyonok*.

Eu mordi meu lábio, sem saber o que me obrigou a dizer isso. Eu estava confusa. E eu realmente não gostava de médicos.

— Por favor, fique.

Kirill suspirou e beliscou a ponte de seu nariz.

Após um momento de silêncio pensativo, Ronan inclinou a cabeça e voltou para sua mesa. Fiquei estranhamente reconfortada por ele ficar.

Kirill se levantou, puxou uma lanterna do bolso da camisa e verificou minhas pupilas. Ele ouviu meu coração, minha respiração e examinou minha nuca. Meu olhar continuou pousando em Ronan, que se encostou em sua mesa sem fazer nada além de observar a cena.

Quando Kirill falou, eu puxei meus olhos para ele. Ele deve ter percebido onde minha atenção estava durante o exame, porque sua expressão estava tensa com desaprovação.

— Ele precisa que você remova o paletó.

Eu afrouxei meu aperto na lapela e tirei meus ombros para o chão. Um hematoma vermelho, no formato de uma mão, marcava minha cintura, o que

explicava por que minhas costelas doíam. Mas o que me concentrei foi no sangue seco em meu estômago. Agora, eu percebi que estava debaixo das minhas unhas também.

Todo o calor dentro de mim ficou gelado, enviando espinhos na parte de trás do meu pescoço.

Eu não tinha sangue.

Uma exalação instável me escapou. Meu estômago embrulhou. A sala começou a ficar confusa. Eu balancei, a escuridão puxou meu subconsciente, e então me arrastou completamente para baixo.

Quando acordei, foi com a boca seca, a carranca de Kirill e Ronan agachado ao lado de onde eu estava deitada no sofá.

Percebendo que desmaiei, fechei os olhos novamente.

Quando criança, tive ataques de ansiedade antes de tomar uma injeção ou antes de tirar o sangue. Papa costumava me segurar para vacinar até que eu finalmente desmaiasse. Mesmo agora, prefiro fixar meu próprio braço quebrado com fita adesiva do que ir ao consultório médico.

Ronan estendeu a lata verde de refrigerante que Kirill entregou a ele. — Você não vai desmaiar de novo, vai?

Sentei-me devagar, fechei minha blusa com uma das mãos e peguei a lata dele com a outra. Ninguém, exceto alguns poucos sabia sobre minha fobia. Obriguei-me a assistir a filmes de terror sangrentos para superar isso, mas isso só me dessensibilizou para os filmes de *Jogos Mortais*, não para a vida real.

— Não sou a maior fã de sangue — admiti.

Ele me olhou com curiosidade, como se eu dissesse algo engraçado. — Interessante.

— Eu sinto muito. Você parece um homem ocupado, e tenho certeza de que arruinei sua noite inteira.

— Beba seu refrigerante, *kotyonok*.

Eu fiz. A efervescência fria fez bem para minha garganta. Lambi meus lábios secos e olhei ao redor da sala, da carranca de Kirill, a uma rachadura nas paredes de gesso, para o tapete puído. Não era exatamente um escritório executivo moderno.

— Vou reembolsar você por tudo — eu disse. — O médico e — Eu olhei para a lata em minha mão, o que divertiu Ronan.

— Vou adicionar o refrigerante à sua conta — disse ele.

Naquele momento, percebi que havia esquecido completamente seu terno caro, acreditando que ele teria problemas para pagar a visita de um médico particular. De repente, entendendo que ele estava apenas brincando comigo, encontrei seu olhar.

Clique.

Não foi o puxão de um gatilho. Era ele clicando com uma caneta na mão.

— *U neye sotryaseniye mozga, i ona dolzhna byt 'osmotrena v bol'nitse* — disse Kirill.

— Ele acredita que você teve uma concussão leve — Ronan traduziu. — Os sintomas podem durar alguns dias.

Achei que isso explicava meus pensamentos e comportamento estranhos. Porém, eu já estava me sentindo um pouco melhor agora que tinha um pouco de açúcar em mim. A falta de comida e sono provavelmente não ajudou a situação.

Uma suspeita fez cócegas em meus pensamentos. Kirill disse – *bol'nitse – de* novo, não disse? Devo ter ouvido mal porque Ronan não disse nada sobre o hospital. Eu não iria de qualquer maneira.

— Você poderia agradecê-lo por mim? — Eu perguntei. — Ele não precisava vir aqui só por minha causa.

Ronan inclinou a cabeça pensando por um momento "*clique*" e então disse ao médico: — *Ona ne khochet idti v bol'nitsu.*

Esse foi o obrigado russo mais estranho que eu já ouvi. — *Bol'nitsu* — deve significar outra coisa.

Kirill franziu os lábios antes de responder.

— Ele disse que alguém deveria te acordar esta noite. Protocolo para ferimentos na cabeça.

— Oh.

— Você está aqui com alguém?

Eu balancei minha cabeça.

— Você pode ficar aqui esta noite. Vou mandar alguém te acordar.

— Não, tudo bem — eu disse. — Você já fez muito por mim.

Uma lasca de desgosto passou pelos olhos de Ronan. A intensidade silenciosa poderia matar alguém que ainda não estava acostumado com o mesmo olhar de seu papa.

— Você foi agredida em meu beco. É minha responsabilidade garantir que você fique bem.

Não admira que ele estivesse tão perto da porta dos fundos. Ele ouviu meus gritos?

Meus pensamentos e respiração foram interrompidos quando ele usou sua caneta para levantar o pingente colocado entre meus seios. — Colar interessante.

Ele e meu agressor foram os únicos a perceber isso.

Eu nunca tinha visto meu papa usar nada menos do que uma regata e um par de calças pretas. Mesmo assim, foi apenas uma vez, quando eu tinha oito anos e vislumbrei as tatuagens de estrelas náuticas em cada um de seus ombros. Claro, naquela idade, eu queria uma para mim, então ele me deu este colar.

— É uma coisa de família — eu respirei.

Um pensativo “Huh” foi tudo o que Ronan disse.

Ele baixou o pingente de volta para minha pele, e o menor deslizar de sua caneta entre meus seios fez meu pulso disparar. A lata de refrigerante escorregou dos meus dedos. Ele o pegou com a mão esquerda, seu olhar não deixando o meu.

Depois de um momento de forte tensão, Kirill se levantou e colocou um frasco de comprimidos na minha mão. Eu olhei para ele. Eles não

prescrevem aqui?

— Para sua dor.

Eu forcei um sorriso. — Obrigada.

Ele me lançou um olhar suplicante, agarrou sua pasta e saiu da sala. Eu não sabia antes que os russos eram tão agourentos.

Ronan se levantou e colocou a lata de refrigerante na mesa lateral. — Vou mandar trazer um pouco de comida para você — ele me disse, indo para a porta antes de parar na frente dela e se virar para mim. Ele usava preto da cabeça aos pés. Sua camisa social. Suas tatuagens. O cabelo dele. Até mesmo o azul de seus olhos estava mergulhado nas sombras, a não ser de perto. Podemos muito bem ser de dois mundos diferentes - mundos divididos pelas ondas solitárias do Atlântico.

Ele era o vislumbre de adrenalina, a aspereza dos trilhos sob os pés descalços e a sirene de um trem de carga chegando de frente.

E fiquei fascinada.

Seus olhos estavam ilegíveis. — Você estará segura aqui.

Eu acreditei nele.

Mas antes que sua silhueta escura desaparecesse de vista, lembrei-me do que – *moy kotyonok* – significava.

Minha *gatinha*.

CAPÍTULO CINCO

Mila

wallflower

(N.) uma pessoa tímida, estranha

ou introvertida

Eu ESMAGUEI UMA DAQUELAS pílulas entre os dentes, esperando por alívio, e então vasculhei minha mochila atrás do meu telefone. Isto é, até me lembrar que estava no bolso do meu casaco, que atualmente ficava em um beco russo gelado. Foi surpreendente que não o tivessem encontrado, considerando que minha bolsa devia estar a alguns quarteirões de distância e meu casaco devia estar perto da porta dos fundos.

Uma batida soou e uma ruiva de não mais de dezessete anos, usando um vestido branco simples, entrou na sala. Ela manteve os olhos baixos enquanto colocava uma tigela de sopa e uma fatia de pão em uma mesa lateral perto do sofá. Agradeci e perguntei se ela sabia que horas eram, mas pelo jeito que ela nem me reconheceu, falei antes de ela se virar e sair da sala, imaginei que ela não devia falar inglês. Ou nada.

A sopa cheirava tão bem que me deu água na boca, mas parecia *solyanka*, *o* que significava que continha carne. Eu era vegana desde que assisti a um documentário sobre empacotamento de carne no colégio. Borya odiava, mas sempre fazia algo especial para mim. Apesar de tudo, eu nunca conseguia comer muito quando estava estressada. E agora eu estava sozinha com meus

pensamentos, perguntando-me se o ataque foi aleatório ou se tinha algo a ver com o medo de Ivan de eu vir aqui.

Será que meu papa realmente está com problemas? Ele pode ser um adúltero e fazer negócios com algumas pessoas desagradáveis, mas ele não jogava ou bebia em excesso. Caramba, ele nem mesmo atravessa fora da faixa. Ele não poderia ser mais cumpridor da lei se tentasse. Eu afastei o pensamento. Eu era uma mulher solitária caminhando por uma parte difícil de Moscou. O que eu esperava, um desfile para o Ritz?

Com essa preocupação fora da mente, percebi que realmente precisava usar o banheiro.

Evitando olhar para o sangue seco na minha pele, troquei minha blusa arruinada por uma camiseta amarela dos Beach Boys. No corredor mal iluminado, o barulho de panelas e frigideiras e uma maldição russa ocasional veio de uma sala iluminada à direita. Era uma grande cozinha industrial, e eu me perguntei por quanto tempo fiquei inconsciente, porque estava fechando por hoje.

Depois de encontrar o banheiro e fazer minhas necessidades, fui até a pia, onde esfreguei minhas mãos e estômago com a barra de sabonete, ficando nauseada enquanto observava o vermelho escorrer pelo ralo. Estremeci ao pensar que meu agressor pudesse carregar alguma doença. Além da psicopatia, pelo menos.

No espelho, encarei meus olhos azul-gelo. Sempre achei que faltava fagulha, brilho, embora me dissessem que eram impressionantes por um agente modelo que se aproximou de mim na rua e me passou seu cartão de visita. Fiquei intrigada. As modelos tinham que viajar, ver o mundo além de uma tela de televisão, mas papa eliminou qualquer ideia desse tipo bem rápido.

Comecei a voltar para o meu quarto temporário para passar a noite, mas uma voz – *a* voz *dele* – envolveu meu corpo e me fez parar. Eu deveria cuidar da minha própria vida, como a sra. Marta diria quando interrompia nossas aulas espiando pela janela para ver quem havia subido o caminho. Mas a tentação aumentou seu domínio, puxando-me na direção oposta.

Conforme as sombras do corredor escureciam, uma frase veio à mente: A *curiosidade matou o gato.*

Eu afastei um arrepio.

Um barman estava atrás de um velho bar de madeira lavando copos. Camisa social branca enrolada até os cotovelos, suspensórios, uma tatuagem de caveira e ossos cruzados no antebraço. Ele olhou na minha direção e parou para me encarar enquanto limpava as mãos em uma toalha.

Engoli em seco e desviei meu olhar dele, para as mesas redondas e cabines no restaurante desgastado e quase vazio. Eu encontrei Ronan facilmente porque os três homens sentados em frente a ele caíram na gargalhada de algo que ele disse. Ele descansou um braço preguiçoso na parte de trás da cabine, um charuto na boca. Música cigana russa tocava baixinho na sala escura enquanto eu o observava soprar uma nuvem branca de fumaça, um sorriso tocando seus lábios.

Ele olhou por cima, olhos escuros fixos nos meus.

A voz de Madame Richie me puxou de volta para aquele trailer excessivamente quente estacionado no carnaval, um bando de líderes de torcida pré-adolescentes franzindo a testa para a decoração atrás de mim. De olhos fechados, ela pousou as mãos em sua bola de cristal roxa, um cigarro pendurado precariamente em seus lábios. Ela espiou um olho aberto para

olhar para mim, então o fechou novamente em concentração. Enquanto sua bola de cristal se enchia de fumaça e quem sabe o que mais, uma carranca franziu as sobrancelhas. Soltei um suspiro quando ela agarrou minha palma, puxando-me até a metade da mesa para olhar para ela. E então ela viu algo que a fez rir. E *ria*.

Ela se recostou, apoiou o cotovelo na mesa e deu uma longa tragada no cigarro. — Então o que você *quer* saber?

O fato de eu colocar algum peso no que ela me disse deveria ser alarmante, mas eu nunca fui capaz de deixar suas palavras irem. Eu queria mais do que carícias mornas e conjugações francesas. Eu queria mais do que mocassins Sperry e mãos macias. O que eu queria era alguém como este homem, com russo na língua e tatuagens nos dedos.

Ele mordeu o charuto entre os dentes e piscou para mim.

Essa piscadela se transformou em uma bola de calor apertada no meu estômago enquanto eu voltava para seu escritório e vestia um short. A tigela de sopa permaneceu intacta na mesa lateral enquanto eu me enrolei no sofá e puxei o novo cobertor misterioso sobre mim. Não foi como pensei que passaria minha primeira noite em Moscou, e estremeci com a ideia de como as coisas poderiam ter sido ruins...

Se não fosse por um colar de estrelas náuticas.

Um restaurante.

E um homem de preto com segredos nos olhos.

◄ ⁂ ►

O cheiro de fumaça de charuto me acordou. Invadiu meus sentidos, misturando-se com o perfume masculino profundo embutido nas paredes para sempre.

Sentei-me no sofá e encontrei o olhar de Ronan atrás de sua mesa, conscientemente passando meus dedos pelo meu cabelo comprido. Eu endireitei religiosamente, mas toda vez que eu dormia, aqueles cachos rebeldes voltavam com força total. Eles eram muito selvagens, muito rebeldes para se encaixar no molde de cultura em que me forcei.

Minha pele apertou com a consciência de quão curtos eram meus shorts de cintura alta. Não pensei que dormiria no escritório de um homem quando fiz minha mala ontem.

Ele se balançou para trás em sua cadeira de couro, jogando uma bola anti-stress entre as mãos.

Jogue.

Aperte.

Um pequeno sorriso. — Você tem o sono pesado.

Ninguém precisava dizer a ele que não era apropriado ver alguém dormir. Ele sabia. Isso ficou evidente pelo brilho malicioso em seus olhos.

Talvez não seja um cavalheiro no coração?

O sono profundo em que caí depois que a ruiva rabugenta me acordou um pouco depois das quatro da manhã embotou minha breve memória dele. Sua presença era maior que a vida uma sombra onde uma sombra não deveria

estar. Ele ainda estava de preto da cabeça aos pés, sem gravata, mas hoje seu cabelo estava um pouco bagunçado, como se ele tivesse passado aqueles dedos com tinta por ele, e a julgar pela espiral de fumaça subindo de um cinzeiro em sua mesa, ele estava fumando um charuto no que devia ser de manhã cedo.

Eu nunca tive problemas em falar, em empurrar as palavras pelos meus lábios, mas com toda a atenção desse homem em mim, eu encontrei qualquer coisa que eu queria dizer presa na minha garganta. Então, com um rubor que me ressenti profundamente, virei minha cabeça e não disse nada.

Ele riu baixinho, pegou um telefone em sua mesa com um *fio* e discou um número.

Eu gemi em minha mente. Ele achou que eu era *divertida*. Enquanto isso, o mero toque de seu olhar na minha pele me aqueceu como o calor do sol. E sua voz, levemente acentuada e com um tom experiente... eu poderia ouvir isso o dia todo e nunca me cansar.

Fiquei descalça e dobrei sua jaqueta amassada e o cobertor cuidadosamente, o que evocou uma peculiaridade de seus lábios em uma frase em russo para quem estava do outro lado da linha. Seu olhar deslizou sobre minha pele enquanto eu caminhava pela sala para ver as fotos penduradas na parede. Uma mostrava alguns homens sorrindo e fumando, mas o foco era um Ronan adolescente com um rifle na mão e um cervo morto aos pés.

Eu nunca tinha visto uma arma em minha vida.

E eu não queria.

Outra foto em preto e branco mostrava duas crianças, talvez 12 ou 13 anos, paradas na rua. Uma mancha de sujeira marcava a bochecha de Ronan, seu

braço solto ao redor do pescoço do outro garoto, cujo rosto sério estava virado para longe da câmera. Mas não escondeu uma lasca de seus olhos que eram afiados o suficiente para perfurar a imagem.

Eles pareciam pobres. Talvez até sem-teto.

Meu olhar deslizou para Ronan, de seu terno para o relógio preto em seu pulso. Sempre fiz compras para meu papa, já que ele não se importava nem coma esposa – ou assim pensei. Ele usaria apenas o mais fino dos melhores, então eu me tornei uma aficionada por roupas masculinas caras, e esse homem estava usando um Dormeuil Vanquish.

De trapos a riquezas...

Eu me perguntei o que ele faz. Ele era obviamente mais do que o dono deste restaurante, que era muito mais perto de um buraco na parede do que um estabelecimento cinco estrelas. Achei surpreendente, embora também cativante, que ele exibisse seu passado para o mundo ver.

— Sente-se e coma, *kotyonok*.

Eu me animei com o apelido, mesmo sabendo que ele provavelmente veio porque eu o lembrei de algo fofo que ele poderia dar um tapinha na cabeça. Sentei-me no sofá e cavei uma tigela de *kasha* e frutas frescas.

Ronan ainda estava falando ao telefone, aquele fio enrolado em uma mão, bola de estresse na outra, mas o calor de seu olhar curioso aqueceu cada centímetro de mim. Eu coloquei a refeição meio comida na mesa lateral e recebi um olhar de desaprovação dele. Se eu tivesse conseguido o olhar do meu papa, seria forçada a engolir cada migalha, mas estava testando uma determinação mais forte. E eu simplesmente não queria terminar.

Ele desligou, envolvendo a sala em um silêncio espesso. Esfreguei minhas mãos em minhas coxas nuas e procurei minha voz, pois ela parecia se perder em sua presença.

— Você não encontrou meu casaco, encontrou?

Ele não disse nada por um momento, recostando-se na cadeira como um editor de jornal dominando seu domínio. — Você tem sorte de termos encontrado sua bolsa antes de ser roubada.

Isso foi um não.

Eu mordi meu lábio. — Meu telefone estava no bolso.

— Estava? — Foi tudo o que ele disse, não se oferecendo para me deixar usar o dele.

Eu não queria ser mais um estorvo e também não estava exatamente feliz com a ideia de compartilhar o que aconteceu ontem à noite com Ivan, então empurrei a necessidade de lado. Eu compraria um telefone descartável e o deixaria saber que eu estava bem, mais tarde.

Ronan olhou para mim.

Jogue.

Aperte.

O homem estava sempre fazendo alguma coisa com as mãos e isso o distraía. Eu engoli quando o silêncio encheu a sala mais uma vez. Ele parecia perfeitamente contente em apenas sentar-se aqui, mas isso cavou um túnel sob minha pele e me fez coçar para preenchê-lo.

Eu limpei minha garganta. — Esse lugar... é legal. Muito quente e... convidativo.

Estava longe de ser convidativo para uma garota como eu, e nós dois sabíamos disso.

Seu sorriso lento pode devastar cidades. — O que te faz sentir tão confortável? Terei que retificá-lo o mais rápido possível. — Ele observou com algum tipo de interesse sombrio enquanto outro rubor estúpido subia para minhas bochechas. Se Deus existisse, ele certamente teria tido pena de mim e aberto um buraco no chão para me deixar cair. Eu me senti como Duckie em *Pretty in Pink*, e todos nós sabemos como isso acabou.

— A música. Meu papa ouve a mesma música.

— Que coincidência — Ronan falou lentamente. Sua voz era indiferente, mas também misturada com algo que evocou um arrepio sob minha pele.

— Talvez você já tenha ouvido falar dele? — Era um tiro no escuro, mas sem mais nada para prosseguir, eu poderia muito bem tentar encontrar outra migalha de pão. — Alexei Mikhailov?

Aperto.

— Não posso dizer que sim.

A decepção me encheu.

— O que seu papa faz?

— Ele é um investidor.

Isso era tudo que eu sabia. Papa nunca falava sobre trabalho perto de mim.

— Hã. — Depois de um momento me estudando, Ronan disse: — E o que traz uma líder de torcida americana à Moscou, sozinha?

Eu olhei para minha bolsa com "TORCIDA" na frente. — Eu era uma líder de torcida no colégio, não mais.

— Então, um ano atrás, então?

— Claro que não — eu disse, como se ele estivesse completamente errado. — Um ano e meio.

Ele sorriu. — Ah, erro meu.

Depois de um momento de silêncio, eu disse a ele — segredos de Moscou. — As palavras calmas encheram a sala. — Eu vim pelos seus segredos.

Ele me observou por um longo tempo - tanto tempo que meu coração desacelerou sob o peso de seu olhar - e então ele se levantou e deu a volta em sua mesa. — Você tem um lugar para ficar?

Eu balancei minha cabeça.

— Vou pedir a Albert que encontre um quarto para você. — Com isso, ele se dirigiu para a porta.

Minhas maneiras se rebelaram contra aceitar sua generosidade, mas uma grande parte de mim estava agradecida. Minha cabeça ainda doía e eu não queria vagar sem destino por Moscou procurando uma carona e um lugar para ficar. Embora algo mais dentro, algo curioso e *sem fôlego,* não permitisse que ele se afastasse ainda.

Eu me levantei e perguntei: — Você gosta de ópera?

Ele parou e se virou lentamente para mim. — Como você adivinhou?

Demorou um pouco para perceber que ele estava me provocando. Abri a boca para responder, mas acabei puxando meu lábio inferior entre os dentes para conter a diversão genuína. Seus olhos foram para os meus lábios por apenas um segundo, e meu pulso caiu em um tanque de gasolina e fogo.

Engoli. — Por acaso você conhece uma ópera por perto? — Eu não iria para casa sem saber mais sobre minha mãe e sua família. Talvez eu pudesse encontrar algumas informações em seu emprego anterior.

— Existem várias, mas a Moskovskiy é a mais próxima.

— Moskovskiy — repeti, para me lembrar.

— Não está mais na melhor parte da cidade.

Seu restaurante não estava exatamente na melhor parte, mas eu não expressei o pensamento.

Ronan me olhou por um segundo e, vendo a determinação em meu rosto, algo obscuro nublou seus olhos. — Eu vou te levar. Hoje à noite, às oito.

Então ele me deixou sem outra palavra, e eu não pude deixar de pensar...

Talvez Moscou não fosse *tão* ruim *assim*.

CAPÍTULO SEIS

Mila

dépaysement

(N.) quando alguém é levado de seu próprio

mundo familiar para um novo

— Não, SÉRIO, eu POSSO PAGAR meu próprio quarto.

Albert, obviamente, tinha problemas de audição, porque sua expressão estoica não vacilou enquanto ele caminhava pelo corredor do hotel com minha bolsa na mão. Eu segui dois passos atrás do gigante, lutando para acompanhá-lo.

Eu sabia que ele entendia inglês. No caminho, toquei a janela enquanto apreciava a vista e, pelo espelho retrovisor, ele me olhou como se eu tivesse acabado de dar um tapa em sua avó favorita e resmungou para eu não borrar o vidro. Ele seria bonito se enxugasse aquela carranca e não raspasse a cabeça como se tivesse acabado de sair da prisão. Embora, com essa atitude, eu só pudesse assumir que ele estava.

Depois de me levar a um hotel chique, ele entregou ao porteiro de cara séria um maço de dinheiro. O homem mais velho não fez uma única pergunta antes de deslizar uma chave brilhante do quarto na mão de Albert. Parecia um negócio de drogas. Ou um suborno. Eu não poderia estar a par das atividades ilegais de Albert, não importa como as coisas fossem feitas aqui.

— Ouça, eu só quero pagar pelo meu quarto — eu disse, um pouco sem fôlego quando finalmente o alcancei. — Tenho certeza de que você tem muitas outras coisas para gastar seu dinheiro. Cuecas gigantes não podem sair baratas.

Ele quase parecia divertido. Ou constipado? Eu não tinha certeza.

— O chefe está pagando por isso — reclamou.

— O chefe — parecia um pouco formal e estranho. Mas então eu seria a última pessoa a saber sobre o cargo correto de um empregador. O único trabalho que já tive foi trabalho voluntário.

— Sabe, você não se parece com um Albert — disse eu.

Nem um piscar.

— Só estou dizendo que, quando alguém diz 'Albert', as expectativas são formadas. Velhos com personalidades alegres, para ser exata. Você esmagou essas expectativas, Albert.

Ele parou na frente do quarto 203.

— Eu consideraria você mais como um... Igor.

Seus lábios se contraíram em uma leve careta quando ele deslizou a chave na fechadura e empurrou a porta. Naturalmente, eu o segui para dentro.

— Está tudo bem em mostrar seus sentimentos, Igor. Todos nós os temos.

Ele deixou cair minha bolsa perto da cama queen-size.

— Sem falar que homens que choram? *Quente*.

O olhar de nojo em seu rosto era cômico, e eu mordi meu lábio para reprimir um sorriso quando ele passou por mim no caminho para a porta.

— Te vejo mais tarde?

Ele grunhiu e a fechou atrás de si.

Com um suspiro, virei-me para observar o local. O despertador perto da cama indicava que eram apenas nove da manhã. De repente, o jet lag e tudo o mais me atingiu como um caminhão. Eu precisava deixar Ivan saber, que eu estava bem – e eu meio que senti falta de sua voz – mas eu estava cansada demais para descobrir como discar no telefone do hotel, então teria que esperar.

Tomei um banho e esfreguei minha pele em carne viva. Em uma toalha, voltei para o meu quarto e vasculhei minha bolsa em busca de algumas roupas. Uma comoção abafada na rua chamou minha atenção para a janela. Do lado de fora, um ciclista discutia com um taxista descontente, que jogou as mãos para o alto quando o entregador adolescente atirou um jornal em seu carro. Comecei a me virar, mas outra coisa chamou minha atenção.

Um carro preto estava estacionado na lateral da rua. Dedos tatuados pendurados para fora da janela acendendo um cigarro antes que o homem desconhecido o trouxesse de volta à boca. Eu nunca conheci um homem com mãos tatuadas antes de vir aqui.

Deve ser uma coisa russa.

A letargia puxou meus membros, então eu caí na cama sem roupa e fiquei morta para o mundo por sólidas três horas. Quando acordei, foi com um gemido e uma mecha de cabelo ainda úmido na boca.

Removendo as etiquetas de um novo par de jeans boca de sino e uma camiseta vintage, sorri enquanto os colocava. Eles se encaixam bem em mim, acariciando meu corpo com uma forma de algodão de liberdade. Em seguida, sequei e alisei meu cabelo, apliquei brilho labial de morango e vesti o cardigã pesado que usei no lugar do casaco no caminho para cá.

O frio sugou o ar de meus pulmões enquanto eu atravessava a rua até a loja de conveniência mais próxima para comprar um telefone descartável. Talvez fosse a falta de roupas de inverno, mas eu estiquei como um polegar dolorido. Olhos seguiram meus movimentos e fui chamada duas vezes. Não é estranho crescer em Miami, mas achei que alguém até tivesse tirado uma foto minha.

A atenção me fez pensar sobre minha mãe – se ela realmente era tão famosa aqui, e por que meu papa escondeu de mim. Ele não gostava de falar sobre ela. Achei que doía muito, então nunca tive coragem de pressionar o assunto. Mas alguém poderia pensar que ele poderia compartilhar *algo* comigo. O fato de ela ser uma cantora de ópera conhecida, talvez...

Com um novo telefone em mãos, disquei o número de Ivan.

Ele respondeu imediatamente, sua voz cautelosa. — Olá?

— Oi, Ivan. Sou eu.

— Mila — ele respirou. — *Gde ty, chert voz'mi? — Onde diabos você está?*

Eu tinha um pedido de desculpas na minha língua, mas o fato de o alívio em sua voz ser tão palpável como se ele não tivesse fé em mim – mesmo que ele fosse irritantemente preciso neste caso – o impediu de escapar.

— Relaxe. — Estremeci e apertei meu cardigã em volta de mim. — Estou bem.

— Tenho estado muito preocupado com você — ele retrucou.

— Não sei por quê. Obviamente, estou bem. — *Mentira tem perna curta.*

— Onde você está ficando?

A vitrine de uma loja de roupas me atraiu. Um sino tocou quando entrei, e suspirei de alívio com o calor.

— Para ser honesta, não tenho certeza.

— Que diabos isso significa?

— Isso significa que não consigo ler russo, Ivan. — Fui até uma prateleira de roupas para examinar os vestidos. Eu não sabia se haveria uma apresentação na ópera esta noite, mas achei que deveria me vestir para uma. Melhor estar vestida demais do que por baixo, na minha opinião erudita. — Além disso, eu fiquei em um restaurante ontem à noite. Não entendi o nome.

Lentamente, ele perguntou: — Por que você ficou em um restaurante, Mila?

Bem, merda.

— Eu não ia te contar isso — disse eu, e então, antes que pudesse me conter, resmunguei: — Deve ser a concussão.

— O *quê?*

Eu estava realmente me enterrando em um buraco aqui.

Eu mordi meu lábio. — Admito que ontem não foi a situação ideal, mas não tem nada a ver com minha capacidade de cuidar de mim mesma.

— Do que você está falando?

Suspirei, percebendo que teria que contar a verdade a ele, porque nunca fui uma boa mentirosa e não havia a menor chance de ele acreditar na elaborada história que meu cérebro estava pensando agora. Envolvia um ônibus, um gatinho e um senso heroico de identidade.

— Eu vou te dizer, mas você tem que prometer não contar ao meu papa. Eu não quero preocupá-lo.

— Eu prometo — ele ralou.

— Bem, se você quer que eu seja franca... eu fui atacada e talvez quase assassinada.

Silêncio.

— Mas, não se preocupe. Aparentemente, o homem tinha fobia de colares de estrelas e eu fugi. — Empurrei um vestido do cabide para o lado.

Uma colorida maldição russa. — Onde você está?

— Estou fazendo compras.

Eu não contaria a ele sobre meus planos esta noite. Eu sabia o quão bem seria recebido - pelo menos por meu papa, uma vez que Ivan me delatasse. Ivan nunca se importou com quem eu saía. Sua indiferença pisou na minha primeira paixão e fantasia - criada pelos livros sujos da Sra. Marta que eu levei embora quando ela não estava olhando - de um cavaleiro branco em um corcel que decapitaria outros homens só por olhar para mim. Embora,

naquela terra da fantasia, o sangue não espirrasse no ar como uma fonte porque o sangue simplesmente não existia.

Minhas expectativas eram irrealistas, um pouco horríveis e muito ilegais. Mas uma garota pode sonhar.

— Compras? — Ele parecia confuso.

— Sim?

— Você foi atacada e depois se levantou e foi às compras.

— O que você gostaria que eu fizesse? Chorar até dormir?

Talvez eu devesse estar traumatizada, mas, de alguma forma, ainda só me sentia irritada com a situação. Eu esperava que Scarface estivesse tendo um dia horrível.

— Mila... Eu quero que você dê uma olhada. — Um tom de mau presságio surgiu em sua voz. — Tem alguém te observando?

Eu congelei, o cabelo da minha nuca se arrepiou. — O quê? Por que alguém estaria me observando?

— Apenas faça. E não torne isso óbvio.

Com um arrepio subindo pela espinha, eu discretamente olhei ao redor da loja, de algumas mulheres conversando no balcão da frente, para algumas outras experimentando acessórios e examinando prateleiras de roupas. Elas estavam olhando para mim aqui e ali, embora apenas como se eu fosse um turista que não se misturava. Fiquei olhando pela janela da frente, mas não vi nada fora do comum.

— Você sabia que minha mãe era famosa aqui? — Eu perguntei. Talvez ela tivesse um grupo de fãs como Charles Manson?

Ele suspirou.

— Você sabia, não é? — Eu acusei. — Por que você não me diria algo assim?

— Porque você teria ido cavar onde não pertence.

— Não pertence? Ela era minha mãe!

— Por que você não fala um pouco mais alto, para que toda a cidade possa ouvi-la? — Ele repreendeu.

— Quem se importa se eles fizerem isso?

— Eu quero que você fique em algum lugar público até que eu vá buscá-la.

O tom de sua voz fez minha garganta parecer espessa. — Ivan, você está me assustando.

— *Bom.* Agora, entregue a uma das vendedoras o seu telefone para que eu possa descobrir onde você está.

Dei um passo na direção do balcão da frente, mas algo me impediu. — Não estou pronta para ir para casa.

— Isso não é sobre o que você quer...

— Não, nunca é, não é? — Minha voz aumentou. — Eu sei sobre a outra família do meu papa. Você não precisa mais me assustar para voltar para casa e guardar o segredo. Pela primeira vez, estou pensando em mim.

Silêncio.

— Mila...

— Adeus, Ivan.

— *Mila...*

Eu terminei a ligação.

Com um bufo, empurrei um cabide na prateleira para o lado. Recebendo outra ligação dele, desliguei o telefone e coloquei no bolso, mas suas palavras agourentas ainda tocavam em uma bobina no fundo da minha mente.

CAPÍTULO SETE

Mila

la vie en rose

(N.) vida através de óculos cor de rosa

MEU VESTIDO ERA AMARELO E fluía com um corpete trabalhado em marrom. Era modesto, exceto pela polegada que mostrava da minha barriga e a fenda na coxa. Os saltos que eu usava eram claros e brilhantes, amarrando até a metade das minhas panturrilhas para mostrar minhas melhores características. Eu era a rainha dos rabos de cavalo, mas optei por deixar as mechas esticadas para baixo e, como sempre, apliquei uma leve quantidade de maquiagem.

Eu estava pronta uma hora mais cedo e passei o resto do tempo mastigando meu lábio com gloss e andando para frente e para trás. Os nervos nadaram em meu estômago, deixando-me tonta. Eu deveria ter comido algo antes, mas tinha o hábito doentio de esquecer até que a comida fosse colocada na minha frente.

Não acreditei que Ronan pensasse nisso como um encontro, mas não pude evitar o sussurro de antecipação que apertou meus pulmões. Uma parte muito estúpida e romântica de mim tinha corações nos olhos. Não importava o fato de que eu logo aceitaria uma proposta arcaica de um homem que provavelmente estava transando com alguma herdeira do petróleo texano agora.

Ronan bateu na porta às oito em ponto.

Ele consumiu toda a porta. Olhos escuros, ombros largos e linhas pretas suaves. Ele preenchia um terno melhor do que qualquer homem que eu já vi, embora sua presença parecesse sobrecarregar as costuras como se elas mal pudessem contê-lo.

Nós apenas nos encaramos por um segundo a mais do que confortável, e quando minha respiração começou a desacelerar sob seu silêncio penetrante, forcei uma palavra a sair dos meus lábios.

— *Privet*. — *Olá.*

Ele ergueu uma sobrancelha. — Então você sabe um pouco de russo?

Um rubor subiu pelo meu pescoço. — Um pouco.

Saí, fechando a porta atrás de mim. Ele não se moveu para trás como eu esperava que fizesse, e isso deixou apenas alguns centímetros entre nós. Estávamos tão perto que não conseguia respirar. Tão perto, amarelo e preto quase tocando. Tão perto que eu poderia beijá-lo com uma pequena subida na ponta dos pés. Com saltos de dez centímetros, fiquei ao nível dos olhos em sua boca, o que o colocou em um sólido 1,95 metro.

— Você é meio alta para uma garota — ele meditou, olhando para mim.

Eu soltei uma respiração superficial. — Obrigada.

Quando ele riu baixinho, suspirei em minha mente. Minha paixão não poderia ser mais clara se eu acenasse um “EU TE AMO!” como uma fangirl em um show de boy band.

Enquanto caminhávamos pelo corredor, eu disse a ele: — Você não precisava pagar pelo meu quarto.

— Eu queria. — Ele disse isso como se quando quisesse fazer algo, ele o faz, e eu nem deveria estar questionando-o. Foi um pouco intimidador, então não pressionei mais o assunto.

— Bem, obrigada... por tudo.

Ele virou a cabeça para mim, e o olhar em seus olhos era pensativo, mas também tingido com algo tão profundo que meu batimento cardíaco tropeçou sozinho. Ele não disse nada até que saímos e eu estremeci quando o frio percorreu meu cardigã transparente.

— Onde está o seu casaco?

Eu deveria ter comprado um enquanto eu estava fora hoje, mas o telefonema de Ivan e o talvez encontro iminente empurraram a necessidade para o fundo da minha mente.

— Eu perdi isso... noite passada.

Seus olhos brilharam com a lembrança e depois com a escuridão. Ele tirou o paletó de lã e colocou-o nos meus ombros. Era pesado e cheirava tão bem que meu sangue esquentou, descendo para um ponto entre minhas pernas. Ele usava uma camisa social e colete por baixo, mas ainda assim, era um frio muito forte que queimava meus pulmões a cada respiração.

— E você? — Eu perguntei.

Uma pitada de diversão tocou sua voz. — Como você disse, *kotyonok*, sou muito russo.

Que bobagem da minha parte pensar que esse homem poderia ficar com frio. Ele era uma força negra da natureza, aquecida por testosterona e músculos. Ele provavelmente era quente o tempo todo.

Albert encostou-se a um carro na calçada fumando um cigarro. Ronan abriu a porta dos fundos e estendeu a mão para mim enquanto dizia algo em russo, sua atenção em Albert. Quando eu apenas encarei a mão que ele ofereceu, seu olhar veio em minha direção. Minha respiração superficial embaçou na frente do meu rosto enquanto eu deslizava minha mão na dele. Pele marfim e a bronzeada. Unhas francesinhas e tatuagens. Macio e áspero. A diferença aumentou em câmera lenta. Olhos escuros, ligeiramente estreitados, caíram em nossas mãos antes que ele me ajudasse a sair do meio-fio e entrar no carro.

O silêncio e a presença dele encheram o banco de trás. O braço de Ronan roçou no meu, o pequeno contato tomando conta de todo o meu corpo. Uma corrente elétrica chiou como aquela lata verde de refrigerante no espaço entre nós.

Ele manteve seu olhar para fora da janela, mas eu não conseguia parar de beber. Como sua camisa e colete se ajustavam a seu corpo como uma segunda pele. A forma como o tecido preto moldava seus braços e peito grossos. Cada centímetro dele parecia duro e formidável. Um calor curioso dentro de mim ansiava por correr minha mão pelo estômago desse estranho e descobrir se era tão apertado quanto parecia. Nunca havia sentido uma atração como essa, e minha inexperiência ameaçou borbulhar como uma panela de água fervente.

Durante a viagem, ele não olhou na minha direção nenhuma vez. Eu me perguntei se ele sentiu alguma coisa que eu senti, ou se ele apenas me viu

como uma responsabilidade de dezenove anos.

Paramos no meio-fio de um prédio silencioso com portas douradas e iluminação fraca. Não parecia o nosso destino, mas segurei minhas perguntas enquanto Ronan abria a porta para mim. Era uma loja de departamentos, com piso de mármore e um lustre brilhante, e estava vazia, exceto por uma vendedora de olhos arregalados que estava atrás de um balcão de vidro.

— Eu acho que eles estão fechados — eu disse calmamente.

Um canto de seus lábios se curvou. — Escolha um casaco, *kotyonok*.

Eu o encarei por um momento, minha respiração desacelerando de surpresa. *Pegue alguns marcadores para essa fangirl*.

Com os saltos batendo no mármore, caminhei em direção a um cabideiro e passei a mão por um casaco de visom tão macio que desafiava meus princípios. Qualquer coisa aqui custaria uma fortuna absoluta. Eu não ficaria surpresa se encontrasse três zeros na etiqueta de preço.

De costas para ele, eu disse: — Espero que turistas atacados não acabem na sua porta com frequência, porque isso está se tornando um empreendimento muito caro.

Sua única resposta foi um sorriso que senti na minha espinha.

Virei-me para dizer a ele que não podia aceitar isso, mas quando meu olhar encontrou o dele, minha respiração se torceu em um nó, o espaço entre as batidas do meu coração disparou como um fio quente. As mãos de Ronan repousaram nos bolsos, seu relógio brilhando na luz fraca. Seus olhos queimavam profundamente, *escuros*, intimidantes, mas eu sabia, de perto, eles eram de um azul fascinante.

Engoli. — Não posso deixar você me comprar um casaco. É muito.

Seu olhar cintilou com desagrado. — Ninguém me diz o que posso ou não posso fazer.

Eu acreditei nele com cada célula minha.

O *que* ele faz exatamente?

Mordi meu lábio e admiti: — Eu não uso peles.

Ele levantou uma sobrancelha e disse lentamente: — Não me diga que você também é vegetariana.

— Ah... — Eu dei a ele um sorriso de desculpas. — Vegana.

Ele me olhou pesadamente, como se eu fosse uma raça estranha de mulher. Seu olhar me deixou tensa, então me distraí examinando as prateleiras de roupas. Nada tinha uma etiqueta de preço, para minha consternação. Ou *alívio.*

Passei a mão por um casaco branco de pele falsa que devia ser o mais barato do lote e disse: — Este aqui.

Seus olhos se estreitaram - aparentemente, ele estava atrás de mim - mas ele não expressou sua desaprovação.

No caminho de volta para o carro, uma rajada caiu sobre meus cílios. Parei na calçada e ergui os olhos para o céu para ver a neve cair pela primeira vez. Era como se alguém lá em cima tivesse rasgado seu vestido de noiva e deixado os pedaços de tule flutuando no chão. Peguei um floco na palma da mão, estudando como ele derretia na minha pele em segundos.

Olhando para cima, percebi que Ronan me observava e o calor subiu ao meu rosto com sua atenção. Reprimindo o impulso pouco feminino de pegar um floco de neve com a língua, continuei caminhando para o carro.

Chegamos ao Moskovskiy dez minutos depois. Casais elegantemente vestidos passavam pelas portas da frente, de mãos dadas. Minhas palmas e pescoço coçaram quando alguns diminuíram o passo para olhar para nós, os olhos na minha pele trazendo de volta o aviso anterior de Ivan. Arrepios percorreram meus braços sob meu casaco grosso. Ronan nem mesmo vestiu o paletó.

Seu sangue russo, eu suponho.

Entramos, e observei o teto alto pintado e a moldura de ouro. Era lindo, e me perguntei se minha mãe estava exatamente neste lugar.

— Você nunca foi à ópera? — Ronan perguntou.

Eu balancei minha cabeça. — Nunca.

Com os olhos no lustre cintilante, segui-o pelo teatro, subi os degraus de mármore e desci um corredor, onde um atendente de colete vermelho silenciosamente abriu a porta de um camarote particular que dava uma visão perfeita do palco. As portas simplesmente se abriram para este homem, enquanto outros convidados pareciam exigir o uso de suas próprias mãos comuns para ter acesso ao interior.

— Você é um político? — Minha curiosidade se esvaiu quando entrei no camarote aquecido, mas pensando bem, não tinha certeza de que tipo de político frequentava um restaurante sujo no lado errado da cidade usando um Audemars Piguet no pulso.

Ele sorriu. — Não.

Foi a única resposta que recebi antes de sentarmos e observarmos as pessoas entrarem e tomarem seus lugares abaixo. No silêncio confortável, mas elétrico, minha atenção se prendeu em seus dedos tocando o braço da poltrona, o corvo preto tão perto de minha própria mão imaculada. Tive a sensação de que ele entendeu o que eu disse a ele ontem à noite, e isso só foi confirmado quando ele disse uma única palavra agora.

— *Nunca mais*.

Ronan puxou seu olhar para mim e piscou.

Ele tinha tatuagens nos dedos e acabou de citar um poeta famoso. Isso me fez sentir ridiculamente quente. Tão quente que tirei o casaco de pele da nuca, mas o rubor só se espalhou ainda mais quando seu olhar iluminou uma linha de fogo pela pele exposta, deslizando sobre minha clavícula para se estabelecer no pingente de estrela entre meus seios.

Um assistente de teatro entrou no camarote, dissipando a espessa tensão no ar como fumaça. Ele pegou nossos pedidos de bebidas, que parecia ser um serviço que só estávamos experimentando.

— Kors. Gelado – Ronan respondeu por nós dois.

— Só vou beber água, por favor — rebati.

O atendente não parou enquanto corria para cumprir as ordens de Ronan. Sozinho novamente, Ronan me lançou um olhar seco.

— Você está na Rússia, *kotyonok*.

E esse foi o fim de tudo.

Aceitei um copo de líquido claro sabendo que não era água. Em casa, eu só bebia uma taça de champanhe ocasional, além de um único incidente bêbado com uma garrafa de UV Blue e 7UP.

Demorou uma noite em um iate que balançava na água e um presunçoso ousava saber que o álcool e Mila Mikhailova não se misturavam. Tirei o modesto maiô que papa aprovou antes da festa e depois mergulhei da proa do barco em mar aberto, aplausos masculinos engolidos pelas ondas do Atlântico. Ivan acabou me carregando para casa, resmungando sobre como eu era pesada durante todo o caminho, e uma vez lá, a reprimenda severa e silenciosa que recebi de meu papa matou meu zumbido com o impacto.

Eu girei o líquido com uma carranca, a repreensão de meu pai de alguma forma ainda me assombrando, embora, aos olhos dele, entrar em um avião para Moscou fosse muito pior do que nadar nua.

— Você é a primeira mulher que vejo franzir a testa para um copo de vodca de dez mil dólares.

Meus lábios se separaram em choque, e olhei para Ronan para ver uma luz preguiçosa em seus olhos. Ele aparentemente aprendeu que eu ficaria horrorizada em saber – quanto mais *beber* – algo que ele comprou para mim e que custou tanto. Esta foi a sua vingança por eu ter escolhido um casaco barato.

Eu o encarei em realização.

Ele olhou de volta.

— Você sempre consegue o que quer? — Eu perguntei corajosamente.

Sua resposta foi um tilintar de seu copo contra o meu. — *Na zdorovie.* — *Felicidades.*

Eu não ganharia essa, mas também não queria me torturar bebendo o copo de bebida alcoólica. Eu joguei de volta de uma vez.

Mantendo os olhos no palco, Ronan riu baixinho enquanto eu tossia e engasgava com a queimadura em minha garganta.

Com o álcool se assentando como fogo no meu estômago, algo mágico eletrificou o ar e varreu o silêncio da multidão quando as cortinas se abriram e a apresentação começou.

A ópera era chamada de *Rainha de Espadas*. Como era em russo, e meu filtro do cérebro à boca estava prejudicado por dois dedos de um milhão de bebidas alcoólicas, fiz muitas perguntas. Ronan não parecia se importar, muitas vezes traduzindo o que acontecia depois de um gole de vodca que saboreava na língua de uma forma tão impassível que parecia água.

— Ficarei desapontada se eles não morrerem — anunciei para a bagunça no palco.

Um canto de sua boca se curvou. — Eu pensei que você seria o tipo de garota que esperava um feliz para sempre.

Meu felizes para sempre veio nos lábios de uma cartomante louca e, infelizmente, desisti dos contos de fadas e das superstições há muito tempo. Com os olhos fixos no palco, puxei meu pingente estrela para frente e para trás, a calmaria aquecida da vodca na minha barriga suavizando minhas palavras. — Eu acredito em felizes para agora. Eles são... reais. Único. — Soltando meu colar, olhei para ele, calor e leveza permeando cada célula de mim. — Eu gosto de algo único.

Sentei-me em uma cadeira de veludo vermelho no coração de Moscou, segurando o olhar daquele homem através das vibrações da soprano de um cantor de ópera, cheia de vodca e fascinação, e foi o melhor felizes-por-agora que já experimentei.

Quanto mais nos encaramos, mais rápido a intoxicação se espalhou pela minha corrente sanguínea. Com os olhos semicerrados nos dele, descansei minha cabeça no encosto da cadeira.

— Estou com sede.

— Você está bêbada. — Era praticamente uma acusação.

Rindo baixinho, eu disse: — Você me fez beber.

— Eu não sabia que você aceitaria como um juramento de fraternidade.

Eu sorri com o visual vindo de seus lábios. — Você não pode ter tudo do seu jeito.

A expressão que ele me lançou disse que ele absolutamente podia, e a faísca seca e autoritária apenas roubou a umidade restante da minha boca.

— Tão sedenta — ecoei com uma cadência suave e lânguida.

Ele me encarou por um momento, pensativo e com algo mais escuro que uma noite nublada, depois me entregou o copo, que já estava cheio. Achei que ele fosse estalar os dedos e uma Perrier apareceria em uma bandeja de prata, mas não reclamaria de compartilhar com ele. Tomei um gole de vodka que não queimou tanto quanto seus olhos. Depois de devolvê-lo a ele, voltei minha atenção para o palco para assistir e ouvir silenciosamente a voz hipnótica de Liza.

Ou eu estava mais bêbada do que pensava, ou Liza ficava olhando para mim por entre as falas. Ela era linda, com longos cabelos negros e aparência exótica. Demorou um pouco para perceber que ela não estava olhando para mim, mas para Ronan.

CAPÍTULO OITO

Mila

basorexia

(N.) o desejo irresistível de beijar

DURANTE O INTERVALO, UM DOS atendentes teatro deslizou um pedaço de papel na mão de Ronan. Ele leu e colocou no bolso. Chame de intuição, mas eu sabia que Liza escreveu a nota.

Quando as cortinas se fecharam e as luzes se acenderam, seguimos pelo corredor até a saída, mas algo me fez parar. Um retrato na parede em uma moldura de ouro berrante. O cabelo da minha mãe estava em um penteado elegante, seus olhos brilhando com uma luz animada. Ronan esperou atrás de mim, e se ele percebeu a semelhança misteriosa, ele não disse nada.

Eu engoli e o segui para fora do teatro.

Minha mãe se apresentou aqui. Agora eu sabia com certeza, talvez pudesse voltar e questionar alguns dos funcionários amanhã. Alguém precisava saber se ela tinha família e onde eu poderia encontrá-los.

Tendo vencido a maioria da multidão do lado de fora, passamos pela bilheteria antiquada, onde minha atenção se concentrou em uma mulher idosa sentada no chão enrolada em um cobertor fino e esfarrapado. Seus olhos estavam cheios de loucura e, enquanto seguravam os meus, seu sussurro gutural e aterrorizado chegou aos meus ouvidos.

— *D'yavol*.

O cabelo na minha nuca se arrepiou, minha respiração uma baforada irregular de vapor. Eu parei e me virei para olhar por cima do ombro como se um demônio de chifre vermelho estivesse parado atrás de mim, mas Ronan agarrou meu braço.

— Você está segurando a fila, *kotyonok*.

— Desculpe — eu murmurei.

Não pode ser isso que ela disse, não é? Uma concussão fez você alucinar?

Chegamos ao carro, mas hesitei. — Sinto muito — eu disse. — Eu volto já.

Virando-me, lutei contra a multidão de volta à bilheteria. Quando a velha senhora me viu chegando, seus olhos se arregalaram de medo. Ela começou a se levantar, mas tentei tranquilizá-la.

— *Nyet... druz'ya*.

Pensei ter dito “amigos”, mas ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer que éramos tios, o que era irritantemente possível. Eu me agachei em meus saltos e casaco de pele na frente dela, tirei alguns rublos da minha bolsa e os ofereci. Eu gostaria de poder dar a ela todo o meu dinheiro, mas sabia que se puxasse o dinheiro de um caixa eletrônico, Ivan me encontraria e me obrigaria a voltar para casa. Eu não estava pronta para ir ainda.

A mulher olhou os rublos com cautela por um momento, mas então, como se ela achasse que eles poderiam desaparecer, ela os arrancou da minha mão. Suas mãos estavam vermelhas e em carne viva, e com uma rajada de vento, um arrepio a sacudiu. Eu mordi meu lábio em contemplação.

Oh, dane-se.

Tirei o casaco e coloquei em seus ombros. Ele engoliu seu pequeno corpo. Eu não sabia como Ronan se sentiria sobre eu dar a uma louca sem-teto um casaco de luxo que ele acabou de me presentear, mas minha consciência não me deixaria dormir em uma cama quente esta noite enquanto ela estava aqui fria.

Ela correu as mãos sujas sobre o pelo branco, uma expressão de espanto no rosto. — *Anjo*, — ela respirou. — *Ty*[9], *anjo.*

Sua crença de que eu era um anjo me fez sentir melhor sobre o comentário sobre *D'yavol*. Talvez sua mente estivesse presa em um episódio de *Supernatural*.

Evitei o olhar de Ronan no caminho de volta para o carro, nervosa com sua reação e desejando que ainda estivesse tonta. Albert se encostou na porta do passageiro, observando-me com olhos cautelosos e fumando outro cigarro.

— Isso vai te matar, você sabe.

Ele levou o cigarro aos lábios e inalou profundamente.

Eu levantei uma sobrancelha para o desafio. — Continue fumando assim, e você vai quebrar o coração de muitas garotas quando partir.

Ele grunhiu.

Eu finalmente trouxe meu olhar para a expressão ilegível de Ronan. O assistente de teatro que nos serviu bebidas correu e disse algo baixinho para Ronan, cujos olhos baixaram. Eu pude ver um toque de aborrecimento neles.

— Eu já volto, *kotyonok*. — Seu olhar escuro vagou pelo meu corpo, acariciando e incendiando cada curva envolta por um tecido amarelo fino. — Espere no carro. Você não está usando casaco.

Ele caminhou em direção às portas do teatro, o atendente de colete vermelho seguindo atrás como um cachorro de colo. Ronan se destacava na multidão, não apenas porque as pessoas se abriram como o Mar Vermelho para deixá-lo passar, mas por causa da maneira suave e poderosa com que ele andava, como se fosse o dono do pavimento sob seus pés. A visão de sua silhueta escura entre rajadas que caíam enviou algo denso e lânguido a cada nervo sob minha pele, como o *bipe* constante de um coração em suporte de vida.

Sentindo-me insegura, virei-me para Albert, que realmente revirou os olhos para mim. Claramente, eu não fazia muito segredo sobre verificar seu chefe. Minhas bochechas estavam vermelhas de frio, mas meu sangue fervia, então me inclinei contra o carro ao lado dele. Meu braço roçou o dele, e ele me olhou como se eu o tivesse desafiado para um concurso de cuspe.

Eu levantei uma sobrancelha. — Se você continuar me olhando assim, vou pensar que você tem uma queda por mim.

— Ele disse para você entrar no carro.

— Ele é muito mandão, não é?

Ele não confirmou nem negou, apenas olhou para frente e soltou uma baforada de fumaça.

— Pergunta séria — eu disse severamente — e responda com cuidado, porque este é o fator decisivo para saber se você e eu podemos ser amigos.

— Depois de uma longa pausa para ter certeza de que ele conhecia a gravidade do assunto, perguntei: — Time Duckie ou Time Blane[10]?

Seus olhos estreitados vieram até mim. — Eu não falo qualquer que seja essa língua.

Eu sorri. — Cultura pop? Os filmes dos anos 80 estão de volta, você sabe.

Ele parecia estar com dor de cabeça e eu não pude conter a pequena risada.

Depois de um momento, perguntei: — Você tem namorada?

— *Nyet*.

— Considerando seu excelente uso da linguagem, não vejo como isso é possível.

Ele não respondeu, ficando em sua altura incrível. Ele deve ter 2 metros. Eu me senti obscenamente alta durante toda a minha vida, e era bom ser o mais baixo do grupo, para variar.

— Eu tenho uma amiga, Emma, que ama os gigantes, tipos grunhindo — eu disse a ele. — Diz que eles têm os centros mais macios e fofos, e ela só quer escalá-los como uma árvore.

Nem um piscar.

Suspirei. — Você pode me ouvir bem aí de cima?

Algo próximo à diversão passou por seus olhos e uma brasa de sucesso me encheu, então continuei.

— Somos voluntárias no abrigo para sem-teto todas as terças à noite. — Esfreguei meus braços, sentindo o arrepio gelado rastejar quando percebi

que a mulher louca havia desaparecido como um fantasma na noite. — Seus hobbies incluem tricô, scrapbooking e gatos. — Eu ri da onda de repulsa de seus lábios. — Pense só, ela poderia tricotar para você um suéter de Natal bem grande com sininhos presos.

Como se isso o tentasse, seu olhar frio veio em minha direção.

— Basta dizer uma palavra, e eu armarei para vocês — eu disse. — Os relacionamentos à distância sempre constroem as melhores bases para o amor.

Ele me olhou como se estivesse pensando seriamente nisso, mas então perguntou casualmente: — Ela gosta de ser amordaçada e espancada?

Ele estava tentando me chocar e funcionou. Não pude evitar o rubor do meu rosto, o que finalmente evocou um pequeno sorriso. Evidentemente, apenas meu constrangimento teria uma reação deste bastardo gigante.

— Hum, não tenho certeza, mas posso perguntar.

— Faça isso. — Ele jogou a ponta do cigarro na calçada.

— Ei — reclamei. — Nós só temos um planeta, Albert.

Ele olhou para mim como se eu estivesse louca quando apaguei antes de pegar. E então como se eu fosse realmente certificável quando coloquei no bolso do seu casaco.

— Você quer viver em Marte? — Eu perguntei. — Porque eu não quero.

— Tem certeza de que não é de Marte?

— Ha ha. Eu li piadas melhores no livro de piadas que nossa cozinheira Borya mantém ao lado do banheiro.

Isso me rendeu uma risada real, uma que ficou sóbria tão rápido quanto veio, porque Ronan estava atrás de mim nos observando como se fôssemos ambos marcianos que o desagradaram.

Ele abriu a porta do carro e eu deslizei para o banco de trás. Quando ele se sentou ao meu lado, o silêncio pressionou meu peito. Ronan nem estava olhando para mim, mas para fora da janela, embora sua presença irritasse minha pele. Ele não precisava dizer isso para eu saber que não estava feliz por eu ter dado meu casaco. Tive a sensação de que não tinha nada a ver com o dinheiro, mas com algo totalmente diferente.

— Eu sinto muito. — Engoli. — Sobre o casaco.

Seu olhar encontrou o meu, pesquisador e pensativo, o peso disso atordoando meu corpo com uma energia nervosa. — Você gosta de desculpas.

Eu abri minha boca para dizer algo, mas, consumida pela desaprovação silenciosa desse homem que rivalizava com a do meu papa, o que saiu foi — Desculpe.

— Não sinta — disse ele. — Você não deve dar a mínima para o que as outras pessoas pensam. Acredite em mim, eles não se importam com você.

Por algum motivo, suas palavras pareceram um aviso.

Ele era um enigma vestido de Valentino com “foda-se” nos lábios... não sei por que achei o contraste atraente. Talvez a novidade e a honestidade disso.

— Essa é uma visão muito pessimista.

Ele lutou contra um sorriso como se o que eu disse fosse fofo. — É uma visão realista.

Parecia que eu precisava provar que ele estava errado, para convencê-lo que nem todo mundo estava atrás dele. Posso não acreditar em finais mágicos e felizes para sempre, mas vi a bondade em suas formas mais puras. Eu tinha visto um homem dar a camisa que tirou do corpo para alguém que precisava mais. Eu vi mães caminharem quilômetros para garantir que seus filhos fossem alimentados. Havia coisas boas neste mundo, e essa era uma colina na qual eu morreria.

— O garoto naquela foto em seu escritório, aposto que ele se preocupa com você.

Havia algo entre eles – dois meninos sujos e sem-teto na rua – que gritava lealdade.

— E quem se importa com você?

Eu não hesitei. — Meu papa. — Eu sabia que era verdade. Não importando os segredos que ele escondeu de mim e as ansiedades de abandono, eu sabia que ele me amava.

Ronan encontrou algo desagradável em minha resposta. — Você tem um coração mole.

Não disse nada porque, por mais irritante que às vezes pudesse ser, era verdade.

— Não — ele disse, como se eu pudesse simplesmente mudar isso. — Os moles são mais fáceis de quebrar.

Eu me perguntei quem deu a este homem uma visão tão cansada da vida, que o jogou na rua fria. O que quer que tenha acontecido com ele, ele ainda era gentil e generoso, e eu não pude deixar de achar isso incrivelmente atraente.

— Os moles são os mais leais — rebati.

— E ingênuos.

— Se você quer dizer *confiam*, sim.

— Eu quis dizer ingênua — ele brincou.

— Não é crime procurar o melhor nas pessoas.

Albert grunhiu do banco do motorista, aparentemente escutando.

Eu levantei uma sobrancelha. — Se o mundo está tão ruim, então por que você me ajudou, uma estranha?

Minhas palavras estrangularam o ar enquanto nos encarávamos. Tive que desviar o olhar – precisei ceder ao impulso físico para desviar o olhar antes que um *clique* ou um *pop* soasse contra minha cabeça – mas não o fiz. Eu não queria. De alguma forma, isso se tornou um desafio. Ele não gostou.

Ou talvez ele simplesmente não estivesse acostumado com isso.

Seu olhar se estreitou. — Não jogue jogos que você não pode vencer.

— Eu não sou uma perdedora ruim — eu disse, não querendo desistir ainda.

— Você é a garota propaganda do altruísmo, não é?

— Claro que não. — Muitas coisas disseram o contrário, mas a defesa que escapou soou superficial aos meus próprios ouvidos. — Às vezes como

laticínios quando não há outra opção.

Como se ele não pudesse evitar, ele riu suavemente. — Esse é um assunto preocupante, *kotyonok*. Acho que não vou conseguir olhar para você da mesma maneira de novo.

Tudo o que entendi disso foi que ele pode querer me ver novamente.

Eu ignorei o rubor irritante em minhas bochechas, mas ele deve ter notado porque sua expressão ficou sombria.

— Você é muito doce para o seu próprio bem.

— Você pode ter alguns. Há muito para circular. — A oferta me escapou sem um único pensamento sobre como ela poderia chegar.

Toda a brincadeira no ar afogou-se sob a intensidade de seus olhos. Seu olhar me queimou com a quente lambida de uma chama. Meu coração apertou com a tensão, resolução vacilante. Mas então ele passou o polegar sobre a cicatriz em seu lábio inferior e desviou o olhar.

Eu soltei a respiração que estava segurando, um sorriso puxando meus lábios.

Ele nem mesmo olhou na minha direção, mas deve ter sentido meu triunfo, porque disse com humor seco: — Mas não é uma vencedora tão graciosa.

A diversão encheu meu estômago novamente, mas, de repente, com o movimento do carro, uma onda de tontura me atingiu.

Ele percebeu, é claro. — Quando foi a última vez que você comeu?

Eu mordi meu lábio. — Esta manhã.

Seus olhos brilharam com desaprovação, provavelmente porque foi a refeição que eu comi apenas metade em seu escritório. — Você costuma passar fome?

Eu fiz uma careta. — Não. Eu simplesmente esqueço às vezes.

— Você está com fome de que?

Qualquer coisa, mesmo. Mas uma coisa me veio à mente.

— Batatas fritas.

Ele sorriu. — Uma garota tão americana.

Cinco minutos depois, eu tinha um recipiente quente de batatas fritas na minha mão. Comi os pedaços salgados do céu com gosto. Ele me observou comer, dando-me mais atenção do que deu à ópera que acabamos de assistir, e isso fez meu coração disparar no meu peito.

Ofereci uma a ele, o que o irritou.

— Pare de dar as coisas que eu compro para você.

Para esconder um pequeno sorriso, mordi a batata frita ao meio.

Seus olhos caíram para a minha boca e calor derramou pelo meu corpo enquanto eu lambia o sal dos meus lábios. As íris de Ronan eram de um preto desolador quando ele desviou o olhar.

Passamos o resto da curta viagem em silêncio. Sua mão repousava em sua coxa, e eu nunca estive mais ciente das mãos de um homem em minha vida. Aposto que tocariam em uma mulher com segurança, com confiança... talvez até um pouco mais ou menos. Com o pensamento, a coxa aparecendo através

da fenda em meu vestido vibrou com hipersensibilidade. Arrepios se espalharam pelo meu corpo onde minha perna roçou a dele, e o olhar estreito de Ronan observou o contato, um dedo tatuado tocando em sua perna.

A lata de refrigerante de um carro estourado e *fizzed.*

Meu corpo ficou quente quando o imaginei deslizando a mão por sua pele nua e por baixo do meu vestido. Só a ideia disso me atingiu como uma droga, uma energia quente e inquieta se expandindo em meu sangue.

Embora, eu soubesse que ele não me tocaria. Não sou *ingênua* e inocente. Eu sabia que se quisesse que ele me visse de forma diferente, séria, teria que resolver o problema com minhas próprias mãos. Eu teria que ser ousada, como *Liza.*

Sabendo que um bilhete dela estava em seu bolso oferecendo muito provavelmente algum tipo de proposta sexy e o fato de que ele poderia ter me deixado no carro para ir encontrá-la, me fez sentir estranhamente... *ciumenta.* Um nó desconfortável torceu e girou dentro de mim, e aquela sugestão de fogo verde me deu uma onda de bravura.

Bem, uma corrida morna de bravura.

Enquanto ele me levava para o meu quarto, os nervos dançaram e causaram estragos no meu estômago. Minhas mãos estavam úmidas, então as limpei no vestido.

— Você não me disse o que faz — eu disse do nada para me distrair, porque aquele pouco de bravura morna ficava mais fria a cada passo mais perto da minha porta.

Ele estava dizendo algo um passo atrás, mas não consegui ouvir uma palavra. Meu coração bateu forte na minha garganta, o sangue correu para a superfície da minha pele, e então, eu fiz isso.

Eu me virei e o beijei, no meio da frase.

Foi ligeiramente descentrado. Sem prática. Nossos dentes tilintaram.

Eu me afastei para ver seus olhos brilhando com diversão seca enquanto ele limpava o canto da boca com o polegar. Mas eu estava com muito *calor,* muito alto no pequeno contato de nossos lábios para ficar envergonhada com o fracasso total que foi.

— *Kotyonok*. — Ele puxou a palavra em um aviso baixo. — Você sabe o que está fazendo?

Não.

De modo nenhum.

Eu balancei minha cabeça.

Ele me observou. — Você costuma beijar seus encontros assim?

Então, *foi* um encontro?

Eu balancei minha cabeça novamente e disse sem fôlego: — Você é o primeiro.

A diversão em seus olhos se transformou em prazer. *Calor.* Algo embebido em intensidade e satisfação. Ele deu um passo à frente, forçou minhas costas para a porta e pousou as mãos na moldura acima da minha cabeça. Meu pulso era um *assobio* distante em meus ouvidos, oprimido pelo tremor que

percorreu minha pele e a proximidade de seu corpo. Não consegui encontrar ar suficiente para respirar.

Sua voz ressoou calor, um estrondo pensativo tão perto da minha boca que eu podia sentir o gosto. — Sempre adorei chegar primeiro.

Então seus lábios tocaram os meus, suavemente, apenas um sussurro. Como se eu fosse muito jovem, muito inocente para lidar com qualquer outra coisa.

Uma fúria de calor caiu em meu núcleo com o toque mais leve de sua boca na minha. Eu precisava de mais.

Portanto, *muito* mais.

Toquei seu rosto, passei a mão em sua bochecha e em seu cabelo e puxei seus lábios com mais força contra os meus. Ele não gostou disso, e ele me disse mordiscando meu lábio inferior. A raspagem de seus dentes moveu um ruído desesperado por minha garganta. Eu pensei que ele poderia se afastar, conflito e minha respiração pesada entre nós, mas ele desenhou em meus lábios docemente, primeiro o lábio superior e depois o inferior.

Cada centímetro de mim vibrou sob a superfície, zumbia e inflamava sempre que meu corpo tocava o dele. Eu rolei meus quadris e arqueei mais perto dele, sentindo um calor incrível além de seu terno preto caro, e então lambi o interior de sua boca. Como um reflexo, ele chupou minha língua. Calor, pequenas pontadas de calor, me consumiram de dentro para fora.

Ele se afastou para dizer asperamente: — *Ty dazhe na vkus sladkaya.*

Eu não tinha ideia do que significava, mas não me importei o suficiente para perguntar. Eu só queria a pressão de sua boca de volta na minha. Eu cedi ao desejo de deslizar minha língua pela cicatriz em seu lábio inferior.

A lambida saturou o ar como algum tipo de pecado carnal sujo.

Com um olhar sombrio, ele fechou a pequena distância e eu me perdi. Qualquer reserva nele derretia com cada toque e mergulho, cada toque de nossos lábios. Cada beijo foi mais duro, mais úmido do que antes. Uma chama queimou através de mim enquanto eu desenhava minhas unhas cegas em suas costas. Ele rosnou baixo em sua garganta, e o deslizar lento de sua boca tornou-se áspero.

Ronan se aproximou, pressionando sua ereção contra minha barriga. Quando seus lábios se moveram para minha garganta, minha cabeça caiu contra a porta com um gemido. Suas mãos permaneceram apoiadas na moldura acima de mim. Quente e molhado, ele beijou um caminho no meu pescoço que desencadeou faíscas no fundo do meu núcleo. Minha visão ficou turva, uma pulsação pesada batendo entre minhas pernas. Eu era uma bola de fogo combustível queimando mais quente a cada segundo.

Ele arrastou seus lábios pela minha clavícula e beliscou a carne macia acima do meu corpete. Meus mamilos se contraíram com a proximidade e o calor de sua boca. Eu estava perdendo minha cabeça neste corredor; de repente, faria qualquer coisa para ele puxar meu vestido para baixo, desnudar meus seios e colocar sua boca neles.

Minhas mãos estavam sobre ele: seu rosto, seu cabelo, agora deslizando para baixo do colete para sentir seu estômago, que *estava* tão apertado quanto parecia.

— *Toque-me* — eu implorei.

Suas mãos não se moveram acima da minha cabeça, mas como se soubesse do que eu precisava, ele pressionou sua coxa entre as minhas. Bem contra

meu clitóris. Eu ofeguei, uma onda de prazer deslizando pela minha espinha quando me balancei contra ele, já sentindo a pressão de liberação.

Eu não era nada além de *necessidade*, corada, molhada e carente.

Ele se afastou, seus olhos se estreitaram, mas cheios de calor enquanto observava onde eu o esfregava. Observei o comprimento da coxa nua que aparecia através da fenda do meu vestido. A tensão iluminou a linha de seus ombros, apertou os músculos de seus braços, e a ideia de que ele poderia estar tentando parar só me deixou mais desesperada para que isso continuasse.

Eu agarrei um punhado de seu cabelo para puxar sua boca de volta para a minha. Ele recusou. Eu puxei com mais força. Ele fez um barulho áspero em seu peito, então seus olhos se ergueram para os meus, brilhando com um desafio. Ele roçou meus lábios, mas quando me movi para aprofundar o beijo, ele se afastou apenas fora de alcance. Para me provocar, ou para ter certeza de que sabia quem estava comandando o show. Quando eu esperei impacientemente, ele me deu o que eu queria, mordiscando meu lábio inferior com *força* e depois o lambendo.

Eu gemi em sua boca e balancei contra sua perna, precisando de mais fricção. A pressão vazia entre minhas coxas crescia e *aumentava*, e eu o beijei sem sutileza, cantarolando desesperadamente em sua boca.

— *Foda-se* — ele murmurou contra meus lábios. — Você vai gozar comigo, *kotyonok?* — Sua voz com sotaque raspou abrasivamente como areia.

Eu não poderia dizer nada se quisesse.

Ele pressionou sua perna com mais força contra mim.

Coloquei meu rosto em seu pescoço, mordendo quando o orgasmo passou por mim – um inferno sufocante que tirou o fôlego dos meus pulmões. Em suas consequências, eu estremeci contra ele.

Ele finalmente me tocou, agarrando meu cabelo e puxando minha cabeça para trás para olhar para mim.

Com os olhos semicerrados, minha cabeça caiu para descansar contra a porta. Talvez eu devesse ficar envergonhada com a facilidade e a rapidez ridícula com que ele me trouxe para a liberação. Em vez disso, não senti nada além do calor de seu corpo, o quão incrivelmente duro ele estava contra mim e um formigamento esmagador em minhas veias.

Ele olhou para mim pelo que pareceu um longo tempo. E então eu vi algo violento varrer a luxúria em seus olhos. Dando um passo para trás, com os ombros tensos, ele me deixou com frio enquanto eu lutava para recuperar o fôlego.

— Entre e tranque a porta, Mila. — Não era nada macio, nem era uma sugestão.

Eu o observei por um momento e então concordei sem dizer uma palavra.

Uma vez que a porta se fechou atrás de mim, eu deslizei para baixo, tremendo, enquanto a queimadura quente de seus lábios ainda ardia em minha pele.

CAPÍTULO NOVE

Mila

lunar

(adj.) sonhadoramente romântico ou confuso

Uma BATIDA ME ACORDOU. Eu gemi e puxei meu travesseiro sobre o rosto quando vi que eram apenas sete da manhã. Fiquei acordada assistindo seriados russos até as primeiras horas da manhã, minha pele queimando com o resultado da boca de Ronan na minha. Isso tornava impossível encontrar o sono.

Eu ainda não conseguia acreditar o quão rápido o beijo tinha escalado, que eu tive um *orgasmo* em um corredor público apenas com a pressão de sua coxa. Eu gostaria de pensar que foi o ciclone dos hormônios adolescentes e da luxúria que reprimi, mas sabia que era porque tínhamos química. Do tipo que chiava como o sol na calçada quente por simplesmente estar na mesma sala. E agora eu sabia que ele também sentia. Eu só poderia presumir que sua reação perturbada depois disso foi devido a ele se lembrar que eu tinha apenas dezenove anos.

Como se isso ajudasse, planejei dizer a ele que na verdade tinha vinte anos.

Quando as batidas continuaram, suspirei, joguei o edredom para trás e atravessei o quarto para atender a porta, meio que esperando que Ivan

estivesse parado do outro lado. Mas era apenas um adolescente segurando uma grande caixa branca com um saco de papel em cima.

— Mila Mikhailova?

— Hum, sim?

Ele empurrou os pacotes em meus braços e desapareceu no corredor.

Observei-o recuar e fechei a porta com o pé, depois coloquei a caixa na cama. Olhando para dentro do saco primeiro, eu sorri. *Café da Manhã.* Abrindo a caixa, encontrei um cartão.

Não dê este.

– Ronan

Peguei um longo casaco de pele falsa. Este era mais macio e luxuoso que o anterior. Tinha que ser escandalosamente caro, mas meu coração fácil ainda cresceu o dobro de seu tamanho. Enfiei meus braços no casaco e suspirei enquanto caía de costas na cama, onde comi a deliciosa massa vegana enquanto corria meus dedos pela pele branca.

Eu gostava de Ronan.

Eu gostei muito dele.

O mero pensamento dele fez meu coração pulsar em um ritmo excitante. Vim à Moscou em busca de respostas, mas agora queria ver aonde esse *sentimento* poderia chegar ainda mais.

O bolo azedou em meu estômago ao pensar no que me esperava em casa: um sermão aterrorizante, Carter e o mundano. Eu gostaria de poder evitar isso para sempre, mas a culpa já me sufocou por deixar Ivan no escuro. Eu sabia que não duraria mais do que uma semana antes de dizer a ele onde estava e dar um beijo de despedida no meu primeiro gostinho de liberdade, então planejei aproveitar ao máximo meus sete dias em Moscou.

Puxando-me para fora da cama, tomei banho e vesti um vestido cor de limão sedutor e um par de botas de cano alto que mal cabiam na minha bolsa, mas eram necessárias para aumentar o moral.

Enquanto eu caminhava pelo saguão, cumprimentei a garota atrás do balcão com um sorriso e um — *Zdravstvuy*[11].

Seus olhos se arregalaram, então ela baixou o olhar para o computador na frente dela. Meu sorriso caiu. Parecia que todos aqui não gostavam de mim com um único olhar. Talvez eles percebessem que eu era americana. Nossas relações com a Rússia eram *tão* ruins hoje em dia?

O porteiro sério ao lado dela silenciosamente me acolheu. Ele parecia tão amigável quanto a Srta. Trunchbull em *Matilda*, mas, pelo menos, ele reconheceu minha presença.

Saí pela porta da frente, sob o céu frio e nublado.

Minha caminhada foi longa, e a lasca da perna nua aparecendo estava dormente três quarteirões adiante, mas eu tinha que usar meu dinheiro com moderação e não queria desperdiçá-lo no transporte. Com o comportamento estranho de Ivan, eu não sabia até que ponto ele iria me forçar a voltar para Miami antes que minha semana de liberdade terminasse.

Moscou era uma bela cidade, repleta de rica arquitetura e história. Eu olhei tudo com olhos grandes e curiosos. Eu nasci aqui e andar pelas ruas me fez sentir perto das raízes. Até o ar parecia mais leve aqui, enchendo meus pulmões com o sabor da emancipação.

Tive que parar e pedir informações duas vezes, mas, eventualmente, parei na frente da ópera. O vento açoitou meu rabo de cavalo e estremeci por baixo do casaco. O lugar parecia deserto, mas tentei abrir a porta da frente mesmo assim.

Estava trancado.

Eu dei uma mexida mais forte, mas ele não se mexeu. Eu coloquei minhas mãos em concha e olhei através do vidro. O foyer estava vazio, nem mesmo um zelador varrendo o chão. Talvez eu tivesse melhor sorte mais tarde.

Decepcionada por não ter chegado a lugar nenhum, comecei minha jornada de volta.

Algumas quadras adiante, uma consciência familiar tocou minha nuca. Com um frio desconfortável passando pela minha pele, parei e me virei. Os pedestres se separaram para me contornar na calçada. Ninguém parecia prestar atenção em mim, então tentei afastar meu desconforto.

Não fui muito longe antes de sentir de novo. Outro olhar para trás e, em meio à multidão na rua, vi uma mão tatuada trazendo um cigarro aos lábios masculinos. A imagem me lembrou do homem sentado em seu carro em frente ao meu hotel ontem.

Meus pulmões gelaram. Será que alguém realmente está me observando como Ivan disse?

Por quê?

Coisas horríveis como tráfico sexual consumiram meus pensamentos enquanto colocava minhas mãos nos bolsos e aumentava o ritmo. Olhei para trás novamente para ver o homem com um casaco preto fumando e seguindo a uma distância confortável. Meu peito apertou com cada respiração rápida e superficial. Assim que cheguei às portas do hotel, olhei para trás para descobrir que ele havia sumido.

Então, eu esbarrei em algo duro e gritei.

— Uau.

Eu conhecia aquela voz. Coloquei a mão no coração enquanto Ronan me firmava.

— Você está bem?

— Eu pensei que eu... — Eu estava sem fôlego.

Talvez aquele homem trabalhasse por perto, e foi apenas uma coincidência. Se ele quisesse me machucar, certamente o teria feito enquanto eu espiava um prédio vazio em uma rua deserta como um alvo fácil. Certo?

Eu estava ficando paranoica. E por isso culpei Ivan.

— Sinto muito — eu disse e dei um passo para trás, minha inquietação desaparecendo no calor de sua presença.

— O que eu disse a você sobre se desculpar?

Eu fiz uma careta. — Esbarrei em você. Aprendi mais boas maneiras do que isso.

— Duas vezes — ele disse pensativo.

Eu pisquei. — O quê?

— Você esbarrou em mim duas vezes agora.

Como eu poderia esquecer? Isso tirou a respiração de mim. Uma consciência desconhecida acendeu dentro. A risada de Madame Richie zumbiu na minha cabeça e um arrepio percorreu minha pele. Confusa e um pouco perturbada, abri minha boca para me desculpar por isso novamente, mas fechei quando seus olhos se estreitaram.

— Esta cidade vai comer você viva.

Eu entendi isso literalmente, e minha imaginação lançou uma cena horrível de zumbis rasgando carne dentro da minha mente.

— Você não é supersticioso, é? — Perguntei de repente.

Um meio sorriso apareceu em seus lábios. — Claro que sou supersticioso. Eu sou russo.

Revirei os olhos de brincadeira. — Ótimo. Não me diga que você acredita em todas *aquelas* bobagens de *D'yavol* também? Não estou disposta a suspender minha descrença em relação à pele vermelha e caudas bifurcadas.

Ele me olhou sério, passando o polegar pelo lábio inferior. — Oh, ele é real, *kotyonok*.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Causando confusão e roubando virgens à noite.

Ele disse isso com tanta sinceridade que uma risada suave me escapou. Algo pesado e quente se estabeleceu com cada respiração congelada entre nós.

Seus olhos estavam cautelosos enquanto me observavam. — Vejo que você está com o casaco.

— Estou. Obrigada. Definitivamente não mereço depois de dar o outro, mas agradeço mesmo assim.

— Você congelaria em cinco minutos sem um casaco. — Seu olhar quente pousou nas minhas coxas, suas próximas palavras de reprovação. — E você, provavelmente, deveria considerar usar calças.

Olhei para baixo e percebi que, com meu casaco cobrindo meu vestido completamente, parecia que eu não estava usando nada por baixo. Meu guarda-roupa pode ser impraticável, mas era *meu* aqui.

— Posso ter sido criada em Miami, mas nasci em Moscou — disse a ele. — Eu também tenho sangue russo em mim.

Assim que as palavras saíram da minha boca, o calor entre nós desapareceu como uma nuvem de fumaça, substituído por algo mais gélido do que o frio. Meus pulmões ficaram mais apertados a cada segundo silencioso até que fiz um gesto para as portas do hotel.

— Você gostaria de... subir?

— Não.

OK. Fale sobre ser abatida.

— Você estava apenas se escondendo do lado de fora do meu hotel, então? Esperando que uma mulher inocente esbarre em você?

Um bufo soou por trás, e me virei para ver Albert parado na calçada fumando outro cigarro.

Ronan caminhou em direção ao carro. — Venha. Vamos almoçar.

Ele não estava perguntando, mas meu coração apaixonado me puxou em sua direção sem uma única reclamação.

Ele se virou para olhar para mim. — Mas não espere batatas fritas.

— Nesse caso... — Parei com as mãos nos bolsos do casaco como se repentinamente tivesse mudado de ideia.

Isso me rendeu uma risada suave que aqueceu meu estômago como um gole de chocolate quente, e dei a Albert um sorriso vencedor. — Bom dia, Igor.

Ele revirou os olhos, prestes a jogar o cigarro na calçada, mas parou quando eu disse incisivamente: — Marte.

Depois de um olhar desafiador, ele a contragosto caminhou um metro e meio até o receptáculo de plástico de cigarros do hotel e jogou-o dentro. Ronan ergueu uma sobrancelha questionando a estranha briga.

— É uma piada interna — eu disse a ele, como se Albert e eu compartilhássemos algo especial.

Albert parecia discordar. Eu o ouvi zombar enquanto caminhava ao redor do carro.

— Já conversamos sobre isso — eu disse preocupada. — Todos nós nos importamos com você aqui. Não há necessidade de ser tímido.

O homem enorme esfregou o rosto para esconder o menor lampejo de diversão sardônica antes de deslizar para o assento do motorista. Ronan observou nossa troca com um olhar sem humor. Ele não achou graça, isso estava claro.

Ele abriu a porta traseira para mim sem uma palavra, e eu engoli quando ele se sentou ao meu lado. Ele cheirava tão bem que intoxicou meus sentidos, trazendo de volta a memória da noite passada. Corri minhas mãos úmidas pelas minhas coxas nuas e dormentes.

— Eu tenho vinte anos, a propósito, não dezenove.

Ele pareceu se divertir com a admissão, como se eu fosse uma criança anunciando que agora tinha oito anos, enquanto exibia orgulhosamente uma mão e três dedos.

— Você tem?

Engoli. — Meu aniversário foi há alguns dias.

— Tenho trinta e dois anos, *kotyonok*.

Oh.

Presumi que ele ainda estava na casa dos vinte anos e percebi que provavelmente não havia aliviado sua consciência nem um pouco. O que eram doze anos, afinal? Muito, aparentemente, levando em consideração minha inexperiência e suas palavras sujas e praticadas quando ele me perguntou se eu iria gozar com ele.

Embora como eu agi ontem à noite certamente não parecesse inocente.

Ele ficou em silêncio. Meu coração não conseguia encontrar sua batida na tensão espessa, então eu me distraí observando a paisagem. As nuvens se separaram e um raio de sol espalhou-se pelo meu rosto enquanto eu distraidamente puxava o pingente de estrela no meu colar para frente e para trás. Olhei para Ronan para encontrá-lo me observando. Profundamente. Estranhamente. Como se eu fosse um pedaço de gelo afiado pendurado no telhado acima de sua cabeça, mas o brilho o estava distraindo.

Eu me perguntei o que ele faria se eu o tocasse agora. Se eu corresse minha mão em sua coxa ainda mais alto. Ele finalmente colocaria as mãos em mim? O calor subiu à superfície da minha pele e desacelerou minha respiração. Ele deve ser capaz de ver o calor suave em meus olhos porque ele escureceu. Com luxúria ou raiva, eu não tinha certeza.

— Eles não devem ensinar autopreservação em Miami.

Eu acalmei. — Você está me avisando para ficar longe de você?

Ele me mostrou um lampejo de dentes, depois desviou o olhar e puxou um fiapo da calça do terno. — Sim. Se eu fosse você, sairia e correria agora.

Eu o encarei.

Seu olhar voltou para o meu, e um sorriso lento apareceu em seus lábios. Ele estava brincando. Mas algo em seus olhos não cedeu.

Eu engoli e olhei de volta para fora da janela.

Entrar pela porta da frente do restaurante em que dormi algumas noites atrás foi uma experiência diferente hoje. Pode ser desgastado pelo tempo e um pouco empoeirado, mas os cheiros deliciosos que me atingiram me fizeram

salivar. Ao contrário da primeira vez que estive aqui, o lugar agora estava cheio.

Eu tranquei os olhos com um homem que reconheci daquela noite. O fumante. Ele se encostou no bar segurando um copo com um líquido claro. Seu olhar cintilou com algo tão duro que fiquei com frio. Eu precisava pesquisar as relações Estados Unidos-Rússia na primeira chance que tivesse.

Ronan tirou meu casaco, e o deslizar de seus dedos pelo tecido do meu vestido fez meu coração bater entre minhas pernas. — *Zholtoye* — disse ele pensativo, os olhos fixos no vestido, como se estivesse se perguntando o que havia por baixo do meu casaco. *Amarelo.*

Minha respiração desacelerou. — *Tebe... nravitsya zheltoye? — Você gosta de amarelo?*

Seu olhar se ergueu, segurando, pressionando, queimando o meu enquanto roubava cada grama de ar em meus pulmões. Ele não me respondeu, mas algo me disse que ele gostava de amarelo, bem como do russo inexperiente em meus lábios.

Sentamos em uma mesa em um canto mal iluminado, e a conversa foi fácil e sem esforço de uma forma que não deveria ser com um estranho. Ronan perguntou se eu frequentava a faculdade. Em um esforço para não mostrar a ele como minha vida era trivial, mudei de assunto e questionei-o sobre si mesmo. Fiquei sabendo que seu sobrenome era Markov e ele tinha um irmão que morava na cidade de Nova York com uma esposa grávida e uma filha pequena. Ronan parecia sentimental ao falar deles, e eu caí um pouco mais em suas mãos. Em breve, ele seria capaz de me moldar como massa.

Ele era suave com arestas ásperas, puxando um cubo de gelo de um copo de vodca de dez mil dólares e mordendo-o. Isso só me lembrou de sua boca na minha, a maneira suja como ele beijava e a ausência de suas mãos na minha pele.

Meu celular tocava sem parar no bolso do vestido. Quando vi o número do meu papa na tela, o telefone escorregou dos meus dedos e caiu com um *baque* na mesa que pareceu chamar a atenção de toda a sala de jantar.

Observei o dispositivo *zumbir* e *zumbir*, sacudindo os talheres ao lado e o coração em meu peito. Eu sabia que se atendesse a ligação, meu papa me levaria direto para um avião com destino à casa. Fiz de tudo para deixá-lo feliz, chegando a aceitar a proposta de um homem que eu nem queria, pensando no final, aquelas palavras sussurradas no corredor sumiriam, meu papa ficaria orgulhoso de mim, e tudo ficaria bem.

Ronan ergueu uma sobrancelha. — Problema?

Eu balancei minha cabeça, não querendo compartilhar que estava me escondendo do meu papa e de sua babá contratada. Ele já tinha reservas quanto à minha idade.

Com a mão trêmula, desliguei o telefone e coloquei-o de volta no bolso. Eu só queria uma semana. Uma única semana não mataria ninguém.

Ao terminarmos o almoço, o fumante com óbvia aversão aos americanos se aproximou da mesa. Ele não olhou na minha direção, mas senti sua animosidade contra minha pele. Cabelo loiro sujo e um paletó aberto como se ele tivesse acabado de transar no banheiro. Talvez ele tenha. Ele era bonito de uma maneira clássica, embora provavelmente pudesse trabalhar em sua xenofobia.

Ele disse algumas palavras em russo para Ronan baixo demais para eu ouvir.

Ronan se levantou. — Dê-me um momento, *kotyonok*.

Eu balancei a cabeça e o observei recuar para o corredor dos fundos. O homem era popular.

O loiro sujo permaneceu perto da mesa com as mãos nos bolsos, olhando para mim como se eu fosse um inseto que ele queria esmagar. "*Mate-os com bondade"*, era meu lema. Bem... nem sempre, mas era um princípio no qual eu estava trabalhando.

— *Zdravstvuy* — eu disse com um sorriso. — Eu sou Mila.

Uma sensação de arrepiar a pele me tocou enquanto seus olhos percorriam meu corpo, e então ele respondeu, — Kostya — com um olhar zombeteiro. Seu olhar se estreitou com foco intenso. — Ele pode comprar coisas sofisticadas para você, mas você não é nada além de outra prostituta inútil para ele. Lembre-se disso.

Meu sorriso caiu.

Nunca falaram comigo assim em toda a minha vida. Em casa, os insultos eram farpas sutis nas costas, não calúnias na cara. Esse estranho nem me conhecia ou o fato de que eu ainda era muito virgem, mas a palavra "prostituta" me deu um soco bem no peito.

Mais uma vez, fui lembrada de que não era bem-vinda por muitos aqui. Isso me fez sentir um pária, algo ridículo que não pertencia. Não verdadeiramente em The Moorings, e não aqui. A rejeição apertou como um torno em volta da minha garganta até que lágrimas humilhantes surgiram em meus olhos. Kostya parecia sombriamente satisfeito quando uma desceu pela minha bochecha.

— Com licença — eu disse, pegando meu casaco na parte de trás da cabine e colocando-o enquanto caminhava em direção às portas da frente. Quando os empurrei, o ar gelado acariciou minha pele. Sem surpresa, Albert estava reclinado contra o carro na calçada fumando um cigarro. Suas sobrancelhas baixaram enquanto eu caminhava até ele. Encostei-me no carro ao lado dele e respirei o cheiro frio e industrial da cidade.

— Seu rosto está todo manchado — disse ele com indiferença, soltando uma baforada de fumaça.

— Albert, — suspirei — às vezes uma garota não quer a verdade. Assim como quando ela pergunta se sua bunda parece grande naquele vestido, ela não quer que você diga a ela.

Ele franziu a testa. — Alguém disse que você tem uma bunda grande?

Não, eles apenas me chamaram de *prostituta inútil*.

— Algo parecido.

— Você não tem.

Eu soltei um suspiro divertido. — Não olhe para a minha bunda.

— Eu sou um homem. Nós olhamos.

Bem na hora, uma mulher grávida passou, e os olhos de Albert não hesitaram em pousar em sua bunda.

Eu bati em seu estômago. — Pare. Ela está grávida, seu pervertido.

— Isso significa apenas que ela libera.

A mente masculina era um enigma.

— O que é um pervertido? — Ele perguntou, seu olhar seguindo a mulher pela calçada.

Eu ri suavemente. — Você sabe, um pervertido. — Ele ainda parecia confuso, então eu continuei: — Hoje, significa apenas alguém com sexo em mente o tempo todo.

— Isso é todo homem.

— Talvez, mas nem todo homem quer amordaçar e espancar mulheres, Igor.

Ele soltou uma baforada de fumaça e encontrou meus olhos com um olhar significativo que enviou um arrepio na espinha. — Você não está mais em Miami, *blondi*[12].

Após um momento de silêncio constrangedor, estendi minha mão para pegar seu cigarro. Albert me olhou desconfiado antes de colocá-lo entre meus dedos. Sentindo-me ousada, respirei fundo, o que provocou uma tosse tão forte que pensei que um pulmão explodiria.

— Oh, meu Deus, isso é horrível!

Ele pegou o cigarro de volta. — O que você esperava?

— Eu esperava que fosse realmente bom — reclamei entre tosses. — Como Holly Golightly em *Breakfast at Tiffany's*.

— Eu não sei do que você está falando.

Isso foi uma farsa, eu não conseguia nem falar nisso.

Eu coloquei a mão no meu peito. — Deus, eu já posso sentir o câncer.

Ele riu.

Um zumbido tonto correu tão rápido para minha cabeça que tropecei. Albert me firmou colocando uma mão enorme em meu braço.

— Uau — eu disse com uma risada. — Acho que estou chapada.

— Foda-se — ele riu. — Você é um peso leve.

E então ele me soltou, a diversão no ar apagada por algo tenso e combustível. Algo que poderia detonar uma bomba. Meu sorriso vacilou e me virei para ver Ronan parado atrás de mim.

— *Nyet* — foi tudo o que disse a Albert. Um muito duro e contido *não*.

Engoli em seco, sentindo como se tivesse feito algo errado.

Ronan abriu a porta traseira, seu olhar penetrante não deixando seu motorista, enquanto eu subia no banco de trás. Assim que ele se sentou ao meu lado e a porta se fechou, não tive ideia do motivo pelo qual estava me desculpando, mas não consegui me impedir de dizer: — Sinto mui...

Ele me agarrou pela nuca e puxou minha boca para a dele. Eu engasguei, o calor explodindo como fogo entre minhas pernas e lambendo cada célula do meu corpo. Eu derreti em seu aperto áspero, perdendo-me no deslizamento quente de sua língua contra a minha. Meus mamilos enrijeceram quando roçaram seu peito, enviando faíscas mais para baixo, e eu cantarolei contra sua boca. Ele gemeu baixo em sua garganta, puxando meu lábio inferior entre os dentes.

Quando sua mão deslizou pela minha coxa nua, eu tremi ao sentir aqueles dedos com tinta na minha pele. Seu toque deixou meus nervos formigando com um desejo ofegante e autêntico. Ele tinha um gosto tão bom, uma injeção de vodka direto no meu sangue. Cada centímetro de sua palma se movia mais

longe na minha perna batendo mais fundo no meu núcleo, deixando uma dor vazia em seu lugar.

Eu estava tremendo de necessidade, queimando com cada pressão de seus lábios. Eu não conseguia nem encontrar vontade de me importar que Albert estivesse no carro. Mas antes que a mão de Ronan chegasse onde eu queria – *precisava* – ele parou, interrompendo o beijo.

— *Nyet* — disse ele asperamente contra meus lábios, seus dedos apertando na minha nuca.

Exalamos um na boca do outro, respirações suaves e um *não* russo vibrando no ar. Sua mão deslizou pela minha perna, puxando meu vestido para um comprimento decente, e então ele me soltou. A tensão apertou seus ombros quando ele passou a mão pela boca e olhou pela janela.

Confusão entrelaçada com o zumbido quente sob minha pele. Eu não tinha ideia do que tinha acontecido, e a tensão se instalou em meus pulmões enquanto tentava recuperar o fôlego.

O olhar de Albert encontrou o meu no espelho retrovisor, uma centelha de preocupação em seus olhos frios.

Eu inalei e olhei para fora.

Se o que Kostya disse fosse verdade, Ronan poderia ter me tratado como uma *prostituta inútil* um momento atrás. Não sabia se tinha forças para detê-lo, mesmo com Albert presente. Mas ele não fez isso. Ele parou e arrumou meu vestido antes que as coisas fossem longe demais.

Depois de uma viagem de carro silenciosa e tensa, Ronan me acompanhou até meu quarto. Quando chegamos à minha porta, virei-me para ele – sem

fôlego, esperando. Seu olhar se estabeleceu como um peso pesado na minha pele, aquecendo-me de dentro para fora. A transparência preencheu a lacuna entre minha pele falsa branca e seu terno Armani preto bem passado. Desejo, respirações suaves e corações de desenho animado.

— Obrigada... pelo almoço.

Seus olhos baixaram para minha boca e eu exalei quando seu polegar roçou meu lábio inferior. — *Klubnika.*

Morangos?

Meu brilho labial. Eu tinha gosto de morango.

Seu polegar puxou meu lábio inferior ligeiramente antes de me deixar, o deslizamento áspero enviando calor dentro. Meu olhar gentil encontrou o dele e, com um sentimento de convicção, eu sabia que o deixaria fazer qualquer coisa que ele quisesse comigo se ele apenas entrasse em meu quarto.

Eu poderia muito bem ter dito isso em voz alta, porque o sentimento brilhou no corredor em uma onda volátil.

Algo preguiçoso e quente cintilou em seus olhos, e então ele pegou a chave da minha mão e destrancou a porta. — *Do svidaniya*[13]*, kotyonok.*

Ele colocou a chave no bolso do meu casaco e vi sua silhueta escura se afastar.

CAPÍTULO DEZ

Mila

Nazlanmak

(v.) dizendo não e significando sim

Eu NÃO VI RONÃ POR dois dias. Passei meu tempo pensando nele, sendo a pior investigadora particular que existe, e apagando as mensagens de voz do meu papa e do Ivan.

A comida – cuidadosamente, vegana – foi entregue como um relógio pelo mesmo adolescente com habilidades ruins de atendimento ao cliente. Isso foi um alívio porque, um, resolveu o problema dos meus fundos limitados e, segundo, deixou-me saber que Ronan não tinha se esquecido de mim depois daquele beijo muito intenso e confuso.

Fui à ópera duas vezes durante as horas de maior movimento, mas cada vez que questionava alguém sobre minha mãe, eles me olhavam sem palavras, faziam o sinal da cruz no peito ou simplesmente se viravam e iam embora. Foi frustrante, para dizer o mínimo, mas também... desconcertante.

Meu único alívio foi que não vi o homem com tatuagens nas mãos novamente, e estava muito mais vigilante enquanto estava fora de casa.

Fechei a porta, acabando de voltar de um passeio turístico. Pode-se dizer que a prioridade em encontrar informações sobre minha mãe se confundiu com a beleza da cidade e pensamentos de um homem generoso. Ou talvez eu estivesse apenas protelando devido a uma sensação incômoda em meu

estômago que ameaçava abrir uma caixa de Pandora que eu nunca seria capaz de fechar novamente.

Eu tinha acabado de tirar minhas botas e pendurado meu casaco quando uma batida soou na porta. Eu sabia que era apenas um jantar, mas fiquei surpresa ao encontrar Ronan entregando-o ele mesmo. Calor e antecipação correram para a boca do meu estômago, lutando contra a incerteza de como deixamos as coisas dois dias atrás.

— Oi — eu disse em uma respiração superficial.

Ele sorriu. — *Kotyonok.*

Quando abri a porta para ele, ele entrou, seu grande corpo e presença sugando o ar para fora do espaço. Ele entrou no meu quarto como se fosse o dono - e talvez sim. Talvez ele fosse um hoteleiro de sucesso. A curiosidade floresceu, mas eu a mantive dentro de mim. Eu perguntei a ele sobre sua ocupação antes e me recusei a admitir que estava tão nervosa em beijá-lo que não ouvi uma palavra.

Ele colocou a sacola na mesa perto da janela e eu disse a ele: — Nunca fui tão bem alimentada como nos últimos dias.

— Não é surpreendente, Srta. Batatas Fritas. — Ele olhou para mim, depois para o vestido florido de girassol que eu usava. Um pequeno pedaço de perna apareceu entre a bainha e minhas meias altas até a coxa, e o mero toque de seu olhar naquela faixa de pele fez meu coração disparar.

Eu me inclinei contra a cômoda enquanto ele se movia pelo quarto tocando minhas coisas. A *Vanity Fair* na mesa de cabeceira, um tubo de gloss de morango. Ele ergueu uma bandana com a ponta do dedo. Aparentemente, eu era uma criatura interessante.

— Então é aqui que *moy kotyonok* dorme — disse ele, ao pé da minha cama bem feita.

— Não é tão confortável quanto o sofá do escritório.

Ele lançou um olhar preguiçoso em minha direção. — Parece que você sente falta.

— Eu sinto.

A conversa foi praticamente inofensiva, mas a insinuação agarrou minha garganta.

Ele se sentou no sofá e me encarou pesadamente. Um raio de sol remanescente da janela espalhou-se por sua forma de terno preto, fazendo o brinco azul em forma de coração brilhar entre seus dedos.

Estendi a mão para encontrar o lóbulo da orelha.

Ele sorriu.

Eu não sabia há quanto tempo o brinco estava faltando ou como ele o pegou, mas ele não disse nada, apenas o girou entre o polegar e o indicador. Sua presença oprimiu meus sentidos, cada respiração mais difícil de expulsar.

— Você está gostando da sua estadia?

Engoli. — Muitíssimo.

— O que você gosta em Moscou? Não podem ser nossas batatas fritas. — Ele estava se divertindo.

Eu mordi meu lábio em contemplação e mexi no meu colar. — A arquitetura. As cores vibrantes e a rica história. Gosto de como posso ouvir os sinos da

capela todos os dias, e como poderia viver aqui por cem anos e ainda não ver tudo o que a cidade tem a oferecer. — A sala segurou as palavras por um momento, embora nós dois parecêssemos saber que eu não havia terminado.

Talvez ele me fechasse com força, mas eu precisava saber o que era. Eu precisava de absolvição pela forma distorcida e consumidora que me sentia por ele. Eu precisava de *mais* antes que isso fosse forçado a terminar. Ou talvez o que eu mais precisava dele, desse homem que parecia ser tão respeitado, tão comandante e vivo, fosse ser aceita. Cada centímetro amarelo, rebelde, de peito aberto.

— E *você* — eu adicionei suavemente. — Eu gosto de você.

Ele me observou por um segundo pesado, então seus olhos escureceram. — Você fica envergonhada?

Um rubor subiu pelo meu pescoço, e a sensação quente de vulnerabilidade torceu as próximas palavras da minha boca. — Você deveria saber o que me excita.

A memória de mim moendo em sua perna acendeu e sibilou como eletricidade entre nós, queimando o oxigênio da sala como combustível.

Com o olhar brilhando entre o calor e algo totalmente indiferente, ele colocou meu brinco no bolso da jaqueta e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Aparentemente, primeiro encontro nas coxas. Todas as garotas americanas são tão singulares quanto você?

Ele pode muito bem ter me chamado de fácil. O ressentimento se agitou por dentro, mas eu o reprimi. Por alguma razão, ele estava tentando me deixar com raiva. Eu sabia que ele sentia essa conexão também, e eu não queria

brincar - não com ele, não agora, e especialmente não depois de ser rejeitada por metade da cidade.

Um zumbido inquieto saturou o ar, e deixei cair meu colar para segurá-lo na beira da cômoda. — Você pode negar o quanto quiser, mas nós dois sabemos que há algo aqui.

Seu olhar se estreitou. — Não há nada aqui. Acredite em mim, Mila, se houver felizes para agora, nunca serei seu.

Ele disse meu nome como se eu fosse jovem, *estúpida*, como se fosse muito imatura para reconhecer algo tão simples como atração. Se ele estava mirando em um nervo, ele o acertou. A amargura chamuscou meus pulmões até que escapou em uma acusação dura.

— Posso ser ingênua, mas reconheço um mentiroso quando vejo um.

Sua pausa foi a única indicação de sua surpresa, logo substituída por um sorriso lento. — Então, há algum fogo em você, afinal.

Havia tanto fogo em mim, ele não tinha ideia. Durante anos, havia infeccionado por dentro como um vulcão, rugindo e pressionando as costuras de roupas apertadas e expectativas. Estava tão perto de explodir uma propagação de suor frio.

— Cuidado.

Seu aviso foi a gota d'água. Ele queria ver fogo?

Que assim seja.

— Se a única razão pela qual você veio aqui foi para me alertar para ficar longe de você, então *saia*. — Minhas palavras chicotearam o ar da sala, a

liberação vibrando sob minha pele com adrenalina fria.

Seus olhos endureceram, as sombras dentro deles subindo para a superfície. — Ninguém fala assim comigo.

Ele explodiu a tampa da garrafa em que eu prendi tudo por anos. Não havia como parar a reação agora. Nem mesmo a presença imponente e ameaçadora no meu sofá.

— Talvez esse seja o seu maior problema.

— *Kotyonok*, — ele zombou, sombriamente divertido — tão preocupada com meus problemas quando você não tem ideia em que tipo de merda você entrou.

Eu não sabia o que ele queria dizer, mas eu sabia que não gostei dele virar isso contra mim. Ele era o mentiroso da sala. E minhas próximas palavras se tornaram uma batalha de vontades para fazê-lo admitir a verdade.

— Você também sente isso — insisti.

— Eu não.

Se isso fosse verdade, não o incomodaria se eu congelasse até a morte nesta cidade gelada, não é? Meu coração frustrado enviou uma explosão de energia através de mim. Eu caminhei até a janela e a abri. Então passei por ele com o casaco que ele comprou para mim, com a intenção de jogá-lo na calçada lá embaixo. Mas eu não cheguei tão longe. Ele estava de pé, arrancando-o da minha mão e jogando-o na cama.

— Você quer jogar? — Sua voz era um rosnado. — Tudo bem, vamos jogar.

Talvez fosse verdade. Talvez eles não ensinassem autopreservação em Miami.

Ele agarrou minha nuca, me girou e bateu seus lábios nos meus. A raiva ainda brilhava dentro de mim, e empurrei seu peito duro, mas poderia muito bem-estar tentando mover uma parede.

— Não lute comigo — ele disse asperamente contra meus lábios. — Você não vai ganhar.

Eu abri minha boca com uma réplica em mente, mas ele usou a abertura para deslizar sua língua para dentro. E então eu me perdi na umidade e no calor, a febre avassaladora contorcendo-se e pulsando em minhas veias. Fiquei na ponta dos pés para dar-lhe acesso total, para encaixar meu corpo contra o dele. Eu ofeguei, agarrando punhados de seu casaco para puxá-lo para mais perto.

Ele gemeu e deslizou as mãos pela parte de trás das minhas coxas. Eu fiz um barulho de protesto contra sua boca quando percebi sua intenção. Eu era ágil, mas alta - não era leve - e era incrivelmente sexy a facilidade com que ele me levantava.

Envolvendo minhas longas pernas em torno dele, eu me deleitei em como nossos corpos se encaixaram bem. Ele apertou a carne nua das minhas coxas possessivamente, fazendo um som de raiva em sua garganta como se ele tivesse pensado muito sobre elas e estivesse furioso comigo por isso. Uma palma deslizou por baixo do meu vestido, agarrando um punhado da minha bunda enquanto ele nos levava para o sofá e se sentava.

Eu montei em suas coxas, nossas bocas se separando para que ele pudesse puxar o vestido pela minha cabeça. O som suave de tecido batendo no chão

diminuiu a urgência de nossos movimentos.

Minha pele se arrepiou quando ele olhou para mim. A bainha rendada das minhas meias até a coxa, as alças finas da minha tanga branca, o mergulho raso do meu umbigo e a forma como meus seios pressionavam contra as bordas do meu sutiã combinando com cada respiração.

— *Idealnaya* — disse ele asperamente.

Perfeita.

Ele agarrou o alargamento dos meus quadris, as palmas das mãos deslizando para cima. Um suspiro suave escapou de mim quando a pressão de seu toque doeu entre minhas pernas. Ele correu o polegar sobre o hematoma amarelado na minha cintura, os olhos brilhando com violência. Toda a luta em mim morreu como uma brisa contra uma chama, deixando algo pesado e mais macio em seu lugar.

Sua suave carícia envolveu meu coração e puxou-o para ele.

— Você sente isso também — eu respirei em sua boca.

Ele mordeu meu lábio inferior e respondeu: — Cale a boca — mas não havia nenhum calor nele.

Ele acariciou as curvas nuas da minha bunda, pele com pele liquefazendo cada nervo dentro de mim. Seus lábios viajaram pela minha garganta até o topo dos meus seios, e ele beliscou a pele antes de deslizar a mão áspera por baixo do meu sutiã para apertar a carne.

O prazer correu para o meu núcleo e cantarolei contra seu pescoço.

— *Pomni*[14]. — Seus lábios pressionaram contra minha orelha. — *Ti eto prosila*[15].

Eu não tive tempo para pensar nas palavras russas porque ele soltou meu sutiã e o puxou. Meus seios ficaram pesados quando o ar frio os roçou, e a timidez momentânea apareceu com tudo. Eu não sabia o que estava fazendo com este homem - se eu sairia daqui inteira, ou se eu mesmo queria. A ideia de que eu poderia estar passando da minha cabeça enviou uma onda de nervos para formigar minha pele, mas o olhar nebuloso, quase reverente em seus olhos enquanto ele corria o polegar em meu mamilo, me carregou com uma confiança recém-descoberta.

Ele se inclinou e sugou um mamilo em sua boca. Eu gemi, joguei minha cabeça para trás e corri a mão em seu cabelo, agarrando-o a cada puxão. O calor úmido de sua boca puxou entre minhas pernas enquanto ele se movia para o outro, e as chamas se enrolaram no meu estômago.

Meus seios não eram mais do que um punhado, mas ele não parecia se importar com a atenção que deu a eles. Ele pressionou a carne macia para que pudesse morder, lamber e chupar de um para o outro. Eu estava corada com uma onda tão quente, tão instável, que não sabia se deveria afastá-lo ou implorar para que ele nunca parasse.

Uma chama rápida queimou do calor de sua boca ao material úmido entre minhas pernas, que ficava mais úmido e mais sensível a cada segundo.

— *Mais* — eu implorei.

Ele soltou um mamilo com uma raspagem de dentes e arrastou sua boca pelo meu pescoço. — O que você quer?

Qualquer coisa.

Tudo.

Eu apenas esfreguei contra sua ereção com um ruído desesperado.

E então sua mão estava onde eu precisava, espalmando minha boceta através do tecido e passando o polegar em meu clitóris.

— Isso?

Minha pele pegou fogo, queimando por toda parte, desde minhas orelhas até a ponta dos pés.

Seu polegar deslizou sob a alça da minha calcinha, puxando-a um pouco para baixo. — *Snimi eto dlya menya.*

Eu não sabia o que ele disse ou se ele pretendia falar em russo, mas então ele pressionou seus lábios no meu ouvido para traduzir o comando.

— Tire para mim.

Um tremor começou em minhas mãos enquanto empurrava minha calcinha para baixo em minhas coxas, ajustando em seu colo para tirá-la completamente. Ele soltou um suspiro, o olhar negro enquanto ele absorvia a parte mais privada de mim. O desejo inflou na minha garganta quando ele passou as mãos pelas minhas coxas, arrastando minhas meias com elas.

— A visão de suas pernas naquela manhã em meu escritório me deixou duro.

Deus, isso foi quente. Eu não tinha ideia de que ele estava sentado atrás de sua mesa de pau duro. Ele me achou atraente desde o início, e eu apreciei o conhecimento.

Pressionei meus lábios nos dele, embora ele só obedecesse por um momento para que pudesse olhar para o meu corpo novamente. Eu estava completamente nua e ele nem tinha tirado o paletó. Parecia um ato tão sujo em um quarto de hotel em plena luz do dia.

— Você goza em todos os seus primeiros encontros? — Ele perguntou, olhos estreitos, mas cheios de calor no meu corpo.

Eu fui honesta com ele até agora – posso muito bem levar isso até o fim.

— Ninguém mais me fez gozar.

Uma pausa momentânea foi meu único aviso antes de ele agarrar meu cabelo, e um suspiro me escapou quando ele puxou minha cabeça para trás pelo meu rabo de cavalo. Eu ofeguei, sem resistir ao aperto implacável que mantinha meu pescoço inclinado em direção ao teto.

— Não minta para mim.

Lutei contra o aperto agressivo com palavras. — Você é o mentiroso, não eu.

Depois de um segundo, ele afrouxou o aperto no meu cabelo, mas enquanto seus lábios viajavam pelo meu pescoço, eu sabia que ele não acreditava em mim. Sua palma pressionou contra meu clitóris, aplicando a menor quantidade de fricção. Sua mão era áspera e eu não precisava de muito. Mordi meu lábio para conter um gemido.

Talvez Carter pudesse ter me feito gozar se suas mãos não fossem mais macias que as minhas, mas pensando bem, provavelmente não. Eu não senti nem mesmo um fragmento de paixão por Carter comparado a isso.

Ronan observou a mão dele entre minhas pernas e disse rudemente: — Eu poderia definir um cronômetro e fazer você gozar em menos de trinta

segundos.

— Você quer um troféu?

Ele agarrou meu queixo e puxou meus olhos para os dele. — Eu quero que você me diga a verdade.

Por sua voz e o aperto de seus dedos em minhas bochechas, ele esperava que eu acalmasse sua alma cansada nos próximos dois segundos. Ele negou a verdade, mas exigiu-a de mim. Que irônico. E irritante. Sua palma se moveu em um movimento tortuoso contra meu clitóris, e a frustração borbulhou dentro. Ele estava brincando comigo e eu perdi a paciência.

— Bem. Você quer a verdade? — Eu agarrei. — Se você não me fizer gozar nos próximos trinta segundos, vou encontrar outra pessoa para fazer isso.

Sua mão parou, e depois de um segundo que se estendeu como caramelo, uma risada baixa escapou dele. O vazamento de escuridão que manchava qualquer humor arrepiou os pelos dos meus braços. — Tão doce, e então toda cheia de fogo... — Minha respiração ficou presa com o beliscão que ele colocou no meu queixo, e quando seus olhos se ergueram para os meus, eles estavam cheios com tal intensidade que roubou o calor de mim. Eu estremeci quando ele arrastou o polegar em meus lábios.

— Contagem regressiva — ele ordenou.

— O quê? — Eu respirei.

— Contagem. Regressiva.

Ele deslizou dois dedos pela minha umidade e os empurrou dentro de mim. Eu arqueei minhas costas, cravei minhas unhas em seus ombros e gemi de

prazer e um pouco de dor. Isso foi mais áspero do que qualquer coisa a que eu estava acostumada, mas só parecia acender um fusível dentro de mim.

— Foda-se— ele murmurou. — Conte.

— Trinta... — Eu respirei. — Vinte e nove...

O êxtase se desenrolou em minhas veias como a dose de uma droga – uma droga entorpecente e de tirar o fôlego – enquanto ele deslizava seus dedos grossos para dentro e para fora. Ele esfregou um ponto bem dentro de mim, a pressão quente se expandiu e meus olhos rolaram para trás.

Ronan bateu na minha bunda, me lembrando de contar. O tapa inesperado picou minha carne, mas também enviou uma vibração ao meu clitóris que roubou minha capacidade de fazer qualquer outra coisa, exceto gemer contra seu pescoço. A julgar pelo estrondo que vibrou em seu peito, ele gostou da minha reação, embora o barulho terminasse com uma nota cínica.

— Use suas palavras.

Eu não sabia nenhuma palavra no momento, então balancei minha cabeça.

A próxima palmada não foi tão agradável. Foi uma lança de fogo que trouxe um grito até minha garganta e um brilho morno aos meus olhos. Achei que ele queria sorrir, mas não o fez; ele apenas continuou a me foder lentamente com os dedos até que o aborrecimento no meu olhar se transformou em luxúria semicerrada.

Quando consegui dizer — Vinte e cinco — ele acalmou a queimadura na minha bunda com a palma da mão, liquefazendo todos os músculos do meu corpo, e então engoliu o suspiro dos meus lábios. Faltou delicadeza no beijo

enquanto eu esfregava sua mão, ofegando números em sua boca. A liberação iminente enrolou-se na minha espinha, e eu não tinha nem chegado no vinte.

Ele nunca acreditaria em mim se me fizesse gozar em menos de dez segundos.

Um suor frio começou sob minha pele e minhas unhas cravaram em seu bíceps enquanto eu tentava segurar o máximo que pude.

Ele beliscou meu pescoço. — *Malen'kaya lgunishka.* — *Pequena mentirosa.*

— Vinte...

Eu tremi, o rubor sob a superfície ameaçando explodir. Ele não estava nem colocando muito esforço nisso, como se soubesse que não precisava para vencer. Fui eu quem montou seus dedos. Era contra o meu fim de jogo, mas eu tinha passado a capacidade de cuidar. Eu estava tão molhada, não havia resistência. Estava pingando de sua mão e minha perna.

— Você está fazendo uma bagunça, *kotyonok*. — As palavras foram mordidas entre os dentes cerrados.

— Descul... — Um suspiro cortou o resto do meu pedido de desculpas quando seus dedos empurraram com força, enrolando contra um ponto que me fez ver estrelas.

— Quinze — ele me lembrou asperamente.

Eu balancei minha cabeça, incapaz de dizer nada.

Seu polegar pressionou meu clitóris e outro dedo deslizou para dentro. A pressão extra me enviou para o precipício. Espinhos de calor explodiram,

minha visão escureceu e meu coração batia forte para acompanhar o sangue escaldante que bombeava por mim.

Seus dedos se moveram lentamente, dentro e fora de mim, enquanto eu prendia a respiração e o zumbido em meus ouvidos desaparecia. Ele não puxou a mão até que ele torceu o último pulso de mim. O calor lânguido se espalhou pelo meu corpo, saciando-me de uma forma que eu nunca tinha experimentado antes.

Quinze segundos sem fôlego.

Ele venceu e eu nem me importei.

Beijei seu pescoço, fazendo um ruído suave de apreciação. O homem cheirava tão bem, tão masculino e diferente da cara colônia de Carter. O cheiro inebriante me atingiu como uma injeção de dopamina.

— E agora ela é doce. — Sua voz era suave, mas controlada. Ele inclinou o pescoço para longe de mim como se quisesse que eu parasse de beijá-lo. Eu estava muito excitada com o calor dele e a felicidade pós-orgástica para parar.

Corri meus dedos sobre sua ereção, saboreando a sensação espessa e dura dele. Minha mão se moveu por vontade própria para sentir cada centímetro enquanto meus lábios e dentes provocavam uma linha em seu pescoço. Logo, ele soltou um suspiro e agarrou meu pulso para me impedir.

— Não posso fazer muito mais disso, a menos que vamos foder.

Oh.

A hesitação ganhou vida.

Eu estava pronta para isso? Isso exigiria pouco esforço. Eu poderia abrir o zíper de sua calça e tê-lo dentro de mim em segundos – seria tão fácil. Mas algo me impediu. O fato de ele não admitir que sentia essa conexão também. Meu orgulho não permitiria que ele tivesse tudo de mim sem dar um pedaço de si em troca.

Meus olhos encontraram os dele, e eu sabia que ele viu a resistência por trás deles. Soltando um suspiro de diversão e frustração, ele me beijou nos lábios e então me afastou dele e se levantou. Nua e com frio, com a minha bunda ainda doendo, eu o observei caminhar até a porta.

— Coma — ele exigiu, e então ele saiu sem um olhar de despedida.

CAPÍTULO ONZE

Mila

zemblanidade

(N.) a descoberta inevitável do que se prefere não saber

Eu CAMINHAVA PELO CORREDOR enchendo meus braços cheios de lanches: pipoca, batatas fritas, algo doce para compensar. Obviamente, eu estava comendo meus sentimentos, e a mulher atrás do balcão estava me julgando o tempo todo.

Eu a ignorei, pegando uma garrafa de refrigerante com sabor de pepino para engolir tudo.

Depois da noite passada, a condenação iminente de ir para casa e usar o anel de diamante de Carter rasgou todos os meus nervos, mas eu não poderia simplesmente abandonar minha vida para sempre. Não para uma cidade que não me recebeu. Nem mesmo para um homem que me fez *sentir* pela primeira vez na vida.

Eu não era ingênua o suficiente para acreditar que poderia prender a atenção de Ronan por mais de uma semana. O pensamento de nunca mais vê-lo já doía como uma brasa em meu peito. Quão ruim seria se eu desse a ele minha virgindade?

Eu tinha que ir para casa.

Era a única coisa duradoura que eu tinha.

Larguei minhas coisas no balcão. A caixa parecia completamente impressionada com minhas compras, mas ela não disse uma palavra enquanto me atendia.

Paguei com uma das minhas últimas notas de rublo, planejando ir a um caixa eletrônico em breve. Eu não poderia mais viver da generosidade de Ronan. Não parecia mais certo.

Fazendo meu caminho para fora da porta, dei um encontro em alguém.

— *Izvinite pozhaluysta* — me desculpei, abaixando-me para pegar a barra de chocolate que caiu da minha bolsa - mas congelei quando dedos tatuados a alcançaram primeiro.

Eu estava mais do que familiarizada com as mãos de Ronan, e essas não eram as dele.

Um suspiro gelado escapou de mim quando levantei meu olhar para o rosto do homem. O mesmo homem que vi duas vezes antes. Seus olhos frios tocaram minha pele, espalhando gelo sob minhas roupas.

— Você deve ter mais cuidado — ele disse, sua voz carregada com um sotaque russo.

Engoli. — Claro. Peço desculpas.

Ele olhou para a barra de chocolate em sua mão, segurando-a possessivamente. Meu batimento cardíaco estava preso na minha garganta, os pés congelados na calçada.

— É muito tarde para uma garota tão jovem estar na rua — ele falou lentamente, e com uma varredura do meu corpo, ele acrescentou — tão *linda.*

Eram apenas nove e meia, mas o sol já havia se posto horas atrás. As luzes externas da loja de conveniência brilhavam tão intensamente que eram quase ofuscantes, mas o medo me envolvia como uma sombra.

— Existem homens maus agora, você vê. — Sua atenção pousou na barra de chocolate que demorou a abrir. Ele mordeu um pedaço e seu olhar encontrou o meu. — Não queremos que nada de ruim aconteça com você, não é?

Eu balancei minha cabeça.

— Então continue. — Ele gesticulou para eu ir com a barra de chocolate, mas eu já estava me afastando, sentindo o rastejar de seus olhos nas minhas costas. — Aproveite seus lanches... *Mila.*

O som assustador do meu nome em seus lábios apertou meus pulmões.

Eu andei sem rumo pela rua, incapaz de afastar a presença agourenta que tocou minha pele. Era uma noite de sexta-feira e várias pessoas estavam fora, mas a multidão pouco fez para conter minha ansiedade.

Depois de parar em um caixa eletrônico do lado de fora, tive a sorte de ver um táxi deixando alguém em frente ao cinema e deslizei para o banco de trás antes que pudesse acender a luz “Livre”.

O motorista cuspiu uma infinidade de reclamações russas - algo sobre o que estava acontecendo durante a noite e sua mãe - mas quando lhe entreguei um maço de dinheiro, ele calou a boca. Ele me olhou pelo retrovisor, exasperado, quando dei a ele vagas instruções para o restaurante de Ronan.

Perturbada, mencionei o nome completo de Ronan como se isso pudesse ajudar e, surpreendentemente, ajudou.

O aborrecimento desaparecendo, o motorista olhou para mim como se eu tivesse acabado de explodir chifres na minha cabeça. — *Vy uverenny?* — *Tem certeza?*

— *Da?*

Ele murmurou algo em russo que soou como “Odeio esse trabalho”, antes de colocar o carro em movimento.

Com as mãos trêmulas, disquei o número de Ivan. Minha pele irritou-se de impaciência quando ele tocou e tocou, e então, finalmente, foi para o correio de voz.

— Ivan... — Eu comecei, minha garganta grossa. — Não entendo o que está acontecendo, mas acho que você tem razão. Acho que alguém pode estar me observando. Sinto muito por não acreditar em você... — Engoli. — Eu - eu conheci um homem. Seu nome é Ronan e ele é dono de um restaurante. Eu estou indo para lá agora. Mandarei uma mensagem com o endereço quando eu chegar. — Minha voz falhou. — Estou com medo, Ivan.

Eu não sabia mais o que dizer, então encerrei a ligação.

O motorista acelerou assim que eu saí e fechei a porta, provavelmente correndo para a casa de sua mãe. A escuridão envolveu o restaurante. Parecia fechado, mas a porta não estava trancada, então eu empurrei e entrei.

O barman me observou com cautela com uma toalha sobre o ombro enquanto lavava os copos. Kostya estava sentado em um banquinho ao lado do

corredor, o telefone na mão. Quando ele me viu, ele me encarou com um olhar pesado.

— O Ronan está? — Eu perguntei.

Ele me olhou pensativamente por um tempo desconfortável, o silêncio coçando sob minha pele, e então ele apontou para o corredor sem uma palavra. O barman soltou uma maldição afiada. Palavras foram trocadas entre os dois homens, mas eu não fiquei por perto para ouvir mais nada.

Passei pela cozinha, que estava vazia e escura. Parando na frente do escritório de Ronan, vi que estava vazio também, embora algumas vozes masculinas alcançassem meus ouvidos no corredor. O frio da inquietação voltou, enrolando em meu estômago enquanto eu forcei meus pés em direção ao som. A porta da sala dos fundos estava entreaberta e eu a abri aos poucos.

Meu coração parou.

Um homem estava sentado em uma cadeira dobrável de metal, as mãos amarradas nos pulsos, que repousava sobre a mesa à sua frente. Seu rosto estava preto e azul, camiseta branca coberta de sangue. Meu estômago embrulhou, mas a confusão e o horror superaram a tontura que tentou me puxar para baixo.

Albert encostou-se na porta dos fundos fumando um cigarro e observando a cena com uma expressão entediada. Outros homens ocuparam a sala, mas eu só pude ver Ronan.

Ele se sentou com os cotovelos sobre os joelhos enquanto passava o dedo pelo fio afiado de uma faca. Ele estava falando, as palavras baixas e em inglês. Sua voz soou diferente de quando ele falava comigo. Estava

contaminado com escuridão e emoção; o tipo de voz que floresceu em luxúria, dor e controle. Eu escolhi suas palavras através do tamborilar de sangue em meus ouvidos, juntando-as como um quebra-cabeça.

Foi um pesadelo que ganhou vida.

Ronan estava perguntando se alguém realmente precisava de um dedo mindinho. Parecia uma pergunta retórica, mas alguns homens responderam.

— Ele pode esquecer o tamanho de seu pênis sem nenhum dedo para comparar.

— Sua esposa perderia o choque — disse um deles, provocando gargalhadas pela sala.

Ronan sorriu. — Eu acho que ela terá que conseguir em outro lugar.

Minha visão escureceu, terror inflando na minha garganta, quando ele se levantou e bateu com as mãos do homem na mesa.

— Alguma última palavra como um homem de dez dedos?

O homem cerrou os dentes.

Ronan riu. — Que assim seja.

Com um rápido brilho prateado, o dedo mínimo do homem rolou para fora da mesa e caiu no chão com um ruído nauseante. Seu gemido doloroso não engoliu meu suspiro de horror.

O olhar escuro de Ronan veio em minha direção.

Eu não conseguia respirar, paralisada sob o brilho rude e cruel em seus olhos enquanto ele limpava o sangue da faca no lado da perna da calça. Uma

onda quente de adrenalina iluminou dentro de mim.

Eu corri.

Sabendo que um homem estava sentado no final do corredor, fiz uma curva fechada à direita para a cozinha escura, rastejei para trás do balcão de aço inoxidável e pressionei minhas costas contra ele. Passos suaves soaram no corredor, cada vez mais perto. Lágrimas correram pelo meu rosto. Cobri minha boca para segurar um soluço.

O medo apertou meus pulmões, sufocando cada respiração antes que eu pudesse inalar.

— *Kotyonok* — ele zombou, o suave carinho soando de algum lugar no escuro. Ele não acendeu as luzes, e eu sabia que era porque ele estava gostando desse jogo torcido de esconde-esconde.

Eu rastejei para longe de sua voz.

Agora, eu podia ver uma luz da porta de serviço que dava para perto do bar. Meu peito se moveu para cima e para baixo em antecipação. Sem aviso, eu estava de pé e correndo para lá, mas não consegui sair da escuridão antes que braços me pegassem por trás.

A mão de Ronan cobriu minha boca, abafando meus gritos, enquanto eu lutava contra seu aperto de ferro com lágrimas inundando minha visão.

— Onde você está indo, *kotyonok?* — Suas palavras ameaçadoras pressionaram contra meu ouvido. — A festa está apenas começando.

Uma picada afiada cutucou minha nuca.

E então o peso puxou minha consciência, para baixo, para baixo...

Até que tudo estava escuro.



PARTE II

GOSTARIA DE JOGAR UM JOGO COM O DIABO?

–Anônimo

CAPÍTULO DOZE

Ronan

faodail

(N.) um achado de sorte

JOGUEI A SERINGA VAZIA no chão quando seu corpo ficou mole em meus braços. Eu mantive a injeção no bolso desde que ela me encontrou em sua primeira noite aqui, esperando o momento certo para colocá-la em uso.

E este *não* era o momento certo, porra.

A raiva enviou uma onda de calor através de mim quando passei um braço em volta de suas pernas e a ergui, seu longo rabo de cavalo loiro pendurado sem vida. Por baixo do casaco, ela usava uma saia boêmia com uma fenda no quadril e uma espécie de blusa que não chegava ao umbigo. Tão impraticável para um inverno russo.

Como sempre.

Sua cabeça rolou para descansar contra mim, trilhas de lágrimas molhadas em suas bochechas. Desviei o olhar do rosto dela e me virei para ver Albert atrás de mim, seu olhar cauteloso na garota em meus braços. Ele estava tão sem emoção como o gelo, mas eu só podia assumir que o olhar quase imperceptível em seus olhos era reserva sobre o que eu poderia fazer com ela.

— Eu vou levá-la — ele disse.

Eu tinha certeza que sim.

Aborrecimento queimou em meu peito. — Você vai limpar a bagunça com Adams. Há sangue espalhado pelo chão.

Eu nunca disse a ele para esfregar o chão, mas o fato de que ele queria proteger essa garota de *mim*... bem, isso me irritou. Ela era minha por enquanto, e eu faria o que quisesse com ela.

Seu olhar a tocou novamente antes de se mover para obedecer sem dizer uma palavra.

Albert era extremamente leal, ele levou balas por mim. Mas percebi que, desde que Mila pôs os pés em Moscou, não podia confiar nenhum dos meus homens com ela. A primeira merda foi apenas ordenada para assustá-la em direção à minha porta, não dar uma olhada nela e decidir estuprá-la. Minha bússola moral pode estar apontada para o sul, mas senti algo... impróprio sobre raptar uma adolescente machucada com uma concussão. Eu me orgulhava de ser um homem justo, então, naturalmente, seu agressor estava flutuando no Moskva sem um único dente ou dedo para ser identificado.

— Andrei — eu disse, passando por ele na sala dos fundos.

Ele tirou o palito da boca e me seguiu até o carro no beco. Depositei meu pacote no banco de trás. Sua saia subiu, expondo muitos centímetros de coxas macias e tonificadas. A garota tinha um problema irritante com calças. Em vez de aproveitar a visão, experimentei uma necessidade de puxar o tecido para baixo e me perguntei se era assim que se sentia a decência humana. Um pouco nauseante.

Batendo a porta, virei-me para Andrei. — Qualquer um ao menor olhar para ela, mate-o.

Ele colocou aquele palito idiota de volta na boca, sua atenção presa nas pernas da garota pela janela do carro.

Eu cerrei meus dentes. — Isso inclui você. Tenho coisas melhores para fazer do que assistir você explodir seus próprios miolos.

Ele me deu um breve aceno de cabeça e desviou o olhar da janela.

Voltei para dentro e fiz meu caminho para Kostya, que estava sentado em um banquinho no final do corredor, sua atenção em seu telefone. Parei ao lado dele para ver que ele estava jogando *Candy Crush*. O filho da puta estava tão envolvido em seu joguinho que saltou quando eu falei.

— Você tem quatro jujubas aí.

Cautelosamente, ele olhou para mim. — *Gde?* — *Onde?*

— Lá. — Eu os apontei.

Ele puxou o feijão de geleia vermelho no lugar e engoliu. — Obrigado, chefe.

— Sem problemas.

Então eu dei um soco no rosto dele.

Ele voou de costas para o chão. Eu chutei o banquinho para fora do caminho e pisei em seu telefone, ouvindo-o estalar enquanto eu caminhava em direção a ele. Agarrando um punhado de sua camisa antes de bater nele novamente, eu reverenciei a queimadura em meus dedos.

— É melhor você ter uma boa razão para permitir que ela vá para lá — eu rosnei em russo.

O sangue jorrou de seu nariz. — Ela é venenosa. Assim como as histórias de sua mãe.

— Não é um bom motivo. — Peguei minha arma da minha cintura e pressionei o cano em sua cabeça.

Ele ficou tenso. — Você tem brincado com ela por muito tempo. Todos nós podemos ver que ela está cravando suas garras Mikhailov em você.

Sim, talvez eu tivesse deixado isso continuar por muito tempo, mas *tomei* as decisões malditas por aqui.

— *Nós?* Quem mais contribuiu para que ela viesse aqui esta noite?

Ele hesitou, e meu dedo apertou o gatilho.

— Vasily — ele deixou escapar. — Ele só a assustou.

A irritação subiu pelas minhas costas. Eu estava perdendo a paciência com meus homens quando se tratava dessa garota. Mas o que mais me enfureceu foi que ninguém tinha o direito de assustá-la, exceto *eu*.

— Você acha que poderia fazer meu trabalho melhor do que eu? — Eu perguntei. Ele teria que me matar para fazer isso, e nós dois sabíamos que era uma luta que ele nunca ganharia.

Sua mandíbula cerrou. — Pasha era meu irmão.

A triste verdade é que esqueci o nome do garoto quando enfiei meus dedos dentro de Mila.

Talvez ela fosse venenosa.

Eu tive meu quinhão de mulheres bonitas e algumas outras, mas esta... Era como se seu corpo fosse projetado apenas para mim. Infelizmente, sob o exterior de uma líder de torcida americana, havia um anúncio de Woodstock. Eu não tinha nada contra o amor livre, mas seria um eufemismo dizer que eu não era alguém que espalhava sinais de paz.

Um motorista de táxi/traficante de drogas meu reconheceu Mila minutos depois que ela saiu do aeroporto. Desde então, eu aprendi várias de suas realizações ridículas: oradora da turma, capitã da torcida, voluntária em um abrigo para sem-teto. Ela até organizou uma arrecadação de fundos para salvar as baleias jubarte quando tinha quinze anos. Se isso não traçasse um quadro claro, ela foi eleita a “Mais Provável para Ganhar o Prêmio Nobel” em sua prestigiosa escola secundária.

Deus estava rindo de mim quando entregou minha vingança direto para minhas mãos, embrulhado em um pacote perfeito e ecologicamente correto. Embora, Ele não deva ser responsável por Mila praticamente implorar para eu tirar vantagem dela.

A partir do momento em que ela gozou em cima de mim, agarrando punhos da minha camisa com desespero inocente como se eu fosse o único que poderia dar a ela, isso trouxe um fogo profundo e enervante na minha virilha. Eu estaria mentindo se dissesse que não está prejudicando minhas decisões.

Eu desprezava o quanto eu queria transar com a filha de Alexei, mas odiava ser questionado sobre minhas merdas ainda mais.

— Saia da minha frente. — Eu empurrei Kostya para longe de mim. — Você me dá nojo.

Ele se levantou, limpou um pouco de sangue com as costas da mão e desapareceu pela porta. Colocando minha Makarov na parte de trás da minha cintura, tirei a raiva dos meus ombros e voltei para a sala dos fundos.

— Albert. — Eu estalei meus dedos. — Vamos.

Ele se levantou e jogou um pano ensanguentado no chão.

Do lado de fora, deslizei para o banco de trás ao lado de Mila e, quando me ajustei para o espaço, sua cabeça pousou no meu colo. Seu cabelo, da cor do trigo e do verão. Fui deslizar meus dedos por seu rabo de cavalo, mas parei o impulso quando percebi a merda ridícula que acabei de pensar. Chegar aos trinta me deixou repugnantemente sentimental.

Cílios longos e loiros repousavam nas bochechas intocadas pela maquiagem. Lábios carnudos e separados. Ela parecia inocente e vulnerável, mas o mesmo acontecia com sua mãe, que era uma Hera Venenosa na vida real, famosa por sua voz, embora infame por suas atividades sadomasoquistas.

Por mais ingênua que Mila possa parecer, ela foi astuta o suficiente para ver através de mim e citar “O Corvo”.

Pena que seu coração mole foi sua ruína.

Sua respiração ficou um pouco superficial e meu peito apertou com o pensamento de que eu injetei nela muita etorfina. Eu dei um tapa em seu rosto. Ela estremeceu como se seu sono tivesse sido perturbado, e a sensação de desconforto desapareceu.

Eu não me importava com essa garota.

Eu simplesmente não gosto de matar mulheres.

Embora, depois que meu irmão e eu não fizéssemos nada além de assistir enquanto nossa mãe engasgava com seu próprio vômito, não era exatamente uma raridade. Algumas mulheres mereciam a morte. Principalmente minha mãe. E Mila, por falar nisso.

Albert nos levou para uma casa fora da cidade. A viagem durou mais de uma hora, no máximo, e me perguntei o que meu animal de estimação faria se acordasse antes de chegarmos. Ela choraria, imploraria? Ou ela mostraria suas cores Mikhailov?

Irritado por não poder descobrir agora, quase me arrependi de tê-la drogado. Mas eu não tinha paciência para uma mulher histérica no meu carro. Era o sedativo ou sufocá-la até desmaiar. Este último era menos confiável, e algo em mim não se acomodou bem com a ideia de ouvi-la lutar para respirar – embora qualquer filho de Alexei merecesse isso e muito mais.

Eu o empurrei para fora de Moscou no ano passado. Só poderia haver um governante nesta cidade, e eu não gostava de compartilhar. Eu presumi que ele lamberia suas feridas em outro lugar, mas o bastardo era um perdedor dolorido. O corpo mutilado de Pasha apareceu na minha porta há três meses. Eu vi vermelho. Meu sangue ainda queimava só de pensar nisso. Era um fogo que não poderia ser apagado até que eu tivesse a cabeça de Alexei.

Não achei que ele tivesse algum amor por ele, mas ele deve cuidar de sua filha se a criou em segredo na América. Assim que ele admitisse, ela estaria livre para rastejar para casa. Até então...

— *Moy kotyonok.* — Corri o polegar em seus lábios entreabertos. — Eu disse que esta cidade comeria você viva.

Só não contei a ela que era dono de Moscou e tudo que havia nela.

CAPÍTULO TREZE

Mila

morose

(N.) a mais estúpida das estupidez

Minha BOCA ESTAVA SECA como algodão. Uma mecha de cabelo fez cócegas na minha bochecha. Estendi a mão para coçá-lo, mas a confusão nublou minha mente quando minhas mãos se recusaram a se mover.

Eu abri meus olhos, piscando contra a luz que vinha da televisão no quarto escuro e desconhecido. Meu batimento cardíaco tremeu quando vi meus pulsos presos aos braços de uma cadeira de madeira. Eu puxei contra as cordas, mas um gemido suave trouxe meu olhar para a TV na cômoda. Eu encarei a cena passando na frente dos meus olhos, a repulsa subindo na minha garganta.

O gemido na tela veio de *mim* enquanto eu estava sentada nua no colo de Ronan, esfregando em sua mão.

Ele nos gravou.

O vídeo foi filmado de um canto alto do meu quarto de hotel, em uma câmera que poderia estar lá durante toda a minha estadia. A humilhação agitou meu estômago e torceu meu coração como um pano torcido enquanto eu me via gozar e estremecer contra ele.

Então o vídeo começou a tocar novamente.

Eu gostava de Ronan.

Eu me *importei*.

E ele estava apenas me usando.

Lágrimas turvaram minha visão enquanto eu freneticamente puxava as cordas em meus pulsos, tentando torcer para fora delas. Eu congelei quando uma presença pesada me disse que eu não estava mais sozinha.

Ronan parou na frente da porta, uma lasca de luz vindo do corredor. Seus olhos, a largura de seus ombros, o preto sobre preto de suas roupas caras - eles engoliam as sombras do quarto.

Escuridão ali, e nada mais.

Eu chamei no começo. Algo dentro de mim sempre soube.

— Você não vai fazer muito mais do que se machucar. Aprendi a dar um nó na prisão.

A indiferença em sua voz penetrou em minhas veias, congelando meu sangue de dentro para fora. Eu fiquei tensa quando ele se aproximou, seu olhar passando rapidamente para a TV para me ver girar em seu colo.

— Um vídeo de você montando meu pau teria sido melhor, mas independentemente disso, você é um bom show, *kotyonok*.

Este homem não era aquele que conheci na semana passada. Percebi agora que o homem "generoso" não passa de uma mentira. Só alguém doente poderia me tocar, me *acariciar*, sabendo o tempo todo que eu era apenas um peão em qualquer jogo torcido que fosse. Eu fui tão estúpida. Uma garota estúpida e ingênua que caiu direto nos braços de um monstro.

Estremeci quando meus músculos se contraíram, ainda sentindo uma picada aguda na nuca por causa do que quer que ele tenha me enfiado.

— O que você me deu? — Eu respirei, minha voz vacilando.

Ele se encostou na cômoda e cruzou os braços, os ombros quase bloqueando toda a luz da TV. Ainda ontem, achei seu tamanho e força atraentes. Agora, isso me apavorou.

— Etorfina.

Parecia familiar e procurei onde já tinha ouvido falar: o programa *Dexter*. Era o que ele usava para nocautear suas vítimas antes de torturá-las. Imagens de serras e membros soltos fizeram minhas veias tremerem, especialmente quando me lembrei de como Ronan cortou o dedo de um homem sem nenhum remorso.

Se ele tivesse um desejo demente de me mutilar, por que ele precisaria nos registrar? E se ele trabalhava para uma quadrilha de tráfico sexual, por que beber vinho e jantar comigo por tanto tempo? Ele teve várias oportunidades de me sequestrar, incluindo a primeira noite em que dormi em seu escritório.

Nada fazia sentido, e o desconhecido espalhou gelo por mim.

— O que você quer de mim? — Eu perguntei.

— Que pergunta carregada — disse ele, os olhos em algo pequeno que torceu entre os dedos. Eu sabia que era meu brinco em forma de coração. — O que você acha que eu quero de você?

Eu o encarei, meu pulso acelerado com incerteza.

— Você realmente não tem ideia — ele falou lentamente, o olhar aceso com diversão. — Aparentemente, eles não tornam as garotas tão inteligentes quanto antes.

Eu fui estúpida. Eu sabia e aceitei. Mas ouvir isso de seus lábios enviou uma explosão de fogo por mim.

— Apenas me diga o que você quer, seu psicopata — eu rebati, puxando as cordas em meus pulsos.

O flash de seus olhos penetrou na escuridão quando ele se afastou da cômoda, e eu não pude segurar um pulo quando ele agarrou meu rosto. Sua voz era baixa e suave, e me assustou mais do que se ele tivesse gritado.

— Observe como você fala comigo, ou você logo descobrirá o quão doente eu realmente sou.

Minha respiração tremeu, mas eu segurei seu olhar.

Roleta russa.

Um piscar e eu estaria morta.

Talvez isso fosse uma morte mais rápida do que o que ele tinha reservado para mim.

Seus olhos advertiram: *Não jogue jogos que você não pode vencer.*

Os meus disseram: *isto não é um jogo. É o inferno.*

Depois de uma pausa tensa, ele me soltou. — Você, Mila, é apenas um meio para um fim. Não vou dizer que não gostei. — Seu olhar foi para a TV

enquanto meus gemidos ficavam mais altos. — Uma *kotyonok* tão entusiasmada.

Meu estômago revirou, mas, pior ainda, meu coração doeu como se tivesse sido arrancado do meu peito. Eu me apaixonei por este homem. Eu me importei, desejei, *senti*. Fechei os olhos enquanto a risada de Madame Richie rastejava dos cantos escuros da minha mente, levantando meu pulso e os pelos em meus braços.

Eu fiquei tensa, sentindo-o andar em volta da minha cadeira.

— Para ser honesto, eu esperava mais da filha de Alexei. Estou quase desapontado com a facilidade que foi.

Eu abri meus olhos de várias maneiras. — Isso é sobre meu papa.

Ele riu, e a vibração causou um arrepio na minha espinha. — Dê uma medalha para a garota.

Ronan descansou seus antebraços nas costas da minha cadeira, prendendo-me, e observou enquanto eu fodia seus dedos na tela. O som suave da minha respiração e meus gemidos gravados encheram a sala.

Ele se inclinou, sua voz um estrondo no meu ouvido. — Eu me pergunto o que seu papa pensaria se visse isso.

O nojo mordeu minhas veias. Ele não podia ser tão distorcido.

— Vamos descobrir?

Quando ele segurou um telefone celular na frente do meu rosto, meu coração afundou ao ver sua caixa branca brilhante. Era meu. Achei que tinha sumido há muito tempo com meu casaco, mas agora eu sabia, ele sempre o teve.

Ele clicou em um rascunho de mensagem escrita para meu papa para me mostrar o vídeo na caixa de texto.

Isso não era real.

Isso não poderia estar acontecendo comigo.

O pânico se expandiu em meus pulmões, arranhando e mordendo a carne. Meu aperto aumentou em torno dos apoios de braço com tanta força que doeu.

— Por favor, não — implorei.

Seu polegar pairou sobre o botão enviar. — E o que você vai fazer por mim?

Eu entendi a insinuação em sua voz. Lágrimas correram pelo meu rosto, meu peito arfando com a impossibilidade da situação. Eu estava dividida em duas direções diferentes, mas sabia que até mesmo entregar meu corpo seria melhor do que meu papa ver aquele vídeo.

— Qualquer coisa — eu chorei. — Eu farei o que você quiser.

— O problema é, — ele disse suavemente, esfregando o rosto no meu cabelo — eu já vi tudo. — Suas palavras ficaram frias e descuidadas. — A novidade acabou.

Com um toque de seu dedo, o som de uma mensagem enviada atingiu meus ouvidos.

Meu coração caiu no chão, e eu mal ouvi o sem tom, — Opa — ele zombou contra o meu ouvido como se fosse meramente um acidente, antes de se afastar de mim.

O ácido subiu pela minha garganta, então me inclinei e joguei tudo que estava no estômago no tapete persa.

Ele se abaixou na minha frente e enxugou um pouco de vômito do meu lábio inferior com o polegar. — O que vou fazer com você, *kotyonok?*

Ele não era mais um enigma usando Versace, indiferente ao sangue em suas calças e meu vômito em sua mão. Ele era um monstro vestido como um cavalheiro.

Eu trouxe meu olhar cheio de lágrimas para ele e disse três palavras que nunca disse antes. — *Eu te odeio.*

Ele sorriu. — Demorou o suficiente.

Eu tremi de humilhação. — Por que você está fazendo isso?

E assim, sua diversão desapareceu, substituída por um olhar implacável que sugou todo o calor da sala. Ele puxou o telefone do bolso de trás e o enfiou no meu rosto. Virei minha cabeça em repulsa com a foto na tela, mas ele agarrou minhas bochechas para me segurar no lugar.

Eu apertei meus olhos fechados, a imagem ainda queimava em meu cérebro.

Sangue. Muito sangue.

Carne mutilada.

Olhos sem vida.

Ele era apenas um menino.

— Seu papa não é um investidor.

Eu balancei minha cabeça, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Não acreditei que meu papa fosse o responsável... *isso*. Ele não pode ser.

— O nome do menino era Pasha. Ele era um bom garoto — foi tudo o que Ronan disse, mas eu sabia pelo seu tom, em algum lugar no coração negro deste homem, ele se importava com ele.

Eu abri meus olhos. Mesmo que fosse totalmente injustificado, dadas as circunstâncias, não pude deixar de sentir compaixão por aquele menino.

— Eu sinto mui...

Não consegui terminar a palavra porque ele deu um tapa na minha cara. Não foi duro, mas mesmo assim virou minha cabeça surpresa. Eu nunca tinha sido atingida na minha vida, e a ação me deixou sem palavras.

— Eu já lhe disse, você acabou com as desculpas — disse ele asperamente.

Meu telefone tocou em seu bolso traseiro. Ronan me observou, deixando tocar e tocar, antes de trocar o celular em sua mão pelo meu. Ele atendeu a chamada no viva-voz e ficou em pé.

— Alexei — disse ele. — Espero que o tempo esteja bom na Sibéria.

— Se você machucou minha filha, vou cortar seu pênis e enfiá-lo garganta abaixo. — A voz do meu papa cortou como uma faca pela sala, tão áspera e estranha que enviou um arrepio na minha espinha. Parecia que eu tinha levado um tapa dez vezes mais forte do que quando Ronan me bateu um momento atrás.

Ronan riu. — Criativo como sempre, Alexei. Infelizmente, como você acabou de ver, meu pau está muito mais perto de sua filha do que de onde você está se escondendo.

Meu olhar pousou nas tatuagens nos dedos do meu captor, e meu estômago gelou. Ele tinha homens que obedeciam às suas ordens, era escandalosamente rico e aparentemente esteve na prisão.

Qual era a palavra para máfia russa?

Bratva.

Isso explicava os homens estranhos que entravam e saíam de nossa casa, o segredo de meu papa sobre seu trabalho, sua recusa em permitir que eu entrasse na Rússia e Ivan. Isso explicava o vazamento de tinta vermelha por baixo... *não.* Eu não poderia ir lá. Simplesmente explicava *tudo.* Todas as suspeitas que eu já tive. Sua família secreta agora parecia um alívio bem-vindo.

— Ela não tem nada a ver com nossos negócios — papa disparou.

— Semântica — Ronan respondeu secamente, seus olhos pensativos em mim. — Ela poderia ser a gêmea de Tatianna. Deve ser estranho você ter fodido uma mulher que se parecia com ela.

O único que tornava tudo estranho era este bastardo sem coração.

— Mila não se parece em nada com a mãe.

— Isso eu acredito — Ronan falou lentamente, encostando-se na cômoda. — Ouvi dizer que ela era uma vadia sádica.

Minha garganta se apertou.

Ele estava mentindo. Ele tinha que estar. Embora eu não pudesse deixar de lembrar das reações estranhas em resposta ao seu nome, incluindo o terror de Vera quando ela olhou para mim.

Não. Eu não o deixaria arruinar a memória da minha mãe - a memória que eu criei, pelo menos.

— Chega, — meu papa ralou. — Nós dois sabemos o que você quer. Vou me trocar por ela.

A compreensão tornou-se um terror que fechou meus pulmões. — *Não* — eu respirei.

Eu sabia o que Ronan faria com meu papa. Eu sabia que nunca mais o veria. A ideia de ter que atravessar a vida sozinha deixou um grande peso em meu peito.

Eu não sabia sobre as transgressões do meu papa – essa vida secreta e assustadora que ele levava – mas não podia simplesmente esquecer o bom pai que ele sempre foi. Aquele que trançou meu cabelo quando criança no lugar da mãe que eu nunca tive. Aquele que lia histórias de ninar para mim, me beijou na testa e me chamou de seu anjinho.

— *Mila.* — Foi um suspiro cansado sobre a linha. Ele não sabia que eu estava ouvindo, e o arrependimento suavizou sua voz.

— Sinto muito, papa — solucei.

Os olhos de Ronan se estreitaram.

— Eu não deveria ter mantido minha vida em segredo de você por tanto tempo. Eu só queria mantê-la segura.

Foi por isso que ele mentiu sobre minha morte quando criança e me enclausurou em Miami?

— Isso nunca deveria ter tocado em você, e eu sinto muito por isso. Só saiba que sempre amei você, Mila, não importa o que ouça sobre mim. — Essa foi a terceira vez que o ouvi dizer que me amava, e isso partiu meu coração ao meio.

— Por favor, não faça isso, papa — implorei. — Ele vai matar você.

— Ivan ficará ao seu lado. Ele cuidará de você.

Uma tensão desagradável encurtou o oxigênio no ar. Ronan correu o polegar pela cicatriz em seu lábio inferior e algo obscuro passou por seus olhos, mas não consegui discernir em meio às lágrimas.

— Isso é tudo minha culpa — eu chorei.

— Não, — papa disse asperamente. — É minha e eu assumirei a responsabilidade por isso.

Seu tom me disse que a conversa havia acabado. Mordi meu lábio para segurar uma resposta até sentir o gosto de sangue. O sabor metálico normalmente faria minha pressão arterial cair, mas no horror da situação, isso não me afetou.

Ronan quebrou o silêncio, sua expressão seca. — Isso tudo é um pouco melodramático para mim.

Eu não sabia como era o ódio até este momento. Uma bola de destruição apertada que inchou em meu peito.

— Envie-me as coordenadas para a troca — disse Papa.

Ronan permaneceu em silêncio, um brilho contemplativo e tumultuoso em seus olhos enquanto me observava.

— O que, sem regozijar-se? Você não é assim, *D'yavol*.

Meu estômago caiu e meus lábios se separaram em consciência.

Ronan riu da minha expressão. — Não olhe para mim como se eu tivesse inventado. Prefiro uma mulher gritando meu nome de batismo quando estou enterrado bem no fundo dela.

Eu estava errada. O diabo não tinha pele vermelha e cauda bifurcada. Ele reinava na destruição de Moscou com uma boca suja, um sorriso fácil e uma cobra no lugar do coração.

— Nós temos um acordo? — Meu papa retrucou.

Ronan me encarou por muitos segundos, seu olhar frio arrepiando os cabelos dos meus braços. — Não.

— *Nyet?*

— Acho que primeiro gostaria de brincar com meu novo animal de estimação por um tempo.

Eu segurei seu olhar, não querendo mostrar a ele o pavor dentro de mim. Felizmente, ele não conseguia ver o suor frio sob minhas roupas.

Os dentes do papa estavam cerrados. — Toque-a e...

— Você vai cortar meu pau e enfiá-lo na garganta de Nadia — Ronan terminou, entediado. — Eu ouvi você da primeira vez.

Nadia?

O diabo tinha namorada. Eu me perguntei se ele a mantinha trancada em seu porão ou se ela era a cantora de ópera que interpretou Liza.

— Se você aparecer em Moscou antes de eu convidá-lo, enviarei as partes do corpo de sua filha para sua casa em caixas FedEx. *Ponimayesh?* — *Entendeu?*

— Vou mandar você de volta para o inferno por causa disso, *D'yavol*.

— Mal posso esperar — respondeu Ronan. — Falaremos em breve, Alexei.

Ele encerrou a ligação antes que meu papa pudesse responder. Tocou instantaneamente. Ele desligou e me encarou com um olhar pesado que irritou minha pele.

— Tão leal ao seu papa — ele disse friamente, embora seus olhos fossem mais escuros que a noite. — Mesmo depois do que eu te mostrei?

Eu nem queria pensar sobre aquele menino e o que foi feito com ele. Meu estômago revirou e me fez questionar *tudo*. Mas não tive tempo de processar tudo e, agora, tinha duas opções: o diabo ou meu pai. A escolha era fácil. Meu olhar queimou com essa convicção.

Sua mandíbula tremeu. — Acho que você tem mais sangue da sua mãe do que eu pensava.

Eu odiei o que ele insinuou, que ela era outra coisa senão a mãe honrada que morreu antes de eu conhecê-la. Ele era um mentiroso. Ele estava mentindo desde o primeiro momento em que o conheci.

Meu corpo ficou tenso enquanto ele caminhava em minha direção. Sua sombra era uma presença viva que alcançou meu peito e roubou o fôlego de meus pulmões.

— Você não tem que fazer isso — eu disse a ele.

— Errado de novo, *kotyonok* — disse ele, circulando minha cadeira. — Seu papa vai pagar pelo que fez. — Eu exalei quando ele puxou minha cabeça para trás pelo meu rabo de cavalo, sua voz endurecendo. — Ele vai suar muito sobre o que estou fazendo com sua filha preciosa. E quando eu terminar com você, a cabeça dele vai decorar minha lareira.

Engoli. — Você é doente.

Ele esfregou o polegar sobre meus lábios, espalhando o sangue de onde eu me mordi em minha bochecha. — Todos nós temos nossos vícios, não temos?

Meus olhos brilharam em desacordo.

— *Malen'kaya lgunishka* — ele falou *lentamente*. — Eu não esqueci o quão rápido você gozou sobre mim – e em toda a minha mão, por falar nisso. Você mesma disse, se não fosse comigo, teria sido com outro. — Seu aperto aumentou em meu cabelo. — Albert, talvez.

Eu me sinto doente.

Degradada.

Fraca.

Eu não sabia se conseguiria sobreviver a isso.

— Agora que as formalidades acabaram, podemos dar a seu papa uma prévia do que está por vir?

Pisquei quando seu telefone se moveu na nossa frente.

O diabo era sarcástico e conhecedor de tecnologia. Meu pescoço doía de seu aperto cruel no meu rabo de cavalo enquanto ele nos colocava para uma selfie torcida.

— Sorria para a câmera.

Clique.

CAPÍTULO QUATORZE

Mila

maquiavélico

(N.) perverso, vilão, enganador

— VOCÊ PODERIA, PELO MENOS, TER tentado fazer um esforço — disse Ronan como se estivesse desapontado comigo, examinando a foto que ele tirou.

Este homem estava perturbado.

O diabo andando pelas ruas de Moscou.

Ele colocou o telefone no bolso de trás e se agachou na minha frente. Desamarrando as cordas em meus pulsos, ele distraidamente correu o polegar sobre a pele ferida abaixo. Aquelas pequenas carícias me convenceram ontem de que ele gostava de mim, mas talvez aquele calor fosse apenas um segredo que os vilões transmitiam uns aos outros como um meio de atrair sua presa antes de pisar em seus corações.

— Seu papa é tão louco quanto você? — Eu perguntei sem emoção.

Ele olhou para mim, divertido. — Não tenho certeza. Nunca o conheci. Mas se isso faz você se sentir melhor, minha mãe era tão sádica quanto a sua.

Meus olhos brilharam com ressentimento, mas sua expressão e o fato de que ele estava perto o suficiente para me esbofetear novamente seguraram minha

resposta. Seu olhar continha um aviso antes de se levantar e desligar o pornô amador na TV.

Esfreguei meus pulsos e me levantei, estremecendo com a dor em meus músculos, e o observei com cautela enquanto ele se encostava na cômoda, sua atenção em seu telefone. Provavelmente mandando aquela foto idiota para o meu papa.

Ele poderia ter colocado muito mais poder naquele tapa antes, uma marca de mão vermelha na minha bochecha teria sido uma selfie melhor. Eu não estava tão convencida de que ele queria me machucar. Talvez eu pudesse fazê-lo ver a razão. Talvez eu pudesse sair dessa com minha alma intacta.

Embora, infelizmente, toda a minha confiança caiu no chão quando ele falou.

— Suas roupas — disse ele, os olhos ainda em seu telefone. — Remova-as.

Eu o encarei, minha respiração ficando fria.

Ele já tinha visto tudo que eu tinha a oferecer – tinha *gravado* para assistir sempre que quisesse – mas esse não era o ponto. Cada nervo do meu corpo lutou contra a submissão à sua vontade. A pacifista dentro de mim queria obedecer. Meu cérebro ordenou que eu me despisse, *agora*, mas, meu orgulho e, de alguma forma, meu coração, puxaram-me na outra direção.

Engolindo em seco, dei um passo para trás. O movimento trouxe seu olhar escuro para o meu.

Eu não entregaria a este demônio minha alma.

Se ele quisesse, teria que arrancar do meu peito.

— Não.

Seus olhos endureceram, segurando os meus enquanto ele colocava o telefone na cômoda ao lado dele e me dava toda a sua atenção terrível. Minha resolução vacilou como uma corda puxada. Recuei até minhas pernas baterem na cama.

— *Kotyonok*, — ele avisou, dando um passo em minha direção, — 'não' não está mais em seu vocabulário. Quando eu disser para você fazer algo, você o fará com um sorriso. Não faça isso e as coisas ficarão muito desagradáveis para você. Tire. As. Fora.

Eu precisava saber o que ele planejou para mim. Minha imaginação era um lugar assustador, e estava pensando em uma miríade de maneiras perturbadoras de se vingar. O desconhecido torceu meus pulmões com força. Eu queria que ele fizesse o seu pior agora, ou a ansiedade me consumiria até que eu adoecesse fisicamente.

Com o coração disparado contra minha caixa torácica, segurei seu olhar.

— Não.

Ele me observou por um segundo, e então ele estava em mim tão rápido que um grito subiu pela minha garganta.

Ronan me jogou de costas na cama, deixando cair seu corpo em cima do meu. Eu me virei contra ele, conseguindo dar uma joelhada em sua virilha. Um homem cairia no chão e agarraria suas partes, mas este monstro apenas parou por um segundo, fechou os olhos, então deixou um som animalesco escapar por entre os dentes cerrados.

Aproveitei a distração dele e virei de bruços para rastejar para longe dele e subir na cama, mas ele agarrou meu tornozelo, arrastando-me para baixo dele e me rolando de costas.

— Você conseguiu me irritar — ele rosnou. — Não é uma boa jogada.

Quando ele montou em meus quadris, tentei empurrá-lo, mas não consegui encontrar nem um centímetro de liberdade. Ele rasgou minha blusa. Botões espalhados pela cama.

Ele era tão pesado, tão imóvel. Se Deus existisse, ele prestaria um enorme desserviço ao mundo ao colocar a alma deste homem neste corpo.

Eu lutei com Ronan com tudo em mim, minhas unhas cegas agarrando seu pescoço. Ele rosnou e bateu meus pulsos acima da minha cabeça, segurando-os com uma mão enquanto puxava minha saia pelas minhas pernas. Eu afundei meus dentes em seu antebraço.

— Cuidado, — ele ameaçou — você está me excitando.

A evidência disso foi repentinamente gritante e forte contra meu estômago. A ideia do que ele poderia fazer comigo uma vez que ganhasse essa luta – e ele *ia* ganhar – tomou conta de meus pulmões. Uma onda de medo apagou a chama em meu peito com um *silvo* fraco.

Eu fiquei imóvel, para sua diversão.

Meu corpo tremia enquanto ele tirava o resto das minhas roupas. Ele me mexeu como uma boneca, me virando para soltar o sutiã e tirar os braços da blusa. Ele deslizou minha calcinha pelas minhas coxas, e por instinto – ou talvez apenas para sentir que tinha uma aparência de controle – eu levantei minhas pernas para que ele pudesse puxar.

Eu estava deitada nua, exceto pelo pingente de estrela entre meus seios.

Sentando-se escarranchado em meus quadris, suas mãos segurando meus pulsos acima da minha cabeça, Ronan observou meu corpo embaixo dele.

Ele nem estava respirando com dificuldade, mas dei tudo de mim. O ressentimento se expandiu em meu peito. Eu precisava ver uma resposta humana dele. Eu precisava saber que tinha uma chance de sobreviver a ele.

Ele se inclinou e descansou seu corpo no meu. Ele parecia quente ao toque, e eu sabia que era porque ele queimava com as chamas do inferno. Pressionando seu rosto em meu pescoço, ele me acariciou, sua voz áspera com contenção.

— Você sabe como eles domesticam os falcões?

Fiquei em silêncio, olhando cegamente para o teto.

Ele correu seus lábios pela minha garganta. — Eles os trancam, cobrem seus olhos e os alimentam com as mãos.

— Eu prefiro morrer de fome.

Sua risada foi gutural, pontuada por seus quadris pressionando os meus, sua ereção dura entre minhas pernas. Obviamente, a novidade não tinha acabado completamente. Nossos corpos se encaixam como se fossem feitos um para o outro. Que piada.

Eu queria mostrar indiferença, mas meus nervos formigavam de ansiedade, cada toque dele queimando com sensibilidade. O mero toque dos botões de sua camisa contra a minha pele enviou um arrepio espalhando por todo o meu corpo.

Ele deslizou suas pernas entre as minhas, soltou meus pulsos para agarrar minhas coxas e cavou seus dedos na carne macia, espalhando-os para que ele pudesse pressionar seu pau totalmente contra mim. A moagem contra meu

clitóris enviou uma lasca de calor por mim, penetrando o pavor como um fio de água quente.

Meu coração começou a galopar estranho no meu peito, a recepção fácil que meu corpo deu a ele apertando meu estômago. Eu agarrei suas mãos e ele me deixou puxá-las para longe de minhas coxas – mas só porque ele já estava onde queria estar, liberando um hálito muito humano entre os dentes.

Claro, tinha que ser a luxúria sua única fraqueza mortal.

Segurei suas mãos, tentando impedi-las de me tocar e perturbar meus sentidos, embora o ato de repente queimasse com intimidade, e eu as deixei cair.

— Por favor, não faça isso — eu respirei.

Ele não estava me ouvindo. Ele estava correndo as palmas das mãos em meus quadris, agarrando minha cintura e me puxando com mais força contra sua ereção, o que enviou outra onda de calor pela minha espinha. A nebulosidade e algo brilhante envolviam a escuridão em seus olhos enquanto ele observava suas mãos no meu corpo. Ele estava em outro lugar – em algum lugar que os Vikings foram no meio da sede de sangue enquanto pilhavam e estupravam mulheres.

Eu não deveria ter lutado com ele. Ou talvez eu não devesse ter resistido até o fim. Mas foi uma luta fútil e ridícula que eu nunca venci, e eu estava preocupada com uma batalha minha: o calor de seu toque tentando nublar o ressentimento em minha mente.

Ele apoiou a mão ao lado da minha cabeça, inclinou-se e beijou meu pescoço, mordendo a pele antes de chupar em sua boca, sem dúvida, deixando um chupão para trás para outra selfie infame. Minha respiração

engatou. Ele segurou meu seio e apertou, passando o polegar pelo meu mamilo. Eu me rebelei contra a sensação de calor, um suor frio de conflito subindo em meu sangue.

Eu não queria isso.

Mas meu corpo não estava convencido quando ele beijou um caminho no meu pescoço e correu sua boca entre meus seios. Ele foi surpreendentemente gentil. Tão gentil, fiquei ressentida.

Eu queria que ele me machucasse.

Eu queria dor.

Porque, então, eu podia sentir apenas ódio.

Ele puxou um mamilo em sua boca, e uma onda de fogo varreu a pressão vazia entre minhas pernas. Tentei afastá-lo, mas ele agarrou meus pulsos, pressionou-os contra o colchão de cada lado meu e prendeu-os com força de ferro. Ele mudou-se para o outro seio e raspou o pico tenso com os dentes antes de sugar. Mordi minha bochecha para segurar o gemido que queria escapar.

Sua cabeça se moveu mais para baixo, o calor úmido de sua língua mergulhando dentro do meu umbigo. Meu corpo apertou como a corda de um arco quando ele pressionou seu rosto entre minhas coxas e inalou. Seu hálito quente roçou meu clitóris e uma febre se espalhou por dentro, liquefazendo a tensão em meus músculos como manteiga derretida.

— *Kotyonok,* — disse ele, o estrondo baixo de sua voz fazendo todo o meu sexo pulsar. — Aposto que você tem um gosto tão doce quanto cheira.

Nunca pensei que *essa* seria sua intenção quando vencesse.

Pegando o edredom de cada lado meu, lutei contra o desejo de levantar meus quadris em direção à umidade e ao *calor*. Essa era apenas outra maneira de ele me humilhar, puxar meu corpo para sua vontade enquanto minha mente ainda o desprezava.

Implorar e lutar não o pararam, e enquanto o pânico girava por dentro, minha boca cuspiu as primeiras palavras que agarrou.

— Que tipo de sádico você é? Você considera *isso uma* tortura?

Ele deu um beijo de boca aberta na parte interna da minha coxa e ouvi um leve sorriso em sua voz. — Não estou com vontade de te torturar agora. Estou com vontade de ver o quão rápido posso fazer você gozar com a minha boca.

Ele estava obviamente confiante de que poderia fazer isso rápido, e eu odiava saber, mesmo agora, ele provavelmente poderia. Meu corpo não parecia ter esquecido que ele lhe deu prazer e comida, como ele evocou um *desejo* desesperado dentro de mim que finalmente me fez sentir viva. Ainda agarrava com força, sem vontade de soltar.

A vergonha se expandiu em meu peito e queimou atrás dos meus olhos.

Eu o odeio.

Ele me degradou. Me usou. Arrancou meu coração. E quando ele conseguisse o que queria – a *cabeça* do meu papa – ele me jogaria fora como o lixo.

Lágrimas escorrendo pelo meu rosto, eu fui para algum lugar distante. Em algum lugar desolado e entorpecido. Ele deve ter sentido a rendição repentina do meu corpo antes de colocar a boca em mim, porque seus olhos

se ergueram para o meu rosto. Ele me observou por um longo e sufocante momento e então se afastou de mim.

Olhei para o teto, meu corpo tremendo de repente com cada respiração de alívio.

Quando ele voltou alguns segundos depois, agarrou meu pulso e começou a prendê-lo na cabeceira de ferro. Não resisti quando ele mudou para o outro. Ele provavelmente pensou que eu era patética, mancando com submissão e faixas de lágrimas em minhas bochechas. Mas eu não me importava mais com o que ele pensava.

Ele agarrou meu queixo e virou meu rosto para que eu olhasse para ele. — Você vai ficar amarrada até que eu saiba que você pode se comportar.

Eu estava olhando através dele. Ele percebeu, e a pressão no ar apertou meus pulmões – então relaxou, caindo no chão tão calmo e lânguido como água parada. Eu exalei quando o toque inesperado de seu polegar deslizou pela minha bochecha. Ele deslizou sobre meus lábios e puxou o inferior ligeiramente para baixo. Uma carícia suave, carregada de posse.

— Não me diga que já quebrei meu animal de estimação — disse ele, pensativo.

Toda a emoção bloqueada por anos de obediência subiu à superfície, e meus olhos brilharam. — Vá para o inferno.

Ele sorriu. — Durma bem, *kotyonok*.

CAPÍTULO QUINZE

Mila

acatalepsia
(N.) a incapacidade de compreender
verdadeiramente qualquer coisa

Não ME MOVI QUANDO A porta se fechou atrás dele. Uma corrente de ar fresco tocou minha pele nua e enviou um arrepio em mim. Eu estava nua e com frio, meus pulsos presos desconfortavelmente acima da minha cabeça, mas de alguma forma consegui cair no sono.

Auto aversão era exaustivo.

Acordei com o sol atravessando meu corpo e uma pressão desconfortável na minha bexiga.

Pela primeira vez, vi o quarto à luz do dia. Deitada no meio de uma cama king-size com uma elaborada cabeceira de ferro e um edredom branco. Pesadas cortinas, cor de sangue, emolduravam a janela com uma cadeira de leitura embaixo. O espaço era grande, transmitindo riqueza de uma forma tradicionalmente russa. Não vendo nenhum objeto pessoal, deduzi que estava em um quarto de hóspedes.

Meus olhos pousaram em uma porta de madeira rachada que levava ao que eu esperava que fosse um banheiro. Eu realmente precisava fazer xixi, e não

estava prestes a adicionar urinar em mim mesma à minha lista de humilhações.

Eu empurrei contra as cordas, tentando torcer meus pulsos para fora delas, mas elas estavam tão apertadas que tudo que consegui fazer foi esfregar minha pele em carne viva. Soltei um som zangado de frustração e puxei com força contra eles, pronta para derrubar a cabeceira da cama se fosse necessário.

Ao som da porta se abrindo, eu congelei.

Uma mulher de cabelos escuros estava na porta vestindo jeans skinny e uma camiseta puída sobre a ligeira curva de sua barriga grávida. Ela segurava uma criança no quadril, que usava uma camiseta grande da banda Possessed como vestido e meias de tricô até a coxa. E eu juro, ela estava me olhando com uma pitada de julgamento em seus olhos.

Por um momento desconfortável, pensei que a mulher poderia ser namorada e filha de Ronan. Mas então ela falou.

— Por favor, me diga que isso é algum tipo de encenação pervertida.

Eu não sabia o que dizer, mas minha expressão deve ter dito a ela tudo que ela precisava saber.

Ela suspirou e murmurou: — *Cunhados*.

Eu vagamente reconheci que esta pode ser a cunhada que Ronan mencionou, mas não tive tempo para pensar nisso porque um homem entrou na porta vestido com um terno azul legal, um copo com canudinho na mão.

A mulher ergueu a garota mais alto em seu quadril, sua voz seca enquanto ela acenava para mim. — Christian, olhe o que seu irmão fez.

Meu corpo se contraiu de mortificação quando seu olhar veio em minha direção, embora ele parecesse estar avaliando a situação mais do que percebendo que eu estava completamente nua. Seu rosto era deslumbrante, esculpido em gelo com perfeição, e o simples toque de seus olhos me fez lembrar daquela foto no escritório de Ronan.

Ele era o outro garoto.

Christian desviou o olhar de mim e disse simplesmente: — Ela é uma Mikhailov.

— O que é Mikhailov? — a menina perguntou.

A mulher colocou a mão no quadril. — Eu não me importo se ela é filha do Satanás...

— Perto — ele respondeu.

— Satanás tem chifres. — A garota olhou para mim com uma sensação de decepção. — Ela não tem chifres.

Criança estranha à parte, não era o irmão de Christian quem eles chamavam de *D'yavol?* Eu odiava como todos olhavam para mim como se eu fosse algum tipo de monstro. Agora que eu sabia em que negócios meu papa estava, todos os olhares frios e temerosos que recebi desde que cheguei a Moscou de repente fizeram sentido.

— Não vou deixá-la assim — disse a mulher.

— Mamãe, — sussurrou a filha. — Ela é minha babá?

— Babá. E não, *cara mia.*[16]

— Oh. — A garota franziu os lábios. — Então provavelmente deveríamos deixá-la ir, Papa.

Quantos anos tinha essa garota? E ela havia sido criada em um covil de víboras?

Ele não parecia satisfeito com sua esposa e filha conspirando contra ele, mas ele não discutiu. Ele agarrou a garota de seus braços e se virou para mim, sua voz mais fria do que no inverno russo.

— Toque minha esposa, e o que meu irmão fez com você de repente parecerá divertido.

Engoli.

Sua esposa revirou os olhos. — Ele é um pouco intenso, mas tem boas intenções. — Ela tentou fechar a porta, mas ele a impediu de fechar com o pé, dando-lhe um olhar significativo para deixá-la aberta. Ela sorriu inocentemente para ele, como se ela se comportasse. Quando ele finalmente saiu, ela esperou com um toque impaciente de seus estiletes com estampa de chita até que ele estivesse longe o suficiente no corredor que ele não notaria, então ela fechou.

— Eu sou Gianna, a propósito. — Ela caminhou em minha direção. — Tenho certeza de que você não segue Mikhailov?

Hesitei, sem saber o que esperar dela, considerando que seu marido era assustador e seu cunhado deveria se comprometer. Finalmente, respondi: — Mila.

— Prazer em conhecê-la, Mila. — Ela se sentou na beira da cama. — De onde você é?

— Miami.

— Oh, eu adoro Miami. Nunca comi melhor comida cubana em nenhum outro lugar, — disse ela, acrescentando divertida — mas, novamente, não fui exatamente à Cuba.

Eu a encarei. Eu não tinha certeza em que tipo de mundo havia entrado e estava começando a doer minha cabeça.

Gianna lutou com a corda em meu pulso, murmurando em um idioma que pensei ser italiano. Ela era, até agora, a pessoa mais legal – embora questionavelmente sã – que conheci desde que coloquei os pés em Moscou.

— Ele aprendeu a dar um nó na prisão — eu disse sem emoção.

— Entre outras coisas, tenho certeza — ela se defendeu como se estivesse aborrecida. — Eu me pergunto se ele participou de um ménage à trois também.

Ela riu da minha expressão confusa. — Desculpe, isso foi apenas minha aversão às enfermeiras da prisão aparecendo. Acontece nos momentos mais estranhos. — Ela finalmente libertou um pulso antes de passar para o outro, e estremeci com a dor em meus músculos quando abaixei meu braço para o meu lado. — Eu nunca soube que Ronan amarrou uma mulher em uma cama apenas para deixá-la lá. Espero que seja apenas uma fase.

Eu estava começando a entender que loucura era apenas a norma por aqui.

— Nós podemos apenas ter esperança — eu disse secamente. Então, acrescentei com inquietação: — A namorada dele mora aqui?

Isso a divertiu. — Tenho certeza que o inferno vai congelar antes que Ronan se torne monogâmico. — Ela fez uma pausa para me examinar, seu olhar

pousando no meu pescoço, que eu sabia que estava marcado com um chupão. — Mas então novamente... isso me deixa um pouco otimista.

Não achei que ela estava brincando.

Eu odiaria ver como ela e o marido ficaram juntos.

— Achei que Nadia fosse namorada dele — falei lentamente.

Ela torceu o nariz. — Não, felizmente. Ela daria uma cunhada horrível. Posso imaginar a conversa do jantar.

Um mínimo de alívio me encheu ao saber que eu não tinha brincado com o namorado de alguém. A ideia só agravou a situação. No entanto, essa era a menor das minhas preocupações agora.

— Tento ficar fora dos negócios do meu marido e do irmão, mas às vezes a escuta me leva a melhor. Ronan tem um problema com seu papa, não com você. — Ela puxou a corda com uma maldição italiana. — Tenho certeza de que não vai demorar muito até que ele ceda, e tudo isso estar estará resolvido.

Ela parecia indiferente ao fato de *admitir que* significava que a *cabeça* do meu papa decoraria a lareira de Ronan. A desesperança dessa situação puxou meu peito enquanto eu olhava para o teto.

— Meu papa já concordou em se trocar por mim.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Então por que Ronan ainda precisa de você?

— Tortura.

Ela riu e depois ficou séria quando percebeu que eu estava falando sério. — Bem... isso é interessante.

Sendo sã e tudo, eu tinha palavras diferentes para a situação.

A outra corda se soltou e eu rolei para fora da cama. — Obrigada. Eu só tenho que...

— Vai. Vou encontrar algumas roupas para você.

Felizmente, a porta rachada levava a um banheiro, e eu soltei um suspiro enquanto me aliviava. Lavei as mãos e o rosto com uma barra de sabão e, em seguida, encontrei uma escova de dentes reserva na gaveta e a usei, esfregando o gosto ácido das festividades da noite passada da minha boca.

Voltei para a sala, de repente me sentindo muito, muito nua.

Gianna estava sentada na cama com uma peça de roupa na mão. — Aqui está.

Agradeci a ela antes de colocá-la. A camiseta preta grande demais tinha o rosto de Elvis Presley nela, e chegava apenas ao topo das minhas coxas.

— Desculpe — disse ela. — A camisa foi tudo que eu consegui. Ronan me lançou um olhar rosnado que jurava vingança.

Minha expressão transmitiu alarme para ela.

Ela sorriu. — Ele está mais latindo do que mordendo, eu prometo.

— Eu o vi cortar o dedo de um homem e ele vai matar meu papa.

— Oh. — Ela torceu o nariz. — Acho que isso o coloca em uma situação estranha, não é?

Situação ruim, eu corrigi em minha cabeça.

Eu era essa pessoa.

— Sinto muito pelo seu papa. Eu sinto. Mas você foi jogada no submundo, e aqui, as coisas nem sempre são preto e branco.

Eu contemplei suas palavras enquanto ela se movia para a porta.

— Eu tenho que ir. Meu marido me lançou um olhar que dizia que não ficaremos para jantar. O que é uma pena, porque Polina faz o melhor *medovik*[17]. — Ela esfregou a mão na barriga grávida. — De qualquer forma, tenho certeza que da próxima vez que nos encontrarmos, haverá menos cordas e mais roupas.

Ela parecia otimista, mas eu só conseguia ver as partes do meu corpo sendo enviadas em caixas FedEx, o caixão do meu papa e, se eu sobrevivesse a isso, um mundo para atravessar sozinha. Meu estômago apertou. Uma queimadura ardeu atrás dos meus olhos.

A compaixão encheu seu olhar, sua mão na maçaneta. — Apenas lembre-se... você tem uma deusa dentro de você. — Ela saiu para o corredor e se virou para olhar para mim. — Você só precisa encontrá-la.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Ronan

strikhedonia

(N.) o prazer de poder dizer:

“para o inferno com isso”.

SENTEI-ME NA BIBLIOTECA atrás da minha mesa, um charuto apagado na mão. Evitei fumar porque meu irmão ocupava o sofá com uma Kat adormecida. Eles eram sempre bem-vindos, sendo convidados ou não, mas fiquei irritado com o momento.

O silêncio se manteve firme na sala com seus olhos frios nos meus. Eu sabia que ele tinha algo a dizer e do que se tratava, mas ainda assim, esperei.

— Há uma garota nua amarrada à cama do seu quarto de hóspedes.

Meus músculos se contraíram, revoltado contra a ideia de que ele a visse nua - uma reação estranha, considerando que eu nunca me importei em compartilhar mulheres antes, nem com meu irmão ou qualquer outra pessoa. Mas me forcei a recostar na cadeira e dizer: — Ela é meu animal de estimação.

Presumi que a sensação de desconforto fosse decorrente do fato de fui eu quem pegou Mila. Eu coloquei todo o trabalho nisso. Não queria que ninguém mais visse sua dor. Era minha.

— Seu *animal de estimação* parece um Mikhailov.

— Isso é porque ela é.

— O papa dela não cedeu às suas exigências?

Cortei a ponta do charuto com meu estilete. — Ele fez.

Ele me observou com aqueles olhos inquisitivos. Christian - ou melhor, *Kristian* como eu o conhecia - sempre foi capaz de ver mais do que deveria. Era irritante *pra* caralho.

— Então, por que ela ainda está amarrada à sua cama?

Meu olhar se estreitou. — Ela é meu animal de estimação.

Ele desviou o olhar de mim, obviamente vendo tudo o que precisava. — É melhor você fazer a troca.

Irritação acendeu em meu peito, mas mantive minha voz indiferente. — Eu não te digo como fazer o seu trabalho de mesa chique, então não me diga como fazer o meu.

Fiquei surpreso que Alexei tivesse cedido tão rapidamente.

E não gostei de ser surpreendido.

Embora algo mais - algo visceral, *violento* - passou por mim com a ideia de desistir de Mila antes que eu conseguisse o que queria dela. Tive uma ideia melhor: prolongar o sofrimento de Alexei segurando sua preciosa filha por um tempo. Se isso fosse igual, eu mandaria seu corpo mutilado de volta para ele. Mas eu não queria estragar sua pele. Eu a queria nua debaixo de mim, suas unhas nas minhas costas, enquanto eu via quantas vezes eu poderia fazê-

la gozar. A necessidade rugiu dentro de mim, quente e implacável. Eu tinha certeza de que, uma vez que a tivesse, essa obsessão diminuiria.

Então eu poderia ter meu bolo e comê-lo.

— Ela tem um chupão na parte interna da coxa — Kristian mencionou casualmente.

Meu olhar poderia matar um homem inferior. Eu deveria ter enrolado Mila em um hábito de freira em vez de deixá-la nua, embora, mesmo se tivesse feito, meu irmão ainda sairia com observações provocadoras. Agora eu estava lamentando seu convite aberto.

— Pessoas normais têm hobbies normais — eu disse. — Por que você não encontra um que não inclua dissecar todos ao seu redor?

Um sorriso apareceu em seus olhos. — Você está duas vezes mais fodido do que eu.

— O fato de você achar que a ideia de eu cair em cima de uma mulher é mais preocupante do que ela ser minha prisioneira, conta uma história diferente.

— Eu só acho o primeiro um pouco fora do personagem. É interessante.

— Você acha os infomerciais interessantes, então me perdoe se sua curiosidade sobre minha vida sexual não pesa muito.

Eu poderia contar quantas vezes tinha feito oral em uma mão. Todos esses encontros aconteceram quando eu era um jovem adolescente com tesão, quando eu não conseguia parar de comer a boceta espalhada na minha frente. Mas assim que me familiarizei com isso, o desejo diminuiu sob a memória fria da infância de ver o ato sexual através de uma porta de armário

quebrada - incluindo o trabalho diurno da minha mãe como prostituta e as perversões doentias que ela e seus clientes impuseram a meu irmão. Eu só podia culpar Mila por quase ter caído no chão pelo fato de vê-la nua, amarrada e à minha misericórdia realmente me excitou.

Gianna entrou no quarto e foi até sua mala perto do sofá. Meu olhar seguiu seus movimentos enquanto ela pegava algo da pilha caótica de roupas dentro. Ela olhou para mim. Minha expressão escureceu, dizendo a ela que se ela estivesse vestindo minha pequena cativa, eu ensinaria à sua filha cada palavrão russo que eu conhecia. E entre viver nas ruas e na prisão, eu conhecia alguns.

Ela olhou e desapareceu porta afora.

— É melhor sua esposa não estar liberando minha garantia — eu disse, mordendo meu charuto entre os dentes.

— Não é como se ela fosse chegar longe.

Oitenta acres de terras remotas cercavam a casa. Era uma caminhada de quatro horas nas melhores condições. Mesmo se Mila conseguisse dar uma volta na neve antes que eu pudesse alcançá-la, eu teria todos os cinco mil homens em meu arsenal atrás dela. Ela nunca faria isso fora da Rússia.

Meu irmão trabalhava para o diretor corrupto do FBI e provavelmente poderia encontrar Alexei se eu pedisse. Então acabaríamos com toda essa charada. Mas essa luta era minha, não dele.

— Como a vida de uma boceta está tratando você? — Eu disse lentamente.

Seu olhar endureceu.

Um sorriso tocou meus lábios. Ele estava tão melindroso com sua pequena esposa. Ele nunca foi exatamente um compartilhador antes dela, mas agora todas as conversas de vestiário estavam completamente fora de questão. Ele nem parecia dar a mínima que uma mulher o tivesse pelas bolas. Nunca pensei que veria esse dia. Nossa mãe tinha fodido todo o amor de nós – figurativamente, pelo menos. Apesar... a analogia bateu tão perto de casa, diversão sombria cresceu dentro de mim.

— Não ouvi exatamente sobre nenhuma de suas façanhas recentemente — disse ele. — Bem, exceto pela adolescente em sua cama.

Eu bati meu charuto na minha mesa, segurando seu olhar. — Eu estive ocupado.

— Muito ocupado para Nadia Smirnova?

Quando éramos mais jovens, eu era o ajudante de pé ao lado do rosto ridículo do meu irmão. Sempre tive que me esforçar um pouco com as mulheres, mas isso só me fez sobressair na perseguição. Levou quinze minutos para foder a cantora de ópera e lenda do banco de espancamento Nadia Smirnova de bruços na minha mesa um ano atrás. Ela era fácil e pronta para qualquer coisa, embora seu ciúme estivesse se tornando mais problemático do que ela valia a pena.

— Nadia gosta de ser esbofeteada quando ela vem. Está começando a matar o clima.

— Encantador.

Eu ri.

Seus olhos pousaram nas marcas de garras no meu pescoço. — Parece que você ainda não domesticou seu animal de estimação.

Eu balancei para trás na minha cadeira. — As coisas boas vêm com o tempo.

Ele se levantou, levantando Kat em seus braços. — Sua vingança está em suas mãos. — Ele parou na frente da porta e se virou para mim. — Aconselho você a pegá-la e parar de brincar com a comida antes que ela morda de volta.

Eu segurei minha resposta. Tinha a ver com garantir a ele que eu não comeria meu animal de estimação - pelo menos não da maneira que ele sugeriu – e dizer isso apenas lhe daria mais munição para usar contra mim.

— Encontraremos outro lugar para ficar, pois parece que seu quarto de hóspedes está ocupado.

— Eu tenho mais dez. Faça sua escolha.

— Não tenho certeza se o ambiente será muito favorável à família.

— Eu acho que é inútil abrigar Kat. Ela provavelmente tem vários planos de morte para seu irmão que nascerá em breve. — Era uma piada, mas achei que ela reduziria seu irmão à condição de escravo.

Kristian não achou engraçado.

— Quanto tempo você vai ficar? — Eu perguntei.

— Algumas semanas. Gianna quer passar algum tempo aqui antes que o bebê chegue.

Assim que ele saiu, eu acendi, respirei fundo e chutei minha mesa.

Não esperava que Mila lutasse comigo. Eu não esperava perder minha cabeça quando ela estivesse nua também. Havia muito dela. Tanto para tocar, para brincar. Suas pernas longas e pele lisa e sem manchas. Seu ódio recém-descoberto e olhos brilhantes. Eu queria vê-los amolecer novamente quando eu finalmente empurrasse profundamente dentro dela.

Meus pensamentos foram interrompidos por Viktor aparecendo na porta. A tatuagem comunista do martelo e da foice em sua cabeça raspada refletiu a luz. Ele o pegou na prisão com uma agulha de costura contrabandeada e queimou borracha do salto da bota. Eu tinha mais do que alguns souvenirs do tempo que passei nas celas superlotadas de Butyrka. Tinta e alianças incluídas.

— Nikolay voltou a ser um problema — disse-me ele em russo.

Minha equipe sempre rendeu uma quantia suficiente com a evasão fiscal e uma concessionária de carros usados - ou, mais precisamente, o bordel no porão.

— Ele foi preso por mexer com uma menina de 12 anos.

Mordi meu charuto, uma onda de calor lambendo meu peito. Sinceramente, eu odiava o negócio da prostituição. Eu não tocaria no setor com um mastro de três metros se pensasse que poderia bani-lo completamente das ruas de Moscou. Nem mesmo Deus conseguiu fazer isso, então eu também posso tirar proveito disso.

Mas, pedófilos... eu os odiava acima de tudo. Lençóis manchados de sangue, colônia enjoativa e o *tilintar* de moedas em uma mesa dobrável encardida. Na prisão, eles eram marcados à força com uma tatuagem de sereia - isto é,

se eles ficassem fora da minha vista por tempo suficiente para serem tatuados antes que eu os espancasse até a morte com minhas próprias mãos.

— Onde ele está? — Eu perguntei.

Viktor me disse o nome de uma cela de contenção, que empregava vários policiais em meu bolso.

— Envie à esposa de Nikolay um cartão de simpatia — eu disse.

Viktor saiu sem dizer uma palavra. Nikolay seria encontrado enforcado em sua cela na manhã seguinte.

Eu exalei um anel de fumaça, olhando o brinco em forma de coração falso na minha mesa. Minha pequena vegana não usava pele ou diamantes. Seu coração mole foi inesperado dado seu sobrenome, mas ela também escondia o fogo por baixo.

Eu queria ver o quão quente aquele fogo queimava.

E então eu queria lançar.

Eu queria Mila, mas a queria de boa vontade. Suas lágrimas me enervaram. Mesmo a expressão chocada em seus olhos depois que eu dei a ela um leve tapa no rosto não caiu bem. Nadia teria ficado de joelhos aos meus pés mais rápido do que eu poderia piscar, não me olhando como se eu tivesse estrangulado um bebê corcunda.

Aparentemente, eu não seria capaz de submeter essa garota, o que tornava as coisas um pouco mais complicadas. Principalmente porque eu não suportava suas desculpas. Elas me faziam lembrar que ela era inocente em tudo isso. Elas me faziam sentir como se eu tivesse uma consciência, e isso não serviria de jeito nenhum.

Depois da noite passada, parecia que eu não podia confiar em mim mesmo com ela – não com suas marcas de garras no meu pescoço e a consciência quente de onde ela teve a coragem de me *morder*. Eu a deixaria em paz por alguns dias, deixaria o fogo acalmar.

Enquanto isso...

Ivan rolou em minha mente enquanto eu soprava uma nuvem branca de fumaça. Um sussurro de tensão apertou meu corpo.

Eu queria encontrar o homem que estava com o meu animal de estimação quando eu terminasse com ela.

CAPÍTULO DEZESSETE

Mila

kakistocracia

(N.) ser governado pela pior pessoa de todos os tempos

Toc. Toc. Toc.

Sentei-me no assento da janela batendo meu dedo no vidro frio enquanto tentava chamar a atenção do único coelho solitário na neve. Ele se tornou meu amigo nos últimos quatro dias. Os quatro dias que passei trancada neste quarto.

Uma mulher de meia-idade, dona de um coque apertado, carranca permanente e, aparentemente, um vestido preto medieval, entregava minhas refeições três vezes ao dia.

— Você pode me chamar de Yulia. Eu sou empregada aqui. Não gosto de bagunça — foi como ela se apresentou.

Eu não respondi, preocupada com a porta perpetuamente trancada que finalmente estava aberta. Eu dei um passo em direção a ela, mas congelei quando vi um homem parado no corredor com um rifle apontado para o peito. Eu imaginei que se corresse, uma chuva de balas se seguiria.

Pelo que vi da janela de sacada fixa, eu estava no segundo andar de uma casa remota. Grande e construída de pedra, com nada além de neve e árvores ao redor. Se eu quebrasse o vidro e conseguisse pular sem quebrar minha

perna, duvidava que chegaria longe apenas com uma camiseta e a brasa de Elvis para me manter aquecida.

Recusei todas as refeições no primeiro dia, recebendo um olhar de condenação de Yulia e um: — Você vai ter problemas.

No segundo dia, quando recusei o café da manhã, ela me entregou um bilhete.

Cada refeição que você recusa é mais um dia em seu quarto.

Escolha com sabedoria, kotyonok.

Joguei o bilhete no vaso sanitário. E então, recusei o almoço.

Yulia empurrou outro pedaço de papel para mim.

Só posso presumir que meu animal de estimação quer que eu a alimente manualmente.

Mas só para você saber, o pensamento de meus dedos em sua boca me deixa duro.

Eu comi a próxima refeição.

Horas se passaram neste quarto sem nada para fazer ou assistir, exceto a pornografia caseira na TV. Lavei minha única peça de roupa na pia do banheiro com uma barra de sabonete e tomei banho mais frequentemente do que o necessário devido ao puro tédio – e talvez com a pequena vingança de disparar a conta de água de Ronan em retaliação.

Logo, percebi que a solidão era a pior tortura. Pensando principalmente em meus sentimentos de dúvida. Eu me perguntei se meu papa era o responsável pela morte daquele menino e, se fosse, se eu daria as costas a ele por isso. Eu claramente não era a pessoa honrada que pretendia ser porque achava que não poderia.

A verdade era que o amor servia a si mesmo. Um monstro ganancioso sem moral, corrompendo meus princípios mais básicos. A lealdade veio de mãos dadas, segurando com força minha garganta.

Meus pensamentos e as paredes se fechavam mais a cada dia.

Eu bati no vidro novamente, puxando um olhar e um nariz torto do meu amigo peludo. — Eu acho que é só você e eu, amigo — eu sussurrei.

E então uma águia voou do céu, suas garras estendidas, decolando com meu coelho e não deixando nada para trás a não ser um deserto de neve.

◄ ⁂ ►

Acordei com a escuridão e a Mulher de Preto ao lado da minha cama.

Quando um suspiro de terror apertou meus pulmões, eu me arrastei contra a cabeceira da cama. Meus olhos focaram na sala iluminada pela lua, e um suspiro de alívio derramou de mim. O fantasma não era outro senão uma governanta magrela.

— *Deus*, — eu rebati. — O que há de errado com você?

Yulia arqueou uma sobrancelha, mas eu xinguei, enquanto ela se movia para a porta e acendia a luz, seus ombros ossudos tremiam com diversão silenciosa. Com o coração ainda batendo forte com o despertar perturbador, pisquei contra a dureza da luz do teto.

— Sua presença é necessária lá embaixo, *devushka*[18].

As palavras se estabeleceram na minha pele como uma pasta espessa e sufocante, e tudo em mim ficou quieto. Olhei para o relógio na parede para ver que era meia-noite e, lentamente, disse: — É meio da noite.

Yulia puxou o edredom de cima de mim e começou a dobrá-lo ao pé da cama. — A preguiça leva a pessoa a um sono profundo, e uma pessoa ociosa sofrerá fome.

Ela acabou de me chamar de preguiçosa? Mais importante, ela realmente citou a Bíblia enquanto ajudava e incitava o diabo? Não me demorei muito em seu tipo de insanidade. Os pensamentos irônicos flutuaram em uma onda gelada de ansiedade.

Eu não tinha visto Ronan desde que ele me trancou aqui dias atrás. Presumi que ele tinha tantas coisas vilãs superiores em sua mente que se esqueceu da prisioneira em seu quarto de hóspedes. A solidão era um alívio e um inferno ao mesmo tempo.

Parecia que não estava mais esquecida.

Talvez, nessa hora simbólica da meia-noite, ele finalmente decidiu me trocar pela vida do meu papa. Ou talvez fosse quando a tortura começaria. Talvez ele tenha decidido que a melhor vingança era me matar em vez disso.

Minha imaginação conduziu um circo em minha cabeça, lançando instantâneos de minha morte: Ronan me empurrando para a neve; dedos pintados com tinta em meu cabelo que me forçaram a ficar de joelhos; sua expressão cavalheiresca e um *pop* quando ele colocasse uma bala entre meus olhos.

Um tremor me abalou no meu âmago, e agarrei o lençol que Yulia estava puxando para algo para segurar. — Eu não vou descer.

Olhos estreitados, ela puxou a outra ponta do lençol. — *Da, ty poydesh.* — *Sim, você vai.*

Eu puxei de volta. — *Nyet, ya ne poydu.* — *Não, não vou.*

Seu brilho se intensificou. — Levante-se. Você já os fez esperar o suficiente.

Eles?

A única palavra devastou meu corpo e alma, e o lençol escorregou de meus dedos. Yulia o puxou para longe, sua expressão presunçosa com triunfo, embora seu regozijo logo se perdesse sob o pavor que se espalhou.

Talvez Ronan não simplesmente me matasse. Talvez ele me passasse para todos os seus homens primeiro. Eu me senti doente. Tão doente que não conseguia me mover. Minha respiração acelerou; peito bem apertado. O pânico cresceu como uma tempestade dentro de mim, e eu estava a ponto de perder essa realidade horrível para a escuridão, mas a sensação de vento parou quando Yulia colocou um pedaço de tecido sedoso na cama.

Eu o encarei.

Era um vestido branco modesto - um que parecia longo o suficiente para atingir o chão mesmo na minha altura, então não poderia ter sido um achado fácil. Por que Ronan faria o esforço de me enviar este vestido se seus homens iam apenas rasgá-lo?

Perturbadoramente, o aperto em meus pulmões aliviou com o pensamento de que talvez fosse apenas a morte.

Mas me recusei a morrer em um Gucci.

De alguma forma, a imagem de mim deitada em uma cova congelada enquanto abutres cutucavam meu cadáver adornado com um vestido de luxo enviou uma onda de diversão através de mim. Ela inflou no meu estômago, subiu para tremer no meu peito, e então, a risada escapou em um estrondo louco de hilaridade que trouxe lágrimas aos meus olhos. Yulia me olhou como se eu estivesse a uma risadinha de ser comprometida. Lentamente, eu fiquei séria, enxuguei as lágrimas do meu rosto e me dirigi para a porta.

— Você deve se vestir, *devushka*.

Eu não parei.

Sua voz endureceu. — Ele ficará descontente.

Dias atrás, essa declaração me governou, controlou cada movimento meu como uma marionete em uma corda. Agora, com alegria desequilibrada em minhas veias e minha morte no horizonte, não tinha controle sobre mim.

— Eu não uso seda — eu disse, parando na porta para dar ao vestido uma aparência fugaz. — Mas você pode ficar com ele. — Meus olhos observaram seu uniforme preto abafado com o qual ela provavelmente dormia. — Parece que seu guarda-roupa precisa de alguma variedade.

Seu rosnado me seguiu até o corredor. — Eu não visto branco!

A partir de hoje, eu também não.

Se eu fosse uma virgem caminhando para o sacrifício, eu o faria vestida com uma roupa preta usada.

CAPÍTULO DEZOITO

Ronan

fress

(N.) comer sem reserva e com vontade

O CALOR E A ANIMOSIDADE COBRIRAM A sala de jantar como uma sombra açucarada, embora tenha permanecido em silêncio o suficiente para ouvir um alfinete cair. Ou apenas o arranhão do meu garfo.

Este não era um jantar normal para mim, e não foi devido à presença de dois dos homens de Alexei, cujos corpos e egos machucados estavam amarrados a suas cadeiras, mas porque eu preferia jantar às oito.

Polina apareceu para pegar meu prato pronto, vestida com sua camisola, uma touca de dormir com babados torta na cabeça. Sem dúvida, a curiosidade a tirou da cama, ao invés do desejo de me servir ela mesma; fofocar e cozinhar eram dois de seus melhores talentos. Foi o último que a fez se tornar a única mulher com quem pensei em me casar, independentemente se ela era vinte anos mais velha e provavelmente pesava mais do que eu. A pobreza como um adolescente e quatro anos de alimentação na prisão me ensinaram a desfrutar de uma refeição mais do que a maioria.

Quando Polina continuou parada ali olhando para meus convidados, eu disse a ela em russo: — Isso é tudo.

Ela praticamente saltou de seu estupor intrometido e murmurou, — Claro — antes de sair correndo da sala tão rápido que sua touca voou. Seu braço

alcançou a porta, uma mão procurando em volta até agarrar o chapéu de babados, e então ele e o resto da minha cozinheira desapareceram.

Alexander, sobrinho de Alexei, zombou da cena, mas não disse nada. Provavelmente porque ele foi avisado que se falasse uma palavra, eu cortaria sua língua. Não havia nada mais nauseante do que ouvir sentimentos leais a Alexei enquanto eu comia.

Albert estava sentado na ponta da longa mesa, os olhos frios, os braços cruzados. Viktor se sentou ao lado dele, ambos fixando meus convidados com olhares intimidadores. A sobrecarga de rivalidade e testosterona estava começando a me deixar com sede. E entediado.

Recostando-me na cadeira, cortei a ponta do meu charuto e me perguntei se Mila se dignaria a aparecer em breve ou se eu teria que arrastar sua bunda até aqui. Paciência era uma virtude. Foi a única razão pela qual ela teve quatro dias para bancar a cativa isolada no meu quarto de hóspedes. Claro que as circunstâncias e o objetivo final não eram tão virtuosos. A solidão era uma maneira fácil de levar até os homens mais fortes às lágrimas.

Acendi meu charuto e me perguntei se a reclusão havia mudado o temperamento de Mila, se isso tivesse entorpecido seu ódio e a transformado em um animal de estimação bom e submisso. A ideia doeu no meu pau, e uma necessidade muito impaciente de saber como ela se comportaria se expandiu. Achei ambas as reações incômodas, então, em vez de ceder ao desejo de ir buscá-la, decidi esperar mais alguns minutos.

Fiz um gesto para a serva que estava ao lado da porta para me servir uma bebida. Como sempre, a garota se movia silenciosamente como um rato de igreja. Ela até gritou como uma quando eu agarrei seu pulso instável antes

que ela enchesse meu copo. O barulho era de dor e eu sabia que não a tinha machucado.

— *Izvinite pozhaluysta* — ela deixou escapar. *Eu sinto muito.*

Meu aperto em seu pulso levantou a bainha da manga do vestido branco alguns centímetros, revelando um hematoma roxo e a fonte de seu desconforto. Eu a soltei, e ela começou a limpar a vodca derramada enquanto murmurava desculpas frenéticas.

A garota – cujo nome eu deveria saber, mas não sabia – colocou a mão na testa e cambaleou, claramente ficando tonta. Eu sabia que o culpado era o pavio curto de seu papa – ele era um executor confiável meu. Eu normalmente não interferia no drama familiar dos meus homens, mas dei uma ordem silenciosa para Viktor falar com ele. Bons servos eram difíceis de encontrar, e eu não gostava que eu sofresse abusos, então eles não podiam nem fazer seu trabalho direito.

— Vá — eu disse à garota. — Você não é mais necessária esta noite.

Ela fugiu da sala sem dizer uma palavra.

Os olhos de Alexander brilharam de desgosto, provavelmente acreditando que eu batia em meus servos regularmente. Eu apenas levantei uma sobrancelha, divertindo-me com a demonstração de bravura. Seu companheiro estava suando balas e estava a momentos de implorar por sua vida.

Finalmente, Mila apareceu na porta.

Tirei o charuto da minha boca, estreitei os olhos deslizando pelo seu corpo e a porra da camiseta estúpida que Gianna deu a ela que mal cobria sua bunda.

O rosto sorridente de Elvis na frente e no centro era o único divertido na sala.

A raiva cresceu quente e inebriante através de mim, embora algo mais se entrelaçasse – algo obscuramente satisfeito. Pode ser a confirmação de que ela claramente tinha alguma luta sobrando nela, mas era mais provável o fato de que eu ia bater em sua bunda por isso mais tarde.

— Venha aqui, *kotyonok*.

Ela hesitou por um momento antes de obedecer, evitando meu olhar por todo o caminho. Eu tinha guardado uma cadeira para ela ao meu lado, mas como ela desobedeceu à minha ordem de se vestir e nem mesmo me deu os olhos no processo, puxei seu corpo tenso para o meu colo quando ela me alcançou.

A postura rígida de Mila me disse que ela não poderia estar mais incomodada com essa disposição dos assentos, mas ela não expressou sua reclamação. Ignorando os homens amarrados e machucados com uma indiferença que a aceleração de seu coração desmentia, Mila decidiu que estava com fome de sobremesa.

— *Aquilo* é *medovi*...? — O resto da palavra saiu em um grito ofegante quando coloquei uma palma possessiva sobre sua boceta sob a mesa.

Ela era a melhor provocadora do planeta, ou Gianna era mesquinha com sua calcinha. A boceta quente e nua pressionada contra minha palma, e a semi que eu estava usando desde que a bunda de Mila pousou no meu colo endureceu como pedra.

— O que você está vestindo? — Eu perguntei sombriamente em seu ouvido.

Ela ofegou, futilmente puxando minha mão entre suas coxas, mas ela ainda conseguiu zombar de mim com o óbvio. — Uma camiseta?

Eu não conseguia decidir se o sarcasmo dela me irritou ou me excitou ainda mais. — Por que você não está vestindo o que eu enviei para você?

— Eu não uso seda — ela rebateu com calor.

Eu deveria saber que ela teria problemas com o abuso dos pobres bichos da seda.

Eu estava a um segundo de arrastá-la escada acima e forçá-la a usar aquele vestido, mas sua resposta mudou as coisas. Ela tinha um coração mole. Eu não queria destruí-lo. Eu queria isso na palma da minha mão.

E agora minha mão estava ocupada.

Eu dei a ela um aperto de aviso. Ela respirou fundo, arqueando as costas em um esforço para escapar do meu aperto, mas quando ela percebeu que não estava chegando a lugar nenhum por lutar, ela se acalmou e cravou suas unhas cegas na minha mão.

A menor inquietação passou pelos olhos de Albert. O meu disse a ele para levar sua preocupação e ir se foder com isso. Ele puxou seu olhar de volta para Alexander, cuja expressão fervia.

Quando a hostilidade na sala ficou abrasiva demais para ser ignorada, Mila finalmente acolheu nossos convidados. Ela parecia se concentrar naquele com um rosto bonito.

— Não fique muito animada, *kotyonok* — eu disse *lentamente*. — Ele é seu primo.

Seus lábios se separaram, o aperto em minha mão diminuiu, e ela percebeu Alexander e a cena mais profundamente agora – de seus pulsos amarrados, para o homem ao lado dele, para o revólver que estava sobre a mesa.

Eu acariciei sua coxa macia com meu polegar. — Não há melhor momento para uma reunião de família, você não acha?

Ela engoliu em seco e, revelando aversão ao meu jantar, disse: — Um funeral seria um momento melhor do que este.

Um sorriso tocou meus lábios. — Como você pode ver, ainda estamos trabalhando nas maneiras do meu animal de estimação.

Mila também não gostou do apelido degradante ou de suas maneiras serem criticadas porque suas unhas pressionaram minha mão, deixando pequenas luas crescentes para trás, se não sangue. Seu cabelo estava no meu rosto, cacheado, indomado e exalando um leve aroma de verão. Embora eu normalmente ficasse irritado com uma mulher ressentida no meu colo que cheirava a inocência e luz do sol, eu não estava lá ainda.

— Você se lembra do que eu disse ao seu papa? — Eu perguntei a ela.

Ela balançou a cabeça, seus olhos em Alexander. Não posso dizer que já coloquei minha mão entre as coxas de uma mulher enquanto ela olhava para outro homem com devoção. O fato de ele ser seu primo não aplacou a frustração que ganhou vida.

Pressionando meu polegar contra seu clitóris, esfreguei em um círculo lento. Ela tentou me ignorar enquanto sua pele nua se arrepiava. A reação sutil, a sensação de como ela era macia e molhada... *me fode*. Quando continuei o movimento, sua respiração desacelerou para pequenas lufadas de ar e um

rubor rosa subiu por seu pescoço. Ela virou o rosto para o meu pescoço e sussurrou: — Por favor, não.

As palavras suaves desceram pela minha espinha, derretendo a irritação em um calor líquido que se enrolou na minha virilha, mas com sua atenção de volta em mim, eu puxei minha mão. Talvez porque ela forçou "por favor" passando por aqueles lábios. Ou talvez porque eu sabia que poderia fazê-la gozar em uma sala cheia de homens e algo em mim não gostou da ideia.

— Eu disse ao seu papa que se o encontrasse em Moscou antes de convidá-lo, precisaríamos de muitas caixas FedEx para enviar você para casa. — Corri o polegar em seu queixo. — *Ty pomnish eto? — Lembra-se disso?*

Seus olhos finalmente encontraram os meus, irradiantes azuis e cautelosos, e ela balançou a cabeça como se tivesse escapado de sua mente. Eu queria sorrir porque, porra, ela era adorável. Mas o fato estranho de que eu pensei isso sobre qualquer outra pessoa que não fosse minha sobrinha suprimiu o impulso.

— Considerando que não foi seu papa que encontrei, mas dois de seus homens, precisamos discutir um curso de ação diferente. — Enfiei a mão no bolso do terno e coloquei uma única bala dourada na mesa. — Já que você gosta tanto de jogos, vamos jogar um do jeito russo?

Ela olhou para a bala por um longo segundo antes de Alexander interromper o silêncio pesado.

— Ela não tem nada a ver com isso — ele rosnou.

Viktor se levantou para cortar a língua de Alexander por falar, mas eu o parei com a mão e ele se sentou novamente.

Foi quando encontrei o olhar severo de Albert, reconheci que todos na sala acreditavam que Mila estaria do outro lado do cano com uma chance em seis. Diversão seca me encheu com a realização ridícula.

Eu não atiraria em Mila.

Eu nem a tinha fodido ainda.

Albert pareceu apaziguado por tudo o que viu em minha expressão, mas eu não estava mais divertido. Meu olhar endureceu, dizendo a ele que eu faria o que quisesse com Mila, e ele não interviria. Enquanto ele segurava meu olhar, um calor escuro e implacável emergiu com a ideia de que ele poderia realmente estar me desafiando. Eu não queria lutar contra Albert, e não era porque pensei que ele ganharia. Ele não iria. Na verdade, espancá-lo até a morte na prisão depois que ele insultou meu irmão, mesmo que ele tivesse sete centímetros e quinze quilos sobre mim, foi um dos motivos pelos quais ganhei sua lealdade. Ele também era... um amigo. A palavra soou um pouco melodramática e amarga, mas era a coisa mais próxima que eu tinha para descrever o relacionamento.

Quando ele desviou o olhar e cedeu, uma onda de ressentimento por Mila surgiu. Ela estava fodendo não apenas com a minha cabeça, mas com a dos meus homens, então mantive a fachada que ela poderia não ver amanhã apenas para observar sua reação.

— Você fará as honras, *kotyonok?*

— Espere, — Alexander rosnou. — Nós merecemos a punição, não ela.

— Cale a boca — seu amigo sibilou e, se eu não estava enganado, ele chutou Alexander por baixo da mesa.

Mila interrompeu a briga. Ela agarrou o revólver e enfiou a bala em um dos cilindros, depois olhou para a arma em sua mão como se estivesse pensando em virá-la contra mim. Com uma risada, eu peguei dela antes que ela pudesse continuar com isso.

Quando apontei o revólver para Alexander, duas coisas surpreendentes aconteceram. O sobrinho de Alexei pareceu aliviado e Mila – bem, ela finalmente agiu como se se importasse com nosso joguinho.

— Não! — Ela lutou para escapar do meu colo, mas eu a segurei quieta, apenas para impedi-la de mostrar a todos na sala algo que pertencia a mim. — Eu pensei...

Eu levantei uma sobrancelha. — Você pensou o quê? — Ela não imploraria por sua própria vida, mas o faria por dois homens que não conhecia. O ato estúpido e altruísta foi a coisa mais irritante que eu já experimentei.

— Eu pensei que você...

— *Hvatit*. — *O suficiente*. Não fui capaz de ouvir outra palavra de sua boca agora. Segurando seu queixo, puxei seus olhos para os meus. — Você e eu, *kotyonok*... — Eu acariciei seu rosto com o polegar, minha voz suavizando. — Estamos longe de terminar.

Ela não parecia convencida, então puxei seu rosto para mais perto e selei a promessa com um beijo curto. Ela estava tensa como uma estátua, mas seus lábios eram macios, flexíveis, quentes e, de alguma forma, ela ainda tinha gosto de morango.

A pressão fugaz de sua boca na minha aumentou a dor no meu pau até uma pulsação crua, e um grama de ironia surgiu. Eu precisava transar se um beijo

rápido tivesse uma reação mais forte de mim do que a língua de uma mulher no meu pau.

Eu puxei o gatilho.

Clique.

Antes que Mila pudesse terminar de respirar aliviada, ela pulou quando eu atirei no próximo homem. O *estrondo* ricocheteou nas paredes. A fumaça subiu do barril e seu corpo sem vida caiu sobre a mesa. Mila estremeceu contra mim, a mão tapando a boca.

— Acho que vamos conseguir aquele funeral, afinal — eu disse secamente.

O sangue se espalhou pela mesa, e meu olhar se estreitou ao alcançar meu prato de sobremesa.

— Eu vou... — Mila parou, sua cabeça pendeu e então ela ficou mole em meus braços, um emaranhado em coma de cabelos loiros e pernas.

— O que diabos há de errado com ela? — Alexander exigiu. Seu olhar cauteloso avaliou Mila, e ele nem mesmo olhou para o homem morto ao lado dele.

Depois de ajustar o peso de Mila para que sua cabeça repousasse no meu ombro, peguei meu charuto e dei uma baforada enquanto observava sua forma inconsciente com fingida preocupação. — Não tenho certeza. Você acha que ela precisa comer? — Eu soltei uma lufada de fumaça e encontrei o olhar de Alexander, o meu faiscando. — Eu pensei que as mulheres Mikhailov só precisavam ser fodidas para sobreviver. — Por alguma razão, eu não queria contar a ele sobre sua fobia. Esses pequenos detalhes eram meus.

— Seu filho da puta, — ele ferveu. — Ela não é a mãe dela...

— Chega, — eu disse entediado. — Já ouvi isso antes.

— Deixe-a ir. Você pode me levar no lugar.

— Tentador, mas você não é meu tipo. — Lancei um olhar a Viktor para tirá-lo daqui. — Tire a roupa dele — eu ordenei. — Ele pode rastejar de volta para Alexei como um cachorro ferido. — Encontrando os olhos de Alexander enquanto Viktor o colocava de pé, eu disse: — Certifique-se de dizer a Alexei como sua filha está se saindo bem.

Ele olhou feio. — Foda-se.

Viktor deu um soco no estômago dele antes de jogar seu lindo rosto na mesa. Suspirei quando sangue respingou no meu pedaço de bolo.

— Cuidado com os lobos — acrescentei enquanto ele estava sendo arrastado para fora. — Embora, eu espero que eles tenham um gosto melhor.

— Vá para o inferno, *D'yavol*...

Viktor o puxou porta afora.

Recostando-se na cadeira, dei uma olhada irritante em Albert antes que ele se levantasse e saísse da sala. Eu estava soprando um anel de fumaça, sentindo-me estranhamente feliz, quando Mila despertou. Mordi meu charuto entre os dentes e puxei o maldito bolo para ela.

— *Medovik, kotyonok?*

Sua expressão empalideceu, e quando uma risada suave me deixou, ela pulou do meu colo e vomitou em um vaso de planta.

CAPÍTULO DEZENOVE

Mila

cacoëthes

(N.) um desejo de fazer algo desaconselhável

COM A CABEÇA APOIADA NA JANELA, olhei além das teias de aranha de gelo no vidro. A luz da lua lançava um manto de prata sobre a neve, e o deserto congelado brilhava como diamantes.

Do meu ponto de vista, parecia que eu era uma princesa trancada em uma torre. Mantida em cativeiro por um monstro que atirou em homens na cabeça em uma mesa de jantar com copos de cristal e bolo.

Depois que vomitei o conteúdo do meu estômago em um dos vasos de plantas de Ronan e limpei minha boca com as costas da mão, por qualquer motivo demente, ele me deixou voltar para minha gaiola e fechar a porta. No meio do derramamento de sangue, parecia a coisa mais segura a se fazer. Mas, à medida que mais dois dias se passavam nesta sala, nem mesmo a memória de um homem com um buraco de bala na testa suprimiu o desejo de ar. A reclusão começou a queimar, borbulhar, envolver meu corpo e *apertar.*

Eu comecei a fazer contagens no espelho do banheiro com um velho tubo de batom que encontrei, que provavelmente pertencia ao último "animal de estimação" de Ronan, e agora estava com sete dias.

Uma semana inteira no inferno.

A porta se abriu e um calafrio passou por mim quando a sombra de Ronan espalhou suas asas pelo chão. Ele puxou uma cadeira de madeira para o meio da sala, sentou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos.

Meu olhar foi para a porta aberta atrás dele. Eu me perguntei se aquele guarda ainda estava parado no corredor. Nesse ponto, prefiro levar um tiro do que ficar presa na mesma sala que este homem.

— Você é supersticiosa agora, *kotyonok?*

D'yavol em carne e osso olhava para mim. Eu não sabia que ele representaria um homem vestido com ternos pretos de grife, tatuagens e uma fachada charmosa. Eu nunca seria tão ingênua novamente.

Olhei pela janela e disse: — Sim. Se existe um diabo, tem que haver um Deus.

— Você acha que alguém vai te salvar?

Minha garganta apertou com a ideia de que pelo menos um já morreu tentando. Ivan de repente veio à mente. Eu senti falta dele. Eu sentia falta de seu toque seguro e reconfortante. Eu até senti falta da falta de faísca. Agora eu sabia que o tipo de química entre mim e Ronan só poderia ser bruxaria.

— Você recebeu muitas ligações em seu pequeno telefone desde que chegou à Moscou. — Sua pausa foi opressiva, tão estagnada e pesada que não pude deixar de dar-lhe toda a atenção. — Alguns de seu papa, mas a maioria de outro número.

Eu fiquei tensa com a ameaça sutil para Ivan.

— Ninguém pode te salvar de mim. — Seus olhos brilhavam indiferença misturada com uma borda escura. — Nem mesmo Deus. — As palavras

condensaram o ar, agarrando cada batimento cardíaco com uma ameaça acentuada.

Seu olhar deslizou pelo meu corpo, dos meus cachos loiros soltos, para a minha camiseta, para as minhas pernas nuas. O simples toque de seu olhar ardeu quente e frio, e a memória de sua mão entre minhas pernas veio à vida.

Eu gostaria de acreditar que um polegar calejado atrairia uma reação do corpo de qualquer mulher, independentemente das circunstâncias. Embora, minha pele se esticasse quando suas palavras retornaram sobre minha mãe ser sádica e o fato de Ronan ter me trazido à libertação mesmo naquela situação distorcida. Ele poderia ter me humilhado na frente daqueles homens, na frente de um primo que eu nem sabia que existia, mas não o fez. Eu não tinha certeza se queria saber o motivo.

Com a sensação pesada de sua leitura queimando um calor inquietante em minhas veias, consegui dizer: — A bondade sempre prevalece no final.

Aparentemente, ele achou a ideia divertida. Ele se recostou na cadeira e me observou com olhos tão sombrios e preguiçosos que devem ter sido formados pela fumaça saindo de um caldeirão.

— O que você fez com meu primo? — Eu perguntei.

— Eu o deixei rastejar de volta para o seu papa.

Minha expressão era incrédula. — Por quê?

— Sorte — disse ele simplesmente.

— Você faz todos os seus negócios com base na sorte?

— Alguns. — Ele olhou para a sala, saboreando a visão de sua fortaleza do mal. — Um pouco de sorte me trouxe aqui, você sabe.

— Acho que a palavra que você está procurando é ‘narcisismo’.

Uma pitada de humor brilhou em seus olhos. — Isso também.

Recusei-me a dizer a palavra “sorte” de novo porque se alguém merecia que um piano caísse na cabeça enquanto desciam Wall Street, era esse homem. Então, improvisei com sarcasmo.

— Eu acho que você ficou realmente narcisista quando eu tropecei em seu covil, não é?

— Mmm — ele murmurou asperamente, seu olhar fixo no meu. — Acho que sim.

Um único piscar confuso de Ronan colocaria o mundo em ordem novamente. Isso me asseguraria de que estávamos operando em dois comprimentos de onda diferentes: o bem e o mal. Mas é claro que o bastardo me entendeu.

Seu olhar pousou na pequena rachadura na janela, aquela que criei jogando a cadeira em que ele se sentou no vidro ontem em uma tentativa desesperada de oxigênio. Yulia tinha colocado minha bandeja de jantar na mesa e fugido da sala com um olhar de tagarelice.

— Ouvi dizer que você não gosta do seu quarto.

— As acomodações poderiam ser melhores.

Ele sorriu. — Tenho certeza que você as achará preferíveis no meu quarto.

Eu odiava seu sorriso. Dentes brancos brilhantes e uma elevação digna de seus lábios. Ele tinha o sorriso de um cavalheiro bonito, e que mentira. Embora o que eu mais odiasse foi como seu sorriso me fez lembrar como caí em suas mãos em primeiro lugar, e como ele enganou meu corpo para o seu lado.

Engoli. — Meu quarto está bom.

Ele riu da minha capitulação meia-boca. — Não vamos esquecer que você teve uma grande queda por mim.

— Vamos.

— Sua paixão foi fofa.

A irritação desceu pelas minhas costas. — Como você disse antes, poderia ter sido qualquer outra pessoa. — Eu levantei um ombro indiferente e repeti suas palavras. — Albert, talvez.

Olhos brilhando com gelo, sua presença puxada nas costuras de sua camisa preta. Ele era possessivo com seus animais de estimação ou acabara de levar um golpe em seu ego inflado.

— Mas como regra, — eu disse friamente — eu tendo a ficar longe de homens que cortam os dedos das pessoas.

— Mesmo assim, você ainda é leal ao seu papa — ele falou lentamente.

Ele encontrou um ponto dolorido. Eu forjei paredes de negação e não o deixaria derrubá-las.

— Você não tem algo melhor para fazer? — Eu rebati. Tipo *Nádia?*

Seus olhos brilharam. — Cuidado.

Minha raiva se afogou sob o simples aviso, e olhei pela janela. — Por quanto tempo você vai me manter aqui?

— Por quanto tempo eu quiser.

— Eu quero sair desta sala.

— Você não está mais no Kansas, Dorothy. Você não consegue o que quer.

Eu perderia minha mente se continuasse presa entre essas quatro paredes por mais tempo. Meus pulmões ficavam mais apertados a cada segundo, e logo, eu não seria capaz de respirar. Enquanto a angústia se estendia por dentro, eu forcei três palavras em meus lábios.

— Vou me comportar.

Ele me observou por um longo segundo, algo ilegível passando por seus olhos. — Prove.

Eu nem queria considerar como ele queria que eu fizesse isso. As opções eram vastas e degradantes. Segurando seu olhar, eu esperei – apenas esperei que ele me dissesse o que queria. Provavelmente ficar de joelhos e chupá-lo.

— Implore por isso.

A repulsa se espalhou por mim como ácido. Prefiro chupá-lo; eu poderia lavar essa humilhação da minha boca. Mas implorar? Era uma vulnerabilidade que eu não daria e não poderia ceder. As palavras foram um tiro direto na alma. Posso não estar livre, mas minha alma ainda era *minha*.

Eu o desprezei por me obrigar a fazer isso, por me arrastar para baixo a este nível. Com aquele fogo, algo quente, estranho e implacável subiu à superfície.

Nossos olhares se prenderam em uma tensão espessa, o seu sentimento, o meu lutando para esconder a violência dentro. Saí do assento da janela, uma perna longa de cada vez, e então me ajoelhei. Quando eu lentamente rastejei em direção a ele, os olhos de Ronan se estreitaram em calor e suspeita. Tão cansado. Tão astuto.

— É isso que você quer? — Minha voz soou diferente, mergulhada em lingerie e sedução.

Seu olhar penetrante seguiu cada movimento meu, as palavras baixas um estrondo de prazer. — É um começo.

Os sons dos meus joelhos e mãos no chão, a batida constante do meu coração e a doce batida da nossa vingança encheram a sala. Eu rastejei entre suas pernas abertas e corri meu rosto contra suas calças como um humilde animal de estimação. Ele estava duro. O sádico estava gostando disso.

Seus dedos pintados descansaram em seu joelho, e eu os acariciei com minha bochecha. Ele abriu a mão e praticamente rugiu de satisfação quando acariciei o lado do meu rosto contra sua palma.

— *Por favor,* — eu implorei, deslizando minha mão sobre sua ereção e em seu peito, minhas próximas palavras duras — *vá se foder.*

Eu o empurrei o mais forte que pude.

A cadeira tombou para trás no chão, levando seu mestre com ela. Madeira estilhaçou sob seu peso, e seu rosnado vibrou pela sala. Com o coração

torcendo na garganta, eu estava de pé, mas ele girou para fora da queda para agarrar meu tornozelo e me puxar para baixo. Eu bati no chão com tanta força que toda a respiração saiu de mim.

— *Kotyonok*. — Foi uma risada por trás dos dentes cerrados. — Você fodeu tudo.

Ele me arrastou para trás e agarrei o tapete persa para encontrar apoio. Minha camisa deslizou até a cintura, deixando a pele nua à mostra. Eu sabia que não poderia deixá-lo me colocar debaixo dele, ou essa luta acabaria. Liberando meu aperto no tapete para fingir rendição, eu engasguei — Sinto muito!

— Não, você não sente — ele rosnou. — Você apenas sabe que perdeu.

Ele não esperava uma boa luta de mim. Eu era uma garota lutando contra um homem endurecido pela batalha. Mas agora eu não tinha uma concussão. Agora eu tinha ódio queimando um buraco no meu estômago. Eu não conseguia controlar esses sentimentos reprimidos, e quando eu tinha o ângulo certo, eles atacaram.

— Você está certo, — eu admiti. — Eu não estou nem um pouco triste.

Jogando meu cotovelo para trás, bato em algo duro. A dor irradiou pelo meu braço. Ele sibilou, mas seu aperto no meu tornozelo apenas aumentou. O bastardo deve ser feito de fogo e enxofre.

De repente, ele me soltou. Não parei para me perguntar por que ele estava me deixando ir; aproveitei a oportunidade para rastejar até a porta e me levantar com dificuldade.

Quando colidi com um homem no corredor, seu rifle caiu no chão.

— *Chto za khren'*[19] — o guarda amaldiçoou, agarrando-se a mim.

Uma onda quente de adrenalina assumiu o controle, reduzindo-me a carne e osso e a luta pela sobrevivência. Eu era quase tão alta quanto ele, então usei minha altura para dar uma cabeçada em seu rosto. Visão escurecendo, uma dor disparou em meu crânio com o *aperto* doentio de seu nariz. Antes que ele pudesse retaliar, empurrei meu joelho em sua virilha. O guarda caiu no chão com um gemido.

Aconteceu em poucos segundos. Apenas um momento no tempo virou minha moral de cabeça para baixo, como o naufrágio do *Titanic*.

Agarrando um punhado de meu cabelo comprido, o guarda me jogou de costas na madeira sólida. A ação me surpreendeu por um momento vulnerável.

— *Tupaya blyad* — ele rangeu. *Puta estúpida.*

Quando meus dedos roçaram o metal frio, agarrei com força. Ele montou em meus quadris e, enquanto tentava tirar a arma das minhas mãos úmidas, meus dedos escorregaram. *Pop, pop, pop* corta o ar. Os estalos vibraram em minhas mãos e meu dedo no gatilho. Meus ouvidos zumbiram. A estática perfurou o corredor e minha pele.

Seu corpo mole e pesado caiu em cima do meu, empurrando o ar dos meus pulmões, e o pânico se transformou em histeria. Eu estava me afogando em uma massa de membros imóveis, olhos sem vida e *vermelho* pegajoso. Um grito rasgou minha garganta e eu o empurrei para longe de mim. O sangue se espalhou pelo chão. Eu escorreguei nele enquanto cambaleava para trás.

Ofegante, meus olhos se ergueram cada vez mais.

Ronan estava parado no corredor, seu olhar fixo no corpo do guarda enquanto murmurava um monótono — Bem, foda-se.

O sangue quente encharcou minha camiseta e escorreu por meus braços e pernas. De alguma forma, fiquei atordoada com a visão: a expressão nos olhos de um vilão quando percebeu que havia levado um golpe fatal. Eu era a vilã agora. O terror do que eu fiz e a última explosão de adrenalina me colocaram de pé.

O olhar de Ronan ergueu-se para o meu, uma advertência interior. Mas eu já estava descendo as escadas correndo. Apoiando a mão na parede, me impedi de escorregar no sangue. Meus olhos se fixaram em uma saída e, quando cheguei ao saguão, abri as portas da frente e corri para fora descalça, para a estrada circular gelada.

Eu parei no meio do caminho, respirações pesadas congelando no ar.

Luzes brilhantes iluminavam o pátio guardado por homens em todas as direções, rifles em suas mãos. Os pastores alemães rondavam pela neve com coleiras. Meu batimento cardíaco tamborilou em meus ouvidos, penetrado pelos uivos e latidos de cães que pularam em um cercado de arame preso a um anexo, perturbados por minha aparição repentina. Se eu tentasse correr, eles me estraçalhariam.

A primeira lágrima caiu e a desesperança puxou meu corpo com tanta força que caí de joelhos. Não havia como escapar deste lugar. Sem fuga *dele,* que empurrou minha moral para o lado e me transformou em alguém que eu não reconhecia. A verdade é que eu não sabia quem eu era. Eu realmente nunca soube.

Enquanto o vento açoitava meus cachos, lágrimas corriam pelo meu rosto e o frio puxava seus dedos gelados sobre minha pele, senti-me mais perto daquela garota com sujeira no rosto e Edgar Allen Poe na mão do que eu sentia há muito tempo. E isso me apavorou. Como um único floco de neve flutuando na calçada quente de Miami, se eu escapasse com vida e voltasse para casa, eu não pertenceria.

Eu permaneci imóvel quando a presença de Ronan tocou minhas costas, pronto para a tortura começar. Ele se abaixou na minha frente e enxugou as lágrimas da minha bochecha. Suas palavras se mantiveram firmes contra a brisa que despenteava meu cabelo.

— Onde está o seu Deus agora, *kotyonok?*

Minha pele ficou arrepiada, mas não era de frio. O arrepio era de medo de que o diabo tivesse um lado suave. Nada era mais assustador do que um sussurro me chamando para entrar no escuro.

Então ele ergueu meu peso morto e me carregou de volta para o inferno.

CAPÍTULO VINTE

Ronan

atormentado

(N.) perturbado ou atormentado,

como por uma bruxa

SE ALGUÉM PERGUNTASSE COMO eu imaginei meu plano de vida de cinco anos, não teria incluído carregar uma maldita americana de volta para um quarto de hóspedes onde eu a estava mantendo como refém. Eu tinha uma área específica para reféns no porão. Eu também não peguei uma mulher a menos que meu pau estivesse molhado e o ângulo estivesse errado.

Mila permaneceu em silêncio enquanto eu a carregava escada acima. Seu peso parecia sólido em meus braços. Ela era moldada como o tipo de mulher que eu preferia – o tipo que poderia dar uma trepada forte sem a preocupação de quebrar.

Apenas a sensação de seu corpo contra o meu enviou uma onda de sangue para minha virilha. Enquanto isso, o objeto da minha ereção cheirava a desespero.

Como ela deveria.

Ela realmente me deu uma cotovelada no rosto. Eu não queria matar a garota – necrofilia não era minha perversão – então, depois que ela partiu meu lábio e autocontrole, eu a liberei com a crença de que Adrik segurando uma

AK-47 no corredor iria pará-la. Eu não levei em conta sua capacidade de derrubá-lo e pegar a porra de sua arma.

Estranhamente, quando a ouvi gritar de dor, uma sensação quente e desagradável se expandiu em meu peito. Só consegui relacionar o sentimento com a expectativa de receber um pacote pelo correio, apenas para o entregador sacudi-lo como um presente de Natal e quebrá-lo. Adrik tinha fodido com *meu* pacote.

Mila pode ter sido criada como uma americana de coração mole, mas agora estava claro que ela poderia ser uma Mikhailov quando precisasse ser. O fato não deveria me excitar, embora depois que ela superou a mim e eu a observei descarregar três balas em Adrik, tudo que eu conseguia pensar era fodê-la crua em seu sangue. O desejo era um pouco distorcido, mesmo para mim.

Irritado com essa garota e com a ereção constante que ela despertava, eu a deixei cair no chão de seu quarto.

Ela engasgou, afastou o cabelo do rosto e me lançou um olhar de ressentimento. Eu suprimi um sorriso e fui até a cômoda para pegar as cordas descartadas de cima. Mila se levantou e, cautelosamente, olhos azuis penetrantes encontraram os meus.

Porra, ela era deslumbrante – mesmo enquanto emulava *Carrie de* Stephen King com uma obsessão singular por Elvis.

Ela estava encharcada de sangue e não desmaiou. Talvez eu tenha quebrado a fobia do meu animal de estimação. Caminhei em sua direção, evitando a cadeira quebrada no chão, com as cordas na mão.

Ela recuou e balançou a cabeça. — Não.

Lá foi ela com aquela palavra novamente.

Meus olhos se estreitaram. — Já conversamos.

Seus olhos amendoados suavizaram com algo quase suplicante, e a visão me atingiu no peito e doeu no meu pau ao mesmo tempo. A sensação perturbadora trouxe a raiva para o primeiro plano. Ela tirou meu sangue quando eu estava focado em sua bunda nua. Erro tolo da minha parte. E agora, com um único olhar, ela estava me fazendo questionar minhas más intenções.

Quando ela apenas ficou lá, eu avisei: — Você não quer lutar comigo agora.

Eu faria algo de que me arrependeria, como machucá-la ou transar com ela. Percebi que não gostava do primeiro e não queria forçar o último.

Depois de um olhar momentâneo para baixo, ela levou minha ameaça a sério e foi para a cama para deitar de costas. Quando ela obedientemente ergueu as mãos acima da cabeça, a camisa subiu pelas coxas. Forçando meu olhar a partir da visão do ápice sombreado entre suas pernas, comecei a amarrar seus pulsos na cabeceira da cama.

Ela olhou para o teto e não disse uma palavra. Tão azuis e claros, seus olhos eram praticamente transparentes, e agora eles estavam vagando para aquele lugar ausente que eu odiava.

Enquanto eu estava retido em Moscou nos últimos dois dias lidando com os aspectos de negócios desagradáveis de ser *"D'yavol"*, o cabelo loiro selvagem e um suave sotaque americano passavam por minha mente com muita frequência para conforto - mesmo entre as atualizações de hora em hora de Yulia sobre Atividades de Mila. Só por invadir meus pensamentos, eu deveria deixá-la cozinhar em seu sofrimento sozinha. Mas eu precisava de

algo dela. Algo para me segurar. Algo para me dizer que ela pensava em mim dentro dela tanto quanto eu.

Com seus pulsos presos, sentei-me ao lado da cama e fui incapaz de me impedir de arrastar a mão por sua coxa nua. Ela não recebeu uma navalha na chance de cortar os pulsos, mas agora eu tinha a sensação de que ela não escolheria o caminho mais fácil.

Havia algo novo e inocentemente sexy em passar minha mão sobre a pele macia e uma leve mecha de cabelo loiro. Eu não estive com uma mulher não depilada desde que era adolescente, e essas eram geralmente fodidas vestidas contra a parede de um beco.

— Você precisa se barbear, *kotyonok*.

— Você precisa alcançar sua alma escurecida e encontrar sua consciência.

Eu ri e deslizei minha palma para cima, ignorando o lugar que eu mais queria dentro, e por baixo de sua camisa, onde acariciei seu quadril com o polegar.
— Não fui eu que acabei de matar um homem, fui?

Quase me arrependi de dizer isso quando uma única lágrima escorreu por sua bochecha. Ela provavelmente queria comparecer ao funeral de Adrik e pedir desculpas a cada membro de sua família inútil. Na verdade, eu não sabia se eles eram inúteis, mas a maioria da família sim.

— Pare de chorar.

— Eu não estou chorando — ela insistiu enquanto outra lágrima escapava.

Porra. Isso estava acabando com o clima.

— Foi legítima defesa — eu disse, sem dar a mínima para que ela tivesse matado Adrik. Não precisava de homens do meu lado que fossem derrotados por mulheres de coração mole. — Diga isso.

— Mas...

— Diga.

— Foi legítima defesa — ela se esquivou sem emoção.

Eu não sabia por que estava oferecendo um pequeno ramo de oliveira. As lágrimas inquietantes, talvez, mas era mais pelo fato de que fazia muito tempo – se é que nunca – desde que conheci uma mulher com sentimentos. Mila era águas desconhecidas para mim, cheias até a borda com uma abnegação que eu não entendia. E como um gato com um rato, eu queria brincar com ela por um tempo.

Agarrei o recuo de sua cintura nua, que era tão pequena que provavelmente poderia tocar os dedos se envolvesse minhas mãos em torno dela. Cintura não era exatamente a primeira coisa que notei em uma mulher, mas desde que despi Mila em seu quarto de hotel, queria segurá-la ali enquanto ela me cavalgava – uma posição que normalmente não aguentava. Atribuí o desejo estranho ao fato de que este foi o maior tempo que eu tive que esperar para foder uma mulher que eu queria antes, e as menores coisas sobre essa me faziam sentir como se tivesse acabado de sair da prisão depois de me abster de sexo por quatro anos novamente.

Descansei minha outra mão ao lado de sua cabeça e puxei um cacho loiro entre meus dedos. — Vou colocar uma cruz no corredor como vocês americanos fazem em locais de acidentes de carro. Podemos até espalhar suas cinzas junto, se isso fizer você se sentir melhor.

Um olhar enojado encontrou o meu, e isso levantou uma risada suave de mim.

— Você não deveria estar roubando virgens e aterrorizando Moscou? — Ela perguntou.

— A menos que eu encontre seu papa esta noite, a cidade está protegida de mim. — Embora isso possa ser uma mentira, eu era um otimista quando se tratava de coisas como negócios e assassinato.

Ela engoliu em seco e puxou o olhar de volta para o teto. — Que magnânimo da sua parte.

— Quando você diz palavras grandes, fica mais difícil fazer a coisa certa aqui — eu disse lentamente antes de beliscar seu queixo.

Ela soltou um suspiro trêmulo. — Você está além da ajuda, sabia disso?

— E aqui eu pensei que tudo que eu precisava era uma intervenção. — Passei meu polegar sob a curva de seu seio, para frente e para trás, a mais leve das carícias. Seus seios se levantaram com cada respiração, seus mamilos visíveis sob a camisa, e isso me lembrou de quão sensíveis e doces eles eram.

Deslizando meus lábios para a concha de sua orelha, eu disse: — Aposto que poderia fazer você gozar apenas chupando seus seios, *kotyonok*.

O arrepio que a percorreu foi a única indicação de que ela ainda não tinha me excluído, então empurrei um pouco mais. Apalpando o peso de seu seio nu, apertei a carne macia e corri meu polegar ao redor de seu mamilo, em seguida, chupei o ponto de pulso em seu pescoço, puxando a pele entre meus

dentes para deixar outra marca para trás. Seu peito subia e descia mais rápido, mas ela se recusou a reconhecer minhas mãos sobre ela.

Eu não sabia por que essa garota cheirava tão bem mesmo coberta de sangue, mas a sensação de seu seio na minha mão e seu perfume suave estavam começando a obscurecer minha visão. A dor implacável na minha virilha inchou, enquanto Mila parecia tão entediada como uma batista sentada em um banco de igreja.

Sua apatia estava começando a me irritar, então me movi mais para baixo e mordi com *força*. Ela sibilou de dor, mas quando eu acalmei a mordida com minha língua, as cordas se esticaram, sua cabeça pendeu para o lado, e o arco sutil de seu corpo me disse que ela não era mais tão indiferente.

Eu me afastei para ver minha obra – os chupões escuros que deixei para trás. Embora eu não achasse que já tinha dado um antes de Mila, algo primitivo dentro de mim gostava de marcá-la como meu próprio tabuleiro de damas.

— Acho que vermelho é a sua cor — disse eu, uma garota na minha cama de hóspedes, adornada com sangue e chupões.

— Você acharia — ela respondeu, mas suas palavras eram roucas, sem calor.

Quando eu finalmente corri meu polegar em seu mamilo e o belisquei, sua exalação irregular veio entre lábios molhados e entreabertos, embora ela ainda tentasse o seu melhor para me ignorar.

— Você me chama de doente, — falei lentamente — mas acho que você também pode ser um pouco maluca.

— Não sou nada como você.

Eu levantei uma sobrancelha. — Certeza sobre isso?

— Que eu não sou uma psicopata? Sim.

— Eu prefiro 'sociopata'. Mais socialmente aceitável.

— Porque esta cena grita 'socialmente aceitável'.

Essa garota tinha a estranha habilidade de me divertir, mesmo enquanto eu estava tentando levar a sério a ideia de transformá-la em minha escrava sexual temporária e irracional. E não gostava quando as pessoas interferiam nos meus planos.

Eu deslizei minha mão por sua barriga, entre suas pernas, e pressionei meu polegar contra seu clitóris, aplicando a menor quantidade de pressão. Ela fechou os olhos com força, tentando lutar contra a sensação, mas quando eu dei a ela um pouco de fricção, ela puxou o lábio inferior entre os dentes brancos e retos e fracamente revirou os quadris.

A visão inundou um calor espesso através de mim que se enrolou na minha espinha e se acomodou pesadamente no meu pau. Ela estava quente e úmida e, pelo que eu descobri, mais apertada do que um punho. Eu queria dar a ela o que ela precisava; deslizar dois dedos para dentro apenas para ver seus olhos rolarem para trás. A ideia de que ela me deixaria neste ponto chamuscou cada grama de força de vontade até que meu sangue começou a latejar em meus ouvidos.

Posso não fazer sexo oral ou deixar uma mulher assumir o controle, mas dificilmente fui um amante egoísta. Ainda assim, eu nunca estive tão interessado em fazer uma mulher gozar antes. Eu não poderia dizer que três mulheres ao mesmo tempo me deixaram mais duro do que essa garota

solteira. O fato de ela ser filha de Alexei era apenas a cereja do bolo nauseante.

Ela tinha que ser uma profissional nesse ato inocente; em atrair os homens. Assim como sua mãe fazia antes de Alexei aparecer para colocar uma bala entre os olhos deles.

Mila agarrou as cordas, olhos fechados, um rubor rosa aquecendo suas bochechas. Eu mal a toquei e ela estava perto de gozar. Só um idiota acreditaria que eles foram os primeiros a tirá-la do sério. Ela era um gatilho de cabelo, e não havia nenhuma chance de ela permanecer celibatária, considerando como ela se jogou em mim.

Eu parei minha mão e perguntei: — Quantos homens fizeram você gozar?

Ela inalou profundamente, em alívio ou frustração. Eu não tinha certeza se ela sabia qual, mas estava claro que ela não tinha vontade de responder.

— Me responda — eu exigi.

Silêncio.

Ela era teimosa, mas eu também era.

Eu dei um tapa entre suas pernas.

Um suspiro escapou dela antes que ela me matasse com um olhar letal. — Desculpe, eu deveria manter a contagem?

Meus dentes cerraram. Jurei fazê-la contar cada orgasmo que eu lhe desse até que ela me implorasse para parar. Antes que eu pudesse ceder ao desejo de começar ali mesmo, puxei minha mão e me levantei.

— Animais de estimação ruins não são recompensados.

A fúria esfriou todo o desejo em seu olhar. — Você vai conseguir o que éseu, *D'yavol*. E quando você fizer isso, vou sorrir quando eles te cobrirem com sujeira.

Porra. Isso foi meio quente. E irritante.

Eu agarrei seu rosto. — Se eu cair, vou levá-la comigo. Seu sangue Mikhailov vai me manter calmo no inferno.

Um lampejo incerto passou por seus olhos, e então ela olhou para o teto, dispensando-me de uma forma arrogante que ninguém mais ousaria. Eu a soltei bruscamente, e com uma onda quente de frustração, saí da sala para encontrar Yulia esfregando o sangue com uma mentalidade obsessiva.

A mulher bateu na minha porta sete anos atrás, sem se perturbar com os guardas e armas, e anunciou: — Eu gostaria de trabalho.

Eu a reconheci em duas ocasiões diferentes.

Na minha pré-adolescência, ela alimentou a mim e a meu irmão uma refeição quente e nos deu um lugar para dormirmos durante a noite, quando nos encontrou acampando em seu carro durante uma tempestade de neve. Ela também foi notícia por massacrar o marido com um cutelo sem uma única explicação, cumprindo uma década no hospício. Eu deveria ter pensado duas vezes sobre isso, mas em vez disso, abri a porta e disse: — Você pode começar hoje.

Ela provou ser uma serva leal, o que era inestimável nesta casa.

De pé na varanda da frente, peguei um maço de cigarros do bolso da jaqueta de Ilya, tirei um e coloquei entre os lábios. O sangue percorreu a entrada até

a garagem, onde Albert estava ocupado lidando com o corpo.

Coloquei o pacote de volta no bolso de Ilya. — Isqueiro?

Ele procurou seu Zippo, abrindo-o. Acendi meu cigarro, inalei profundamente e me dirigi para o carro estacionado na garagem antes de gritar com Pavel do outro lado do quintal.

Meu mais novo recruta, magro e ainda no final da adolescência, hesitou.

Eu o observei vagaroso seu caminho até aqui, tragando meu cigarro. — Você tem um pau no cu ou algo assim? — Eu perguntei, soprando a fumaça pelo canto da boca. — Ou sua namorada tentou algo novo na noite passada?

A risada ressoou pelo quintal.

O garoto ficou vermelho. — Não.

— Vamos. Você vai dirigir. — Joguei a fumaça na neve e sentei no banco de trás.

Eu odiava o gosto de cigarro, mas precisava de uma dose de nicotina. Tirei um pedaço de Big Red do console central, joguei um no colo de Pavel e o observei segurar o volante com os nós dos dedos brancos.

— Você sabe dirigir, não é?

— Eu posso descobrir — ele gaguejou.

Jesus.

Viktor recrutou e treinou meus homens, mas, aparentemente, dirigir não estava incluído. Eu poderia pedir a outra pessoa para me levar, mas em vez

disso, recostei-me em meu assento e me preparei para um passeio superficial até Moscou. Pavel tinha que aprender eventualmente.

Eu verifiquei meu relógio, notando o sangue em minha mão e camisa. O garoto deve ter puxado o freio e o acelerador para trás; o carro deu uma guinada repentina para a frente e parou abruptamente.

Eu ignorei.

Um dos clientes de minha mãe me ensinou a dirigir quando eu tinha onze anos. Ele estava alto pra caralho quando colocou uma arma na minha coxa e me disse para mantê-lo a 60 km/h. A viagem mais longa da minha vida.

Tive uma reunião com Alfonso em uma hora. O último carregamento de cocaína do traficante colombiano foi cortado com sabão em pó, e eu tornei uma prioridade garantir que o que eu colocasse fora fosse puro. Um químico em Rublyovka testou todos os meus produtos em seu porão. Foi um encontro interessante na minha frente, mas tudo que eu conseguia pensar era na garota amarrada à cama do meu quarto de hóspedes.

Corri o polegar sobre meu lábio inferior partido, perguntando-me como eu iria trabalhar com ela. Diamantes e peles não serviriam, infelizmente. Ela respondeu a um pouco de sedução um momento atrás, mas eu não queria pressioná-la a ponto de simplesmente precisar gozar. Eu queria que ela precisasse de mim; implorar, viver e respirar só por *mim*.

Pensando bem, provavelmente não teria tempo para tudo isso, então me contentaria com uma foda dura e disposta.

Não tendo certeza do ângulo a tomar com essa garota, a emoção da perseguição se misturou com a frustração reprimida apertando minha virilha. Eu tinha várias mulheres para quem eu poderia ligar, incluindo Nádia, mas

de alguma forma, eu sabia que não faria. Os únicos lábios que eu queria no meu pau agora tinham gosto de morango.

Quanto mais Mila me fazia esperar, mais ela se arrependeria.

Seu telefone tocou no meu bolso. Voltei a ligar esta manhã, com vontade de me vangloriar um pouco. Quando vi o nome de Ivan na tela, um sorriso apareceu em meus lábios. Atendi a chamada e levei-a ao ouvido.

— Ronan's Steakhouse. Lar da maior salsicha de Moscou.

— *Ty sukin syn. — Seu filho da puta.*

Eu ri. — Puta é apropriado, mas 'boceta' seria uma descrição melhor de minha mãe.

— Você a tocou — ele rangeu os dentes cerrados.

— Minha mãe? — Eu parei com diversão. — Não. Até eu acho o incesto desagradável. — Então acrescentei — Sem falar que não sou um grande fã de DSTs.

Ele fez um som amargo. — Tenho certeza de que você tem uma história com elas. Você fodeu metade da cidade.

— Nah. Eu sempre me protejo. — E então escrevi o slogan de um popular provedor de saúde. — A prevenção é a chave para a saúde e a felicidade.

— Você é um homem morto andando, sabia disso?

— Viver no limite sempre fez meu pau sentir um pouco de formigamento.

Pavel soprou um sinal de pare, errando por pouco uma colisão com um caminhão de fazenda.

— Jesus, criança — eu rebati.

Ele girou o volante com os nós dos dedos brancos. — Porra, sinto muito!

— Como você a coagiu a fazer aquele vídeo? — Ivan rosnou.

Isso foi tudo diversão e jogos até agora. Meu sangue esquentou com a ideia de que ele assistiu; que ele já tinha visto o corpo de Mila pessoalmente antes; que ele a tinha fodido. Meu peito torceu com aversão, mas com os anos de treinamento, consegui manter minha voz indiferente. — Bom show, hein?

— Eu prefiro foder o cadáver da sua mãe do que assistir isso.

Boa.

Isso foi bom.

Embora, agora eu me arrependa de ter enviado aquele vídeo para o papa dela. Não achei que ele fosse mostrar para os outros, mas se o fizesse, eram homens mortos. Ela era minha por enquanto, cada maldito centímetro dela, gostasse ela ou não. Recusei-me a analisar o sentimento. Eu tinha merda suficiente para fazer.

— Ela não teria feito isso a menos que você a chantageasse.

Interessante que ele estava tão preocupado se ela estava disposta ou não, ao invés de se eu a machuquei desde então. Talvez ele soubesse que uma dura casca de crueldade envolvia seu coração suave.

— Você a conhece tão bem, não é? — Eu perguntei.

— Melhor que qualquer um.

Meu aperto aumentou no ridículo telefone brilhante. — Obviamente, não tão bem quanto você acredita. — A insinuação era clara: não havia necessidade de chantagem.

— Você é um idiota se acha que vou acreditar em qualquer coisa que você diga, *D'yavol*. — Uma sugestão de vulnerabilidade tocou sua voz e percebi, com uma sensação de nojo, que o homem *sentia algo* por ela. Eu me perguntei se ela os compartilhava. A ideia parecia mais repulsiva do que assistir ao canal Hallmark por 24 horas seguidas.

— Prefiro falar sobre minhas proezas na cama durante o chá, mas vou abrir uma exceção hoje. Garanto que Mila não tem queixas. — *Tinha*, eu corrigi em minha cabeça.

— Lembre-se, quando você se vingar, Mila vai voltar para mim. Vamos ver quem tem melhor destreza então.

Eu cerrei meus dentes e um *zumbido* assassino ganhou vida sob minha pele. — Corra, Ivan — eu avisei com uma calma mortal. — Corra rápido. Porque se eu te pegar, vou te despedaçar com minhas próprias mãos.

Eu terminei a ligação.

O bastardo estava na minha cidade, mas ele sabia como jogar. Não tão bem quanto eu.

Eu iria encontrá-lo.

E quando o fizesse, haveria um espaço na minha lareira com o nome dele.

CAPÍTULO VINTE E UM

Mila

habilidade

(N.) o forte desejo de evitar alguém

O SOL NASCEU PARA PREENCHER o espaço com raios, pulsos amarrados e retribuição.

Yulia entrou na sala adornada de preto, exalando irritação ao notar a cadeira quebrada no chão. Imperturbável por me ver, ela demorou a arrumar as coisas enquanto cantarolava uma melodia assustadora. Eu me perguntei onde Ronan encontrava seus funcionários. O asilo de loucos?

O sangue seco descia como formigas pelo meu corpo, coçando e irritando. Pior do que a sensação de rastejar foi a culpa que lutei para subir à superfície. Eu não deveria sentir remorso por me defender, mas um aperto ainda invadia meu peito. Eu me perguntei se o sangue na minha pele era uma mancha eterna que eu nunca poderia limpar. Eu me perguntei se aquele homem tinha família, *filhos*. A ideia me deixou mal do estômago, então, pela centésima vez, eu forcei o pensamento para longe e decidi que precisava escapar deste lugar antes que ele me engolisse por inteiro.

Meu olhar encontrou Yulia, que estava limpando o quarto com um propósito obstinado. Cada mulher tinha que ter um pouco de instinto maternal dentro de si. Talvez eu pudesse jogar com a simpatia dela para me ajudar. Eu pulei

quando ela bateu na cômoda com um *baque* forte. Então, ela jogou uma aranha de 2,5cm no chão com uma quantidade perturbadora de satisfação. Obviamente, o lado materno nesta era menor do que a maioria, mas não era como se eu tivesse muitas outras opções.

— Você tem filhos? — Eu perguntei a ela.

— *Ikh slishkom mnogo.* — *Muitos deles.*

Não é exatamente o melhor começo, mas Roma não foi construída em um dia. — O que você faria se um deles estivesse na minha situação?

— Eu diria a eles para não olharem na boca de um cavalo de presente.

Eu pisquei lentamente. — Devo não estar familiarizada com os dons russos. Na América, ser sequestrado não é equivalente a desembrulhar uma lata de biscoitos de manteiga e aquele lenço horrível que sua avó tricotou para você na manhã de Natal.

Com um rolar de olhos, ela se moveu para endireitar o tapete. — Há coisas piores do que ser alimentado três vezes ao dia.

— Como ser amarrado a uma cama coberta de sangue a noite toda?

— Você se meteu nessa confusão, *devushka*. — Ela deve ter um quarto ao lado ou ter passagens secretas nas paredes pelas quais espiou. Eu estava ficando irritada por ela estar me retratando da maneira errada aqui, e ainda mais irritada uma parte de mim achava que ela estava certa.

— E eu imagino que você simplesmente mentiria aqui e pegaria — eu disse em descrença.

— Você é dramática. Mestre não é homem mau.

Uma batida constante doía na minha cabeça sempre que alguém falava comigo nesta casa que desafiava toda a racionalidade. A única coisa que Ronan precisava para se tornar o vilão clássico direto das páginas de um romance de vampiros eram presas. O fato de Yulia não poder ver isso, já que ela apenas se referiu a ele como “Mestre”, conjurou a imagem mental dele fazendo uma lavagem cerebral nela com um poder sobrenatural.

— Não tenho certeza de como os homens cortejavam na sua época, mas no século XXI, isto — puxei as cordas dos meus pulsos — não é exatamente o melhor terceiro encontro.

— Americanos. Gananciosos, todos vocês.

Eu coloquei minha cabeça de volta no travesseiro. Claramente, eu não receberia nenhuma ajuda de Yulia.

— Eu tenho que fazer xixi — eu disse impassível.

— Parabéns.

— Bem. — Eu encolhi um ombro. — Não é como se eu tivesse que lavar a roupa por aqui.

Olhos estreitos encontraram os meus e eu os segurei em desafio. Depois de um olhar fixo que durou mais tempo do que qualquer pessoa sã se sentiria confortável, Yulia foi para a cama e desamarrou meus pulsos com o tipo rápido de habilidade que indicava que esta não era sua primeira vez lidando com cordas ou animais de estimação.

Quando fiquei livre, encarei minha expressão no espelho do banheiro. Eu parecia a universitária de um filme de terror sangrento que foi morta primeiro por uma serra elétrica. Considerando a estupidez que me colocou

nessa situação... quão adequada uma comparação. Meu estômago ficou enjoado, então liguei o chuveiro para quente, tirei a roupa e fiquei sob o jato de água.

O vermelho escorreu pelo ralo e, com a visão, espinhos frios surgiram na minha nuca. A memória caiu em mim como um maremoto, arrebatou o coração pulsante do meu peito e o deixou afundar nas profundezas do Atlântico.

Segurando o Sr. Bunny pela orelha caída, observei o carro vermelho brilhante entrar na garagem pela minha janela. Eu só tinha visto a mulher algumas vezes depois que papa me colocou na cama e achou que eu estava dormindo.

Eu fiz uma careta, lembrando do dia anterior, quando disse ao menino vizinho que não tinha mãe. Ele me olhou como se eu fosse uma idiota, e então, ele disse que todo mundo tinha uma mãe, e se não tivesse, eles eram órfãos. Eu não queria ser órfã.

Esta mulher tinha longos cabelos loiros, assim como eu.

Talvez ela fosse minha mãe.

De repente, senti muita sede e o copo que papa deixou perto da minha cama não serviria. A água era velha e provavelmente tinha poeira.

Sr. Bunny na mão, desci as escadas na ponta dos pés de camisola. Papa sempre disse que ele tinha um sexto sentido que lhe diria quando eu não estivesse na cama como deveria estar, mas apenas uma criança de quatro anos acreditaria nisso, e eu fiz cinco ontem.

Minha barriga afundou quando gritos chegaram pelo corredor. Papa nunca levantou a voz. Ele deve estar muito zangado. Eu me desviei dos sons e parei em frente à porta fechada da biblioteca.

Bang!

Meu coração deu um salto. Saltei para trás e o Sr. Bunny escorregou dos meus dedos.

Então, tudo ficou em silêncio.

A tinta vermelha vazou por baixo da porta, encharcando meu bicho de pelúcia favorito. Ele era meu e agora estava arruinado. Eu o peguei enquanto um soluço subia pela minha garganta. A tinta quente manchou minhas mãos e minha camisola. Estava uma bagunça e agora eu teria que tomar banho. Tudo estava arruinado.

A porta da biblioteca se abriu. Papa disse um palavrão e bloqueou a porta com seu corpo, mas pude ver sua amiga dormindo no chão com longos cabelos loiros e tinta vermelha por toda parte.

Fechando a porta, papa me pegou, minhas bochechas molhadas de lágrimas.

— Sr. Bunny está arruinado — chorei.

— Nós vamos consertá-lo.

Funguei, as lágrimas diminuindo e sussurrei: — Estou com sede.

— Você tem água ao lado da sua cama.

— Tem amebas nela. — Eu estava passando por uma fase Bo de Signs.

— Você não sabe o que são.

Ele me obrigou a tomar banho e passar condicionador no cabelo. Se ele não o fizesse, meus cachos ficariam muito emaranhados e doíam ao escovar.

— Papa, sua amiga... ela é minha mãe?

Seu olhar se suavizou. — Não, anjo.

Meus olhos ficaram pesados quando ele me pegou em uma toalha. E a última imagem que tive antes do sono me levar para baixo, era tinta vermelha escorrendo pelo ralo...

Eu deslizei pela parede do chuveiro, dormência permeando cada célula dentro de mim. Eu gostaria de acreditar que minha mente empurrou a memória tão fundo que nunca veria a luz do dia em um ato de autopreservação, mas isso era uma mentira. Inconscientemente, eu sempre soube que algo não estava certo, que as coisas não eram tão brilhantes quanto pareciam, e sufoquei a culpa de ignorar a verdade levando uma vida altruísta. Embora, com o conhecimento diante do meu rosto, eu não pudesse mais viver na feliz ignorância.

Meu papa pode ser um bom pai.

Mas ele não era um bom homem.

Mesmo agora, eu não sabia o que fazer. Neste mundo, tudo estava distorcido e de cabeça para baixo, e à medida que o entorpecimento desaparecia, a incerteza de onde minha lealdade deveria estar se abateu sobre mim.

Levantando-me do chão, enrolei uma toalha em volta de mim e saí do banheiro, dando um passo para trás antes de encontrar Yulia. Sem mais

delongas, ela empurrou minha mochila de líder de torcida em meus braços.

— Vista-se. Então você desce para o café da manhã.

Hesitei, olhando para a bolsa que parecia estranha em meus braços. Uma semana nesta casa, e meu passado era uma memória distante. Eu queria sair desta sala, mas hoje não tinha tanta certeza de nada.

— Não foi um pedido — Yulia retrucou impaciente.

— E se eu não fizer? — Lançando um olhar significativo para seu pequeno corpo que era facilmente cinco centímetros mais curto do que o meu, perguntei: — Você vai me carregar?

Sua expressão endureceu e, com um *murmúrio*, ela se virou para a porta, passos cheios de propósito. Ela ia me denunciar, e a última coisa que eu queria esta manhã era ser maltratada por um psicopata enorme.

— Eu estou indo — eu rosnei.

Ela fez uma pausa e então, lentamente, virou-se para mim com um sorriso triunfante.

— Mulher má — eu disse baixinho, apenas para ouvir um retorno — Pirralha.

Recusando-me a permitir que ela me arrastasse para o nível de uma criança de oito anos, ignorei o insulto e vasculhei minha bolsa como se ela pudesse conter a chave para escapar deste lugar - embora, infelizmente, tudo o que continha fosse uma pilha de roupas brilhantes, bagunçadas.

Eu não ficava tanto tempo sem me depilar desde os treze anos, mas usar calças para esconder parecia que Ronan estaria ganhando uma batalha não

dita. Eu não me importava com o que ele pensava da minha aparência, e se isso o incomodasse – melhor ainda. Eu coloquei um vestido boêmio esvoaçante de ombros largos e respirei fundo para ter a confiança de que precisaria para atravessar o covil do diabo.

Com os pés descalços, segui Yulia pelo corredor, a garganta apertando quando passei pelo local onde o guarda caiu. Um cheiro de limão pairava no ar e o chão brilhava como se fosse polido. Eu me perguntei se Yulia passou sua manhã afundada em toalhas de papel ensanguentadas.

Enquanto descíamos as escadas, olhei ao redor. A decoração da casa era grande, com tetos altos, sancas brancas e piso de mármore. No entanto, os tapetes persas, as cortinas escuras e os móveis incompatíveis davam um toque aconchegante e masculino. Se não fosse minha cela de prisão, quase poderia dizer que era confortável.

Ronan sentou-se na ponta da longa mesa da sala de jantar. Ele reclinou-se em sua cadeira de encosto alto como um rei, olhos tão escuros quanto sua alma. Como uma versão distorcida de *Nárnia,* eu tinha certeza de que, se entrasse em seu guarda-roupa, isso me levaria direto para o inferno.

Parei na outra extremidade da mesa com a intenção de me sentar o mais longe possível dele, embora, com um olhar frio, Ronan empurrou a cadeira ao lado dele com o pé.

Que grande cavalheiro.

Eu prefiro tentar o salto de dois andares da minha janela do que sentar ao lado dele, mas o orgulho não me permite revelar a agitação em minhas veias. Então me aproximei dele como fazia todos os dias, como se ele não tivesse atirado na cabeça de um homem na mesma sala dias atrás. Sentei-me, os

únicos sons eram o roçar suave da minha cadeira contra o mármore e a presença intrusiva de Ronan.

Uma garota de cabelos escuros perto da minha idade entrou na sala e silenciosamente colocou pratos de porcelana fina na mesa à nossa frente. *Bliny*. Panquecas russas servidas com geleia fresca – minha refeição favorita. Borya preparava em casa no estilo vegano.

Meu estômago embrulhou com a ideia de forçá-lo para baixo, mas eu tentaria. Eu não sobreviveria neste mundo se não pudesse me ajustar, e me recusei a deixar isso me comer viva.

Eu espetei uma com o garfo e a soltei no meu prato. Ronan apenas se recostou na cadeira, o brilho do meu brinco girando entre seus dedos enquanto ele me observava colocar geleia no topo. Cortando uma panqueca, parei quando ele ainda não se mexeu.

— Desculpe, você quer dizer graças primeiro?

Ele estava se divertindo. — Não é exatamente uma rotina minha, mas se você quiser, eu vou ouvir.

— Tem certeza de que você não vai pegar fogo?

— Parece que você está contando com isso.

Captando o olhar de Yulia enquanto ela entrava na sala para regar uma planta perto da janela, eu disse: — Quem sou eu para olhar a boca de um cavalo de presente?

Outro *zumbido*.

Virei meus olhos de volta para a mesa para ver Ronan me observando intensamente. — Não *proteja* minha equipe, *kotyonok*.

Com uma sensação de aborrecimento, parecia que fui devidamente censurado. — Não me chame assim.

— Vou chamá-la do que eu quiser.

Eu encontrei seus olhos com amargura. — Você se sente grande e forte ao me empurrar?

— Não. Isso me deixa duro.

Ele segurou meu olhar com propósito e "duro" ainda no ar. Recusei-me a mostrar que sua grosseria me afetou.

— Estou curiosa, o seu cavalheirismo é um comportamento inato ou você teve aulas?

Ele colocou *meu* brinco no bolso e apoiou o braço em seu trono. — E se eu fizesse? Você vai escrever uma crítica negativa para eles no Yelp?

— Tenho certeza de que o Instituto de Satanás para psicopatas locais tem o suficiente deles.

Ele correu o polegar pela cicatriz em seu lábio inferior, uma risada áspera escapando dele. Quando ele ria, ele não parecia ameaçador. Nunca se poderia dizer que ele parecia um homem normal, mas algo totalmente mais tortuoso e atemporal.

Quando a risada desapareceu, acariciando cada centímetro do meu corpo, ele perguntou: — Você dormiu bem?

Claro que não. Eu estava coberta de sangue e culpa.

Eu tinha certeza de que Ronan dormia como um bebê.

Apunhalando um pedaço de panqueca, eu disse docemente: — Ótimo. Obrigada.

— Você é uma mentirosa patética.

— Não podemos todos ser tão dissimulados quanto você, podemos? — A panqueca tinha gosto de terra. — Diga-me por quanto tempo você vai me manter aqui.

O brilho de seus olhos expressou que ele não gostava que eu lhe dissesse o que fazer. Ele correu um dedo ao redor da borda de sua xícara de chá, provocando um *apito* assustador que arrepiou o cabelo da minha nuca.

— Tem que haver uma data de validade para esta pequena festa.

Seu olhar concentrado segurou o meu, e aquele *apito* continuou e continuou, desgastando meus nervos. Aparentemente, ele iria apenas me olhar como se eu fosse uma plebeia sem valor. Cada segundo ele permaneceu em silêncio, quanto mais meus batimentos cardíacos se alongaram até que eu não pude lidar com a tensão. Eu estava me aproximando de um território perigoso, chegando perto de um ninho de víboras só para ver o quão perto eu poderia chegar antes de ser mordida, mas o ódio e um senso de bravura imprudente me estimularam.

— Bem. Não me diga. — Dei de ombros, levando minha xícara de chá aos lábios. — Aposto que Albert está espreitando por aqui em algum lugar. Ele pode não ser uma Chatty Cathy[20], mas tenho certeza de que posso descobrir uma maneira de fazê-lo falar.

Eu sabia que tinha ido longe demais antes mesmo de sua mão estourar, agarrar-me pelo pescoço e me puxar para dentro. A xícara escorregou de meus dedos e chá quente derramou pelo meu vestido, mas eu não senti nada exceto o voo do pulsar sob seu aperto quando o *som* de sua xícara de chá desapareceu.

— Não me manipule — ele rosnou.

Eu engoli a restrição em seu aperto. Ele poderia esmagar minha traqueia se quisesse. A insinuação por trás do aperto de advertência que encurtou meu suprimento de ar transmitiu que ele estava me permitindo respirar, *viver*, e eu deveria estar agradecida.

Com a cabeça inclinada para o teto, meus olhos fixaram-se nos dele, expressando cada grama de ressentimento por dentro. Mas o desconforto se misturou a algo estranho e elétrico quando seu polegar deslizou pelo lado do meu pescoço. A ação embotou o calor tóxico no ar, sufocando-o com um simples toque suave.

— Tão pronta para ir para casa... O que está esperando por você, *kotyonok?*

Um diamante pesado em meu dedo e uma vida monótona atrás de portões dourados que brilhavam sob o sol da Flórida. Na verdade, sem meu papa, eu não tinha nada de valor em Miami, mas me recusei a deixar esse homem saber disso.

As palavras escaparam por entre as calças. — Minha vida.

— *Esta* é a sua vida agora. — Sua voz baixou a um nível perigoso. — Eu vou liberar você quando eu terminar com você - não antes.

Nós apenas respiramos a fúria um do outro por alguns segundos antes de ele me libertar. Eu lutei para não esfregar minha garganta e remover o calor que sua mão deixou para trás. Congelada em uma adrenalina que desaparecia, eu o observei levar uma xícara de chá à boca. Dedos tatuados e porcelana fina. Parecia que eu era Perséfone jantando com Hades, exceto que a deusa passou a amar o governante do submundo.

E este não era um romance divino.

— Quanto mais cedo eu me cansar de sua presença, mais cedo você poderá dizer adeus ao seu papa. Para o bem dele, eu faria um trabalho melhor em me apaziguar.

Um passeio nua por Chernobyl soou melhor do que "apaziguar" este homem.

Meu vestido estava encharcado, meu pescoço provavelmente estava vermelho e minhas têmporas doíam de ódio em meus olhos. Uma pessoa bem equilibrada teria pena de mim e me libertaria dessa festa do chá distorcida. Infelizmente, Ronan era tão racional quanto o Sr. Hyde.

— Coma.

De alguma forma, encontrei apetite - ou orgulho o suficiente para fingir que sim. O diabo recostou-se na cadeira em um Givenchy, um iPhone na mão, e, se eu não estava enganada, ele estava jogando um *jogo*. Eu só podia imaginar que era uma versão distorcida do *Pac-Man*, mas em vez de pontos, seu emoji devorava almas.

— Se você terminou, Yulia irá acompanhá-la até o seu quarto.

Na hora, ela apareceu na porta, dispensando todas as dúvidas de que as paredes desta casa estavam vivas, alimentadas por chá russo e magia negra.

Empurrei minha cadeira para trás e obedientemente segui Yulia até meu quarto, onde, com um tilintar de chaves como uma diretora, ela me trancou em minha gaiola.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Mila

sapiossexual
(N.) aquele que é atraído ou despertado
pela inteligência de outros

Ronan e eu fizemos a mesma dança por três dias.

Tomamos café da manhã juntos como um casal com sérios problemas conjugais, depois ele ia à Moscou para manipular e mutilar, muito provavelmente, e eu era escoltada de volta ao meu quarto.

Em um esforço para ganhar um pouco de liberdade e uma maneira de sair desse pesadelo, comportei-me da melhor maneira que minha boca permitiu, embora eu quisesse gritar por dentro.

Ronan, Yulia e a empregada silenciosa eram os únicos rostos que eu via dia após dia, e isso estava começando a bagunçar minha cabeça. Eu não sabia quando a mudança aconteceu, mas comecei a ansiar pelo café da manhã apenas para escapar do tédio devorador de mentes.

Na terceira manhã, cheguei a uma conclusão.

— Eu sei o que você está fazendo — eu anunciei na mesa de jantar.

Ronan ergueu o olhar do iPhone que provavelmente estava colado em sua mão. Se *"Saboroso!" e "Delicioso!"* Em uma voz profunda do *Candy Crush* não vinha do dispositivo estúpido, ele constantemente pingava com mensagens de texto e e-mails.

Uma sobrancelha se ergueu. — E o que estou fazendo?

— Você está tentando-me com a síndrome de Estocolmo.

Achei que ele queria rir. — Não acho que seja um verbo.

— Como se eu precisasse de conselhos gramaticais de alguém que usa 'foder' como substantivo, verbo e advérbio em uma única frase.

— Foda-se é versátil.

— Não tão versátil.

Todo o peso de seu olhar poderia rivalizar com uma onda de choque. — Quando eu te foder, *kotyonok*, eu prometo, você vai usar 'foder' de mais maneiras do que eu já usei.

Virada do avesso por suas palavras e pela intensidade em seu olhar, tornou-se uma batalha não desviar meu olhar ou me mexer na cadeira. A promessa grosseira desacelerou minha respiração, mas o que enviou uma irritante onda de calor líquido para a boca do meu estômago foi o fato de que ele sabia como usar cada classe de palavra corretamente. Ele até acertou o advérbio.

— Versátil o suficiente para você? — Ele perguntou.

Sua expressão falou muito.

Ronan: 1

Mila: 0

Incapaz de desistir, murmurei: — A 'porra' foi um pouco gratuita.

— Pensei que você não fosse uma má perdedora.

Eu silenciosamente meditei sobre sua resposta. Eu nunca fui uma pessoa competitiva, mas cada conversa com Ronan parecia uma luta que eu precisava vencer. Talvez ser sequestrada por um mafioso russo tenha mudado uma garota, ou talvez eu só quisesse arrancar as pontas de sua pele para revelar o monstro por baixo. Não era justo que ele pudesse se disfarçar tão facilmente em um rosto bonito e ternos de grife.

Ele se levantou, colocou o telefone no bolso e abotoou o paletó. — Vejo você amanhã, *kotyonok*. — Então ele saiu da sala sem outra palavra, deixando-me sozinha mais uma vez, como se eu fosse uma mera mosca de um pensamento engolido inteiro por seus planos de dominar o mundo.

Ele nunca respondeu à minha pergunta, mas sua indiferença e recuo invocaram a ideia de que eu estava errada; que o planejamento de manipular meu corpo e alma nunca passou por sua mente. Agora, eu me sentia ridícula por chegar a essa conclusão. Se ele queria tanto dormir comigo, ele poderia simplesmente aguentar. Ele não era exatamente a definição de ninguém de um homem de mãos macias. Talvez ele não se importasse o suficiente para forçar o assunto. Talvez esses “encontros” matinais satisfizessem seu desejo de ridicularizar o café da manhã.

Girei minha colher na tigela de mingau que ele não me obrigou a comer. Uma sensação desagradável cresceu em meu estômago. Repugnantemente, eu não tinha certeza se era devido ao fato de Ronan estar perdendo o interesse em

mim ou que as horas restantes da vida do meu papa estavam passando no relógio.

A parte mais revoltante do cenário não tinha a ver com nenhuma dessas coisas. Enquanto as costas de Ronan desapareciam de vista, levando seus "foda-se" e o cheiro da floresta com ele, uma sensação de solidão tomou seu lugar - uma solidão que a presença de Yulia não conseguia preencher.

◄ ⁂ ►

— *Je le hais. Tu le hais. Nous le haïssons.* — *Eu o odeio. Você o odeia. Nós o odiamos.* Olhei para o teto, conjugando verbos franceses da maneira mais divertida que consegui reunir.

A porta se abriu e, após uma curta pausa preenchida por ela se abaixando para pegar a maçaneta quebrada do chão, Yulia disse: — Esta é uma casa. Não celeiro.

Achei que ela estava falando sobre a hora que passei batendo na porta dolorosamente sólida e gritando: "DEIXE-ME SAIR!" às cinco da manhã desta manhã. Mas, quem sabe? Nesta casa, ela pode estar se referindo ao fato de eu falar francês.

Ignorando-a, recitei sem entusiasmo: — *Je le déteste. Tu le détestes. Nous le détestons.* — *Eu o detesto. Você o detesta. Nós o detestamos.*

Um rosto severo entrou na minha visão do teto. — O que há de errado com você?

— Estou menstruada — expliquei.

Seu nariz se enrugou como se eu fosse uma criatura singular e nojenta, então ela desapareceu da sala por um momento, certificando-se de trancar a porta atrás dela, antes de retornar com uma caixa de absorventes que jogou no meu rosto.

— Ai — reclamei, esfregando minha testa.

Ela deu uma risadinha.

— Bruxa — eu reclamei.

— Cadela.

Hoje foi o pior dia para as cólicas tomarem conta de mim. Esta manhã, decidi que faria qualquer coisa para sair desta sala: controlar o sarcasmo, vender minha alma, explodir o diabo - você escolhe. Mais um dia dessa loucura e eu terminaria tão louca quanto Renfield em *Drácula*. Eu já era noturna e questionava meu veganismo. Amanhã, eu estaria comendo insetos.

Meu útero, punindo-me por não ter engravidado este mês, tornaria o controle da minha boca muito mais difícil. Nunca admiti ser perfeita, mas no meu período? Eu estava longe, longe disso.

— Você está atrasada para o café da manhã, *devushka*.

— Apenas me deixe morrer aqui em paz.

— Eu gosto deste quarto. Vá morrer lá embaixo.

Dez minutos depois, entrei na sala de jantar com uma blusa da cor do sol e uma saia esvoaçante com Yulia nos meus calcanhares. Ela lançou um olhar de desculpas para Ronan por me entregar atrasada. Eu não piscaria se ela se curvasse para ele ao sair.

Ele apenas acenou com a cabeça em reconhecimento, o telefone no ouvido. Eu me dirigi para o meu lugar e carreguei meu prato com frutas. Ronan sorriu para o que quem estava do outro lado da linha disse. Provavelmente Nadia. Senti um pouco de pena dela, mas também acreditei que ela tinha a personalidade de uma estátua com cabeça de cabra.

Respondendo preguiçosamente em russo, Ronan me observou adicionar três cubos de açúcar à minha xícara de chá quente. Eu estava com um gosto amargo na boca, e só algo doce e enjoativo poderia lavá-lo.

Finalmente, ele desligou, usando um adeus cativante e irritante, antes de envolver a sala em silêncio. Depois de um momento, ele disse: — Se você quisesse um copo para diabetes, bastava pedir.

Eu mordi a réplica automática de volta. *Você acha que dois seriam suficientes para acabar com meu tempo aqui com você?* Em vez disso, disse cordialmente*:* — Estou bem. Obrigada.

Ele se recostou, algo próximo à diversão passando por seus olhos. — Tarde da noite ou de manhã cedo? — A insinuação era clara: ele ouviu meus gritos e batidas na porta e me *ignorou*.

Je suis calme. Tu es calme. Nous sommes calmes. Eu estou calma. Você é calmo. Estamos calmos.

— Só acho difícil dormir com toda a emoção. — Sarcasmo era uma vadia sorrateira que muitas vezes levava o melhor de mim.

— Eu não sabia que meu quarto de hóspedes continha um entretenimento tão bom. — Seus olhos brilharam. — Bem... além do que eu deixei para você assistir pelo menos. Eu sei que é uma boa TV, mas você deveria diversificar e tentar uma sitcom de vez em quando.

Nós dois sabíamos que ele havia manipulado aquela TV para que eu não pudesse assistir a nada além da pornografia sem fim. Uma onda de frio tomou conta da minha pele enquanto eu tentava forçar a lava ascendente para baixo. Recusei-me a voltar para aquele quarto. Ele teria que me arrastar, chutando e gritando, e isso era exatamente o que ele faria a menos que eu o apaziguasse.

— Não estou falando sobre a TV. — Tomando um gole do açúcar quente na minha xícara, saboreei a queimação na minha língua. Eu não tinha ideia do que inventaria para explicar o deslize sarcástico anterior, então as palavras simplesmente começaram a sair. — É apenas a... atmosfera aqui... — Meu olhar pegou Yulia no corredor que estava cantarolando e penteando o cabelo de uma boneca de porcelana que estava sobre uma mesa de enfeites. Voltei minha atenção para Ronan e forcei um sorriso. — É tão romântico. Um país das maravilhas do inverno russo, portas medievais muito robustas e uma diferença de idade. Estou vivendo em um filme da Disney.

Depois de me observar por um segundo pesado, ele riu, profundo e sincero, como se não pudesse acreditar no que acabou de sair da minha boca. O humor transpareceu em suas palavras. — Tenho a sensação de que você não está sendo completamente sincera comigo agora.

— Não tenho ideia do que te deu essa impressão.

Eu planejava pleitear meu caso por uma trela mais longa no final do café da manhã, mas se ele continuasse sentado ali e me olhando sem tocar em seu prato, essa refeição poderia durar horas. Seria uma luta durar dez minutos sem ganhar seu descontentamento e, de alguma forma, o bastardo afiado sabia disso. Ele arrastaria isso o mais dolorosamente possível.

Tentei bloquear sua presença invasiva, mas seu olhar e silêncio eram seres vivos - dois pequenos demônios que se sentavam em cada um dos meus ombros.

Je l'ignore. Tu l'ignores. Nous l'ignorons. Eu o ignoro. Você o ignora. Nós o ignoramos.

— Estou com sede, *kotyonok.*

O garfo a meio caminho dos meus lábios, eu acalmei com o tenor lânguido em sua voz que praticamente exigia que eu o servisse. Depois de uma batida incrédula passar, eu permiti que meu olhar viajasse para o bastardo preguiçoso, que se espreguiçava em sua cadeira e, eu sabia por experiência, tinha pleno uso de suas mãos.

— A preguiça é um pecado — eu disse, meu olhar se estreitando.

— O orgulho também — ele respondeu. — Na verdade, acredita-se que seja o mais mortal de todos.

Ugh. Agora eu tinha que servi-lo, ou seria a maior pecadora. Eu odiava quem quer que dedicasse tempo para ensinar a Bíblia a este homem.

Larguei meu garfo e forcei um sorriso. — Chá ou água, *D'yavol?*

Com o cotovelo apoiado no braço da cadeira, ele correu o polegar pelo queixo como se estivesse pensando nisso. Uma pitada de prazer brilhou em seus olhos com a situação degradante em que ele me colocou.

Meu pé descalço começou a bater impacientemente embaixo da mesa, meu temperamento aumentando a cada segundo que ele levava para se decidir. Sua bota desceu suavemente no meu pé para interromper a batida.

— Chá.

Servindo-lhe uma xícara, perguntei: — Açúcar?

— Não.

Com um *plop*, o cubo de açúcar afundou no fundo de sua xícara e eu deslizei para ele na esperança de que ele fosse alérgico. Assim que peguei meu garfo de volta, ele abriu a boca novamente.

— Agora que penso nisso, a água seria melhor.

Minha restrição estalou e as primeiras palavras que entraram em minha mente escaparam. — Por que você é do jeito que é?

A menor centelha de humor surgiu, mas com o tom desrespeitoso, seus olhos escureceram, e aquela bota cara pressionou um pouco mais forte no meu pé.

— Você é narcisista, acho você divertida.

Embora essa frase não fizesse sentido para ninguém, ela atingiu seu alvo e preencheu o espaço entre nós com uma consciência silenciosa. Ele estava zombando da minha jogada de “sorte” em nossa conversa anterior. O diabo entendeu o funcionamento da minha mente caótica tão bem que eu não tinha certeza do que ela dizia sobre mim.

Uma sensação de proximidade apertou minha garganta e tirei meu pé de debaixo de sua bota. Eu, com certeza, estraguei minhas chances de ganhar qualquer liberdade hoje, e perdi a humildade de implorar por isso. Eu precisava cortar minhas perdas antes de sentir a mordida afiada das presas.

— Com licença?

Seus olhos se estreitaram. — Não.

Veja, foi isso que aconteceu quando tentei me comportar.

Ficamos sentados em um silêncio tenso e desconfortável por muito tempo. Eu estava além de cheia, então me diverti puxando minhas sobras de torradas em pedacinhos. Ronan não estava nem comendo, mas checando suas mensagens enquanto eu era forçada a sentar como uma criança na mesa de jantar.

— Você vai comer? — Eu soltei. — Ou você prefere jantar corações humanos em particular?

Ele olhou para mim. — Você sabe o que eu prefiro jantar em particular.

Não querendo continuar aquela conversa, mudei de assunto. — Eu quero falar com meu papa.

— Difícil.

Meu sangue começou a ferver. — Diga-me, você vendeu sua alma, ou o mal só existe na família?

— A genética provavelmente desempenha um fator nisso. Você deveria saber. Você tem o sangue da sua mãe em você.

Ele poderia me humilhar o quanto quisesse, mas eu não estava dando a ele a memória de minha mãe.

— Pare de mentir sobre ela — eu rosnei.

Ele ergueu uma sobrancelha, os lábios se inclinando enquanto ele zombava — Sua mãe era doente, *kotyonok*. E eu quero dizer de um jeito de

cachorrinhos estrangulados. Embora, doente ou não, pelo que ouvi, ela era uma ótima foda...

Joguei meu chá na cara dele.

Todo o ressentimento reprimido explodiu como um estouro de festa, por toda a expressão de alguma forma calma e furiosa de Ronan. A tensão afogou o oxigênio na sala antes que tudo ficasse mortalmente quieto. Eu estava congelada na minha cadeira, o sangue pulsando com adrenalina e uma sensação fria de pavor.

Ele enxugou o rosto com a mão, a voz fria, mas contida entre os dentes cerrados. — Vou te dar uma vantagem.

Se eu fugisse dele, ele iria me perseguir. Se eu não fugisse...

Ele iria me matar.

Coisas aterrorizantes como caixas FedEx dançavam em minha mente. O medo perfurou meus pulmões e roubou o fôlego de dentro. Minha cadeira tombou para trás no chão quando eu pulei de pé, e então, eu fugi da sala sabendo que deveria ter desistido enquanto estava na frente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Mila

tiflobasia

(N.) beijar com os olhos fechados

CORRENDO COM PÂNICO EM minhas veias e nenhum senso de direção, eu bati minha porta do banheiro atrás de mim, tranquei-a e dei um passo atrás, coração acelerado na garganta.

Ronan era um trapaceiro podre. Todos sabiam que uma vantagem inicial era de pelo menos dez Mississippis. Consegui três segundos com o som de seus passos pesados que perseguiram os meus assim que cheguei ao topo da escada. Ele foi mais rápido do que humanamente possível, sua sombra quase consumindo a minha antes de eu me trancar aqui.

— Abra a porta — exigiu Ronan, suas palavras calmas demais para serem confortadas.

Mesmo sabendo do conteúdo deste banheiro até o número de cotonetes, vasculhei as gavetas da penteadeira na esperança de que algo pudesse aparecer magicamente para me ajudar a me defender. Sem dúvida Yulia tinha uma chave e ela ficaria feliz em ajudar seu mestre.

— Você tem cinco segundos para abrir esta porta antes que eu a destrua.

Eu joguei uma escova por cima do ombro. — Boa sorte com isso. — Consegui responder com uma voz fria, embora a ideia tenha enviado uma onda de incerteza através de mim. Eu tentei chutar, bater e trancar a porta do meu quarto, que era do mesmo fabricante, e tive vários ferimentos, mas nenhum amassado. — Suas portas estúpidas podem suportar um tornado...

Bang!

Eu pulei para trás quando a única divisória entre nós se abriu e bateu contra a parede com tanta força que a dobradiça superior quebrou. A porta balançou desajeitadamente até que outro chute a libertou de sua moldura, e então o pedaço sólido de madeira atingiu o chão a centímetros de meus pés descalços com um *baque* forte que sacudiu meu corpo.

Olhos levantando para encontrar os pretos que não tinham brilho, uma escova de dente escorregou de meus dedos. O medo frio me paralisou. Eu o encarei, o peito arfando com a expectativa de sua retaliação. Independentemente do que ele tinha reservado para mim, recusei-me a implorar por minha vida. Se o orgulho me mandou para o inferno, que seja. Pelo menos eu deixaria este mundo com minha dignidade intacta.

Ronan se moveu em minha direção, aquelas botas caras pisando na porta caída. O barulho do metal trouxe meu olhar para suas mãos, e enquanto eu o observava puxar o cinto de suas presilhas, meu coração caiu no meu estômago.

Ele ia me bater como Carlo espancou sua esposa grávida em *O Poderoso Chefão.*

Dane-se a dignidade.

— Eu sinto muito! — As palavras escaparam em uma respiração irregular.

— Não, você não sente, *malen'kaya lgunishka.*

Com as pernas me carregando para trás, ele seguiu minha retirada. O frescor do piso de pedra do chuveiro encontrou meus pés. Eu estava presa e ele estava se aproximando de mim com aquele cinto frouxo em suas mãos. Eu deveria aceitar a dor para me trazer de volta à realidade; lembrar-se de sua companhia não passava de um arauto da morte. Parecia bom em teoria, mas na realidade? Parecia que doeria terrivelmente.

Pegando um frasco de shampoo, eu atirei para ele. — Você mereceu isso!

Ele evitou isso e todos os outros objetos que lancei em sua direção. Pegando-me pela cintura, sua voz sombria pressionada contra meu ouvido.

— Assim como você merece ter sua bunda chicoteada.

Eu empurrei contra ele, tentando dar uma joelhada onde doía, mas ele agarrou minha coxa com um aperto de punição antes que pudesse fazer contato.

— Me ajoelhe nas bolas de novo, — ele rosnou — e você vai acalmar a dor.

— Me deixe ir! — Continuei a lutar, mas ele segurava meus pulsos com firmeza enquanto os envolvia com o cinto e dava um nó.

Quando ele se afastou, tentei escapar, mas ele puxou a outra ponta do cinto e colidi com seu peito. Ele prendeu a outra extremidade do moderno chuveiro no teto, levantando meus braços acima da minha cabeça.

Ofegante, ergui os olhos com cautela. — O que você es...? — O resto das palavras escapou como um grito quando a água gelada choveu sobre mim.

Eu era alta o suficiente para que os dois pés descansassem no chão, mas não havia folga suficiente no cinto para escapar do spray. Eu gaguejei e engasguei com a chuva inesperada que foi tão fria que alfinetes e agulhas picaram minha pele.

— O que eu disse a você sobre lutar comigo? — Ele agarrou meu rosto, levantando-o para que eu pudesse encontrar seus olhos.

Um arrepio violento me sacudiu quando uma torrente vinda diretamente da Antártica encharcou meu cabelo e emaranhou meu vestido em meu corpo. Eu pisquei para tirar a água dos meus olhos. Eu não sabia se era a água gelada ou o alívio que ele não iria me chicotear, mas a luta dentro de mim desapareceu, deixando-me tremendo e sozinha.

— Está frio — reclamei com os dentes batendo.

— Boa. — Ele estava meio encharcado também, mas ele nem mesmo recuou, os dedos apertando minhas bochechas. — Você tem um temperamento, *kotyonok*. — Seu aperto aliviou um toque, olhos escuros nos meus. — Não me faça colocar uma coleira em você.

Depois de sua ameaça, devo me desculpar. Eu deveria implorar por seu perdão e por um pescoço sem coleira, mas em vez disso, as palavras sem emoção que escaparam foram: — Espero que o chá ainda esteja quente.

O menor indício de diversão em seus lábios se chocou com o aborrecimento em seus olhos, e sua resposta foi pensativa, talvez até retórica. — O que eu vou fazer com você?

— Me deixar ir.

Algo sutil e conflitante passou por seus olhos, e me perguntei se ele já tinha feito planos para me libertar em breve; se ele me trocaria pela vida do meu papa em dias ou mesmo horas. A ideia apertou as paredes do meu peito, fazendo-me sentir perdida e sozinha, mas o desespero não foi o único sentimento que ganhou vida.

— Mmm. — O ruído suave vibrou contra meus lábios. — Ainda não.

Eu sabia que mesmo se eu escapasse de ter entretido o diabo, seus demônios me seguiriam pelo resto da vida. Enquanto eu o imaginava indo embora sem olhar para trás, como se eu fosse um chiclete na sola de sua bota, indesejada e logo esquecida, algo feroz surgiu. Queria assombrar *D'yavol* como ele faria comigo. Ou talvez isso fosse apenas uma desculpa para perder o controle do ódio e deixá-lo virar fumaça e chamas.

Expulsei um suspiro trêmulo ao deslizar seu polegar na minha bochecha. O contraste entre sua raiva e carícia me tirou do eixo, acendeu um raio de calor em minha barriga e surgiu o desejo estúpido de invocar sua suavidade e aprovação.

Seu polegar correu pelos meus lábios como se ele estivesse testando se eu iria mordê-lo. Eu não fiz. Eu até deixei ele empurrar levemente em minha boca. O som baixo em sua garganta invadiu o frio no ar, esquentando a água alguns graus, e naquele momento, tudo que eu queria era *calor*.

Mesmo que viesse na forma de fogo do inferno.

Fechei minha boca em torno de seu polegar, então ele teve que puxá-lo contra o deslizamento quente de minha língua e lábios. As chamas começaram por menos do que o olhar em seus olhos, e todo o peso de sua aprovação acalmou uma dor entre minhas pernas.

O calor dentro em conflito com a tortura fria na minha pele de tal forma que eu me senti tonta. Alta. Bêbada em um copo de vodca de dez mil dólares vinte histórias no ar, e eu não pude fazer nada além de ceder ao toque quando seu polegar puxou meu lábio inferior para baixo quando me deixou.

Pulsos envoltos em couro, gotas de água gelada escorrendo pela minha pele e pelos lábios entreabertos, o tempo desacelerou sob a forte pressão entre nós que parecia olhos semicerrados e noites sem lua. Pele de marfim e arrepios. Brioni encharcado e tatuagens. Abnegação e ganância.

A necessidade visceral de fechar a distância roubou o ar de mim, e não consegui encontrar oxigênio suficiente que não fosse contaminada por seu calor e o cheiro inebriante da floresta. Minha cabeça estava acima da água, mas eu estava me afogando; ofegante, eu sabia que esse pecado não iria saciar.

— Por favor, me deixe sair daqui.

Nós dois parecíamos saber que minhas palavras continham dois desejos diferentes: ser libertada dessa punição glacial e da minha gaiola interna.

Meu coração batendo e o barulho da água encheram um momento de denso silêncio.

— Você quer sua liberdade, você tem que merecê-la. — A declaração humilhante e sugestiva deve quebrar o encanto entre nós, embora o som de sua voz – culta, mas contaminada por um sotaque mais forte do que o normal – deslize pela parte de trás do meu pescoço como uma carícia. Eu queria me inclinar para isso.

— Estou no meu período — eu disse estupidamente, na esperança de que ele achasse tão desagradável quanto Carter achou, e eu seria salva do momento

imoral. Eu deveria saber que não seria o caso.

Um sorriso tocou seus lábios. — Um pouco de sangue nunca me assustou.

Engoli. — O que você quer que eu faça?

— Seja criativa.

Garganta grossa, a hesitação me paralisou. Eu não tinha certeza do que ele queria de mim ou o que eu poderia fazer com meus braços amarrados acima da minha cabeça. Essa era minha chance de um pouco de liberdade, de uma rédea solta para descobrir um plano de fuga, mas de que adiantaria se eu me afogasse primeiro? Achei que só teria que aprender a nadar.

Eu fiz a única coisa que podia fazer.

Ficando na ponta dos pés, fechei a distância até que nossos lábios estivessem separados por um fio de cabelo; até que o meu roçou o dele com cada arrepio que passou por mim. Eu respirei contra sua boca por um segundo, esperando por sua reação – qualquer reação que induziria a confiança para prosseguir – mas nada veio. Frustrada, com uma onda trêmula de autoconsciência, pressionei meus lábios totalmente nos dele.

Ficando um pouco frouxos no cinto, meus braços foram mantidos desajeitadamente acima da minha cabeça, então eu os descansei em seus ombros. Ele tinha gosto de canela, corrupção e algo tão masculino que inalei profundamente para inspirá-lo. Enquanto minha boca se movia contra a dele, toda hesitação interior se dissolveu, substituída por uma torrente de fogo que queimou seu caminho até a ponta dos meus pés.

Ele não retribuiu o beijo. Na verdade, ele parecia mais absorto em seus joguinhos no café da manhã do que agora. De repente, eu precisava de uma

reação dele como eu precisava respirar.

Beijando-o de forma suave e lenta, minha perna deslizou para o lado da dele, enrolando em torno de seu quadril para puxá-lo para mais perto, e então lambi a cicatriz em seu lábio inferior. Ele exalou bruscamente, aproximando-se do jato de água e apoiou as mãos na parede do chuveiro de cada lado meu. Ele estava quente, exsudando tanto calor que tremi e pressionei contra ele para absorver.

Meu sangue vibrou em minhas veias, fervendo abaixo da superfície. Enfiei minha língua em sua boca, ele chupou com um arranhar de dentes, e o deslizamento quente e úmido pulsou em meu núcleo. Seus lábios se moveram contra os meus, encontrando cada mergulho e lambida com um mais dominante. Enquanto minha perna apertava seu quadril para puxá-lo para mais perto, uma mão deixou a parede e agarrou minha coxa, seus dedos pressionando a carne.

Quando ele mordeu meu lábio inferior, eu o mordi com mais força. O rosnado do fundo de seu peito vibrou contra mim. O desejo inflamou meu estômago e se apertou em uma bola que exigia ser aliviado. Eu não era nada além de toque e sentimento, flutuando em uma nuvem de luxúria tão quente que eu tinha certeza que não sobreviveria se ela explodisse.

Aprofundando o beijo, soltei um gemido reprimido. Ele engoliu, roçando sua língua contra a minha. Consumida pelo fogo e pelo gelo, arqueei-me contra ele, desesperada por contato, por atrito, por absolvição.

Mas o inferno me trouxe aqui.

E o inferno me tiraria de lá.

Eu provoquei seus lábios com os meus, lambi, mordi, apertei e respirei, uma dor florescendo entre minhas pernas que de repente eu faria qualquer coisa para preencher, ponto final. Exalando um *zumbido* desesperado em sua boca, pressionei mais perto, meu corpo nivelado com o dele. Seu aperto aumentou em minha coxa, e a restrição por trás – a ideia de que ele poderia me *machucar*, mas não o fez – só me deixou desesperada por mais.

Ele fez um barulho de raiva quando eu comecei a esfregar contra seu comprimento duro em um esforço para aliviar a dor, e foi quando ele empurrou minha perna de cima dele e abruptamente se afastou.

Fui encharcada com água fria por fora e por dentro, mas não roubou o calor que ele deixou para trás. Com o peito arfando a cada respiração, eu o observei desligar o chuveiro e liberar meus pulsos como se nada tivesse acontecido, como se ele não tivesse sido afetado de forma alguma, enquanto eu me sentia virada do avesso, um pé no submundo e o outro instável.

Então ele se afastou, deixando a porta da minha jaula aberta com a chance de liberdade além, mas eu não pude fazer nada a não ser olhar para sua retirada, tremendo, com os pulsos vermelhos e o calor de sua boca ainda na minha.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Mila

qui vive

(N.) maior consciência ou vigilância

— É HORA DE ALMOÇAR. — A bainha de renda do vestido de Yulia que saiu de moda dois séculos atrás balançou quando ela parou na porta.

Sentei-me no sofá da sala de estar, olhando cegamente pela grande janela da frente. — Estou ocupada. — *Mordendo em meu próprio desespero...* mesmo assim, ocupada.

Seus olhos se estreitaram.

Eu joguei chá no rosto de Ronan e ele não me matou. Ele nem mesmo deixou uma marca permanente. Pelo menos no meu corpo. Quanto à minha mente, o orgulho não me deixava pensar nisso, especialmente porque a queimadura em sua nuca e a dor que ganhou vida ainda não haviam se dissipado. Estava ali, uma espiral perversa e inquieta de necessidade.

Agora eu tinha o instinto de que ele não queria me torturar fisicamente, mas também tinha certeza que ele achou uma diversão esmagar meu coração mole com sua bota. Por que outro motivo ele jogaria comigo por tanto tempo se vingança era sua intenção desde o início? Talvez ele só estivesse tentando

fazer um vídeo decente. Embora ele nem tenha tentado entrar no meu quarto de hotel depois de me levar para almoçar.

— Ele vai trancar você de volta em seu quarto — Yulia avisou.

Lancei-lhe um olhar de ressentimento, depois me levantei e a segui até a sala de jantar, perguntando: — Yulia, você conhecia minha mãe?

— Todo mundo conhecia sua mãe. Ela era famosa. — Ela torceu o nariz. — Não entendo por que Deus permitiu que aquela mulher fosse tão talentosa. Embora ele trabalhe de maneiras misteriosas...

— Como ela era?

— Imoral.

Dormir depois das sete da manhã era imoral para Yulia.

— Você pode ser mais específica?

— Ela fornicava com tudo que se movia.

— Então ela era sexualmente liberada. — Eu estava tentando ver o melhor a todo custo aqui.

Yulia parou na porta da sala de jantar e me deu um olhar severo. — A fornicação é um pecado. E o adultério também. — Ela deve ter dito isso porque minha mãe dormiu com meu papa enquanto ele era casado. — Ela também era orgulhosa, gananciosa e cruel.

— Yulia, — eu suspirei. — Você está apenas citando todos os pecados capitais.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Você não acredita em mim?

— Estou tentando acreditar em você, mas você não está me dando nada para trabalhar além de que ela era uma pecadora muito má.

Seus olhos se estreitaram. — Ela ajudou seu papa com o trabalho dele. — Ela inclinou a cabeça e me deu um olhar quase solidário. — Embora eu não ache que você esteja pronta para ouvir como.

Uma energia inquietante deslizou por mim. A curiosidade me implorou para perguntar, mas meu coração me disse que talvez eu realmente não estivesse pronta. Então, sentei-me à mesa, onde, sozinha, fui servida de *golubtsy*[21] pela mesma empregada silenciosa. Cortei junto com o rolinho de repolho, percebendo que a cozinheira deixara de fora os produtos de origem animal. Surpreendentemente, todas as refeições que me serviram eram veganas.

Depois de terminar a refeição, dirigi-me para a entrada. Meu casaco de pele falsa pendurado em um gancho e um par de minhas botas de cano baixo estava no chão como se eu fosse apenas uma hóspede durante a noite. Vesti o casaco e os sapatos e saí.

Ambos os guardas de cada lado das portas duplas ficaram em silêncio. Na verdade, todos no quintal ficaram quietos, observando meus passos enquanto eu saía da estrada circular e caminhava pela neve espessa. Se eu corresse, eles provavelmente atirariam na minha perna. Afinal, não poderia matar a garantia de Ronan.

Eu fiz meu caminho até o anexo que servia como canil. Os cães correram por toda a extensão do cercado de arame enquanto me observavam chegando. Parei na frente dele, ajoelhei-me com meu casaco luxuoso na neve e disse a eles que cachorrinhos eram lindos. Com dentes *muito* afiados.

Quando fiquei um tanto confiante de que eles não me morderiam, ofereci minha mão através da cerca, com a palma para cima. Apenas um deles veio me cheirar, enquanto os outros permaneceram parados como se não quisessem se abaixar tanto para serem acariciados por mim. Cocei o pescoço peludo do amigo e sorri quando ele lambeu minha mão. Eu nunca tive um cachorro. Papa não gostava deles. Mas eu sempre quis um.

Um pastor alemão de pelo de zibelina com uma expressão ranzinza estava sozinho perto da porta do cão, com os cabelos arrepiados com a minha presença. Falei com ele baixinho, mas ele manteve distância, sacudindo a cauda e os pelos de pé. Sentindo que já o tinha angustiado o suficiente, levantei-me para dar uma curta caminhada pela casa. Os olhos dos guardas formigaram nas minhas costas como se eu tivesse sido pega em uma mira.

As nuvens se separaram, o sol brilhando contra a neve. Árvores se alinhavam nas margens da propriedade, e eu me perguntei o quanto eu teria que andar para encontrar a civilização ou mesmo apenas uma estrada com um transeunte ocasional. Embora, mesmo que uma rodovia ficasse a um metro do quintal de Ronan, eu não tinha certeza de como a alcançaria. Não com sua vigília noturna constante e cães que eram, sem dúvida, mais rápidos do que eu.

Tendo as rédeas da casa, aproveitei-me disso. Levei horas para espiar em cada canto e fenda no primeiro andar, mas, infelizmente, não encontrei uma passagem secreta que levasse para fora daqui.

Eu odiava a verdade sobre o assunto, mas era uma casa linda.

Pinturas originais cobriam as paredes, cada peça de mobiliário tinha um charme atemporal e cada quarto criava um clima diferente. Parecia uma casa, não quatro paredes de pedra estacionária.

E então encontrei a biblioteca.

Prateleiras se estendiam até o teto alto, abarrotadas de livros com uma variedade de lombadas coloridas. Uma grande escrivaninha de mogno ficava na frente da sala, e o cheiro de cravo saturou o ar. Não sabia o que achei mais ofensivo: o fato de Ronan ter fumado próximo a uma estante de *primeiras edições*, ou que eu teria que dividir esse espaço com ele pelo tempo que ele me mantivesse aqui.

O primeiro livro que tirei da prateleira foi *Paradise Lost*, de John Milton. Que irônico. O romance era um conjunto de poemas que descreviam Satanás como arrogante e instrumental para sua própria queda e, por fim, ele perdeu a luta contra Deus.

Deixei cair o livro na mesa de Ronan ao sair.

A única coisa gritante que faltava na casa eram eletrônicos. Não encontrei um único telefone, rádio ou computador. Ou as frequências atrapalharam as comunicações de Ronan com o submundo ou ele se livrou de qualquer maneira que eu pudesse pedir ajuda.

O arranhar do meu garfo e pensamentos conflitantes me fizeram companhia no jantar. Eu me perguntei se eu era uma pessoa tão má quanto meu papa por ter feito vista grossa para a verdade e por protegê-lo mesmo agora por não ser capaz de suportar a ideia de perdê-lo. Eu me perguntei quanta família eu nunca tive a chance de conhecer. Mas principalmente, eu me perguntei o que ou *quem o* diabo estava jantando esta noite.

A sala ficou parada e desolada sem sua presença e, de alguma forma, sua ausência apenas intensificou o sentimento inquieto que ele criou por dentro. A lembrança de seu som baixo de aprovação percorreu meu corpo,

arrepiando. Eu empurrei meu prato em frustração e recitei mentalmente, *J'ai le syndrome de Stockholm. Tu as le syndrome de Stockholm. Nous avons le syndrome de Stockholm.*

Antes que a empregada silenciosa pudesse tirar minhas sobras, eu agarrei o prato, coloquei meu casaco e sapatos, e saí. O sol havia se posto, mas luzes brilhantes iluminavam o quintal e meu caminho para o canil.

Mais uma vez, as conversas dos guardas desapareceram assim que saí pela porta. Embora os cães indiferentes de repente parecessem interessados nos bolinhos no meu prato, cada um pegou um, lambendo meus dedos para limpar. Guardei um *pelmeni* para o ranzinza, que estava sentado sozinho no canto olhando para mim. Deixei cair ao lado dele, mas ele não se moveu em direção a ele. Os outros cães lhe deram um amplo espaço, e eu me perguntei se ele era o alfa da matilha ou apenas temperamental.

O som de passos rangendo na neve atrás de mim. — Fique longe desse — disse Albert. — Ele não está bem da cabeça.

O cachorro era provavelmente o único que estava certo da cabeça neste lugar.

— Qual o nome dele? — Eu perguntei.

— Khaos.

— *Zdravstvuy*, Khaos — sussurrei.

Virei-me para Albert e empurrei o prato vazio contra seu estômago. Ele grunhiu e agarrou a porcelana fina antes que caísse.

— Pensei que você precisava de algo para servir a toda aquela traição — eu disse a ele docemente antes de voltar para a casa.

Perto da porta da frente, passei por um guarda com um lado cruel. Ele cutucou o homem ao lado dele com a coronha de seu rifle e disse algo que provocou uma risada entre eles. Uma semana atrás, o insulto óbvio teria sido como uma punhalada no estômago, como se eles pudessem ver através de mim todos os segredos sujos dentro de mim. Agora, nesta fortaleza do mal, esses segredos eram a única maneira que eu aguentaria. Algo dentro de mim não queria apenas sobreviver, mas *prosperar*.

Quando me virei para olhar para eles, algo em meus olhos fez a risada deles diminuir. Fechei a distância entre nós, agarrei o cigarro apagado dos lábios do homem de aparência cruel e o coloquei entre os meus. Mecanicamente, o guarda ao lado dele me entregou um isqueiro.

Segurei o botão para liberar o butano na palma da minha mão em concha e acendi o gás com o isqueiro, de forma que a chama foi capturada em minha mão. Foi um truque simples que ser filha única com um espírito selvagem me ensinou quando adolescente, mas a julgar pela forma cautelosa com que os guardas me observavam acender um cigarro com uma bola de fogo na minha mão, devo ser uma bruxa.

Sempre fui um fã de *Practical Magic*.

Enfiei a fumaça de volta entre os lábios do guarda frouxo e, quando o cigarro pegou fogo, pragas explodiram e os dois pularam para trás com um ou dois tapinhas nas roupas.

Então, virei-me para ir embora, a palma doendo sob o céu frio da Rússia, e o primeiro sorriso genuíno tocou meus lábios.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ronan

madrugada
(N.) o momento ao amanhecer em
que a noite cumprimenta o dia

Com as MÃOS NOS BOLSOS, parei em frente à janela da biblioteca, observando a luz preencher o horizonte. O relógio do avô soou oito horas da manhã, sinalizando que dormi menos de três horas depois de voltar de Moscou na noite passada. Mas assim que o sol nasceu, eu também.

Os velhos hábitos são difíceis de morrer.

A tranquila manhã de inverno permaneceu parada quando o primeiro raio de luz atingiu a ponta das minhas botas. Partículas de poeira flutuaram no feixe dourado fino. A visão me lembrou da luz do sol filtrando através de uma janela encardida de apartamento; de respirações congeladas de lábios rachados, fome e hematomas amarelos desbotando.

A primeira luz da minha infância significava que meu irmão e eu tínhamos que correr pelas ruas e roubar doces das padarias locais. Kristian examinaria o restaurante e eu faria o trabalho sujo. Minha mãe não era exatamente uma cozinheira. Ou uma mãe que alimentava seus filhos. Depois que ela morreu, ficamos sem teto e em melhor situação. Até hoje, meu corpo ainda acordava carregado todas as manhãs, esperando a necessidade de

encontrar comida. A resposta involuntária foi chamada de trauma, mas achei que soou um pouco dramático.

Quando a luz cintilou em uma cabeça de cabelo louro, uma onda de calor passou por mim, deslizou para se solidificar em minha virilha e esticou meu corpo tenso. O sol nascente criou a ilusão perfeita de um halo no topo da cabeça de Mila antes que ela desaparecesse atrás das árvores que delineavam minha propriedade. Por um segundo, pensei que estava tão reprimido sexualmente que a estava imaginando. Só Deus sabe quantas vezes eu pensei em colocar a mão naquele cabelo enquanto ela me chupava. Eu tinha certeza que Ele não aprovava, mas talvez Ele devesse diminuir suas expectativas para que todos pudéssemos ser felizes.

A saia de um vestido de girassol deslizou à vista, e eu com certeza sabia que minha imaginação não apareceria com *padrões florais*. Aparentemente, Mila se levantou tão cedo - ou ela estava apenas se esforçando para encontrar uma via de fuga. Eu não estava preocupado.

Ontem inundou de volta: o gosto de sua boca e a sensação de seu corpo pressionado contra o meu. A única coisa que me impediu de fodê-la contra a parede do chuveiro foi o pensamento intrusivo que eu a enganei em algo que seus hormônios jovens e voláteis não puderam lidar e que sua submissão não era genuína.

Eu poderia ser generoso quando quisesse.

Desde então, minha decisão ficou comigo como uma forte dor de dente.

Havia um milhão de coisas produtivas que eu poderia estar fazendo agora, mas em vez disso, fiquei lá com a necessidade de ver o que meu animal de estimação estava fazendo tão cedo pela manhã.

Quando Mila deu a volta em uma árvore e ficou à vista, meus olhos se estreitaram antes de deslizar pelo corpo dela. Ela estava molhada e enlameada, o luxuoso casaco de pele que comprei pendurado em um ombro. Nesse ponto, um brechó iria jogá-lo fora. Se eu não tivesse certeza de que não tinha porcos, assumiria que ela estava rolando em um chiqueiro de porcos. A parte mais ridícula do que vi não tinha nada a ver com sua aparência, mas com o que ela estava fazendo.

Yulia entrou na sala, o familiar *som* de seu vestido soando. Antes que ela pudesse anunciar que o café da manhã estava pronto, fiz um gesto para que ela ficasse ao meu lado e disse em russo: — Explique isso para mim. — Eu podia ver tão claramente quanto Yulia, mas ainda precisava de confirmação.

Ela levou um segundo, inclinou a cabeça para ver a cena em um ângulo diferente, então se endireitou e cruzou os braços. — A menina está subindo em uma árvore com um bebê crossbill na mão. Ela deve estar tentando ver se ele pode voar.

Corri o polegar pelo meu lábio inferior, que se ergueu com diversão seca. Eu sabia que Mila não estava prestes a largar o filhote de passarinho de um galho de árvore. Em vez disso, era muito jovem, caiu do ninho e ela o estava colocando de volta.

— Os pássaros têm parasitas. — Yulia torceu o nariz. — E é melhor ela não trazer toda aquela lama para dentro de casa.

— Obrigado, Yulia. Vou tomar café da manhã em breve.

Ela assentiu, satisfeita por poder ser útil, e saiu da sala.

Logo, Mila teve uma audiência. Pavel apareceu e parecia pronto para segurá-la se ela caísse, o que era ridículo, dado que a altura de Mila era

melhor do que a dele e o fato de que ela só o derrubaria com ela. Ficou claro que sua motivação mais forte era dar uma olhada no vestido dela. Eu não podia culpar o garoto, mas também experimentei uma estranha vontade de socá-lo no rosto.

E então havia Albert, o sensato, apenas observando Mila subir em uma árvore com um pássaro em uma das mãos. Sua bota escorregou em um galho e a casca caiu na neve antes que ela encontrasse um equilíbrio melhor.

Eu estava começando a sentir coceira e desconforto em todos os lugares. É melhor Yulia não ter colocado hortelã no meu chá. Ela sabia que eu era alérgico e que comecei a ter urticária pior do que um comercial de Benadryl.

Pegando meu telefone do bolso, liguei para Albert e o trouxe ao ouvido.

— *Da?*

— Tire ela daí agora — eu ordenei em russo.

Seu olhar deslizou para encontrar o meu através da janela. — Eu tentei, chefe. Ela não vai ouvir.

— Você está me dizendo que não pode dominar uma porra de mulher?

— Não. Só não esta.

O que havia de tão diferente nessa aqui? Meus olhos subiram na árvore para observar a ascensão de Mila. Qual era a altura do ninho? Céu? Cerrei os dentes e perguntei: — Por que ela parece que lutou na lama de biquíni?

Ele hesitou por um momento antes de admitir: — Ela estava brincando com os cachorros.

A linha ficou intensamente silenciosa por um instante.

— Não Khaos. — Foi mais um rosnado do que uma pergunta. O cachorro havia se tornado agressivo e imprevisível e precisava ser sacrificado.

— *Nyet*.

Fiquei feliz por ele ter um pouco de bom senso.

— Eu disse a ela para não tocar no pássaro. A mãe não vai voltar agora.

Era por isso que Khaos ainda respirava, embora ele tivesse mordido cinco dos meus homens. Albert não poderia matar a porra de um inseto.

— Isso é um mito — eu disse a ele impacientemente.

Ele coçou a bochecha e fez um som casual que parecia tudo menos isso. — Isso é exatamente o que ela disse.

— Eu a quero no chão nos próximos cinco segundos — eu respondi e desliguei.

A última coisa que eu queria fazer agora era convencer Mila a descer da porra de uma árvore. Ela provavelmente me insultaria antes de subir mais alto, e se eu tivesse que tocá-la agora...

Albert discutiu com Mila, que foi claramente veemente sobre seus esforços conservacionistas. Depois de devolver o pássaro ao ninho, ela começou sua descida de volta à terra. O alívio durou pouco quando, de três metros acima do solo, ela agarrou o galho. Ela deslizou um pé na árvore antes de encontrar outro galho e, se eu não estava enganado, ela *riu*. Albert agarrou seu tornozelo e puxou-a para baixo em seus braços antes de colocá-la em chão sólido.

Observei Mila tirar farpas de pinheiro de seu casaco enlameado.

Dê-me uma cela fria e escura ocupada por cinco homens que queriam me matar, e eu faria panquecas nela. Mas me dê *isso*, e eu não sabia mais o que fazer, exceto foder. Eu ainda não tinha chegado lá, então, admito, estava um pouco fora do meu elemento.

Meu telefone apitou e, dando boas-vindas à distração, agarrei-o para ler a mensagem.

Nadia: *Faz muito tempo que não te vejo. Você não sente minha falta?*

Eu sentia falta de sexo, isso era malditamente certo.

Percebi um movimento com o canto do olho e levantei o olhar para ver Pavel se aproximar de Mila. O garoto esfregou a nuca e disse algo. Parecia que ele estava testando um pouco de inglês com ela. Provavelmente foi horrível. Ela nunca diria a ele.

Nadia: *Venha hoje à noite. Eu vou fazer o jantar para você... e sobremesa.*

Eu: *Polina cozinha melhor.*

Nadia: *Ela também chupa pau melhor?*

Eu: *Me dê um minuto e eu descobrirei.*

Eu não chegaria lá com minha cozinheira, mas um zumbido irracional tocava sob minha pele e se espalhava mais a cada segundo.

Nadia: :@

Nadia: *E quanto à sua americana? Ela sabe como fazer você gozar tão bem quanto eu?*

Meus dentes cerraram. Não gostei de Nádia ao menos mencionar Mila.

Nadia: *Aposto que não.*

Olhando para cima, vi Pavel *corar.* O garoto com um AK-47 pendurado no peito.

Nadia: *O que há de errado com você ultimamente? Pedi desculpas pelo último incidente...*

"Aquele incidente" foi a última vez que a vi, quando ela destruiu seu camarim em uma fúria de ciúmes porque eu não aceitei sua nota oferecendo um rápido boquete durante o intervalo.

Nadia: *Dormi com alguém ontem à noite.*

Eu: *Estou chocado.*

Eu não estava.

Nadia: *Ele caiu em mim.*

Nadia: *Foi bom pela primeira vez...*

Ela agia como se fosse depravada, mas eu sabia que ela recebia oral de homens e mulheres - e frequentemente. Ela só queria me ver de joelhos. Prefiro colocar meu pau em um moedor de carne.

Pavel se aproximou para mostrar algo à Mila, o polegar e o indicador segurando uma corrente em volta do pescoço. Ela se esquivou de sua arma como se simplesmente ficar perto dela a faria disparar. Ele notou o colar dela e agora estava exibindo o seu. Que fofo.

Nadia: *Ronan...*

Mila era toda sorrisos, provavelmente falando com carinho de seu sádico papa para o único aqui que ouviria – e só então porque ele queria molhar o pau. A cena estava começando a me irritar *pra* caralho.

Eu não estava fazendo nada, mas realmente não tinha tempo para isso.

Eu bati no vidro. Quando os olhares de ambos se voltaram para mim, dei a Pavel um olhar traiçoeiro. Ele engoliu em seco, disse algo seco para Mila e foi embora, deixando minha cativa enlameada me encarando sozinha. Seus olhos transparentes devem ser venenosos. Um único olhar dela perfurou meu peito e espalhou algo pesado e ganancioso por toda parte.

Meu olhar disse a ela, entre *agora.*

Sua resposta silenciosa não era importante porque não incluía uma pitada de "submeter", "escrava" ou "anal". O olhar de Mila se intensificou antes que ela obedecesse e caminhasse em direção à frente da casa.

Nadia: *Você está me ignorando porque está com ciúmes?*

Corri o polegar pela mandíbula, sem saber como era, mas improvisei.

Eu: *Fumegante. Mal consigo falar.*

Nadia: *Você é um idiota.*

Eu: *Estou ocupado. Pare de me enviar mensagem.*

Nadia: *Ocupado fazendo o quê?*

Eu: :P

Nadia: *ARGH!*

Sentei-me atrás da minha mesa e tentei clarear a cabeça antes do café da manhã. Meu olhar se fixou em um livro na mesa e o peguei. *Paradise Lost*, em que Deus venceu e o *D'yavol* perdeu. Um pequeno sorriso apareceu. Eu deveria fazer Mila ler para mim enquanto eu a fodia.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Mila

nedovtipa

(N.) alguém que não entende uma dica

EU OBSERVEI RONÃ DESPEJAR O LEITE em sua tigela de cereais coloridos. Eu não sabia o que era mais bizarro: o fato de ele realmente ter importado o produto americano, ou a visão de seus assassinos dedos tatuados levando uma colher de cereal das cores do arco-íris à boca.

Quando eu continuei a olhar para ele, seu olhar se levantou para meu, uma sobrancelha encantadora levantou-se e, em seguida, uma animada *mastigação* dos cereais e dentes soou. A visão foi desarmante, inflando um grão de humor no meu estômago, e meus lábios formigaram com a lembrança de sua boca neles. Cruzei minhas pernas cobertas com meias até a altura da coxa para conter o aumento do calor.

— O gato *comeu* sua língua, *kotyonok?*

Eu fingi apatia com a linguagem ridícula, mas por dentro, uma energia nervosa vibrou sob minha pele, queimando entre a humilhação de ontem e um calor muito familiar para o que eu uma vez senti por ele.

— Estou com dor de cabeça — menti.

— Quer saber o melhor remédio que encontrei para isso?

— Sacrifício de criança?

— Uma boa foda.

Eu sabia que isso ia acontecer, mas suas palavras grosseiras ainda deslizavam em minhas veias como água quente. — Não tenho certeza de onde encontraria isso por aqui, então, por favor, me aponte na direção certa.

— Não vamos falar sobre como você moeu meu pau ontem?

Um rubor subiu pelo meu pescoço, mas ainda consegui colocar ênfase no Ã — Não.

— A-plus em criatividade, aliás.

— Obrigada.

Ele riu, e depois que a risada suave encheu os cantos da sala, ele empurrou a caixa de cereal e leite de amêndoa para mim.

— Não estou com fome — eu disse.

Seus olhos se estreitaram. — Coma.

Eu olhei para ele por um segundo, mas, sabendo que essa não era uma batalha que eu queria começar, aquiesci e derramei uma tigela, ignorando a sensação estúpida que veio à tona com a ideia de que ele ainda se importava o suficiente para me forçar a comer. Meu coração deve estar comprometido.

Frustrada com todos esses sentimentos, decidi fazer o mínimo e catar o cereal seco com os dedos, comendo um pedaço de cada vez e o mais devagar possível. Segurando seu olhar irritado, coloquei um cereal na boca com um *som* crocante.

Eu não sabia se ele queria sorrir ou me matar. — O último homem que me testou como você está flutuando no Moskva em sete pedaços diferentes.

Um pedaço de cereal ficou preso na minha garganta, mas me recusei a tossir ou desviar o olhar. Mesmo tendo visto o *assassinato de* Ronan, às vezes me esquecia do tipo de homem que ele era. Talvez minha visão tenha sido distorcida pelos efeitos colaterais do cativeiro, ou por seu sorriso, risada e rosto bonito. Embora, no fundo, eu soubesse que não eram essas coisas.

Eu forcei o cereal na minha garganta e coloquei outro na minha boca. — Acho que sou narcisista, não sou um homem então.

— Você ser mulher não tem nada a ver com isso.

A memória da infância da namorada do meu papa ressurgiu e eu tirei meu olhar dele, o peito de repente apertado. — Não quero tratamento especial. — *Eu não mereço isso.* — Você deveria me tratar como qualquer outra pessoa que olha para você da maneira errada.

— Eu acho a sua mentalidade de cordeiro sacrificial nauseante.

— Tenho certeza de que o altruísmo é difícil para você engolir — eu disse em compreensão.

— Você acha que já me descobriu, não é?

— Gangster carismático que tem um coração introvertido? Desviante sexual? Um vilão com um passado triste pelo qual me recuso a simpatizar? Confirmado, confirmado, confirmado. Se você fosse um assunto nos meus exames, eu seria uma craque.

Uma sugestão de risada passou por seus olhos. — Eu não tenho ideia de onde você veio com essa merda.

O que eu nunca diria a ele é que sempre fui um pouco introvertida também.

— De onde eu venho, você afunda ou nada. Eu *nadei*. — Sua voz me puxou para sua teia, fiada por um demônio, e tão forte quanto seus nós. — Não dá para dizer o mesmo, não é?

O cereal no meu estômago azedou. Eu odiava como ele conseguia separar minhas falhas, meus segredos, e então praticamente jogá-los na minha cara. Concentrei-me na minha xícara de chá e tomei um gole. Franzindo o nariz com o gosto amargo, adicionei um pouco de açúcar.

— Você gostou do seu dia de liberdade? — Ele perguntou.

— Você e eu temos definições muito diferentes de 'liberdade'.

— Talvez, mas o meu é o único que importa, não é?

Eu não sabia por que ele tinha que me enrolar até que senti como se eu fosse estourar como uma caixa de surpresa. Talvez então eu “me comportasse mal” e ele teria um motivo para me punir e saciar sua alma sádica.

— Você pode continuar a ter rédea solta em minha casa, mas não envolva meus homens. — Uma ameaça manchou sua voz.

Mexendo meu chá, ofereci a ele um sorriso meloso. — Por quê? Porque eu sou uma humilde Mikhailov que não deveria se dignar a falar?

— Suas palavras, não minhas.

A melodia caprichosa e zombeteira do meu brinquedo de infância tocou na minha cabeça enquanto Ronan girava a alavanca - não apenas pela nuance degradante em sua voz, mas porque eu esqueci que bastardo o homem foi ontem, e eu não poderia ter me humilhado mais.

— Se você me despreza tanto só por causa de quem é meu papa, então sinto pena de você.

Ele deu um olhar seco e divertido. — Vindo de alguém que abriu as pernas para o inimigo de seu papa dois segundos depois de conhecê-lo. Talvez aquele de quem devemos ter pena aqui seja você.

— Essa é a sua opinião. E é uma merda. — Este chá também. A amargura deixou um gosto espesso na minha língua.

Uma energia volátil condensou a sala e desacelerou a batida do meu coração. Eu disse que não era perfeita e estava começando a aprender que tinha um temperamento explosivo e mais orgulho do que bom senso.

— Espero que me usar para cumprir seu desejo distorcido de vingança não pese muito em sua consciência do tamanho de um alfinete.

— Fico feliz em saber que você está preocupada com meu bem-estar, mas apenas para esclarecer o ambiente... — Seus olhos escureceram. — Aproveitei cada segundo disso.

A aversão queimou um buraco no meu estômago enquanto “Pop Goes the Weasel” ficava cada vez mais alto nos meus ouvidos. Então, algo vingativo, quase sensual, surgiu para traçar as bordas de minha voz.

— Acho que você está gostando mais do que gostaria.

Ele ficou imóvel, e então seu olhar lentamente se levantou para me examinar como se eu fosse tóxica. De alguma forma, o chá amargo desceu suavemente sob a força de seu olhar.

— Nós dois sabemos que eu poderia ter você do jeito que eu quisesse. Infelizmente para você, tenho coisas melhores para fazer do que as putas

Mikhailov.

Um *estouro* soou em meu peito, liberando uma explosão de fogo que tornou minha visão um vermelho turvo. O *tapa* em seu rosto vibrou na sala e machucou minha palma, mas a visão de sua bochecha avermelhada e seu olhar violento não suprimiu o latejar de sangue em meus ouvidos.

Eu estava mergulhado em chamas, em *arrependimento* e confusão. Ele tirou tudo de mim - meu papa, a memória de minha mãe, minha inocência – e ainda assim, eu não conseguia nem dar um tapa nele sem uma forte sensação de remorso e um pedido de desculpas subindo em minha garganta. Eu odiei isso. Eu odiava essa casa. Mas o que eu mais odiava era o *que não* odiava.

A atração entre os sentimentos causou estragos em meu corpo e na sala de jantar. Levantei-me de um salto e varri os pratos da mesa para o chão, incluindo sua tigela estúpida de cereais coloridos. Porcelana fina estilhaçada.

Ele apenas me observou quebrar todos os itens quebráveis na mesa, e quando não havia mais nada para jogar, meu corpo tremia, a auto aversão pulsando em ondas.

— Você já terminou?

Meu coração desacelerou para um curto *bu-bum, bu-bum*, e todo o sangue dentro de mim subiu para doer na minha cabeça. A violência deveria ser uma liberação, mas eu não me senti muito bem. A náusea revirou meu estômago enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Um clarão da luz do teto chamuscou meus olhos, enviando um zumbido em meus ouvidos, e estremeci.

— *Mila*. — Ronan nunca me chamou assim, mas eu não conseguia me concentrar em nada, exceto no aperto em meus pulmões. Não havia oxigênio

suficiente aqui, embora quando tentei me mover para encontrar ar fresco, uma onda de tontura tomou conta de mim e agarrei a mesa para me equilibrar.

Algo estava errado comigo... enquanto uma onda feroz de doença se agitava por dentro, uma âncora puxou meu coração para baixo.

O *chá*.

Lágrimas repentinas correram pelo meu rosto. Meus olhos desolados encontraram os de Ronan, e minhas palavras cheiravam à traição.

— Você me envenenou.

Um de seus "porra" atingiu meus ouvidos antes de pular da cadeira e me pegar pela cintura no momento em que minhas pernas fraquejaram.

Com minhas costas em seu peito, ele enfiou dois dedos na minha garganta. Eu engasguei com eles, então vomitei em sua mão e no chão de mármore. Ele fez isso de novo, e de novo, até que nada mais surgisse, e eu implorei para ele parar.

O suor quente permeava minha pele, o que me fez estremecer. Meus membros estavam fracos como geleia, e as lágrimas saturaram meu rosto com a presença de seus dedos na minha garganta. Mas saber que ele não tinha feito isso comigo me encheu de uma quantidade perturbadora de alívio que suavizou o aperto em meus pulmões.

Quando ele me levantou, meus olhos se abriram e eu pisquei contra a luz forte. Yulia saiu correndo da sala depois que Ronan rosnou algo para ela.

O vômito cor de arco-íris manchou meu vestido de girassol e o terno Tom Ford de Ronan. Eu me perguntei se era assim que eu morreria, envenenada

por chá preto nos braços do demônio. Eu me perguntei se o inferno seria tão acolhedor; se tivesse sotaque, incisivos pontiagudos e mãos pintadas.

A risada de Madame Richie ressoou em minha mente, enviando um calafrio pela minha espinha que me perturbou tanto que disse em um momento de fraqueza: — Com o quanto eu vomitei perto de você, você pensaria que entenderia.

— *Ne govori*. — *Não fale*. Foi suave, mas brusco.

Ele me colocou no sofá da sala de estar. Conforme o peso puxava meus músculos, me movi para me deitar, mas, de cócoras na minha frente, Ronan me segurou na posição sentada pela nuca.

Yulia, cuja expressão seca indicava que eu estava sendo dramática, entregou a Ronan um copo d'água e um comprimido branco que ele tentou colocar na minha boca. Eu evitei sua mão e balancei minha cabeça.

— *Voz'mi tabletku.*

Minha cabeça latejava. Não tinha energia para tentar decifrar o russo bruto.

— Inglês, por favor.

Uma pausa fugaz em seus olhos desapareceu com algo volátil. — Tome a porra da pílula, Mila.

Ele me drogou uma vez antes, e eu deveria ter aprendido minha lição. Embora, com meu vômito em sua camisa, meu nome em seus lábios ainda pairando no ar e a proximidade de seu olhar, eu o deixei colocar o comprimido na minha boca antes de forçá-lo pela minha garganta inflamada com um gole de água.

Seu telefone tocou e ele se levantou para atender. Aproveitei a oportunidade para inclinar minha cabeça contra o braço da poltrona e fechar os olhos para aliviar a dor atrás deles. Um tapinha no rosto me fez gemer e abri-los novamente.

— *Ne zasypay* — ele me disse.

— Inglês — eu o lembrei.

Depois de um segundo de consciência que me disse que ele não sabia que falava russo, ele cerrou os dentes e se afastou para continuar aterrorizando quem estava ao telefone. Minhas pálpebras estavam tão pesadas que permiti que fechassem novamente, mas a paz foi interrompida por outro tapinha na minha bochecha.

Eu olhei para Ronan da melhor maneira que pude. — Pare com isso.

Telefone ao ouvido, seu olhar perfurou o meu. — Se você dormir, vou bater em sua bunda.

Olhamos um para o outro por um longo segundo. Se ele não tivesse feito tanto para jogar chá na cara dele, ele não me puniria por adormecer depois que fui envenenada. Embora, por algum motivo, eu o tenha deixado fazer a ameaça e forcei meus olhos a ficarem abertos.

Um momento se passou, ele me libertou de seu olhar e caminhou até a porta da frente. Ele voltou com um rosto familiar: o médico que conheci na minha primeira noite em Moscou. Aquele que tentou me avisar. Esta casa parecia tão remota, eu não tinha ideia de como ele conseguiu chegar aqui tão rápido. Minha imaginação representou a cena do médico no submundo embarcando em um trem chamado Expresso de Satanás. Nada me surpreenderia mais. Enquanto os dois homens compartilhavam palavras em russo, Kirill se

ajoelhou na minha frente, iluminou meus olhos e checou meu pulso. Parecia que eu fechei o círculo, mas desta vez, eu sabia que o diabo estava na sala.

Quando Kirill puxou uma bolsa intravenosa e uma agulha de sua pasta, a ansiedade pulsou através de mim em ondas. Os músculos cansados tremeram quando me obriguei a ficar de pé e, balançando ligeiramente, anunciei despreocupadamente: — Estou indo para o meu quarto.

Kirill franziu a testa e disse algo para Ronan, que, com um pouco de diversão seca, me agarrou pela cintura e me puxou de volta.

Lutando fracamente contra ele, eu disse: — Sério. Eu me sinto bem.

Ronan me forçou a sentar no sofá. — Vamos discutir seu hábito de mentir mais tarde. — Ele se abaixou na minha frente e tirou uma mecha de cabelo coberto de vômito do meu rosto suado. — Agora, você vai deixar Kirill tratá-la.

— Eu não quero fazer isso — eu respirei freneticamente. — Podemos fazer isso amanhã?

O olhar que ele me deu disse: *Não.* Ele acenou para Kirill para continuar antes de dizer a ele: — *Sdelay vse pravilno s pervogo raza.*[22]

Kirill engoliu em seco. Eu não precisava saber o que Ronan disse para saber que ele apenas o ameaçou.

Eu fiquei tensa e fechei os olhos com força, mas a beliscada afiada da agulha no topo da minha mão não fez minha pressão cair como eu esperava. Talvez já estivesse muito baixa. Ou talvez estar cativa nesta casa mudou a percepção do meu corpo do que eu deveria temer. Não era uma agulha ou

sangue. De alguma forma, não era nem mesmo *D'yavol* de *cócoras* na minha frente.

Abri os olhos para ver que a intravenosa estava conectada, a bolsa preparada. Um fluido frio correu pelo meu sangue, subiu pelo meu braço. Meu olhar cansado e semicerrado encontrou o de Ronan, e o momento se estendeu através do tempo e do espaço enquanto meu corpo lutava contra o veneno dentro de mim. Mas segurar o olhar daquele homem era como olhar para um poço que garantia a imortalidade. Ele brilhou, acenando para eu pular em suas profundezas escuras, e obliterou o medo de que eu nunca pudesse voltar a sair.

— Eu vou morrer? — As palavras suaves me escaparam.

Seu olhar escureceu. — *Nyet*.

Nunca se deve confiar em um monstro, mas quando algo pesado encheu meu peito, acreditei nele. Se alguém entendia a morte, era esse homem com olhos negros como carvão. Isto é, a menos que uma vítima inocente chegue muito perto e veja que eles brilham como tanzanita.

Eu deixei minha cabeça cair contra o encosto do sofá. Ele ainda estava com vômito na mão, depois de ter enxugado um pouco nas calças, mas parecia recomposto, composto demais para ser real. A visão me lembrou de suas palavras anteriores. "*Eu nadei*". Uma memória voltou à tona, de meu papa me ensinando a nadar em um iate no Atlântico depois de amarrar tantos dispositivos de flutuação em mim que eu seria levada como um balão em um vento forte.

Um sorriso nostálgico tocou meus lábios quando perguntei: — Como você aprendeu a nadar?

Ele me observou por um segundo. — Quando eu tinha oito anos, estava no banco de trás de um carro depois que minha mãe colocou um tijolo no pedal do acelerador e o dirigiu para o Moskva.

O sorriso escapou dos meus lábios. Eu o encarei, as palavras apertando em minha garganta com dedos frios. Ele não desviou o olhar. Ele nem parecia perceber o horror do que acabou de dizer. Felizmente, Kirill interrompeu o caos em minha mente, entregando-me uma máscara e gesticulando para que eu a colocasse sobre minha boca. Evitando o olhar de Ronan, respirei o tratamento por alguns segundos enquanto o médico verificava minha pressão arterial e falava com ele em russo.

De repente, cansada demais para manter os olhos abertos, perdi e recuperei a consciência.

Acordei com o movimento e a maciez da minha cama embaixo de mim.

— Para cima — disse Ronan.

Compreendendo o comando, levantei grogue meus braços e ele puxou meu vestido pela cabeça. Ele rasgou a costura do colarinho até a manga para que pudesse retirá-la com a intravenosa na minha mão. Era meu vestido favorito, mas não tive energia para reclamar. Nem mesmo enquanto ele desabotoava meu sutiã encharcado de suor e o puxava junto com minha calcinha e meias.

Eu estava nua, por dentro e por fora. De cócoras ao meu lado, ele trabalhou a bolsa IV através da alça do meu sutiã, e meu peito apertou quando vi a marca fraca em sua bochecha. Eu não pude evitar de correr meus dedos por ela.

Ele parou, erguendo os olhos para os meus.

— Sinto muito — eu disse a ele. — Por bater em você.

Olhamos um para o outro por tanto tempo que minha mão se cansou e escorregou de seu rosto. Devo ter adormecido de novo. Quando abri meus olhos, Ronan tinha ido embora e Kirill silenciosamente lia um livro em uma cadeira ao lado da minha cama.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ronan

agathokakological

(adj.) composto de bem e mal

ALBERT OCUPOU A CADEIRA EM frente à minha mesa, seu olhar cuidadoso e silêncio na minha pele. Ele tinha um bom motivo para ser cauteloso. Já fazia um tempo que não ficava com tanta raiva que minhas mãos tremiam – exatamente três meses, quando encontrei o corpo de Pasha mutilado pelas mãos de Mikhailov.

A ironia da situação foi uma das razões pelas quais me forcei a sentar aqui e esperar que a raiva esfriasse antes de atirar em meus homens um por um para encontrar o traidor em nosso meio. O outro motivo... bem, isso me deixou um pouco enjoado. Era a ideia de que os olhos suaves de Mila estavam quase permanentemente apagados por uma xícara de chá. A queimadura em meu peito sempre que eu pensava nisso me lembrava da época em que lutava para respirar em um velho Volkswagen cheio de água gelada.

Não tinha certeza do porquê contei essa história à Mila, considerando que nem contei ao meu irmão depois de entrar em nosso apartamento mais tarde naquela noite, pingando água no piso de linóleo rachado. Eu não costumava pensar no passado, mas na estranha sensação de... o alívio que Mila viveria me lembrou de minha primeira respiração depois de quebrar minha cabeça na superfície do Moskva.

— Onde você esteve? — Kristian me perguntou em russo, tirando o olhar da pequena TV com antenas de orelha de coelho que ficava no chão.

— Natação — respondi.

Mamãe estava desmaiada no único quarto do apartamento. Cabelo escuro cobria seu rosto, e um braço pendurado para fora da cama, um cigarro pendurado em seus dedos. Eu costumava pensar que ela era bonita, mas agora, aos oito anos, tudo que via quando olhava para ela eram colheres de prata queimadas, olhos vazios e um calor no estômago que aumentava a cada dia.

Peguei o saquinho de pedras de crack da mesa e joguei no vaso sanitário. Teria que pagar por isso mais tarde, mas duvido que seja pior do que outra noite com minha mãe fumando essas coisas. Isso a deixava louca e ela dizia coisas que não faziam nenhum sentido.

Depois que tirei minhas roupas molhadas, joguei-me no colchão manchado ao lado de Kristian e roubei o controle remoto dele.

— Você não sabe nadar — disse ele, mantendo os olhos na TV.

Eu mudei de canal. — Sei agora.

— É março.

Meu irmão pode ser tão irritante. Ele me chutava enquanto dormia, assistia a programas chatos e pensava que sabia de tudo. O fato de ele estar quase certo me irritou ainda mais. Eu também socaria qualquer criança que fosse má com ele. Os amigos de mamãe eram os piores com ele. Eles nunca me incomodaram, mas ainda assim, às vezes, uma névoa vermelha raivosa cobria meus olhos quando eles estavam aqui. Aqueles

homens eram grandes demais para eu machucar agora, mas algum dia, eu seria grande o suficiente.

— Tudo ainda está congelado — disse ele.

Eu não admitiria que segurei um pedaço de gelo até chegar à costa, mesmo que Kristian me visse nele. Com um encolher de ombros, disse: — Fiquei quente. — Na verdade, eu estava me sentindo um pouco suado por causa dos nervos trêmulos e da minha pele fria. Limpei o suor do meu peito em sua bochecha. Ele olhou para mim e esfregou com a mão.

A sala ficou em silêncio, a sala escura iluminada pela TV com um alto-falante quebrado. — Devíamos ir lá, — disse ele à TV, em uma cena da cidade de Nova York. — Para a América.

Eu balancei minha cabeça. — Eu quero ficar aqui.

Seus olhos vieram para mim. — O que você vai fazer, dormir neste colchão a vida toda?

— Não, idiota, vou ser como ele. — Eu balancei a cabeça para a TV quando um comercial político começou.

— Ele é o presidente — disse Kristian.

— Eu sei. — Eu não sabia disso. Eu simplesmente gostei da maneira como ele ficava em roupas caras, com uma plateia na frente dele.

Depois de um momento, ele disse: — Você poderia ser o presidente se quisesse.

— Eu não quero ser o presidente. — Eu descansei um braço suado em seus ombros. — Eu vou ser algo melhor.

— Como Deus.

A velha senhora da porta ao lado convidava a mim e a Kristian às vezes. Fomos tomar chá e comer biscoitos enquanto ela lia passagens da Bíblia para nós. Tantos "não farás" e olhares penetrantes por cima dos óculos.

— Mais ou menos como Deus — eu disse, e depois de um momento de silêncio, um sorriso tocou meus lábios. — Mas eu prefiro ser o diabo.

Eu dei uma tragada no meu charuto. Minha mãe não se lembrava do que tinha feito até que a polícia bateu na porta na manhã seguinte e perguntou por que seu carro estava em Moskva. Ela falou – ou melhor, *fodeu* – sua maneira de sair disso, e então ela fez para mim e Kristian, *syrniki*. A refeição decente quase valeu a pena.

— Viktor está questionando Anna — disse Albert.

Eu o encarei, sem saber quem diabos era Anna.

— A garota que tem servido suas refeições nos últimos três anos.

— Ah — eu meditei. — A ratinha.

Ela era a suspeita mais óbvia. Embora, eu tivesse minhas dúvidas. Eu só precisava olhar nas proximidades da garota, e ela tremia de medo. Isso me irritou tanto que ignorei sua presença como se ela fosse um cachorro vira-lata assustado. Se ela envenenou Mila, não o fez sozinha.

— Como está Mila?

Meus olhos se estreitaram com a preocupação na voz de Albert. — A filha de Alexei está bem.

Kirill estava confiante de que ela não ingeriu veneno suficiente para estar em estado crítico.

Graças a Deus chamei a garota de prostituta. Caso contrário, ela poderia não ter destruído o resto do veneno em sua xícara de chá, e eu teria perdido minha garantia. Mas o pensamento de minha vingança escorregando por meus dedos não explicava a sensação de aperto dentro de mim cada vez que o olhar de traição de Mila passava por minha mente.

— Você sabe que ela não pertence a este lugar — disse Albert.

A escuridão se espalhou por mim. — Você tem uma nova habilidade de leitura de mentes que não me contou?

— Se Alexei ainda não cedeu, ele não vai.

Eu segurei seu olhar. Eu não tinha contado a ninguém além de Kristian, seu papa estava pronto para se trocar. Saber disso me faria parecer fraco, como se Mila tivesse realmente cravado suas garras Mikhailov em mim. Ela não tinha. Eu só não terminei com ela ainda, e sabia que se a deixasse ir agora, acabaria arrastando-a de volta para terminar o que começamos. Isso parecia muito próximo da monogamia para eu engolir. Sem mencionar que provavelmente seria uma tarefa muito mais difícil colocá-la em minha cama com a cabeça de seu pai como uma peça central na minha mesa.

— Nós poderíamos ter seguido Alexander — ele me disse.

— Não precisamos segui-lo.

Ele levantou uma sobrancelha irritante.

— Alexei vai se recuperar em breve — eu disse brevemente, encerrando a conversa.

— Provavelmente moveria as coisas se você mandasse um dedo ou dois. — Ele estava me provocando. Eu não ia cortar os dedos de Mila, e Albert sabia disso.

— Vá se tornar útil em algum lugar — eu disse, olhos duros. — Como encontrar a porra do rato na minha casa.

Eu juro, o filho da puta *sorriu* enquanto se levantava.

Ele nem tinha saído da sala antes de encontrarmos o traidor. Na verdade, ela se jogou aos meus pés e confessou em uma onda de russo e lágrimas. A ratinha era na verdade um rato. Viktor parou na porta. Pelo menos um dos meus homens estava se fazendo útil.

Baixei meu olhar para a garota trêmula, pingando lágrimas no chão. — Eu quero nomes — eu disse calmamente. — Os nomes de quem te ajudou. Os nomes de qualquer pessoa que tenha ouvido um sussurro da conversa.

— Eu, era só eu — ela gritou.

— Olhe para mim — eu exigi, e, rigidamente, ela ergueu o olhar para mim. — Você vai me dizer a verdade mais cedo ou mais tarde. E quanto mais tempo levar, mais tempo meus homens terão para fazer bom uso de você.

Eu realmente não queria torturar aquele deslize de uma garota, mas não cheguei à minha posição sendo indulgente.

Anna engoliu em seco, lutando uma batalha interior, e então ela me deu três nomes. Ela não as disse com tristeza ou lealdade, mas com medo. A menina tinha medo de sua própria sombra, então isso não significava muito para mim.

Eu balancei a cabeça para Viktor. Ele agarrou o braço da garota e arrastou-a para fora da sala. Dois dos homens que ela nomeara estavam aqui, o outro "Abram, seu papa" em Moscou.

Outro caso de família irritante.

Pasha não foi a única vítima instigada pelas mãos de Alexei. O tio de Abram foi morto no ano passado em um atropelamento. Ele tinha idade suficiente e provavelmente morreria de insuficiência cardíaca se tivesse a chance.

— Encontre Abram — eu disse a Albert, que ainda estava parado na porta. — Coloque o filho e o sobrinho no porão até lá.

Três horas se passaram, o sol alto no céu, antes que os quatro estivessem alinhados na neve. A garota ficou parada, olhando para o chão, tremendo no vestido branco básico que usava todos os dias.

— Como já disse ao Albert, não tive nada a ver com isso. — Uma gota de suor escorreu pelo rosto de Abram e brilhou ao sol.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você nem sabe do que foi acusado, então como sabe que não foi você?

— Porque, — ele gaguejou — tenho sido leal a você desde o primeiro dia.

— Você quer saber o que eu odeio mais do que traidores? — Eu me aproximei dele, uma arma frouxa na minha mão. — *Mentirosos*.

— Eu nunca menti para você. — Seu olhar se voltou para a direita exatamente como faria um mentiroso. — Me pegue mentindo e eu juro, vou deixar você atirar na minha cabeça bem aqui!

— Hmm — eu disse lentamente. — Nós vamos chegar a isso.

Meus olhos deslizaram para os outros dois homens, o filho e o sobrinho. Um deles acaba de ser libertado da prisão por estuprar uma dona de casa. Se eu fizesse verificações de antecedentes antes de recrutar, não teria um único funcionário em meu nome, incluindo eu mesmo. Os dois homens lançaram olhares sutis para Abram, claramente os lacaios de seu plano mestre.

— Então você não teve nada a ver com o envenenamento da garantia Mikhailov em minha casa?

— O que! — Abram teve a audácia de parecer chocado. — Claro que não!

Uma risada sombria me escapou. — Suas habilidades de atuação precisam de algum trabalho.

— Não sei como me envolvi no meio disso, mas se foi a prostituta ao meu lado que lhe deu nossos nomes, você deve saber, ela está apenas tentando nos derrubar com ela.

— Você quer dizer, sua filha — eu corrigi, olhando rapidamente para a garota que segurava o braço contra o estômago como se precisasse de apoio.

— Ela não é minha filha — ele cuspiu. — Especialmente depois disso.

Eu ignorei as palavras. — Você bate na sua filha com frequência?

Algo em meus olhos o fez mentir novamente. — *Nyet*. Ela é apenas uma vagabunda que gosta de coisas difíceis.

Eu deixei o ridículo de sua declaração encher o ar por um momento. Minhas botas rangeram na neve enquanto eu caminhava em direção à garota e parei na frente dela.

— Você é? Uma vagabunda que gosta de coisas difíceis?

Ela não ergueu os olhos enquanto balançava a cabeça. O rosto de seu papa ficou vermelho, e então ele chutou sua perna, cuspindo uma acusação enfurecida para ela. Com um gemido, ela caiu no chão. Uma onda quente de irritação se expandiu dentro de mim. Eu chutei o joelho de Abram com tanta força que um *crack* soou e, quando ele caiu, minha bota bateu em seu rosto, plantando-o de costas na neve. Ele gemeu, sangue jorrando de seu nariz.

— Se você faz isso com sua filha na minha frente — rosnei — odiaria ver o que você faria com ela a portas fechadas.

— Eu não faço nada para a garota!

Ele acabara de admitir sua culpa com a dupla negativa. Eu estava ficando um pouco mais furioso a cada segundo que continuei a empregar este homem.

Eu me abaixei na frente da garota que estava sentada de joelhos na neve. — Quem te deu o veneno?

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, ela lançou um olhar assustador para o papa em busca de orientação. Ela estava apavorada com ele mesmo agora, com a morte no horizonte. Abram a observou com olhos cruéis e uma mão no rosto ensanguentado.

— Eu - eu fiz isso sozinha — ela gaguejou.

— Veja! Eu te disse.

— Cale a boca, porra — Albert rosnou.

Depois de colocar minha arma na cintura, rasguei o vestido da garota. Botões caíram na neve. Ela soluçou, provavelmente acreditando que seria estuprada por uma gangue até a morte. A falta de sutiã não era a visão mais óbvia. Uma variedade de hematomas antigos e recentes cobriam seu torso.

Uma de suas costelas parecia inflamada, provavelmente quebrada, e marcas de mordidas marcavam seus seios pequenos, algumas profundas o suficiente para serem feridas abertas.

Ela podia estar envolvida no envenenamento, mas, claramente, ela não teve muita escolha. Tendo sido o azarão muitos, muitos anos atrás nas mãos de minha própria mãe, pode-se dizer que eu tenho uma queda pela situação.

— Vá — eu disse a ela.

Seus olhos se ergueram para os meus, confusão por dentro. Depois de me encarar por um segundo, ela se levantou, fechou o vestido e correu para a casa.

— Que porra é essa? — Abram rosnou. — Ela fez isso!

Eu me levantei em toda a minha altura.

— Ela é uma prostituta! Uma prostituta mentirosa!

Eu apontei minha arma para a cabeça de Abram.

— Espere... — Ele não conseguiu terminar a mentira que estava prestes a vomitar.

Um após o outro, três *estalos* cortaram o ar como uma faca.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Mila

clinomania

(N.) um desejo excessivo de ficar na cama

EU PENSEI QUE YULIA FOSSE UMA má empregada doméstica, mas isso foi antes de eu tê-la como uma enfermeira. Ela afofou o travesseiro embaixo da minha cabeça como se estivesse batendo em um pedaço de massa e puxou uma mecha do meu cabelo na mistura.

Com um olhar ressentido, afastei-me dela. — Obrigada, mas meu travesseiro está bom.

Ela levantou uma sobrancelha antes de desviar um olhar malicioso para bagunçar a bandeja de comida ao lado da minha cama.

— Não estou com fome — eu disse.

Ela me ignorou e fingiu adicionar açúcar ao meu chá. Como se eu fosse beber chá novamente.

Fiquei na cama por dois dias e, a cada segundo que passava, ficava mais enjoada disso. A única coisa que me manteve aqui foi o conhecimento de que alguém nesta casa me odiava tanto que me envenenou. E então, meus pensamentos cantaram que eu era uma pessoa horrível pelo que aconteceu com Adrik e que eu merecia.

Minha mente era um lugar terrível.

Ontem, Kirill me considerou como nova. Ronan, no entanto, não tinha mostrado seu rosto desde que me carregou para o meu quarto e me deixou nua. Eu não sabia o que esperava. Certamente, não um pedido de desculpas pelo que aconteceu. Mas um simples "Fico feliz em ver que você não está morta", seria bom. Ele nem mesmo me enviou uma nota misógina me ameaçando para comer.

Mais uma vez, parecia que eu não fazia parte de seus pensamentos, enquanto ele continuava surgindo em minha mente como um jogo de Whac-A-Mole – especialmente depois que ele me olhou nos olhos e me disse que sua mãe o havia jogado em um rio quando ele tinha oito anos. Eu disse que não simpatizaria com ele, mas foi difícil quando ele jogou seu passado trágico na minha cara. Rezei para que Ronan não falasse sobre ser um órfão que viveu nas ruas. Caso contrário, posso muito bem amarrar meu cabelo para trás em preparação para assinar sobre minha alma.

Quando Yulia levou uma colher de sopa à minha boca, eu virei minha cabeça exasperada. Ela assumiu essa rotina de enfermagem acima e além apenas para me irritar. Eu não era paraplégica. Na verdade, a única coisa pela qual eu morreria neste momento seria sua atenção.

A colher inclinou-se levemente – Yulia pode ser uma solteirona, mas suas mãos *nunca* tremiam – e uma gota de sopa quente derramou na minha camiseta. Eu resmunguei: — Sério...? — A palavra foi interrompida quando ela enfiou a colher na minha boca.

Eu cuspo com o veneno. Despreocupadamente, ela puxou a colher para enchê-la novamente. Eu joguei o edredom para trás e pulei da cama, lançando a ela uma carranca.

— Você deve comer, *devushka*.

— Eu te disse, não estou com fome. E não vou mais ficar naquela cama ridiculamente confortável. Aponte-me na direção da masmorra. Vou ficar lá pelo resto da minha estadia. — Eu era a Princesa e a Ervilha. Exceto que a ervilha era o desânimo retorcido que quase fui morta e então prontamente esquecida por um homem que me apontou em uma câmera secreta e enviou o vídeo para meu papa. Os Gen-Zs não conheceriam o romance se os atingisse com um ônibus.

— Você age como se alguém a tivesse forçado a fazer beicinho por dois dias.

Eu *não* estava fazendo beicinho. — Você perambularia por uma casa ocupada por alguém que quer matá-la?

— Sou excelente em muitas coisas, mas Deus não me criou para ser enfermeira.

— Não brinca.

Seus olhos se estreitaram. — Eu não quero cuidar de você enquanto você está de mau humor, então eu digo a você, os homens que tentaram matar você estão mortos.

Engoli. — Mortos?

— *Mertvy*. — *Morto*. Pegando a tigela de sopa, ela disse: — Eu tive que lavar os miolos deles no caminho — Então ela tomou um gole de sua colher como uma lady.

Sangue esfriando, eu consegui dizer: — Adorável.

Ela encolheu os ombros. — É trabalho.

Esfreguei meu braço para acalmar os arrepios que aumentaram, bem como outra sensação perturbadora: uma leveza, um *contentamento* perturbado que Ronan matou aqueles homens.

Como tudo o mais, os sentimentos eram retrógrados neste lugar. Seria normal lutar contra eles, forçá-los a serem algo que não eram, mas uma parte de mim não tinha energia. Outra parte de mim, aquela que forcei a vestir roupas apertadas e o desejo de aceitação, não queria mais ser normal.

Tocando a pedra em forma de coração na minha orelha, a outra na posse de *D'yavol*, eu finalmente entendi as palavras de Gianna.

Neste mundo, as coisas não eram preto e branco.

Eu preferia amarelo de qualquer maneira.

Sintonizando Yulia enquanto ela pisava em alguma pobre criatura correndo pelo chão, eu distraidamente entrei no banheiro sem porta. Tomei banho e não senti nada além de curiosidade. Uma curiosidade surda que floresceu com a memória do vômito das cores do arco-íris, palavras russas não realizadas e homens mortos na neve.

◄ ⁂ ►

A casa depois de escurecer tinha um certo encanto, como o ranger assustador de uma porta durante a noite, um sopro repentino de ar apagando a chama de uma vela e a sensação de estar sendo vigiada pelas rachaduras nas paredes. Eu estava exagerando grosseiramente a situação – em relação aos dois

primeiros, pelo menos – embora saber que um diabo espreitava em qualquer esquina amplificasse cada pequeno som, e isso não ajudasse em ficar em seu quarto.

Era inegavelmente seu. Seu cheiro estava em toda parte e os lençóis eram *pretos*. Eu não deveria estar aqui, mas seus segredos me atraíram do corredor depois que vaguei pela mansão por uma hora.

Mesmo sendo a pior ideia que eu já tive, assim como Moscou, eu queria mergulhar nos becos escuros da mente de Ronan. E encontrar algo para me ajudar a escapar não faria mal. Um telefone, a internet, um tabuleiro Ouija – qualquer coisa para entrar em contato com o mundo exterior.

Vasculhando as gavetas da mesinha de cabeceira, examinei o conteúdo e deixei cair um pacote de preservativos como se fosse uma batata quente. Fiquei surpresa que Ronan embrulhou tudo, esperando que ele quisesse gerar seus demônios ao mundo toda vez que ele enganasse uma mulher em sua cama. Embora isso fosse verdade para o homem que eu pensava que ele era, e não tanto o homem que eu estava conhecendo um café da manhã por vez.

Além da profilaxia perturbadora, tudo que encontrei foram alguns charutos, seus rabiscos organizados em russo em alguns papéis que fiquei chateada por não poder ler e outras porcarias que não me serviriam de nada.

Depois de roubar uma de suas navalhas do banheiro digno de um rei, abri a porta do closet e entrei. Era meticulosamente organizado: botas caras enfileiradas, filas e mais filas de ternos pretos luxuosos e prateleiras de abotoaduras de punho e relógios cintilantes.

Um cofre estava no canto. Eu mexi a alça trancada. O teclado exigia um código numérico para acesso, então digitei “6-6-6”. A luz piscou em

vermelho e a caixa de metal soltou um *bipe* raivoso.

— O que você está fazendo, *kotyonok?*

Eu pulei para trás, um arrepio se espalhando por mim. Lentamente, virei-me para ver Ronan encostado no batente da porta. A visão dele fez meu coração palpitar estranhamente enquanto a curiosidade se expandia mais uma vez.

Meus dedos se apertaram em torno de sua navalha. — Procurando por sua escada para o inferno.

Ele riu baixinho. — Você não vai encontrar aqui. Eu a mantenho no porão.

Algo sinônimo de diversão começou no meu estômago, mas eu o reprimi. Posso ter decidido deixar os sentimentos distorcidos seguirem seu curso, mas rir com meu sequestrador em seu armário seria simplesmente loucura.

Os olhos de Ronan deslizaram para a navalha na minha mão antes de se mover para o armário também, e mesmo sendo do tamanho de um quarto de criança, o espaço agora poderia rivalizar com uma caixa de papelão.

Eu dei um passo para trás e o observei com cautela enquanto ele tirava o paletó. Minha garganta ficou apertada quando ele puxou uma arma de si e a colocou em uma prateleira. A pistola simplesmente ficou ali, a alguns metros de distância.

Se eu tivesse a chance de pegá-lo, eu o faria? Se não o fizesse, seria um produto de minha própria escravidão? Da morte do meu papa?

No limite e em transe por aquele pedaço de metal assassino, quase pulei quando ele falou, seu tom secamente divertido. — Você não está pensando em atirar em mim, está?

Deslizando os olhos para os dele, agarrei a primeira resposta que surgiu em minha mente. — Depende. Você morreria ou seria uma estaca no coração? Não quero perder meu tempo.

— Uma bala ainda não me matou, mas sempre há uma primeira vez para tudo.

Não foi uma surpresa que Ronan não temesse morrer. Mesmo na morte, ele provavelmente se sentaria em um trono feito de caveiras e dominaria todos os outros pecadores. Porém, a ideia desse homem, tão vivo e viril, deixar de existir parecia impossível e... estranho.

— Você choraria por mim, *kotyonok?* — Seu olhar escuro me consumiu enquanto ele desabotoava os punhos da camisa e, de alguma forma, a memória de seu polegar enxugando minhas lágrimas era tão tangível que senti a carícia em minha bochecha como se ele tivesse me tocado.

As paredes se fechavam a cada segundo de silêncio incerto, cada vez mais apertado, até que decidi escapar de sua presença. Só que, quando passei por ele, ele agarrou meu pulso.

— Eu não disse que você poderia ir. — As palavras baixas acariciaram a lateral do meu pescoço e uma brasa de calor ganhou vida em minha barriga.

Eu puxei contra seu aperto, então, é claro, ele me puxou para mais perto. Meus pés descalços tocaram suas botas, seios pressionados contra seu peito duro. O calor percorreu meu corpo, vibrando onde quer que encontrasse o dele, e virei minha cabeça para evitar o máximo de contato possível. Ele provavelmente podia sentir meu batimento cardíaco acelerado; a batida que lutou contra a moralidade e a tentação.

— Eu fui envenenada — eu disse, minha garganta grossa. — Talvez você possa me maltratar mais tarde.

Eu senti seu sorriso. — Yulia disse que você tem feito rituais pagãos em seu quarto.

Chamava-se *ioga*, mas ele sabia disso.

— Ela mente — eu consegui dizer, embora conforme o conhecimento que ele estava mantendo sobre mim afundasse, a complacência relaxou qualquer resistência interna.

Meu corpo ficou flácido contra o dele e ele se aproveitou disso, empurrando-me para trás até que a parte de trás das minhas coxas pressionasse contra sua cômoda. Eu estava presa entre dois objetos imóveis, um me devastando com tanto calor masculino que meus pensamentos diminuíram e pararam. Agora eu era apenas uma garota com uma navalha na mão, e ele era apenas um homem por quem eu tive sentimentos.

Eu agarrei a borda da cômoda com minha mão livre para me firmar. Ele soltou meu pulso e minha respiração ficou irregular enquanto seus dedos deslizavam pela parte externa das minhas coxas até chegarem à barra do meu vestido. O movimento era lento, tão carregado que não tinha certeza se conseguiria falar ou se seria ouvida por causa da eletricidade no ar. A mera expectativa de seu toque acertou em cheio cada terminação nervosa.

Uma palma áspera deslizou por baixo do meu vestido, sobre a curva do meu quadril, até minha bunda. Quando ele me encontrou vestindo apenas uma calcinha fio dental, ele fez um som baixo em sua garganta e apertou uma bochecha nua. Eu ofeguei quando sua aprovação patinou entre minhas pernas e se expandiu. Sua mão viajou para a parte inferior das minhas costas. A

ação puxou meu vestido ainda mais para cima nas minhas coxas, deixando apenas uma fina barreira de tecido entre o meu núcleo e o calor de sua ereção.

Eu mantive minha cabeça inclinada para longe da dele em uma tentativa patética de distância, mas o desejo de balançar contra ele puxou cada grama de restrição dentro. A sanidade me disse que, se eu fosse com ele, seria com a força total de um tsunami, e nada de natação me manteria à tona.

Seus lábios deslizaram pelo meu pescoço, acendendo uma linha de fogo em seu rastro. — Quanto tempo vamos jogar este jogo? — As palavras foram engolfadas por uma onda de estática e constrangimento tão densa que um único movimento errado colocaria tudo nesta sala em chamas.

Eu não conseguia pensar. Eu mal conseguia respirar. A necessidade de me soltar puxou meu corpo, atraindo-me com palavras desviantes que diziam que afogar-se era a melhor maneira de morrer.

Quando ele beliscou meu pescoço, esperando uma resposta, o calor úmido de sua boca enviou uma cascata de prazer pela minha espinha. Eu forcei meu aperto na cômoda e lutei contra o gemido que subia na minha garganta.

Uma imagem passou pela minha mente, de Ronan parado na beira de uma piscina escura, apenas me observando afundar no fundo dela, meu cabelo cacheado flutuando e brilhando. O visual evocou a última resistência interna.

Virei minha cabeça para encontrar seu olhar. — Enquanto você planejar matar meu papa.

Ele segurou meu olhar por tanto tempo, algo em mim pensou que talvez, apenas talvez, eu tivesse algo que ele queria o suficiente para esquecer sua vingança. Então ele se afastou de mim, seus ombros tensos.

Eu exalei, um tremor inquieto queimando em minhas veias.

— Saia. — Ele se virou e continuou desabotoando os punhos como se eu fosse uma distração indesejada. — E, *kotyonok*. — Um olhar estreito encontrou o meu. — Se eu encontrar você no meu quarto novamente, vou considerar isso como um convite.

Eu segurei seu olhar escuro por um momento. E então eu desapareci de seu quarto, jurando nunca mais pôr os pés nele.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Mila

fasta

(N.) inabalável na devoção a um

amigo ou voto ou causa

A MANHÃ SEGUINTE, NOSSOS "ENCONTROS" DE CAFÉ DA MANHÃ continuaram. No entanto, a atmosfera não poderia ser mais tensa se uma bomba-relógio estivesse ao lado do bule. Eu só não sabia que o silêncio estava prestes a explodir de uma forma que faria de um explosivo de verdade uma alternativa melhor.

Um nervosismo queimou com a memória da noite passada. A pressão do corpo de Ronan contra o meu despertou uma onda de calor sob minha pele que era tão quente que me revirei a noite toda em um vazio e confusão. Mesmo agora, uma dor inquieta persistia entre minhas pernas.

Eu enrolei meus dedos do pé contra o mármore, sabendo que deveria ter vergonha da sensação - especialmente porque Ronan parecia ter esquecido totalmente a noite passada por seu comportamento apático – mas me recusei a me enviar em outra viagem de culpa.

Em vez da empregada silenciosa, outra mulher servia nossa comida, e ela não era do tipo dócil e invisível. Ela poderia ser a irmã gêmea loira de Kylie Jenner. Eu não ficaria surpresa se os cílios da empregada estivessem fortemente carregados de rímel pela linha de maquiagem da celebridade.

Lentamente, ela colocou os pratos na mesa, o *tilintar* de cada um seguido por um olhar na direção de Ronan. Ele não estava fazendo nada além de rolar pelo telefone e passar o polegar pensativo pela cicatriz em seu lábio.

Alguns botões do vestido da empregada estavam abertos, dando uma visão generosa em seu corpete sempre que ela se curvava. E ela se curvou muito. Eu queria dizer a ela para ter um pouco de respeito por si mesma, mas não tinha certeza como isso ressoaria vindo de uma garota que provavelmente teria feito sexo desprotegido com Ronan no primeiro encontro se ele tivesse pedido.

Achei que ele estava tão ocupado relatando postagens no Instagram que não percebeu o interesse dolorosamente óbvio dela - isto é, até que seus olhos se levantaram de seu telefone, captaram os meus e piscaram com diversão tortuosa.

Ugh.

— *Mogu ya predlozhit 'vam chto-nibud' yeshche?* — A empregada perguntou a Ronan com uma voz abafada. Eu não precisava saber russo para entender que ela apenas questionou se ela poderia "tentá-lo" com qualquer outra coisa.

Eu odiava loiras.

Com os olhos de Ronan nos meus, não poderia estar mais claro que ele estava aproveitando cada segundo antes de dizer — *Nyet*.

A empregada seguiu seu olhar para mim e finalmente reconheceu que alguém diferente de Ronan estava na sala. Ela me reduziu a um golpe de olhos. Evidentemente, meu cabelo incontrolável e meu short com bordado floral não gritavam exatamente competição. Eu me irritei com a leitura dela, mas

ela já estava carregando sua bandeja para fora da sala, lançando a Ronan um olhar ansioso no caminho.

Eu geralmente tinha um grande respeito pelos operários, mas aquela... que camponesa.

— O que aconteceu com a outra garota? — Eu perguntei.

Ronan me lançou um olhar que dizia que não era da minha conta. Ao pensar que a serva silenciosa poderia ter algo a ver com o envenenamento, meu estômago se contraiu. Ronan matar mafiosos assassinos era uma coisa, uma serva mansa, outra.

— Você não fez... fez alguma coisa com ela, não é?

Seus olhos se estreitaram. — *Nyet*.

Achei que essa palavra era tudo que ele diria esta manhã. Ele estava se tornando pior empresa do que Khaos. O pastor alemão rosnava para mim toda vez que eu falava com ele e evitava minha presença como se eu fosse a única que tivesse pulgas. Eu deveria parar de perturbar a paz do animal, mas algo por trás de seu comportamento duro parecia tão solitário que puxou meu próprio coração rejeitado. Recusei-me a desistir dele.

Mesmo que Albert me dissesse que a cozinha era monitorada de perto agora e que minha comida não seria temperada com veneno novamente, eu ainda estava hesitante em comer qualquer coisa e havia sobrevivido com as migalhas de Yulia nos últimos dois dias. A hesitação foi devido ao fato de Ronan não dizer uma palavra para me tranquilizar. Considerando todas as suas exigências que eu deveria comer desde que nos conhecemos, seu silêncio agora me fez sentir como se ele não se importasse. Talvez eu

estivesse sendo dramática, mas como já havia começado o caminho, iria dominá-lo até o fim.

Fiz um show que mantive meticulosamente um pedaço de torrada com a manteiga vegana que Polina fez para mim, embora não pudesse deixar de acreditar que Ronan notou que a única coisa que eu estava realmente ingerindo era água. Ele não tinha nada a dizer sobre isso.

Enquanto ele bebia seu chá, o silêncio enviou uma energia inquietante por mim. Eu queria que ele dissesse algo, *qualquer coisa*, para dispersar a tensão na sala – outro "*nyet*", um "*animal de estimação*" humilhante, ou mesmo um comentário grosseiro.

Eu estava bebendo água quando a porta da frente se fechou. Uma voz masculina familiar me alcançou. Demorei alguns segundos para reconhecê-lo e, quando o fiz, o copo de cristal escorregou dos meus dedos, atingiu a borda da mesa e os sons distantes de *tink*, *tink*, *tink* caíram no chão.

Coração na garganta, eu me levantei.

— Sente-se.

Eu mal ouvi a ordem de Ronan sobre o fluxo de sangue em meus ouvidos. Minha mente me disse para ouvir, mas meu corpo não cooperou. Tudo o que pude fazer foi olhar para Ivan quando ele entrou na sala de jantar – para o sangue em sua camisa rasgada, para seu rosto machucado e para suas mãos amarradas nas costas. A visão dele foi tão bem-vinda que as lágrimas queimaram atrás dos meus olhos, mas a realidade de sua presença torceu uma faca em meu estômago.

Albert e Viktor ficaram um de cada lado de Ivan, cada um segurando-o por um braço. Os três pareciam horríveis: lábios cortados, olhos machucados e

roupas ensanguentadas. Albert sangrava profusamente do lado do corpo, o que encharcou sua camisa branca.

O olhar frio de Ivan me encontrou e suavizou com alívio antes de deslizar pelo meu corpo para inspecionar os ferimentos, mas os únicos feridos eram os homens na porta. Meu estômago vazio se agitou com o pensamento de Ivan tentando me resgatar *das* mãos de *D'yavol* enquanto eu estava abraçando o calor que essas mesmas mãos deixaram para trás.

— *Ty v poryadke?* — Ivan me perguntou. *Você está bem?*

Com a garganta muito apertada para falar, eu balancei a cabeça.

— *Mila* — disse Ronan em um tom sinistro. — Sente-se.

O aviso volátil acariciou minha pele, mas eu não conseguia mover ou forçar meu olhar de Ivan. Auto aversão e pânico invadiram minhas veias, dominando-me, embora quando Ivan me lançou um olhar que me disse para ouvir, entorpecido, eu me sentei. Cumprir então apenas intensificou a tensão no ar. Cada segundo foi esticado e esticado até limites impossíveis.

— *Pochemu ty zdes?*[23] — Ronan rosnou para Albert.

Por suas palavras curtas e linguagem corporal severa, reconheci que Ivan não deveria estar aqui, na mesma casa que eu, assim como o fato de Ronan saber que Ivan tinha sido encontrado enquanto se sentava ao meu lado e tomava um gole de chá indiferente durante o café da manhã. Ele não estava planejando compartilhar o conhecimento comigo.

Aparentemente, Ivan tinha outras ideias.

Quase desejei felicidade ignorante. Se algo acontecesse com Ivan, se meu ato egoísta de vir à Moscou o matasse... meu estômago ameaçou expelir o pequeno conteúdo de dentro.

O olhar de Ivan transmitiu que ele não estava convencido de que eu estava ilesa, e ele agora estava procurando por feridas mentais em vez de físicas.

Estou bem, meu olhar prometeu. *Mas e você?*

Vendo as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, seu lábio partido se ergueu em um sorriso despreocupado. A visão não aliviou a sensação de aperto em meus pulmões. Depois de uma batida tensa, percebi que os homens haviam parado de falar e agora observavam nossa conversa silenciosa.

— *Ubiraysya otsyuda* — Ronan retrucou impaciente. *Saia.* — Leve-o para baixo por enquanto.

Lá embaixo? Havia realmente uma masmorra na casa? Meu coração torceu.

Ivan tirou as mãos de seus braços e se dirigiu para o corredor. Tão frio e imóvel como um bloco de gelo, eu o observei até que ele desapareceu no corredor com Albert e Viktor seguindo.

— Como ele sabe para onde ir? — Eu não estava ciente de que as palavras sem emoção haviam escapado até que Ronan respondeu.

— Ele não sabe.

Claramente, ele sabia, mas minha curiosidade se dissolveu sob a forte pressão em meu peito. Enquanto Ronan se levantava e indiferentemente colocava seu telefone no bolso, todo o meu ser girou com a ideia de como dissuadi-lo de tudo o que ele planejou para Ivan.

— Eu vou te implorar — eu soltei.

Ele olhou para cima, o olhar sombriamente divertido, mas em conflito com uma sugestão de algo frio e assustador que vazou em seus olhos. — Não tenho certeza se pareceria muito sincero.

Eu queria gritar com ele que isso não era um jogo, mas ele já estava fora da porta. Ele iria continuar seu dia como de costume e me abandonar para morrer lentamente por dentro.

Em pé, eu o alcancei no corredor e me coloquei na frente dele, então ele teve que me dar toda a sua atenção.

Ele se acalmou, um músculo se contraindo em sua mandíbula. Eu entendi então, a bomba-relógio não era um aviso esquivo e místico. Era *ele*, tão tangível quanto seus olhos, postura e presença. A escuridão dentro estava perto de devastar esta casa com pedras e cinzas, e me levaria com ela. Eu não me importei. Eu não me importava em me humilhar. O orgulho não importava mais - não com a vida de Ivan em perigo.

Eu caí de joelhos na frente dele, meu sangue ficando mais frio do que o mármore duro. — Estou sinceramente implorando — eu disse, uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. — Se você deixar Ivan ir, eu juro, você pode ter o que quiser de mim.

Ronan me tinha onde me queria - um plebeu inútil aos pés de um rei - mas não havia um pingo de prazer em seu olhar.

— Eu já posso ter qualquer coisa que eu quiser de você.

— Há muita coisa que você não poderia ter.

Ele segurou meu olhar ao som do meu desespero consumindo o corredor. — Você não é conhecida por dizer a verdade, não é, *malen'kaya lgunishka?*

A frustração me empurrou. Se eu não conseguisse convencê-lo com palavras, tentaria com ações. Peguei a fivela de seu cinto e, enquanto tentava desfazê-lo, percebi que minhas mãos estavam tremendo.

Eu não tinha a menor ideia de como fazer uma boa administração oral, mas precisava descobrir porque sabia que Ronan não me orientaria. Ele não acreditava que eu fosse inocente em relação ao sexo. Meu estômago estava tão agitado que tive medo de vomitar se ele me engasgasse. Eu ia estragar isso. Com a ideia de perder Ivan em cima do meu papa, um soluço baixo subiu pela minha garganta.

Ronan agarrou meu pulso para me impedir. — Por mais que isso esteja me excitando, vou passar.

Ele não estava excitado. Ele estava com raiva – mortal mesmo, dado o olhar frio e sem coração em seus olhos. Com um som baixo e furioso, ele me puxou rudemente para fora de seu caminho e se dirigiu para o corredor.

Tudo o que eu sabia naquele momento era que não poderia viver com a morte de Ivan na minha consciência.

— Se você matar Ivan, você pode muito bem me matar.

Ronan fez uma pausa, mas depois que alguns segundos se passaram, ele se afastou, deixando-me no chão, tão desolada como sempre.

CAPÍTULO TRINTA

Mila

súton

(N.) o fim de algo

A CASA FICOU IMÓVEL como um túmulo enquanto eu ficava embaixo da escada e olhava para a madeira elaborada que escondia uma porta de vista – aquela que Albert e Viktor acabaram de desocupar antes de sair de casa. Eu esperava que a entrada estivesse trancada ou exigisse uma senha especial como em qualquer filme de espionagem decente, mas ela se abriu para revelar uma escada de cimento que levava ao inferno.

Os nervos tremiam em minhas mãos enquanto eu hesitava na soleira e ouvia os gritos torturados de almas condenadas, apenas para ser saudada pelo silêncio e uma corrente de ar frio. Uma pessoa sã não iria lá, mas parecia que eu estava perdendo o controle da racionalidade com o resto da casa.

Fechando a porta atrás de mim, esfreguei a mão sobre os arrepios em meu braço e desci as escadas. Quando cheguei ao fundo, fingi que a sala era qualquer outro porão inacabado com paredes de pedra argamassa e uma umidade espessando o ar, mas a falácia ficou mais difícil de aceitar cada vez que eu via uma mancha de sangue no chão, bem como as celas gradeadas que revestem o parede distante.

Eu deveria ter achado um alívio as celas ficarem vazias e que eu não estava dormindo profundamente no andar de cima enquanto as pessoas apodreciam

lá embaixo, mas não havia nada de alívio em ver Ivan encostado em barras de ferro e me dando a aparência que sempre fazia quando eu o fazia algo que ele desaprovou.

— Você não deveria estar aqui embaixo — ele censurou.

Era bizarro vê-lo existindo neste *calabouço* tão indiferente - esse homem que eu conhecia há anos, que era extremamente exigente com seus Americanos e tinha alergia a colônia barata e tráfego.

— Ninguém me disse que eu não poderia estar — respondi, escondendo minha incerteza de como Ronan se sentiria se descobrisse. Não por mim, mas por Ivan.

— Eu estou te dizendo agora. Volte para cima.

No meu caminho para sua cela, eu o ignorei e cuidadosamente contornei uma lona de plástico ensanguentada no chão.

— Mila. — Foi um rosnado frustrado. — Há sangue por toda parte. Não quero que você desmaie e bata com a cabeça no chão de cimento.

Quando cheguei a ele, um pequeno sorriso apareceu com as memórias dele empurrando minha cabeça entre os joelhos depois de muitas altercações com O-negativo enquanto ele murmurava palavras acentuadas e encorajadoras – especialmente uma falha da pirâmide de torcida onde Ivan pulou uma cerca para me alcançar o que despertou a inveja de toda a equipe. Sempre considerei sua presença garantida. Recusei-me a fazer o mesmo com sua vida.

Alcançando através das barras, limpei um pouco de sangue fresco de seu lábio arrebentado. Sua mão atacou e agarrou meu pulso, uma onda repentina

de descontentamento crescendo em seus olhos.

— O que diabos ele fez com você?

Eu pisquei. — Nada realmente.

— Nada, *realmente?*

— Bem... — Engoli. — Eu o vi cortar o dedo de um homem, atirar na cabeça de alguém na mesa de jantar e, aparentemente, ele matou outros na garagem. Mas as coisas estão indo ok para mim.

Por um segundo pesado, Ivan me observou como se eu estivesse louca antes de soltar meu pulso. — Nada sobre isso é 'ok'. Você deveria estar em casa onde pertence, não — Ele olhou ao redor com desgosto. — Aqui.

Aqui.

Fique aqui.

Você pertence aqui.

A voz de Ivan, do passado e do presente, passou pela minha mente e, como uma peça de quebra-cabeça encaixando no lugar, finalmente entendi por que nunca me encaixei no The Moorings. O bairro era uma gaiola brilhante disfarçada de paraíso, e Ivan foi complacente em meu confinamento desde o início.

— É suposto 'casa' ser Miami? — A frustração reprimida de viver uma mentira borbulhou de mim. — O lugar que papa me deixou por meses a fio para que ele pudesse assassinar pessoas – *meninos* – em Moscou?

— Você não sabe do que está falando- — Ivan respondeu com calor.

— Talvez não. Mas eu sei que tenho família aqui – família que eu queria *desesperadamente*. Eu deveria saber a verdade? Ou você e papa planejavam mentir para mim para sempre?

Ele tentou mascarar sua expressão, mas não conseguiu esconder um lampejo de verdade em seus olhos. Eu deveria me casar com Carter e viver a vida de uma dona de casa por excelência, embora ambos soubessem que isso me mataria lentamente por dentro.

— Seu papa estava apenas tentando mantê-la segura.

Havia uma diferença entre se preocupar com o bem-estar de alguém e apenas mantê-los vivos. Meu pai sempre manteve o último, e embora eu soubesse que ele me amava, o primeiro nunca foi uma preocupação dele. O peso caiu pesadamente em meu peito, o fardo puxando todo o ressentimento para baixo até que eu só senti uma dor que dividiu meu coração em dois.

— Você não deveria ter vindo por mim — eu sussurrei.

— Você acha que eu iria deixá-la aqui para morrer?

O mais perto que cheguei de morrer foi interrompido pelos dedos de *D'yavol* na minha garganta.

— Ele não vai me matar. — De repente, eu soube disso com convicção. — Ele quer papa, não eu.

Ele me observou intensamente por um longo segundo. — Ele, com certeza está demorando, não é? — O tom de sua voz ficou tão espesso no ar que estrangulou o oxigênio e desacelerou a batida do meu coração. A energia instável se recusou a se dispersar mesmo depois que ele falou novamente. — Você está realmente ilesa?

— Eu não quero falar sobre mim — eu disse calmamente. No momento, minha psique não era um lugar refinado. Metade dela ainda estava lá em cima, vazando aos pés de Ronan no chão de mármore.

— Bem, eu quero. E eu acho que você deve isso a mim.

Eu vacilei, entendendo a insinuação em sua voz. Fui eu quem o meteu nesta confusão. Posso ser a única a assinar sua certidão de óbito. Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos.

Ele suspirou. — Eu não quis dizer isso. Eu deveria ter imaginado que você viria para Moscou. Eu não deveria ter me distraído com aquela garçonete.

Uma risada silenciosa escapou de mim, mesmo enquanto uma lágrima corria pelo meu rosto. Ele estendeu a mão pelas barras e limpou-o. Os nós dos dedos estavam quebrados para combinar com sua aparência: camisa rasgada e aberta manchada de sujeira e lama. Ele havia perdido até seus sapatos e meias. Foi uma visão tão estranha, surgiu um som miserável entre uma risada e um soluço.

Ele olhou para minha fonte de diversão, então riu. — Eles não queriam que eu me enforcasse com meus cadarços. Pegaram meu cinto também. *Grebaniye ublyudki*. — *Bastardos desgraçados*. Agarrando as barras, ele deslizou seu olhar pelo meu corpo com os olhos estreitos como se estivesse tentando ver minha alma. — Eu pensei que você estaria... diferente.

Ele presumiu que me encontraria um fantasma de mim mesma, não vestida de amarelo brilhante sem um ferimento físico à vista.

— Eu admito, ficar trancada em seu quarto de hóspedes por dias a fio realmente é uma droga, mas fora isso, não tem sido a pior situação para mim.

Sua presença exalava frustração. — Por que você sempre tem que fazer pouco caso das coisas?

— Eu não estou. Eu realmente não fui tratada tão mal.

Ele lançou um som cáustico e se afastou das barras para andar. — Você foi degradada, drogada, mantida cativa, envenenada, e Deus sabe o que mais. Eu odiaria ver o que você considera um tratamento ruim.

— Como você sabe de tudo isso?

Ele me lançou um olhar sombrio. — Eu tenho meus meios. — Continuando a andar pelo perímetro de sua cela, ele disse: — A coisa do sangue. Como isso sumiu, Mila? — Sua raiva queimava como combustível contra minha pele.

Eu mordi meu lábio nervosamente. — Uma caminhada no submundo, suponho.

— Com o que você parece estar lidando bem.

Parecia que ele estava me acusando de algo. — Não me olhe como se eu estivesse feliz com essas circunstâncias só porque isso me livrou da minha fobia. Prefiro desmaiar de novo em uma corrida de lama em Miami do que ver você trancado aqui e a vida do meu papa em perigo.

— Interessante que você não disse nada sobre sua própria situação.

Eu fiquei confusa. — Claro que não quero mais ser uma prisioneira.

— Você parecia assim... *confortável* — ele quase zombou da palavra — com seu sequestrador na sala de jantar.

Minha garganta estava grossa. — Era o café da manhã, Ivan, não uma conversa íntima.

Ele fez um ruído evasivo. — Você sabe que eles não o chamam de '*D'yavol'* por nada, não é?

— Estou ciente. — Esta conversa não poderia ser mais incômoda se insetos estivessem rastejando sob minha pele. Nunca disse a coisa certa quando estava inquieta. — Ele não gosta de açúcar no chá.

Ivan me lançou uma expressão irritada.

— Não tenho ideias erradas sobre quem ele é, mas não finja que você é um santo. Você trabalha para o meu papa. Se você quiser discutir meu medo de sangue e onde ele começou, você deve falar com ele.

— Seu papa nunca maltratou você.

— Isso não significa que ele não machucou os outros.

Uma respiração amarga passou por seus lábios. — Você está *do* lado de *D'yavol?*

— Eu não estou tomando partido. Acho todos vocês um pouco desprezíveis. — O humor seco deveria iluminar o clima, mas Ivan não achou engraçado. Incapaz de lidar com a grave tensão que emanava dele, anunciei: — Talvez eu possa encontrar a chave da sua cela. — Eu me perguntei se Ronan tinha um cãozinho de guarda por aqui com a chave na boca, como em *Piratas do Caribe*.

— Eu perguntaria se ele tocou em você, mas eu já sei a resposta. De todos os homens em Moscou, você teve que ir e transar com *ele?*

Suas palavras me irritaram. Ele assistiu ao vídeo? O pensamento me deixou doente, então, em um esforço para conter a náusea, ignorei a declaração. — Talvez com a alavanca certa, possamos abrir essa porta imediatamente. — Eu olhei ao redor na tentativa de encontrar algo útil.

— Como você não pôde ver através dele, Mila? Achei que você fosse mais inteligente do que isso.

Uma garota só poderia ser chamada de idiota muitas vezes. Eu parei minha busca quando o calor subiu pelo meu pescoço.

— Você sabe o que? Talvez eu não tivesse sido tão estúpida se você e papa não me abrigassem toda a minha vida. — O sarcasmo assumiu o controle. — Tenho certeza de que a faculdade tem um curso chamado 'Como não foder mafiosos'. Se eu tivesse permissão para comparecer...

— Isto não é uma piada.

— Eu não estou rindo. Posso ter cometido um erro, mas você e meu papa também erraram por não me contar a verdade. Se alguém não tivesse matado aquele menino, nada disso estaria acontecendo.

— Você vai acreditar em tudo que *D'yavol* disser?

— Minha única outra opção é acreditar em alguém que mentiu para mim durante anos. As colheitas parecem um pouco escassas. Posso perguntar a alguém por perto?

— Não há necessidade de terceiros. Você deveria ficar com seu papa. *Comigo* — Ele praticamente fervia.

A questão era que eu queria ser leal. Eu queria um caminho fácil de seguir; acreditar que meu papa era o menor de dois males. Mas agora, tudo que eu

conseguia ver quando pensava em meu pai era um menino mutilado e uma mulher sangrando no chão da biblioteca. Quando fechei os olhos e pensei no outro mal... minha postura era conflituosa demais para compreender.

Ivan deve ter visto a incerteza por trás dos meus olhos, e isso o irritou. Sua mandíbula se apertou. Ele deu um passo em minha direção, olhando rapidamente para trás, para um ponto alto da sala. Quando seu olhar deslizou de volta para o meu, algo dissimulado, quase tortuoso, cintilou dentro. Foi a primeira vez que vi aquele tipo de escuridão nele, e a visão arrepiou os cabelos da minha nuca.

— Seja honesta comigo. Ele não te machucou?

Eu não entendia onde isso estava indo, mas meu estômago se embrulhou com a sensação de que eu não gostaria do resultado final.

Desconfortavelmente, eu balancei minha cabeça.

— E ele não vai? — Ele se aproximou – o mais perto que as barras permitiam. Minhas mãos ficaram úmidas; meu coração bateu rápido. Parecia que Ronan estava atrás de mim e que eu estava imprensada entre dois homens em um campo de batalha que tinham toda a intenção de matar um ao outro. Eu não queria ser pega no fogo cruzado, mas eu percebi então, eu já estava.

— Ivan... Eu...

— Responda à pergunta.

A indecisão me partiu ao meio. Meu instinto me disse que Ronan não me machucaria fisicamente, mas também se preparou para uma inundação que

me levaria embora. Não queria deixar Ivan se preocupando comigo, então, embora não acreditasse totalmente nisso, sussurrei: — Não.

Ivan passou o polegar pela minha bochecha. A sugestão do toque expandiu o mal-estar em meu estômago, a carícia não evocando uma lasca do calor que certos dedos com tinta faziam. Por que isso não pode queimar? Por que eu não poderia querer *isso?*

— Se eu vou morrer — disse ele com uma forma sombria de diversão — é melhor eu sair com um estrondo.

Eu não tive tempo para processar a declaração antes que ele agarrasse minha nuca e puxasse meus lábios nos dele entre as barras. O choque manteve minha boca inflexível por um segundo, mas sob sua pressão encorajadora, meus lábios se suavizaram e obedeceram.

Sua língua deslizou em minha boca, e eu a encontrei com a minha, rezando pelo calor, a dor, o desespero que eu deveria sentir – *precisava* sentir. Calor se espalhou pelo meu estômago, convencendo-me a beijá-lo com mais força e deslizar minhas mãos sobre seus ombros e cabelos. Ele gemeu e agarrou minha cintura, puxando-me contra as barras frias.

Os dedos de Ivan exalavam calor enquanto viajavam pelo meu corpo até minha bunda, mas o contato não acendeu. O abraço foi uma brasa na brisa, incapaz de arder em chamas sem gasolina.

Ele inclinou minha cabeça com a outra mão para aprofundar o beijo, e eu provei um toque familiar de canela. Eles mascaram o mesmo tipo de chiclete. Eles tinham história. A animosidade entre eles era pessoal. Eu me perguntei o quão bem eles se conheciam; se eles tivessem compartilhado os

segredos um do outro nas ruas de Moscou ou em uma cela muito parecida com esta.

Quando ele se afastou, minha respiração estava suave e estável, a pressão de sua boca desaparecendo em nada além da memória. A lealdade me disse que era aqui que eu pertencia - no abraço de um homem com quem compartilhei tanto - mas minha alma implorou por outra coisa; por um fogo que acendia sem combustível; para Versace, tanzanite e mãos que roubaram meu fôlego. Meu corpo estava desapontado, embora por dentro tudo estivesse desabando.

Se eu podia desejar o diabo, isso significava que também tinha alguma escuridão em *mim*.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Mila

Enomel

(N.) algo combinando força com doçura

Eu DEVERIA ESTAR QUESTIONANDO MINHAS escolhas de vida, procurando por uma chave para a cela de Ivan ou fazendo algo remotamente construtivo. Em vez disso, sentei-me na sala de estar e observei o sol afundar no horizonte com a Bíblia no colo. O livro estava em russo e, portanto, incompreensível, mas as palavras não importavam. Era o suporte divino de que precisava - semelhante a um crucifixo ou um colar de alho.

Je hais Madame Richie. Tu hais Madame Richie. Nous haïssons Madame Richie. Eu estava começando a odiar mais a cartomante a cada dia. Eu coloquei toda a culpa nela por colocar algo em movimento que eu não conseguia parar. Eu assumiria o crédito pela minha estupidez, mas ela precisava confessar o feitiço que colocou em mim para desfrutar da asfixia e do toque da escuridão. Apesar da falta de educação universitária, eu não sabia que ninguém em sã consciência ansiava por menos oxigênio.

A porta da frente fechou-se silenciosamente, mas pode muito bem ter sido batida, o *clique* suave enviando uma vibração nervosa às pontas dos meus dedos. Não poderia ser mais claro quem acabou de entrar se uma banda marcial o precedesse. A energia que carregava rivalizava com o *grito*

insidioso dos filmes de terror, quando uma faca cintilante apunhalava sua vítima.

Ronan deve ter tido um dia ruim no trabalho.

Com o estômago apertado, peguei o livro, abri em uma página aleatória e fingi ler devotamente. Minhas costas estavam para a porta, mas eu não precisava ver para saber que ele entrou silenciosamente na sala. Sua presença caiu sobre mim como um cobertor de víboras rastejantes: pretas, macias e ameaçando morder.

Eu me perguntei se Moscou ficou sem virgens para roubar. Eu não contava porque já fui roubada. E uma vagabunda no coração.

Brincadeiras à parte, eu estava um pouco preocupada com meu bem-estar neste momento.

Senti Ronan se mover para o sofá à minha frente e se sentar. Foi uma batalha manter meu olhar nas letras cirílicas ilegíveis, mas eu não estava preparada para reconhecê-lo ainda. Desconsiderando a humilhação desta manhã que levantou um rubor vergonhoso na minha pele, a tensão sufocante que ele emanava era tão confortável quanto pular no fogo.

Percebi que ele deve saber que entrei em sua preciosa masmorra e ele *não* gostou disso. Yulia provavelmente me viu nisso com os olhos na nuca.

Se Ronan não me queria no porão, ele deveria ter colocado uma fechadura na porta.

Chink... clique. O som quebrou o silêncio e apertou o ponto de pulsação na minha garganta. Minha mente estava uma bagunça tentando decifrar o produto do ruído, mas me forcei a virar uma página com indiferença.

Ronan sabia que eu não sabia ler russo, mas não tinha nada a dizer sobre o livro ridículo e traiçoeiro em minhas mãos. A sala permaneceu em silêncio, exceto pelo barulho incessante que desgastou os meus nervos.

Chink... clique.

Eu imaginei que isso fosse pior do que tortura chinesa de água. De repente eu soube que ele continuaria com qualquer jogo por horas e que eu morreria em um. Eu desisti, voltei meu olhar para ele e perguntei: — Você precisa de algo?

Cotovelos apoiados em seus joelhos, seus olhos fixos em um isqueiro Zippo em sua mão, que ele abria e fechava. Seu comportamento era tão frio que um calafrio se espalhou por mim.

— Diga-me por que você está aqui. — Seu sotaque ralava como uma lixa, mas o que me fez apertar o controle sobre a Bíblia foi o fato de que a exigência foi feita na voz de *D'yavol* – o homem imortal que governava Moscou e provavelmente matou líderes de torcida americanas por esporte.

Sua ordem era vaga, mas, de alguma forma, eu sabia o que ele queria. Como sempre, meu espírito ansiava por lutar contra ele, embora uma voz no fundo da minha mente me alertasse. Eu não era mais a única que ele podia esmagar com sua bota cara.

— Eu sou garantia.

Chink. — Garantia de quem? — *Clique.*

Engoli. — Sua.

— De quem mais?

O jogo de poder estava começando a piorar. Posso muito bem-estar de joelhos a seus pés apenas para que ele pudesse me rejeitar novamente. *Je ne suis pas fière. Tu n'es pas fière. Nous ne sommes pas fières. Eu não sou orgulhosa. Você não é orgulhoso. Não somos orgulhosos.*

Com uma respiração superficial, eu forcei — Só sua.

— Só minha. — As palavras congelaram, e seus olhos finalmente se ergueram para os meus, um preto fosco imoral. — Seu sofrimento, sua atenção, seu corpo... toda *minha*. — As palavras cáusticas se estabeleceram na minha pele, desacelerando cada inspiração. — Estou começando a achar que preciso provar isso para você.

Meu coração despencou quando entendi do que se tratava. O *beijo*. Uma lembrança voltou, de Ivan olhando para algo atrás de mim antes de fazer seu movimento.

Ronan e suas câmeras secretas.

Eu não era nada além de uma peça de xadrez sendo jogada em seu jogo vingativo. Meus sentimentos não importavam. Eles nunca importavam. O calor subiu pelas minhas costas enquanto o ressentimento se agitava, obliterando todos os traços de autopreservação.

Bati o livro ao meu lado no sofá e me levantei. — Não estou realmente interessada agora, mas talvez amanhã.

O rosnado do fundo de seu peito ressoou em meus ouvidos antes que ele se levantasse e virasse a mesa de centro. A antiguidade bateu na parede e rachou junto com a minha compostura. Os enfeites finos voaram, espatifaram-se no chão e derraparam no mármore.

E ele disse que *eu* tinha um temperamento.

Com o coração na garganta, segurei minha posição e seu olhar. Ele aproveitou o espaço agora aberto entre nós para caminhar em minha direção, uma violência instável em seus olhos.

Algo o fez parar. Ele exalou e passou a mão pelo peito de uma forma tão refinada que era como se acreditasse que era o único antes de gritar: — Vá para o seu quarto antes que eu faça algo de que vou me arrepender.

Um segundo atrás, era exatamente para onde eu planejava ir, embora desde que ele exigiu, meu quarto era agora o último lugar que eu queria estar. Ele provavelmente faria Yulia trancar a porta atrás de mim, e se eu tivesse que suportar mais um minuto de solidão, explodiria em confete amarelo.

Ele estava me dando uma saída que eu deveria aproveitar, mas meus pés se recusaram a se mover, mesmo quando minha mente me disse para sair de lá. Tantos sentimentos conflitantes emaranhados dentro, empurrando meu sistema fora de forma. Ivan tinha me usado para superar seu inimigo. Ronan me traiu, raptou, rejeitou e me *confundiu*. Eu o encarei, cavando minhas unhas em minhas palmas enquanto o caos dentro implorava por uma saída.

Seus olhos endureceram e, em um tom ameaçador, ele ameaçou — *Vá*.

Fui avisada, então, em essência, não tive desculpa para o que saiu da minha boca. Pensando bem, culpei Madame Richie.

— *Me morda*.

Ele me observou por um segundo que pareceu uma eternidade e, então, uma risada cruel e incrédula escapou dele, mostrando incisivos afiados. Depois

de enxugar a risada melancólica com a mão, ele rangeu: — Não diga que você não pediu isso, *kotyonok*.

Com um passo, ele agarrou minha nuca e puxou minha boca para a dele. A ação áspera roubou minha respiração, que escapou em um assobio de dor quando ele mordeu meu lábio inferior com força. Mas enquanto ele acalmava a picada com um leve toque de sua língua, uma chama se acendeu, expandindo o fogo líquido entre minhas pernas.

Se o beijo fosse um jogo de xadrez, eu era a novata de óculos. E ele era o trapaceiro que limpou o tabuleiro e me fodeu por cima.

Minha mente não gostava deste homem com uma paixão agora. Tentei empurrá-lo para longe, afastar minha boca da sua, mas o aperto de ferro em minha nuca não cedeu. Meu corpo manteve uma postura diferente. Ele inalou o calor dele, implorando por mais força, mais intensidade, mais fricção – muito *mais*. A pressão quente de seus lábios e o gosto de canela enviaram um *zumbido* desesperado pelo meu sangue, puxando-me tão perto da borda que um suor frio lutou contra o inferno dentro. Ele deslizou sua língua contra a minha, criando uma forte dor em meu núcleo que dispersou todos os pensamentos por um segundo febril.

A respiração acelerou, a luta diminuiu e minhas mãos pararam em seu peito. A vingança sangrou em seu beijo, que foi suave, mas furioso e de alguma forma *frio* – assim como o olhar em seus olhos antes de me deixar de joelhos esta manhã. Ele não me queria então. Ele só queria que eu provasse um ponto: eu era seu seguro e só ele poderia foder comigo.

Assim como ele pensou que a luta em mim havia desaparecido, mordi seu lábio inferior com tanta força que senti o gosto de sangue e joguei meu joelho para cima. Ele evitou o golpe em sua virilha com um grunhido e me

empurrou para longe dele. Eu peguei meu equilíbrio, a falta de calor de seu corpo me deixando com frio.

— Onde está a paixão que você deu a Ivan, *kotyonok?* — Ele perguntou asperamente, enxugando o sangue de seu lábio com o polegar. — Não vou acreditar que você tem reservas sobre beijar dois homens no mesmo dia.

Um nó de raiva se esticou em meu peito, forçando o insulto de mim. — A única reserva que tenho é beijar você.

O próximo segundo de silêncio me sufocou, seus olhos não deixando os meus enquanto um músculo pulsava em sua mandíbula. — Eu acho que nós dois somos narcisistas então.

Conhecendo sua definição distorcida de "sorte", engoli em seco e o observei com cautela. — O que isso deveria significar?

Um brilho pecaminoso roubou o calor de seus olhos, as palavras frias e apáticas. — Eu nunca fui do tipo que mistura beijos e trepadas. — O *chiado* de seu cinto Montblanc deslizando através de suas alças fez meu estômago cair como um peso de chumbo.

Ele não pretendia que esta noite terminasse com um banho frio.

Com o coração batendo forte como os cascos de um cavalo de corrida na terra, recuei até esbarrar no sofá. A fivela de metal atingiu o chão com um *estrondo,* esticando minha pele. Disse a mim mesma para permanecer forte e manter minha dignidade a todo custo, mas quando ele deu um único passo em minha direção, eu soltei: — Sou virgem.

Ele nem mesmo considerou isso antes de rir sem graça. — Você é uma mentirosa do caralho.

Eu não deveria ter gritado de lobo tantas vezes. Agora, isso iria me ferrar – *literalmente*.

— É preciso um para conhecer um, não é? — Minha voz tremeu. Cada passo que ele dava em minha direção, eu imitava na direção oposta até que eu estava atrás do sofá, uma simples peça de mobília a única divisória entre nós.

— Mm. Ainda não nos conhecemos muito bem, mas iremos. — Um pedaço de porcelana estilhaçado amassou sob sua bota.

— Você age como se fosse memorável para mim — eu respondi, forçada a sentar na frente do sofá quando ele contornou.

— Tenho certeza de que será diferente de suas experiências com garotos universitários mimados.

A frustração cavou um túnel sob minha pele. Esse foi o pensamento exato que me levou para *os* braços de *D'yavol*, colocando-me em posição de circundar um sofá para ficar longe dele.

— Ivan não é um estudante universitário. — Lá Madame Richie foi novamente, jogando Ivan debaixo do ônibus.

Seus olhos se estreitaram perigosamente enquanto ele apoiava as mãos nas costas do sofá. — Talvez não, mas ele é um maricas.

— Você nem mesmo o conhece — acusei.

O olhar sutil e seco que ele me deu apenas confirmou minha suspeita de que eles se conheciam, mas o pensamento desapareceu quando a fúria refletiu em seu olhar, sua voz áspera. — Mencione-o novamente e você vai dormir do lado de fora com os cachorros.

A incerteza puxou minha garganta. Eu contestei um de seus passos largos, rapidamente dando alguns passos para igualar. — Pare de falar doce comigo — eu disse sem fôlego. — Eu não acho que meu coração aguenta mais romance agora.

Ele quase parecia querer rir – este homem que estava me *perseguindo* como um psicopata – mas a escuridão nele continha o humor.

— Sua boca não vai te salvar desta vez.

Eu não sabia o que ele queria dizer, mas também não me importei no momento. Quando dei um passo para o lado, ele refletiu o movimento. O nervosismo irradiava em todas as minhas células, derramando-se em palavras sem fôlego.

— Espero que não seja assim que você normalmente transa. É exaustivo.

Uma sobrancelha bem-humorada se ergueu. — É uma novidade para mim, mas felizmente, estou aberto a coisas novas.

Foi tão bom que ele achou a situação divertida enquanto meu coração estava perto de parar. — Tenho certeza de que há várias mulheres legais em Moscou que irão acomodá-lo por um preço decente.

Ele me observou, acompanhando cada um dos meus passos lentos. — Se eu quisesse outra, seria necessário um único texto de emoji de pêssego para ter uma mulher aqui implorando para eu foder sua bunda.

A imagem mental suja apareceu por trás dos meus olhos, subiu um rubor inocente às minhas bochechas e enviou uma sensação de aperto no meu peito. Os sentimentos estavam tão distantes entre si que, quando ele deu a volta no sofá, vacilei antes de encontrar meu equilíbrio.

— Eu realmente não consigo descobrir como você consegue uma mulher depois de abrir a boca.

— Você descobrirá em um momento. — O peso de seu olhar fez minha garganta secar.

Eu estava ficando um pouco tonta de me mover em um círculo - especialmente com a pequena quantidade de comida que tinha consumido ultimamente – mas isso não parou o circo sem fim da minha mente. Gostaria de saber sobre emojis de pêssego e Nadia. Eu me perguntei se Ronan tinha ido à ópera recentemente; se a cantora escreveu outra nota para ele e ele aceitou a proposta indecente. A ideia apertou meus pulmões, criando um efeito cascata de incerteza a desânimo e *raiva*. Ronan poderia estar fazendo um ménage à trois todas as noites, pelo que eu sabia, e eu não podia nem mesmo beijar outro homem sem que ele se transformasse no pior pesadelo de uma virgem.

— Guarde sua resistência para a próxima garota azarada que chamar sua atenção — eu disse friamente. — Confie em mim, você vai desperdiçá-la comigo.

Seu olhar me ameaçou a segurar o que estava na ponta da minha língua, mas, admito, eu não recebia ordens bem.

— Há *tantos* homens quanto em Miami. Você logo será esquecido junto com todo o resto.

As palavras não tiveram tempo de se estabelecer no ar. Um único chute dele para o lado do sofá o fez voar pelo chão, onde atingiu a parede e me deixou totalmente desprotegida. Segurando seus olhos escuros, a frieza do mármore sob meus pés se espalhou por mim, meu sangue *jorrando* em meus ouvidos.

Corri para a porta, mas não cheguei tão longe. Ronan poderia facilmente ter me agarrado pelos cabelos e me jogado no chão como o guarda fez, embora ele tenha pegado um punhado do meu vestido em vez disso. Eu me ressenti mais do que se ele tivesse me machucado. Eu estava de repente desesperada por dor; por agonia para me lembrar de quão pouco eu significava para ele antes que ele roubasse minha inocência e, em consequência, minha *alma* também.

Quando ele começou a me puxar para trás, agarrei a mesa lateral, derrubando coisas em busca de uma arma – ou pelo menos uma maneira de empurrá-lo a um ponto que me faria lembrar que não era nada além de seu peão. Dedos úmidos encontraram apoio e antes que eu pudesse pensar sobre isso, girei e quebrei o vaso contra o lado de sua cabeça. O vidro caiu no chão ao nosso redor, a sala ficou mortalmente silenciosa.

No cinema, os homens caíam.

Ronan não caiu.

Meu peito arfou, os pés enraizados no chão quando ele fechou os olhos e respirou fundo. Quando ele os abriu, eu esperava sua retaliação; eu não esperava que ele silenciosamente envolvesse um braço em volta da minha cintura, me levantasse sobre o vidro quebrado e me jogasse no sofá.

Quando seu corpo desceu sobre o meu, o mesmo aconteceu com a culpa, mesclando-se com o peso dele em cima de mim. Suas pernas forçaram minhas coxas a se separarem, suas mãos segurando meus pulsos acima da minha cabeça.

Arrependimento engrossando em minha garganta, eu respirei — Eu não vou me desculpar.

Ele pressionou seu rosto em meu pescoço, fazendo um estrondo sombrio de satisfação. — Então você está aprendendo algo afinal.

Conforme a adrenalina desaparecia, isso me deixou sensível, exposta, *envergonhada*. Eu não queria ser o tipo de pessoa que machuca os outros só porque eles me machucam. Algo dentro de mim odiava a ideia de machucá-*lo* mais do que qualquer coisa, embora ninguém merecesse mais.

Dedos com tinta podem estar mantendo meus pulsos cativos, mas eles também me salvaram e vingaram.

A culpa inflou em meu peito como um balão e, de repente, tudo que pude ver foi um garotinho em um carro afundando no fundo do Moskva pelas mãos de sua própria mãe. Eu me perguntei se foi como Ronan conseguiu a cicatriz em seu lábio inferior. O fato de ser a pessoa a adicionar outra marca me deixou mal. A pressão forçou um pedido de desculpas pela minha garganta, mas quando abri minha boca, ele roçou seus lábios nos meus, dizendo asperamente — *Nyet*.

Nós apenas inalamos a exalação um do outro por um segundo. Um peso invadiu meu peito, puxando-me para águas escuras ao lado dele, onde eu afundaria e ele nadaria. Minha única pergunta era: ele pegaria minha mão ou me deixaria afogar?

Eu não tinha certeza se me importava mais.

Beijei o corte que fiz em seu lábio inferior. A ação inundou a sala com meu pedido de desculpas silencioso, provocando um ruído em sua garganta que cheirava a desprazer, mas a sensação de inchaço por dentro me obrigou a continuar.

Eu arrastei meus lábios para beijar o canto de sua boca, então a cicatriz fina, que eu suavemente passei minha língua. Com um som áspero, ele agarrou meu queixo e inclinou minha cabeça para trás para que eu encontrasse seus olhos.

— Eu pensei que você tinha reservas sobre me beijar.

A Bíblia cavou em minha espinha. Eu tinha certeza de que nunca houve um sinal mais claro para resistir ao pecado do que a escritura literal queimando as costas, mas a ideia não me impediu de olhar o diabo nos olhos e dizer duas palavras que me levariam direto para as portas do inferno.

— Eu menti.

Duas batidas de coração se passaram, seu olhar era uma noite escura e tempestuosa que carregou o ar com eletricidade.

— Esse é um mau hábito.

— Mm — foi tudo que consegui controlar, meu corpo inteiro vibrando sob a superfície.

Eu exalei quando ele deslizou o polegar pela minha bochecha, e um olhar satisfeito e vilão tão parecido com ele tocou seus lábios. — Não se preocupe, *kotyonok*... — Ele se inclinou e acariciou meu pescoço, seu hálito quente causando arrepios na minha pele. — *Ya vyyebu vsyu lozh iz tebya.*[24] — A declaração soou como uma ameaça, mas não houve tempo para refletir sobre isso.

Ele rasgou meu macacão.

Botões saltaram e se espalharam pelo chão. As costuras finas rasgaram facilmente as duas coxas, deixando apenas as alças finas intactas.

Eu não estava usando sutiã – o que era um ajuste normal do guarda-roupa desde que estou aqui – e assim que o ar frio tocou meus seios nus, ele também fez, moldando a pele macia de um para caber em sua mão antes de apertar.

Minha pele estava tão sensível que zumbia. A aspereza de sua palma fez meu corpo tremer. Eu estava queimando por toda parte, a simples fricção de Armani me marcando com uma ponta quente e incerta. Eu não conseguia fazer nada além de ficar deitada, meus pulsos permanecendo onde ele os colocou, acima da minha cabeça.

Suspirei, meus dedos se fechando em punhos, quando ele chupou um mamilo em sua boca. O prazer deslizou para o sul, obrigando-me a levantar meus quadris para encontrar sua ereção. Com uma raspagem de seus dentes, ele se afastou, deixando as pontas dos meus seios apertadas e doloridas.

Enquanto ele puxava minha calcinha para baixo em minhas coxas, de repente soube que não haveria mais preliminares envolvidas; as mãos no meu corpo eram ásperas e egoístas. Embora, este homem tivesse uma fraqueza mortal: a névoa de cobiça em seus olhos me disse que ele estava além do ponto de razão. A visão deveria me assustar. Em vez disso, eu só queria deixá-lo pegar o que quisesse de mim.

Com um olhar semicerrado, eu o observei levantar minhas pernas para puxar minha calcinha. Ele jogou o tecido para o lado, então agarrou a parte de baixo das minhas coxas e as empurrou de volta para o meu estômago. Um rubor me consumiu com o quão exposta eu estava, mas o calor de seu olhar

no meu sexo, como se ele não tivesse certeza do que fazer com isso primeiro, inchou uma dor crua por dentro.

Eu deixei minhas panturrilhas caírem para tocar as costas de suas mãos e instintivamente espalhei minhas pernas mais longe. Um olhar aquecido encontrou meus olhos antes que ele soltasse uma das minhas coxas, corresse dois dedos pelo meu clitóris e os empurrasse para dentro de mim. Conforme a pressão quente se expandia, eu arqueei minhas costas, um gemido passando por meus lábios. Eu agarrei a borda da almofada do sofá acima da minha cabeça, incapaz de fazer qualquer coisa além de balançar meus quadris contra sua mão para acender o fogo.

Ronan largou minha outra perna, agarrou meu rosto e forçou meu olhar a encontrar o dele. — *Eto moye.* — *Isso é meu.* Ele pontuou as palavras ásperas enfiando os dedos dentro de mim.

Meus olhos rolaram para trás, estrelas voando. O prazer lambeu minhas veias, crescendo e crescendo, até que o sentimento era tudo o que existia.

Ofegante, levantei minha cabeça para ver sua mão entre minhas pernas, então a deixei cair de volta no sofá com um gemido quando ele esfregou meu ponto G. Eu estava tão perto do lançamento – *tão* perto que faria qualquer coisa para chegar lá.

— Não pare — eu respirei.

— *Ty dash 'mne trakhnut tebya?*[25]

Eu não sabia o que ele disse, mas não tinha certeza se compreenderia as palavras mesmo que ele as falasse em inglês. Eu só pude fechar meus olhos e perseguir a fricção até que ele pressionou seus lábios em minha orelha e

exigiu — *Otvet 'mne.* — *Me responda.* As palavras eram suaves e grosseiras, mas mesmo assim uma ordem.

Não tive fôlego para dizer que ele falava russo. Tudo que eu sabia era que, se ele continuasse me tocando, ele poderia ter qualquer coisa que quisesse: meu coração, minha alma, anal – *qualquer coisa.* Então, esperava que ele procurasse uma resposta "sim" e concordei.

Ele puxou abruptamente os dedos. A liberação interrompida, e desespero queimou através de mim em ondas.

— *Não. Por favor* — eu implorei, meus olhos abrindo. — *Por favor...*

Ele cobriu minha boca com a mão e empurrou em mim com um impulso forte que arrancou um grito de dor da minha garganta. Parecia uma lança de fogo, queimando com tanta intensidade que as lágrimas se acumularam em meus olhos. Eu agarrei seu antebraço em busca de algo para segurar, minhas unhas cegas cavando através da manga de sua camisa. Reflexivamente, minhas costas arquearam em um esforço para empurrá-lo, mas ele era muito pesado para remover.

O coração de Ronan batia forte contra meu peito, cada centímetro de seu corpo tenso. — *Kotyonok... yesli ya* — Ele cerrou os dentes e tentou novamente em inglês. — Se eu retirar, terei sangue no meu pau?

Eu não sabia como ele esperava que eu respondesse com a palma da mão ainda cobrindo minha boca, então eu apenas balancei minha cabeça em uma mentira esperançosa. Foi o momento perfeito para uma lágrima escorrer pela minha bochecha e pela mão dele.

Ele observou a lágrima descer como se fosse ácida, então puxou a palma da mão e apoiou as duas no sofá ao lado da minha cabeça. — *Foda-se* — ele

rosnou antes de fechar os olhos e expirar. — Por favor, me diga que você é apenas uma foda muito apertada e emocional, Mila.

Obviamente, acabei de entregar minha virgindade ao homem mais charmoso da Europa.

Ronan já sabia a resposta, mas parecia que estava se agarrando a qualquer coisa. Um aperto no estômago se espalhou com a sensação de que ele acabaria com isso se eu confirmasse que era virgem. Mesmo que a plenitude estranha dentro de mim queimasse, as paredes do meu peito ameaçaram desmoronar se ele puxasse. Eu não tinha certeza se era dor ou outra coisa que convenceu outra lágrima a correr pela minha bochecha.

— Acho que só estou com um pouco de poeira nos olhos — disse eu, trêmula, com a garganta grossa.

Ele olhou para mim por um momento antes de soltar um ruído frustrado entre os dentes. Eu estremeci com a picada quando ele se inclinou para trás para que pudesse ver seu comprimento grosso deslizar alguns centímetros. Quando uma gota de umidade desceu pela minha coxa, percebi que ele provavelmente encontraria evidências de que estourou completamente minha cereja.

— *Malen'kaya lgunishka*... —Ele murmurou, confirmando que eu sangrei.

Eu forcei um gole quando ele passou a mão pela boca, seu olhar ainda entre minhas pernas. Não sabia se ele ficou fascinado com a visão do sangue ou se achou que isso lhe daria algum tipo de reação alérgica que arruinaria sua noite inteira.

Aparentemente, ele estava disposto a arriscar porque, com uma respiração áspera, ele agarrou meus quadris e recuou para dentro. Inalando, eu

lentamente me ajustei à plenitude dele dentro de mim antes que ele puxasse um pouco novamente. Ele se viu me foder um centímetro de cada vez, o olhar em seus olhos nublado como um trovão. Seu aperto ameaçou machucar, mas com cada deslizamento lento, a pulsação no meu núcleo começou a aquecer e formigar. Eu me mexi, o que o empurrou para dentro tão fundo que ele atingiu um ponto agradável que tirou um pequeno zumbido dos meus lábios.

— *Foda-se*. — Ronan se afastou de mim como se eu estivesse pegando fogo, soltando um rosnado zangado e torturado como se *eu* fosse a vilã na sala que acabou de roubar sua inocência. Ele me deixou deitada ali nua, uma frieza trêmula em minhas veias e um vazio inchando entre minhas pernas. A confusão correu desenfreada quando o senti caminhar para o outro lado da sala.

— Eu não *fodo* virgens, *kotyonok*. — Foi uma declaração fria e intransigente.

Eu vacilei como se ele tivesse me dado um tapa. As palavras foram um golpe, considerando que ele simplesmente pegou algo que eu não poderia dar a mais ninguém e, em seguida, jogou fora como se o incomodasse. Meu coração apertou. Não me senti tão vulnerável em toda a minha vida. Uma massa quente e pesada invadiu minha garganta.

Com as mãos trêmulas, fechei meu macacão rasgado o melhor que pude e me sentei, sentindo-me tão enjoada e ingênua. Eu não sabia por que fiz isso comigo mesma; por que eu me importava tanto, as lágrimas queimavam atrás dos meus olhos, porque eu não poderia odiá-lo mesmo agora. Se qualquer coisa, eu me desprezei por servir a vulnerabilidade de Ronan em uma bandeja de prata, apenas para ele me rejeitar como vodca barata.

Je ne pleurerai pas. Tu ne pleureras pas. Nous ne pleurerons pas. Eu não vou chorar. Você não vai chorar. Não vamos chorar.

O orgulho queimou como uma úlcera no estômago ao pensar em Ronan vendo o quanto ele me afetou. Então, mesmo quando uma lágrima escapou, consegui uma resposta mal-humorada e instável.

— Eu queria pétalas de rosa e velas acesas pela primeira vez, mas, realmente, o que poderia superar isso?

Ele estava de costas para mim como se ele nem quisesse olhar para mim. — Confie em mim, eu te fiz um favor.

Honestamente, o que eu esperava entregando minha virgindade ao homem que me raptou? O fato de que essa frase ainda existia na minha cabeça me disse que eu precisava de ajuda.

Ficando de pé, um escárnio ressentido subiu na minha garganta. — Sim. Eu posso sentir suas boas intenções. Elas são um raio de sol quente.

Ele soltou uma respiração sombria e amarga e se virou para mim, seus olhos ferozes. — Eu juro, seu corpo inteiro iria senti-los como o peso da porra do sol se eu ficasse dentro de você mesmo mais um segundo.

Eu segurei seu olhar, as palavras passando por mim, mas incapaz de encontrar apoio entre a humilhação e autoaversão dentro de mim. Tudo o que eu queria agora era lamber minhas feridas em qualquer lugar que Ronan não estivesse. Pena que eu não poderia comer minhas mágoas em uma caixa de sorvete sem a chance de colocar uma colher de cianeto na mistura. Este lugar é uma merda.

Dei um passo em direção à porta, mas parei quando ele falou.

— Você não vai sair deste maldito quarto — ele rangeu, parecendo completamente enojado de mim.

Hoje ia me dar um enorme complexo.

— *Sente-se*.

A frustração queimava minha espinha, mas eu sabia que se recusasse, ele me colocaria fisicamente no sofá. Eu não tinha energia para lutar com ele agora – tentar manter as paredes do meu peito juntas era uma batalha própria – então, entorpecida, eu sentei, olhando para tudo menos para ele. Dizer que o quarto estava uma bagunça seria um eufemismo. Yulia teria uma convulsão.

Eu encarei a parede enquanto Ronan se agachava na minha frente. Minha garganta apertou quando ele enxugou uma lágrima da minha bochecha. Fiquei tentada a afastar sua mão, mas o calor da carícia me oprimiu, puxando o cordão em volta do meu coração.

— Pare de chorar — ele exigiu suavemente.

— Não.

Sua mão caiu do meu rosto. — Continue chorando então. Não pare até que eu diga.

As lágrimas de repente arderam como alvejante e tentei afastá-las dos meus olhos. Ele fez um som seco de descrença na garganta, e eu percebi que estava muito perturbada para deduzir que ele estava usando psicologia reversa em mim. Aparentemente, ele aprendeu que eu faria o oposto de tudo o que ele ordenasse.

Ficou em silêncio por um segundo antes de ele falar. — Eu não posso te foder assim, *kotyonok*.

Eu não queria falar com ele agora, mas também estava curiosa demais para deixar a pergunta da cerveja de lado.

— Como o quê?

— Como você precisa.

Puxei meu lábio entre os dentes, a incerteza e os sentimentos dentro de mim subindo e descendo como um ioiô. A confusão tornou-se muito grande. O momento era demais.

Finalmente, encontrei seu olhar. — Posso ir agora?

Ele segurou meu olhar por um instante, um músculo pulsando em sua mandíbula. — *Nyet*.

Suspirei de frustração. — O que mais você precisa de mim esta noite? Eu não me importo se você me enviar cinco emojis de pêssego, eu não vou te dar minha virgindade anal também.

— Foda-se — ele riu asperamente. — Pare de falar sobre ser virgem.

— Por quê? Isso faz você se sentir culpado?

— Isso me faz querer ser o primeiro a tomar sua bunda também.

Ignorando o calor subindo pelo meu pescoço, levantei uma sobrancelha. — Qual é o ponto quando você toma por dois segundos?

Seu olhar endureceu, então uma exalação irregular escapou de mim quando ele agarrou minhas coxas e puxou minha bunda para a beira do sofá. Eu tive que apoiar minhas mãos atrás de mim para manter qualquer tipo de pose digna.

— Não abra as pernas, *kotyonok*.

Eu olhei para ele, não querendo deixar o truque funcionar desta vez. Tecido rasgado se partiu, revelando as curvas dos meus seios, meus mamilos endurecendo com o ar frio. Por que eu sempre sou a nua? A única parte nua de Ronan que eu vi foram alguns centímetros de seu pau porque o resto estava dentro de mim.

— Como você está dolorida? — Ele perguntou asperamente, seu olhar deslizando lentamente pelo meu corpo nu para encontrar o meu.

Minha garganta ficou apertada quando percebi que ele se sentia um pouco culpado. O pensamento despertou uma estranha sensação de consolo, espalhando algo quente e pesado que derreteu toda a tensão interna.

— Dolorida — eu exalei.

Ele murmurou algo em russo que irradiou pela minha espinha. Quando ele empurrou minhas pernas, elas obedeceram.

Ele dedilhou o topo de uma das minhas meias até a coxa, rosnando: — Essas fodidas meias, Mila. — Ele puxou um um pouco para baixo e mordeu a carne por baixo, enviando um arrepio quente por mim.

Afastando-se, o calor de seus olhos aqueceu meu sexo, a dor por dentro voltando à vida e pulsando. Eu estava ficando quente em todos os lugares, a sensação foi interrompida por uma onda fria de timidez quando reconheci sua intenção.

— *Espere* — eu soltei e tentei me livrar de seu aperto mas, como sempre, ele não se mexeu.

O olhar que se ergueu para meu rosto foi aquecido e estreito com uma pergunta silenciosa.

— Eu sangrei. — Meu corpo ficou tenso em suas mãos, pronto para fugir da situação embaraçosa.

Sua expressão seca transmitiu que ele não entendia o que eu estava tentando fazer.

Fiquei nervosa com o fato de ter que explicar isso. — É... nojento.

Um segundo se passou e achei que ele queria rir, mas o humor foi contido pela intensidade de seu olhar. — Por mais que eu deseje o contrário, não há nada sobre você que eu possa achar nojento.

O calor que subiu ao meu rosto foi consumido pelo fogo quando ele foi direto para a dor ao redor da minha abertura, traçando-a com sua língua. A pressão doeu um pouco, mas o calor de sua boca a aliviou e enviou uma onda de prazer aos meus pés.

Com a respiração instável, reajustei minha inspiração no sofá, minhas coxas se abrindo na próxima volta de sua língua, que ele deslizou para dentro de mim. Minha cabeça tombou para trás, um gemido escapou dos meus lábios.

— Porra, *kotyonok. Dazhe tvoya kiska na vkus kak klubnika.*[26]

Eu entendi a essência da declaração, dada a menção de “boceta” e “morangos”. O russo sujo empurrou todas as reservas para o lado. Apoiando uma mão no sofá, deslizei a outra em seu cabelo. Corri minhas unhas sem corte em seu couro cabeludo e senti um arrepio fantasma em suas costas.

Ele estava ignorando meu clitóris, cada lambida fazendo-o pulsar em antecipação. Cada vez que ele se aproximava de onde eu o queria, eu balançava meus quadris para fazê-lo chegar lá, mas ele apenas puxou sua boca de volta para minha abertura, o que ele acalmou com atenção total.

Um fogo se espalhou sob minha pele, enviando um rubor para cada célula dentro de mim. Minha respiração acelerou para pequenas lufadas de ar, e a pressão em meu núcleo começou a esquentar, aumentar e formar bolhas. A parte plana de sua língua deslizou para cima, tão perto do meu clitóris que tremi, morrendo de necessidade.

— *Por favor* — eu implorei, meus dedos apertando em seu cabelo.

— *Nyet.*

Ronan sabia que isso me levaria ao limite. Eu queria reclamar que não era sobre ele, mas não tinha palavras para fazer isso – nem queria que isso parasse ainda.

Deslizando a palma áspera pela minha barriga, ele apertou um seio em sua mão. Eu soltei uma exalação frustrada quando a dor por dentro aumentou, desesperada para ser preenchida.

— *Mais.*

De alguma forma, ele entendeu o que eu precisava e deslizou dois dedos dentro de mim, imediatamente pressionando contra um ponto que fez meus olhos rolarem para trás. O calor de seu olhar aqueceu meu rosto, um gemido retumbando em seu peito.

— *Eta pizda byla sozdana dlya trakha.*[27]

A pressão se expandindo, o som de sua voz – tudo era demais. O empurrão final que me enviou sobre a borda foi ele deslizando sua língua sobre meu clitóris e chupando. O calor estourou, viajando pela minha espinha como chamas e chiando no meu sangue antes de se acalmar em um zumbido lânguido. Meu núcleo pulsou em torno de seus dedos. Meu clitóris ficou tão sensível que tentei empurrar fracamente sua cabeça para longe, mas ele demorou antes de parar.

Eu vibrei em todos os lugares no rescaldo, um silêncio assumindo o controle e me mergulhando na escuridão saciada. Eu não sabia quanto tempo se passou antes que ele me levantasse e me carregasse para o meu quarto, mas eu sabia que adormeci antes que minha cabeça batesse no travesseiro.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ronan

xantofobia

(N.) medo da cor amarela

A ESCURIDÃO PROJETAVA sombras NO QUARTO, embora um brilho dourado envolvesse a forma adormecida de Mila como um halo. O brilho estranho pode ser um truque da luz, mas a noite era sem lua, o que significa que não havia nenhuma luz, porra. Com uma sensação de aborrecimento, percebi que precisava verificar minha visão.

Meu olhar se estreitou enquanto descia por seu corpo – de sua bochecha descansando em uma cortina de longos cabelos loiros, para a respiração superficial escapando de lábios entreabertos, para o subir e descer de seus seios, e a fatia de pele visível que se arrastava até seu umbigo. A vista era o sonho molhado de um pintor; a garota perfeita demais para ser real.

Eu queria dar um tapa nela.

O pensamento era a única coisa que explicava o leve tremor em minhas mãos. Coloquei-as nos bolsos, sem ter certeza da reação bizarra, considerando que minha garganta se apertou de repulsa com a ideia de realmente seguir em frente. Embora colocar algum bom senso em Mila possa beneficiá-la. Talvez então ela não se desculpasse com os homens que a

sequestraram e degradaram. Ou adormecer em seus braços depois de tirar a virgindade dela.

Eu não deveria ter levado ela tão forte, mesmo acreditando que ela não era virgem. Eu, especialmente, não deveria ter continuado a foder com ela depois de saber a verdade, incapaz de encontrar a vontade de parar imediatamente. Minha consciência estava dando uma festa – com chá, biscoitos e balões esvaziando patéticos. Foi desconfortável *pra* caralho. Especialmente porque eu ainda podia prová-la em minha boca, sentir seus dedos em meu cabelo e ouvir o som de seus gemidos ofegantes. Tudo isso se enterrou sob minha pele, acomodando algo pesado em meu peito. Parecia... Câncer.

Quando ela estremeceu em seu sono, eu automaticamente dei um passo à frente para cobri-la, mas me contive, um frustrado “Jesus Cristo” passando por meus lábios.

Passando a mão pela boca, reconheci que Mila era tão contagiosa quanto diziam que era sua mãe. Ela estava claramente causando efeitos nocivos em minha saúde. O brilho que meus olhos pintaram em sua pele de repente ficou claro: era um sinal de alerta perto de uma piscina iluminada por lixo radioativo.

Eu precisava me livrar dela.

O pensamento era um cabo de guerra dentro de mim; um conflito que apertou meus músculos, puxando e repuxando cada tendão tenso. A parte justa de mim dizia que Mila não pertencia aqui. Embora outra parte veio à tona, dizendo-me que *eu* tirei sua virgindade. Ela era minha.

Aparentemente, a primeira mulher a me colocar de joelhos em mais de uma década foi essa, e tudo que me arrependi foi o fato de Mila poder gozar com a queda de um chapéu. Ela tinha um gosto tão bom, eu queria fodê-la com minha língua por no mínimo uma hora. A memória disso e o quão apertada ela era inundou meu peito; enviou meu sangue fervendo para a superfície da minha pele. Uma vontade incontrolável de deslizar entre suas coxas e acordá-la com minha boca começou a nublar minha mente e julgamento.

Eu me virei e dei o fora dali.

Com os ombros tensos, desci as escadas para a biblioteca e servi um drinque, então me sentei atrás da minha mesa. Eu agitei a vodca no copo, olhando para ela pensativamente, até que descobri um plano de ação. Ignorando as várias mensagens de Nadia, mandei uma mensagem para Albert, cuja presença senti entrar na sala um momento depois.

— Solte Ivan — eu disse em russo, mantendo meu olhar na minha bebida. — Ele pode pegar uma carona até Moscou nu.

— Os homens não vão gostar.

Em qualquer outra circunstância, Ivan teria quase dois metros de profundidade. O dia em que ele ficou do lado de Alexei foi o dia em que ele morreu para mim. Eu teria tido o controle de Moscou anos antes se Ivan não me traísse, me fodesse e então desaparecesse – para onde agora eu sabia que foi Miami. Eu adoraria colocar uma bala em sua cabeça. Embora houvesse um grande peso no meu peito sobre como as coisas aconteceram esta noite e que eu não tinha certeza se teria parado se Mila não cedesse. Posso estar no caminho certo para o inferno, mas nunca forcei uma mulher antes. Eu nunca perdi todo o senso de controle assim. Isso me fez sentir como os clientes merdosos que minha mãe recebia. A única maneira que eu consegui pensar

para aliviar o sentimento era liberar Ivan – amigo/amante de Mila/o que diabos ele fosse.

— Diga a ele para avisar a Alexei que o negócio é no sábado.

Albert ficou quieto por um segundo antes de responder: — Achei que ele não fosse morder.

Eu não disse nada, mas não precisava. Felizmente, Albert não questionou mais.

— É segunda-feira.

Eu olhei para cima para encontrar seu olhar. — O que é você, um âncora de notícias? Você vai me dizer como está o tempo a seguir?

— Estou apenas curioso para saber por que você precisa do resto da semana para fechar o negócio.

Meus olhos endureceram. — Porque eu posso levar tanto tempo quanto eu quiser. — E porque eu estava me comprometendo com os dois lados do conflito dentro de mim, a ideia de deixar Mila partir invocou.

O fato de ela ser virgem fodia tudo. Eu não tinha paciência para ir devagar e doce e fingir que a mulher significava qualquer coisa para mim além de uma boa transa. Embora o pensamento de outra pessoa dando isso queimasse como ácido em minhas veias.

Saber que fui o primeiro a estar dentro dela me fez sentir um pouco... egoísta, como uma criança na manhã de Natal que não quer compartilhar sua nova arma de chumbo. E assim como aquela arma seria esquecida uma semana depois, o mesmo aconteceria com a ganância irritacional que

experimentei em relação a ela. Então eu teria minha vingança e nunca mais associaria o amarelo a nada além de frutas tropicais.

— Eu tinha certeza de que você gostaria de lidar com Ivan.

Meu aperto aumentou no vidro, uma escuridão queimando em meu peito. Tudo que pude ver desde que Kostya empurrou o vídeo de vigilância na minha cara foram as mãos de Ivan em Mila. A merda mais nauseante que eu já vi. E irritante. A visão cobriu minha visão com uma névoa vermelha, a raiva empolando meu sangue. Obriguei-me a permanecer em Moscou até que as chamas esfriassem, mas imaginei que deveria ter ficado mais tempo.

— Diga a ele que vou matá-lo se voltar a ver seu rosto — foi tudo o que eu disse. Eu nunca tinha falado palavras mais verdadeiras, por isso não conseguia olhar para ele agora sem recuar na decisão que tomei de libertá-lo.

Sem dizer uma palavra, Albert desapareceu para cumprir meu pedido.

Agora que isso estava fora do caminho, bebi a vodca do meu copo e me concentrei em assuntos mais importantes. Como o produto que lavaria o sangue virgem que ainda está segurando meu pau como um torno.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Mila

mamihlapinatapai
(N.) um olhar entre duas pessoas que sugere
um desejo não expresso e compartilhado

— Onde ESTÁ ELE? — Eu EXIGI.

Yulia estava sentada em uma cadeira de balanço costurando um vestido preto de boneca. O olhar astuto que ela me deu por trás dos óculos antigos me fez sentir como se ela conhecesse todos os acontecimentos pecaminosos da casa – incluindo o de ontem à noite. Sob seu olhar, eu mudei e esbarrei em um retrato emoldurado dela que estava na mesa de cabeceira.

— Saia do meu quarto antes que quebre as coisas — Yulia resmungou.

Eu endireitei o quadro. — Isto não é um quarto. É um necrotério. — Tudo era tão monótono e preto que duvidava que alguém notasse a diferença se uma mesa de embalsamamento ocupasse o lugar da cama de solteiro. As únicas decorações que animavam o espaço eram os olhares cegos de várias bonecas.

— Onde está Ivan? — Eu repeti.

Eu dormi a noite inteira, não acordando até que o sol acariciasse minha pele. Eu pensei que tinha tido um sonho sexual bizarro até que vi meu vestido

rasgado. Eu gostaria de poder dizer à sra. Marta que estava vivendo a vida de um de seus rasgadores de corpete – com mais assassinatos e muito menos declarações de amor, pelo menos – mas minha antiga tutora provavelmente estava morto. O pessimismo de Ronan estava passando para mim. Bem como outras coisas.

Eu não ia analisar o que aconteceu entre nós porque era simplesmente muito para processar. E eu tinha outros assuntos com que me preocupar – como Ivan apodrecendo na masmorra. Embora quando desci lá esta manhã com um pouco de comida que roubei da cozinha, sua cela estava vazia.

— Eu não sei — Yulia disse simplesmente. Então uma melodia irritante e cúmplice tocou sua voz. — Por que você não pergunta ao mestre?

O calor atingiu minha nuca. — Em primeiro lugar, pare de chamá-lo assim. É além de estranho. Em segundo lugar, não vou perguntar a ele porquê... bem... — Eu parei, ficando mais nervosa enquanto um sorriso satisfeito brincava nos lábios finos de Yulia, seus olhos focados nos golpes de sua agulha de costura.

Eu tinha um bom motivo para não perguntar a Ronan, e tinha tudo a ver com estar nervosa como o inferno. Não havia a menor chance de eu admitir isso. Eu não sabia onde ele e eu estávamos agora, ou como agir perto dele. Já havia passado da hora do café da manhã, mas ele não mandou me chamar. Ele provavelmente estava recebendo uma tigela de cereais coloridos do gêmeo faminto por sexo de Kylie sem nenhuma preocupação no mundo agora, a noite esquecida assim que ele derramou meu sangue virgem sobre ele.

Afastei a sensação incômoda e continuei: — Em terceiro lugar, sei que você sabe onde Ivan está, então por que não alcança seu bom coração católico e

me diz?

— Eu não sou católica — ela reclamou, seu olhar afiado. — Eu sou ortodoxa.

— Mesma coisa.

— Isso não faz sentido — ela murmurou, voltando sua atenção para a pequena bainha de renda que estava costurando. Eu não pude deixar de notar que o design combinava com o vestido de Yulia.

Fechei os olhos por um segundo e respirei fundo antes de abri-los. — Escute, se você me disser onde ele está, eu irei embora. Se não... — Com uma expressão recatada, mudei-me para a prateleira de bonecas, ignorando o "Não ouse!" de Yulia e pegando uma. — Aw, ela não é fofa? — Eu fiz beicinho em pensamento, olhando para ela. — Eu não acho que o vestido preto combina com a personalidade dela. Vou encontrar algo amarelo para ela vestir. — Eu dei um passo em direção à porta.

— Eles o deixaram ir — ela rosnou.

Pausando, eu me virei. — O quê?

— Você não consegue ouvir? Eles libertaram o traidor.

Meu batimento cardíaco martelou em meus ouvidos. — Por quê?

— Largue a Lada — ela insistiu, os olhos fixos na boneca como se fosse sua filha e eu estivesse prestes a derrubá-la de uma ponte.

— Diga-me por quê e eu o farei.

Ela fez uma careta e acenou com a mão desdenhosa. — Ele é apenas um lacaio. Não é o que o Mestre quer.

Meus olhos se estreitaram. — O verdadeiro motivo.

Ela devolveu o brilho por um instante, mas vendo que eu não sairia sem conseguir o que queria, ela disse como se estivesse arrancando dentes: — Eles não vão matá-lo, embora ele seja um traidor inútil. Eles compartilharam um tempo na prisão. — Então ela franziu a testa, pensativa. — Eles provavelmente o torturaram um pouco.

Eu engoli, esperando que Ivan ainda tivesse todos os dedos das mãos e dos pés, mas um peso foi tirado de meus ombros com o fato de que ele estava vivo. Eu não entendi por que eles o capturaram se eles simplesmente o deixariam ir. Sem mencionar que, quando falei com Ivan, ele acreditou que Ronan o mataria. Tive a sensação de que algo havia mudado entre ontem e esta manhã, e minha mente só conseguia se concentrar no que aconteceu na sala de estar após o pôr do sol.

Perguntas – *tantas questões* – levantadas. Eu poderia exigir respostas, embora achasse que já tinha empurrado Yulia longe demais pelo olhar que ela me deu enquanto enfiava a agulha na almofada de alfinetes como se fosse uma boneca de vodu.

Cautelosamente, coloquei Lada de volta na prateleira e me virei para a porta. — Obrigada, Yulia.

— Venha para o meu quarto de novo, você terá azar por sete anos!

— Grouch — eu murmurei ao sair, apenas para ouvir um insulto significativo em troca.

— *Prostituta.*

Ugh.

◄ ⁂ ►

Fiquei aliviada ao ver que a sala de jantar estava vazia, exceto por um único prato cheio no meu lugar à mesa. Depois de pegar o prato, coloquei minhas botas e casaco e saí. Os homens não ficavam mais em silêncio na minha presença, agora acostumados a me ver vagando na neve. Pavel até veio me cumprimentar, seguindo meus passos até o canil enquanto experimentava um pouco do inglês que estava tentando aprender. Foi horrível, mas nunca contaria a ele.

Albert latiu para Pavel, que me deu um sorriso de desculpas. — Eu saio agora. Chefe me ensina como... — Enquanto ele coçava a cabeça pensando, uma estranha sensação de antecipação cresceu no meu estômago apenas com a menção de Ronan, sabendo que ele era o único referido como “chefe” por aqui. Incapaz de dizer a palavra, Pavel moveu as mãos como se estivessem em um volante.

— Dirigir? — Eu forneci.

— Sim. Ele me disse que eu sou uma merda.

Uma risada me escapou. Pavel provavelmente deveria deixar Ronan ensiná-lo a dirigir, e não inglês.

— Bem, é melhor você ir aprender então.

Ele corou, baixou a cabeça e foi em direção ao carro.

Quando cheguei ao canil, sorri para Misha, que caminhava animadamente pela cerca. Um pastor alemão gigante com pelo preto sólido, parecia ameaçador, mas sempre me cumprimentava abanando o rabo.

Albert tinha me falado os nomes de todos os cachorros e também para não os alimentar com comida humana, pois isso os deixaria gordos e preguiçosos. Eu perdoei o gigante por sua parte no meu sequestro, mas também pensei que ele poderia jogar suas exigências no lixo junto com suas pontas de cigarro.

Ajoelhada na neve com meu casaco de pele, distribuí o café da manhã no meu prato e brinquei: — Vocês todos serão veganos em pouco tempo.

Xander deixou cair um morango com um olhar oportuno de desgosto.

— Ok, talvez não — eu ri.

Dezoito dias se passaram desde que minhas férias em Moscou deram uma reviravolta. Apenas duas semanas e meia, mas parecia uma eternidade. Era um pouco triste dizer que sentiria mais falta de alguns dos cachorros daqui do que das amizades superficiais que ganhei em mais de vinte anos em Miami.

Khaos não estava preguiçoso no canto como um leão esta manhã, o que me dizia que ele estava dentro do canil, provavelmente fazendo um esforço para me evitar. Guardei o melhor pedaço de comida para ele, embora ele sempre recusasse minhas ofertas como se fossem comida de camponês.

A neve começou a encharcar meu casaco, mas o frio era melhor do que andar na ponta dos pés pela casa para evitar Ronan. Embora, assim que o pensamento me atingiu, também aconteceu um formigamento elétrico que

desceu pelas minhas costas, diminuindo meu batimento cardíaco em pequenos baques.

Virei minha cabeça para ver Ronan saindo pela porta da frente vestindo Brioni sem paletó, com uma arma na cintura. Minha garganta ficou grossa. Eu me perguntei se a pistola seria a que ele usaria para atirar na cabeça do meu papa. Não tinha mais nada para negociar para salvar meu pai; nada que eu já não tivesse oferecido apenas para ser rejeitado.

O olhar escuro de Ronan encontrou o meu, quente como o sol e frio como um chicote de vento gelado. O olhar me lembrou de Bíblias descartadas, pulsos contidos e pele nua. Minha respiração desacelerou, cada sopro de ar congelado mais difícil de empurrar. O contato visual começou a queimar; para procurar os cantos escuros do meu peito, deslizar pelas rachaduras e se espalhar. Incapaz de encontrar minha respiração ou controlar o fogo que corria desenfreado, fui a primeira a desviar o olhar.

Agarrei a cerca de arame frio, vagamente percebendo o nariz de Misha cutucando meus dedos enquanto a presença de Ronan pinicava minhas costas. Foi um desenvolvimento frustrante que meu corpo se iluminou como uma exibição de fogos de artifício quando o homem estava perto, deixando de lado todas as dúvidas de que ele mataria meu papa a sangue frio. Eu precisava de terapia. Ou igreja. Qualquer coisa para exorcizar os demônios que se enfureciam de ansiedade ao som de sua voz. Ele nem estava falando comigo, mas o russo trouxe de volta as palavras ásperas que ele me disse ontem à noite com a cabeça entre minhas coxas.

Fechei meus olhos enquanto um rubor subia sob minha pele, ardendo em contato com o ar gelado. É claro que um “foda” saiu de sua boca, lembrando-me de quando ele disse isso dentro de mim. A rouquidão de sua

voz me marcou como uma marca, a queimação lambendo a dor em meu núcleo e deixando uma dor vazia para trás.

Uma amostra do pecado, e agora eu estava morrendo por outra.

As portas do carro se fecharam, então o som de pneus se moveu pelo caminho. Eu soltei uma respiração irregular. Eu não sabia o que esperava depois de perder minha virgindade, mas se essa insanidade era o que todos sentiam, como qualquer outra coisa poderia ser feita além da procriação?

Minhas pernas estavam ficando dormentes, então dei a Misha um último petisco, depois levantei com meu prato e me dirigi para o anexo. Khaos estava deitado em uma cama rasgada que vazava enchimento de seu canil de arame. Meu coração afundou quando vi que sua pata estava sangrando, manchando o chão de cimento com algumas gotas de vermelho.

Abaixei-me de joelhos na frente de seu canil para ter uma visão melhor. Algo afiado estava preso entre as almofadas das patas. Seu olhar me seguiu, mas ele não estava rosnando para uma mudança, então eu abri o portão e lentamente entrei, falando palavras suaves e encorajadoras enquanto observava qualquer sinal de que o deixasse desconfortável. Ele não fez nada além de me ver com olhos escuros de aço.

Nervosamente, fiquei a poucos metros de distância, nunca tinha estado tão perto antes. Até Albert mantinha distância, empurrando a tigela de comida de Khaos para baixo do portão com a bota. A ideia que eu estava chegando em algum lugar fez meu peito apertar com esperança, mas a emoção desvaneceu quando os pensamentos surgiram sobre como ajudá-lo. Eu me perguntei como alguém removeria o objeto em sua pata sem nocauteá-lo. E eu sabia por experiência própria, ser drogado é uma droga.

— Posso ver sua pata, amigo?

Eu xinguei, um brilho real nos olhos do cachorro disse "*nyet*" como se eu fosse um servo invadindo seu descanso.

— Você vai ficar deitado aqui com esse espeto na pata para sempre?

Ele afastou a cabeça de mim como se eu fosse uma grande perda de tempo. O cachorro tinha a estranha habilidade de me fazer sentir abaixo dele.

— Bem. Não olhe para mim — eu disse, estranhamente desprezada. — Mas sua escolha sou eu ou etorfina e, acredite em mim, a última deixa uma enorme dor de cabeça.

Ele lambeu a perna da frente, entediado com qualquer coisa que eu tivesse a dizer. Surgiu um sentimento de que ele sabia que precisava de ajuda, ele simplesmente nunca se dignaria a admitir. Eu compartilhava do traço teimoso, e isso só me fez mais simpática à sua situação. O fato de eu estar tão perto dele e ele não estar de pé me deu coragem para chegar mais perto. Minhas mãos ficaram úmidas e as limpei no casaco.

— Isso pode doer um pouco, mas não me odeie, ok?

Com uma inspiração trêmula, agarrei a vareta e a puxei para fora. Movimento, pelo eriçado de zibelina e um rosnado encheram o canil. Tudo aconteceu tão rápido que não percebi as marcas de punção sangrando em meu pulso até que minha visão começou a pontilhar e um tremor queimou em minhas veias.

Khaos me mordeu.

Uma dormência fria se espalhou do ferimento até meu braço. As marcas não eram tão profundas, mas ele deve ter cortado uma artéria porque o sangue

pingava constantemente no chão. Com um rosnado, Khaos se afastou de mim para o canto do canil.

Meu pulso começou a latejar, mas mesmo com a dor, não o culpei por me morder. Às vezes, eu golpeava a peça de mobília em que bati meu dedão do pé. Minha preocupação crescente era devido ao fato de que eu não comia uma refeição decente há dias. O vazio em meu estômago revirou. Minha pressão arterial caiu tão baixo que deixou minha cabeça girando e meus músculos fracos. Apoiei minhas mãos no chão de cimento frio e respirei fundo para balançar a escuridão subindo, mas não ajudou.

Eu desmaiei.

A consciência voltou, mas assim que abri os olhos, eu os fechei com força ao ver Khaos parado sobre mim, com os dentes afiados à mostra. Minha frequência cardíaca disparou, o medo agarrando meus pulmões.

— Por favor, não me coma — eu soltei instavelmente. — Eu não vou ter um gosto muito bom para você. Eu sou vegana.

Um bufo veio dele, seu hálito quente aquecendo meu rosto. Um tremor passou por mim enquanto eu estava deitada no chão de cimento com uma fera faminta por sangue decidindo se eu era comestível. Mesmo um cachorro maluco não tinha certeza se eu valia a pena.

— Se você vai fazer de mim um lanche, faça logo. — Eu não sabia se era o medo da morte ou a baixa de açúcar no sangue que de repente obstruiu minha garganta de emoção. — Ninguém vai sentir minha falta. — Um nariz frio cheirou minha bochecha. — Minha mãe está morta e aparentemente era uma sádica. Meu papa também é uma pessoa terrível e provavelmente será torturado até a morte em breve. Ivan acha que sou uma traidora. — Uma

lágrima escapou. — O que está parecendo, se eu sair viva daqui, vou acabar na indústria do sexo. — As palavras saíram com um soluço. — E só vou ganhar alguns centavos porque sou uma foda emocional.

Uma lambida cheia de baba no meu rosto me tirou do meu devaneio patético. Cautelosamente, abri meus olhos para ver Khaos elevando-se sobre mim, sua expressão pensativa.

— Só para esclarecimento, isso significa que você me perdoa ou que decidiu que sou a sobremesa?

Ele inclinou a cabeça – então, aparentemente superando a situação, ele se deitou na cama e começou a lamber sua pata ferida. Uma respiração pesada saiu de mim. Eu tinha flocos de enchimento no cabelo, lágrimas nas bochechas e sangue escorrendo do meu pulso, mas quando me sentei ao lado de Khaos e ele me deixou passar a mão em suas costas, um senso de propósito preencheu um buraco em meu coração.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Mila

borborigmi

(N.) os sons estrondosos que seu estômago faz

Assim que cheguei na porta do canil, a porta se abriu para revelar um Albert com expressão autoritária. Eu dei um passo para trás, escondi meu pulso na manga do meu casaco e forcei uma expressão inocente. Seu olhar desconfiado deslizou do meu para contemplar o local atrás de mim.

— O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou.

— Cavando um buraco de fuga na floresta.

Albert estava acostumado com meu sarcasmo ou eu era a prisioneira mais patética da cidade. Ele nem mesmo considerou a possibilidade de que eu estava tentando escapar, seus olhos se estreitando no único cachorro no local.

— O que *você* está fazendo aqui? Achei que você tivesse saído para matar pessoas em Moscou. — Meu estômago embrulhou quando percebi que se Albert estava aqui, Ronan provavelmente também estava. Eles deixaram a casa juntos. Eu me perguntei se eles esqueceram as chaves do submundo e voltaram para buscá-las.

— Então você espera para fazer as coisas que não deveria fazer depois de sairmos?

Eu fiz uma careta em pensamento. — Sim. Parece certo. — Ele resmungou algo em russo e eu o empurrei. — Agora, com licença. Esse plano de fuga não correu muito bem, considerando o piso de cimento sólido, então preciso pensar em outro.

Eu só dei dois passos para fora da porta antes de sua voz me fazer parar.

— Mila. — A palavra foi um aviso baixo contra minhas costas. — Você está sangrando.

Olhando para baixo, vi algumas gotas carmesim na neve e fechei os olhos. Albert havia me avisado para ficar longe de Khaos. A ansiedade apertou meu estômago com o pensamento de que algo poderia acontecer com ele porque eu não dei ouvidos.

— O que aconteceu?

— Eu caí — eu disse suavemente.

— Você caiu.

— Uh-huh.

— Tente novamente.

Hesitei, cortando meu lábio entre os dentes. Albert amava os cães, embora tivesse preconceito sobre a ideia de eles serem gordos e preguiçosos. Eu só podia esperar que ele entendesse e Khaos não fosse punido.

Lentamente, eu me virei e permiti que Albert empurrasse a manga do meu casaco. Eu estremeci quando ele escovou a ferida. Ele percebeu a marca de mordida em meu pulso e suspirou.

— Eu disse para você não chegar perto dele, não disse? — A decepção em sua voz fez meu peito doer.

— Ele tinha algo preso na pata — eu expliquei densamente. — Eu puxei para fora. Ele não queria me machucar... Ele até me deixou acariciá-lo depois.

Albert balançou a cabeça. — Você tem sorte que ele não arrancou dedos. O último homem não teve tanta sorte.

Engoli em seco ao me lembrar de ter visto um guarda com apenas três dedos em uma mão. Eu gostava de todos os meus dez exatamente onde estavam, mas ainda não teria mudado minha opinião sobre ajudar Khaos – especialmente agora que eu tinha chegado a algum lugar com ele. Ele pode olhar para mim como se estivesse *me* fazendo um favor ao me deixar acariciá-lo, mas eu sabia que ele precisava de atenção. E distribuir afeto era um bálsamo para minha alma.

— Então você acredita em mim? Foi apenas um reflexo. Ele não queria fazer isso.

— Eu acredito em você, mas isso não muda o fato de que você precisa de pontos. — Ele suspirou e soltou meu braço. — Vá para casa.

— Você não vai punir Khaos, vai?

Ele me lançou um olhar longo e significativo. — Eu não vou.

Eu confiava nele, mas Albert, de repente, não era da minha conta. — Ronan está aqui?

— *Da.* Em casa.

O nervosismo que torceu meu intestino manifestou uma explosão de frustração. — Por que, de todos os dias, esse é o único que você teve que retornar inesperadamente? — Eu perguntei. — Um cativo não consegue fazer uma pausa?

Sua expressão estava seca. — Pavel atingiu um buraco e dirigiu o carro para dentro da vala.

— Oh... — Eu podia imaginar todos os "merda" que Ronan tinha a dizer sobre o incidente. — Ninguém está ferido, está?

— *Nyet* — ele respondeu, e então um pequeno sorriso apareceu. — Além do ego de Pavel.

Pobre Pavel. Embora eu não pudesse me concentrar nele por mais de um segundo, quando a dúvida se intensificou junto com a pulsação em meu pulso. Enquanto uma parte de mim acreditava que Ronan não se importaria com um pequeno ferimento na carne, outra me disse que Khaos poderia acabar na prisão.

— Você não vai contar a Ronan o que aconteceu, certo?

Albert resmungou. — Não abuse da sorte.

Esperança se espatifou e queimou, e, com um sentimento emergente de urgência, virei-me e voltei para a casa, deslizando pela porta para o chão recém-limpo que Yulia ainda estava esfregando perto da escada. Ronan

provavelmente estava na biblioteca, então fui até lá para explicar a situação antes que Albert tivesse chance.

— *Pare*!

Congelando, eu segui o olhar irado de Yulia para a lama que eu estava rastreando, assim como o sangue pingando do meu casaco.

— Não ouse dar mais um passo! — Ela rosnou.

Chutei minhas botas em direção à porta, espirrando mais lama no chão. Yulia gaguejou em indignação. Novamente, comecei a ir em direção ao meu destino, mas parei no próximo grito que atingiu meus ouvidos.

— E o casaco, ateia!

Eu olhei e desafiadoramente tirei o casaco, deixando-o cair em uma pilha suja no mármore. Antes que eu pudesse dar outro passo, Ronan apareceu do corredor que levava à biblioteca. Yulia ficou discretamente quieta e começou a esfregar o chão como se ela não estivesse apenas gritando insultos para mim.

O toque de seu olhar parou a batida do meu coração, lavando em calor e incerteza. Tentando esconder o ferimento como se fosse proteger Khaos, segurei meu pulso contra o peito, mas não consegui esconder o sangue escorrendo pelo meu braço. Ronan viu, seus olhos nublando como um céu escuro de inverno. Tive a sensação de que ele já sabia o que aconteceu – não graças à tecnologia do século XXI – e foi confirmado apenas um segundo depois.

Friamente, ele puxou a arma da cintura e passou por mim e saiu pela porta.

Meu estômago despencou. Uma sensação de gelo me chocou como um fio elétrico, congelando meus pés no chão. Assim que me dei conta do que ele planejava fazer, eu me virei e corri atrás dele. Na minha pressa, quase colidi com um guarda na varanda, que soltou uma maldição, mas não me dei conta dele, assim como o frio da neve sob meus pés descalços.

— *Não*! — Alcancei Ronan e agarrei seu braço, mas ele afastou minha mão. — Não faça isso — eu implorei. Meu coração bateu tão forte que roubou minha respiração. Eu me movi na frente dele para bloquear seu caminho para o canil, apenas para ele passar por mim.

— Deixe-me explicar!

Agarrando um punhado de sua camisa em sua cintura, forcei-me entre ele e Khaos novamente. Eu estava tentando conter uma parede de tijolos, e só funcionou porque ele deixou.

Ronan fez uma pausa, atraiu um olhar duro para mim e apontou para a casa com sua arma. — Volte para dentro.

Eu o ignorei e deixei escapar: — Ele estava ferido! — Meu aperto aumentou em sua camisa, as lágrimas ardendo na parte de trás dos meus olhos. — Eu sabia que havia uma chance de ele me morder, mas eu o ajudei de qualquer maneira. É minha culpa, não dele!

Ronan não estava me ouvindo. Ele não se importou com o motivo.

Um manto de tensão pairava sobre o quintal, todos os olhos em nós.

— Vai. Entre. — Sua voz estava calma, mas as bordas eram ásperas, exigindo obediência absoluta e distorcendo minha determinação. Seu olhar penetrou meu sangue com gelo. Ele faria isso, não importa o quanto eu

implorasse. Ele destruiria Khaos e pisaria em meu coração mole no processo. Porque eu não valia nada para ele. Assim como fui com meu papa, com The Moorings e com Ivan. Mas agora que eu experimentei um pequeno pedaço de pertencimento ao passar por Khaos, eu me recusava a deixar Ronan roubá-lo de mim.

O desprezo me engoliu por inteiro, acendendo um fogo em minhas veias.

— Você quer meu sofrimento? Então pegue! — Empurrei seu peito, a dor no meu pulso subindo pelo meu braço. — Você pode ter tudo isso, mas não *vou* deixar você fazer isso.

Sua mandíbula apertou quando eu o acertei novamente, mas ele não se mexeu de seu lugar.

— Você não joga coisas fora só porque elas te machucam! — Meu peito arfou, a força dos meus sentimentos fez minha pressão cair novamente, e manchas pretas nadaram na minha visão turva. Uma onda de tontura baixou meu olhar para seus lábios, para a cicatriz fina através da inferior. O frio cortando minha pele me manteve consciente, mesmo enquanto meus ouvidos zumbiam como se eu tivesse sido sugada para baixo d'água. Isso me lembrou de como eu acreditava que ele tinha a cicatriz.

Um peso se acumulou em meu peito, extinguindo a raiva por dentro. — Você me machucou... — As palavras calmas desapareceram em uma rajada de vento que enviou neve chicoteando o ar. — E eu ainda teria ajudado você. Eu teria salvado você quando você era um menino, mesmo sabendo o que você faria comigo...

Eu estava chorando sem parar, colocando meu coração aos pés de Ronan na frente de todos os seus homens, enquanto sua expressão transmitia que ele

estaria mais interessado em ler a seção enfadonha do jornal. Embora algo obscuro tenha passado por seus olhos antes que deslizassem para o meu pulso, que latejava com o meu batimento cardíaco. Então ele olhou para os meus pés descalços, tornando-me dolorosamente consciente da neve queimando minhas solas.

As altas emoções caíram, deixando-me esgotada e instável. Quando eu balancei, ele colocou a arma de volta na cintura, passou um braço em volta da minha cintura e me levantou. O homem poderia atirar no animal de estimação de uma velha Fluffy sem remorso e, ainda assim, eu me sentia confortável em seus braços.

Um arrepio passou por mim, meu corpo gelado absorvendo o calor dele. — Eu vou te odiar para sempre se você o machucar — eu disse entorpecida.

— Seus dramas são um pouco demais para uma manhã de terça-feira.

Suas palavras me deixaram desconfortavelmente ciente de todos os olhos sobre nós. Quando surgiu um pequeno constrangimento, virei meu rosto para o pescoço de Ronan e murmurei: — Foi um grande monólogo.

— Digno de um Oscar — ele respondeu com um traço de humor seco. — O quase desmaio realmente trouxe-o para casa.

Quando entramos na casa, ele falou em russo com Yulia a caminho da sala de jantar, onde me colocou de pé.

Ele estendeu a mão. — Deixe-me ver.

Sabendo o que ele estava pedindo, trouxe meu pulso ao meu peito protetoramente. — Não é tão ruim assim.

— Então me deixe ver, porra.

Suspirei e obedeci. Os olhos de Ronan na ferida a fizeram latejar, e eu mordi meu lábio para esconder um estremecimento antes de dizer: — Suponho que você não tenha um band-aid por aqui?

O olhar escuro de Ronan encontrou o meu por um segundo com uma sensação de irritação. — Você precisa de pontos.

Meu estômago revirou com o pensamento. Eu já estava a uma brisa forte de desmaiar; a dor de uma agulha costurando minha pele de volta com certeza faria inclinar a balança.

— Eu quero uma segunda opinião — eu disse a ele como se tivesse acabado de receber más notícias de um médico.

Ele me lançou um olhar seco, e quando Yulia entrou na sala com um kit de primeiros socorros nas mãos, Ronan disse algo para ela em russo. Ela nem mesmo olhou para o meu pulso antes de anunciar: — Você precisa de pontos, *devushka*.

Eu olhei para Ronan.

— Sente-se — ele exigiu.

Eu sentei na minha cadeira.

Polina foi a próxima a se juntar à festa. Ela lançou um olhar curioso para o meu pulso como se fosse a coisa mais interessante que aconteceu naquela manhã. Eu não a vi cozinhar muitas vezes, mas seus gritos russos depois de um alto *clang* de tachos e panelas eram uma ocorrência diária.

Quando ela colocou um prato cheio na minha frente, meu estômago roncou alto. Eu estava morrendo de fome, embora também tivesse duas xícaras cheias de teimosia. Agradeci à Polina, mas não toquei na comida.

Com um ruído de frustração, Ronan agarrou meu rosto e o virou para ele. — Você vai comer toda maldita migalha desse prato.

Eu encontrei seus olhos. — Eu irei se você prometer que não fará nada a Khaos.

— Eu não tenho que te prometer nada.

Algo me disse que ele não distribuía promessas com frequência e, se eu recebesse uma dele, ele a cumpriria.

— Você não precisa — eu disse suavemente. — Estou pedindo para você.

Um longo segundo se passou, um músculo em sua mandíbula pulsando em pensamento. Ele estava tão perto que seus olhos brilhavam em azul escuro. Eu sempre pensei que ele era incrivelmente bonito, mas agora, a visão me atingiu como um golpe no peito, espalhando calor para fora. Apenas a pressão de comando de sua mão em meu rosto arrastou uma rede quente através do meu sangue, deslizando para a dor entre minhas pernas. Meus lábios se separaram e seu olhar caiu para a minha boca antes de voltar para os meus olhos.

— Sua greve de comida acabou — disse ele asperamente e esperou que eu concordasse.

Eu balancei a cabeça, meu peito ficando mais leve com a realização de que ele estava se comprometendo comigo. Seu polegar roçou minha bochecha, e meu corpo doeu para ele levar a carícia para meus lábios, que formigaram com a consciência.

— Você vai deixar Yulia costurar você sem uma única reclamação — ele continuou.

Ofegante, eu balancei a cabeça.

— E se eu descobrir que você esteve perto de Khaos de novo — seu aperto aumentou — nem mesmo um rio de suas lágrimas o salvará. Você me entende?

Puxei meu lábio entre os dentes, gostando menos dessa condição. Embora manter distância de Khaos fosse melhor do que a alternativa. Quando eu balancei a cabeça, sua mão escorregou do meu rosto, deixando uma impressão quente para trás. Eu queria uma promessa verbal, mas o olhar sutil em seus olhos parecia ser mais do que suficiente.

Acabei de me comprometer com *D'yavol*.

Meu coração se apertou com todos os tipos de suposições ingênuas: talvez essa promessa abrisse outra; talvez, bem no fundo da casca dura de Ronan, estivesse um país das maravilhas feito de chocolate; talvez eu tivesse encontrado sua graça salvadora.

Embora minhas reflexões esperançosas mergulharam quando ele saiu com uma palavra de despedida.

— Nunca mais me desobedeça na frente dos meus homens de novo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Mila

kilig

(N.) a sensação de frio na barriga

DEDOS TATUADOS DESLIZARAM PELAS MINHAS pernas, e a aspereza de suas mãos deixava arrepios em seu rastro. Minha respiração ficou presa quando ele empurrou minhas coxas. Minha pele estava tão sensível, o toque mais leve zumbia abaixo da superfície. Sua boca percorreu meu pescoço, sugando e abrindo caminho até meus seios. Um vazio pulsou em meu núcleo, implorando por pressão e fricção...

Um *baque* apagou a chama dentro de mim como uma vela.

Meus olhos se abriram para ver que o barulho era devido ao livro cair do meu colo. Eu exalei uma respiração irregular e, com uma sensação de desgosto pelo devaneio imoral que me sugou, levantei-me do assento da janela para andar pelo meu quarto.

Já passava das onze, mas não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, uma inquietação brincava sob minha pele, esticando meu corpo. A atração da lua estava trabalhando sua magia no meu estado recém-contaminado. Desejei que fosse só isso, mas minhas fantasias não tinham nada a ver com rituais carnais e encontros lésbicos na floresta.

Eu ainda podia senti-lo em cima de mim: minha boca, meu pescoço, minha mente. A dor persistente entre minhas coxas. Com o pensamento, meu batimento cardíaco deslizou para o meu núcleo, meus mamilos endurecendo sob a minha blusa.

Eu estava perdendo minha cabeça.

Com crescente frustração, peguei meu livro e caminhei pelo corredor. A casa estava parada e escura sem a presença de Ronan. Ele partiu para Moscou logo depois que Yulia terminou de costurar meu pulso e não voltou. Eu me perguntei se ele estava jantando com Nadia no momento, se ele estava transando com ela como *ela* precisava. O pensamento azedou no meu estômago, então eu o afastei.

Desci as escadas, o que deu um rangido baixo sob o meu peso. O luar projetava a biblioteca em raios de prata que cintilavam com partículas de poeira. Eu me estiquei na ponta dos pés para colocar *The Grapes of Wrath de* volta em seu devido lugar. E então o cheiro familiar de fumaça de charuto - especiarias e eucalipto - encheu meus sentidos.

— *Kotyonok.*

O livro escorregou dos meus dedos e eu me virei, meu coração tremendo. Ronan estava sentado atrás de sua mesa, uma sombra formidável abaixo de uma nuvem branca de fumaça.

Eu coloquei a mão no meu peito. — *Deus,* você me assustou. — Foi naquele momento que percebi que não temia mais sua presença e que o monstro que eu temia agora era aquele que eu estava aliviada de encontrar no escuro.

— Se eu não soubesse melhor, diria que você está tentando me seduzir — ele falou lentamente, seu olhar escuro percorrendo minhas coxas nuas com

um formigamento de calor. — Mas nós dois sabemos que seus esforços são mais avançados... e, digamos, *desajeitados... do* que isso.

Ele parecia e soava como um cavalheiro, mas quando exalou um suspiro indiferente de fumaça, gavinhas enrolaram como chifres acima de sua cabeça.

Ele estava falando sobre a primeira vez que o beijei – como quase perdi sua boca completamente. O comentário irritante deveria reprimir toda a luxúria por dentro, mas não o fez.

— Não é como se seus esforços de sedução não pudessem usar um pouco mais de tato — eu disse a ele.

Ele me observou por um segundo. — Não se preocupe com meus esforços, *kotyonok*.

Eu levantei uma sobrancelha. — Então não se preocupe com os meus.

Seus olhos seguraram os meus, algo mais escuro do que as sombras deslizando por eles. O silêncio se instalou no ar, colocando pressão em meus pulmões. Tentando recuperar o fôlego, tirei minha atenção dele, peguei o livro e me certifiquei de não danificar a lombada antes de colocá-lo de volta em seu lugar.

Senti seu olhar percorrer minhas costas, minha bunda e a parte de trás das minhas coxas. A aparência queimava – quente e fria, como a queimadura de um cubo de gelo na pele. Eu passei meus dedos pelas velhas lombadas, incapaz de me concentrar em qualquer coisa além de sua presença envolvendo meu corpo como seda preta.

O ibuprofeno que Yulia me empurrava a cada quatro horas manteve a dor no meu pulso nula, mas não fez nada para parar o latejar entre minhas pernas. O calor lá dentro rivalizava com o tempo em que fui pressionada contra a porta de um hotel com a coxa de Ronan me movendo cada vez mais alto.

Minha mente voltou ao normal, levando-me de volta àquela noite em Moscou e à minha estadia depois disso. Algo se encaixou no lugar. A realização me atingiu no peito e meus dedos escorregaram pelos livros.

Eu me virei para encará-lo. — Por que você brincou comigo por tanto tempo quando sabia quem era meu papa desde o início?

Os olhos de Ronan se estreitaram, mas ele não disse nada.

Ele não precisava.

Eu sabia por que ele esperou tanto para seguir com seu plano de vingança.

Ele gostou de mim.

Cada centímetro amarelo, rebelde, de peito aberto.

◄ ⁂ ►

Uma hora se passou desde que saí da biblioteca e caí na cama. O sono agora era impossível de encontrar. Se não fosse meu coração pulando para conclusões ridículas, era meu corpo ficando mais quente com cada toque nas cobertas.

Eu chutei os lençóis, mas ainda estava envolta em uma teia de calor. Com um gemido de frustração, rolei para o outro lado. Meu short de dormir subiu, puxando com força entre minhas coxas. Tentei ignorar a forma como meu clitóris formigava pela fricção, mas tudo que conseguia pensar era como me senti quando ele caiu sobre mim e a aspereza de suas mãos na minha pele. Meu coração saiu do curso, minha respiração ficando muito apertada para liberar.

Quanto mais eu ficava ali, mais o fogo e o ressentimento queimavam. Ronan havia tirado minha virgindade, pisado como se fosse lixo, e eu deveria apenas agradecer. A frustração queimou minha nuca. Parecia que eu estava em algum tipo de limbo que não terminaria até que ele terminasse o que começou. E eu com certeza não me sentiria assim pelo resto da minha vida.

Levantei-me de um salto e caminhei pelo corredor, a determinação me incentivando. Quando entrei no quarto de Ronan, parei de repente. Minha boca ficou seca com a visão: músculos lisos e pintados sob lençóis pretos. Ele dormia como um homem - deitado de bruços com um braço sob o travesseiro.

Por um momento, eu me questionei. Ele parecia maior do que a vida com tanta pele visível. Os lençóis estavam caídos perto das panturrilhas como se ele tivesse ficado muito quente e os chutado, deixando o comprimento de suas costas tonificadas e a cueca boxer preta em exibição. Toda hesitação parou com o desejo de ver a tinta que ele escondia atrás de Versace.

Aproximei-me até ficar ao lado da cama king-size. Seu rosto estava virado para mim, sua respiração estável. Suas costas inteiras estavam cobertas de tatuagens, de letras russas espalhadas por suas omoplatas a um tigre e um demônio com asas e chifres.

Era estranho ver este homem no seu estado mais vulnerável. Ele sonhava? E se o fazia, era cheio de sangue e assassinato? Podemos não nos ver mais em breve, mas uma parte de mim esperava que eu o deixasse sonhar com amarelo.

Inconscientemente, estendi a mão para tocar a tinta – embora antes que pudesse, fui jogada de costas na cama, a frieza de uma arma pressionada contra minha têmpora. Meu peito arfou, meu olhar em Ronan montado em meus quadris. Ele me olhou por um segundo, quase como se estivesse confuso.

Encontrei outra fraqueza.

Ele estava fraco logo quando acordou.

— Foda-se Mila — ele rosnou e jogou a arma pela sala, onde ela bateu na parede e caiu no chão. — Eu poderia ter matado você, porra.

Quando o choque morreu, tomei consciência de todo o calor pressionado contra mim, de suas pernas montadas em meus quadris, de seu torso sem camisa decorado com mais tinta. Meus olhos deslizaram por seu corpo. Eu não tinha ideia de por que ele não tinha tirado a roupa antes, se estava tentando dormir comigo. Eu gostaria de dizer que fui forte o suficiente para resistir à tentação em todas as suas formas, mas... apenas vê-lo em uma cueca boxer me fez querer balançar meus quadris contra ele e deslizar minhas mãos de seus peitorais para seu abdômen.

Puxei meu lábio entre os dentes e arrastei meus olhos de volta para os dele.

A confusão derreteu em seu olhar quando viu minha expressão, transformando-se em um calor que ardia. Uma mão apoiada ao lado da minha cabeça, ele correu a outra pelo rosto antes de deixá-la cair e dizer

asperamente: — Eu tenho boceta fácil o suficiente. Não estou com vontade de mais.

Suas palavras deveriam dissuadir qualquer mulher e fazê-la correr para encontrar literalmente qualquer outra pessoa. Mas eu não queria outro. Sem mencionar que ele estava incrivelmente duro contra mim. Quem era o mentiroso agora?

— Você fez isso comigo. — Meus olhos se estreitaram. — Agora, conserte.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Ronan

noctilucoso

(adj.) brilhando ou luminescente no escuro

— QUANDO ALGUÉM TE CHAMA DE prostituta, você dá o fora da sua cama — eu rosnei. — Isso se chama ter um pouco de respeito próprio.

Tinha que ensinar o básico a essa garota antes que ela voltasse para Miami e deixasse que os homens a degradassem? Simplesmente o pensamento enviou um fogo violento nas minhas costas, queimando-me com a afirmação de que só *eu* tinha permissão para degradá-la.

— Eu não preciso do seu respeito. — Seu suave sotaque americano rastejou sob minha pele, deslizou para baixo e agarrou meu pau como eu imaginei que sua mão faria.

Meu olhar endureceu. — Você não sabe do que precisa.

— Talvez não, mas eu sei o que quero.

Estava claro o que era, mas me peguei perguntando de qualquer maneira. — E o que você quer?

— Agora mesmo... você.

Foda-se. Não era isso que eu esperava que ela dissesse. Eu antecipei um rubor silencioso ou ela pedir um orgasmo. Não *eu*, seu maldito sequestrador. E logo depois eu não a insultei menos – o que foi um reflexo de tirá-la da minha cama antes que eu aceitasse o que ela estava oferecendo. Ela não tinha reservas em se colocar lá fora. Seu coração mole a mataria. Como ela sobreviveu por tanto tempo e ainda manteve sua inocência era um mistério.

— Você está se envergonhando.

— Não sou a única que está com tesão — ela respondeu.

Uma lasca de humor subiu pela minha garganta, mas eu segurei a risada. Eu estava tentando deixar claro aqui – que você não deveria colocar seu coração para o mundo ver se você quisesse viver – e eu não a deixaria estragar isso com sua boca.

— É por isso que eu não fodo virgens. Elas ficam pegajosas como o inferno.

Ela riu levemente. — Não vou me apaixonar por você, se é disso que tem medo.

Em primeiro lugar, "medo" era a última coisa que senti quando se tratava de transar com ela. Em segundo lugar, que diabos? Essa garota poderia se apaixonar por uma rocha maldita. Então meus pensamentos foram para Ivan, e o veneno empolou em minhas veias.

— Por que não, *kotyonok?* — Eu deslizei meu polegar em seus lábios, minha voz baixando para um aviso. — Seu coração já está tomado?

Eu não tinha certeza se queria ouvir o que ela tinha a dizer, então, quando seus lábios se separaram com uma respiração superficial, coloquei meu polegar entre eles. Seus olhos estavam semicerrados quando ela fechou a

boca em volta do meu dedo. O deslizamento quente de sua língua se solidificou na minha virilha. Puxei meu polegar livre e limpei a umidade em seus lábios, absorvendo tudo sobre ela.

O luar brincava em seu corpo como se a amasse. Cobras venenosas tinham listras; Mila brilhava. As únicas sombras que a tocaram foram as minhas.

Sua pele era perfeita, suas ondas de cabelo espalhadas como se ela estivesse posando para uma página central. Um top fino ocultava a ascensão e queda de seus seios. Ela era difícil de olhar e difícil de desviar. Tão suave, tão perfeita, tão fodível.

Era um pesadelo.

Ela cortou o lábio entre os dentes, sua respiração ficando mais lenta quanto mais eu olhava para ela. Eu poderia fechar a distância tão facilmente e sentir sua língua contra a minha. Eu não era contra beijar, mas nunca fui tão compelido pela ideia como se estivesse com ela também.

Sem querer, meu olhar se desviou para seus mamilos, visíveis sob sua blusa. Os girassóis brilhantes e assexuados em tudo não ajudaram a controlar a vontade de puxar o tecido fino para baixo e chupar um mamilo em minha boca. Como se seus seios não fossem tentadores o suficiente, o calor de sua boceta queimou meu pau através de seu short. Meus músculos se contraíram enquanto eu resistia ao desejo de esfregar contra o calor, puxar seu short frágil para o lado e empurrar bem dentro dela. Eu sabia que a encontraria molhada e apertada – tão *fodidamente* apertada. Meu sangue rugiu em meus ouvidos e lançou um brilho turvo sobre minha visão.

Com um grunhido de frustração, sentei-me sobre as pernas em um esforço para colocar alguma distância entre nós para que pudesse pensar. Karma me

morderia na bunda se eu comesse essa garota. Eu sabia do que ela precisava e que não poderia dar a ela. Minha consciência era uma maldita bloqueadora de pau. Eu queria tanto Mila que o desejo se apoderou de mim, retorceu-se sob minha pele e exigiu que eu a tomasse. Neste ponto, eu não acho que poderia permitir que ela fosse, mesmo que ela mudasse de ideia. E a perda de controle, de repente, me fez odiá-la um pouco.

Todos os pensamentos pararam quando Mila se levantou da cama com uma mão e passou a outra pelo meu peito. O simples toque queimou como uma linha de fogo, enviando todo o sangue do meu corpo para o sul. Nós dois assistimos sua mão percorrer meu abdômen antes de parar na minha cueca, onde ela traçou o cós com um dedo. Cada movimento para frente e para trás latejava na minha virilha.

Quando seu olhar nebuloso se ergueu para o meu, uma onda de escuridão deslizou por mim. A luxúria em seu olhar era toda minha. Pelo menos até sábado. A ideia de que ela daria aqueles olhos para outra pessoa depois me fez colocar a mão em seu cabelo para manter seu olhar fixo no meu. Foda-se o karma. Eu precisava tirar essa merda do meu sistema agora.

— Eu quero... — Ela corou e, incapaz de terminar a frase, seus dedos puxaram minha cintura para baixo uma polegada, mostrando-me o que ela queria, mas não podia dizer. Sua mão roçou a cabeça do meu pau. A menor passada transformou meu sangue em fogo líquido, tamborilando quente e pesado dentro de mim. Mas eu precisava ouvi-la dizer as palavras.

— Você vai ter que ser mais específica.

— Inglês — ela disse suavemente.

Jesus Cristo. Pela quinta vez com essa garota, não percebi que tinha falado em russo. A frustração iluminou minhas costas.

— Seja mais específica.

Meu aborrecimento desapareceu quando sua mão deslizou por baixo da minha cueca e ao longo do comprimento do meu pau. Eu assobiei por entre os dentes. O calor se enrolou na base da minha espinha, enviando um arrepio para fora. Nada foi praticado sobre seu toque – na verdade, parecia um pouco incerto. Eu não sabia se era porque eu esperei muito tempo para chegar a esse ponto com ela ou porque sua inexperiência era uma novidade, mas, perturbadoramente, a mão dela em minha cueca me deixou mais duro do que eu já estive na minha vida.

— Eu quero isso — ela respirou, envolvendo os dedos em volta do meu pau antes de acariciá-lo lentamente da base à cabeça. Um gemido baixo subiu pela minha garganta. Eu precisava forçar seu aperto, mas sabendo que não poderia deixá-la me empurrar muito ainda, cobri sua mão com a minha para deter o movimento.

— Não haverá pétalas de rosa ou velas acesas — eu disse a ela.

Ela franziu os lábios. — Nem mesmo um...

— Não.

O menor sorriso apareceu, e eu experimentei o desejo estranho de beijá-la. Achei a compulsão tão irritante que meu aperto em seu cabelo ficou mais forte, puxando sua cabeça mais para trás.

Ela exalou. — Bem.

Sentindo que precisava ser claro como cristal, eu disse: — Eu não vou te foder devagar e doce.

— Chato. — Ela fez beicinho. — Achei que estava prestes a ter algo realmente romântico aqui.

Eu estava muito duro para me divertir com seu sarcasmo.

— Isso não significará nada para mim depois.

— *Deus*, pare de falar — ela disse com frustração. — Eu não sou tão delicada. Apenas me foda como faria com Nadia.

Meu corpo inteiro se acalmou. O fato da merda que acabou de sair de sua boca enviou uma onda de fúria pela minha espinha. Em um flash, eu a joguei em suas mãos e joelhos, puxei sua cabeça para trás pelo cabelo e pressionei meu pau duro contra sua bunda.

— *Isso?* — Eu rosnei. — É assim que você quer que eu te foda?

Ela ofegou, não resistindo ao aperto que eu tinha em seu cabelo, antes de dizer asperamente: — Contanto que dure mais de dois segundos desta vez.

Eu estava agora mais chateado do que duro. E não teve nada a ver com ela revogar meu cartão de homem. Mila parecia não dar a mínima se eu a comesse como qualquer outra pessoa, enquanto eu sentia vontade de colocar fogo em Moscou só com a ideia de que ela estava imaginando alguém além de mim.

Quando eu liberei meu aperto em seu cabelo, ela exalou, sua cabeça caindo para frente.

— Eu não quero ouvir esse nome em seus lábios nunca mais.

— Por que não?

— Porque eu disse isso, porra. — Porque eu não gostei. Se ela quisesse exatamente como Nadia, deveria ter trazido outra mulher com ela. E, curiosamente, eu não queria as mãos de mais ninguém sobre Mila - mulheres incluídas.

Ela olhou para mim por cima do ombro, e o olhar suave em seus olhos, incerto, mas quente, direcionou toda a minha atenção para o meu pau pressionado contra sua bunda. A raiva se dissolveu, deixando meu corpo tenso e pulsando com luxúria reprimida.

Peguei seu short e puxei para baixo, exalando uma respiração irregular com a visão. Correndo minhas mãos sobre sua bunda, eu moldei a carne macia para caber em minhas palmas antes de lhe dar um tapa. Mila respirou fundo, e seus quadris arquearam, todo aquele cabelo loiro arrastando-se até a nuca.

Eu não pude deixar de me afastar para morder cada bochecha nua e depois lamber de sua boceta até sua bunda. Ela gemeu e se balançou contra mim. Eu queria fazê-la gozar na minha língua, mas um único gosto fez minhas bolas doerem.

Limpei a boca com a mão em um esforço para acalmar o sangue latejando em meus ouvidos. Embora a visão dela em suas mãos e joelhos diminuísse minha força de vontade. Ela era tão gostosa que dei um tapa na sua bunda de novo com força.

— Ai — ela reclamou sem entusiasmo. — Isso dói.

— Você pediu isso, *kotyonok*.

— Você pode simplesmente continuar com — Eu empurrei dois dedos dentro dela, e ela suspirou — *Oh, Deus*.

Ela apertou em mim com tanta força que eu gemi e puxei meus dedos antes que eu pudesse ceder ao desejo de fodê-la com eles. Fazendo um barulho de frustração, ela virou a cabeça para me ver envolver minha mão em volta do meu eixo e acariciá-lo uma vez, com os olhos semicerrados.

— Faça isso de novo — ela respirou.

Foda-se. Ela queria me assistir batendo punheta.

— Outra hora. — Quando eu não teria que lutar contra a necessidade de gozar.

Quando esfreguei a cabeça do meu pau contra sua boceta, o calor quase queimando, um tremor passou por ela, e seus dedos agarraram os lençóis.

— Nervosa? — Eu perguntei asperamente.

— Sim.

— Bom.

Ela estava tensa *pra* caralho quando eu relaxei dentro dela - tão tensa que ela quase me resistiu completamente. Acariciei sua bunda e comecei a dizer merdas que não tinha controle, sem saber que língua falava. Pode ter sido a porra do mandarim.

— Eu sei que você pode me levar, *kotyonok*... você está tão molhada... esta é a boceta mais bonita que já vi.

Ela finalmente relaxou. Observei sua reação enquanto deslizava mais para dentro, até que estava o mais fundo que podia. *Foda-me*. Meus olhos se fecharam por um segundo. Ela me agarrou como um punho úmido e apertado. Cada célula em mim doía por mais, mas dei a ela um momento para se ajustar, correndo minhas mãos sobre as curvas de sua bunda e apertando.

Depois de um momento, ela balançou para trás contra mim, e eu dei a ela mais, puxando todo o caminho antes de empurrar lentamente de volta. Ela gemeu e caiu sobre os cotovelos, apoiando as mãos na cabeceira da cama. Eu sabia que essa boceta era feita para foder, mas... *Jesus*. Eu dei um tapa na sua bunda em frustração e, quando ela apertou em torno de mim, levou cada grama de contenção para manter o ritmo lento.

Ela olhou por cima do ombro, seus olhos se fixando em cada impulso preguiçoso. Eu disse asperamente: — Você gosta de assistir? — E antes que ela pudesse responder, eu a fodi um pouco mais forte.

Sua cabeça caiu para frente, e a visão dela mordendo meu travesseiro para acalmar seu gemido enviou uma onda inebriante à minha cabeça, acendendo um fogo violento dentro de mim. Eu assobiei com o puxão apertado de sua vagina, a pressão apertando na base da minha espinha. Eu estava perdido por um momento, levando-a com força e observando sua bunda balançar com cada impulso.

Quando ela estendeu a mão para trás e agarrou meu pulso, suas unhas cravando, percebi que era um reflexo de dor e diminuí a velocidade. Ela provavelmente ainda estava dolorida da noite passada, e eu estava transando com ela muito forte. Não gostei da sensação de peso que esse conhecimento enviou ao meu peito. Embora o que eu não gostei mais foi o fato de que ela não iria me dizer que eu a estava machucando.

Envolvendo um braço em volta de sua cintura, eu a puxei de volta contra meu peito. Ela estava ofegante; fodida em uma névoa suave e complacente. Sua cabeça caiu para descansar no meu ombro. Senti seu coração batendo forte, seus dedos agarrando meu pulso e sua respiração contra meu pescoço. Não eram coisas que eu geralmente notava e, de alguma forma, tudo isso criou um nó atrás das minhas costelas.

Passei meus lábios contra sua orelha, minha voz áspera. — Se for demais, me diga. Ou vou parar agora.

Prefiro levar uma bala do que parar agora.

— Eu disse que aguento — ela respirou.

— Eu não dou a mínima para o que você pode aguentar. Não gosto de distribuir dor.

— Você não é lento e doce também. Eu não sei o que você quer de mim. — A insegurança tocou sua voz. — Eu quero que você goste.

Foda-se. Ela queria *me* agradar agora. Por que ela tinha que ser tão altruísta? Por mais que me irritasse, também me atingiu no plexo solar. Eu não conseguia fazer a coisa certa com ela. Ela era muito boa, muito macia, muito fodidamente amarela. Era ganancioso como o inferno, mas eu queria qualquer coisa que ela me desse.

Eu belisquei seu lóbulo. — Confie em mim, *kotyonok*, eu gostaria se estivesse transando com você em câmera lenta. — Eu puxei sua blusa. — Agora, tire isso.

Ela a puxou pela cabeça, o movimento me consumindo com seu perfume suave de verão. Ela cheirava tão bem que eu mordi seu pescoço e chupei,

deixando outra marca para trás. Com um suspiro, ela virou a cabeça para me dar mais acesso. Eu apertei um de seus seios na minha mão e disse a ela: — Acho que vou foder isso a seguir.

Com um gemido, sua cabeça pendeu no meu ombro quando rolei seu mamilo entre o polegar e o indicador. Enquanto eu brincava com seus seios e chupava seu pescoço, ela ficou inquieta, balançando os quadris para fricção antes de se levantar, puxando-me quase completamente e, em seguida, levando-me de volta o mais fundo possível.

Eu gemi e a deixei me foder por um momento até que ela estava choramingando e tremendo por mais.

Eu acariciei seu pescoço. — Você quer gozar?

— *Sim* — ela ofegou. — *Por favor.*

O som de Mila implorando me deu uma porra de uma pressa que rivalizava com qualquer droga no mercado. Pelo menos, eu imaginei assim. Nunca toquei em um único narcótico em minha vida.

Eu belisquei seu ombro e disse: — Que boas maneiras — antes de deslizar minha mão entre suas pernas. Ela saltou sobre mim, levando-me com movimentos preguiçosos, enquanto eu esfregava seu clitóris. Seus sons estavam me levando ao limite. Tanta pele e cabelos macios. Estava tudo fodendo comigo.

— Eu vou...

Eu a empurrei para suas mãos e joelhos e a fodi durante seu orgasmo, segurando seus quadris para cima quando suas pernas cederam. Ela estremeceu e apertou em torno de mim com tanta força, o calor deslizando

pelas minhas costas ameaçou explodir. Respiração irregular, eu parei e corri minha mão por sua espinha.

— Eu quero gozar dentro de você. — Eu não tinha ideia do que saiu da minha boca até que era tarde demais para parar.

Ela suspirou, dando-me seu consentimento preguiçoso e não verbal.

— Não me deixe entrar em você — eu rosnei. Eu nem deveria estar transando com ela sem camisinha – independentemente se eu estivesse limpo, e ela também estava considerando sua inexperiência.

— Eu tenho um DIU.

Eu processei suas palavras por um segundo antes de perguntar sombriamente — Por quê? — Ela odiava médicos. O único motivo pelo qual ela teria um DIU era... enfurecedor *pra* caralho. — Você ia deixar outra pessoa ter isso? — Eu apertei sua bunda.

— Não... eu não sei.

Não é a resposta certa. Na verdade, foi uma resposta tão errada que dei um tapa na sua bunda com força suficiente para vergão. Ela gritou e arqueou as costas, seus olhos se abrindo para me lançar um olhar feroz por cima do ombro. Seu aborrecimento desapareceu quando eu puxei e empurrei de volta em um ângulo que atingiu seu ponto G. Um gemido baixo subiu por sua garganta. Percebi que nunca a tinha ouvido dizer meu nome antes. E de repente eu precisei.

— Você quer mais, *kotyonok?*

— *Sim.*

— Então me diga quem está fodendo você — eu exigi asperamente.

— Isso importa? — Ela tentou se balançar contra mim, mas eu a segurei pelos quadris.

— Sim, isso importa pra caralho.

— Por quê? No final, vou me lembrar apenas da sua cabeceira. É realmente um design sexy.

Rangendo os dentes, eu a joguei de costas com tanta força que ela saltou. Eu empurrei para dentro dela em um impulso forte, coloquei minhas mãos ao lado de sua cabeça e observei seus olhos rolarem para trás. Seus dedos agarraram meus pulsos.

— É isso que você quer? — Eu rosnei.

Ela estava corada de seu orgasmo, sua respiração difícil, mas ela ainda conseguiu dizer: — Eu quero velas.

Era tão ridículo, minha raiva desapareceu. Suas mãos suaves deslizaram pelos meus lados e agarraram meus quadris para me estimular. Eu odiava essa posição. Encarar os olhos de uma mulher durante o sexo parecia tão íntimo que era nauseante, mas Mila não estava encontrando meu olhar, ela estava olhando para onde meu pau estava bem dentro dela. Eu achei quente e um pouco... irritante, ela estava focada na visão em vez do meu rosto.

— *Mova-se* — ela respirou.

— Não. Você quer sua foda missionária? Diga-me quem te fodeu primeiro.

— Você.

Ela arrastou os dedos pelos meus braços, pelos meus ombros e no meu cabelo, enviando um arrepio pela minha espinha.

— Meu nome, *kotyonok*.

— Ronan.

Um gemido retumbou em meu peito, e comecei um ritmo constante, empurrando dentro dela com estocadas longas e lentas. Ela apoiou as mãos na cama atrás dela e se levantou para beijar meu peito com um arranhar de dentes, correndo a boca em todos os lugares que pudesse alcançar. Eu não consegui fazê-la parar.

— Quem está fodendo você agora?

Beijando o canto dos meus lábios, ela respirou — Ronan— Então ela deslizou sua língua em minha boca, e eu não tive força de vontade para resistir a chupá-la.

Eu agarrei seu cabelo e puxei sua cabeça para trás para que eu pudesse ver seus olhos. — E quem te fode de agora em diante? — Até sábado. Tudo em mim odiava tanto a ideia que empurrei com força, forçando sua próxima palavra a sair com um gemido.

— *Ronan*.

Eu me apoiei nos cotovelos, saboreando a sensação de seus seios contra o meu peito nu. Ela envolveu suas longas pernas em volta dos meus quadris, e quando rolei minha pélvis para escovar seu clitóris, um suspiro de prazer escapou dela.

Passei meus lábios em seu pescoço. — Você gosta disso, kotyonok?

Ela correu as unhas pelas minhas costas em resposta, rolando seus quadris contra os meus com cada impulso. Seus pequenos gemidos eram tão sexy, eu a beijei para prová-los. Ela deu uma chupada no meu lábio inferior e então passou a língua pela minha cicatriz. Eu exalei aproximadamente. Sempre que ela fazia isso, me fazia sentir como se estivesse faltando alguma coisa até que ela veio e me lambeu.

Seus lábios eram tão suaves, e eu os separei com os meus, deslizando minha língua dentro. O beijo foi direto para o meu peito.

— Eu quero... — Ela ofegou as palavras entre o deslizar dos meus lábios. — Ver você... — Chupei seu lábio inferior e libertei a carne com um arranhar de dentes. — Gozar.

— Você primeiro, *kotyonok*.

Eu agarrei suas mãos, segurei-as acima de sua cabeça e esfreguei contra seu clitóris até que ela quebrou embaixo de mim. Então pressionei meu rosto em seu pescoço e gozei dentro dela, um fogo incandescente disparou por mim com tanta força que minha visão escureceu. Meus músculos tremeram, então rolei para longe dela antes de esmagá-la com o peso do meu corpo.

Prendi a respiração por um momento e quase ri da ironia. Uma virgem me fez gozar com mais força do que nunca. Quando senti o colchão afundar, automaticamente agarrei seu pulso sem olhar.

— Estou cansada — Mila disse e puxou contra mim.

Deslizando meu olhar para ela, vi que ela estava se recusando a olhar para mim, seus olhos na porta como se ela mal pudesse esperar para sair. Eu não sabia por que, mas achei irritante *pra* caralho. Eu puxei sua bunda de volta para a cama ao meu lado. Ela exalou em frustração, e então notei uma

lágrima escorrendo pelo seu rosto. *Foda-se*. Minha garganta estava apertada. Eu sabia que Mila não poderia fazer uma foda casual. Eu sabia e aceitei mesmo assim.

— Vá em frente — disse ela. — Diga-me para parar de chorar e depois me solte.

Em vez disso, enxuguei a lágrima com o polegar. A umidade queimou minha pele e expandiu uma pressão em meu peito que exigia que eu a beijasse. Então eu fiz. Ela suspirou em minha boca, seus lábios hesitantes contra os meus.

Eu me afastei para dizer: — Vou pedir à Yulia para encontrar algumas velas.

Um pequeno sorriso tocou seus lábios. Ela achou que eu estava brincando. Quando peguei meu telefone na mesa de cabeceira, ela entrou em pânico e agarrou meu braço.

— Sério, eu estou bem — ela disse assim que outra lágrima escapou.

Eu enxuguei a lágrima. — *Malen'kaya lgunishka*[28]... — Então eu a rolei debaixo de mim e apoiei minhas mãos em cada lado de sua cabeça. Antes que ela pudesse reclamar, seus olhos pararam em meus ombros, na tatuagem de estrela náutica em cada um. Eu não pude fazer nada além de olhar para ela enquanto ela tocava o pingente em seu colar.

O luar a amava.

Mas não tanto quanto minhas sombras.

— *Ti slishkom ideal'naya chto bi byt 'nastoyashchey*[29]. — As palavras me escaparam sem pensar, e quando ela olhou para mim com os cílios

molhados, o mesmo aconteceu com a tradução, pressionei em seu ouvido.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Mila

heliofilia

(N.) o desejo de ficar ao sol

Meus OLHOS ABERTOS PARA UM quarto escuro, e confusão corria desenfreada até que eu vi o lençol preto cobrindo-me e lembrei que estava no quarto de Ronan. Em sua cama. Com o calor de seu corpo nas minhas costas. O relógio na mesinha de cabeceira marcava duas e meia, o que significava que só dormi trinta minutos antes de acordar com a bexiga cheia.

As horas anteriores passaram pela minha cabeça. Eu esperava sexo e então Ronan dar um tapa na minha bunda no meu caminho para fora da porta. Eu não esperava que ele dissesse que eu era perfeita e me beijasse até eu adormecer. Eu não sabia que ele tinha esse tipo de suavidade nele. Foi mais do que pensei que jamais conseguiria. Então, por que eu me sinto assim... *vazia?*

Deus, eu realmente era uma foda emocional.

Silenciosamente, puxei os lençóis e deslizei para fora da cama. Quando meus pés tocaram o chão, me virei para olhar para ele. Meu coração ficou pesado com a visão.

Ele dormia de costas, um braço acima da cabeça. Ele parecia tão humano, tão vulnerável, tão bonito, que roubou meu fôlego até mesmo olhar para ele.

A risada de Madame Richie ressoou em minha mente e arrepiou meus braços. Não admira que ela tenha caído na gargalhada. O homem destinado a mim era um mafioso que me sequestrou e logo mataria meu papa. Minha sorte deve ter sido a mais interessante que ela já previu.

Encontrei minhas roupas no chão e as arrastei para o banheiro. Eu teria ido direto para o meu quarto, mas o gozo estava vazando pelas minhas coxas. Um preservativo foi meu último pensamento quando as mãos de Ronan estavam em cima de mim, embora agora a falta de um me enchesse de incerteza. Eu sabia que ele não era celibatário. Eu também sabia que ele usava preservativo, eles estavam guardados na gaveta da mesinha de cabeceira. Meu estômago revirou com a ideia dele com outras mulheres na mesma cama em que ele acabou de dormir comigo – especialmente Nadia. Ele era tão suave com ela quanto era comigo? O pensamento me deixou doente, então eu o afastei.

Depois de me limpar, fazer xixi e me vestir, saí do banheiro. Ronan ainda estava dormindo, parecendo tão em paz que não queria acordá-lo – não que eu tivesse um motivo para isso. Nós apenas fizemos, sexo, não significava nada para ele. Ele não poderia ter deixado isso mais claro. Eu fui a estúpida por pensar que poderia lidar com isso e não sentir nada por ele depois.

Enquanto me movia para a porta, meu olhar se fixou em algo que brilhava prateado ao luar. Tudo dentro de mim ficou quieto. Até meu coração.

A pistola estava no chão a alguns metros de distância.

Meus olhos viajaram de volta para Ronan. Quando um sentimento pesado interrompeu o silêncio dentro de mim, de repente eu soube que nunca o denunciaria pelo que ele fez comigo. Ele pode não ser um bom homem, mas o mundo não era preto e branco. Ele era todo cinza no meio.

E eu estava me apaixonando por ele – *tanto que* fiquei preocupada se quando ele terminasse, não sobraria nada de mim.

Eu olhei de volta para a arma, meu olhar tão rasgado na direção quanto o conflito repentino me rasgando ao meio. Uma parte de mim queria ignorar a chance de liberdade; o outro se perguntou se essa era minha única chance de salvar meu papa... e, egoisticamente, *eu mesma*. Eu sabia que não poderia tirar a vida de outra pessoa no processo. Eu sabia, sem dúvida, que nunca poderia tomar Ronan.

Mas a maioria dos jogos foi vencida por blefes.

O luar parecia gelo na minha pele enquanto meus pés se moviam por vontade própria. Minhas mãos tremeram quando peguei o pedaço de metal assassino. Era pesado – tão pesado que eu imediatamente quis largá-lo, mas quando minha mente representou uma cena em que eu estava sozinha na frente do caixão do meu papa, meu aperto aumentou.

— *Kotyonok*.

A única palavra deslizou por mim, reiniciando meu corpo com uma sacudida de eixos e rodas que ecoou em meus ouvidos. Meus olhos foram para os de Ronan. Ele se sentou na beira da cama de cueca, os braços apoiados nas coxas. Um olhar estreito caiu para a arma em minhas mãos antes de deslizar de volta para as minhas.

— Traga isso aqui.

Um suor frio me inundou, lavando através de mim com uma umidade trêmula. Eu não me mexi. Eu não pude. A batalha dentro de mim consumiu cada grama de mim, roubando o ar dos meus pulmões e me sufocando.

Seu olhar endureceu. — Eu disse, traga aqui.

Isso era mais fácil quando ele era *D'yavol* e não o homem que enxugou minhas lágrimas. Apenas o pensamento queimava o fundo dos meus olhos, porque eu sabia, depois disso, ele nunca mais o faria. Mas eu precisava fazer isso agora, antes que caísse tão fundo que não conseguisse encontrar uma saída.

— Eu não posso. — As palavras vazaram de desespero.

Ele se levantou e deu um passo em minha direção, determinação em seus olhos. Eu levantei o cano em seu peito. A arma era tão pesada que meus braços tremeram, o gatilho queimando meu dedo.

— Não faça isso. Por favor, não. — Meu sangue correu tão alto em meus ouvidos que quase abafou minha voz.

Mandíbula apertada, ele fez uma pausa.

— Eu não posso ser a razão pela qual meu papa morre. Eu não posso... — Lágrimas correram pelo meu rosto. — Apenas me deixe ir — eu implorei. — Isso é tudo o que eu quero.

Ele fez um som sombrio de descrença. — Você é uma mentirosa melhor do que eu pensava.

— O que? — Meu peito apertou.

— Era esse o seu plano? — Ele rosnou. — Você estava pensando em salvar a vida do seu maldito pai enquanto me fodia?

Eu empalideci. — Não... eu não planejei isso, mas mesmo se planejasse, você não tem o direito de virar isso contra mim. — Fiquei tão emocionada que não consegui encontrar nenhuma raiva. Eu não tinha mais nenhuma emoção para dar. — Você mentiu para mim. Você me usou desde o início.

— E eu faria tudo de novo. — A declaração estava cheia de veneno. Achei que nunca o tivesse visto tão furioso. Isso sacudiu a batida do meu coração e me forçou a dar um passo para trás.

— *Por favor.* Apenas me deixe ir. — Saiu como um soluço. — Isso é tudo o que eu quero.

— *Nyet*.

Ele não estava chamando meu blefe, embora também não fosse ceder. Doeu-me mais do que qualquer coisa que ele pensou que eu poderia realmente atirar nele. A ideia quase me fez largar a arma, mas não consegui. Eu não significava nada para ele. Eu era uma peça de xadrez. E eu não poderia sobreviver sendo tocado mais.

— Por favor, Ronan...

— Não diga a porra do meu nome.

Eu vacilei. — Eu não vou — eu prometi. — Você nem mesmo terá que me ver novamente. Apenas me deixe ir.

Não houve nada além de minhas lágrimas e silêncio por um segundo – esse enorme vazio de silêncio que devastaria qualquer coisa viva.

E então ele chamou meu blefe.

Ele se moveu em minha direção, fechando a distância tão rapidamente que pulei um passo para trás, e foi então que meu dedo úmido escorregou no gatilho.

Clique.

Ambos os nossos olhos caíram para a pistola em minhas mãos antes de eu deixá-la cair. O *clique se* repetiu em minha mente em uma bobina, cada vez enviando uma onda mais fria através de mim do que a anterior. Meus pensamentos estavam tão confusos, meu corpo tão entorpecido que não conseguia sentir nada além das palavras na minha cabeça.

Eu apenas puxei o gatilho para ele.

A arma não estava totalmente carregada.

Eu não tive a intenção de fazer isso.

Ronan riu sem humor. — Acho que fiquei realmente narcisista esta noite.

Ele agarrou meu braço e me puxou para fora de seu quarto e pelo corredor. Em uma névoa de choque, eu não disse uma palavra - mesmo enquanto ele me puxava escada abaixo e para fora da porta da frente. O frio gelado do ar noturno envolveu minha pele nua e lutou contra o vazio por dentro. Mas não senti nada, nem mesmo a neve sob meus pés enquanto ele me arrastava pelo quintal.

Ronan abriu a porta externa e me empurrou para dentro. Eu só ouvi seus movimentos enquanto ele trancava o portão do canil de Khaos para me manter fora dele e a última coisa que ele disse antes de fechar a porta atrás de si.

— Durma bem, *kotyonok*.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Ronan

noceur

(N.) aquele que fica acordado até tarde

Eu AINDA ESTAVA DE cueca, minhas mãos tremendo, enquanto colocava um pouco de vodca em um copo. O anexo onde Mila estava trancada puxava todos os músculos do meu corpo como um ímã. Ela estava lá há menos de dez minutos, e cada tique-taque do relógio apertava um laço invisível em volta do meu pescoço. Eu não conseguia afastar a sensação. Eu só me distraí ligando todas as luzes da casa e gritando ordens para Yulia. Eu queria uma xícara de chá. Meu terno precisava ser engomado. E por que diabos havia tanto amarelo na minha casa?

— Ela vai morrer lá fora.

Eu nem ouvi Albert entrar na sala até ele falar. Foi assim que os homens morreram na minha posição, mas eu não dou a mínima agora. Se a sensação de frio se espalhando em meu peito fosse alguma indicação, eu já estava quase dois metros abaixo.

— Saia — eu ordenei.

— Está abaixo de zero. Ela pode obter hipotermia em minutos.

As palavras correram minhas veias, mas disse a mim mesmo que não importava para mim. Mila havia jogado comigo. Ela me irritou, me fez fazer merdas que nunca fiz, e então me apunhalou nas malditas costas. Atacando, eu limpei tudo do bar. O vidro se estilhaçou e vi sangue pingando da minha mão, mas não senti nada.

Virei-me para Albert e rosnei: — Eu disse para você dar o fora.

— Como você acha que vamos nos vingar se ela morrer lá fora?

— Eu não dou a mínima para vingança — eu fervi antes de perceber o que estava dizendo.

Albert me observou por um segundo. — Os homens acham que Alexei está tentando voltar para a cidade. Você pode perder alguns deles se não prosseguir com isso.

A última coisa que eu queria era outra guerra, mas seria inevitável se eu não cortasse a cabeça da cobra. A maioria dos meus homens eram de Alexei alguns anos atrás. Eu gostaria de pensar que eles eram leais a mim, mas ninguém sabia com a porra de criminosos.

Eu não conseguia me concentrar nisso agora. Eu não sabia como deveria dormir enquanto Mila estava trancada com os cachorros em temperaturas abaixo de zero. Eu não deveria me importar. Eu *não* me *importei*. Passando a mão pelo cabelo, andei pela sala.

— O que ela fez?

— Ela atirou em mim — eu disse friamente.

Ele me olhou com uma expressão neutra. — Você parece ileso.

— Fogo seco. A câmara não foi carregada. — Sempre mantive minhas armas carregadas. Sempre. Foi um milagre do caralho, honestamente. Destino, ou alguma merda.

— Você a está segurando como resgate pela cabeça de seu papa. Você achou que ela ia agradecer?

Eu não sabia o que pensava. No início desta noite, eu me senti mal do estômago quando tive um barril pressionado em sua cabeça, e tinha sido um acidente. O fato de que ela poderia fazer o mesmo e dizer que eu nunca mais teria que vê-la novamente... Nunca me senti tão traído em minha vida. Eu não estava pensando quando a arrastei para o canil, e agora tudo estava afundando, o arrependimento batia nas paredes do meu peito.

Uma parte de mim sabia que ela não queria atirar em mim. Mas a parte que me consumiu foi o fato de que ela pensou que poderia simplesmente se afastar de mim. Enquanto a raiva morria, eu me sentia vazio. Fodidamente horrível. O pensamento dela lá fora, frio... eu não aguentava mais.

Passando pelo ombro de Albert, saí da sala e pela porta da frente, uma sensação incômoda em chamas no estômago. Meus homens fumavam cigarros e ficaram em silêncio, observando-me com curiosidade enquanto eu caminhava para o canil descalço e vestindo apenas cueca. O fato de eu não poder deixá-la aqui por mais de quinze minutos certamente lhes daria o que conversar. Eles poderiam ir se foder por tudo que me importasse.

Quando entrei no canil e vi Mila deitada ao lado de Misha, tremendo, parecia uma faca no peito. Sem uma palavra, eu a levantei em meus braços e comecei a voltar para a casa.

Sua pele era como gelo contra a minha, mas eu mal senti isso sobre o sangue pulsando em minhas veias. Sabendo que confusão era sinal de hipotermia, falei: — Fale comigo, Mila. Que dia é hoje?

Ela tremeu contra mim. — Inglês.

O alívio me inundou com o fato de que ela ainda era coerente.

— Sinto muito — ela sussurrou em meu pescoço. — Eu juro que não tive a intenção de fazer isso.

Suas palavras foram um soco no estômago - especialmente porque eu acreditei nela. Eu sabia antes mesmo de arrastá-la para fora. Sinceramente, eu não poderia culpá-la se ela quisesse puxar o gatilho; eu não a tinha exatamente levado de férias. O fato de eu ter reagido tão irracionalmente e ela ter se desculpado *me* fez sentir como se minhas mãos estivessem sujas demais para sequer tocá-la.

Eu não sabia como lidar com toda a pressão no meu peito, então repeti em inglês: — Que dia é hoje?

— Eu não sei. Estou sendo mantida em cativeiro sem telefone ou calendário.

— Vou pegar um calendário para você — prometi.

Eu a carreguei para dentro e passei por Yulia na entrada. Seu olhar frio cintilou com um pouco de preocupação quando ela olhou para a garota em meus braços. Mila estava até conquistando minha insensível governanta.

Coloquei Mila de pé no meu quarto. Não achei que ela estivesse hipotérmica – pelo menos não de forma crítica – mas ainda precisava aquecê-la. Enquanto eu puxava sua blusa para cima, ela silenciosamente ergueu os braços para mim. Eu me abaixei e deslizei seu short por suas coxas. Ela

apoiou a mão no meu ombro e levantou cada perna para que eu pudesse remover o tecido. Um arrepio a sacudiu, e a pressão em minha garganta se expandiu, obrigando-me a dar um beijo em sua coxa fria e dizer aproximadamente: — *Izvini — Me desculpe.*

Lembrei-me da última vez que disse isso. Eu tinha seis anos e acidentalmente derrubei uma xícara de chá na mesa, que lavou a linha de heroína que minha mãe estava prestes a cheirar. Ela me deu um soco tão forte que bati a cabeça na geladeira e apaguei. Foi então que aprendi que desculpas não passavam de palavras inúteis, embora Mila se sentisse diferente. E ela poderia ter o que quisesse de mim agora.

O olhar sutil em seus olhos me fez sentir como se ela visse a memória na minha cabeça antes de passar a mão no meu cabelo e me pedir para ficar de pé. Eu a puxei para a cama comigo, onde puxei seu peito nu contra o meu, pressionando tantos centímetros de sua pele gelada contra a minha, e nos cobri com as cobertas.

Ela suspirou de alívio com o calor. — Você sabe que eu não queria fazer isso, não é?

Eu sabia. Esse era o problema. O conhecimento me forçou a pedir desculpas e sentir todos os tipos de coisas estranhas.

Eu queria seu corpo.

Mas agora, eu queria sua lealdade ainda mais.

— Eu sei, *kotyonok.* Agora durma.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Mila

toska

(N.) uma dor maçante da alma

ACORDEI ENTRE OS LENÇÓIS NEGROS e um perfume amadeirado que consumiram cada um dos meus sentidos. Ronan sentado em uma cadeira ao lado da cama. Seus olhos estavam abaixados e seus cotovelos repousavam sobre os joelhos enquanto ele torcia meu brinco em forma de coração entre o polegar e o indicador. Uma única volta do diamante sintético simbolizava nosso relacionamento: ele segurava meu coração na palma da mão, trazendo-o para brincar às vezes antes de colocá-lo de volta no bolso para ser esquecido.

Ele não sabia que eu estava acordada e aproveitei a oportunidade para ver seu momento privado. Ainda vestindo nada além da cueca, seu cabelo brilhava azul à luz do sol e estava despenteado como se ele tivesse passado as mãos por ele a noite toda. Ele era tinta e vingança e *de modo* muito humano sob frio, armadura de aço.

Em Moscou, corações de desenho animado dançaram em meus olhos quando o vi. Agora, nesta fortaleza russa invernal, a visão dele criou uma dor aguda em meu peito que ameaçou me rasgar ao meio.

Eu me perguntei se a consciência de Ronan era responsável por ele mudar de ideia sobre me deixar para morrer, ou simplesmente o fato de que ele teria que perder sua garantia. Ele me surpreendeu ao se desculpar, embora tenha sido ele quem me disse que desculpas eram inúteis. Claramente, ele não aguentava a ideia de ficar perto de mim por mais tempo do que o necessário para ter certeza de que eu não morreria.

O brinco caiu de seus dedos e brilhou ao ricochetear no chão de mármore antes de rolar para baixo da cama. Minha mágoa desapareceu no escuro onde os monstros da infância jaziam, deixando um frio se espalhar como teias de aranha de gelo.

Cobri meus seios nus com o lençol e me sentei na cama. O olhar escuro de Ronan se ergueu para o meu. Ele não parecia cansado, mas algo me disse que estava acostumado a noites sem dormir.

— Kirill já veio ver você — disse ele. — Você estava dormindo.

Achei o fato de ele ter chamado um médico um pouco interessante – nada mais. Não vendo minhas roupas em lugar nenhum, enrolei o lençol em volta de mim e me levantei.

— Você não precisava incomodá-lo de novo, mas obrigada.

— Obrigado — ele repetiu secamente como se não pudesse decidir se ele estava irritado com as palavras ou simplesmente não as entendia.

— *Spasibo*. — Eu traduzi para o russo para ele e caminhei até a porta, o lençol preto arrastando atrás de mim como uma mulher em luto virginal.

— Eu sei o que você disse, porra — ele ralou. — E eu não disse que você poderia ir.

Obedientemente, parei na porta e me virei para ele, dando boas-vindas à sensação de entorpecimento dentro de mim. Ronan poderia me mover como uma das bonecas de Yulia agora, e eu não sentiria nada. Minha obediência era o que ele queria todo esse tempo, mas pelo brilho duro em seus olhos, parecia que ele ainda não estava feliz.

Enquanto ele se levantava e caminhava em minha direção, eu desviei meu olhar para o canto da sala – principalmente porque olhar para ele abalou a compostura por dentro. Como respingos de tinta em uma tela branca.

— Como você está se sentindo?

— Com fome — eu disse simplesmente.

Ronan fez um barulho impaciente, agora ao alcance do braço, e exigiu: — Seus olhos, Mila.

Eu puxei meu olhar para ele, mas olhei através dele. Sua atenção aqueceu meu rosto, a irritação no ar se intensificando a cada tique do silêncio. Então ele estendeu a mão e passou o polegar pela minha bochecha.

— Sem lágrimas para mim esta manhã?

— Você deseja pelas minhas lágrimas? — Meu tom transmitiu que eu reuniria algumas se ele o fizesse.

Sua mandíbula se apertou. Um som de raiva subiu em sua garganta, então ele empurrou meu rosto e me deu as costas.

— Eu devo ir agora?

Ele balançou a cabeça e rangeu — Você pode — antes de bater a porta do banheiro atrás dele.

Eu esbarrei em Yulia na porta do meu quarto. Ela estendeu um copo de água e dois ibuprofenos para meu pulso. Enquanto colocava os comprimidos na boca e os engolia com um gole, pensei ter visto uma centelha de suavidade em seu olhar. Embora tenha desaparecido com uma franzida de seus lábios e as próximas palavras de sua boca.

— Se ela se profanar prostituindo-se, será queimada no fogo. — Então ela agarrou o copo da minha mão, passou por mim e se dirigiu para o corredor, cantarolando.

Eu estava realmente vivendo o sonho aqui. Sem dúvida, a Barbie em cativeiro estaria nas lojas na próxima temporada.

Depois de tomar um banho quente, fui para a sala de jantar para o café da manhã. Completamente despreocupada com a minha presença, a irmã gêmea de Kylie colocou a mesa entre acessos de mensagens de texto e risadas delicadas. Foi só quando servi uma xícara de chá que ela parou para me examinar como uma bactéria ao microscópio.

— Eles dizem que você é Mikhailova — ela disse muito lentamente.

A última coisa que eu queria era bater um papo, mas minhas maneiras me forçaram a responder. — Eles estão corretos.

— Eles também dizem que você é uma bruxa.

Eu só pude dar uma sugestão de sorriso.

— Você não se parece com uma. — Seu olhar impressionado deslizou pelo meu cabelo molhado e pelo vestido da camiseta. — Ou como uma prisioneira.

— Eu acho que eles vêm em muitas formas e formatos. — Eu não tinha certeza se estávamos falando sobre ser uma bruxa ou uma prisioneira neste momento, embora eu imaginei que a afirmação funcionou para ambos.

— Você parece... — Ela franziu a testa como se tivesse que forçar a palavra. — *Legal*. Mas o que eles dizem? — Ela bateu os lábios em pensamento, então seus olhos se iluminaram com um estalar de dedos. — O sangue vai sair.

Sua empolgação em usar a expressão atenuou o insulto. Aparentemente, ela tinha ouvido rumores sobre minha mãe. Ou meu papa. Eu imaginei que tinha muito sangue ruim de ambos os lados, mas estava claro que ela falou da primeira quando seu olhar deslizou para o chupão no meu pescoço e ela ronronou: — Embora pareça que você já tenha seguido esse caminho.

Kylie era um buzzkill total. Não respondi e acrescentei um pouco de açúcar ao meu chá, o que pareceu irritá-la.

— Você deve saber que ele não a considera realmente *favorável*.

Um grão de amargura se infiltrou em meu peito. Deve ser missão de todos arruinar meu agradável estado de depressão esta manhã.

— Não que seja da sua conta — eu disse a ela suavemente — mas sim, estou totalmente ciente.

Ronan entrou pela porta vestido em Givenchy, e pelo toque de violência em seu olhar, ele ouviu a conversa. Que bisbilhoteiro.

Ele se sentou em sua cadeira como qualquer outra manhã. Eu estava novamente invisível para Kylie enquanto ela voltava toda a sua atenção para Ronan e trabalhava em sua mesa. Não poderia ser mais óbvio que ela

esperou para fazer isso até que ele chegasse. E, realmente, de quantos garfos ele precisava? Passei manteiga em um pedaço de torrada e ignorei a cena enquanto ela falava com ele em russo.

— Chá. Então dê o fora da minha casa.

Minha faca de manteiga vacilou por uma fração de segundo. Isso foi: — Você está demitida! — Para rivalizar com *o aprendiz*. Kylie me lançou uma expressão hostil como se fosse *minha* culpa, rapidamente serviu o chá de Ronan e saiu correndo da sala.

— Você realmente deixa as pessoas falarem com você desse jeito? — Ronan rosnou, seu olhar irado em mim. Evitei olhar para ele como se ele fosse Medusa.

— Como o quê?

— Não brinque comigo. — Sua raiva irritou minha pele. — Ela praticamente chamou você de prostituta.

O fato de ele estar agindo como se se importasse me varreu em uma onda que coçava de frustração, mas se eu não contivesse todos os sentimentos, temia explodir como Hiroshima.

— Você adora me chamar de prostituta — retruquei com indiferença. — E você me disse para não proteger sua equipe. Eu estava apenas fazendo o que você me disse para fazer.

Com um grunhido, ele agarrou meu rosto e o virou para ele. Eu não lutei contra o aperto, mas me recusei a encontrar seu olhar. O contato visual iria me transformar em pedra e então *rachar* - bem no meio.

— Se você está tentando *me* agradar agora, está falhando muito.

— Apenas me diga o que você gostaria que eu fizesse nessas situações, e eu prometo, farei melhor da próxima vez.

— Você pode começar não fingindo que não dá a mínima. — Quando ele me soltou bruscamente, eu imediatamente voltei minha atenção para o meu prato. Eu sabia que ele estava falando sobre a noite passada, mas me fiz de boba.

— Eu não me importo com o que seus servos pensam de mim.

— Juro por Deus, Mila. — Ele roubou o garfo da minha mão e o colocou ao lado de todos os seus cinco.

Procurando em meio à multidão de pratos na mesa, perguntei: — Você tem manteiga de amendoim? Eu prefiro manteiga de amendoim na minha torrada.

— Você vai ficar com fome até falarmos sobre a noite passada.

Não. Não teremos essa conversa. Apenas o pensamento agitou meu autocontrole e expandiu um demônio emocional em meu peito que agarrou minha garganta. Eu não daria a este homem mais uma lágrima.

Seu telefone tocou e enquanto ele o puxava do bolso e pressionava ignorar, inclinei um prato para olhar dentro dele, franzindo a testa ao ver mel. — Por que simplesmente não fazemos uma festa e pisamos em algumas abelhas para o café da manhã?

— Pare. Com. Os. Maldito. Pratos. — Ele estava perto de me jogar fora com os cachorros novamente.

— Não gosto de torradas secas — disse eu, continuando a examinar os condimentos. — Sério, sem manteiga de amendoim? Você está com orçamento limitado ou algo assim?

Com um movimento calmo de sua mão, a mesa de doze lugares inteira tombou de lado, derrubando as cadeiras em seu caminho. Louças, pratos e talheres deslizaram pela madeira e bateram no chão de mármore. O *estrondo* sacudiu meus ossos, lavando a dormência dentro de mim em uma maré quente de ressentimento.

Lá se foi meu maldito café da manhã.

Meu olhar ardente deslizou para Ronan para ver que ele teve a audácia de se sentar em seu trono e endireitar o punho de seu paletó.

— Eu acho que você está guardando rancor, *kotyonok*. Não é tão altruísta agora, é?

O calor desceu em cascata pelo meu corpo como uma avalanche. — Você é quem fala — eu rebati e me levantei. — A única razão pela qual estou aqui é devido a um grande rancor que você tem com meu papa.

— Sente-se, porra.

— Sente-se! — Ele nem estava de pé. Ele ficou sentado, todo composto, como se não tivesse acabado de destruir a sala e meu bom humor.

Com o dedo com tinta batendo no apoio de braço, ele disse sombriamente: — Seu papa é a última razão de você ainda estar aqui.

Eu estava desequilibrada demais para entender o que ele queria dizer. A confusão só gerou mais raiva interna.

— Você não deveria ter despedido Kylie — eu disse a ele friamente. — Ela apreciaria sua evasão e emojis de pêssego mais do que eu poderia.

— Ela é uma vadia manipuladora. E eu não gostei do jeito que ela estava falando com você.

— Por favor — eu zombei, afastando-me dele. — O que ela disse foi menos insultuoso do que o que você me disse.

— Você quer que eu me desculpe por isso também?

Eu me virei para encará-lo. — Eu quero que você me deixe ir!

Meu peito pesou no silêncio que se seguiu. Tarde demais, percebi que o estava olhando nos olhos, que eram azuis e firmes. Eu me senti transformando em pedra. Rachaduras teceram em minha resolução, fragmentando a raiva e inundando a emoção espessa que eu não queria. A dor voltou ao meu peito tão intensamente que as lágrimas queimaram seu caminho para a superfície.

Virei-me para me afastar dele, através do labirinto de cadeiras, mas não alcancei a porta. Ele agarrou meu pulso e forçou minhas costas contra a mesa virada antes de apoiar suas mãos em cada lado para me prender. Pela tensão que revestia seus ombros, ele estava completamente farto de mim.

— Não me arrependo de muitas coisas, *kotyonok*, mas me arrependo do que fiz ontem à noite.

— Porque você quase perdeu sua garantia — respondi sem emoção.

— Não — ele disse asperamente. — Porque você poderia ter morrido.

Eu queria tanto acreditar nele que um suor frio se espalhou por mim, mas sua voz também estava tão pesada que meus pulmões lutaram por uma dose de oxigênio. Eu precisava de ar, mas quando tentei escapar, ele não me deixou ir. Não do quarto, da casa ou de sua *vida*. O aperto que ele tinha na minha

cintura era como granito, duro, mas suave ao toque. Inútil, eu lutei até mesmo quando o cheiro dele – um cheiro tão áspero e persuasivo – atingiu meu coração, convencendo-me de que a última coisa que eu queria era que ele me soltasse.

— Diga-me o que você realmente quer de mim, *kotyonok*. Você pode ficar com isso. Qualquer coisa além de deixar você ir.

Uma parte de mim desejava dizer que não queria mais nada dele, mas era mentira. Parecia que eu não poderia forçar aquelas palavras passando por meus lábios nem mesmo para salvar minha própria alma. Já era dele.

— Você quer se vingar e atirar em mim de verdade? — Ele se afastou e forçou o metal frio na minha palma. — Vá em frente. Está totalmente carregado desta vez.

Apenas o peso da arma quebrou uma represa dentro de mim, enviando lágrimas quentes pelo meu rosto. Respirei fundo e balancei a cabeça, deixando a pistola cair no chão.

— Não é isso que eu quero.

— Um baú de diamantes falsos? — Ele enxugou uma lágrima com o polegar, e a carícia tirou a honestidade da minha garganta.

— Eu quero que você se importe... — As palavras ficaram tão densas e não convidadas na sala que fizeram meus ouvidos zumbirem. Ficou tão silencioso que se ouviu um alfinete cair. Ou um brinco em forma de coração.

A mão de Ronan caiu do meu rosto e com um som áspero, ele se afastou de mim. — Você é uma maldita dor de cabeça, sabia disso?

Sua reação me atingiu no peito. *Eu* fui a dor de cabeça? Era ele que estava tão quente e frio que me deu uma chicotada. Posso estar me envergonhando de novo, mas no final disso, me arrependeria de não ter contado a verdade. Eu me arrependeria de agir como se não me importasse. Agora, ele sabia, e claramente, ele não quis dizer que eu poderia ter "qualquer coisa" com seu olhar de desgosto. Este estava se tornando um dia realmente horrível.

— Eu acho que vou pegar os diamantes falsos então — eu murmurei e me dirigi para a porta.

— Eu alimento minha vegana *cativa* — ele rosnou.

A força de sua voz me acalmou.

— Ela passa os dias fazendo ioga e brincando no quintal e as noites lendo clássicos junto à lareira. — Seu tom sardônico carecia de humor.

Eu não conseguia decidir se ele estava me insultando ou mostrando que se importava com sua própria maneira distorcida. Eu queria ouvir mais, mas tudo que pude fazer foi me virar e acusar: — Você está me espionando.

— Fique quieta — ele retrucou. — Este é o meu monólogo.

Eu fechei minha boca.

— Manter você aqui é um tapa na cara dos meus homens, mas parece que não dou a mínima para isso. — O contato visual queimou. — Quanto mais eu adiar a vingança, mais perto eu fico de outra guerra com seu papa. E eu não dou a mínima para isso também.

Minha garganta apertou com o pensamento de que *eu* era a fonte desse tipo de violência. Eu não tinha ideia de que minha presença aqui tinha causado tantos problemas.

Seu olhar se estreitou. — Você puxa o gatilho para mim, e eu não posso nem a deixar no frio por quinze minutos. Então você me diz, Mila, quem se importa mais aqui?

As palavras rastejaram por baixo da minha pele, enrolaram em volta do meu coração como arame farpado e apertaram uma resposta de luta ou fuga em meus músculos. Lutei contra o impulso de fugir, mesmo quando ele deu um passo em minha direção, a violência refletindo em seus olhos.

— Você ia pegar um avião para casa sem me dizer uma palavra, não ia?

Engoli. Ele sabia que eu estava planejando ir embora depois da noite que passei com ele no meu quarto de hotel. Por algum motivo, o conhecimento contraiu meu peito de culpa. Ronan se aproximou. Sua animosidade envolveu meu corpo enquanto seus dedos agarraram meu rosto, forçando uma exalação irregular de mim.

— Eu sou tão fácil de deixar, *kotyonok?*

Minha respiração ficou superficial com a vulnerabilidade raivosa que ele me deixou ver. A pior parte é que eu compartilhei: o medo de ser abandonado, de não ser bom o suficiente. Essa fraqueza dele torceu meu peito. Isso me forçou a mudar minha visão dele para sempre. Eu nunca mais o veria como o monstro que uma vez pensei que ele era, mas como o garoto faminto e abusado, a pior parte da humanidade se transformou em um homem de coração frio.

Meu coração estava tão pesado que me obrigou a enquadrar seu rosto com as mãos e deslizar meus lábios contra sua cicatriz. A ação suave contrastou com seu aperto áspero me segurando no lugar. Ele ficou tenso como se não tivesse certeza do que eu estava fazendo; como se ele nunca tivesse sido

tocado dessa forma antes em sua vida; como se ele estivesse esperando a dor seguir. Sua simples reação foi minha ruína.

— Você queria minha dor, mas estou lhe dando meu perdão — eu respirei, a voz grossa. — Quando você me deixar ir, não vou denunciá-lo, embora devesse. Não posso ser a pessoa que te mandará de volta para a prisão... — Eu inalei asperamente. — Vou embora quando isso acabar e não vou olhar para trás - embora não porque te odeie, mas porque não odeio. Nem um pouco...

As palavras se estabeleceram em torno de nós por um instante antes de ele dizer secamente: — Isso está chegando perto de um filme de Nicholas Sparks para mim, *kotyonok*. Eu só queria te convencer a me deixar te foder de novo.

— Eu sou uma merda emocional — respondi. — Deixe isso para lá.

Ele riu asperamente. Quando meu polegar roçou sua cicatriz, ele o beliscou com força entre os dentes brancos e retos. Eu sibilei de dor e puxei-o com um olhar feroz.

— Eu sou um fodido duro — ele retornou. — Deixe isso para trás. — A expressão em seus olhos ficou turbulenta. — Se você quer me entregar, que seja. Eu voltaria para a prisão por você, *kotyonok*, mas quando eu sair, é melhor que haja um oceano entre nós.

De repente, não conseguia nem imaginar voltar para The Moorings, para Carter e os sons solitários do Atlântico. Um peso comprimiu meu peito, forçando a palavra de meus lábios.

— Por quê?

Seus dedos se apertaram em minhas bochechas, a voz sombria. — Você não tem ideia do que estaria desencadeando em Moscou após anos de celibato.

À medida que suas palavras penetraram, uma onda quente de ciúme evaporou todas as outras emoções. A ideia dele com outras mulheres me chutou no estômago. Meu corpo inteiro se rebelou contra a ideia. De repente, eu queria me imprimir nele, para fazê-lo se lembrar de mim para sempre - não importa as consequências.

Peguei um punhado de seu cabelo e arrastei sua boca para a minha, deslizando minha língua entre seus lábios. Ele sibilou e me levantou para que eu pudesse envolver minhas pernas em torno de seus quadris. Nunca me senti tão pequena, tão feminina e *completa*. De repente, soube que nunca mais sentiria isso; nunca se encaixou tão bem com outra pessoa; nunca se encontra um outro homem como *este*.

Posso muito bem aproveitar o feliz-por-agora enquanto durou.

Ele pressionou minhas costas contra a mesa virada e lambeu o céu da minha boca. Com o gosto dele e o calor de seu corpo, um fogo cresceu dentro de mim, queimando a *necessidade* em ondas grossas. Eu cantarolei contra seus lábios, morrendo por mais - por tudo que ele tinha. Esfregando contra ele e incapaz de encontrar o atrito de que precisava, um ruído frustrado me escapou.

— Foda-me — eu respirei, puxando a fivela de seu cinto.

Ele gemeu e se afastou. — Aqui não.

— *Aqui* — eu implorei, fechando a lacuna novamente e mordendo seu lábio inferior. — Da maneira que você quiser. *Por favor.*

— *Nyet*. — Ele tentou me deslizar para baixo em seu corpo, mas minhas pernas se apertaram em torno dele. Eu senti o quão duro ele estava e saboreei sua reação - isto é, até que ele agarrou meu rabo de cavalo e puxou minha cabeça para trás. — Não me tente, *kotyonok* — ele rosnou. — Não sou nobre o suficiente para recusar a oferta.

— Então não faça isso.

Ele me observou por um segundo. — Jesus Cristo. — Com um ruído frustrado como se ele estivesse com dor, ele soltou meu cabelo. — Eu instalei a Síndrome de Estocolmo em você.

Eu lutei contra um sorriso. — Mmm — eu concordei e chupei seu pescoço. — Agora você tem que lidar com as consequências. — Arrastei minha boca para a dele, e depois de um segundo beijando seus lábios mornos, ele me beijou de volta, deslizando sua língua contra a minha. Uma dor vazia pulsou entre minhas pernas e me esfreguei contra ele.

— *Eu preciso disso* — eu implorei.

Ele parou meus movimentos. — Você vai conseguir no meu quarto, onde alguém não pode simplesmente entrar.

— Então me leve para o seu quarto... *por favor.*

Um de seus “foda-se” soou, e eu beijei seus lábios, então deslizei minha boca por seu pescoço, chupando e mordendo onde quer que eu pudesse alcançar. *D'yavol* me carregou para seu quarto, e o fato de eu estar aqui contra a minha vontade não importava mais quando eu sabia que ele preencheria o vazio dentro de mim.

De *uma* forma, pelo menos.

CAPÍTULO QUARENTA

Mila

Fosfenos
(N.) as cores ou "estrelas" que vemos
quando esfregamos os olhos

RONÃ ME JOGOU SOBRE SUA cama de uma altura que me fez saltar e caiu em cima de mim. Grosseiramente, lábios e dentes correram pela minha garganta, puxando um suspiro de mim. Mesmo apoiando-se nos antebraços, ele era pesado. O peso era perfeito, mas tão intenso que um pensamento fugaz de autopreservação veio à tona.

Embora todas as incertezas tenham sido esquecidas quando ele empurrou meu vestido até minha cintura, pressionou seu rosto entre minhas pernas e inalou.

— Porra, *kotyonok*. — Ele puxou minha calcinha para o lado e deslizou sua língua dentro de mim.

Eu gemi, meus quadris arquearam e minha mão encontrou seu cabelo. Minhas pernas se abriram mais quando ele lambeu meu clitóris, um arrepio percorreu meu corpo.

— *Deus, sim* — eu respirei. Meus dedos apertados em seu cabelo para mantê-lo *exatamente* lá, mas ele sacudiu meu aperto antes de mover sua

boca de volta até a minha entrada. Eu fiz um barulho de frustração, que se transformou em um gemido quando ele me fodeu com sua língua.

Ele se afastou, puxou minha calcinha pelas minhas pernas e jogou o tecido no chão. Com o olhar escuro, ele olhou para minha boceta por um segundo antes de pressionar seu rosto entre minhas coxas com um som masculino de satisfação que fez meu corpo arrepiar. Quando ele chupou meu clitóris em sua boca, meus olhos rolaram para trás.

— Alguém mais fez isso com você? — Ele murmurou.

Mal interpretando as palavras, eu balancei minha cabeça.

Ele fez um barulho satisfeito com a garganta e empurrou dois dedos dentro de mim. — E isto?

Ofegante, balancei meus quadris contra sua mão, mas ele se recusou a me dar qualquer movimento.

— E isto? — Ele repetiu asperamente.

Eu nunca assumi que *D'yavol* seria alguém para iniciar uma conversa durante o sexo. Embora não fosse o Chefão Russo entre minhas pernas, era o homem que roubou meu fôlego e minha virgindade – e talvez meu *coração*. Sabendo que não conseguiria o que queria até responder, concordei.

— Quantos homens tiveram seus dedos dentro de você? — Ele rosnou.

Com um suspiro pesado, perguntei: — Com quantas mulheres você já fez isso?

Ele não gostou da pergunta. Hipócrita.

— Não estamos falando de mim.

— Por que estamos conversando?

— Porque este corpo é meu, e eu preciso saber quem fodeu com ele. — Seus dedos ainda estavam dentro de mim, e isso me perturbava seriamente.

— Podemos ter essa conversa mais tarde?

— *Nyet*. Quantos?

Eu gemi de frustração, então contei um número aleatório. — Dezessete.

— *Malen'kaya lgunishka*... — Seus olhos se estreitaram. — Dezessete, e ninguém poderia te excitar?

— Com quantas mulheres você já esteve? — Eu agarrei. — Tenho certeza de que precisaria ter um caso de uma noite todos os dias por dez anos para corresponder ao seu número.

Ele sorriu. — Três mil seiscentos e cinquenta e dois é uma soma que eu só poderia aspirar a cumprir... isto é, se estivermos levando em conta os anos bissextos. Se não, menos dois, e posso ter uma chance melhor.

Ele acabou de fazer as contas em sua cabeça? Deus, isso era... *quente*.

— Tenho fé em você — disse eu. — Mas tenha cuidado. Uma delas pode acabar significando algo para você. — As palavras queimaram como ácido na minha língua.

Ele me observou por um segundo. — *Ya dumayu uzhe slishkom pozdno dlya etogo*.[30] — Eu não sabia o que ele disse, mas o significado de sua voz fez minha garganta engrossar. As palavras foram sentidas... estranhamente

comovente de uma forma, mesmo enquanto ele estava me manipulando para me submeter através do uso de tortura sexual.

Eu não queria contar a ele sobre meu passado. Não queria pensar em Carter e no outro homem que deixei chegar à terceira base. A Mila dos Moorings e a Mila deitada na cama de *D'yavol* eram tão diferentes que eu tinha medo de que, se eu as apresentasse, tudo ao meu redor *viraria* fumaça.

Depois de um forte momento de contato visual, ele puxou os dedos e subiu pelo meu corpo.

— Eu preciso saber, *kotyonok*. — Ele pressionou seus lábios nos meus suavemente e eu suspirei em sua boca, sentindo meu gosto em sua língua. Quando ele se afastou, agarrei seu cabelo e tentei puxá-lo de volta, mas ele agarrou meus pulsos e os algemava no colchão de cada lado da minha cabeça, seu olhar repentinamente sério. — Eu preciso saber tudo. Quem beijou você. Com o que você lava seu cabelo. Quantas lambidas você precisa para chegar ao centro de um Tootsie Pop[31]. — Seus olhos endureceram. — E se eu tiver que amarrá-la novamente para obter as respostas, eu o farei.

Deveria importar que ele apenas ameaçou me conter, mas não fez. Meu coração amou tudo o que ele disse e derreteu no meu peito como chocolate. Era impossível negar a Ronan quando ele mostrou seu lado meio doce. E eu realmente não queria ser amarrada novamente.

— Você primeiro — eu disse sem fôlego.

Por sua expressão desanimada, não achei que ele realmente fosse indulgente comigo, então fiquei surpresa quando ele disse: — O que você quer saber?

Oh, muito. Embora agora eu estivesse recebendo luz verde para minhas perguntas, todas elas me escaparam. Era difícil pensar com ele montando em mim, sua boca tão perto da minha. Se ele quisesse mergulhar em minha minúscula história sexual, ele tinha que ser tão transparente quanto.

— Com quantas mulheres você já esteve?

— Eu não tenho ideia, mas posso te dizer quantas eu já perdi.

— E?

— Quatro.

Oh. Esse número era *muito* menor do que eu pensava. Ainda assim, três a mais do que eu prefiro pensar. Puxei meu lábio entre os dentes, perguntando-me por que ele não fazia isso com frequência.

— Você não gosta?

Um sorriso tocou seus lábios enquanto ele beijava o oco atrás da minha orelha. — Eu gosto muito bem.

Eu estremeci. — Então por que apenas quatro?

— Porque me lembra de uma merda que prefiro não pensar.

Meu peito, de repente, encheu-se de inquietação. Sua postura estava relaxada e imóvel enquanto ele arrastava seus lábios pelo meu pescoço, sugando um ponto forte o suficiente para deixar outro chupão, mas minha imaginação girou com uma realidade fria que eu achei difícil de engolir.

— Você não tem que me dizer nada... mas minha mente está pensando no pior agora.

Ele riu contra minha garganta. — Provavelmente está certa.

Meus músculos ficaram tensos. — Ronan...

— Relaxe. Eu não fui abusado. Não dessa forma, pelo menos.

Eu exalei, meu corpo afrouxando, mas ainda estava muito perturbada para desfrutar da pressão de sua boca. Pela leve pausa em sua postura, ele percebeu meu desconforto e suspirou.

— Minha mãe era viciada em drogas, *kotyonok*. Não tenho dúvidas se também nasci um. — Ele passou os lábios pelo meu pulso frenético, como se estivesse tentando *me* tranquilizar. — Ela fodia para sustentar seu hábito e geralmente estava tão chapada que não tinha ideia do que estava submetendo seus filhos. Meu irmão sofreu o pior. Acabei de me familiarizar com manchas que podem esconder decentemente uma criança de cinco anos.

Meu corpo inteiro estava frio, além da queimação em meus olhos.

— Seu irmão era... — Eu não poderia dizer o resto, mas não precisava.

— *Da*.

— E você tinha que... — *Ver?*

— *Da*.

Oh, Deus. Eu ia passar mal. Como uma *mãe pode* fazer isso com seu próprio filho? A ideia de quão pouco amado e assustado Ronan e seu irmão devem ter se sentido rasgou meu coração.

Após um momento de silêncio, Ronan se afastou para ver as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Foda-se — ele amaldiçoou suavemente. — Eu te disse, nada aconteceu comigo.

Eu balancei minha cabeça porque o fato de ele ver as coisas dessa forma e ser tão indiferente a isso me mostra que ele passou por coisas que ninguém deveria passar.

Uma lágrima correu pelos meus lábios. Ele a lambeu e depois me beijou, devagar e com firmeza, até que encontrei vontade de retribuir. O estresse desapareceu sob a pressão de sua boca, um grão de calor crescendo.

Ele terminou o beijo. — Sua vez.

O quê?

Oh, certo. Suas perguntas.

— Hum... dois — eu disse hesitante. — Dois me tocaram... dessa maneira.

Ele fez um barulho áspero. — *Dvoye mertvetsov.* — *Dois homens mortos.*

Eu fiz uma careta. — Eu não vou te dizer nada se você vai matar pessoas por causa disso. — Estranho, eu precisava deixar isso claro... mas era onde eu estava.

Seus olhos escureceram. — Um deles foi Ivan?

— Não.

O olhar em seu olhar esfriou. — Bem. Eles podem viver.

— Quão nobre da sua parte — eu retornei secamente.

— Continue.

Depois de um momento de reflexão, eu disse: — Cinco homens me beijaram. Quando não estou sendo mantida em cativeiro, lavo meu cabelo com Pacifica. E preciso de trezentas e oitenta e oito lambidas para chegar ao centro de um Tootsie Pop.

Ele riu do fato de eu saber a resposta para essa pergunta. — Porra.

Essa única palavra não dizia nada e tudo de uma vez.

— Sua curiosidade está satisfeita agora? — Eu questionei.

Seus olhos esquentaram, então ele soltou meus pulsos e passou o polegar pelos meus lábios.

— *Nyet*.

Seu toque queimou e inchou o calor dentro de mim. Minha respiração ficou superficial. Meu peito queimou. Eu estava no fundo de uma piscina, o cabelo cacheado flutuando e brilhando. E eu não me importava mais se me afogasse.

— Você vai me foder agora? — Eu perguntei.

Ele beliscou minha garganta e rosnou: — *Da*.

D'yavol pode ter roubado minha respiração.

Mas eu dei a ele meu coração.

◄ ⁂ ►

O suor corria riachos pelas minhas costas, meu cabelo comprido estava úmido e grudado na minha pele e meus músculos pareciam gelatina, moldáveis e flexíveis enquanto Ronan me colocava em todas as posições sexuais conhecidas pela humanidade. Teríamos usado três preservativos até agora – se os estivéssemos usando, pelo menos. Não que eu não tenha tentado encorajá-lo.

— *Espere* — eu respirei quase duas horas atrás antes de Ronan empurrar para dentro de mim. — Preservativo.

— Você tem um DIU.

— Os preservativos são mais do que o controle da natalidade.

— Eu já estive dentro de você nu. Se eu tenho algo, você também tem.

— Isso é reconfortante.

Ele riu asperamente. — Estou limpo, *kotyonok*. — Então ele me encheu tão perfeitamente que meus olhos rolaram para trás e meu cérebro desligou.

Agora, eu estava deitada de costas com minhas pernas sobre seus ombros enquanto ele me fodia com tanta força que eu o sentiria na próxima semana. Meus gemidos tremiam com cada impulso, minhas unhas cravando em suas coxas grossas. Ele era menos humano e mais parecido com *D'yavol* quando fodia. Ele parecia ter uma resistência sem fim e um propósito criminoso, como se estivesse pegando algo que não deveria, mas saboreando cada momento.

Ele diminuiu o ritmo e murmurou: — Como estamos?

Soltando um gemido torturado, joguei minha cabeça no colchão. — *Não*... eu não posso. De novo não.

Ele empurrou minhas pernas de seus ombros, desceu em cima de mim e beliscou meu pescoço. — Eu acho que você pode.

Com um suspiro, virei minha cabeça para dar a ele mais acesso. — Você não tem que ir trabalhar?

Eu senti seu sorriso. — No momento, estou sendo pago para foder você.

— Como uma situação de salário?

Ele deu uma risadinha. — *Da.*

O som de sua risada fez coisas tão pesadas no meu peito que virei minha cabeça e peguei seus lábios nos meus. Ele gemeu em minha boca e me fodeu lentamente. Meus dedos viajaram por suas costas, apaixonados por senti-lo. Achei que nunca teria o suficiente – não importa o quanto eu o tocasse ou o quão perto ele estivesse.

— Como estamos, *kotyonok?* — Ele perguntou contra meus lábios.

— Quatro — eu respondi relutantemente. Ele me fez contar cada orgasmo que ele me deu, e eu sabia que não sobreviveria a outro. — Eu sou virgem. Não aguento mais.

— Você não é mais virgem. Eu tinha a prova disso em todo o meu pau.

Quem disse que o romance estava morto?

Ele chupou meu lábio inferior e o soltou com um arranhar de dentes. — Você me negou essa boceta por semanas. Eu tenho tempo para compensar.

— Eu sou muito jovem para morrer — eu gemi. — Tenho apenas vinte anos.

Ele se acalmou, então um olhar sombriamente divertido encontrou o meu. — Porra. Eu esqueci quantos anos você tem. Eu realmente não preciso do lembrete agora.

— Isso te incomoda? — Eu perguntei, minhas unhas escorrendo por suas costas.

Seus olhos caíram. — Insuficiente. — Ele pontuou a declaração com um impulso profundo que me fez gemer. Uma palma áspera encontrou meu seio e apertou.

Envolvi minhas pernas em torno de seus quadris, suspirando quando ele chupou um mamilo em sua boca. Era tão fácil esquecer tudo com ele dentro de mim. Mas eu queria ser mais do que apenas outra mulher em sua cama. Eu queria conhecê-lo por dentro e por fora. Porque ele era muito mais do que um único tom de preto ou branco.

— Você era tão cinza aos vinte anos? — Eu perguntei. As palavras não deveriam fazer sentido – não fariam sentido para mais ninguém – mas levou apenas alguns segundos para Ronan entender o que eu quis dizer.

— *Nyet*.

Estremeci com a escuridão e a verdade em sua voz. Se ele tivesse vinte anos agora, as coisas teriam sido muito, muito diferentes para mim. Nunca tive problemas com sua idade, mas agora apreciava sua experiência ainda mais.

Sua boca viajou pelo meu pescoço, deixando um rastro quente e úmido para trás, enquanto ele me fodia vagarosamente como se tivesse toda a semana para fazer isso.

Tentei piscar através da névoa de prazer. — Você estava na prisão então?

— Não. Fui solto quando tinha dezoito anos.

— Quando você entrou?

— Quatorze.

— O que você poderia ter feito aos quatorze anos? — Eu perguntei, horrorizada.

Ele sorriu contra minha garganta. — Cortei o pau de um político e empurrei-o garganta abaixo.

Engoli. Eu realmente não deveria ter feito essa pergunta. Meu corpo deve estar preparado e pronto para correr para as colinas após sua resposta. Mas eu já sabia que Ronan não era o Príncipe Encantado. De alguma forma, eu também sabia que o homem que ele matou merecia isso e provavelmente mais.

Apoiando as mãos em cada lado meu, ele empurrou para que pudesse ver meus olhos. — O quê? Nenhum comentário sobre minha alma enegrecida?

Eu mantive contato visual por um momento antes de dizer baixinho — Não.

Ele não pareceu feliz com minha resposta. — Você realmente não deveria me deixar te foder.

Percebi que ele se sentia culpado por pegar algo que achava que não merecia. Quanto mais ele falava, mais forte eu caía. Eu deveria fechar minha boca e deixá-lo forçar outro orgasmo de mim, mas, de repente, eu precisava dar a ele algo que nunca tinha dado a ninguém: a verdade.

— Eu sempre soube, você sabe...? Sempre soube o homem que era meu papa. — Minha garganta estava apertada. — Ele matou alguém... uma

mulher... quando eu era pequena. Eu a vi deitada em seu próprio sangue. E me forcei a esquecer porque não queria acreditar. Mas eu nunca realmente esqueci; eu simplesmente fiquei boa em mentir para mim mesma. Não sou o anjo que meu papa me chama... — Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. — Eu nem sou uma boa pessoa.

— *Kotyonok*... — Ronan riu. — Meu pau está dentro de você, e você está chorando por causa do seu papa.

Pareceu um pouco bobo quando ele disse isso.

— Eu só estava...

— Eu sei o que você estava tentando fazer. E foi doce. Mas ainda há uma grande diferença entre você e eu. — As tatuagens de estrelas náuticas em seus ombros brilhavam pretas à luz do sol. — Você nunca vai me pedir mais do que eu posso dar. — A escuridão nublou seus olhos e sua mão cobriu minha garganta, um polegar correndo por um chupão que ele colocou lá. — Já peguei tudo o que você tem para dar. — Eu segurei seu olhar, meu coração um aríete batendo contra a parede do meu peito. — E agora, vou demorar um pouco mais.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Mila

tacenda

(N.) coisas melhor não ditas

Minha RESPIRAÇÃO AINDA ESTAVA IRREGULAR, Ronan acabara de sair de cima de mim. A simples ação me deixou fria por dentro e para me distrair da sensação de peso, eu precisava sair ou puxar conversa. Eu escolhi o último.

— O que você me disse que fez para trabalhar naquela noite quando eu perguntei?

— Entrei em detalhes sobre o meu negócio de limpador de chaminés — ele respondeu preguiçosamente.

Eu pisquei. — Você está brincando né?

— *Nyet* — Ele riu e passou a mão pelo cabelo. — Nunca pensei que uma mulher iria se atirar em mim depois que eu disse a ela que ganhava um salário mínimo.

Um rubor subiu para minhas bochechas já coradas – mesmo agora, enquanto estava deitada nua ao lado de *D'yavol*. — Eu não ouvi você.

— Eu sei disso agora. Você estava muito ocupada criando coragem para me maltratar.

— Eu não *maltratei* você. — Eu fiz uma careta. — Essa é uma palavra tão agressiva.

Ele riu. — Você foi além de doce a noite toda. Eu não esperava que no final disso você praticamente implorasse para eu te foder em um corredor público. — Então, ele acrescentou, pensativo: — Quase fiz isso.

Foi por isso que ele me empurrou tão de repente. Eu adorava saber que tinha esse efeito sobre ele, embora ele devesse me desprezar por causa de quem era meu papa.

Rolei para encará-lo e me apoiei no cotovelo. — Você realmente achou que eu teria acreditado que você era um limpador de chaminés?

— Eu não sei — ele falou lentamente, arrastando seu olhar divertido para o meu. — Você me olhou como se eu fosse um deus. Eu acho que você teria acreditado em qualquer coisa que eu dissesse a você... sendo um limpador de chaminés incluído.

Havia uma dúzia de razões pelas quais ele nunca se passaria por trabalhador manual – sua óbvia riqueza número um. Embora a forma como decidi confirmar que não teria acreditado em sua mentira fosse revirar os olhos e dizer: — Não há chance de você caber em uma chaminé.

Ele riu profundamente. — Minhas desculpas por subestimar suas habilidades de raciocínio dedutivo.

Eu lutei contra um sorriso. — Desculpas aceitas.

Enquanto eu sustentava seu olhar sombrio, a diversão desapareceu e um silêncio tenso abriu caminho para dentro da sala. Sentou-se tão pesadamente

na pele nua e no meu coração que de repente senti a necessidade de espaço. Mas, novamente, Ronan agarrou meu pulso.

— Onde você vai?

— Para o meu quarto. — Saiu um pouco sem fôlego.

— Por quê?

— Tomar um banho. E depois procurar um lanche, já que você arruinou meu café da manhã.

— *Nyet* — foi tudo o que ele disse antes de me soltar.

— Não?

— Yulia está trazendo um pouco de comida. Você pode tomar banho no meu banheiro.

Minha sobrancelha franziu. — Você compartilha uma conexão telepática com sua governanta?

Ele sorriu enquanto seu telefone zumbia em sua mesa de cabeceira. — Felizmente para ela, apenas tecnológico.

Eu nem percebi que ele mandou uma mensagem para ela. Embora não fosse tão surpreendente; a visão dele deitado nu era uma distração. Tantos centímetros de homem puro. Ele era perfeitamente defeituoso – das cicatrizes às tatuagens grosseiras – seu corpo forjado em ossos, músculos e fogo. Eu queria traçar cada linha de tinta em sua pele com minha língua. Outro desejo surgiu e queimou em meu peito com uma emoção desesperada: eu queria chamá-lo de *meu*.

Eu montei em seus quadris e apoiei minhas mãos em cada lado de sua cabeça, minha respiração pesada. — Às vezes, estou convencida de que você é imortal.

Um sorriso apareceu em seus lábios. — Simplesmente diabólico.

Distraidamente, toquei a ponta afiada de seu incisivo. Era um jogo perigoso colocar meu dedo em qualquer lugar perto *da* boca de *D'yavol*, mas ele apenas fechou suavemente os dentes no meu polegar. Eu o puxei, desenhei sobre a cicatriz em seu lábio e fui compelida a dizer suavemente: — Muito mais do que isso...

Meu peito parecia tão pesado e leve ao mesmo tempo. Em seguida, o silêncio pesado foi interrompido por uma batida na porta. Nua como no dia em que nasci, eu lancei um olhar para o som assim que Ronan disse: — Entre.

Com um barulho de pânico, eu pulei da cama e corri para o banheiro na velocidade da luz, a risada suave de Ronan me seguindo. Ele não acharia tão engraçado se Yulia me pegasse aqui fornicando com o mestre, me matasse enfiando um alfinete no coração de uma boneca vodu e destruísse sua melhor chance de vingança.

Eu bati a porta do banheiro atrás de mim e descansei minhas costas contra ela. Eu não tinha ideia do que estava fazendo com Ronan, mas sabia que algo parecia *certo.*

Claro, minha mente me lembrou das muitas razões pelas quais eu não deveria brincar com *D'yavol,* incluindo, mas não se limitando a:

✔ *Ele me sequestrou.*

✔ *Ele planejou matar meu papa a sangue frio.*

✔ *Ele me expulsou para dormir com os cachorros na noite passada.*

Minha consciência estava chovendo em meu desfile.

Sentindo-me tão em conflito que me consumiu, arrastei-me para o chuveiro, abri a torneira quente e pisei na água. Enquanto a água chovia sobre mim, pensei em muita coisa, mas aparentemente em nada. Depois dessa experiência, eu sabia com certeza que nunca me casaria com Carter. Um casamento sem paixão não estava em meu futuro e, com esse conhecimento, um peso foi tirado de meus ombros. Mas isso não diminuiu outras verdades pesadas.

Mesmo considerando as mentiras de meu papa, seu caráter criminoso e suas ausências, ainda achava impossível imaginar uma vida sem ele. Ele era minha família, meu pai, a pessoa que sempre procurei para obter as respostas. E quando ele se entregasse por mim, ele não existiria mais. O pensamento apertou meu peito com tanta força que tive certeza de que machucaria.

Egoisticamente, eu estava com o mesmo medo de ficar sozinha. Eu não sabia mais o que Ivan sentia por mim, e sabia que não poderia pedir a ele para ficar ao meu lado só porque estava com medo de ficar verdadeiramente, terrivelmente sozinha... A fumaça do cigarro e as risadas de Madame Richie giravam por trás dos meus olhos fechados, nublando minha mente com o cheiro de cravo e ruína. Eu não tinha certeza se era a água do chuveiro ou as lágrimas escorrendo pelo meu rosto quando um braço envolveu minha cintura. Eu balancei com o contato, não resistindo quando Ronan me puxou de volta contra seu peito.

O desastre assomava à distância, mas o calor de seu corpo lavou a frieza dentro de mim. Eu costumava desprezar seu tamanho e força; agora eu me

inclinei sabendo que ele não me deixaria cair. Ainda.

Ronan pressionou seu rosto contra meu pescoço com um gemido baixo. — *Inogda bol'no smotret 'na tebya.*

Ele não iria traduzir a declaração para mim, mas não precisava. Eu entendi o que ele disse. *Às vezes dói olhar para você.* E agora eu sabia que não era apenas água escorrendo pelo meu rosto.

O tempo todo, esse homem estivera do outro lado do Atlântico.

E talvez... apenas talvez, minha alma sempre soube.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Mila

nefelibata
(N.) aquele que vive nas nuvens de sua
própria imaginação

O SOL BRILHAVA, LANÇANDO UMA luz ofuscante por trás dos meus olhos fechados, e me enrolou no calor suave do céu. Embora a dor entre minhas coxas fosse a personificação do próprio harém de Satanás.

Eu abri meus olhos para me encontrar sozinha na cama de *D'yavol*. Eu encarei o teto enquanto a memória de ontem retornou como uma vingança.

Eu não acho que Ronan percebeu meu mini-derretimento no chuveiro – ou talvez ele tenha notado, e foi por isso que ele tomou a iniciativa de me lavar por ele mesmo. Meu cabelo, meu corpo... mas não minha consciência.

Minha mente trabalhou para trás, a memória voltando no momento em que gozei, minha cabeça jogada para trás, sob o jato do chuveiro. Cada impulso me deslizou pela parede do chuveiro, minhas coxas em volta de seus quadris. Respirações pesadas e palavras em russo. Estrelas em seus ombros. Estrelas em meus olhos.

Fiquei de pé, girei e fiquei na ponta dos pés. Ele deslizou dentro de mim por trás. Minha testa rolou contra a parede, meus dedos deslizando pela pedra.

Sua mão na minha garganta; seus lábios no meu ouvido. — *Moya. Vse moya.* — *Minha. Toda minha.* Dedos com tinta apoiados na parede ao lado dos meus. Espuma, pele e um corvo chamado Nevermore. Meu peito segurava um coração de papel quebradiço sabendo, em breve, este homem escorregaria por entre meus dedos como outra Lenore perdida...

Voltei ao presente, meus braços estendidos em lençóis pretos como os de um anjo da neve, antes de ser sugada de volta para ontem.

Depois do banho, não consegui encontrar minhas roupas, então vasculhei o armário de Ronan e coloquei uma de suas camisetas. Seria um ato tão normal e doméstico se eu não sentisse a necessidade de verificar se havia uma mancha de sangue no tecido antes de colocá-lo.

Era hora do almoço e todo o sexo me deixou faminta. Sentei-me na cama e enchi meu estômago vazio com a comida que Yulia trouxe enquanto Ronan vestia uma cueca boxer e atendia ao telefone. Masoquisticamente, eu me perguntei se Nadia estava do outro lado da linha. E então me consolei com o fato de que provavelmente era apenas um capanga que Ronan estava ordenando que afogasse uma pobre alma em um banheiro.

Ronan ainda estava falando ao telefone quando seu olhar me encontrou sentada de pernas cruzadas em sua cama, enchendo meu rosto. Depois de se mover em minha direção com um brilho nos olhos, ele roubou uma cenoura do meu prato e a levou à minha boca. Eu dei a ele um olhar seco. Se ele pensava que Estocolmo tinha uma síndrome tão boa que eu o deixaria me alimentar com as mãos, ele era mais louco do que eu pensava.

Eu mordi seu dedo.

Com uma risada, ele mordeu a ponta da cenoura e foi até a janela para continuar a conversa. Sua forma bloqueou a luz, a sombra que ele projetou tendo asas como o diabo com tinta em suas costas. Mas agora sua escuridão parecia mais quente que o sol.

Depois de terminar minha refeição, fiquei inquieta esperando Ronan terminava seu telefonema, então, naturalmente, comecei a apertar os botões na parede perto da mesa de cabeceira. Uma cortina começou a descer pela janela. Na minha pressa de fazer parar e não mostrar minha imaturidade quando se tratava de botões, empurrei todos eles. As luzes se acenderam e também a música estridente. Um armário na parede se abriu para revelar uma TV de tela plana. Então o lustre girou como uma bola de discoteca, suas joias em forma de lágrima brilhando nas paredes.

Que se intensificou rapidamente...

Contrita, eu lancei meu olhar para Ronan enquanto as luzes brilhavam romanticamente, as persianas estavam fechadas a esmo e jazz tocava em alto-falantes ocultos. Puxei meu lábio entre os dentes para conter a risada e ofereci: — Opa.

A expressão séria de Ronan, como se eu tivesse acabado de interromper uma reunião muito importante do conselho, só me divertiu mais. Ele devolveu a sala ao seu estado silencioso, e eu não consegui mais segurar.

— Eu não tinha ideia de que você tinha um lado tão romântico.

Seus lábios se curvaram. — Todo aquele jazz veio com a casa.

Eu ri do duplo sentido do “jazz”. — Eu deveria saber. O botão do lustre estava empoeirado. — Inclinando minha cabeça contra o encosto de cabeça, eu disse: — Espero não ter interrompido nenhum de seus planos de destruir

a ideia de paz mundial para sempre. — Eu gritei como uma menina quando ele agarrou meu tornozelo e me puxou para baixo na cama.

— Eu acho que esse era exatamente o seu plano — ele rebateu, apoiando as mãos em cada lado da minha cabeça. — Ou eu estava entediando você?

Eu vibrei sob sua proximidade, o calor de seu corpo encontrando seu caminho sob minha pele. Quando eu lambi meus lábios em antecipação, seu olhar seguiu o movimento. Ofegante, eu balancei a cabeça. Então sua boca tocou a minha tão suavemente que meu peito doeu. Tão suavemente, não foi um beijo. Foram todas as palavras que nunca poderiam ser ditas. Seus lábios deixaram os meus, o ar tão pesado e espesso que colocou pressão na parte de trás dos meus olhos. Para esconder minha reação, forcei: — Espero que um desses botões não tenha lançado um foguete para destruir a lua.

Um sorriso tocou seus lábios quando ele se afastou para ficar ao pé da cama. — Eu acho que você vai ter que esperar para ver.

— Sem a lua, podemos passar por uma era do gelo.

— E você não usa calças, então não podemos ter isso. — Ele agarrou meu tornozelo, beliscou meu peito do pé e chupou meu dedão do pé. Eu exalei, estranhamente ficando quente em todos os lugares, e empurrei sua bochecha com meu pé. Ele deu uma risadinha.

— Vestidos são formas adequadas de roupa — respondi.

— Sobre você, eu discordo. — Ele beijou e mordeu minha perna, e eu gemi quando ele alcançou a parte interna da minha coxa. Meu clitóris pulsou em antecipação, mas o que eu queria não tinha nada a ver com sua boca entre minhas pernas – e não por causa do que ele me contou sobre seu passado; porque o tempo era limitado com este homem.

Eu agarrei um punhado de seu cabelo e puxei seus lábios nos meus, apenas roçando, mas queimando, no entanto.

— A cama também gira? — Eu perguntei.

— Infelizmente, não — ele respondeu com humor, então sua voz ficou rouca. — Mas chacoalha.

O resto do dia passou com sexo, comida e seriados russos.

E era facilmente meu favorito feliz por enquanto ainda.

◄ ⁂ ►

Eu tomei café da manhã sozinha. Ronan deve ter partido para Moscou antes mesmo de eu acordar, e a falta de sua presença intensificou uma sensação desconfortável em meu peito. Eu tinha dado a ele exatamente o que ele queria, então ele agora não tinha reservas em me entregar em troca do meu papa?

Eu mordi meu lábio e caminhei pela casa em transe, tentando encontrar algo para fazer – qualquer coisa para distrair minha mente de suas meditações horríveis. Eu parei com a visão da silenciosa garçonete na lavanderia.

— Oh, você está de volta.

Com uma explosão selvagem de incerteza em seus olhos, ela baixou a cabeça e se concentrou na roupa que estava dobrando, seus movimentos nervosos. Percebi que ela parecia melhor do que nunca. Ela normalmente era tão pálida, tão frágil, mas hoje, um brilho saudável aquecia sua pele. Dias atrás,

Ronan me disse que o desaparecimento dela – não era da minha conta – e de repente eu soube que ele era o responsável por sua mudança de aparência.

Não tendo nada melhor para fazer, aproximei-me, peguei uma toalha e comecei a dobrá-la. Ela ficou tensa, mantendo o olhar abaixado, mas quando sua mão trêmula levantou para sua bochecha, percebi que ela estava enxugando uma lágrima. O ar realmente precisava ser limpo.

— Eu sei que você me envenenou — eu disse simplesmente e peguei outra toalha.

Ela deixou cair uma das camisetas de Ronan, seus olhos cheios de terror disparando para mim.

Eu não sei o que a compeliu a me servir uma xícara de cianeto, mas eu tive o instinto de que era um daqueles momentos cinzentos da vida que não podiam ser categorizados.

— Eu te perdoo, sabe? Mas, por favor, não faça isso de novo. Foi realmente uma droga.

Eu não sabia o quanto ela entendia de inglês, embora acreditasse que ela entendeu a essência ao sentir seu olhar incrédulo em mim por um longo momento enquanto eu procurava as toalhas de banho.

— Sinto muito — ela finalmente disse suavemente, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Eu prometo, eu não *fazer* de novo.

Seu forte sotaque era cativante e um sorriso caloroso tocou meus lábios. — Agora que está fora do caminho, como Ronan gosta de sua cueca dobrada?

Olhos brilhantes deslizaram para a cueca boxer em minha mão, e um pequeno indício de humor surgiu, que eu imaginei que ela não sentia há muito

tempo. Então ela pegou outro par de cuecas e me mostrou como dobrá-las corretamente. O simples momento preencheu outro buraco em meu coração que eu não sabia que estava ali.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Ronan

fudgel

(N.) fingir trabalhar, mas na verdade

não está fazendo nada

ALBERT SEGUROU O BANQUEIRO PELO colarinho e deu-lhe um soco no rosto. Sangue e saliva voaram pelo ar. Recostando-me na cadeira da escrivaninha, meus olhos se encontraram e se estreitaram em um cabelo loiro na manga da minha camisa. Meu primeiro instinto foi arrancar o fio como se ele contivesse uma cepa de bactéria comedora de carne. O cabelo era *amarelo.* E atualmente, a cor fazia meu peito parecer ridiculamente apertado.

A sensação era Karma.

Eu sabia que isso me alcançaria. E aqui estava, deixando-me sem jeito *pra* caralho com um único fio de cabelo de Mila. Ela se agarrava a mim quando ela nem estava presente. Seu cheiro de verão, a sensação de suas pernas em volta de mim, o som de sua risada... tudo isso tinha cavado sob minha pele mais profundo do que garras.

O punho de Albert voou. A mandíbula do banqueiro estalou e um dente escorregou pela minha mesa.

O karma poderia ter me dado algo mais fácil de lidar – como uma bomba atômica iminente ou um desastre nuclear. Mas não, o castigo que o karma me deu foram os *sentimentos*. Que boceta.

Albert chutou o homem caído nas costelas. Ele tentou bloquear os golpes com os braços. Má decisão. Uma bota acertou sua cabeça, embora eu tenha prestado atenção vagamente, minha mente ainda presa em nuvens fofas induzidas por Mila.

Eu estive dentro dela o suficiente para memorizar cada centímetro de seu corpo. Minha curiosidade nessa frente deve estar satisfeita. Embora a satisfação fosse a sensação de um trabalho bem executado, não a necessidade de fazer isso de novo e de novo até eu morrer.

Os gemidos de dor de Sergey encheram a sala enquanto eu olhava para a mecha de cabelo na minha manga, saboreando o fato de que estava lá e odiando do mesmo jeito.

Gostaria de pensar que meu interesse por Mila era apenas sobre o corpo dela, mas nunca conversei com uma mulher tanto quanto falei com ela sem sentir a atração do tédio suicida. E ainda assim eu era o único puxando conversa, mesmo enquanto estava com as bolas dentro dela, apenas para ouvir o que aquela boca tinha a dizer. A verdade era... Mila podia ter aparelho ortodôntico e lepra, e eu ainda quereria transar com ela de todas as maneiras.

Corri o polegar pelo lábio, aceitando a percepção desconfortável enquanto Albert agarrou Sergey pelo cabelo e o jogou contra a parede. A mesa lateral se estilhaçou, quebrando sob o peso do banqueiro.

Menos de quarenta e oito horas. Esse foi o tempo que eu tinha antes de fazer a troca com Alexei. Ele era o único com uma sentença de morte, mas de alguma forma, parecia que *eu* estava sendo fodido. O passar dos minutos zombou de mim, estabelecendo-se sob minha pele com uma sensação nervosa que eu não conseguia afastar.

A cabeça de Alexei não parecia mais uma troca adequada para Mila. Ela valia milhões a mais... e a Torre Eiffel roubada. Quando uma tensão apertou meu corpo, queimando meu peito, pensei em pedir exatamente isso.

Isso me daria mais tempo. Mais tempo para tirar Mila do meu sangue. Embora se as coisas continuassem do jeito que estavam, ela só iria trabalhar mais fundo. Sem mencionar que essa reunião me mostrou que a única coisa que eu não tinha do meu lado agora era o tempo.

Albert enxugou a parede com o rosto de Sergey. Molduras caíram e vidros se espatifaram no chão. Em qualquer outro dia, eu teria algo a dizer sobre Albert destruindo meu escritório, mas tudo em que pude me concentrar era neste símbolo de Mila que ela havia deixado para trás e como, em breve, seria tudo que eu encontraria dela.

Parecia que um ferro quente estava preso em minhas costelas com a ideia de empurrá-la para os braços dos homens de Alexei. A ideia de Ivan ser um deles me fez ranger os dentes. Aparentemente, o ciúme era imaginar esmagar a cabeça do outro homem contra a parede. Cinco vezes. Um sentimento sinistro se espalhou por mim, dizendo-me que ela era minha – cada centímetro amarelo, doce doentio, com corações nos olhos dela.

Albert bateu o rosto de Sergey na mesa e sangue respingou em minhas mãos com tinta. Os mesmos que separariam a cabeça do papa de Mila de seu pescoço.

Ela me deu seu perdão.

Eu não tinha nada para dar a ela, exceto vingança.

Tirei o cabelo da manga e o deixei cair no carpete sujo.

— Eu me encontrei com ele! — Sergey finalmente engasgou em russo, encurvado contra a parede do último soco no estômago. Havia muito acolchoamento ali, fiquei surpreso que ele sentiu o golpe.

Segurando o punho de Albert com a mão, esperei que Sergey continuasse.

— Eu... eu me encontrei com Alexei — ele repetiu, sacudindo seus olhos inchados de Albert para mim.

— Nós temos muito — eu disse lentamente e recostei na minha cadeira. — É melhor que este seu encontro seja porque você e Alexei estão escondendo um caso de amor.

— O que? — Ele ficou boquiaberto. — N...

— Porque se você não estivesse fodendo — meus olhos se endureceram — me deixa supor que você estava discutindo negócios. *Meu* negócio. Então qual é? Você está fodendo Alexei, ou você é um maldito rato?

Por sua expressão, eu o coloquei em uma posição impossível. Ele limpou o sangue do nariz com as costas da mão, os olhos fixos na saída que nunca alcançaria.

— Eu… nós não discutimos nada, eu juro — disse Sergey. — E-ele só me fez algumas perguntas...

— Como quem faria a merda. — Eu balancei a cabeça como se tivesse entendido.

Ele ficou confuso, balbuciando: — Não! Eu não tive escolha! Ele tinha uma arma apontada para a minha cabeça!

Eu levantei uma sobrancelha. — Então, você estava definitivamente no fundo.

Seu rosto machucado ficou vermelho. — Nós não transamos! Eu não sou gay! Alexei me perguntou sobre ações e ativos líquidos e para redirecionar parte de seu dinheiro para uma conta offshore. Disse que receberia dez por cento se o fizesse. — Ele estava sem fôlego e, quando percebeu o quanto havia dado, seu queixo duplo tremeu. — *Oh, Deus*.

Eu sorri com veneno.

As mãos trêmulas de Sergey puxaram um lenço do bolso e enxugou o suor da testa. — Eu posso consertar isso! Deixe-me consertar isso. *Por favor...* — ele choramingou. — Eu tenho uma família.

Alexei estava caindo balançando. Qualquer outra pessoa presumiria que seu plano mestre era redirecionar todos os meus fundos para que eu não pudesse pagar meus traficantes e, portanto, meus homens, o que destruiria sua lealdade e me deixaria viver uma vida triste e solitária como trabalhador manual. E, aparentemente, a limpeza da chaminé estava cancelada. Mas, conhecendo Alexei, essa era apenas uma distração irritante de vários outros que certamente viriam.

— Alexei não te ofereceu dez por cento — eu disse.

Sergey engoliu em seco. — Não sei do que você está falando.

Alexei pode ser um animal acuado agora, mas um leopardo não pode mudar suas manchas. O homem segurou alguns centavos como se cada um fosse outro dia de vida. Sua ganância era uma das razões pelas quais tinha sido tão fácil trabalhar meu caminho da base de suas fileiras para sentar em sua cadeira de couro confortável agora.

— Hoje em dia eles fazem ótimas próteses — anunciei.

O olhar evasivo de Sergey veio até mim. — Eu... eu não entendo. — Ele estava pingando suor.

Meus olhos se estreitaram pensativamente. — Imagino que a velocidade de digitação pode não estar à altura, mas pelo menos você ainda será capaz de limpar sua bunda.

Os olhos arregalados do banqueiro baixaram para as mãos em compreensão. — E-espere...

Albert interrompeu. — Eu li que novas mãos protéticas podem até tocar pedra, papel, tesoura.

— Pedra, papel, alicate — eu corrigi, puxando meu olhar para Albert. — Eles não podem fazer a tesoura ainda.

— Não deve haver uma mulher naquela equipe, então — Albert respondeu com diversão.

Eu ri.

— Ele me ofereceu uma garota!

Voltei minha atenção para Sergey. — Desculpe, o que foi isso?

— E-ele me ofereceu uma garota.

Batendo uma caneta na minha mesa para esconder meu desgosto, eu disse lentamente: — Então ele ainda está lidando com carne.

Sergey se mexeu desconfortavelmente.

— Como é essa garota? Tenho certeza que ele te mostrou uma foto.

Ele procurou por sua carteira e tirou uma pequena foto, incapaz de esconder uma centelha de orgulho em seus olhos quando a colocou na minha mesa. Eu deslizei mais perto com um dedo. Parecia uma foto policial, além do fato de ser um frontal completo de uma garota nua, não tendo mais de dezoito anos, parada em frente a uma parede branca manchada de amarelo pela fumaça de cigarro. Por mais bonita que fosse, sua aparência estava manchada pelos hematomas e pela aparência vidrada de heroína em seus olhos.

— Ela é definitivamente um passo à frente de sua esposa.

Sergey não sabia se deveria ficar ofendido – se era errado chamar a escrava comprada de mais bonita do que a esposa – mas, no final, ele tomou isso como um elogio.

— Ela é da França... Paris.

— Ah, a cidade do amor. Tipo romântico. Embora, espancada como está, ela pode não ter palavras muito amorosas para você.

Seu olhar endureceu uma centelha. — Ela vai aprender.

Eu sorri. — Talvez, mas não será você quem vai ensinar.

Albert sacou sua pistola e um *estouro* explodiu no ar. O corpo de Sergey caiu com um *baque* sólido no chão, sonhos com uma escrava sexual menor ainda em seus olhos.

Eu embaralhei papéis manchados de sangue, grampeei-os juntos e os deslizei na direção de Albert. — Leve isso ao banco e diga a Leonid que preciso de um novo banqueiro. — Joguei a foto da garota em cima dos papéis. — E queime isso.

— O que você quer fazer com ele? — Albert cutucou a perna de Sergey com a bota.

— Use-o como alvo. Alimente os peixes com ele. Eu não dou a mínima.

— Essa parece ser a sua posição atual nos dias de hoje. Bem... além de uma coisa.

Levantei meus olhos duros para os de Albert. — Por que você ainda está aqui? O banco fecha em uma hora.

Ele pegou os papéis da mesa. — O caminhão está aqui, mas, aparentemente, tenho papéis muito importantes para entregar.

Albert estava me chamando por estar distraído hoje, mas me recusei a concordar com isso. — Eu vou cuidar do caminhão — eu retruquei e me levantei, passando por cima do corpo de Sergey no meu caminho para fora da porta.

Entrei na sala dos fundos e fui direto para um bordel. As calças de Andrei estavam em volta de seus tornozelos enquanto ele fodia uma mulher contra uma prateleira, as pernas dela enroladas em seus quadris.

Aborrecimento se formando, meu olhar deslizou para Kostya sentado à mesa de jogo, empurrando um punhado de amendoim na boca. Seu irmão mais novo, Vadim, olhou para o par fodendo com olhos arregalados e sem piscar. Eu estava fazendo sexo na idade dele, mas não era exatamente o melhor modelo.

A cena nunca teria me incomodado antes, embora agora me lembrasse da porra de Mila. Parecia que eu não poderia passar um minuto sem pensar nela hoje, e o conhecimento trabalhou me agravando.

Eu agarrei a gola do casaco de Vadim e o arrastei para fora da cadeira em direção à porta dos fundos. Então eu percebi que conhecia aqueles gemidos femininos e me acalmei, uma risada sombria escapando de mim.

— Você cheira a desespero, Nadia.

— Você provavelmente está fedendo à sua americana! — Ela gritou sem fôlego entre o tapa firme de carne.

Kostya deixou cair alguns amendoins, seus olhos escurecendo. Eu dei a ele um olhar de advertência e acenei para a porta dos fundos, dizendo-lhe para sair agora. Ele se levantou e saiu.

— Ela é a razão de você estar me ignorando, não é? — Nadia perguntou por cima do ombro de Andrei, parecendo apenas tolerar suas estocadas agora. Aparentemente, ele estava bem com isso. Seu ritmo aumentou.

— Seu ciúme está se tornando um incômodo — eu respondi asperamente.

Fiquei surpreso por Nadia pensar que eu teria um problema com ela transando com outra pessoa quando eu nunca dei a mínima antes. Inferno, eu

até a observei com outros. Ela achava que meus sentimentos haviam mudado ou era apenas uma tentativa desesperada de chamar a atenção.

— Você não vem me ver há semanas! — Ela choramingou. — O que eu deveria fazer?

Diversão seca me encheu com o fato de que ela acreditava que *essa* era sua melhor opção. Eu apertei o colarinho do casaco de Vadim quando ele tentou escapar para ter uma visão melhor.

— Você precisa de terapia.

— Eu? — Ela parecia confusa.

Andrei gemeu e puxei Vadim para a porta dos fundos, terminando a conversa.

— Espere! — Nadia implorou. — Venha hoje à noite.

— Não, obrigado — eu ri. — Não sou fã de filas. — Minha pele arrepiou com o pensamento de foder Nadia novamente. Prefiro enfiar meu pau em um buraco de glória decadente.

Sem falar que eu não estava usando camisinha com Mila e me recusei a usar agora. Posso não querer pensar nela, mas sabia que não teria força de vontade para parar de foder com ela, o que significava que meu pau tinha o nome dela por enquanto. *Porra*... isso soou como monogamia. Estranho, o pensamento não pareceu me incomodar enquanto Mila estava na minha cama.

— Andrei, você tem um minuto para acabar com ela, então traga sua bunda aqui para descarregar.

— Entendi, chefe.

— *Ronan*, espere...

A porta traseira bateu atrás de mim.

Kostya já estava ajudando o motorista a descarregar o caminhão cheio de carne congelada e cocaína. Eu soltei Vadim, que tropeçou em um estado de sonho de luxúria pré-adolescente antes de recuperar o equilíbrio.

— Droga — ele murmurou e balançou a cabeça como se quisesse clareá-la. — Acho que estou apaixonado.

Eu ri. — Você vai mudar de ideia quando perceber que tem padrões. Ou apenas um.

— Não sei o que são, mas quando a vi foi como se não conseguisse respirar. Então eu senti... formigando todo.

Kostya apoiou a porta traseira aberta com uma caixa. — Parece caranguejo.

Vadim franziu a testa. — Cale-se. Eu não tenho caranguejos.

— Só porque você nunca molhou o pau.

O garoto ficou vermelho. — Talvez porque eu tenha padrões.

— Você nem sabia o que eram há um segundo.

Peguei a prancheta do motorista, rabisquei minha assinatura e devolvi.

— Eu faço agora — Vadim respondeu teimosamente. — E eu percebo que os tenho.

— Então, você definitivamente protestaria se Nadia Smirnova quisesse que você transasse com ela quando Andrei terminar.

A expressão de Vadim estava dilacerada, o que fez todos rirem.

— Não pense muito nisso — disse Kostya. — Isso nunca vai acontecer. Você não tem uma única coisa que uma mulher desejaria.

— O que as mulheres querem?

Ouvindo a conversa deles, queimei um cigarro do motorista e me encostei no caminhão.

— Dinheiro — disse seu irmão.

Esta foi, aparentemente, uma má notícia para Vadim, que olhou para suas botas gastas antes de perguntar: — O que mais?

— Um grande pau.

O garoto ergueu uma sobrancelha. — Então você também não tem o que as mulheres querem.

Eu soltei uma lufada de fumaça com uma risada.

— Seu merdinha. — Kostya largou sua caixa e partiu para Vadim, que saiu correndo pelo beco, lançando insultos sobre o pequeno pau de seu irmão durante todo o caminho.

Traguei meu cigarro e pensei no que as mulheres queriam e como minha opinião mudou quando Mila entrou na equação.

— Cai fora, garoto — o motorista disparou, fechando a traseira do caminhão e travando-o com um clique. A troca era apenas ruído de fundo; meus pensamentos estavam centrados na garota que mantinha cativa em minha casa.

— Estou morrendo de fome, senhor.

Mila queria velas, paz mundial e, provavelmente, muitos animais domésticos.

— Fale com sua mãe sobre isso.

— Eu não tenho uma!

— Não é problema meu.

Mila provavelmente iria até gostar mais de mim se eu tivesse um pau pequeno. Aposto que isso a lembraria de um filhote de passarinho que ela precisava criar.

— Ei, deixe-me ir, gordo!

Uma ponta desconfortável passou por mim quando percebi que Mila não se importaria se eu estivesse sem um tostão.

— Sua mãe provavelmente é uma prostituta! — o menino gritou. — E ela é tão gorda e feia que é paga para se manter vestida!

Isso finalmente chamou minha atenção para a briga acontecendo no meu beco. Eu empurrei a caminhonete para ver o motorista arrastando um garoto enquanto o garoto o socava no estômago, lutando para se libertar. Portanto, este era o menino faminto privado de uma mãe. E com uma boca suja de forma criativa. Ele mordeu o motorista, que o deixou cair na calçada com uma maldição severa. O motorista se moveu para acertá-lo, mas meu "*Nyet*" congelou o punho no ar.

— Pirralho de nariz empinado — ele murmurou para o garoto antes de voltar para a caminhonete.

— Ei, senhor! — o menino gritou comigo e se levantou. — Você pode ceder algumas moedas?

Ele parecia ter apenas nove ou dez anos e ser pequeno para sua idade, mas foi a maneira como ele se aproximou com as mãos em concha como um órfão inspirado no cinema que me fez estreitar os olhos. Eu sabia o que estava por vir antes de acontecer, embora fosse tarde demais para reagir.

Ele puxou uma pistola para mim, atirou e saiu correndo como um morcego do inferno. A dor cortou meu braço, fazendo-me largar o cigarro. Fiquei olhando para a nicotina desperdiçada com aborrecimento, depois para o menino correndo pelo beco.

— Você é um péssimo atirador, garoto — eu rosnei atrás dele.

Ele se virou e me deu dois dedos do meio.

O pequeno filho da puta.

Andrei saiu voando pela porta dos fundos, calças desabotoadas e arma já em punho. Vendo o garoto se retirando, ele começou a ir atrás dele, mas ele parou quando eu disse: — Deixe-o ir.

Não foi o menino que atirou em mim. Isso foi Alexei. O desprezo queimou em meu peito sabendo que estaria ocupado com mais de suas merdas o dia todo.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Ronan

zemlyanika

(N.) morangos silvestres

Um TOQUE NA BOCHECHA me tirou de um sono profundo.

Não precisei abrir os olhos para saber quem me acordou. Ela cheirava a morangos. Nunca fui fã da fruta antes dela, mas agora, o cheiro me deixava com fome. E duro. Seu cabelo acariciou meu peito nu. Eu estava prestes a enrolar alguns fios em volta do meu punho e puxar sua boca para a minha, embora não tenha tido a chance.

Ela me deu um tapa forte.

— Que porra é essa, Mila? — Eu rosnei, acordando totalmente.

Eu estava deitado no sofá da sala, um braço latejante pendurado para fora. Estranhamente, eu não tinha certeza de como cheguei aqui. Quando eu disse que estaria ocupado com as merdas de Alexei hoje, falei sério. A última coisa de que me lembrei foi de lidar com um de meus vagões que descarrilou, bateu e explodiu quando cheguei. Pequenos comprimidos brancos haviam caído do céu como neve.

Com um ruído angustiado, Mila empurrou meu peito. Eu cerrei meus dentes. Aparentemente, eu não estava acordando para o seu lado doce esta noite. Ela

tentou se afastar de mim, mas eu agarrei seu pulso.

— Eu não consegui fazer você acordar! — Ela gritou sem fôlego. — Eu pensei que eu...

A visão das lágrimas escorrendo pelo seu rosto apertou minha garganta. Ela pensou que eu estava morto. De jeito nenhum eu cairia seminu deitado em uma namoradeira. A ideia seria quase divertida se ver Mila chorar não me fizesse sentir uma merda. Embora o fato de aquelas lágrimas serem por mim enviou uma sensação de calor ao meu peito, eu só poderia associar com alegria de Natal. Eu nem gostava do Natal.

— Eu pensei que você acreditava que eu não poderia morrer, *kotyonok* — eu disse asperamente.

Ela engoliu em seco. — Há muito sangue...

A lua cheia iluminava a sala quase tão bem quanto a luz do teto. O sangue escorria pelo meu braço, cobrindo meu peito e suas mãos. Ela deve ter tirado minha camisa para verificar os danos. Fiquei surpreso por não ter acordado, embora não tivesse cuidado do ferimento à bala tão bem quanto deveria. Os jogos de Alexei tornaram isso impossível.

Albert havia retirado a bala e enrolado meu braço, mas agora parecia estar sangrando decentemente perto da pequena poça no chão. O fato de eu conseguir mover meu braço bem me disse que parecia muito pior do que era.

— Não é tudo meu. — O sangue em meu peito não estava.

— De quem? — Sua voz vacilou. Ela provavelmente pensou que era do papa. Deveria ser. *Seria.*

— De um padre. — Por mais blasfemo que parecesse, ele era um padre realmente péssimo na folha de pagamento de Alexei.

Ela cortou o lábio entre os dentes. — Oh.

Eu tinha certeza que ela teria algo mais a dizer uma vez que a declaração afundasse, mas ela permaneceu em silêncio, sentada na beira do sofá com nada além de uma das minhas camisetas. Ela parecia o sonho molhado de Michelangelo. Como de costume, ela não estava usando sutiã, seus mamilos visíveis sob o tecido branco. Aparentemente, eu ainda tinha um pouco de sangue sobrando e ele correu para minha virilha.

Bochechas manchadas de lágrimas. Olhos brilhantes. Pernas pelas quais eu morreria. Ela era tão linda que a visão me deu um soco no estômago. Um vagão explodiu como uma cena de filme de ação, mas quando os comprimidos caíram do céu, tudo que vi foi a lembrança de Mila vestida de amarelo, parada na calçada rachada, pegando flocos de neve na mão.

Homens mais gananciosos do que eu estavam lá fora – seu papa incluído – mas de repente eu soube que os havia espancado quando o calor impaciente e cobiçoso irrompeu por dentro por essa garota que chorava por mim.

Puxando seu lábio livre de seus dentes, eu corri um polegar com tinta em sua boca. — Nada a dizer sobre minha alma enegrecida?

Seus olhos suaves se ergueram para os meus. — Não.

Meu olhar endureceu, sua resposta enviando uma chicotada irracional de aborrecimento por mim. O conhecimento era difícil de admitir para mim mesmo, mas eu gostava dessa garota uma quantidade indecente. Eu gostava dela em minha casa – mesmo com toda a lama que ela arrastava. Eu gostava de sua atenção total e sua boca inteligente. Mas o que eu realmente gostava

era o coração dela – o órgão flexível em seu peito que eu poderia moldar para caber na minha mão como Play-Doh.

Suas lágrimas, seus olhos confiantes, sua fodida existência – tudo isso tornava impossível imaginá-la se afastando de mim enquanto eu observava à distância, minha palma contendo um resto de Play-Doh amarelo pegajoso que eu nunca seria capaz de lavar.

Meu polegar pressionou seus lábios, manchando minha turbulência interna em todo o beicinho suave de sua boca. Sua falta de autopreservação costumava me divertir; agora, isso me fez querer mantê-la trancada em uma sala à prova de balas que só eu tinha acesso. E eu atualmente não tinha um desses.

— *Kotyonok* estúpida — eu rosnei em frustração.

Aqueles olhos em forma de gato que originalmente lhe deram o apelido se estreitaram e ela se livrou do meu aperto. — Você é o estúpido deitado aqui, sangrando.

Agora, ela era *moy kotyonok* porque era doentiamente doce até que descobriu suas garras.

Agarrando-a pela garganta, puxei seus lábios nos meus. Ela exalou em minha boca, o deslizar da minha língua cortando seus protestos. Ela apoiou as mãos ao lado da minha cabeça em um esforço para manter o peso de seu corpo longe do meu. Eu levei um tiro no braço, não no peito, embora de alguma forma, parecesse o último quando ela estava por perto.

Eu mordi seus lábios e sentindo a umidade em suas bochechas que pertencia a *mim,* fiquei mais duro.

— Não — ela respirou em minha boca, tentando se afastar de mim, mas meu corpo pegou figurativamente – como se foda para sempre – e meu aperto aumentou, o caos dentro de mim subindo à superfície.

Ela virou a cabeça. — Ronan... não.

— O que eu disse sobre essa palavra?

— Você está sangrando. Seriamente. — Ela parecia tão angustiada que relaxei meu aperto, mas não pude evitar de correr minha boca em seu pescoço, deixando nela uma marca da única maneira que eu sabia.

Liberando sua carne com um arranhar de dentes, eu disse: — Isso é o que acontece quando você leva um tiro.

— Você precisa ir para o hospital. — Ela lutou contra mim. — Sério, o que você está fazendo deitado aqui?

— Eu *estava* tentando tirar uma soneca. Mas agora estou com vontade de outra coisa. — Eu agarrei suas coxas e puxei-a para sentar em mim, ignorando o fogo em meu braço. A dor não tinha nada a ver com a necessidade física repentina de estar dentro dela. Estranhamente, não achei que o desejo tivesse algo a ver com meu pau.

— Eu não vou fazer sexo com você agora.

Esmagando-a na minha ereção, eu disse: — Tive um dia *horrível*, *kotyonok*. Melhore-o.

— Estou ligando para o médico. — Ela tentou se afastar, mas eu não a soltei.

— Você não tem telefone.

— Ronan... *por favor.* Por favor, chame o médico. — *Foda-se*. Ela parecia perto de uma nova onda de lágrimas. Isso me esfregou da maneira errada, embora aquela sensação de calor tenha voltado, cimentando a comparação que eu fiz antes para as férias. Embora meu pau estivesse duro como uma rocha, então agora, a sensação estava mais perto de um especial de Natal suave.

— Vou mandar uma mensagem para ele — disse a ela. — Mas só se você me ajudar a ocupar o tempo até ele chegar aqui.

O olhar sem entusiasmo que ela me deu não era o que eu geralmente recebia de uma mulher que estava prestes a foder, mas era de alguma forma adorável, no entanto.

— Isso não pode ser informado em WebMD.[32]

Eu ri. — Se você é uma seguidora deles, tenho certeza de que eles têm um tutorial sobre como consertar um ferimento à bala. É melhor lavar as mãos e encontrar uma agulha.

Ela suspirou, lançou um olhar para o sangue escorrendo da atadura encharcada de carmesim em meu braço e cedeu. — OK. Mas envie uma mensagem para ele agora. Esta é uma situação do Expresso de Satanás, não um passeio vagaroso pelo interior. Entendeu?

Meus olhos se estreitaram. Eu não estava acostumado a receber ordens – especialmente com a porra do "entendeu" anexado ao final – mas o ridículo do que ela estava dizendo superou o aborrecimento. Tirei meu telefone do bolso e mandei uma mensagem para Kirill, usando as palavras exatas de Mila. Ele descobriria. Ou talvez não. Tudo que me importava agora era a mulher deslizando pelo meu corpo e trabalhando na fivela do meu cinto.

Joguei meu telefone no chão.

Mila me soltou da cueca e envolveu a mão em volta do meu pau duro, acariciando-me lentamente como uma idiota apática fazendo seu trabalho nos bastidores de um filme pornô.

— Isso é bom, *kotyonok*. Mas não exatamente o que eu tinha em mente.

Ela olhou para mim. Seus olhos eram uma janela para sua alma. De repente eu soube, se eu morresse, aqueles olhos teriam algo a ver com isso. De alguma forma, parecia aceitável para mim.

— Você vai me mostrar o que você gosta? — Ela perguntou inquieta. Então ela abaixou o estômago entre minhas pernas, e eu entendi sua reserva, quase gemendo.

— *Da*. — Foda-se *da*.

Parecia que eu era um adolescente prestes a receber seu primeiro boquete. Meu coração batia além do tempo, o que provavelmente estava me fazendo sangrar mais, mas eu levaria esse conhecimento para o túmulo ou então sabia que Mila pararia.

Isso definitivamente não foi aconselhado no WebMD.

O primeiro deslizar de sua língua em meu eixo me atingiu como uma lança de fogo. O calor residual se espalhou pelo meu estômago e apertou meu abdômen. Minha cabeça caiu para trás no sofá, e cerrei os dentes em um esforço para não fazer nenhum som enquanto ela lambia meu pau como um pirulito. Eu nunca chegaria a trezentos e oitenta e oito.

Minha mão apertou em um punho enquanto eu lutava contra o desejo de deslizar meus dedos em seus cabelos, para mantê-la quieta e foder sua boca.

Isso era o que eu faria com qualquer outra mulher, mas não tinha estômago para tratar Mila como todo mundo – mesmo considerando a maneira como ela lambia torturantemente cada centímetro do meu pau.

Sua mão livre deslizou pelo meu abdômen tenso. Os dedos finos de marfim pareciam inocentes. Suave como veludo. Unhas rombas sem pintura. Pele imaculada. No entanto, a pressão delas no meu estômago queimava um caminho tão quente quanto sua boca. Esta foi a primeira vez que prestei atenção nas mãos de uma mulher, em vez de sua boca no meu pau. Talvez eu realmente estivesse sangrando.

Seu olhar encontrou o meu enquanto ela lambia a cabeça do meu pau. Eu segurei um gemido, sabendo que no momento em que eu fosse vocal, todos os tipos de coisas exigentes escapariam. Contendo, mas não se limitando a: — Engula meu pau... faça-me garganta profunda, *kotyonok*... Toque na minha coxa quando você precisar respirar.

O luar lançou um halo sobre cada centímetro de seu corpo. Parecia que um anjo estava chupando meu pau – *o* pau de *D'yavol*. Eu sabia que o verdadeiro demônio nunca a deixaria ir. Ele cortou suas asas e a trancou. A ideia teria algum mérito se Alexei não fosse uma vadia enorme e se o karma não fosse foder tudo com *sentimentos,* lembrando-me que Mila não gostaria muito dessa ideia. Por mais que apreciasse as lágrimas que ela derramou por mim, minha pele também se irritou com a ideia de causar mais.

Ela parecia estar ficando mais confortável com isso e se divertindo também. A almofada de seu pé deslizou pelo outro tornozelo enquanto ela me torturava com pequenas lambidas e chupadas que só me faziam doer.

Seu olhar se ergueu para o meu. — Você está sendo tão quieto. Muito... passivo. — Ela inclinou a cabeça, uma pitada de preocupação cintilando em

seus olhos. — Você está se sentindo bem? — Tive a impressão de que ela estava perto de tocar minha testa para verificar minha temperatura.

Eu não estava sendo exigente, então devo estar doente? *Jesus Cristo.*

— Estou bem, Mila. Basta chupar meu pau, ok?

Ela franziu o cenho. — Você não está me dizendo do que gosta.

— Eu gosto de tudo. — Em parte era verdade. Ela podia respirar no meu pau e eu gostava. Se este dia não tivesse sido uma merda, ela poderia lamber meu pau por horas sem reclamar. Mas agora, tudo que eu queria era gozar naquela sua boca bonita.

Ela levantou uma sobrancelha travessa. — Verdade? Minha amiga disse que alguns caras gostam de dentes.

— Não esta porra.

— Certeza sobre isso? — Ela lambeu meu eixo e, em seguida, estalou os dentes para mim adoravelmente.

Eu queria beijá-la. Eu queria que ela continuasse chupando meu pau. Eu queria tudo.

Aqui estava eu tentando ser um cavalheiro pela primeira vez na minha vida, mas então ela teve que me chamar de “passivo” e trazer os dentes para a mistura. Dane-se.

Afastando o cabelo do rosto, exigi: — Leve-me em sua boca e chupe.

Ela manteve contato visual comigo e obedeceu sem dizer uma palavra. Tomando-me entre os lábios, ela deslizou alguns centímetros para baixo e

sugou como uma profissional em seu caminho para cima. *Porra.* Minha mão agarrou seu cabelo, deslizando sua cabeça para baixo. Para cima. E para baixo. Eu contive meus movimentos, facilitando para ela. Mas quando ela fez pequenos ruídos de zumbido em volta do meu pau e pressionou suas coxas, percebi que isso a estava realmente excitando. Foda-me. Minha restrição estalou.

— Mais profundo, *kotyonok* — eu ordenei asperamente.

Cumprindo, sua boca deslizou ainda mais para baixo para absorver os últimos centímetros. Ela engasgou antes de fazer isso. O calor aumentando na base da minha espinha ficou mais quente e instável. Eu sabia que não demoraria muito mais.

— Relaxe sua garganta — eu murmurei.

Corri meu polegar pela coluna lisa para mostrar a ela o que eu queria. Ela inalou, e da próxima vez que me levou em sua boca, ela deslizou para baixo, conseguindo tomar cada centímetro do caralho.

— *Porra,* kotyonok — eu rosnei. — Sua doce boca vai me fazer gozar.

Ela se afastou para sugar uma respiração irregular. Seus olhos lacrimejaram, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Meu coração batia forte, mas eu suavemente segurei seu cabelo para trás de seu rosto, minha voz rouca profunda.

— Então, o único lugar que me resta entrar é sua bunda.

Ela cantarolou um ruído ofegante e esfregou as coxas antes de lamber meu eixo, em seguida, tomou meu pau em sua boca novamente. Eu assobiei por entre os dentes. Ela engasgou, sua garganta apertou em torno de mim e o jogo

acabou. O calor dentro de mim estourou tão violentamente que meus ouvidos zumbiram quando me afastei um pouco para gozar em sua boca e não em sua garganta, sem saber como ela se sentiria sobre isso.

Ela olhou para mim, seus olhos lacrimejando com pequenas listras em suas bochechas, e engoliu em seco. Fiz um som áspero por entre os dentes, cada célula em mim pegando fogo com satisfação e... algo mais. Ela enxugou a boca com as costas da mão, seu cabelo uma bagunça rebelde de cachos passando da cintura. A visão me virou do avesso. Como se alguém tivesse enfiado a mão no meu peito e arrancado meu coração que não batia.

Porra.

Eu agarrei sua nuca e puxei seus lábios nos meus, beijando-a profundamente, deslizando minha língua em sua boca. Seus dedos encontraram meu cabelo, o que me enviou um arrepio. Eu engoli seu suspiro. Essa pequena lufada de ar dela se estabeleceu como uma âncora no meu peito vazio.

Afastando-me, limpei um pouco de umidade de suas bochechas. — Estas são as únicas lágrimas de que gosto.

Seus olhos fixaram-se nos meus por um momento, mas onde geralmente ficava a transparência era aquele lugar ausente que eu desprezava. Eu sabia que não era a angústia que a fez erguer uma parede, mas algo totalmente diferente.

Limpei outra lágrima de sua bochecha e disse: — Agora sente-se no meu rosto.

Sua testa franzida. — Eu não fiz isso para receber algo em troca. Esta... era só para você.

Eu sorri. Ela era fofa. Minha pequena mártir perfeita. Mas ela tinha algo errado. Ela gritou quando eu agarrei suas coxas e a puxei para sentar no meu rosto.

— Isto *é* para mim — eu disse com um grunhido, puxando sua calcinha para o lado e chupando seu clitóris em minha boca.

— Oh, Deus — ela gemeu.

— Você está molhada, *kotyonok* — eu repreendi. — É tudo isso apenas por me chupar?

— *Da*.

Eu queria sorrir. Gostava de ouvir russo em seus lábios mais do que deveria. Abrindo-a com meus polegares, dei pequenas lambidas e chupadas em sua boceta que a fizeram tremer.

— *Foda-se* — ela respirou.

Eu ri asperamente. — Acho que sou uma má influência para você.

Sua mão encontrou meu cabelo, e ela apertou meu rosto, gritando quando eu belisquei onde o osso do seu quadril encontrava a parte interna da coxa por estar impaciente. Ela suspirou quando eu lambi o ponto dolorido. Então me mudei de volta para sua boceta, chupando cada lábio em minha boca, liberando-os com um leve toque de dentes. Sua testa caiu para descansar no braço do sofá com um gemido.

— Ronan, eu vou gozar.

— Cristo, mulher — eu murmurei. — Eu nem comecei o ABC.

— Não sei o que são, mas sei que não quero uma lição de alfabeto agora.

Eu lutei contra uma risada. — Começaremos com A.

Ela gemeu de frustração. — Ronan, não — O resto foi interrompido por um gemido rouco que acordaria os mortos. E provavelmente Yulia. Até os ruídos carnais de Mila pareciam inocentes. Sexy, feminina e perfeita. Eu nunca os tiraria da minha cabeça.

Desenhei um B em seu clitóris com minha língua antes de mudar para C. Suas coxas tremiam enquanto ela murmurava gemidos incoerentes. Ela estava tão perto que chupei seu clitóris com força e ela quebrou. Deslizei meus dedos dentro dela apenas para sentir os impulsos quentes, apenas me libertando depois que eles pararam. Ela ofegou descendo de seu alto.

Uma batida repentina na porta fez Mila cair do sofá. Eu não pude segurar uma risada. Eu sabia que essa coisa de cavalheiro não era para mim. Vendo Kirill na porta, puxei minha cueca sobre meu pau. O médico ficou parado com a pasta na mão e um olhar enorme de decepção.

Aparentemente, ele estava com WebMD neste.

— Ele me obrigou a fazer isso! — Mila deixou escapar de seu lugar no chão.

— *U neye ovulyatsiya* — expliquei. — *Ona prakticheski iznasilovala menya. — Ela está ovulando. Ela praticamente me estuprou.*

Os olhos de Kirill se estreitaram em descrença. — *I ty ne mog ot ne'ye otbit'sa. — E você não poderia se defender dela, eu vejo.*

Eu sorri. — *Ona sil'neye, chem kazhetsya. — Ela é mais forte do que parece.*

Mila se levantou e lançou um olhar furioso para mim. — Ovulando? Você é quem está sempre ovulando, se me perguntar.

Eu ri. Ela não deve ter entendido a parte “estupro” da conversa, ou ela teria muito mais a dizer. Minha diversão afundou quando me lembrei que ela estava vestindo nada além de minha camiseta fina.

Meu olhar endureceu. — Vá colocar a porra de uma calça, Mila.

Ela me ignorou. Ignorou-me sem rodeios. Se ela pensava que o ferimento à bala tinha me deixado tão passivo que eu não carregaria sua bunda escada acima, ela estava errada. Mas suas palavras me pararam momentaneamente.

— Ele vai ficar bem? — Ela perguntou.

O médico entendia o inglês, mas infelizmente não conseguiu traduzir sua resposta supérflua. — *Yesli odin vystrel v ruku ub'yet yego, ya razvedus 's lyubimoy zhenoy i trakhnu izvestnuyu shlyukhu s vich. Potom pereyedu v sibir 'i budu vyrashchivat' repu, poka ne umru.*

Eu ri alto.

Mila franziu a testa. — Isso foi um não?

— Ele disse que se um tiro no braço me matar, ele se divorcia de sua amada esposa e transa com uma prostituta famosa com HIV. Então ele se mudará para a Sibéria e cultivará nabos até morrer.

Ela puxou o lábio entre os dentes para esconder um sorriso. — Ele pensa que você é imortal também.

Eu queria devolver o sorriso, mas não o fiz. Eu escapei de muitas quase mortes. Quando eu era mais jovem, achava que nem mesmo a morte me

queria. Agora, eu pensei que lutar para sair da Moskva congelante tinha me concedido uma resistência revestida de ferro para viver.

— *Nyet, kotyonok.* Ele só me viu muito pior do que isso já.

Ela engoliu em seco enquanto seus olhos deslizavam pelo meu peito, como se ela estivesse vendo as cicatrizes pela primeira vez. Algumas das marcas eram longas e finas de lâminas de contrabando atrás das grades. Algumas foram deixadas por tiros – um no meu lado, um nas minhas costas, um agora no meu braço e outro a um centímetro do meu coração, que era a cicatriz que Mila passou os dedos. O toque fez minha pele arrepiar, mas ainda assim era quente.

— Quem? — Ela perguntou trêmula.

Eu sabia que ela estava perguntando quem atirou em mim - quem quase me *matou*. Mas algo dentro de mim se rebelou em dizer a verdade. Mila queria viver em uma bolha brilhante. Uma bolha em que seu papa poderia ser resgatado. Uma bolha onde seu personagem parecia um pouco escuro, mas ainda assim brilhante.

Ela poderia aprender muito sobre como ele fez negócios quando estava morto. Que ele sequestrou garotas mais jovens que ela e as mandou para a indústria do sexo. Sua bolha estouraria algum dia, mas eu não poderia ser o único a fazer isso.

Eu sorri e menti: — Ninguém que você conhece.

Seus dedos escorregaram do meu peito, deixando uma estranha sensação de ausência para trás. Ela deu um passo para trás para dar espaço para Kirill montar uma bolsa de sangue. Dei-lhe um aviso silencioso para não colocar nenhuma droga analgésica na minha intravenosa. Eu odiava a maneira como

eles me faziam sentir. No início, ele reclamou, mas agora, ele estava acostumado a isso e apenas assentiu.

Mila pairou como se houvesse algo que ela pudesse fazer para ajudar. Eu nunca fui a fonte da preocupação de alguém antes dela. Eu não precisava disso. Aqui estava eu, com quatro tiros e ainda vivo. No entanto, Mila estava em um rolo tentando juntar alguns termos russos para perguntar a Kirill sobre minha condição. De repente, odiei sua preocupação. Eu odiei porque gostei. E este último não era propício de forma alguma. Depois que ela se fosse, o karma me deixaria ansioso pelo amor de uma mulher por causa de uma tigela de cereais coloridos encharcados.

Eu precisava parar essa avalanche Hallmark agora.

— Nós dois conseguimos, Mila — eu disse asperamente. — Não tenho certeza do que você está esperando por aqui.

Ela deu um passo para trás com as minhas palavras, sua pele empalidecendo. E agora eu me odiava. O que foi adicionado um pouco de auto aversão à mistura?

— Ok — ela murmurou. — Acho que vou então.

Mila hesitou por um segundo antes de se virar para sair como se fosse a última coisa que ela queria. Eu também não achei que fosse o que eu queria. Ela me deu um olhar fugaz na porta que apertou meu peito, e então ela se foi.

Eu me perguntei se essa era a cena exata que aconteceria em menos de dois dias – um vislumbre de seu cabelo amarelo e um breve encontro de olhos antes de uma ausência torturante aparecer.

◄ ⁂ ►

Caí na cama duas horas depois, com minhas calças e botas ensanguentadas. Kirill me disse que a ferida sararia bem depois de enfiar alguns antibióticos na minha mão. Ele estava bastante confiante de que a bala não tinha acertado o osso, apenas rasgando o músculo. Quão narcisista eu fiquei mais uma vez. Eu normalmente estaria saboreando dois dedos de vodca e um charuto depois deste dia, embora agora tudo o que eu pudesse ver fosse a expressão de coração partido no rosto de Mila.

A necessidade de ir para o quarto dela me atormentou, mas reprimi o impulso. Eu já tinha me desculpado com ela uma vez; Eu não tinha outro em mim. Sem mencionar que era inútil fazer isso agora, trinta horas antes de eu assassinar seu papa.

Eu tinha certeza de que ela não me daria boas-vindas de qualquer maneira, e eu nunca implorei por nada na minha vida – nem mesmo quando criança vivendo nas ruas. Eu simplesmente peguei o que queria. Infelizmente, Mila não era um punhado de rublos nem um pedaço de pão. Ela só tinha que ter sentimentos e algum tipo de poder vodu sobre mim que não me deixasse machucá-la – aparentemente, até mesmo emocionalmente.

Eu nunca imploraria.

Mas esta foi a primeira vez que eu quis.

Adormeci só de pensar em ver Mila na rua. Eu simplesmente a peguei e carreguei para casa, para minha fortaleza na Rússia, onde alimentei suas sementes de romã à mão para que ela nunca pudesse partir.

Foi um leve movimento no colchão que me acordou. Novamente, eu sabia quem era. A pressão em meu peito diminuiu quando Mila deslizou para a cama ao meu lado e apoiou um braço no meu peito e a cabeça no meu ombro.

Minha pequena mártir perfeita, deitada nos braços do carrasco de seu pai. Eu tinha um trabalho a fazer e ela era a peça de xadrez necessária para vencer.

O problema era... eu nunca pensei que poderia interpretá-la.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Mila

Quatervois

(N.) uma encruzilhada

Eu ESTAVA QUEIMANDO NAS chamas do inferno. Era a única coisa que explicava o calor me consumindo de dentro para fora. Embora o inferno não devesse ser tão convidativo... ou cheirar como uma floresta russa... ou caber tão bem quanto Armani.

Ele *fez* conter o cheiro fraco de sangue, no entanto.

Pisquei contra o sol entrando pela janela. A luz brilhante da manhã era sombreada apenas pelo corpo de Ronan - que era, é claro, a personificação do próprio fogo do inferno.

Meu rosto estava pressionado contra seu peito, e eu tinha certeza de que um pouco de sangue seco do padre havia escorrido pela minha bochecha. Essa deveria ser a gota d'água para esse tête-à-tête confuso, mas de alguma forma, eu sabia que o falecido tinha sido um padre realmente péssimo.

Uma de minhas pernas estava entrelaçada com a de Ronan enquanto eu lentamente sufocava sob sua coxa pesada, o peso morto de seu braço em volta de mim e *todo* o calor. Foi uma bênção.

Nunca gostei da minha altura, embora isso tenha sido antes de perceber que se fosse mais baixa, nunca seria capaz de sentir tantos centímetros deste homem de uma vez. A proximidade zumbia em meu sangue, saciando um buraco profundo dentro do meu coração.

— Você se sente muito *pegajosa* agora, *kotyonok*. — As palavras eram ásperas e cansadas e muito sexy.

— Você é quem está me segurando com mais força do que seu bichinho de pelúcia favorito — respondi.

— Eu não tenho favoritos. — Uma sugestão preguiçosa de humor tocou as palavras. — Todos eles são importantes para mim.

Minha risada se transformou em um *oomph* quando um pequeno humano pulou em cima de mim, empurrando o ar dos meus pulmões.

— *Dyadya*! *Dyadya*! — *Tio! Tio!* A garotinha saltou sobre mim como se eu fosse um trampolim até que Ronan a puxou para seu peito. Seu peito *manchado de sangue*. O homem pode estar usando calças enquanto eu usava sua camiseta, mas essa cena estava longe de ser PG. Ou ela não percebeu seu braço ferido e todo o sangue, ou simplesmente não achou importante. Pelo que soube dela durante nosso primeiro encontro, eu sabia que era a última.

— *Moya neposlushnaya plemyannitsa*[33] — Ronan riu, fazendo cócegas nas laterais da garota. Ela riu, suas tranças escuras balançando. Ela usava outra camiseta como vestido da banda "*this one Death*" e meias compridas cobertas de gatinhos.

Eu me inclinei contra a cabeceira da cama e os observei com uma sensação de admiração. Este era outro lado de Ronan que eu não tinha visto, e eu

tenho que dizer, essa parte cinza dele era... uma que eu inegavelmente amava. Eu percebi isso ontem à noite. Com suas mãos em meu cabelo, o gosto carnal dele em minha boca e seus olhos nos meus. Eu quase disse isso então... quase deixei essas três palavras escaparem, mas algo as impediu de subir pela minha garganta.

Eu o amava.

Eu *não poderia* amá-lo.

Então forcei a sensação de ficar dentro de onde pertencia e não abertamente onde não pertencia.

— Pare! — A garota gritou em meio a uma risada torturada enquanto Ronan fazia cócegas em seus pés. Ele os cheirou e fingiu que cheiravam mal, franzindo o nariz. Ela mal conseguia respirar de tanto rir.

Nunca pensei muito em ter filhos, mas ver tio e sobrinha interagindo encheu meu peito de um desejo caloroso. Embora a sensação tenha desaparecido quando me lembrei deste momento feliz, algum dia seria apenas uma lembrança, e quaisquer filhos que eu tivesse nunca seriam de Ronan.

Quando a tortura de cócegas parou, a garota prendeu a respiração e se virou para olhar para mim. Mais uma vez, seus olhos escuros se encheram de julgamento. E talvez um pouco de ciúme.

— *Dyadya*, se ela não é Satanás, quem é ela?

Ronan lançou um olhar para mim, uma pitada de diversão em seus olhos. — Ela é minha empregada.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso.

A garota franziu a testa. — Por que ela está na cama?

— Ela está tentando fazer a cama, mas eu me recuso a sair, e ela é fraca demais para me mover.

Ela riu de seu tio. — Você é preguiçoso.

— Preguiçosamente bonito. — Ele piscou para ela.

A menina se virou para mim e anunciou: — Papa pode movê-lo. — Pensando bem, ela franziu os lábios. — Não se preocupe.

— Por que não se preocupe? — Ronan perguntou com humor. — Tem algo a ver com o telefone dele na sua mão?

Ela olhou para o celular e fez uma careta como se não gostasse da pergunta. — Papa disse que eu posso jogar um jogo de princesa se eu tomar café da manhã.

Eu sorri. — E estou assumindo que você não comeu?

Ela torceu o nariz. — Eu não gosto de ovos. Ou torradas. Ou mingau. Ou...

— Ok — Ronan riu. — Você não gosta de comida.

Feliz por ele ter entendido, ela balançou a cabeça e disse baixinho: — *Talvez* eu goste de comida depois de jogar o novo jogo de princesa.

Uau. Esta menina iria governar o mundo. Sem mencionar que ela parecia ter cerca de três anos com o vocabulário de uma criança muito mais velha. Ela cresceria para ser uma linda mulher Einstein. Ou um gênio do crime.

Ela estava dando a Ronan aqueles grandes olhos escuros que seria impossível até mesmo para Hitler resistir.

Ronan riu e balançou a cabeça. — Ok, gatinha Kat, o que você precisa de mim?

Ela sorriu muito e entregou-lhe o telefone. — Encontre o jogo, por favor. Eu poderia fazer isso, — disse ela com altivez — mas papa não quis me dizer a senha.

— Que tirano — Ronan falou lentamente. — Como se chama o jogo?

— Não sei. Foi no comercial depois de um dos shows de *beijos da Mamma*.

Ronan precisou de três tentativas para descobrir a senha de seu irmão. Eu estava começando a achar que toda essa família era cheia de gênios. Ele abriu a app store e procurou por jogos de princesa com os dedos manchados de sangue.

Sua sobrinha espiou por cima do ombro enquanto ele rolava pelos jogos, e eu me senti mais do que contente apenas em assisti-los.

— Ok, nós temos o Princess Hair Salon — disse Ronan.

— Ai, credo.

Ele seguiu em frente. — Princess Room Cleanup?

Seu nariz enrugou. Meu também.

— Princesa Horse Club?

— Não, *Dyadya* — ela reclamou. — O jogo não é rosa. — Ela ergueu as mãos em frustração. — Tudo é rosa.

— Princess Makeover?

— *Nyet* — ela suspirou.

— Aquele não era rosa — ele respondeu.

Ela revirou os olhos. — Fúcsia é quase rosa.

Esta menina estava me fazendo sentir que meu QI precisava de um impulso.

Ronan continuou a rolar pela lista de jogos antes de parar em um que não tinha nenhuma semelhança com a cor rosa.

— O Reino de Terror da Princesa?

Seus olhos brilharam. — Esse!

Eu não consegui segurar uma risada.

Ela agarrou o celular da mão de Ronan e mergulhou no Reino do Terror da Princesa. Segundos depois, ruídos soaram do telefone: fatias de lâminas, gemidos de dor e um — Corte a cabeça dele!

— Bem, isso parece aconchegante.

Virei minha cabeça para ver Christian na porta vestido com um terno de três peças sem uma única ruga. Eu me mexi, um pouco constrangida por ter sido pega na cama de seu irmão de boa vontade – aquele que me amarrou nua da última vez que Christian esteve aqui. Embora ele não parecesse surpreso ou mesmo interessado em mim, o que amenizou qualquer constrangimento.

Christian era o tipo de homem que deixava a boca de uma mulher seca só de olhar para ele, mas por mais perfeito que ele fosse, eu preferia as imperfeições de seu irmão. Essa cicatriz em seu lábio inferior. Toda a tinta. Sua alma cansada que eu vi quente apenas para mim.

Christian parecia o arcanjo Gabriel. Ronan era cada parte *D'yavol*. Eu sabia se eles estavam em lados diferentes de um beco e eu estava fugindo do perigo... eu pularia nos braços de *D'yavol*.

— Sua filha estava reclamando do trauma emocional que você acabou de fazer — disse Ronan. — Que tipo de tio eu seria se a rejeitasse?

— Um péssimo — a garota disse sem tirar os olhos do jogo.

Mordi meu lábio para conter um sorriso.

— Kat — disse Christian com um aviso.

Ela olhou para ele e disse impassível: — Papa.

— Mesa do café da manhã agora.

— Tem panquecas? — Ela desafiou.

Christian estreitou os olhos. Sua filha manteve o contato visual. Uma batalha intensa e silenciosa entre pai e filha estava acontecendo antes de mim, e era hipnotizante.

— Torrada e mingau fazem minha barriga doer, papa — Kat disse suavemente. Ela olhou para ele por baixo dos cílios, e foi quando seu pai acenou com a bandeira branca.

— Bem. Panquecas. Mas você terminará o jogo depois de comer.

Ela deu um grande sorriso, pulou da cama e pulou nos braços do pai. Ele a ergueu e ela lhe deu um beijo na bochecha.

— Eu te amo papa.

Seus olhos se suavizaram. — Eu também te amo, *malen'kaya volchitsa*.[34]

Quando ele se virou para sair, Kat colocou os braços em volta dos ombros dele e disse: — Eu realmente quero pedaços de chocolate na minha panqueca. E cereais coloridos. Isso me faria muito feliz, papa!

Ficou claro pela expressão apaixonada de Christian, haveria chocolate e cereais da cor do arco-íris nas panquecas de sua filha, venha o inferno ou alto mar.

Ronan baixou a cabeça contra a cabeceira da cama e riu – eu só podia supor – como seu irmão estava maltratado. Christian deu a ele um olhar sombrio, olhou para mim, então olhou de volta para seu irmão. Os olhos de Ronan se estreitaram. Um sorriso sutil tocou os lábios de Christian, e então ele carregou Kat para fora da sala.

A ausência deles deixou um buraco roendo meu peito. Pensei em meu papa e em como seu amor nunca foi tão profundo quanto o que acabei de ver nos olhos de Christian. Como pude contar em uma mão quantas vezes ele disse que me amava; como ansiava por seu carinho e raramente recebia ao menos um abraço. A culpa se expandiu em meu peito por pensar dessa maneira. Meu papa estava se sacrificando por mim. Não foi essa a expressão mais forte de amor?

Ainda assim, o desejo me rasgou por aquele tipo expressivo de amor que eu nunca tive e que, em breve, estaria perdido para sempre.

— Ronan — eu disse inquieta. — Eu quero falar com meu papa.

Telefone na mão, ele lançou um olhar para mim. O brilho em seus olhos era um “não” inabalável.

Engoli. — *Por favor*... posso não o ver novamente em breve, e eu realmente preciso disso. — Minha voz ficou embargada de emoção. — Eu realmente preciso falar com ele.

Ele me observou por um momento, então alcançou a mesa de cabeceira, puxou meu telefone e o entregou para mim. — Coloque no viva-voz.

Eu exalei em alívio. — Ok.

Ligando o telefone com as mãos trêmulas, fui atacada por várias mensagens chegando. A maioria de Carter. *Muito* de Carter. O homem mal me dava atenção, a menos que estivéssemos em um encontro obrigatório. Eu me perguntei se ele estava com problemas com o pai por ter deixado sua quase noiva sumir da face da Terra.

Encontrando o contato do meu papa, meu polegar hesitou antes de apertar "ligar" e acionar o viva-voz. Eu coloco o telefone na minha coxa, meu estômago revirando a cada toque estridente. Então eles pararam.

— Alexei.

Minha garganta estava apertada. — Papa.

Ele soltou um suspiro de alívio. — Mila...

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Eu vi Ronan se levantar com o canto do olho e caminhar para olhar pela janela.

— Oi, papa. — Eu não sabia mais o que dizer ou por que isso parecia tão estranho.

— Como você está?

— Estou bem. — Apenas na cama do seu inimigo de boa vontade. A culpa inflamou meu intestino.

— Você está mesmo? Ou você só está dizendo isso porque aquele bastardo está ouvindo?

Minha pele arrepiou com o insulto, a demanda para defender Ronan subindo em minha garganta, mas eu não sabia que papel desempenhar aqui. Muita animosidade envolveu a sala, como se uma palavra errada pudesse fazer com que ela explodisse.

— Ele está aqui ouvindo. Mas eu prometo, estou bem.

Eu praticamente podia ouvir as engrenagens na cabeça de meu pai girando, me perguntando por que Ronan estava me deixando falar com ele. Este telefonema não beneficiaria Ronan de forma alguma. Papa deve ter acreditado em mim porque disse: — *Khorosho* — *Boa*. — Mila, há coisas que precisamos discutir. Coisas que dizem respeito a você depois que eu for embora.

Outra lágrima escorreu pela minha bochecha. — Ok.

— Você precisa se casar com Carter, anjo.

Os ombros de Ronan estavam tensos, e ele se vira para me encarar, mas não consigo encontrar coragem para olhar para ele.

— Eu sei que ele não foi sua primeira escolha

— Ele nunca foi minha escolha — retruquei, interrompendo meu papa pela primeira vez na vida.

Eu o ouvi ranger os dentes. — O que você quer não importa agora. O que importa é mantê-la segura.

— Como Carter poderia fazer isso? Ele é um playboy profissional.

Ronan caminhou por toda a extensão do estribo, cada passo me deixando ainda mais nervosa.

— O pai de Carter ocupa uma posição muito poderosa em Miami. É por isso que incentivei o engajamento desde o início. Já teria sido *consumado* se você não tivesse corrido para Moscou e direto para *D'yavol*. — Sua voz ficou mais baixa, o que significava que ele estava fervendo internamente.

Sua raiva era um sussurro em comparação com a do outro homem na sala. E os dois estavam começando a me fazer queimar de frustração, forçando as próximas palavras da minha boca.

— Então, por que eu simplesmente não me casei com o pai de Carter?

Uma longa pausa. — Ele é casado.

— Chato. Aprendi que tenho uma queda por caras mais velhos. — Eu deixei meus olhos encontrarem os de Ronan, que brilhavam com uma luz escura e violenta. Incapaz de conter sua intensidade, desviei o olhar.

— Papa... Eu não quero me casar com Carter.

— Você não entende, Mila. Se você não quer viver na rua, você se casará com ele. Não sobrará dinheiro quando eu for embora. Eu criei você direito, mas temo que estraguei tudo quando se trata de seus irmãos.

Irmãos.

Eu cheguei a um lugar onde nem pisquei ao saber que tinha irmãos. *Plural*. Parecia que toda a minha vida tinha sido uma mentira, e foi aí que meu verdadeiro eu, começou.

— Eles vão limpar tudo, Mila. A casa em Miami. Tudo. Eu preciso saber que você está bem cuidada.

Esfreguei os arrepios de frio na minha coxa. — Achei que você tivesse me dito que Ivan cuidaria de mim.

Ele ficou em silêncio. Tão silencioso que meu coração parou.

— Ivan tem outras demandas para cuidar agora.

O que ele quis dizer é que Ivan não queria mais nada comigo. Parecia que alguém havia me esfaqueado no peito. Posso não ter amado Ivan romanticamente, mas amei como amigo. Eu estava perdendo meu papa e meu melhor amigo. *Sozinha*. Eu nem estava sozinha ainda, mas a ausência esvaziou meus ossos.

— Eu gostaria que fosse diferente. Mas é assim que tem que ser.

— Os meus irmãos... eles não vão me ajudar?

Uma pausa. — Sinto muito, anjo.

Meu coração deixou meu corpo para flutuar na distância enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. A rejeição cravou suas garras em minha pele fria.

— Você vai fazer isso por mim, Mila. Não me deixe morrer sem saber o que vai acontecer com você.

Eu não ia me casar com Carter. Não se eu fosse tão pobre que tivesse que viver nas ruas. Eu nunca me sujeitaria à vida em que me sentia tão perdida. Mas também não tive coragem de negar o último desejo do meu papa. Mesmo que fosse mentira.

— Ok — eu disse suavemente. — Eu vou.

Ronan agarrou a cabeceira da cama e ouvi um estalo.

Papa exalou. — Estou feliz, anjo. Eu tenho que ir agora.

— Espere — eu soltei. A pergunta não precisava de permissão. Ele escapou das minhas profundezas como um vulcão. — A mulher que você assassinou naquela noite era minha mãe?

Não precisei esclarecer que falei da loira deitada em uma poça de sangue no chão da biblioteca. Ele sabia o que eu queria dizer com o silêncio pegajoso do outro lado da linha, mas ele nunca teve a chance de responder.

Ronan pegou o telefone e encerrou a ligação.

Entorpecida, sentei-me ali, o gelo se espalhando em minhas veias. Porque eu sabia a verdade. Eu sabia que meu papa matou minha mãe. Eu sabia que era o sangue dela que manchava meu bichinho de pelúcia e as memórias de infância.

E Ronan também sabia.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Mila

induratar

(v.) endurecer o coração contra o amor

— COMO VOCÊ SABIA? — Perguntei a Ronan, que se afastou de mim, as linhas de suas costas tensas como granito. Ele sabia que eu estava perguntando sobre minha mãe e que meu papa a assassinou praticamente diante dos meus olhos.

— Não sei de nada — foi tudo o que disse antes de entrar no banheiro e bater à porta atrás de si.

Eu encarei sua ausência e percebi que ele não queria que eu soubesse a verdade. Ele estava tentando proteger minha visão do meu pai. Ele sabia o quanto meu papa significava para mim, e embora eu não tivesse dúvidas de que Ronan ia se vingar, ele ainda não queria estragar a visão que eu tinha de meu pai.

Meu papa matou minha mãe.

Ele insensivelmente atirou nela na mesma casa em que eu estava.

Meu peito estava com uma dor tão forte que a dor procurou por buracos para se espalhar. Era difícil imaginar como o pai que eu conhecia e amava poderia fazer isso – embora, no fundo da minha mente, eu deva sempre ter

sabido. O conhecimento distorceu tudo que eu pensei que entendia. Pensar nisso enviou uma forte pulsação na minha cabeça. Eu não podia lidar com isso agora, então exalei profundamente e forcei para o fundo da minha mente.

O que veio à tona foi o que Ronan estava tentando fazer por mim. Ele não podia agir como se se importasse agora que eu amava cada tom de preto dele. Ele não poderia jogar tanto cinza enquanto eu já lutava para conter o coração em expansão em meu peito.

Ele não poderia fazer isso comigo.

Ele poderia me usar, restringir e torturar – mas não poderia agir como se se importasse. Agora não. Não quando aqueles corações de desenho animado ameaçaram chover sobre mim na forma de tijolos.

Com o peito queimando, eu me levantei e corri para o banheiro, abrindo a porta. Com a cabeça baixa, Ronan estava no chuveiro, a água escorrendo em riachos vermelhos por seu corpo nu.

— Eu sei que você está tentando proteger meus sentimentos — eu rebati. — E eu acho nojento.

Lentamente, ele me lançou um olhar sombrio. Eu estava lidando com *D'yavol* agora. Boa. Ele segurou seu cinza com força - bem como sua resposta quando ele não estava interessado o suficiente para responder. Sua expressão me fez sentir indesejável, então continuei.

— Você é realmente o pior sequestrador que já conheci.

Seus olhos brilharam antes de ele desviar o olhar para continuar lavando o sangue do padre em seu peito. — Vindo da garota que dá má fama a todos os cativos. Espalhando sua luz do sol por toda a minha casa, pedindo desculpas

a cada passo do caminho. Não vamos esquecer a parte em que você veio ao quarto do seu sequestrador e implorou que ele te fodesse. Pelo menos você não é um clichê.

O calor subiu pelas minhas costas. — Chama-se síndrome de Estocolmo. Qual é a sua desculpa? Desordem da decência mafiosa?

Dentes cerrados, seu olhar estreito voltou para mim. — A síndrome de Estocolmo é responsável pelo lapso de memória de que você está noiva?

— Tecnicamente, não estou noiva. E não é como se tivesse surgido organicamente.

Seus olhos eram piscinas escuras. — Tecnicamente significativo *ainda*.

Era *eu* quem deveria estar com raiva, e agora ele estava? Por quê? Eu duvidava que sua nobre consciência culparia uma mulher quase noiva. A ideia de ele ter protestado por pura honra, se soubesse, era quase cômico, mas eu não tinha mais nenhum humor dentro de mim.

Eu dei a este homem minha virgindade e várias outras primeiras coisas. Ele não sabia que me assombraria para sempre? Aparentemente, não foi o suficiente para ele. Ele tinha que me controlar de longe, garantindo que eu nunca o esquecesse ou o substituísse enquanto ele seguia em frente com outras como Nadia. A ideia agitou meu estômago, deixando-me nauseada.

Ronan me esqueceria eventualmente. E isso parecia a maior rejeição de todas, queimando o fundo do meu coração. Orgulho pungente foi o que forçou as palavras seguintes.

— Pelo menos Carter não mata pessoas para viver.

Ronan fez um barulho nada divertido, praticamente mostrando os dentes para mim. — Foda-se, Mila.

Eu me arrepiei. — Foda-se! E foda-se a sua decência também. Estou tão cansada.

Ele estava em cima de mim tão rápido que nem tive chance de escapar. Não que eu fosse. Eu não temia *D'yavol*, e esse era um dos maiores problemas de todos.

— Você não quer minha decência? — Ele rosnou em meu ouvido, pressionando seu corpo molhado contra o meu. — Que assim seja.

Um arrepio percorreu minha espinha. A raiva, a verdade sobre meu papa e minha mãe, a ansiedade do futuro – era confuso, opressor, desgastante. Não tinha energia ou desejo para lutar quando Ronan me curvou sobre o toucador. O mármore cravou em meus quadris, mas a dor oca em meu peito superou a dor.

Ronan puxou minha calcinha para baixo em minhas coxas, empurrou minha camisa até meus quadris e enfiou em mim em um impulso. Eu assobiei um ruído de meio prazer, meio dor, enquanto sua mão fazia um colar em minha garganta. A água escorria pela minha clavícula como lágrimas.

Apoiei minhas mãos no espelho enquanto ele me fodia com força por trás, cada bofetada irradiando sua raiva. Não havia intimidade envolvida. Quase nenhum prazer. Mas eu peguei sua raiva, meu coração de repente decidindo que precisava dele de qualquer maneira que pudesse tê-lo.

Ele puxou minha cabeça para trás pelo meu cabelo, seu rosnado no meu ouvido. — *Malen'kaya lgunishka*... fodidamente *noiva*. — As palavras soaram como uma maldição, mas uma nota sutil em sua voz atingiu meu

coração, puxando cada ponta desgastada. Por baixo de sua fúria, havia uma pitada de vulnerabilidade.

Eu encontrei outra fraqueza.

Ele estava fraco quando foi deixado para trás.

Respirando com dificuldade, meus dedos deslizaram pelo espelho, as palavras escapando da minha garganta. — Eu nunca quis o noivado.

— Bem, então, parabéns, — ele rangeu — porque isso não vai acontecer.

A palavra "parabéns" me atingiu com uma carga zombeteira de vulnerabilidade: meu papa assassinou minha mãe e logo seria morto. *Parabéns*... Ivan me odiava. *Parabéns*... eu ficaria desamparada por meus próprios irmãos. *Parabéns*... Ronan estaria novamente do outro lado do Atlântico solitário. *Parabéns*...

A verdade final enviou lágrimas quentes pelo meu rosto. Baixei a cabeça para que Ronan não pudesse vê-las. Meus dedos deslizaram ainda mais para baixo no espelho enquanto eu chorava por um futuro incerto e por um homem me fodendo física e emocionalmente.

Ronan ficou parado por um segundo antes de inclinar lentamente minha cabeça para que pudesse ver meu reflexo. Um espelho manchado. Lágrimas tingidas de vermelho escorreram pelo sangue seco em meu rosto. Dedos com tinta cobriram minha garganta.

— *Foda-se*. — Ele saiu de mim, virou-me e emoldurou meu rosto com as mãos. — Eu machuquei você?

Eu balancei minha cabeça.

— Não me refiro apenas fisicamente, Mila.

Suas palavras queimaram a parte de trás dos meus olhos e eu balancei minha cabeça novamente.

— Por que as lágrimas?

Com a garganta grossa, simplesmente levantei um ombro, mordendo meu lábio para segurar a súbita vontade de soluçar, mas a gentileza de suas mãos em meu rosto me quebrou como uma represa.

Com um ruído áspero, Ronan empurrou meu rosto contra seu peito. — Eu nunca conheci uma mulher que chora tanto quanto você. Você é como uma torneira. — Ele me deixou chorar em seu peito por um longo tempo. Quando as lágrimas diminuíram, ele perguntou: — Isso é sobre o seu papa?

Engoli. — Um pouco disso.

— O resto?

Eu não queria pensar na situação de meu pai/mãe/assassinato, então evitei. — Ivan me odeia agora... — Ficou em silêncio por um segundo, mas ele esperou que eu continuasse, de alguma forma sabendo que havia mais. — Eu sempre quis ter uma família... irmãos. — Minha voz estava cheia de emoção. — E parece que eles também me odeiam. — Uma única lágrima escapou.

Ronan ergueu meu queixo para encontrar seus olhos, enxugando a lágrima com o polegar. — Os Leões não perdem o sono com as opiniões das ovelhas.

Meu corpo se acalmou, cada célula em mim absorvendo suas palavras e deixando uma ausência de peso para trás. Ele estava sendo decente de novo, mas não reclamei dessa vez.

Já era tarde para isso.

Eu amei seu preto e seu cinza e todos os tons intermediários. Eu o amava tanto que estava embutido na minha pele. Eu o amava, e mesmo sabendo que iria perdê-lo, parecia que meu coração simplesmente pararia se eu não contasse a ele.

Com uma expiração, abri minha boca, mas ela se fechou lentamente pelo que vi nos olhos dele – ou melhor, pelo que ele viu nos meus. Sua suavidade evaporou e o frio e insensível *D'yavol* voltou. Sem uma palavra, ele se afastou, deixando-me molhada, com frio e me afogando sob o peso da rejeição.

Eu não sei quanto tempo fiquei lá antes de pegar meu reflexo no espelho. Entorpecida, virei para encontrá-lo de frente. Deviam ser lágrimas residuais. Ou um truque de luz. Embora eu soubesse que não era nenhuma dessas coisas quando a risada de Madame Richie voltou, ressoando em meus ouvidos. Suas gargalhadas se transformaram em um crescendo de bruxa de “parabéns” enquanto eu olhava em meus olhos azul-gelo segurando um brilho que sempre faltou.

Eu imaginei que faíscas vinham da paixão.

Mesmo aquelas que eventualmente destruiriam você.

O espelho se estilhaçou com um golpe de minha mão. Sibilava como notas musicais desafinadas enquanto eu saía do local.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Mila

acrasia

(N.) a falta de autocontrole

YULIA ME PAROU NA porta do meu quarto, dando-me uma leitura irônica da cabeça aos pés.

— Temos convidados — ela disse severamente. — Você deve fazer algo com o seu — ela sacudiu a mão no meu peito — seio.

Eu olhei para o dito seio e não vi nada de errado com ele. Eu estava até de calça para variar – calças boca de sino de cintura alta. Alguém poderia pensar que Yulia consideraria isso uma vitória. Eu sabia que Ronan o faria.

Eu levantei meu olhar para o dela. — Eles têm sido chamados de 'peitos' por décadas, para sua informação. E considerando o fato de que estava amarrada a uma cama, *nua*, da última vez que recebemos convidados, acho seu pedido um pouco hipócrita.

Ela colocou as mãos ossudas nos quadris. — Isso foi apenas no quarto de hóspedes. Você não estava exibindo seu peito pela casa.

Nua de braços abertos para que os hóspedes vejam no quarto de hóspedes:

Não usar sutiã por baixo da minha camiseta lá embaixo:

Fez sentido.

Suspirei. — O que você gostaria que eu fizesse com meus seios, Yulia?

— Coloque-os em um sutiã — ela disse como se fosse óbvio. — E não uma coisa transparente que só serve para despertar os desejos dos homens.

Quando ela começou um discurso sobre a quantidade necessária de suporte de que um seio precisava, levantei um dedo para acalmá-la e disse: — Estou levando isso em consideração.

Ela fez uma careta, batendo o pé com impaciência. Depois de uma pausa mais longa do que o necessário, finalmente deixei cair meu dedo.

— Bem? — Ela retrucou.

— Não. — Passei por ela e pelo corredor.

— Insuportável vadia — ela murmurou.

— Velho morcego — eu atirei de volta.

Fui para a sala de jantar para o café da manhã, mas parei no corredor quando vi Gianna e Kat no sofá da sala de estar com um enorme prato de comida na frente delas.

— Mila! — Gianna exclamou, um sorriso malicioso se formando enquanto ela me olhava. — Eu te disse que da próxima vez que nos víssemos, haveria menos cordas e mais roupas. — Em seguida, uma carranca apareceu e ela estalou os dedos como uma oportunidade perdida. — Eu sabia que deveria ter apostado, mas você não parecia com a mentalidade certa para uma aposta.

Tive a sensação de que ela estava falando sério.

— Aparentemente, estou desamparada, então seus ganhos seriam escassos.

— Não se preocupe. Eu já tirei a tampa da carteira de Yulia esta manhã — ela disse. —Não deixe a manobra da pobre governanta enganar você. Ela tem uma montanha de notas de cinco mil rublos em seu armário e as protege como um troll.

Eu acreditaria em qualquer coisa hoje em dia.

Sentei-me na poltrona em frente a ela e roubei uma uva do prato, puxando minhas pernas para baixo. — Eu quero saber em que você estava apostando?

Gianna franziu os lábios em pensamento. — Normalmente adoro o poder de brincar com a mente das pessoas, mas gosto de você, então vou manter isso em segredo por enquanto.

Minha mente já estava uma bagunça completa, então não reclamei. — Obrigada, eu acho. — Coloquei a uva na boca.

Ela riu.

Meu estômago estava tão embrulhado por causa do telefonema anterior e da cena com Ronan que tive que forçar a uva garganta abaixo. Mas, em um esforço para fingir que meu mundo não estava desmoronando ao meu redor, enchi um pequeno prato com frutas frescas. Enquanto eu fazia isso, minha atenção se voltou para Kat, que estava empurrando uma panqueca dobrada da cor do arco-íris na boca, os olhos em seu jogo de princesa demente.

— Sua filha é linda — eu disse com sinceridade, sabendo que um dia ela derrubaria queixos. Ou os quebraria.

Gianna lançou um sorriso caloroso para Kat e passou a mão em sua trança. — Vou tomar isso como um elogio, já que ela e eu parecemos muito. Mas eu culpo cem por cento sua personalidade do papa.

Um perfeitamente sincronizado, “Corte a cabeça dele!” soou do telefone, arrancando risos de nós duas.

Quando a diversão desapareceu, Gianna fez uma expressão desconfortável e esfregou a barriga grávida. O bebê era enorme como seu papa e tio, ou ela estava perto de estourar a qualquer momento.

— Quando é que vai nascer? — Eu perguntei.

— Três semanas, mas tenho a sensação de que ele nunca vai sair. Quando eu chegar em casa amanhã, preciso começar a fazer ioga. — Ela suspirou como se o pensamento a colocasse para fora. — Mas isso provavelmente não vai acontecer porque fui excomungada do meu estúdio e nunca fui boa em me motivar.

— Certamente há mais de um estúdio de ioga na cidade de Nova York.

Ela franziu o cenho. — Acho que deveria ter dito que fui excomungada de *todos* os estúdios.

— Oh...

Após uma pequena pausa, nós duas rimos novamente.

Gianna irradiava calor, e eu já me sentia mais leve, mas qualquer chance de um humor melhor caiu e queimou quando uma voz abafada familiar entrou na equação.

— Espero não estar interrompendo nada.

Lentamente, deslizei meu olhar para a porta para ver Nadia em pessoa. Seu cabelo preto estava preso para um lado em uma onda elegante que alcançava sua cintura. Lábios vermelho-escuros. Olhos de Kohled. Ela usava um vestido envoltório nude sob um longo casaco de vison. Eu me perguntei se Ronan tinha comprado para ela. A ideia revirou meu estômago, ameaçando expelir a única uva de dentro.

A cantora de ópera era linda, exalando sexo por todos os poros. Ela era o tipo de mulher a quem todas as mulheres se comparavam. Um olhar para ela fez sentir falta de impacto. Por que Ronan me daria uma olhada quando essa mulher estava por perto? Rejeitei o pensamento tão rápido quanto minha nova família me rejeitou.

Je suis parfaite comme je suis. Tu es parfaite comme tu es. Nous sommes parfaites comme nous sommes. Eu sou perfeita como sou. Você é perfeita como você é. Somos perfeitas como somos.

Sentindo o francês fazer sua mágica, puxei meu olhar para Gianna bem a tempo de vê-la revirar os olhos. — Claro que não, Nadia. Parece que você foi cordialmente convidada, de qualquer maneira.

Percebendo o sarcasmo em sua voz, finalmente localizei Pavel parado atrás de Nadia. Ele se mexeu desconfortavelmente. Claramente, Nadia não deveria estar aqui, mas parecia que ele não sabia como removê-la. Ele era mais alto do que ela, embora ela usasse sapatos de salto alto de doze centímetros, então, claramente, sua turbulência era uma batalha emocional e não física.

— Oh, que bom — disse Nadia com um sotaque russo encantador, valsando em nossa direção. — Não sei como me esqueço de quanto tempo dura a viagem até aqui. — Ela franziu os lábios. — Embora normalmente eu não

esteja sozinha, acho que dizem que o tempo voa quando você está se divertindo.

Eu ia vomitar.

Literalmente.

Eu não me compararia a ela, mas ainda não tinha estômago para pensar nas mãos dela em Ronan. Ou dele nela. A ideia deixou cair uma pedra no meu peito. O desejo de me levantar e sair queimava todos os meus nervos, mas fazer isso só deixaria Nadia vencer, então me forcei a ficar.

Nadia tirou seu casaco de pele extravagante, colocou-o nas costas da cadeira ao lado da minha e sentou-se, cruzando as pernas como uma rainha. Uma pequena caixa de presente caiu de seu casaco no chão.

Gianna levantou uma sobrancelha. — Eu perdi o aniversário de alguém?

Nadia riu. — Não. Eu vi algo na loja e pensei em Ronan, então eu simplesmente tive que comprar.

— Bem, não nos deixe em suspense — disse Gianna.

— Oh. OK. — Seu tom implicava que ela estava sendo pressionada a nos contar quando ficou claro que ela estava desesperada para compartilhar. — Não diga a ele, mas é um cachecol Louis Vuitton com pontas vintage desfiadas — ela anunciou com orgulho.

Nós duas olhamos para ela. A única coisa que Ronan faria com um cachecol seria estrangular alguém com ele.

— Uau — Gianna brincou. — Tenho certeza de que ele vai adorar.

Nádia sorriu antes de dizer: — Deus, estou faminta. — Sem outra palavra, ela começou a carregar seu prato com o *bliny* que não era da cor do arco-íris, aparentemente alheia à tensão no ar.

— Então, o que a traz aqui, Nádia, além de dar presentes? — Gianna tomou um gole de chá. — Tenho certeza de que sua cozinheira francesa é tão boa quanto Polina.

As sobrancelhas perfeitas de Nadia franziram em preocupação. — Vim verificar Ronan depois do que aconteceu ontem. Não acredito que aquele menino teve coragem de atirar nele. — Em seguida, acrescentou levianamente: — Embora todos nós saibamos que foi Alexei quem o contratou. — Indiferente, ela esfregou uma quantidade generosa de manteiga em suas panquecas.

Eu a encarei impassivelmente enquanto suas palavras pisavam em meu coração: o fato de que meu papa foi quem atirou indiretamente em Ronan, e o detalhe inexplicável que Nadia estivera com ele ontem. Se eles tinham um relacionamento tão forte, onde ela estava ontem à noite quando ele estava sangrando?

O silêncio constrangedor deve ter alertado Nadia para o fato de que ela atingiu um nervo – não que ela já não soubesse. Ela olhou para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez e fingiu um beicinho de desculpas.

— Oh, certo. Esqueci que Alexei é seu papa. Ronan não fala muito sobre você. Deve ter escapado da minha mente.

Eu simplesmente a observei. Ela era uma beleza natural, mas a falsidade escorria dela como um perfume enjoativo. Quando ela se mexeu, percebi que ela estava ficando desconfortável sob o meu olhar.

Talvez ela tenha ouvido que eu era uma bruxa.

Ela desviou o olhar com uma risada estranha e acenou com a mão segurando o garfo. — De qualquer forma, espero que você não se ofenda. Tenho certeza de que você entende por que pode não ser o assunto favorito de Ronan.

Quase ri. Eu estive cercada por mulheres cansadas da alta sociedade minha vida inteira. Eu posso ter sido a muda silenciosa entre elas, mas a posição apenas me deu a oportunidade de observar. Eu sabia como jogar este jogo.

— Sem ofensa — eu disse docemente. — Seria bobagem da minha parte não entender.

— Absolutamente bobagem — ela concordou com um toque de satisfação.

— Embora eu já more na mesma casa que Ronan há semanas e também não o tenha ouvido falar muito sobre você. — Eu fiz uma careta em pensamento. — Na verdade, quando penso nisso, nunca. Acho que você e eu temos algo em comum, não é?

O garfo *cheio de* bliny parou nos lábios de Nadia, seus olhos estreitos deslizando em minha direção. — É esperado que ele não compartilhe coisas pessoais com você. Você é filha do inimigo... — Seu olhar brilhou com pena. — Tenho certeza de que não é uma intenção maliciosa da parte dele. Etiqueta meramente cativa/captor, você não diria?

Gianna distraidamente mordeu a ponta de um morango, seu olhar imerso em nossa conversa com prazer.

— Eu não diria. — Eu ri. — Não tenho certeza se Ronan sabe muita etiqueta de cativo/captor.

— Verdade? Sempre pensei que ele conseguiria muito bem com todos os nossos jogos juntos.

Ignorando a náusea que suas palavras induziram, fiz uma cara de revelação. — Talvez seja por isso que ele não fala sobre você. Não parece haver nada apropriado para compartilhar. — Minha expressão era simpática. — Tenho certeza que é só porque você parece tão vazia que ele não consegue ver você em um nível mais profundo.

Os olhos de Kohled cuspiam fogo.

— Sem ofensa, é claro — acrescentei.

Nadia colocou a xícara de chá no pires com mais gosto do que o necessário, tirando a atenção de Kat de seu jogo. Ela deu uma única olhada para a cantora de ópera antes de retornar ao Reino de Terror da Princesa e disse: — Mamãe, eu não gosto dela.

Eu esperava uma bronca, mas esqueci que este mundo desafiava todas as normas.

— Por mais que eu aprecie sua honestidade, *cara*, — Gianna disse suavemente — passivo-agressividade passa o ponto. Também nos faz parecer a pessoa melhor no final.

— O que é passiveagressividade?

— Querida, tem acontecido nos últimos minutos. Preste atenção.

— OK.

Nadia e eu fingimos que a conversa não aconteceu. Peguei mais algumas uvas. Ela colocou o prato meio cheio na mesa com uma carranca, como se

não gostasse da comida.

— Existe uma razão para o gosto de *bliny ser* como papel? — Nadia perguntou.

— Mila é vegana — Kat anunciou com orgulho.

— Isso é... *fofo*. — O enrugamento do nariz de Nadia disse o contrário. Ela acenou com a mão em direção à mesa de café. — Isso é tudo vegano?

— Sim — disse Kat.

Quando a cantora de ópera absorveu o conhecimento, um pouco de ressentimento ganhou vida em seus olhos. Alguém poderia pensar que ela estava morrendo de fome e tinha alergia a todas as coisas veganas, mas eu sabia o verdadeiro motivo de ela estar se enchendo de raiva. Ela odiava o fato de eu ter qualquer impacto na casa de Ronan.

— Isso é... — Nadia estava tão nervosa que pensei que ela ia dizer "fofo" de novo, mas ela se conteve e forçou um sorriso. — Eu aprecio o esforço humanitário, — ela me disse — mas você não acha que seja um pouco... *egoísta* em submeter toda a casa às suas opiniões? — Ela colocou a mão bem cuidada na minha em preocupação. — Embora eu tenha certeza de que você não considerou isso.

Esta foi a primeira vez que tive vontade de esfaquear alguém com um garfo. Em vez disso, tirei sua mão da minha antes que sua falsidade passasse para mim.

— Não sou eu quem está sujeitando aqui. Cativa, lembra?

Ela franziu o cenho. — Obviamente, a equipe se sente mal por você... pense no incômodo que sua dieta deve causar à pobre Polina. Ela está

envelhecendo e... maior a cada dia. — Nadia lançou um olhar para a barriga de Gianna. — Sem ofensa, é claro.

— Mamãe não é gorda! — Kat gritou antes que alguém pudesse dizer uma palavra — Ela está criando meu irmão. E você é rude!

— Kat, o que eu te disse? — Gianna repreendeu com um pequeno sorriso.

A carranca da menina para Nadia desapareceu, então ela imitou o olhar fingido de piedade que ela observou inúmeras vezes esta manhã. — Tenho certeza de que você só é rude por causa de muitos traumas emocionais do passado. — Em seguida, acrescentou: — Sem ofensa, é claro.

Foi uma luta violenta não rir sabendo que ela recebeu aquele "trauma emocional" de Ronan antes. Os olhos de Nadia se estreitaram, prestes a cuspir alguma réplica para a menina, mas um olhar assustador de Gianna a fez mudar de ideia.

— Além disso, — Kat interrompeu — Polina gosta de vegano. Ela me disse isso. — Kat olhou para Nadia por baixo do nariz. — Até *Dyadya* diz que ele é vegano porque coloca manteiga vegana em seu bife.

Um pequeno sorriso tocou meus lábios. Eu o tinha visto fazer isso, e era típico dele se elevar moralmente com o mínimo esforço possível.

Nadia revirou os olhos e olhou para as unhas antes de dizer: — Então, onde está Ronan? Espero que ele esteja se recuperando em seu quarto.

Gianna e eu rimos. Kat também, embora eu achasse que ela estava apenas escolhendo lados aqui. Mesmo tendo levado um tiro ontem, Ronan provavelmente estava cortando lenha. Ou, outra coisa menos manual e mais assassina.

— *Dyadya* saiu com meu papa — Kat anunciou.

— Oh... devo ter esquecido. Ele disse algo assim quando foi me ver ontem à noite.

Interessante. Eu me perguntei se ele foi vê-la depois que eu o chupei e montei seu rosto, ou antes de eu desmaiar com ele em sua cama.

— Suponho que devo esperar até que ele volte então — Nadia suspirou.

Prefiro ser sequestrada pelo verdadeiro demônio do que passar por mais um momento disso.

— Então, Mila, para onde você pretende ir depois disso? — Nadia perguntou friamente.

— Oh, eu não sei. Gosto tanto de Moscou, posso ficar. — Eu estava mentindo através de meus dentes, mas sua expressão venenosa tornou *tão* vale a pena.

— Você. Vai. Ficar. — Não foi uma pergunta.

— Bem, porque não?

— Você é Mikhailov — ela disse como se o assunto fosse óbvio. — Você não pertence aqui.

— Onde está escrito isso? — Eu perguntei com uma carranca. — Eu não vi uma única placa banindo Mikhailovs de Moscou.

Seus olhos endureceram. — Ele não vai deixar você ficar.

— Quem? — Eu me fiz de boba.

— Ronan — ela rosnou. — Você não é nada além de uma garantia para ele. E talvez uma diversão passageira, como um brinquedo novo chique, mas garanto a você, o interesse dele passará.

Larguei meu prato na mesa de centro. — Estão todos com a missão de arruinar meu café da manhã? — Eu exclamei. — E para sua informação, Nadia, eu nunca reivindiquei nada sobre ele. — Pensei em sua demissão anterior que ainda ardia em meu peito. — No que me diz respeito, você pode ficar com ele.

Ela me lançou um olhar incrédulo.

O calor lambendo minhas costas me forçou a ficar de pé. — Parabéns... o mafioso é todo seu. — Meu olhar se estreitou. — Agora, tudo o que você precisa fazer é descobrir como mantê-lo, porque não parece que você está fazendo um trabalho muito bom.

Com as bochechas em chamas, ela saltou nos seus saltos. Mesmo com os pés descalços, eu a superei por vários centímetros. Considerando o olhar em seus olhos quando ela foi forçada a olhar para cima para encontrar o meu olhar, ela odiou.

— Você acha que eu não posso mantê-lo? — Ela perguntou ironicamente.

— Mamãe, — sussurrou Kat — isso é passivo-agressividade?

— Não, *cara*, isso é apenas agressividade. Agora, fique quieta e me passe uma panqueca.

Uma risada tensa me escapou. — Deixe-me ver... — Eu marquei cada ponto em meus dedos. — Um, você não sabe nada sobre ele. Dois, você está com tanto ciúme que está assediando a *prisioneira que* ele está prestes a negociar

como garantia. E três, você precisa de um terapeuta. Então não, eu não acho que você pode ficar com ele. Mas desejo-lhe toda a sorte.

Por causa disso, eu me afastei, mas um puxão forte no meu cabelo me fez parar.

Ela. Puxou. Meu. Cabelo.

Eu cerrei meus dentes quando uma raiva e ressentimento passou por mim. Inspirando profundamente, decidi pegar a estrada principal e caminhar...

— Você é praticamente uma escrava aqui — Nadia cuspiu com malícia. — Quero uma bebida. Pegue uma para mim.

Qual era a estrada principal?

Sem outro pensamento, agarrei um pedaço de seu cabelo ridiculamente brilhante e puxei, jogando sua cabeça para o lado. Ela olhou para mim como se fosse a vítima antes que um fogo cruel enchesse seus olhos. Foi o próximo punhado do meu cabelo que ela puxou que nos fez perder o equilíbrio e cair no chão.

Batemos na mesa de centro. Pratos de comida escorregaram e caíram no chão. Nadia pegou um punhado de mingau e esmagou minha camiseta, rosnando: — Eu não preciso de terapeuta.

— Essa é a primeira coisa que os malucos dizem! — Eu montei nela e joguei sua cabeça no chão.

— Ai! Sua amazona! — Nadia gritou, me batendo como uma garota. — Não posso acreditar que ele iria querer você!

— Vai, Mila! — Kat aplaudiu do sofá.

Nadia puxou meu cabelo com tanta força que era como se ela estivesse tentando arrancar um pedaço, forçando-me a rolar para longe dela se eu quisesse ficar com os fios.

— Esse emoji de língua foi para você, não foi? — Ela perguntou, chutando-me na lateral do corpo com seu salto.

— Eu não sei do que você está falando, sua psicopata — eu rosnei, cavando minhas unhas em seu pulso até que ela soltou meu cabelo. Então eu montei em suas costas e esfreguei seu rosto no mingau no chão.

— Sua vadia! — Ela virou a cabeça para não sufocar no mingau. — Amanhã não pode chegar logo.

Algo no tom de sua voz me fez vacilar.

Percebendo, ela riu. — Você não sabe? Amanhã, você vai - como eles dizem...? — Quando ela descobriu, as palavras foram um riso zombeteiro. — *Tchau.*

Uma frieza irradiou do meu peito para me consumir inteira. Eu mal senti alguém me arrastar de Nadia.

— Não, *Dyadya* — Kat reclamou. — As coisas estavam ficando boas.

Meus pés balançaram no chão enquanto Ronan me segurava pela cintura. Ele normalmente era quente, mas agora, seu braço queimava como uma algema de gelo. Palavras afiadas estavam sendo trocadas, mas o zumbido em meus ouvidos as abafou. Meu peito arfava com o esforço, embora a raiva tivesse ido embora, deixando um frio distanciamento para trás.

Nadia se levantou e limpou o mingau do rosto, os olhos brilhando de malícia. — Ela não sabia — ela riu, então um pequeno beicinho apareceu.

— Espero que não tenha sido uma surpresa.

Ronan ferveu, a fúria vibrando em seu peito.

Nadia me encarou com punhais. — Eu deveria saber que você seria igual à sua mãe.

Ela percebeu um brilho de incerteza em meus olhos e riu. — Você não sabe sobre sua querida mãe?

— *Zatknis* — Ronan rosnou para ela. *Cale-se.*

— Não — eu respondi. — Quero ouvir o que ela tem a dizer.

Nadia ergueu uma sobrancelha divertida. — Por onde começar?

Quando Ronan se virou para me carregar para fora da sala, um vulcão explodiu em meu peito com as perguntas sem resposta e a necessidade de saber a verdade. Lutei violentamente, xinguei-o e, quando lhe disse para nunca mais me tocar, ele finalmente me soltou.

Nadia assistiu à cena com uma expressão venenosa e finalmente voltou seu olhar para o meu. — Devo começar com as más notícias ou as um pouco menos más notícias?

— Apenas cuspa, Nadia — Ronan retrucou.

— Bem... — Ela olhou para suas unhas. — Havia aquele boato de que Tatianna era uma prostituta que gostava de coisas ásperas. E quando digo 'áspero', quero dizer como facas e animais envolvidos. — Ela torceu o nariz. — Mas suponho que ela seja realmente conhecida pelo que fez por seu papa. Ela viu uma linda garota na rua, encantou-a com seu Bugatti e - *puf!* - a garota nunca mais foi vista.

Eu a encarei. Meu coração disparou, mas minha mente estava entorpecida.

— Esses são os rumores... embora digam que em cada boato há um grão de verdade. — Nadia fingiu um olhar simpático. — Infelizmente, no caso de sua mãe, havia uma caixa inteira de grãos da verdade.

Meu papa traficava meninas.

E minha mãe o ajudou.

Parecia que a sala estava girando enquanto eu tentava processar a notícia. Eu precisava de espaço. Agora.

Ronan me virou para encará-lo e limpou um pouco de mingau da minha bochecha. Eu não poderia fazer isso. Eu simplesmente não conseguia. Embora tentar se livrar de seu aperto acabou sendo tão fútil como sempre.

— Diga-me que você está bem — ele exigiu.

— Estou bem. Agora por favor... Me deixe ir.

Parecia que ele estava prestes a negar o pedido, mas algo em meus olhos deve ter mudado sua mente. Ele ergueu meu queixo e me deu um beijo curto e doce nos lábios - ignorando a indignação de Nadia — ARGH! — antes de me deixar escapar por entre seus dedos.

Movendo-me no piloto automático, subi as escadas, captando pedaços do ruído difuso de fundo.

— Senti sua falta — lamentou Nadia.

— Esta é a última vez que te vejo — Ronan rosnou. — Ou, eu juro por Deus, sua carreira vai desaparecer na frente de seus olhos.

— Mas...

— Mas nada. Dê o fora da minha casa, Nadia. E encontre um terapeuta, pelo amor de Deus.

— Eu não preciso de uma PORRA de terapeuta!

Alguns momentos depois, sentei-me nua no chão do chuveiro, deixando a água me lavar. *Sozinha.* A palavra era um monstro que um dia me consumiria. Não foi até que Yulia se ajoelhou ao meu lado e me lavou como uma criança que as lágrimas começaram a cair – enquanto eu lamentava a perda do papa que achava que sabia... e seu carrasco.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Mila

que sera sera

(prov.) o que será, será

— TALVEZ eu PUDESSE MOCHILAR PELA Europa — anunciei.

Com a cabeça apoiada nas patas, Khaos não pareceu impressionado com a ideia. Eu o coloquei furtivamente pela porta dos fundos e subi para o meu quarto. Se esta era minha última noite aqui, eu não queria passar sozinha. Khaos havia garantido um pedaço decente da minha cama e já estava caindo para todos os lados. Eu amei.

Mesmo depois de saber o que meu papa fazia pelos negócios, era difícil vê-lo sob uma luz diferente do pai que lavava meu cabelo quando eu era criança. Eu não conseguia lidar com a ideia de ele morrer amanhã ou com a verdade sobre minha mãe, então me concentrei nas coisas que eu poderia controlar.

Deitada de barriga para baixo, descansei meu queixo na mão. — Suponho que você precise de algum tipo de apoio financeiro para fazer uma mochila - ou, pelo menos um talento e um chapéu. — Suspirei deprimida. — Eu não tenho nenhum desses.

— E a faculdade? — Eu me animei. — Talvez eu pudesse conseguir uma bolsa de estudos. Sou um pouco inteligente - pelo menos no que diz respeito aos livros. Não posso dizer que sou inteligente nas ruas, ou obviamente não estaria aqui... mas se eu conseguisse uma bolsa de estudos que pagasse hospedagem, alimentação, comida vegana e produtos de higiene...

Khaos ergueu as orelhas como se dissesse: — Boa sorte com isso.

— Provavelmente é tarde demais para me inscrever de qualquer maneira. E irreal. Desde que me formei, não fiz nada além de assistir *Arquivos Forenses* e fazer sexo com um mafioso russo. Minha aplicação seria péssima.

Eu exalei alto e me perguntei o que eu gostava de fazer. Eu sabia que havia muitas coisas que eu gostava, mas coloquei na hora, a primeira coisa que me veio à cabeça foi: comer batatas fritas.

— Talvez o McDonald's me contrate — mencionei impassivelmente. — E se meus irmãos forem decentes o suficiente para me deixar um dos carros de papa, terei até um lugar para dormir. — Passei minha mão pela pele de Khaos e me aninhei em seu lado. — Viu? — Forcei um tom otimista. — Isso tudo vai dar certo.

— Mila. — Foi uma repreensão, se é que já ouvi uma.

Eu levantei minha cabeça para ver Ronan na porta, seus olhos se estreitaram.

— Há quanto tempo você está parado aí? — Eu perguntei, constrangimento deslizando por mim ao ouvir meu monólogo patético.

— Tempo suficiente para saber que foder um mafioso não ficaria bem em seu pedido de bolsa.

Ugh.

— Bisbilhoteiro — eu murmurei.

— O que eu falei sobre o cachorro? — Ele disse asperamente.

— O nome dele é Khaos. E ele e eu estamos bem agora.

— Você ainda tem cinco pontos por ele ter mordido você — ele brincou.

Com a sobrancelha franzida, olhei para o meu pulso. — Sim, quando devo tirar isso de novo?

— Mila. — Seu tom suave, mas sem sentido, chamou minha atenção total. — Venha.

A única palavra deslizou pelo meu sangue com uma mistura de água quente e fria. Por mais que eu estivesse tentada a cair na cama de Ronan apenas para esquecer tudo por um tempo, meu coração não aguentou o ato de dizer adeus com meu corpo esta noite e minha boca amanhã.

Não conseguiria dizer adeus duas vezes.

Eu balancei minha cabeça.

Seus olhos endureceram. — Não foi um pedido, *kotyonok*.

Com a garganta apertada, balancei a cabeça novamente, dizendo: — Não posso.

Ronan deu um passo para dentro do quarto, arrancando um grunhido da garganta de Khaos. Ronan o ignorou. — Você virá, Mila, mesmo que eu tenha que carregá-la.

Sentindo-me confiante com o rosnado do pastor alemão ao meu lado, eu disse: — Não. Vou ficar no meu próprio quarto esta noite.

Claro, Ronan se aproximou de mim, sem parar nem mesmo quando Khaos se levantou na cama e mostrou os dentes em um rosnado ameaçador.

— Ronan, pare. — Meu coração disparou. — Ele vai morder você.

— Eu vou parar quando você vier comigo.

Despreocupado, ele deu outro passo, e quando o rosnado de Khaos se tornou letal, sua raiva aumentando, eu soltei: — Tudo bem! Ok, eu vou com você.

Gah. O homem era insuportável.

Eu deslizei para fora da cama e alisei os pelos de Khaos. — Está tudo bem, amigo. Ele não vai me machucar. — Pelo menos não fisicamente. Quando o pastor alemão se acalmou um pouco, virei-me para Ronan. — Eu irei se Khaos puder dormir aqui esta noite. Ele gosta da minha cama. — Até preparei uma tigela de água e um prato de torta de abóbora que encontrei na cozinha.

Ronan não ficou impressionado. — Bem. Mas feche a porta. Meu irmão e sua família ainda estão aqui. E seu cachorro é um maluco.

— Você é um maluco.

— Você foi a única envolvida em uma briga de mingau lá embaixo.

— Ela puxou meu cabelo — expliquei simplesmente e fechei a porta atrás de mim.

Seus olhos escureceram. — Isso nunca mais vai acontecer. Ninguém puxa seu cabelo, exceto eu.

Aparentemente, Ronan iria apenas fingir que o amanhã não aconteceria. A lança de ressentimento queimando em mim apenas reafirmou minha decisão de fazer uma pausa para isso e encontrar um esconderijo até de manhã. Não conseguiria dormir com Ronan esta noite. Eu não poderia lidar com isso emocionalmente, fisicamente - qualquer um dos - "entes".

Ele se voltou para seu quarto.

Eu corri pelo corredor na direção oposta.

Uma exalação áspera. Um rosnado, — Mila. — E então o som de suas botas caras no meu rastro. Eu voei escada abaixo, pensando freneticamente em um bom lugar para me esconder. Na minha pressa, corri para a sala de jantar e parei totalmente quando vi Gianna, Christian e Kat desfrutando de uma boa refeição em família.

Eu ofeguei, o peito arfando.

Gianna escondeu uma risada.

— Uh-oh — Kat murmurou. — Mila está com problemas.

Ronan me agarrou pela cintura e me puxou do chão. — Certifique-se de experimentar a *vatrushka* — ele disse indiferente. — Polina faz o melhor.

Christian deu a seu irmão um olhar indecifrável antes de Ronan me balançar em seus braços e me carregar escada acima. Eu poderia lutar contra ele, mas agora seu cheiro masculino me cercou e confundiu meus sentidos. Seu calor encharcou minha pele, forçando a resistência a derreter por dentro.

Ele me deixou cair em sua cama e montou em meus quadris. — Você não deveria ter ouvido nada disso.

Eu sabia que ele estava falando sobre o que Nadia havia me contado.

Engoli. — Porque sou muito fraca para lidar com isso?

Ele prendeu meus pulsos acima da minha cabeça. — Porque você é tão doce, você brilha. — Seus olhos escureceram. — E eu vou matar qualquer um que tentar tirar essa luz de você.

— Não mate Nádia.

— Isso ainda está aberto para debate, mas agora... — Seus lábios subiram pela minha garganta. — *Ty mne nuzhna.* — *Eu preciso de você.*

A raspagem profunda roçou minha pele, queimou meu coração e tomou a decisão por mim. Eu arqueei meu pescoço para permitir a ele mais acesso, dando a ele o que ele precisava, mesmo sabendo que ele seria o único a me destruir.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Mila

fanaa

(N.) destruição de si mesmo

por amor

CHUVA ESCORRIA PELA janela DO CARRO, borrando minha visão da remota Rússia enquanto Albert nos levava para nosso destino. A neve cobriu os pinheiros, delineou o horizonte e cobriu o solo.

O país das maravilhas do inverno derreteu e se transformou em lama na frente dos meus olhos.

Minha mente voltou a uma hora antes, quando Ronan deslizou meus braços em um misterioso casaco de pele falsa amarelo. Eu não disse uma palavra quando ele fechou o zíper antes de colocar meus pés em um novo par de botas. Eu não tinha percebido como minhas outras estavam sujas e desgastadas até então. Ele ficou de pé, puxou meu cabelo de baixo do casaco e disse: — *Poydem.* — *Vamos.*

Lá fora, eu me virei para dar uma última olhada na casa e vi a ameaçadora fortaleza de pedra sob uma luz diferente. Era onde morava a excentricidade de Yulia. Onde os gritos e as refeições caseiras de Polina podiam ser encontrados. Onde lençóis pretos amarrotados jaziam imperturbáveis. Onde portas, espelhos e corações foram quebrados. E onde faíscas foram feitas...

Eu me virei para ir para o carro, mas parei quando Yulia apareceu na porta aberta. Nunca reconhecemos que ela cuidou de mim no banho ontem. O momento poderia nunca ter acontecido, mas eu sempre me lembraria disso.

Sua expressão severa permanente não vacilou quando ela fechou a porta.

Continuei minha caminhada até o carro, incapaz de olhar para o canil onde devolvi Khaos esta manhã, mas sabia que ele estava sentado do lado de fora me observando. Eu quebraria se tivesse que dizer adeus a ele. Eu gostaria de poder levá-lo comigo, mas não tinha a menor ideia de para onde estava indo, muito menos se seria capaz de cuidar dele adequadamente.

Uma única lágrima escorregou pela minha bochecha antes e agora, enquanto eu observava a neve virar lama pela janela do carro. Limpei sabendo que se deixasse as lágrimas caírem, elas nunca parariam.

Ronan estava estranhamente quieto, passando o polegar pelo lábio inferior e observando a paisagem passar. Eu me perguntei se ele se importava por estar devastando minha vida ao assassinar meu pai. As ações do meu papa podem ser inescrupulosas – e imperdoáveis – mas Ronan não era seu juiz e júri. Eu me perguntei se Ronan se importava com o fato de que esta seria a última vez que ele me veria. Por sua indiferença, eu não conseguia acreditar que estava mesmo em seus pensamentos.

Talvez eu fosse apenas uma diversão passageira que já havia passado. Tantas inseguranças e medos causaram estragos em minha mente. Nada fazia sentido neste estado – com meu peito bem apertado de terror do que aconteceria quando o carro parasse.

Para encontrar algum alívio de meus pensamentos, perguntei: — Meu papa ainda é casado?

— *Da*.

— Como ela é?

— Pelo que me lembro, ela tem agorafobia e é viciada em coca — Ronan respondeu sem olhar para mim.

Oh. Ela parecia legal. Embora talvez ela também tenha sofrido algum trauma com o estilo de vida do meu papa.

— Quantos irmãos eu tenho? — Eu continuei.

— Três irmãos.

— Eles estarão lá hoje?

— Adrian e Dimitri provavelmente. Dima está na prisão.

Quando imaginei ter uma família, nunca me ocorreu que eles seriam mafiosos. Achei que deveria ter diminuído minhas expectativas quando pensei em Natais mágicos em família. Eu mesma me amaldiçoaria.

Ronan trocou palavras em russo com Albert. Eu só peguei os menores pedaços da conversa, mas pelo tom sério deles, ficou claro que eles estavam discutindo detalhes da troca. Deve ser bastante simples, pensei. Trocar-me pelo meu papa. Embora quanto mais falavam, como se estivessem se preparando para o pior, mais frio meu sangue ficava.

Saímos da estrada e entramos em um terreno vazio ocupado por alguns silos gastos. Dois carros pretos estavam estacionados do outro lado da área, seus limpadores de para-brisa sacudindo para frente e para trás. Meu coração ricocheteou em meu peito enquanto a lama respingava sob os pneus.

Quando paramos, Ronan finalmente se virou para mim. Ele abriu o zíper do meu casaco e colocou um rolo de dinheiro no bolso interno. Ligando meu telefone, ele o entregou para mim. Eu o observei com uma sensação serena enquanto ele fechava o zíper do meu casaco como se eu fosse uma criança.

Ele não disse nada para mim, e a dor dividindo meu peito anulou meu medo de qualquer outra coisa. Antes que ele pudesse abrir a porta, a dor no coração escapou dos meus lábios com uma respiração desesperada.

— *Proshchay.*[35] — A palavra soou suave, mas seu significado tinha uma nota comovente. Significou adeus para sempre.

Com os dedos na maçaneta da porta, Ronan me observou por um longo segundo. Eu praticamente podia ver *D'yavol* subindo à superfície de seus olhos. Sofisticação sem alma.

Quando ele não respondeu, minha garganta apertou. Ele tinha que dizer algo. Ele tinha que me deixar saber que isso "*eu*" significava algo para ele. Eu merecia as palavras, ou sabia que elas iriam me assombrar para sempre.

— Você não vai dizer isso também?

— *Nyet*. — A resposta foi tão fria, seu gelo queimou a parte de trás dos meus olhos, enviando uma única lágrima pelo meu rosto. Não foi até que ele viu cair que notei a tensão em seus ombros, a turbulência que ele escondeu tão bem atrás de Giovanni.

Um polegar áspero enxugou a lágrima. — *Ya ne govoryu togo, chego ne imeyu v vidu.*[36]

Então ele abriu a porta e saiu, gesticulando para que eu o seguisse. Eu fiz sem uma palavra, meus pensamentos muito caóticos para meditar sobre o que

ele disse.

Fiquei perto de Ronan enquanto as portas se fechavam e os homens saíam. Eu sabia que Victor dirigia outro carro que nos seguiu até aqui. Eu esperava que fosse apenas uma precaução e não porque estávamos indo para a guerra. Eu seria um alvo fácil em meu casaco amarelo brilhante.

Seis homens estavam diante de nós, meu papa e Ivan assumindo o centro. Meu papa usava um terno de tweed cinza que comprei para ele no ano passado. O prateado em seu cabelo era mais pronunciado do que eu lembrava, mas nada mais parecia ter mudado. Ele ainda parecia o papa que eu sempre conheci e amei.

Embora quando meus olhos encontraram os dele, as imagens da criança que ele torturou passaram pela minha mente. Depois, as garotas sem rosto que ele traficou. E a memória de minha mãe morta no chão da biblioteca.

— Papa, sua amiga... ela é minha mãe?

Seu olhar se suavizou. — Não, anjo.

A verdade era que meu coração chorava por meu papa desde que eu era aquela garotinha. Fiquei de luto pelo pai que queria que ele fosse. Chorei o amor que precisava receber. E agora, eu tinha que lamentar sua morte.

O vento assobiava através dos silos enquanto a chuva pingava na terra. A lama nos separou dos homens que deveriam ser minha família, aqueles que me *salvaram das* garras de *D'yavol*. No entanto, no meu interior, parecia que pertencia a este lado.

— Nós não pensamos que você apareceria. Você está uma hora atrasado — disse um dos homens de cabelos escuros ao lado de Papa, estalando os nós

dos dedos. Tatuagens subiam por seu pescoço e seu nariz era torto como se tivesse sido quebrado várias vezes.

— É chamado de elegantemente tarde, Adrian — disse Ronan. — Não me diga que você é o cara que aparece na festa cinco minutos mais cedo.

Imaginei que o homem que falou era meu irmão. Duvido que eu o tenha visto em um suéter de Natal.

Adrian fez uma careta. — Você tem sorte de continuarmos com esta troca depois que você usou nossa irmã como uma prostituta...

— *Zatknis* — papa rosnou. *Cale-se.*

Ronan não piscou ao meu lado, mas uma tensão quase imperceptível irradiava dele.

— Você acha que só porque você matou nosso pai, não vamos nos tornar um problema maior para você? — Outro homem disse. Seu olhar estava vazio, como se ele tivesse visto tanta morte que a falta de vida se infiltrou em seus olhos. De alguma forma eu sabia que esse era Dimitri, meu outro irmão, e outro provável não no suéter de Natal.

Ronan riu. — Você não poderia organizar um almoço, muito menos uma revolta.

Com um rosnado, Dimitri se lançou em direção a ele, mas Ivan o segurou. Ivan mal me lançou um olhar desde que cheguei. Ele, ou se sentia culpado por me deixar sozinha, ou não era o homem que eu pensava que conhecia.

Papa deve ter alguma estima pelos filhos porque o insulto a Dimitri o fez ferver. Ele olhou para Ronan com veneno.

— Uma polegada. Um único centímetro e você estaria morto. Vou me arrepender dessa polegada até morrer.

Parecia que havia sido transportada para outro mundo. Um cheio de lama e gravidade tão pesada que desalojou meu coração. Este mundo girou na direção oposta. Girando cada vez mais rápido.

— Então eu acho que você deveria ser grato por se livrar desse arrependimento em breve.

— Viemos terminar isso — papa disparou. — Então, vamos fazer isso agora.

Ronan entregou sua arma a Albert, assim como Papa fez com Ivan. Desapegada, segui Ronan para encontrar meu pai no meio de lados opostos. Meu papa não me olhou nos olhos. Eu não me importei. Este mundo era pesado e instável.

Quando Ronan olhou para mim, a rotação parou. Seus olhos me mantiveram firmes. Azul escuro. A cor do único brinco em forma de coração na minha orelha. E cheio de coisas não ditas. Eu nunca quis desviar o olhar, mas fui forçada a isso.

Uma explosão me jogou para trás e fez o chão tremer. Com uma maldição, Ronan me empurrou para trás. Pedaços do silo voaram pelo ar, pedaços de estanho em chamas pousando na lama. E então um *estrondo* mais próximo cortou o ar, quase me derrubando. Meus ouvidos zumbiram e toquei um, estremecendo quando voltei com sangue. Desorientada, pisquei através da fumaça espessa.

Este mundo estava girando e pegando fogo.

Os dois silos estavam em chamas, e uma explosão menor enviou estilhaços afiados para o ar. Ronan me agarrou e embalou minha cabeça contra os estilhaços que caíam. A fumaça se dissipou apenas o suficiente para ver meu papa e o brilho prateado de uma pistola apontada para as costas de Ronan.

— *NÃO* — rasgou meu corpo. Eu poderia aguentar *tanto o* luto.

Mas não Ronan.

Nunca Ronan.

Meu coração tomou a decisão por mim. Eu o empurrei para longe de mim apenas quando um *pop* soou.

Então tudo ficou em silêncio.

A fumaça se dissipou.

Os estilhaços pararam de cair.

Este mundo não estava girando.

Estava frio, silencioso e muito escuro.

CAPÍTULO CINQUENTA

Mila

absquatular

(v.) sair sem se despedir

UMA VEZ PENSEI QUE RONÃ ME DECEPCIONARIA, que ele me veria afundar, o cabelo cacheado flutuando e brilhando. Mas no final, foi a voz dele que me arrastou da escuridão.

— *Prosnis*, Mila. — *Acorde*. — Maldição, *prosnis*.

Ronan tinha exigido muito de mim desde que nos conhecemos – tantos pedidos que ele tinha certeza que seriam atendidos – mas esse pedido continha uma fresta vulnerável. Não era uma exigência de forma alguma. Era uma *necessidade*.

Encontrei outra fraqueza.

Ele era fraco por *mim*.

Respirando fundo, lutei para abrir os olhos. Forcei-os a abrir e vi que estava deitada no chão de um carro em movimento que vibrava embaixo de mim. Amarelo e vermelho. Meu novo casaco estava arruinado, a pele falsa emaranhada com manchas de sangue. Bandagens encharcadas de carmesim foram descartadas ao meu redor. Minha camisa foi rasgada, e a visão do buraco jorrando sangue em meu estômago me deixou tão tonta que quase fui

puxada para baixo novamente. Embora a voz de Ronan quando ele estalou algo para Albert me castigou.

Meus olhos se ergueram para Ronan, que rasgou uma nova bandagem esterilizada com os dentes e a usou para pressionar o ferimento. Eu fiquei tensa na expectativa de dor, mas só senti uma pontada em meu abdômen quando um tremor começou a sacudir meu corpo inteiro.

Nossos olhares se encontraram.

Roleta russa.

Um piscar e...

Eu só sentiria falta de vê-lo.

Um olhar escuro e torturado segurou o meu por um longo momento. Finalmente, pareceu afundar nele que eu estava acordada e mais longe da porta da morte do que ele pensava. Mantendo a pressão em meu ferimento, ele se encostou no banco de trás, apoiou um braço em seu cotovelo e baixou a cabeça sobre o peito, os olhos fechados.

— *Ona ne spit*[37] — ele exalou asperamente. — Porra. *Ona ne spit*.

— Estamos quase lá — Albert anunciou do banco da frente.

Eu esperava sentir muita dor por causa do tiro, embora meu corpo inteiro formigasse como se eu tivesse recebido uma injeção de lidocaína em todos os lugares.

Quando Ronan abriu os olhos, eles me prenderam com fúria. — *Zachem ty eto sdelala?* — Ele rangeu. — *Zachem?*

— Inglês — eu disse suavemente.

— Por que diabos você faria isso, Mila? — Ele rosnou com um grito profundo. — POR QUÊ?

— Você não é imortal — eu sussurrei, minha garganta grossa. — Eu não queria que você morresse.

Ele olhou para mim com uma mistura de descrença, raiva e outra coisa indiscernível. — Você não pode se sacrificar por mim. — Ele cerrou os dentes. — Você NÃO vai morrer por mim, *kotyonok*. — Seus olhos me crucificaram. — Se alguém morrer entre nós, serei EU. Você entendeu?

Eu não entendi, então balancei minha cabeça.

— Então deixe-me esclarecer para você — ele disse, as sombras em seus olhos brilhando. — Você sobreviveria sem mim. Você seguiria em frente. — Seu tom ficou áspero. — Eu não posso imaginar um mundo onde você e todo o seu maldito amarelo não existam. Então, se você morrer, vai me levar com você. Seu sacrifício não significaria nada, *kotyonok*. NADA.

Uma lágrima desceu pela minha bochecha quando um frio começou a invadir o tremor dentro de mim. Minha medula estava virando gelo e eu estremeci violentamente.

— Estou com tanto frio, Ronan... — Meus olhos pareciam pesados, então eu os fechei.

— *Nyet* — Ronan rosnou, agarrando meu rosto. — Não feche os olhos, porra.

— Estou tão cansada — sussurrei, a letargia puxando cada músculo do meu corpo. — Eu não acho...

— Se você morrer, Mila — disse ele asperamente — vou mandar Khaos para um beco.

Meu coração bateu. — Você não faria isso.

— Eu faria.

Quando o carro parou, Ronan não perdeu um segundo. Ele me pegou e me carregou para o hospital. Observei os médicos e enfermeiras correrem em nossa direção e fazer perguntas em russo. Eu não conseguia entender nada além do que Ronan havia ameaçado enquanto uma falta de peso fria me consumia, puxando, puxando, tentando me puxar para baixo.

— Não faça isso com Khaos — implorei fracamente, interrompendo a equipe médica.

— Não morra e eu não vou — ele respondeu enquanto seguia os médicos pelo corredor.

Ele não estava sendo justo.

— Ronan... — Uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

Ele a enxugou, seu tom áspero. — Essas são as condições. Você escolhe.

Como eu poderia escolher não morrer? Hoje pode ser o meu dia, e mesmo *D'yavol* não poderia parar o destino em suas trilhas. Posso nunca ter conseguido a família ou o amor que sempre quis, mas pelo menos poderia dizer que dei o meu melhor.

Ronan me deitou em uma maca e uma enfermeira me levou às pressas para uma sala de cirurgia. Quando um cirurgião tentou impedir Ronan de entrar, ele sacou sua pistola e apontou para a cabeça do médico.

— *Yesli ona umret, ty tozhe umresh* — ele rosnou. *Se ela morrer, você morre também.*

O cirurgião engoliu em seco, saiu do caminho e rapidamente acenou com a cabeça para uma área onde Ronan pudesse ficar.

Uma enfermeira colocou uma máscara no meu rosto para induzir o sono. Eu tentei puxar, mas não custou muito para ela segurar enquanto falava comigo em russo. O gás começou a puxar minha consciência para baixo, para baixo... porém, quando encontrei os olhos de Ronan, eu sabia o que precisava dizer. *Ya lyublyu tebya. Eu te amo.* No final, apenas uma palavra escapou com o medo de nunca acordar.

— *Proshchay...*

A última coisa que ouvi antes que a anestesia me *prendesse* foi: — Foda-se seu *proshchay*, Mila.

◄ ⁂ ►

Bip.

Bip.

Bip.

Os bipes constantes que me tiraram de um sono nebuloso me alertaram para o fato de que eu não morri. Ou Satanás apenas tinha um senso de humor doentio.

Meu corpo estava em um estado tranquilo e sem dor, mas hesitei em abrir os olhos enquanto minha imaginação ia à loucura. Talvez os cirurgiões tiveram que amputar um membro. Talvez eu estivesse paralisada. Talvez eu estivesse acordando de um coma de trinta anos. Infelizmente, o que vi foi pior do que minha imaginação poderia imaginar.

Alexei Mikhailov e *D'yavol* estavam sentados na mesma sala.

Papa ocupava a cadeira ao lado da porta, vestindo um terno carvão e um olho roxo. Ele estava olhando para as próprias mãos, irradiando uma sensação de remorso. Não senti nada quando olhei para ele. Sem nostalgia. Sem respeito. Sem afeto.

Tudo o que ele fez manchou minha visão dele. Na verdade, eu não acho que ele planejou se sacrificar por mim. O telefonema foi apenas mais uma mentira e manipulação para fazer Ronan acreditar que havia concedido. Meu papa decidiu me colocar no meio de sua guerra, sem se preocupar com o fato de que algo poderia ter acontecido comigo. E assim foi.

Quer ele vivesse ou morresse, meu luto por ele havia acabado.

Meu olhar deslizou para Ronan, que estava sentado ao lado da minha cama vestindo Tom Ford e olhos cansados. Silenciosamente, ele me observava. De alguma forma, eu sabia que ele tinha ficado ao meu lado enquanto eu estava inconsciente. Este homem que eu odiava havia se tornado o homem que eu amava.

Ronan estava errado.

Eu não conseguia suportar a ideia de viver sem ele.

Isso me apavorou, esse amor que ameaçava dependência. A devoção era um brilho forte que aqueceu minha alma, embora também me fizesse sentir vulnerável, como se meu peito fosse simplesmente se abrir se eu o amasse mais.

Não me arrependi de ter levado aquela bala por Ronan, mas o fato de quase morrer me forçou a olhar a vida de uma perspectiva diferente. A verdade é que eu ainda não tinha vivido de verdade. Eu não tinha experimentado nada além da vista de portões dourados fechados, o interior de uma mansão russa e me apaixonando.

Se eu não me encontrasse, o amor seria tudo que eu seria.

Eu sabia o que tinha que fazer, embora apenas o pensamento doesse meu coração. O fato de eu estar prestes a atingir um dos pontos fracos de Ronan me fez querer vomitar. Ele era o homem mais forte que eu já conheci, e ainda assim, eu não conseguia suportar a ideia de machucá-lo.

— Eu acho que Khaos não tem que ir para o canil — eu finalmente disse, meu tom rouco escondendo a dor por dentro.

A cabeça do meu papa disparou com a minha voz, o alívio enchendo seus olhos.

A expressão estoica de Ronan não vacilou. Meu estômago apertou quando eu percebi que ele sabia que eu tinha chegado a um acordo ao mesmo tempo que ele.

— Quanto tempo eu estive fora? — Eu perguntei.

— Três dias — disse Ronan sem emoção.

Meu papa se levantou, veio até minha cabeceira e agarrou minha mão conectada a uma intravenosa. — Eu sinto muito, anjo. Eu estou tão — Sua voz falhou. — Eu nunca vou me perdoar por isso.

Eu encarei sua mão segurando a minha, incapaz de me lembrar da última vez que ele me tocou intencionalmente. E bastou ser baleada por sua própria arma para ganhar seu afeto.

Entorpecida, puxei minha mão. — Eu te perdoo, papa.

Seus olhos doloridos encontraram os meus. — Eu sempre me perguntei como fiz uma garota tão compassiva quanto você.

— Eu sou compassiva, papa, mas não esquecida. Eu não te odeio... não pelo que você fez à minha mãe, não por mentir, estar ausente ou por me colocar aqui. — Minha voz estava estranhamente calma. — Mas eu não vou esquecer.

Ele absorveu minhas palavras silenciosamente.

— Você sempre será meu pai... mas acho que é melhor seguirmos caminhos separados. — Surpreendeu-me poder dizer essas palavras sem qualquer emoção. Embora eu não fosse a mesma garota que embarcou em um avião para Moscou com esperança nos olhos.

Ele parecia um pouco abalado, mas depois assentiu carrancudo. — Se é isso que você deseja.

— É isso.

Sem outra palavra, meu pai foi até a porta.

— Por que você fez isso? — Eu soltei.

Ele fez uma pausa, seu corpo ficou tenso. Ele sabia que eu queria saber por que ele matou minha mãe. Sua hesitação criou um silêncio pesado na sala, como se ele não tivesse certeza se deveria me dizer a verdade. No final, eu sabia que sim.

— Ela estava grávida do filho de outro homem.

Então ele saiu da sala e da minha vida, deixando-me entorpecida com sua resposta. — *Você se parece muito com minha Tatianna...* — *Sua* Tatianna. Meu papa pode gostar de mim, mas ele nunca me amou de verdade. Eu era simplesmente um símbolo de sua obsessão tóxica por uma famosa cantora de ópera. Parecia que ele tinha me abandonado anos atrás, mas havia uma finalidade na compreensão e em vê-lo ir embora que enviou um caco de vidro através do meu coração. A confusão em meu peito me convenceu do meu próximo início de conversa.

Olhando para a retirada do meu papa, eu disse: — Se você se apressar, talvez consiga pegá-lo no estacionamento.

— Vou passar. — O tom de Ronan era zombeteiro.

— Ele sabe que você não vai me machucar agora. Você perdeu a vantagem.

— Ele esteve aqui o dia todo — Ronan retrucou. — Se eu quisesse matá-lo, já poderia ter feito isso várias vezes.

Eu atraí meu olhar em sua direção. A visão dele me encheu de um desejo pesado que se espalhou por minhas veias: que ele me tocasse, me abraçasse, mostrasse que ele se importava. Embora a lembrança de que eu não poderia ter nada disso parecesse um golpe no peito.

Engoli. — Então, você desistiu da sua vingança?

Ele cerrou os dentes. — Você acha que a vingança está em minha mente agora?

— Você bateu nele — eu o desafiei.

— Isso foi necessário para recuperar minha concentração.

— Sua concentração em me observar dormir.

— Sim — ele rosnou.

Sua resposta seria divertida se meu coração não estivesse queimando e retaliando contra a decisão que tomei. Nervosamente, concentrei-me em mexer na fita que segurava meu IV na minha mão.

— Então, se vingança não está em sua mente agora, o que está?

— Estou esperando.

Eu olhei para ele. — Para quê?

Seus olhos se estreitaram. — Para o discurso de perdão, 'mas provavelmente é melhor nos separarmos'.

Eu desviei o olhar, incapaz de ver a turbulência queimando em seus olhos. Ele não gostava de ser deixado para trás – mas parecia que era por todos que eram importantes para ele. E saber que eu era apenas mais um deles apertou minha garganta, queimando o fundo dos meus olhos.

Não foi até que ele se levantou e colocou um único brinco em forma de coração na mesa de cabeceira que o pânico começou em meu peito. O que eu estava fazendo? Por que eu estava fazendo isso? Enquanto ele se dirigia para a porta, meu coração gritou para que eu o impedisse. *Pare. Por favor, pare...*

mas o aperto na minha garganta se recusou a deixar escapar qualquer palavra.

Ronan parou na porta por um segundo. Ele virou a cabeça para encontrar meus olhos e prometeu: — Isso *não é proshchay.*

Levar uma bala não teve nada em comparação com vê-lo se afastar de mim. A dor começou no meu coração, essa pulsação sangrenta crua, antes de arranhar as paredes do meu peito.

Não era *proshchay.*

A promessa não importava agora.

Eu o queria de volta. O desespero queimava em meu sangue, exigindo que eu corresse atrás dele e dissesse que era apenas um erro. Freneticamente, eu puxei a intravenosa em minha mão enquanto a dor no coração me rasgava, enviando soluços pela minha garganta que destruíram meu peito.

Não era *proshchay.*

Assim que tirei a intravenosa, a energia caótica dentro de mim se desvaneceu, deixando-me tão esgotada que só pude cobrir a boca enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu ignorei a forte pulsação em meu estômago. Uma máquina começou a apitar, alertando-me para o fato de que uma enfermeira estaria aqui em breve, mas eu não esperava um cachorro.

Khaos pulou na cama e se deitou ao meu lado. Soluçando, passei a mão por seu pelo, abracei-o com *força* e disse: — Não é *proshchay...*

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Ronan

lacuna

(N.) um espaço em branco; uma parte faltando

O FERIMENTO À BALA EM MEU braço latejava e sangrava pela minha camisa. Devo ter arrebentado alguns pontos quando dei um soco em Alexei. E então Albert, que simplesmente abriu a porta do carro para mim depois que Mila me dispensou de sua vida. Eu não sabia como me livrar dessa sensação irritável e nervosa sob minha pele, além da violência - e mesmo isso não liberava a dor apertada e vazia em meu peito.

Parecia que ela estava roubando algo de mim.

Dor eu poderia suportar.

Roubo eu não podia.

— Eu voei de volta para tratar de negócios 'importantes' apenas para vê-lo meditar em silêncio sobre todas as suas escolhas de vida — disse meu irmão em russo, sentado no sofá do meu escritório. — Cuidado em compartilhar?

Eu não sabia como explicar o sentimento de outra maneira, então recostei-me na cadeira e disse: — Ela me roubou.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Seu animal de estimação?

— O nome dela é Mila — eu rosnei.

Kristian deu um gole na vodca em seu copo, tentando esconder um sorriso. — Então o que ela levou? Você tem bons copos de cristal.

Não sei por que abri a boca. Claramente, tudo isso estava fora do meu elemento, e meu irmão estava amando cada segundo disso. Eu estreitei meus olhos e bati minha caneta na mesa enquanto aquela sensação inquietante arranhou meu peito.

Meu irmão me olhou com uma expressão séria. — Você pode pensar que eu tenho o problema entre nós, mas você se esqueceu de que foi você quem viveu em armários por anos ou foi espancado por nossa mãe e seus clientes.

Eu levantei uma sobrancelha. — Estamos fazendo uma viagem pela estrada da memória?

— Acho que está na hora, não é?

— Não.

— Posso estar um pouco fora de contato com as emoções humanas, mas pelo menos eu entendo.

Eu olhei para ele. — Eu entendo muito bem.

— Vindo do homem que racionaliza o amor não correspondido pela garota Mikhailov para ela “roubando” de você.

Ser acusado de “amor” me fez sentir... estranho, então eu desviei. — Em primeiro lugar, nada aqui é não correspondido. — Se fosse, eu faria com que fosse correspondido. — Em segundo lugar, eu vi o Hallmark Channel. Não é assim que o amor funciona.

Kristian riu. — Achei que teria que explicar dicas de sexo para meu irmão mais novo. Não é amor.

— Acho que entendi a coisa do sexo, mas obrigado.

Olhando fixamente para seu copo, ele girou a vodca em seu copo. — Eu amei Gianna por anos antes de ela sequer olhar para mim. O amor não é corações e flores. Às vezes, é uma merda.

— Você está realmente vendendo isso para mim — eu disse secamente.

— Eu não tenho que vender. Você já se apaixonou pela filha de Alexei Mikhailov.

Eu não sabia o que dizer, então não disse.

— Eu sei que você se culpa pelo que aconteceu comigo. — O silêncio estava pesado. — Você se sente tão culpado por essa merda que não pode se permitir cuidar de outras pessoas... porque se você não podia proteger seu próprio irmão, por que deveria merecer qualquer outro relacionamento significativo? Bem, você precisa superar isso.

Às vezes, eu odiava sua visão anormal. Outras vezes, tornava as coisas mais fáceis para mim, porque eu nunca teria dito essa merda em voz alta.

— Eu sinto que deveria estar deitado no sofá de um psicólogo.

— Você tem uma pilha de problemas emocionais induzidos por traumas além disso, se quiser que eu os envolva.

Eu dei a ele um olhar de “foda-se”.

Ele sorriu. — Se qualquer coisa, eu deveria estar lá para você mais. Eu era o irmão mais velho. Eu não deveria ter saído assim que fui liberado – especialmente sabendo agora o quão fodido você está.

— Isso é verdadeiramente terapêutico.

— Boa. Agora, você pode parar de bater nas pessoas e começar a ensaiar como vai dizer à Mila que a ama.

Eu ri. — Infelizmente, não há espelho aqui e preciso me ver durante os ensaios.

— A propósito, bem-vindo ao clube — disse ele com prazer. — Eu estive esperando o dia em que poderia chamá-lo de chicoteado.

Porra.

Sempre evitei a palavra "amor" como se fosse uma doença, mas agora que ele colocou a ideia na minha cabeça, ela infeccionou.

Todas aquelas coisas aleatórias que saíram da minha boca quando pensei que ela poderia morrer eram verdade. Eu lutei contra a morte mais vezes do que poderia contar, mas sabia que seria bem-vindo se algo acontecesse entre mim ou ela. Eu a avisei sobre ser altruísta, e agora parecia que eu estava praticamente me sacrificando em relação a ela.

A garota doce e enjoativa com um coração mole e amor pelo amarelo, de alguma forma, preencheu um espaço em branco dentro de mim. E eu não conseguia lidar com o pensamento dela em qualquer outro lugar, exceto *comigo*.

Prós: Meus copos de cristal estavam seguros.

Contras: pode realmente não ser correspondido.

Não tive tempo para refletir sobre isso. A porta se abriu. Meu irmão e eu observamos em silêncio Kostya arrastar uma cabeça decepada e jogá-la no chão. Rolou como uma tigela de boliche torta antes de perder o ímpeto e se imobilizar no centro da sala.

— Que porra é essa? — Eu perguntei, exasperado. Meu escritório já estava uma bagunça do caralho.

Kostya respirava pesadamente, coberto de sangue da cabeça aos pés. Pingando da faca em sua mão para o chão. A agitação passou por mim. Eu ia precisar de um carpete novo neste momento.

— Dimitri Mikhailov.

Eu olhei para ele sem expressão, embora internamente, eu estivesse a um segundo de matá-lo com aquela faca em sua mão.

— Você tem deficiência auditiva? — Eu rosnei. — Ou apenas estúpido?

Eu ordenei aos meus homens que ficassem longe dos Mikhailovs. O desejo de vingança diminuiu no momento em que Mila quase morreu. A retaliação não era uma opção única depois que eu a vi sangrando. Eu precisava dela em minha vida, viva e sem as lágrimas que, de alguma forma, me faziam sentir impotente – o que infelizmente significava que eu não poderia simplesmente sequestrá-la novamente.

Matar o papa dela pode afastá-la para sempre, e eu me recusei a aceitar isso. Embora eu não pudesse imaginar Alexei descartando o assassinato de seu filho. A fúria passou por mim com o impacto que causaria. Não conseguiria trazer Mila de volta enquanto estava em guerra com o pai dela.

Kostya cerrou os dentes, mas a dor brilhou em seus olhos. — Dimitri foi quem matou Pasha por ordem de Alexei. E já que você não fez nada além de foder a filha dele, eu peguei com minhas próprias mãos.

Eu sorri, mas não foi amigável. Eu não queria matar Kostya e deixar Vadim com dois irmãos falecidos, mas não parecia haver outra opção.

A faca escorregou dos dedos de Kostya, sua voz grossa. — Pasha era meu irmão mais novo... — Uma única lágrima escorreu por sua bochecha ensanguentada. — Eu tive de fazer isto. E estou pronto para aceitar a punição.

Ele estava pronto para morrer por seu irmão. Olhei para o meu, que me olhou com uma expressão divertida e seca. Ele queria saber como eu lidaria com isso, porque ele e eu teríamos feito o mesmo um pelo outro.

Albert apareceu na porta, seus olhos sombrios acima do brilho que eu dei a ele hoje mais cedo. Ele aceitou o soco como se fosse um normal “obrigado” antes de me trazer até aqui.

— Temos convidados — disse ele.

Ele não precisou me dizer quem estava visitando.

— Dê-nos um minuto — eu disse a Albert antes de lançar um olhar duro para Kostya. — Você fodeu muito desta vez. Desobedeça às minhas ordens ou fale sobre Mila dessa forma novamente, e eu mesmo acabarei com você da maneira mais dolorosa que posso imaginar.

Kostya engoliu em seco.

— Agora dê o fora daqui — eu rosnei. — Estou tão enojado com você, se Alexei está aqui para matá-lo, vou deixá-lo.

Kostya não precisava ouvir duas vezes. Ele desapareceu pela porta, deixando um rastro de sangue como migalhas.

Um momento depois, Albert voltou com Alexei e Ivan a reboque. Meus ombros ficaram tensos ao ver o papa de Mila. Quase o matei quando ele apareceu em seu quarto de hospital - não por Pasha, mas por Mila. Ela tropeçou em meu restaurante há quase um mês e mudou minha perspectiva sobre tudo.

Alexei parou na porta e deu uma longa olhada na cabeça de seu filho no chão, uma mistura de dor e raiva cruzando seu rosto. O homem parecia ter envelhecido vinte anos em um único dia.

Ele não disse uma palavra enquanto se movia para se sentar no sofá em frente a Kristian. Alexei sempre expressou seu desapontamento com seus filhos. Eu até o vi atirar em Dimitri na coxa uma vez por foder com tudo. Eu esperava vingança por um princípio simples. Eu não esperava que o homem colocasse o rosto nas mãos e...

Alexei Mikhailov estava chorando.

Foi estranho *pra* caralho.

Eu encontrei o olhar do meu irmão e acenei para a cabeça de Dimitri, dizendo a ele para fazer algo com ela – como empurrá-la para trás do sofá. Ele não fez isso. Ele me lançou um olhar seco e tomou um gole de vodca.

Enquanto Alexei estava em seu momento, Ivan se encostou na parede e me fuzilou com o olhar.

— Muito tempo sem vê, — eu disse facilmente em russo, então franzi a testa em pensamento. — Embora tenha havido aquele dia em que você visitou

minha casa e saiu nu para rastejar de volta para seu dono... — Meus olhos se estreitaram. — E não podemos esquecer aquela outra vez em que você quase matou Mila com sua tentativa fracassada de me matar. Mas, fora isso, diria que já faz um tempo.

Seu olhar endureceu. — Se você não sequestrasse Mila, ela nunca estaria nessa posição.

Frustrantemente verdade. — Talvez não. Mas todos nós sabemos em que posição você a quer. Pena que você prefere foder Alexei do que sua filha. Não que você tivesse uma chance com ela de qualquer maneira.

Eu tinha certeza que teria uma reação de Alexei então, mas o homem ainda estava imerso em uma dor estranha.

Ivan lançou um olhar cauteloso para Alexei antes de dizer: — Eu poderia ter feito vários disparos. Eu simplesmente não estava interessado.

Eu ri. Ele não poderia tê-la, então agora ele não estava interessado. — Sabe, você me lembra uma cadela de duas caras. Estou começando a me perguntar se você ainda tem um pau.

— Porque escolhi o lado de Alexei? Você me chama de vadia, mas está guardando rancor como uma.

Imperturbável pelo insulto, minha mente voltou ao passado. — Eu sempre soube que algo estava errado com você – o solitário desajeitado que se sentou ao lado das latas de lixo na prisão. Acusado de assassinar sua avó. Quero dizer, a porra da sua *avó.* A notícia a pintou como uma doce velhinha, mas você convenceu a todos de como ela era má... — Recostei-me na cadeira. — Ela realmente era uma doce velhinha, não era?

Um calor assassino flamejou em seus olhos.

— O que ela fez? Esqueceu de cortar a casca do seu sanduíche de manteiga de amendoim?

— Vá para o inferno, *D'yavol*.

Kristian e Alexei estavam agora nos observando em silêncio, mas eu continuei porque tinha merda a dizer.

— Quando eu coloquei você sob minha proteção, você gostou do *que* eu gostava. Eu poderia dizer que gostei de um pepino enfiado na minha bunda, e você diria que gostou também. Era irritante *pra* caralho, mas você era leal demais. Só que você não era, era?

O vermelho subiu pelo pescoço de Ivan. — Eu não me arrependo de ter fodido você. Eu faria de novo em um piscar de olhos.

— Eu sei. Porque você é a porra de uma cobra que pode revelar seu verdadeiro eu psicótico sob Alexei. Ele ama seus homens desequilibrados. Eu deveria saber. Eu também trabalhei para ele. — Eu fiz várias coisas por ordem daquele homem que eu não aguentaria nem pensar hoje.

Meus olhos deslizaram para Alexei para ver os dele nos meus. Eu me perguntei se ele estava me matando mentalmente, ou se ele estava relembrando o passado também. Ou talvez ele estivesse pensando em Mila e em como eu estava indefinidamente submerso em sua vida agora – gostasse ela ou não.

Kristian estava satisfeito com seu copo de vodca, embora eu pudesse dizer que ele estava pronto para que as coisas mudassem rapidamente.

Ivan deixou escapar um suspiro amargo de diversão. — Você me chama de cobra. No entanto, foi você quem sequestrou a porra de uma mulher inocente. — Seus olhos se estreitaram. — Não há chance de ela ficar com você — ele rosnou. — Ela não é tão estúpida.

— Tão agressivo com uma mulher que você provavelmente nem quer — eu disse lentamente. — Deixe-me adivinhar... Alexei prometeu a você Mila quando eu a levei pela primeira vez. E então ele mudou de ideia, pensando que Carter seria melhor depois de tudo. E você concordou porque está contente em beijar a bunda dele.

O brilho sombrio nos olhos de Ivan confirmou.

— Tenho certeza que ele deu a você um prêmio de consolação – uma garota traficada para ajudá-lo. Você a cortou como fez com a sua avó?

Ivan se lançou sobre mim, mas parou quando Kristian puxou sua arma e apontou para sua cabeça, o copo ainda na mão.

— Sim. Eu não faria se fosse você.

Alexei se levantou. Além do mais no hospital, esta foi a primeira vez que o vi tão passivo e derrotado. Nesse ponto, a vingança não era problema. O homem estava se matando lentamente.

Ele encontrou meu olhar com veneno. — Você assassinou meu filho.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você quase o matou quando ele estrangulou uma de suas garotas caras até a morte. — Eu encolhi um ombro indiferente. — Então, eu realmente não pensei que seria um problema.

Seus olhos brilharam. — Você tem minha filha em suas mãos agora, então não tenho escolha a não ser acabar com isso agora. Não posso me dar ao

luxo de perdê-la em cima de Dimitri com mais guerra.

Eu não exatamente *tinha* sua filha... embora ele deva assumir que ela escolheu o meu lado levando aquela bala por mim. O pensamento me trouxe de volta ao segundo em que percebi o que ela tinha feito, e meu peito apertou. Se ela tivesse morrido e levado todo o seu sol com ela... Porra. A ideia me deixou doente e me fez ver vermelho ao mesmo tempo.

— É uma boa desculpa, Alexei, mas nós dois sabemos que você perdeu seu toque. Se Moscou não fosse minha, já teria sido de outro.

Sua mandíbula apertou enquanto ele respondia, e então ele se virou para a porta. — Venha, Ivan.

Enquanto Ivan pegava a cabeça decepada e seguia seu dono como um cãozinho de estimação, eu disse com preocupação fingida: — E posso reconsiderar seu processo de contratação.

— Vá para o inferno, *D'yavol* — Alexei retrucou.

— Vocês podem mudar um pouco? — Voltei aborrecido. — Seus insultos estão cansados.

Depois que os dois saíram, Kristian disse lentamente: — Bem, isso foi inesperado.

Concordo. Nem uma única pessoa morreu.

Eu me levantei e dei a volta na mesa.

— Onde você vai? — Kristian perguntou.

— Ensaiar — eu anunciei e saí.

Percebi que Mila pode precisar de algum espaço. Eu não gostei da ideia – na verdade, cada célula exigia que eu a arrastasse de volta para a minha cama, onde ela pertencia, apenas para saber que ela era *minha*. Mas eu tive que trabalhar com o sequestro da menina, ameaçando matar seu papa e uma série de outras ofensas graves.

Eu poderia ser paciente quando realmente queria algo. Mas eu não só a queria, eu *precisava* dela.

Se isso é o que eles chamam de “amor”, então eu o possuiria.

Nunca fiz nada pela metade.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Mila

rubatose

(N.) a consciência inquietante de seu

próprio batimento cardíaco

Eu DEVERIA SABER QUE não seria tão fácil me livrar de Ronan. Ele pode não estar fisicamente no quarto do hospital comigo, mas sua presença estava em toda parte.

Depois que os médicos me examinaram, muitas vezes pensei que eles correram para fora da sala, telefones nos ouvidos, para atualizá-lo sobre minha condição. Apenas *D'yavol* receberia esse tipo de resposta nervosa apressada.

No primeiro dia consciente no hospital, um menino entregou um cooler cheio de refeições veganas, um saco de comida de cachorro e um bilhete.

Coma.

– Ronan

Eu teria revirado os olhos com a demanda algumas semanas atrás, mas desta vez, isso trouxe um sorriso aos meus lábios e uma pulsação no meu coração.

Ronan havia ~~puxado alguns cordões e~~ ameaçado alguém para permitir que Khaos ficasse comigo, e eu sabia disso porque o retrato de um cachorro na

placa vermelha universal de proibição de entrada decorava a parede do lado de fora do meu quarto. O gesto me encheu de alívio, porque eu não acho que conseguiria ficar sozinha com meus pensamentos agora. Khaos era a única coisa que me segurava.

A maioria dos funcionários se afastou do pastor alemão de temperamento áspero, mas uma enfermeira mais velha e séria, chegando aos 60 anos, tomou a iniciativa de levá-lo para fora para suas necessidades, até mesmo repreendendo-o quando ele rosnou para ela, o que o confundiu o suficiente para ir junto com isso.

No segundo dia, o menino entregou um novo laptop carregado com cada temporada de *Arquivos Forenses* e outra nota.

Se você quiser saber como matar alguém e se safar, basta perguntar.

– Ronan

No terceiro dia, o menino entregou um xampu Pacifica e sabonete líquido, e, claro, um bilhete.

Pare de discutir com as enfermeiras.

– Ronan

Desta vez, eu rolei meus olhos. Ronan não estava apenas sendo informado por meus médicos, parecia que minhas enfermeiras estavam tagarelando sobre mim para ele também. Recusei-me a tomar banho depois de um dos funcionários ler os ingredientes na parte de trás do xampu do hospital. O tubo estava praticamente cheio com um minúsculo animal assassinado. Quando finalmente lavei meu cabelo com Pacifica, meu coração tremia de saudade.

No quarto dia, o menino entregou duas malas cheias de roupas. Vestidos, suéteres, roupas íntimas, sapatos – era praticamente um guarda-roupa totalmente novo.

Tem três pares de calças por baixo de todo aquele amarelo.

Vista-as.

– Ronan

Ele queria.

Embora eu estivesse mais do que aliviada por tirar minha bata de hospital. Minha ferida havia cicatrizado o suficiente para que eu pudesse usar roupas largas sem me preocupar com irritações. Os médicos – e quando eu disse "médicos", quis dizer dez deles – ficaram satisfeitos com minha condição o suficiente, disseram que eu poderia ter alta em alguns dias. Por mais que eu quisesse sair do hospital, meu estômago revirou-se sobre o que faria quando partisse.

No quinto dia, o menino entregou outro pacote. Déjà-vu arrepiou meus braços quando abri a caixa. Continha outro casaco de pele *sintética* amarelo-limão com "*Kotyonok"* costurado na gola.

Suje-o.

Mas NUNCA novamente com sangue.

– Ronan

Eu o coloquei e caí na cama como há um mês em uma situação totalmente diferente, meu coração batendo forte. Pressionei meu nariz na pele, esperando – precisando – cheirar como Ronan. Não estava. E quando a dor em meu peito subiu para queimar meus olhos, Khaos me cutucou com a

cabeça. Eu me aninhei ao lado dele e sussurrei para ele e para outro que não conseguia ouvir: — *Ya lyublyu tebya. — Eu te amo.*

No sexto dia, o menino entregou um novo iPhone, meu passaporte, carteira de identidade, uma quantia obscena de dinheiro e uma passagem de avião para Miami que partia no dia seguinte. Minhas mãos tremiam quando peguei a nota e li. Uma única lágrima caiu, manchando a tinta.

Isso NÃO É proshchay.

– Ronan

No sétimo dia, eu estava recebendo alta. As enfermeiras empacotaram minhas coisas enquanto eu me sentei na cama, joelhos contra o peito, esperando. Esperando o menino chegar e me dar mais alguma coisa de Ronan. *Qualquer coisa.*

Mas ele não veio.

Com o coração pesado, sua batida se rebelando no meu peito, dei uma última olhada no meu quarto de hospital antes de sair. Um carro me pegou e me levou para o aeroporto enquanto eu movia no piloto automático, incapaz de fazer qualquer coisa enquanto meu corpo era puxado em duas direções diferentes.

Embarquei no avião para Miami e congelei na porta de serviço, meu coração batendo tão forte que me impediu de dar mais um passo.

— *Devushka, vy zaderzhivayete ochered'*[38] — disse-me uma comissária. Quando olhei para ela sem expressão, ela deve ter percebido que eu não sabia muito russo. Embora não a entendi não era por isso que eu estava

cimentado em conflito. — Você está segurando a linha, — ela repetiu baixinho em inglês.

Com a garganta grossa, forcei meus pés pelo corredor com Khaos seguindo atrás. Ele conseguiu seu próprio assento. Eu não tinha certeza se isso era permitido também, mas quebrar regras parecia ser coisa de Ronan.

Dei o assento à janela para Khaos. Afinal, era sua primeira viagem de avião. Eu descansei minha cabeça contra seu pelo macio e me recusei a chorar, mesmo quando a dor crua em meu peito ficava mais e mais forte quanto mais longe voávamos de Moscou.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Mila

saudade

(N.) um desejo nostálgico de estar perto de

algo ou de alguém que está distante

Quatro meses depois

QUENTE, O AR ÚMIDO ENTROU NO estúdio pelas portas abertas do terraço, farfalhando as cortinas transparentes. Abaixo da varanda havia uma praia de areia branca, água azul cristalina e palmeiras balançando ao vento.

Belize era lindo.

Um paraíso na Terra.

Embora, mesmo aqui, meus pensamentos vagassem pelo Oceano Atlântico. Eu me perguntei como seria a Rússia no verão. Minha imaginação retratou o país coberto de gelo e neve eternos. Mesmo assim, Moscou me chamou enquanto a brisa do paraíso acariciava meus cabelos.

— Pique, pique! — Flora bateu palmas no ar, seu poncho de padrão tribal erguendo-se para mostrar o collant por baixo. — Carlos estará aqui em dez minutos, e você sabe o quanto ele odeia ficar esperando.

A estilista parada atrás de mim revirou os olhos e borrifou meus cachos estourados.

Quando cheguei à Miami, há quatro meses, voltei para a casa de minha infância, embora Ronan tivesse me dado dinheiro suficiente para comprar um pequeno condomínio, se eu quisesse. Mas fui compelida a fazer algo antes de deixar The Moorings para sempre.

Passando pela porta da frente, encontrei uma casa vazia e com muita poeira. Cada peça da mobília estava no mesmo lugar, mas as memórias deixadas para trás eram silenciosas, como se tivessem saído com Borya e as criadas.

Deixei uma linha na poeira do corrimão enquanto Khaos e eu subíamos a escada. Chegando ao meu quarto, enrolei a bailarina em minha caixa de música, colocando-a em uma última pirueta solitária. Então, deixei cair o presente de aniversário do meu papa da varanda. A caixa estalou, a melodia terminou com uma nota final triste e a dançarina parou de girar para sempre.

Ela nunca quis ser uma bailarina de qualquer maneira.

Alcancei a porta para sair, mas parei quando vi um pequeno cartão no quadrado sem poeira onde a caixa de música estava. Era o cartão de visita que o agente de modelo me deu na rua anos atrás. Eu o escondi depois que meu papa se recusou a permitir a modelagem de qualquer tipo e depois me esqueci disso.

Eu o peguei e coloquei no bolso.

A modelagem deveria ser uma indústria difícil de entrar. Embora eu tenha sido muito narcisista ou uma intervenção divina entrou em ação. Porque aqui estava eu agora, modelando uma campanha para um produto vegano. Só fui ver e aceitei contratos de empresas e designers com consciência humanitária – que meu agente *odiava* – mas, aparentemente, essa nova centelha em meus olhos funcionou muito bem para mim.

Meses atrás, eu acreditava que estaria noiva de Carter - ou até mesmo casada, existindo como uma dona de casa cansada. Eu não tinha certeza de como Carter recebeu o memorando de que nada disso aconteceria, mas quando eu o encontrei na semana passada pegando comida, ele deixou cair seus tacos como se a visão de mim lhe desse um ataque cardíaco e imediatamente tomou fora na outra direção.

Não foi exatamente a reação que eu esperava... mas serviria.

Não, Carter. Não trabalhar na indústria do sexo. E nada de viver com centavos. Todos esses medos haviam evaporado, mas eu ainda estava consumida por dúvidas de outro tipo.

Fechei meus olhos quando um dos maquiadores aplicou rímel em meus cílios.

— Meu Deus, não! — Flora exclamou. — Você não foi informado hoje?

O artista franziu a testa. — Sim. Vamos com uma aparência limpa.

A sobrancelha de Flora se ergueu acima dos óculos redondos estilo anos sessenta. — E quanto do rímel preto em uma loira que diz 'limpo' para você? Diz 'garota do clube vadia' para mim. Ela já tem uma vibração de sacanagem. Não precisamos exagerar.

Vibe de sacanagem?

Flora acenou com a mão em meu rosto. — Conserte-a. Apenas conserte antes que Carlos apareça. — Então ela saiu para assediar outra pessoa.

Vinte minutos depois, eu vestia um maiô atlético de uma peça e estava em um terraço com uma vista perfeita do oceano.

Clique... Clique... Resmungo.

— Nós precisamos de algo sexy — Carlos estalou. — Não 'estou me guardando para o casamento'.

Ok... Eu estava “sacana” um momento atrás. Sem mencionar que era difícil me sentir sexy com um bigode de leite, segurando meio litro de leite de amêndoa.

Clique.

— Não, não, não. — Carlos esfregou suas têmporas. — Por favor, me diga que você já fez sexo antes.

Às vezes, questionava essa carreira, mas, no geral, adorei promover meu estilo de vida vegano e que a renda substancial me deu os meios para realmente fazer a diferença em algum lugar.

— Sim, eu fiz sexo. — Algumas vezes...

— Bom sexo?

— Sim. — O calor subiu para o meu pescoço porque eu sabia aonde ele queria chegar com isso, e eu *realmente* não queria ir para lá. — Mas posso fazer uma pergunta?

— Não.

Eu perguntei de qualquer maneira. — Por que um anúncio de leite de amêndoa precisa ser sexy?

Ele suspirou irritado. — Sexo vende, querida.

— Só estou pensando nas crianças daqui... elas não iam querer mandar seus pais comprarem este leite se eu parecesse feliz bebendo em vez de, bem... com tesão?

Carlos me deu um olhar seco. — Você tem sorte de ter o visual perfeito para esta sessão. Ou eu jogaria você deste terraço tão rápido.

Suspirei.

— Agora, pense no melhor sexo que você já teve.

Ugh.

Exalando profundamente, fechei os olhos e pensei nas mãos com tinta ao lado das minhas na parede do chuveiro. Pensei na boca de Ronan em meu pescoço e na plenitude dele dentro de mim. Sua mão agarrando minha garganta. *Vse moya.* A maneira como ele me segurava. Como ele cheirava e provava. Lembrei-me. E isso me atingiu com uma bola de fogo que explodiu dentro de mim.

Eu abri meus olhos.

Clique.

O silêncio se instalou no terraço enquanto a saudade me rasgava. Eu esperava que Carlos tivesse a chance porque eu não queria mais ficar aqui.

— Uau, garota... — Carlos murmurou. — Nós definitivamente entendemos. Mas agora todos nós queremos ouvir a história.

Todos olharam para mim enquanto meu coração se partia lentamente ao meio. Deixei cair o litro de leite e caminhei deslocada. Pegando minha

bolsa, saí do estúdio e respirei fundo, trêmula, de ar fresco, indo para a villa que dividi com algumas modelos durante a estadia de dois dias.

Queria que Khaos estivesse comigo, mas algumas leis ridículas de quarentena para animais de estimação acabaram com essa ideia, então ele estava com Emma, que ainda era voluntária comigo no abrigo para sem-teto. E eu *realmente* esperava que Khaos não tivesse comido um de seus gatos. Eu estava prestes a ligar para ela quando meu telefone tocou na minha bolsa. Eu desenterrei.

Papa: *A casa de Miami está sendo colocada à venda. Se houver algo que você gostaria de manter, faça isso na próxima semana.*

Esse foi o primeiro contato que tive com meu pai desde que ele saiu do hospital. Eu falei sério quando disse que não deveríamos entrar em contato. O relacionamento sempre me derrubou de uma forma sombria, em vez de para cima, e esses quatro meses sem a presença dele tiraram um peso enorme dos meus ombros. Essa foi a decisão certa. Independentemente de quem era minha mãe como pessoa, eu não conseguia olhar para meu pai novamente sem ver seu corpo sem vida e o irmão dentro dela que eu nunca conheceria.

Eu: *Ok.*

◄ ⁂ ►

Na manhã seguinte, voei para casa em Miami.

Eu aluguei um apartamento no centro da cidade, mas ainda não tinha mobiliado nada além de um colchão. Eu sabia que não ficaria em Miami, mas ainda não tinha certeza de onde pertencia.

Em meu coração, eu sabia.

Tive muito tempo para pensar nos últimos quatro meses e agora entendia com certeza a que lugar pertencia e o que queria. Embora eu não tivesse ouvido uma palavra de Ronan desde sua última nota. A insegurança tinha se firmado em meu peito com a crença de que ele não tinha mais os mesmos sentimentos e que talvez fosse realmente *proshchay.*

Prefiro viver com um pouco de esperança do que com rejeição total.

Um taxista me pegou no aeroporto e eu dei a ele o endereço da casa de Emma, a ansiedade tomando conta. Emma tinha me dito que tudo estava perfeitamente bem no telefone ontem à noite, mas havia um tom nervoso em sua voz e muitos assobios ao fundo. Eu definitivamente precisava descobrir um lugar melhor para Khaos ficar quando eu estivesse fora.

Olhando distraidamente pela janela, a visão do lado de fora arrepiou meus braços, e eu soltei: — Pare aqui.

O taxista achou que eu estava louca pelo olhar que me lançou pelo retrovisor, mas parou na beira da estrada e me deixou sair depois que coloquei algum dinheiro em sua mão.

Atravessei a rua e entrei no terreno gramado onde um circo parecia estar se instalando. Os artistas me lançaram olhares estranhos enquanto trabalhavam em tendas de meio mastro, descarregavam brinquedos de diversão e amontoavam prêmios empalhados enormes nas prateleiras de jogos.

O trailer parecia exatamente o mesmo de seis anos atrás: exterior desbotado pelo sol, uma porta vermelha ameaçadora e cortinas de contas roxas.

Com convicção, subi a escada de metal empenada e bati. Não houve resposta, então bati novamente. Maldições e resmungos vieram de dentro, e então a porta se abriu, revelando Madame Richie vestida com uma camisola com um cigarro aceso na mão.

— *Que* você *querer?* — Ela retrucou.

— Um reembolso — eu exigi.

Revirando os olhos, ela apontou com o dedo a placa de design grosseiro colada no trailer que dizia: "Sem Reembolsos", em letras vermelhas brilhantes.

— *Tchau* agora. — Ela tentou fechar a porta na minha cara, mas eu a mantive aberta com o pé.

— Sua placa deve ter um aviso dizendo que uma vez que você entrar, você nunca mais sairá — eu rosnei. — Você me assombrou pior do que qualquer filme de terror que eu já vi. Pior do que *Jogos Mortais*. — Ela não piscou. — E estou *exigindo* um reembolso. Agora. Mesmo. — Eu estava respirando com um pouco de dificuldade depois daquele discurso, mas esse confronto demorou muito para acontecer.

— Assombrada, hein? — Ela inalou o cigarro, soprou lentamente a fumaça e deixou a porta se abrir enquanto se aventurava dentro do trailer. — Entre. Discutiremos esse reembolso.

Tudo o que eu queria eram meus malditos cinquenta dólares de volta, como se isso fosse apagar a presença dela na minha vida, mas parecia que ainda

não estava conseguindo, então, relutantemente, acabei seguindo-a para dentro.

Madame Richie sentou-se à mesa redonda no canto e me avaliou longamente. — Ah, acho que me lembro do seu rosto.

Eu olhei para ela, impressionada. — Eu espero que sim. Porque eu não vou te esquecer pelo resto da minha vida.

— Isso está causando *maravilhas* ao meu ego. — Ela parecia genuinamente satisfeita ao apontar para a cadeira em frente a ela com seu cigarro fumegante. — Sente-se.

Eu hesitei. Esta mulher era um fantasma que tinha me seguido por anos, e eu não tinha certeza se queria me sentar com um fantasma.

Sua sobrancelha escura pintada se ergueu. — Você quer reembolso. Sente-se.

A última vez que estive aqui, eu era uma líder de torcida ingênua de quatorze anos. Madame Richie pode ter dado ao meu jovem cérebro algo para absorver como uma esponja, mas eu não era mais a mesma garota. E eu queria meu reembolso, droga, então eu deslizei na cadeira em frente a ela.

— Você terá que me lembrar *o que* eu previ para você.

— Você disse que eu encontraria o homem destinado a mim e que ele me tiraria o fôlego.

Ela piscou os cílios falsos. E então ela riu, a cabeça jogada para trás em pura diversão, o cigarro empoleirado entre os dedos. Sua risada não me perturbou desta vez. Isso despertou minha ira quando ela riu tanto que uma lágrima correu por sua bochecha. Porque a suspeita que sempre tive passou diante de mim como um letreiro de néon.

Eu cerrei meus dentes. — Eu sabia! Eu sabia que essa era uma das suas respostas genéricas.

De repente, ela ficou séria, embora ainda lutando contra sua diversão enquanto enxugava a lágrima com os dedos enrugados pelo sol. — Eu imploro o direito de defesa.

— Claro que você quer — eu resmunguei.

Ela apagou o cigarro em uma xícara de café. — Não posso oferecer reembolso. Mas, já que a afligi, posso lhe dar outra leitura.

Eu fiz uma careta. — Você é louca? Por que eu quereria outra leitura se a última nem era genuína e também arruinou minha vida?

— Como você sabe que não foi genuína se angustiou você assim? Pode ter sido o destino.

Destino. *Por favor.* Madame Richie simplesmente teve sorte.

Ela inalou e a fumaça saiu de seus lábios com as palavras. — Esse é o acordo. É pegar ou largar.

Eu queria encerrar essa visita.

Eu queria ir embora sem sua risada na minha cabeça.

— Eu sugiro que você pegue — ela disse. — Acho que vejo grandes coisas no seu futuro.

Madame Richie estava balançando uma cenoura em um barbante. Ou melhor, um pedaço de cocô de cachorro. Mas imaginei que estava em uma situação

tão estranha em minha vida que estava interessada em ouvir que predições genéricas ela apresentaria.

— Tudo bem — eu respondi, mas então estreitei meus olhos. — Mas sem rir. Nem uma única risada — eu avisei seriamente.

Estava claro que ela queria fazer exatamente isso, mas ela o segurou pressionando os lábios finos. — Vamos começar então.

Ela moveu a bola de cristal coberta com tecido para o centro da mesa e puxou a tampa com um floreio. Ela, com certeza, sabia como fazer o papel.

Ela olhou longamente para mim, depois olhou para a bola com concentração. Inclinou a cabeça. Nenhuma fumaça apareceu como da última vez. Ela provavelmente não teve tempo para preparar seus truques de salão desde que eu cheguei inesperadamente.

Erguendo a cabeça, ela tragou o cigarro e disse: — Você está grávida.

Eu a encarei secamente. — Se eu estivesse grávida, meu estômago seria quase tão grande quanto uma bola de basquete agora.

Ela franziu os lábios. — Pode ser um bebê pequeno.

— Não. — O bebê de Ronan? Ok, certo.

— *Vale* a *pena tentar.* — Ela encolheu os ombros.

Ela moveu a bola de cristal para o lado. — Não vejo muito agora, então vamos tentar as cartas. — Eu não sabia por que ainda estava aqui, além do fato de que queria que ela trabalhasse para o tormento que ela me causou.

Madame Richie embaralhou as cartas de tarô, o cigarro pendurado em seus lábios. — Então o que você *quer* saber?

Déjà-vu com esteroides deslizou pela minha pele como eletricidade, arrepiando os cabelos da minha nuca. Ela me perguntou a mesma coisa exata seis anos atrás, embora em vez de responder minha pergunta com algo legítimo, ela me deu uma resposta cansativa sobre como encontrar um homem. Decidi perguntar a mesma coisa novamente.

— Eu quero saber qual é o meu propósito na vida.

Ela ergueu uma sobrancelha como se achasse a pergunta totalmente branda, pegou uma carta do topo do baralho e a colocou com a face para cima na mesa.

Fiquei olhando para ele, meu estômago no chão.

O Diabo.

Uma baforada da fumaça do cigarro de Madame Richie circulou o cartão, um pouco de humor em sua voz. — *Bem*... isto é interessante.

Calmamente, levantei e me dirigi para a porta.

— Isso vai *custar* cinquenta dólares — ela gritou atrás de mim.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Mila

razão de ser

(N.) uma razão para existir

PEGUEI UMA CARONA PARA PEGAR Khaos no meu caminho para The Moorings. O cabelo da doce Emma estava espetado em todas as direções quando ela me disse calmamente: — Talvez este não seja o melhor lugar para ele.

Khaos veio se sentar ao meu lado, agindo da forma mais inocente possível, mas um dos gatos que o encarou estava sem um grande tufo de pelo.

Eu me desculpei profundamente, sentindo-me péssima por deixar Khaos com Emma. Embora eu soubesse que ele não se sairia bem em um canil. Não tinha ideia do que fazer com ele na próxima vez que tivesse que sair, mas teria duas semanas para pensar sobre isso antes da minha próxima sessão internacional na Jamaica.

No caminho para The Moorings, pensei em Madame Richie e sua estúpida carta de tarô. Eu tentei mentalmente descobrir as chances de ela tirar aquela carta. Eu imaginei todos os tipos de ideias malucas – como se ela tivesse me observado por trás das árvores por anos e depois jogado O Diabo para me perturbar.

Frustrada com minhas reflexões, exalei e disse a mim mesma que era apenas uma coincidência. Uma coincidência bizarra... mas me recusei a pensar sobre isso novamente.

Khaos e eu ficamos na frente da casa da minha infância. Eu não estava feliz por estar aqui novamente, embora precisasse pegar as coisas importantes – como meu diploma do ensino médio, minha certidão de nascimento, outros prêmios de que tivesse orgulho... e talvez, alguns pares de sapatos.

Quando entramos pela porta da frente, ficou claro que a eletricidade havia sido desligada. Sem luzes. Sem água. E o pior: sem ar-condicionado. A casa irradiava calor sob o sol quente do verão.

Peguei uma garrafa de água da minha bolsa e servi uma tigela para Khaos. Ofegante, ele se jogou no chão frio de pedra, não acostumado com as altas temperaturas de Miami.

Encontrando uma caixa de papelão, joguei fora a papelada dentro e enchi com tudo que eu queria manter. Quando terminei, desci as escadas e disse a Khaos: — Vamos. Você pode dar um mergulho na baía para se refrescar.

Como se entendesse as palavras, ele deu um pulo, abanando o rabo.

Empurrando a caixa em minhas mãos para abrir a porta, pensei em voz alta: — Talvez devêssemos ir para o norte, onde é mais fresco. E quanto à Nova York?

Khaos não pareceu impressionado.

— Chicago? — Eu perguntei a ele enquanto fechava a porta atrás de nós. — Ou Aspen?

— E quanto a Moscou? — O familiar sotaque russo deslizou pela minha espinha e sacudiu a batida do meu coração.

A caixa escorregou dos meus dedos. Os itens de dentro caíram na calçada, mas eu só conseguia me concentrar na presença atrás de mim. Meu pulso bateu forte na minha garganta. Não podia ser ele – não aqui em The Moorings, onde eu olhava para a baía em direção à Rússia, sonhando com algo que eu ainda não sabia que existia.

Sem fôlego, eu me virei.

Ronan parou na frente de um carro preto estacionado no meio-fio. Vestido em Oxxford. Mãos nos bolsos. Seu cabelo brilhava azul sob o sol de Miami, embora a luz não tocasse seus olhos orlados por cílios escuros. Eles o chamavam de *D'yavol*, mas poderia haver um halo acima de sua cabeça, tão perfeito quanto ele parecia para mim agora.

As ondas batiam nas rochas, mas o som não era solitário... não com este homem do mesmo lado do Atlântico. Esses corações de desenho animado se fundiram em um e explodiram no meu peito.

Eu nem pensei.

Corri pelo quintal e pulei em seus braços, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura e meus braços em volta de seu pescoço. Ele teve que dar um passo para trás para manter o equilíbrio.

Ele riu asperamente. — Eu não esperava essa resposta. Eu até ensaiei e tudo.

Pressionei meu rosto em seu pescoço, meu corpo inteiro tremendo. Ele parecia tão certo, tão quente, tão reconfortante, a parte de trás dos meus

olhos queimando. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, o contentamento em meu peito explodindo como um balão.

— Foda-se — ele murmurou, sua mão tremia quando ele deslizou no meu cabelo e segurou a parte de trás da minha cabeça. — *Ya skuchal po tebe.* — *Eu senti sua falta.*

— *Ya tozhe skuchala po tebe* — eu respirei através das lágrimas antes de me afastar para ver seu rosto. *Também senti sua falta.*

— Seu russo está melhor.

— Estou estudando. — Na esperança. Sonhando.

Ele enxugou algumas lágrimas enquanto eu me agarrava a ele, recusando-me a me soltar.

— Isso vai ajudar — disse ele asperamente.

— Por quê? — Eu perguntei, minhas lágrimas diminuindo.

— Porque você vai voltar para casa comigo.

Eu levantei uma sobrancelha. — Como sua cativa?

Aquele olhar vilão tão parecido com ele tocou seus olhos, e então ele disse três palavras que pararam meu coração em suas trilhas.

— *Kak moya zhena.* — *Como minha esposa.*

Olhei para ele por vários segundos enquanto uma combustão de pensamentos e sentimentos me oprimia. Eu deslizei por seu corpo para alcançar chão sólido e dei um passo para trás para pensar, olhando para todos os lados, menos para Ronan. Albert estava sentado no banco do motorista do carro. Eu

me perguntei se ele sabia que seu chefe tinha enlouquecido. Khaos cutucou o lado da minha perna enquanto se sentava ao meu lado, dando a Ronan uma expressão desconfiada.

— Uau — eu finalmente consegui dizer, puxando meu olhar de volta para Ronan. — É um salto enorme. Normalmente, seria cativa, serva, conhecida, desprezada, amante seduzida...

— Tudo isso parece ótimo, — ele me cortou — mas eu tive *quatro meses* — seus olhos escureceram como se o tempo tivesse sido pior do que a prisão — para pensar sobre isso e eu sei o que quero.

— E você quer uma esposa — eu disse lentamente.

— Eu poderia comprar uma esposa de um catálogo, se quisesse — ele respondeu asperamente. — Eu quero você. E se eu não posso ter você como minha cativa, eu quero a próxima melhor coisa.

Uma risada subiu na minha garganta porquê... bem, não foi assim que pensei que seria a proposta. Embora tivesse certeza de que estava superando a proposta que eu sabia que Carter teria feito.

— Que é uma esposa — eu disse como se entendesse seu estado de espírito.

— *Da*. Existem vínculos legais envolvidos.

— Ah. Agora eu entendi. — Eu ri. — Então, como essa sua esposa teórica, eu consigo me mover livremente pela casa?

Seus olhos se estreitaram. — Não há nada de 'teórico' nisso.

— Ok, mas eu quero saber como isso funcionaria. Devo assistir TV ou devo perguntar primeiro?

Ele deu uma risadinha. — Obviamente, você tem algum trauma que precisa resolver.

— Se culpe por isso — eu respondi, então engoli. — Eu não sei sobre isso, embora... é uma loucura, Ronan.

Ele agarrou minha garganta e inclinou minha cabeça para encontrar meus olhos. — *Ty svela menya s uma. I teper tebye nuzhno razbiratsa s posledstviyami. — Você me deixa louco. E agora você tem que lidar com as consequências.*

Ele estava usando a desculpa que eu usei antes, então não pude nem reclamar. Eu amei tanto ouvir russo de seus lábios que derreteu minhas entranhas, mas eu não poderia ser distraída agora. Eu precisava pensar.

— Inglês.

— *Nyet*. Não posso dizer isso em inglês. — Seu olhar cintilou com conflito, como se não fosse fácil para ele vocalizar.

— Dizer o quê?

O fogo, a turbulência, a verdade em seus olhos – isso me disse tudo, e meu coração flutuou no meu peito.

Corri meu polegar pela cicatriz em seu lábio inferior. — *Ya lyublyu tebya*... aquelas palavras? — Então eu percebi que ele provavelmente nunca as disse. Eu até aposto que ele nunca as ouviu também. O conhecimento apertou meu peito.

— *Ya lyublyu tebya* — eu disse suavemente. — Muito.

Seu aperto em minha garganta aumentou possessivamente enquanto minha carícia em seus lábios ficava mais suave. Eu não precisava das palavras dele. Eu não queria fazer com que ele sentisse que precisava dizer algo com o que não se sentia confortável.

— Você não precisa dizer nada que não queira...

— Porra, mulher. — Ele me puxou para me beijar profundamente – apenas para me calar, eu acho. Ainda assim, suspirei em sua boca, o calor lavando até os dedos dos pés. Eu tentei mais, mas ele se afastou e roçou seus lábios nos meus. — *Ya lyublyu tebya. Tak sil'no chto ne mogu dumat 'kogda ty daleko ot menya. — Eu te amo. Tanto que não consigo pensar quando você está longe de mim.*

Meses atrás, eu não acreditava em suspeitas. No entanto, muitas coisas me convenceram do contrário. Talvez eu também estivesse errada sobre felizes para sempre. Talvez realmente existisse. Não apenas com um cavaleiro de armadura brilhante, mas com o *vilão.*

Uma lágrima escorregou pela minha bochecha e eu escovei meus lábios contra os dele. — Sim.

Ele inclinou minha cabeça para trás para ver meus olhos. — Sim, o quê?

— Sim, eu serei sua esposa.

Ele gemeu de satisfação e me beijou tão profundamente que roubou meu fôlego. Eu estava queimando no gramado, e não era do calor de Miami. Eu me afastei sem fôlego para dizer: — Mas eu tenho algumas condições.

Um pouco divertido, ele esperou que eu continuasse.

— A coisa da TV. Eu realmente quero assistir quando eu quiser.

Ele riu. — Negociadora difícil.

— E eu tenho uma carreira agora. Eu desfilo para...

— Eu sei.

Eu levantei uma sobrancelha, e então a suspeita apareceu e estourou minha bolha. Eu tinha dúvidas sobre como entrei na indústria da moda tão rapidamente, e isso foi confirmado por uma única piscada passageira em seus olhos.

— Achei que fosse uma intervenção divina — resmunguei. — Agora eu sei que foi uma intervenção diabólica.

Ele deu uma risadinha.

— Você realmente não tem problemas com a modelagem?

— Não gosto da ideia do mundo olhando para o seu corpo. — Seus olhos se estreitaram. — E se alguém disser para você perder sua bunda, haverá um novo relatório de pessoa desaparecida adicionado à lista. Mas se você gosta do que faz, eu negocio.

Eu lutei contra um sorriso. — Essa foi uma resposta mais agressiva do que eu esperava, mas de alguma forma mais passiva também.

— Você não vai me chamar de passivo quando não estivermos na rua e você se lembrar que me fez esperar quatro meses.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eu não fiz você esperar.

— Teoricamente — ele respondeu. — Eu configurei quanto espaço uma mulher precisaria de seu sequestrador antes que ele a pedisse em casamento.

Eu ri. — E você veio com quatro meses?

Ele correu o polegar pelo lábio levantado. — Os resultados foram inconclusivos, então esperei até não poder mais.

Pressionei meu rosto contra seu peito, absorvendo seu cheiro de que tanto sentia falta. Eu não pude evitar de dizer isso novamente. — *Ya lyublyu tebya.*

Ele fez um barulho de satisfação. — *Ya byl tyoim pervym I ya budu tvoim poslednim. — Eu fui o seu primeiro e serei o seu último.*

— Você não quer saber se eu estive com alguém depois de você?

— Você não fez isso. — A resposta foi tão confiante que me disse uma coisa.

— Quem estava me observando? — Eu acusei. — Eu notaria Albert. Ele é maior que uma árvore.

— Viktor. — Ronan nem parecia se desculpar por ter me perseguido.

— E o que Viktor teria feito se eu levasse um modelo masculino de volta para minha casa?

— Jogado ele no oceano — ele disse sombriamente.

— E você? — Eu perguntei com inquietação. Eu não queria saber, mas também *precisava* saber. — Você esteve com outra pessoa?

— Não. Você realmente fodeu com a minha cabeça.

O alívio absorveu e aqueceu meu coração. — Sempre tão romântico.

— Mais alguma estipulação?

Puxei meu lábio entre os dentes em consideração. — E quanto ao meu papa? Eu só recebi uma mensagem dele, mas além disso, não estamos em contato. Mas eu poderia encontrá-lo se quisesse, e nunca quero que você me peça para fazer isso.

— Eu tinha um ótimo diálogo *planejado* para isso, *kotyonok*, mas você o arruinou se atirando em mim de novo.

— Foi você quem voou até mim — respondi.

Ele sorriu, depois ficou sério e passou o polegar pela minha bochecha. — Eu nunca vou usar você novamente. Em primeiro lugar, lamento ter feito isso. No que me diz respeito, Alexei pode viver sua vida governando uma triste cidade da Sibéria. Terminamos de falar agora?

— Sim — eu respirei.

— Então vamos para casa.

Ele pegou minha caixa e entrelaçou seus dedos com os meus a caminho do carro, com Khaos em nossos calcanhares. Eu soube então que seguiria este homem até os portões de fogo do inferno se ele apenas segurasse minha mão.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Mila

cintila

(N.) um minúsculo clarão ou faísca brilhante;

uma coisa pequena; um traço quase invisível

OITO HORAS DEPOIS, eu OLHEI para fora da janela do jato particular.

— Ronan... Moscou ganhou uma Torre Eiffel recentemente?

— Eu nunca permitiria esse tipo de turismo romântico na minha cidade.

— Huh — eu meditei. — Então, por que estou vendo a Torre Eiffel agora?

— Estamos em Paris — disse ele com indiferença.

E essa foi sua atitude durante todo o voo: indiferente. Ele e aqueles estúpidos "*Delicious!*" Sons vindos de seu telefone estavam me deixando louca. Albert não era uma companhia melhor. Ele estava folheando uma *Cosmo* na fileira de assentos na frente do avião.

Eu não via Ronan há quatro meses. Eu estive queimando por oito horas esperando-o me tocar, me beijar e me arrastar para a cama conveniente nos fundos. Mas ele não fez nada disso. Quando me cansei de esperar, montei em seu colo, corri meus lábios em seu pescoço e segurei sua ereção enquanto ela ficava mais dura sob minha mão.

Achei que finalmente conseguiria o que queria, mas então ele me empurrou para o sofá e disse: — Estou me guardando para o casamento, *kotyonok*.

Eu olhei para ele.

Ele achou engraçado.

Frustrada, levantei-me e sentei-me no sofá em frente a ele. Eu apenas faria companhia a Khaos. Ele também parecia entediado comigo, mas pelo menos tolerou minha presença.

— Você fica fofa quando está fazendo beicinho — disse Ronan.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você é irritante quando está fingindo ser um cavalheiro.

Ele me lançou um olhar pesado que expressava muito, mas nada que eu pudesse entender.

Não trocamos uma palavra depois disso até que percebi que não estávamos em Moscou, para onde pensei que estávamos indo. Eu queria saber por que estávamos em Paris, embora tenha segurado minhas perguntas, sabendo que Ronan provavelmente me diria que estávamos aqui para ver os pontos turísticos.

Um carro nos esperava depois que saímos do avião. Khaos saltou para o banco da frente assim que Ronan abriu a porta.

Eu sufoquei uma risada. — Parece que você está atrás de mim. Espero que não tente seu voto de celibato.

Ronan me lançou um olhar sombrio, mas ele entrou no banco de trás sem reclamar. Enquanto Albert nos levava para um local ultrassecreto, ignorei

Ronan como ele me fez, embora tenha se tornado uma aventura muito mais difícil quando ele pousou a mão na minha coxa nua e lentamente levantou meu vestido para ver o que eu usava por baixo. Achei que ele estava prestando mais atenção em mim do que eu pensava. Ele sabia o que iria encontrar.

Nada.

Todo mundo sabia que material fino equivalia a linhas de calcinha.

Ronan fez um barulho áspero e apertou minha coxa antes de puxar meu vestido de volta para baixo. — É melhor você rezar para que não haja vento forte por perto.

— Estamos em Paris. Vou me encaixar perfeitamente.

Ele não ficou impressionado, então eu beijei o aborrecimento de seus lábios.

Enquanto dirigíamos pelas ruas de Paris, sentei-me na beirada do assento para apreciar a vista. Eu nunca estive na cidade antes e, embora estivesse animada para voltar a Moscou, Paris foi uma experiência que eu não recusaria.

Um restaurante não era exatamente o destino que eu esperava. Claro, eu estava com fome, mas não queria sentar e comer sem saber por que estávamos aqui. Albert ficou no carro com Khaos enquanto eu seguia Ronan para dentro. A pergunta impaciente estava prestes a escapar dos meus lábios, embora uma mulher chamou minha atenção para um assento perto da janela.

Ela olhou para mim, seu rosto pálido como a neve. Ela era linda, mesmo chegando aos sessenta e tantos anos e vestia um uniforme branco monótono

que me dizia que provavelmente era empregada doméstica. Ela me observou enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Com uma sensação desconfortável me preenchendo, eu disse: — Ronan...

Ele agarrou minha mão e nos acompanhou até a mesa dela.

— *Mon Dieu* — ela respirou antes de se levantar e colocar as mãos no meu rosto. — *Si belle. Tellement comme ma Tatianna...* muito parecida com minha Tatianna.

Meu peito torceu quando o conhecimento foi absorvido.

Ela era a mãe de Tatianna.

Minha *avó.*

Ela me puxou para seus braços e soluçou. O choque desapareceu sob seu abraço suave. Todas as vezes que eu sonhei, desejei, *precisei* desse afeto familiar passaram pela minha mente como fotos, cada imagem desaparecendo enquanto meu peito era costurado de volta com uma agulha e linha. Eu nem conhecia essa mulher, mas as lágrimas caíram com a dor do passado e o alívio de deixá-lo ir.

Ela se afastou para olhar para mim, maravilha brilhando em seus olhos úmidos. — Você provavelmente está chocada agora.

Com a garganta apertada, eu balancei a cabeça.

— Eu também. — Ela exalou profundamente para se recompor. — Por favor, sente-se comigo. Eu adoraria conhecê-la e responder a quaisquer perguntas que você tenha.

Nervosamente, olhei para Ronan, que perguntou: — *Ty khochesh ', chtoby ya ostalsya? — Você quer que eu fique?*

Eu não tinha certeza de por que ele estava usando russo ou se ele percebeu que tinha feito isso. A reserva brilhou atrás de seus olhos, e eu tive a sensação de que ele poderia pensar que eu não precisaria mais dele agora que estava reconectada com minha família. Ele estava errado. Mas isso era algo que eu precisava fazer sozinha, então balancei a cabeça e falei em russo, esperando que isso o tranquilizasse. — *Ne ukhodi daleko. — Não vá longe.*

Ele me deu uma longa olhada antes de caminhar até o bar.

Depois que me sentei em frente à minha avó distante, ela me encarou por um longo tempo, outra de suas lágrimas escapando. — Eu sinto muito. Você se parece tanto com Tatianna, é chocante.

— Compreendo.

— Você provavelmente já percebeu que eu sou - *era* - a mãe de Tatianna. Meu nome é Estelle.

Tudo o que consegui dizer foi: — Sou Mila.

— Eu sei. Aquele homem — ela olhou para o bar em Ronan — me pegou e me falou um pouco sobre você. Eu não sabia que você existia até recentemente. — Nervosa, ela brincou com o guardanapo. — Estou com raiva por ter perdido tanto da sua vida, mas também tão agradecida por finalmente encontrar você.

— Tatianna nunca te contou sobre mim?

Ela franziu o cenho. — Não. Minha filha saiu de casa quando tinha dezesseis anos em busca de coisas melhores, suponho. Eu nunca mais a vi... bem, isso não é verdade. Eu a vi em algumas revistas. — Ela me deu um sorriso triste. — Mas estou curiosa para saber por que você fala dela como se não a conhecesse.

Engoli. — Eu não conheci. Eu a via visitar meu papa às vezes quando era pequena, mas nunca a conheci.

Ela balançou a cabeça. — Oh, Tatianna. *Comente as-tu pu faire ça à ta fille? — Como você pôde fazer isso com sua filha?* — Há algo que você deveria saber sobre sua mãe. Ela parecia saudável por fora, mas por dentro... ela não estava bem. — Ela enxugou as lágrimas com o guardanapo. — Tatianna... faltava algo dentro dela. Ela não amava da mesma forma que os outros... na verdade, não tenho certeza se ela amava. Ela pode não ter estado em sua vida, mas eu prometo a você, a escolha dela não teve nada a ver com você.

Achei que tinha me dado bem sem saber muito sobre minha mãe, mas agora percebi que precisava ouvir isso. Parecia que minha mãe era realmente uma psicopata. Eu não sabia como processar todas as informações, então olhei pela janela para os transeuntes.

— Você se parece tanto com Tatianna, pensei que fosse ela quando você entrou. Mas agora posso ver, você é muito diferente de sua mãe.

Eu puxei meu olhar de volta para ela. — Como assim?

— Bem, para começar, eu nunca vi Tatianna chorar. Nem mesmo quando criança, quando ela se machucava.

— Disseram que sou uma torneira.

Ela riu. — Você puxou isso de mim. Eu posso chorar na queda de um chapéu.

Eu sorri.

— Você tem um bom relacionamento com seu pai? — Ela perguntou.

Eu me mexi na cadeira, meu peito apertando. Ela não poderia saber que meu papa foi quem assassinou sua filha grávida. Se ela soubesse, ela me desprezaria? Meu estômago embrulhou.

Eu mordi meu lábio. — Ele sempre me tratou bem, mas...

— Você não precisa dizer mais nada.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Essas revistas me mostraram muito mais do que apenas as fotos de Tatianna. Eu sabia que as pessoas com quem ela se envolvia não eram as melhores. — Ela acrescentou, hesitante: — Seu papa em particular.

Eu me perguntei se ela sabia que o homem com quem vim aqui era o próprio *D'yavol*. Ela poderia dizer o que quisesse sobre meu papa, mas eu sabia que defenderia Ronan mesmo que isso significasse perder essa nova conexão.

O segredo interno parecia que me estrangularia se eu não o revelasse. — Não tenho certeza de como a morte dela foi relatada, mas não foi suicídio.

Ela me lançou um olhar solene. — Eu sei querida. No momento em que Tatianna saiu de casa, eu soube que ela não voltaria. — *Viva* era a palavra não dita. — Se você sabe mais do que eu sobre a morte dela, não precisa explicar. Na verdade, não quero que você explique. Tive muito tempo para sofrer. Aceitei o seu falecimento e não quero revivê-lo.

Eu exalei quando o alívio me oprimiu. Talvez ela já tivesse uma ideia do que aconteceu. Talvez aquelas revistas de fofoca estivessem certas no dinheiro.

— Sabe, — eu disse — eu recito mentalmente o francês há anos e agora tudo faz sentido.

— Claro que sim. Você é meio francesa. — Ela riu, seus olhos deslizando para o bar. — Então me conte sobre esse homem com quem você veio aqui.

Olhei por cima do ombro para ver Ronan encostado no bar, seus olhos nos meus. Uma mulher estava tentando falar com ele, mas não achei que estivesse indo bem para ela. Eu me virei para Estelle.

— Acho que vamos nos casar.

— Você acha? — Ela riu. — Você não deveria saber?

— Eu não sei. É... complicado. — Infelizmente, não havia palavra melhor para descrever nossa situação. — Está tudo acontecendo muito rápido.

— Sabe, quando vi seu avô pela primeira vez, soube que me casaria com ele instantaneamente. — Seus olhos brilharam com um sorriso. — Ele era o novo reparador do hotel onde ainda trabalho. Eu sei que parece bobo, mas aquele primeiro olhar para ele, ele parecia etéreo - quase como se ele fosse perfeito demais para ser real. — Seu olhar caiu. — Ele faleceu há alguns anos de câncer, e tudo o que eu queria agora era que o tivesse abordado antes. Perdemos muito tempo dançando em torno um do outro. Se você se sente assim por este homem, não perca mais tempo. Não pode ser trazido de volta. — Ver suas lágrimas fez com que algumas das minhas caíssem.

— Sinto muito pelo seu marido.

Ela riu. — Espero muitas lágrimas no nosso futuro. Mas vamos torná-las felizes.

— Eu gosto da ideia.

Ela ficou. — Vou me atrasar para voltar ao trabalho, mas prometa que manteremos contato. Meu apartamento pode ser pequeno, mas sempre haverá um quarto para você, se precisar.

Eu me levantei e aceitei seu abraço apertado. — Muito obrigada.

Ela se afastou, passou os dedos pela minha bochecha e sussurrou: — *Ma petite fille.* — *Minha neta.* — Sua mãe pode não ter sido capaz de amar você do jeito que ela deveria, mas eu sempre amarei. — Ela beijou cada uma das minhas bochechas. — *Je t'aime,* Mila.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. — *Je t'aime.*

◄ ⁂ ►

Segurando a mão de Ronan, saí do restaurante e respirei fundo, sentindo-me mais leve do que há anos.

Eu me virei e abracei Ronan. — Obrigada por fazer isso por mim.

— De nada, *kotyonok.* — Ele ergueu meu queixo para ver meus olhos. — Como foi?

— Bem, temos uma grande chance de ter filhos psicopatas, mas fora isso, ótimo.

Ele deu uma risadinha. — Boa. Eles terão uma chance melhor de sobreviver a Kat.

Percebendo que estávamos causando um engarrafamento, eu me afastei dele e comecei a andar pela calçada, ignorando o carro parado no meio-fio.

— Onde você vai?

— Passeios turísticos. Então, talvez fazer compras. — A felicidade floresceu em meu peito e eu dei um giro clichê. — Onde quer que Paris me leve.

Seus olhos se estreitaram no alargamento do meu vestido. — Melhor não te levar para *Barbès*.

Presumi que fosse uma área com má reputação. E como Ronan me ignorou por oito horas, era hora de uma pequena vingança.

Fiz uma pausa e franzi os lábios. — *Barbès* soa bem. Quem sabe, talvez eu acabe aí? — Dei de ombros com um sorriso travesso e continuei descendo a calçada.

Ronan soltou um rosnado frustrado, disse algo para Albert e depois me seguiu. — Você é narcisista, eu não simplesmente sequestrei você de novo.

— Estou preparando meus gritos falsos e, ' *Não, por favor, não!* ' enquanto falamos.

Ele riu. — Estou mais preocupado com o que nossos filhos vão herdar de você do que de sua mãe.

— Você realmente quer filhos? — Eu perguntei.

Ele correu o polegar pelo lábio inferior. — *Da*.

— Muitos deles?

— Quantos você quiser.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eu quero uma casa cheia.

— Posso tirar o seu DIU neste beco e podemos começar agora mesmo.

Eu fingi pensar sobre isso. — Tentador. Mas vou deixar isso para os profissionais. — Eu inclinei minha cabeça. — E eu pensei que você estava 'se guardando para o casamento'?

Ele me lançou um olhar intenso e pensativo, mas não respondeu. Eu fiz uma careta para ele, não entendendo seu comportamento desde o voo. Talvez ele realmente tivesse perdido a cabeça.

Parei para espiar pela vitrine de uma loja. Era uma boutique de coisas feitas à mão, e todas as cores dentro me chamavam.

— Ei, Ronan?

— Sim, Mila?

— Eu quero entrar lá.

Ele deu uma risadinha. — Esta é uma declaração induzida por trauma?

Eu me virei para encará-lo. — Só não quero que você fique entediado enquanto vou às compras.

— Você é entretenimento suficiente apenas para mim. É como assistir a um circo.

Empurrei seu peito de brincadeira e entrei na loja.

A varejista e proprietária era uma mulher indiana experiente que não se intimidava em me dizer o que ficaria ou não bom em mim. Ronan até balançou a cabeça com ela quando saí do camarim com um vestido cor de pêssego.

Comprei três sacolas de vestidos, sapatos e joias feitas à mão. Seguiu-se uma longa discussão na caixa registradora, que o proprietário achou muito divertida. Ronan me forçou um cartão de crédito preto. Posso amá-lo, mas não queria gastar seu dinheiro sujo. No final, ele ganhou – só porque me disse que eu poderia doar todos os meus ganhos com a modelagem para salvar bebês baleias se ele pagasse por todo o resto. Como ele sabia que eu tinha amor pelos animais não me surpreendeu.

Ele literalmente me empurrou para a próxima loja. Eu olhei para todas as lingeries nas prateleiras e dei a ele uma expressão impressionada.

— Por que eu preciso estar aqui se você está se guardando para o casamento?

— Porque vamos nos casar hoje.

Eu o encarei. Pisquei. Então me recompus. — Mas estamos em Paris... você não está se irritando com o romantismo de tudo isso?

Ele riu. — *Nyet*. Teremos um casamento russo tradicional quando chegarmos em casa.

Isso era tudo que ele ia dizer sobre essa ideia extremamente maluca?

— Ronan...

As sombras em seus olhos assumiram o controle. Ele fechou a mão em minha garganta e me puxou, sua voz áspera no meu ouvido. — Da próxima vez que eu te foder, preciso saber que você é minha. E eu preciso de você *esta noite*.

Eu exalei sob sua intensidade. Achei que isso explicava o discurso de "se guardando". As palavras de Estelle voltaram. Ronan não era tão simples quanto um reparador comum, mas nada mais parecia importar quando ele estava por perto. Eu o queria de todas as maneiras que eu poderia tê-lo. Mas o que eu queria mais era dar a ele o que ele precisava.

— Ok.

Seus olhos brilharam de satisfação, então ele me beijou na boca e me soltou assim que a vendedora caminhou até nós.

— *Puis-je vous aider à trouver quelque chose? — Posso te ajudar a encontrar algo?*

— *Quelque chose de sexy et de jaune. Et pas de soie* — disse Ronan. *Algo sexy e amarelo. E sem seda.*

Claro que Ronan falava francês.

Trinta minutos depois, saí com mais lingerie do que poderia usar. Carregados de sacolas, descemos a rua antes que Ronan me obrigasse a parar em frente a uma joalheria.

— Eu não quero um anel — eu disse.

— Você vai usar um anel — ele respondeu. — Não precisa ser um diamante. Pode ser outra pedra.

— Nenhuma pedra está cem por cento livre de conflito.

— Por que você é tão hippie?

— Por que você é tão mafioso?

Ele já estava na metade do caminho para a loja, então, relutantemente, eu o segui para dentro. Enquanto Ronan estava praticamente sendo atacado por duas vendedoras, eu espiei dentro das caixas de vidro, examinando os anéis.

Apontei para a aliança negra de um homem. — *Celui-là s'il-vous-plaît*. — *Esse, por favor.*

O homem atrás do balcão puxou-o para fora da caixa.

Ronan apareceu ao meu lado. — Não acho que esse seja o seu estilo, Mila.

— Não é. É para você.

— Eu percebi isso. Mas você precisa escolher algo para você, ou eu vou.

Eu dei a ele um sorriso brilhante. — Eu tenho uma ideia melhor do que um anel.

Um olhar fixo se seguiu por pelo menos trinta segundos antes de Ronan ceder, comprar o anel que eu escolhi e me seguir rua abaixo.

Parei na frente da janela de um estúdio de tatuagem.

— *Nyet*. — Foi um duro "não".

Eu fiz uma careta. — Você nem sabe o que eu quero ainda.

Seus olhos se estreitaram. — Você quer uma tatuagem e ela não vai acontecer.

— Você tem um milhão e eu não posso ter uma?

— Sim.

Com um suspiro, agarrei sua mão e corri meu dedo sobre o corvo com tinta. — Eu quero isso. No meu dedo anelar.

Achei que ele gostou da ideia, mas não fiquei por aqui para descobrir. Abri a porta e entrei. Ronan assumiu a partir daí. Eu não tive que dizer uma palavra enquanto ele falava com o tatuador e mostrava o que eu queria. Ele não ameaçou o homem, mas seu tom foi o suficiente para intimidar o artista a não errar uma única linha.

Quando saímos da loja, mostrei minha nova tatuagem para Ronan e perguntei: — Você gostou?

Seus olhos estavam escuros, mas suas palavras eram suaves. — *Mne nravitsya. — Eu amei isso.*

Eu me levantei na ponta dos pés e o beijei, tão apaixonada que parecia que ia me afogar, embora eu soubesse que ele nunca soltaria minha mão. Quando me afastei, um lampejo de luz nas sombras dos olhos de Ronan era cinza. Foi apenas um lampejo antes de desaparecer. Mas isso significava tudo.

Ele passou o polegar pelos meus lábios. — *Ty byla sozdana dlya menya. — Você foi feita para mim.*

Eu acreditei nisso com tudo em mim.

— *Dazhe ocean ne mog razdelit 'nas* — eu respirei sob a pressão possessiva de seu polegar em meus lábios. *Mesmo o mar não poderia nos separar.*

Ele sorriu. — Nem mesmo o inferno, *kotyonok*.

Naquela noite, casei-me em Paris com um corvo no dedo. Embora, no meu coração, eu soubesse que esse homem nunca foi mais meu.

Ele era meu para sempre.

FIM



AGRADECIMENTOS

Achei que escrever este livro foi difícil, embora pareça que esta parte seja a mais assustadora – apenas porque preciso agradecer literalmente a uma aldeia de pessoas. Sem a ajuda deles, The Darkest Temptation provavelmente não estaria aqui, e se estivesse, ganharia um prêmio de pior livro DL até agora. Essas pessoas são as que salvaram meu 2020.

Kaitlin, uma vez chamei sua aparição repentina em minha caixa de entrada de intervenção divina e estou aderindo a ela. Não tenho palavras para descrever o quão perspicaz você é. Você é realmente lindo por dentro e por fora e tem uma compreensão Einstein de como escrever uma história. Este livro é *tão* muito melhor por causa de você. E temo que você esteja preso comigo pelo resto da vida agora.

Mina, honestamente, sinto que preciso agradecer a você por todo o seu incentivo. (* Enviando um cheque direto para Martoba *) Você foi além como um beta, e não posso agradecer o suficiente. Você foi um grande fã desde o início, mas agora eu o considero um amigo incrível.

Tawni, minha irmã de outra mãe. Você está comigo desde o meu primeiro livro, e sei que nunca teria chegado tão longe sem você. Também sei que continuarei a dar-lhe uma cara aleatória até ficar velho e grisalho, por isso, esteja sempre alerta.

Lana, Alina e Dina, vocês tiveram seu trabalho difícil para vocês com minhas traduções para o russo. Não consigo imaginar o que Ronan diria sem sua ajuda. Muito obrigado.

Hannah, Joan, Kelly e Ratula, vocês realmente foram os melhores betas ao lidar com meu não profissionalismo, que inclui, mas não se limita a enviar a vocês um capítulo por semana durante um ano. Obrigado por insistir comigo e ajudar a tornar este livro o melhor possível.

Alice, obrigado por ser uma ótima AP. Eu estaria perdido sem você.

Bryony, ainda estou questionando por que você me atura. Perco três quartos dos meus prazos, respondo por e-mail uma semana depois e preciso das estatísticas de edição. Você é um editor fabuloso e estou realmente grato por quão bem você limpou minha escrita.

Juli e Zainab, muito obrigada pelo trabalho de revisão que fazem. E Nicole, que é uma grande amiga e ficou presa na revisão do TDT de última hora, lol.

Sarah, você sempre faz um trabalho incrível nas minhas capas. E Stacey, eu não poderia imaginar trabalhar com qualquer formatador diferente de você.

A todos os blogueiros e Instagrammers que ajudam a promover meu livro, vocês me surpreendem. Você não tem ideia do quanto você faz por mim e como é incrível acordar e ver suas revisões e edições. Eu realmente não estaria aqui sem você.

Esta é uma mensagem especial para Bee e Silver. Não só vocês são tão talentosos, como também são pessoas incríveis. Estou realmente honrado por ter fãs como você.

Obrigado a todos os leitores que pegaram este livro e deram uma chance. Posso ser um escritor, mas *você* me torna um autor.

Ame,

Danielle xo

Notas

[←1]

Papa = papai, pai, em russo.

[←2]

Uninterruptible Power Supply – serviço de entregas dos USA.

[←3]

Ok, você se levantou.

[←4]

Você me parece familiar. Já nos encontramos antes?

[←5]

Você pode dizer seu nome, querida?

[←6]

Você deveria tê-la levado para o hospital.

[←7]

Vodka azul naturalmente aromatizada com framboesas maduras.

[←8]

Minha gatinha

[←9]

“Você é”, em russo.

[←10]

Essa disputa se refere ao filme “Garota de rosa-schocking” (1986)

[←11]

Olá

[←12]

loira

[←13]

Tchau

[←14]

Lembre.

[←15]

Você pediu por isso.

[←16]

Nesse diálogo, a menina pergunta à mãe se a mulher é sua “babywatcher”, e a mãe responde a palavra correta em inglês para babá, “baby-sitter”.

[←17]

Sobremesa popular russa.

[←18]

Menina.

[←19]

Que diabos!

[←20]

Boneca que fala.

[←21]

Um prato da culinária russa.

[←22]

Faça certo na 1ª vez.

[←23]

Por que você está aqui?

[←24]

Vou foder todas as mentiras de você.

[←25]

Você vai me deixar te foder?

[←26]

Até sua boceta tem gosto de morangos.

[←27]

Essa boceta foi feita para foder.

[←28]

Pequena mentirosa.

[←29]

Você é muito perfeita para ser de verdade.

[←30]

Acho que é tarde demais para isso.

[←31]

Um pirulito recheado.

[←32]

Empresa americana conhecida principalmente como editora online de notícias e informações relacionadas à saúde e ao bem-estar humanos.

[←33]

Minha sobrinha safada.

[←34]

Pequena loba.

[←35]

Tchau.

[←36]

Eu não digo o que não quero dizer.

[←37]

Ela não está apagada.

[←38]

Menina, você atrasa a fila.